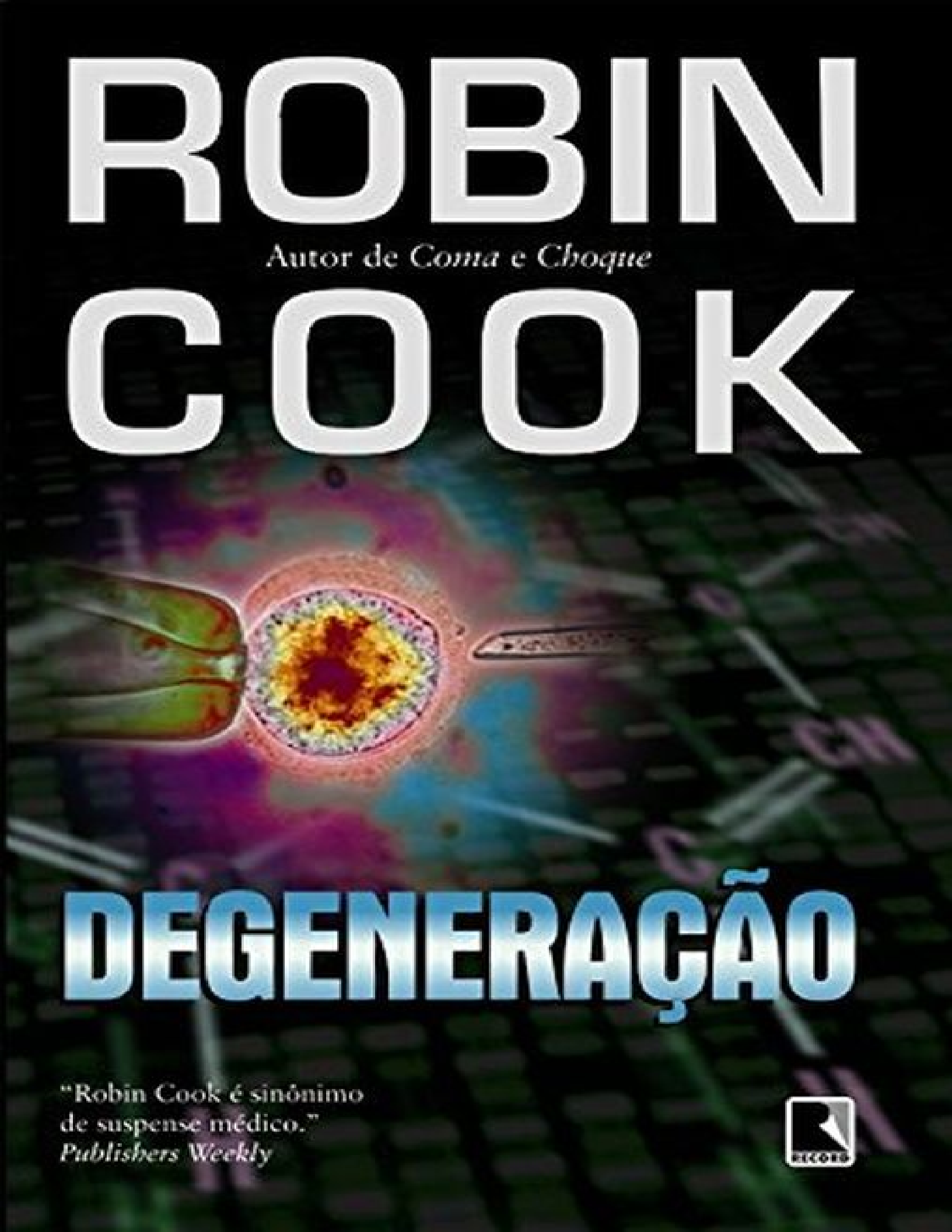
ROBIN COOK

Autor de *Coma* e *Choque*



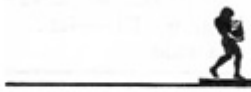
DEGENERAÇÃO

"Robin Cook é sinônimo
de suspense médico."
Publishers Weekly

ROBIN COOK

DEGENERAÇÃO

Tradução de
Marcos Demoro



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO 2004

PARA AUDREY

Embora a sua capacidade de recordar-se tenha se tornado instável, a minha permanece intacta. Assim, um sincero obrigado, mamãe, por todo o seu amor, dedicação e sacrifícios, especialmente durante os meus primeiros anos... Uma gratidão que se torna mais pungente e profunda neste momento, em que tenho um saudável, feliz e irrequieto garoto de três anos!

Agradecimentos

Assim como em muitos dos meus romances, principalmente aqueles que lidam com conhecimentos que superam as minhas noções de química, aprendidas na escola, e as minhas especializações em cirurgia e oftalmologia, na faculdade de medicina, beneficiei-me muito da erudição profissional, da sabedoria e da experiência de amigos e de amigos de amigos, que me auxiliaram na pesquisa, enredo e elaboração de Degeneração, cuja trama compreende medicina, biotecnologia e política. Muitas pessoas foram extraordinariamente generosas, contribuindo com seu valioso tempo e com comentários perspicazes. Aquelas a quem eu gostaria de agradecer especificamente são (em ordem alfabética):

Jean Cook, MSW, CAGS: psicóloga, leitora atenta e crítica corajosa, além de servir como uma inestimável caixa de ressonância.

Joe Cox, J.D., LLM: um talentoso advogado tributarista, versado em sociedades anônimas, financiamentos e legislação internacional, com aptidão para a leitura de ficção.

Dr. Gerald Doyle, M.D.: um dedicado clínico da velha cepa, cuja lista de referências conta com diversos médicos consagrados.

Orrin Hatch, J.D.: um venerando senador de Utah, que gentilmente permitiu-me viver em primeira mão a experiência de um dia típico na vida de um senador e que me brindou com divertidas histórias de ex-senadores, cujas biografias foram um campo fértil para a criação do meu personagem Ashley Butler.

Dr. Robert Lanza, M.D.: um dínamo humano que luta incansavelmente para fazer a ponte entre a clínica médica e a biotecnologia do século XXI.

Valério Manfredi, Ph.D.: um exuberante arqueólogo e escritor italiano, que generosamente providenciou-me cartas de apresentação e preparou minha visita a Turim, na Itália, para as minhas pesquisas sobre o extraordinário Sudário de Turim.

Prólogo

A segunda-feira, 22 de fevereiro de 2001, foi um daqueles surpreendentes dias quentes no meio do inverno, que prenunciam falsamente a chegada da primavera para os habitantes da Costa Atlântica. O sol brilhava em toda a linha que se estendia do Maine até a ponta da Flórida, proporcionando uma espantosa variação térmica de menos de doze graus centígrados. Este seria um dia normal e feliz para a imensa maioria das pessoas que viviam nesta extensa faixa litorânea, mas, para dois indivíduos extraordinários, ele marcaria o início de uma série de eventos que levariam, finalmente, suas vidas a cruzarem-se tragicamente.

13h35
Cambridge, Massachusetts

Daniel Lowell levantou os olhos da folha rosa do bloco de recados telefônicos que ele segurava. Duas coisas chamavam a atenção: em primeiro lugar, quem havia telefonado fora o Dr. Heinrich Wortheim, chefe do Departamento de Química da Universidade de Harvard, dizendo que queria ver o Dr. Lowell em seu escritório; em segundo lugar, o pequeno espaço marcado com URGENTE estava preenchido com um X maiúsculo. O Dr. Wortheim

sempre se comunicava por carta, e esperava uma carta em resposta. Sendo um dos químicos mais importantes do mundo, e ocupando a chefia do grandioso e bem capitalizado departamento de Harvard, ele era excentricamente napoleónico. Raramente se misturava com o populacho, o que incluía Daniel, embora este ocupasse a chefia de um departamento próprio, subordinado a Wortheim.

— Ei, Stephanie! — chamou Daniel, no laboratório. — Você viu esse recado na minha mesa? É do imperador. Ele quer me ver no escritório dele.

Stephanie tirou os olhos do microscópio estereoscópico, no qual estava trabalhando, e olhou para Daniel.

— Não estou gostando disso — disse ela.

— Você não comentou nada com ele, não é?

— Como poderia comentar alguma coisa com ele? Só o vi duas vezes durante todo o meu curso de doutorado: quando defendi minha tese e quando ele me entregou o diploma.

— Ele deve ter alguma ideia sobre os nossos planos — conjeturou Daniel. — Presumo que isso não seja tão surpreendente, considerando as pessoas que procurei para fazerem parte do nosso conselho consultivo científico.

— Você vai vê-lo?

— Não perderia isso por nada deste mundo.

Uma pequena caminhada separava o laboratório do edifício que abrigava os escritórios administrativos do departamento. Daniel sabia que o encontro seria uma espécie de confrontação, mas isso não tinha importância. Na verdade, ele estava ansioso por esse momento.

Tão logo Daniel chegou, a secretária do departamento encaminhou-o diretamente para o interior do santuário de Wortheim. Ele encontrou o envelhecido ganhador do prêmio Nobel atrás de sua mesa de época. Com os cabelos brancos e o rosto magro, Wortheim parecia mais velho do que os seus presumíveis 72 anos.

Mas sua aparência não afetava a imponência de sua personalidade, que irradiava dele como um campo magnético.

— Dr. Lowell, sente-se, por favor — disse Wortheim, observando seu visitante por cima dos óculos de leitura. Ainda havia vestígios de um sotaque alemão, apesar de ele ter passado a maior parte da vida nos Estados Unidos.

Daniel fez o que lhe foi pedido. Ele tinha consciência de que um leve e despreocupado risinho permanecia em seu rosto e que isso não passaria despercebido pelo chefe do departamento. Apesar da idade, as faculdades do Dr. Wortheim estavam mais aguçadas do que nunca, atentas a todos detalhes. O fato de aparentemente ter que abaixar a cabeça para esse dinossauro era um dos motivos pelos quais Daniel estava tão seguro da sua decisão de abandonar a vida acadêmica. Wortheim era brilhante, tinha ganhado um prêmio Nobel, mas ainda estava atolado no lamaçal da química inorgânica sintética, um campo do século passado. A química orgânica, na forma de proteínas e de seus respectivos genes, era o presente e o futuro desse ramo da ciência.

Foi Wortheim quem quebrou o silêncio depois que os dois homens trocaram olhares.

— Pela sua expressão posso ver que os boatos são verdadeiros.

— Você poderia ser mais específico? — perguntou Daniel. Ele queria ter certeza de que suas suspeitas eram corretas. Ele não tinha planejado fazer um anúncio antes do final do mês seguinte.

— Você está formando um conselho consultivo científico — disse Wortheim.

Ele levantou-se e começou a andar.

— Um conselho consultivo só pode significar uma coisa — ele parou e olhou para Daniel com desprezo. — Você está planejando apresentar seu pedido de demissão e vai fundar, ou já fundou, uma companhia.

— O veredicto é: culpado — proclamou Daniel. Ele não conseguiu evitar que seu risinho se expandisse num sorriso completo. Um rubor profundo espalhou-se pelo rosto de Wortheim. Não havia dúvida de que Wortheim equiparava essa situação ao comportamento traiçoeiro de Benedict Arnold durante a Guerra de Independência Americana.

— Eu próprio fui para o limbo quando você foi recrutado — disse Wortheim, asperamente. — Nós até construímos o laboratório que você exigiu.

— Não levarei o laboratório comigo—respondeu Daniel. Ele não conseguia acreditar que Wortheim quisesse fazê-lo se sentir culpado.

— Sua petulância é irritante.

— Eu poderia pedir desculpas, mas não estaria sendo sincero. Wortheim voltou para sua mesa.

— Sua saída vai me deixar numa posição difícil junto ao reitor.

— Lamento muito — disse Daniel. — Digo isso com toda a sinceridade. Pois esse tipo de intriga burocrática é um dos motivos pelos quais não vou sentir falta da academia.

— Quais seriam os outros?

— Estou cansado de sacrificar meu tempo de pesquisa para dar aulas.

— Sua carga horária como professor é uma das mais leves de todo o departamento. Nós negociamos isso, quando você veio trabalhar conosco.

— Ainda assim, as aulas me afastam das pesquisas. Mas esse também não é o maior problema. Pretendo colher os benefícios que minha criatividade produziu. Ganhar prêmios e publicar artigos em revistas científicas não é o bastante.

— Você quer se tornar uma celebridade.

— Presumo que seja uma maneira de colocar isso. E o dinheiro também cairia bem. Por que não? Pessoas com metade das minhas habilidades fizeram o mesmo.

— Você leu *Arrowsmith*, de Sinclair Lewis?

— Não tenho muito tempo para ler romances.

— Talvez você devesse separar algum tempo para isso — sugeriu Wortheim sarcasticamente. — Pode fazer com que você repense sua decisão antes que esta seja irreversível.

— Pensei muito sobre isso — disse Daniel. — Acho que é a decisão certa a ser tomada.

— Você gostaria de ouvir a minha opinião?

— Acho que sei qual é a sua opinião.

— Acho que isso será um desastre para nós dois, mas para você principalmente.

— Obrigado por suas palavras de encorajamento — disse Daniel. Ele se levantou. — Vejo você pelo campus — em seguida, saiu.

17h15
Washington, D.C.

— Obrigado a todos vocês por terem vindo — disse o senador Ashley Butler, com sua cordial fala arrastada típica dos sulistas. Com um sorriso estampado no rosto pastoso, o senador saudou efusivamente um grupo de homens e mulheres ansiosos que prontamente se levantou no momento em que ele irrompeu na pequena sala de conferências do seu escritório funcional, acompanhado da sua chefe de gabinete. Os visitantes estavam agrupados em volta da escrivaninha de carvalho, situada no centro da sala. Eram representantes de uma organização de pequenas empresas sediada na capital do estado onde o senador nascera e estavam fazendo lobby para a redução de impostos, ou talvez para a redução de despesas com seguro. O senador não se lembrava ao certo, e essa informação não constava de sua agenda como deveria

constar. Ele anotou mentalmente esse lapso para reclamar com sua assistente.

— Desculpem-me pelo atraso — ele prosseguiu, depois de apertar energicamente a mão da última pessoa. — Estava ansioso para encontrar vocês, pessoal. Gostaria de ter chegado mais cedo, mas hoje foi um dia daqueles — ele revirou os olhos para enfatizar o que dizia. — Infelizmente, em função da hora e de um compromisso com a imprensa, não poderei permanecer. Desculpem-me, mas o Mike aqui é ótimo.

O senador deu um tapinha de agradecimento nas costas do funcionário designado para receber o grupo, impelindo o jovem para a frente até que suas coxas encostassem na mesa.

— Mike é meu melhor assessor e ouvirá os problemas de vocês para depois resumi-los para mim. Estou certo de que poderemos ajudá-los e, além disso, queremos ajudar.

O senador deu uma outra série de tapinhas no ombro de Mike, acompanhado de um sorriso de admiração semelhante ao de um pai orgulhoso na formatura do filho.

Em coro, os visitantes agradeceram ao senador por tê-los recebido, apesar da agenda apertada. Sorrisos entusiásticos marcavam os rostos de todos os presentes. Se as pessoas estavam desapontadas com a brevidade do encontro e com o fato de terem tido que esperar quase meia hora pelo senador, não davam o menor sinal.

— O prazer é todo meu — disse Ashley, efusivo. — Estamos aqui para servi-los.

Girando em torno da sala, Ashley virou-se para sair. Assim que alcançou a porta, ele acenou. Seus conterrâneos acenaram em resposta.

— Essa foi fácil — murmurou Ashley para Carol Manning, sua chefe de gabinete de longa data, que o seguia de perto desde que

saíram da sala de conferências. — Pensei que eles fossem me segurar com uma litania de histórias tristes e pedidos absurdos.

— Eles pareciam pessoas corretas — comentou Carol vagamente.

— Você acha que Mike pode dar conta deles?

— Não sei — disse Carol. — Ele não está aqui há tempo suficiente para que eu possa ter certeza.

Andando na frente, o senador atravessou o longo hall, seguindo em direção ao seu escritório particular. Consultou o seu relógio. Eram cinco e vinte da tarde.

— Acho que se lembra aonde vai me levar agora.

— É claro que sim — disse Carol. — Vamos voltar para o consultório do Dr. Whitman.

O senador reprovou Carol com um olhar, enquanto encostava o dedo indicador nos lábios.

— Isso não é para consumo do público em geral — sussurrou irritado.

Ignorando totalmente sua assistente de gabinete, Dawn Shackelton, Ashley pegou os papéis que ela segurava ao passar pela mesa dela, antes de entrar em seu escritório particular. Os papéis incluíam uma agenda preliminar para o dia seguinte, uma lista de telefonemas recebidos durante o tempo em que ele esteve na capital do seu estado para uma eleição fora de época, além da transcrição de uma entrevista improvisada que ele tinha concedido a um repórter da CNN, que o abordara no hall.

— Acho melhor eu apanhar o meu carro — disse Carol, após olhar o relógio dela. — Temos que estar no consultório às seis e meia, e não há como prever o tráfego que vamos encarar.

— Boa ideia — disse Ashley, enquanto contornava sua mesa e conferia a lista de telefonemas.

— Devo apanhá-lo na esquina da Rua C com a Segunda Avenida?

Ashley apenas grunhiu uma afirmativa. Algumas ligações eram importantes, vindas dos presidentes de alguns dos seus muitos comitês eleitorais. No que dizia respeito a Ashley, levantar fundos de campanha era a parte mais importante do seu trabalho, especialmente porque ele teria de enfrentar uma campanha de reeleição em novembro do próximo ano. Ele ouviu a porta fechar-se atrás de Carol. Pela primeira vez naquele dia, havia silêncio em torno dele. Ele ergueu os olhos. Da mesma forma, aquela era a primeira vez que ele se encontrava sozinho.

Instantaneamente, a ansiedade que ele havia sentido ao acordar naquela manhã espalhou-se através dele como um rastilho de pólvora. Podia senti-la do fundo do seu estômago até a ponta de seus dedos. Ele nunca tinha gostado de ir ao médico. Quando criança, era por puro medo de tomar injeção ou de ser submetido à alguma outra experiência dolorosa ou embaraçosa. Mas à medida que foi ficando mais velho, o medo foi se modificando e tornando-se mais forte e aflitivo. Visitas ao médico transformaram-se em indesejáveis lembretes de sua mortalidade e do fato de que ele não era mais nenhum garoto. Atualmente, era como se o simples fato de ir ao médico aumentasse suas chances de ter de enfrentar um terrível diagnóstico, tal como câncer ou, pior ainda, esclerose lateral amiotrófica (ALS), também conhecida como doença de Lou Gehrig.

Há alguns anos, um dos irmãos de Ashley tinha sido diagnosticado com ALS depois de apresentar alguns vagos sintomas neurológicos. Subsequentemente ao diagnóstico, aquele homem de compleição robusta e vida atlética, que sempre fora bem mais saudável do que Ashley, tornou-se um inválido, vindo a morrer em alguns meses. Os médicos não haviam dado esperanças.

Desinteressado, Ashley pôs os papéis em sua mesa e ficou fitando o vazio. No mês anterior, ele também havia começado a experimentar vagos sintomas neurológicos. A princípio, ele não se importou, atribuindo o surgimento destes ao estresse do trabalho, ao

excesso de café ou às noites mal dormidas. Os sintomas alternavam períodos de aumento e de redução, mas nunca desapareciam totalmente. Na verdade, eles pareciam piorar lentamente. O mais aflitivo era o tremor intermitente de sua mão esquerda. Em algumas ocasiões, era necessário que ele a segurasse com a mão direita, para evitar que as pessoas reparassem. Além disso, havia uma sensação de areia nos olhos que os deixavam marejados de uma forma vergonhosa. Finalmente, havia uma sensação ocasional de rigidez, capaz de transformar o ato de se levantar e começar a andar num esforço físico e mental.

Uma semana antes, o problema finalmente levou-o a procurar um médico, apesar de sua supersticiosa relutância em fazer isso. Ele não procurou nem o Hospital Walter Reed, nem o Centro Médico Nacional da Marinha, em Bethesda. Temia que a imprensa pudesse descobrir que havia algo de errado. Ashley não precisava desse tipo de publicidade. Depois de quase trinta anos no Senado, ele havia se tornado uma autoridade constituída, uma força a ser levada em conta, não obstante sua reputação de ser um obstrucionista que se rebelava regularmente contra as decisões de seu partido. Na verdade, com seu coerente empenho na defesa de várias causas fundamentalistas e populistas, tais como os direitos federativos e as aulas de religião nas escolas, além de suas posições contra as políticas de defesa da cidadania e contra o aborto, ele conseguiu tornar indistintas as linhas partidárias, ao mesmo tempo que seu mandato ganhava projeção nacional. Reeleger-se para o Senado não seria problema para sua bem azeitada máquina política. O que Ashley tinha em vista era a corrida para a Casa Branca em 2004. Ele não precisava de ninguém especulando ou espalhando boatos sobre seu estado de saúde.

Quando venceu a relutância em procurar a opinião de um médico, Ashley procurou um clínico particular na Virgínia, com quem tinha se tratado no passado, alguém em cuja discrição ele

podia confiar. O clínico, por sua vez, enviou-o imediatamente para o Dr. Whitman, um neurologista.

O Dr. Whitman foi evasivo, embora, depois de ouvir os temores de Ashley, tivesse dito que duvidava que o problema envolvesse ALS. Depois de fazer uma avaliação completa e pedir alguns exames, incluindo uma ressonância magnética, o Dr. Whitman não apresentou um diagnóstico, em vez disso prescreveu um remédio para Ashley, no intuito de ver se o medicamento aliviaria os sintomas. Em seguida, marcou uma consulta para a semana seguinte, quando todos os resultados dos exames estariam prontos. Ele disse acreditar que seria capaz de chegar a um diagnóstico naquela oportunidade. Essa era a visita que Ashley ia encarar neste momento.

Ashley passou a mão pela testa. Havia algumas gotas de suor, apesar da temperatura na sala estar amena. Ele podia sentir que seu pulso estava acelerado. E se ele tivesse ALS, afinal? E se tivesse um tumor cerebral? No passado, quando Ashley era senador estadual, no início dos anos setenta, um de seus colegas apareceu com um tumor cerebral. Ashley tentou em vão lembrar-se dos sintomas que o homem apresentara, mas não conseguiu. Tudo o que ele conseguia recordar era ter visto o sujeito tomar-se uma sombra do que fora, antes de morrer.

Aporta que dava para a sala contígua foi aberta. A cabeça cuidadosamente penteada de Dawn surgiu lentamente.

— Carol acabou de ligar. Ela estará no ponto de encontro em cinco minutos.

Ashley fez um sinal com a cabeça de que havia ouvido e levantou-se. Ele fez isso sem nenhuma dificuldade, o que serviu para encorajá-lo. O fato de o medicamento receitado pelo Dr. Whitman ter, aparentemente, feito milagres em seu organismo era para ele o único alento de todo o caso. Os preocupantes sintomas haviam quase desaparecido, com exceção de um leve tremor na mão nos

momentos anteriores à tomada de uma nova dose. Se o problema podia ser tratado tão facilmente, talvez ele não devesse se preocupar tanto. Pelo menos ele tentava se convencer disso.

Como Ashley esperava, Carol foi pontual. Dos seus quase trinta anos de mandato como senador, ela trabalhava para ele há dezesseis, tendo provado sua confiabilidade, dedicação e lealdade inúmeras vezes. Enquanto seguiam para a Virgínia, ela chegou a ensaiar uma tentativa de aproveitar o tempo para discutir os eventos daquele dia e as expectativas para o dia seguinte, mas percebeu rapidamente o grau de preocupação de Ashley e parou de falar. Em vez disso, passou a concentrar-se no trânsito infernal.

A ansiedade de Ashley aumentava na medida em que eles se aproximavam do consultório médico. No momento em que saiu do carro, sua transpiração reapareceu. Com o passar dos anos, Ashley havia aprendido a ouvir sua intuição, e sua intuição estava disparando todos os alarmes. Ele não só tinha consciência de que havia algo de errado em seu cérebro, como sabia que estava tentando negar isso.

Em atenção a Ashley, a consulta tinha sido marcada para depois do horário regular. Isso explicava o silêncio sepulcral que cobria a sala de espera vazia. A única luz em todo o ambiente vinha de uma pequena luminária de mesa, que criava um contorno mal iluminado sobre a mesa vazia da recepção. Ashley e Carol permaneceram parados por um momento, sem saberem ao certo o que fazer. Então, uma porta interna foi aberta, inundando o espaço com uma incômoda luz fluorescente. Na entrada, percebia-se a silhueta do Dr. Whitman, contra a luz.

— Desculpem-me pela frieza das boas-vindas — disse o Dr. Whitman. — Todos já foram embora — ele apertou um interruptor na parede. Trajava um jaleco branco, bastante engomado, de médico. Seu ar era estritamente profissional.

— Não há necessidade de se desculpar—disse Ashley. Ele olhou para o rosto do médico, esperando notar algum sinal em sua expressão que pudesse ser interpretado como um bom presságio. Não havia nenhum.

— Senador, por favor, venha para a minha sala — o Dr. Whitman apontou para dentro. — Sita. Manning, teria a bondade de aguardar aqui fora?

A sala do médico era um estudo sobre compulsão por limpeza e arrumação. A mobília consistia numa mesa com duas cadeiras para visitantes. Os objetos sobre a mesa estavam cuidadosamente alinhados, e os livros na estante, organizados de acordo com o tamanho.

O Dr. Whitman apontou para uma das cadeiras, antes de sentar-se em sua poltrona. Com os cotovelos em cima da mesa, ele espalmou os dedos diante do rosto. Encarou Ashley diretamente assim que o senador se sentou. Houve um silêncio total.

Ashley jamais tinha se sentido tão desconfortável. Sua ansiedade chegou ao limite. Ashley passara a maior parte de sua vida adulta manobrando para conseguir poder e nisso ele fora mais bem-sucedido do que podia ter imaginado. Naquele momento, entretanto, encontrava-se totalmente desprovido de poder.

— Você disse ao telefone que o medicamento que lhe receitei fez efeito — o Dr. Whitman tomou a iniciativa.

— Maravilhosamente — exclamou Ashley, subitamente animado com o começo positivo do Dr. Whitman. — Quase todos os meus sintomas desapareceram.

O Dr. Whitman balançou a cabeça. Sua expressão permanecia inescrutável.

— Eu achei que eram notícias boas.

— Isso nos ajuda a chegar a um diagnóstico — disse o Dr. Whitman.

— Bem... Qual é ele? — disse Ashley, depois de uma desconfortável pausa. — Qual é o diagnóstico?

— O medicamento era uma espécie de levodopa — o Dr. Whitman começou num tom professoral. — O organismo consegue convertê-lo em dopamina, que é uma substância envolvida na transmissão neuronal.

Ashley respirou fundo. Uma repentina onda de raiva ameaçou vir à tona. Ele não queria ouvir uma conferência, como se fosse um estudante. Queria o diagnóstico e sentia que estava sendo provocado, da mesma forma que um gato provoca um rato encurralado.

— Você perdeu algumas células envolvidas na produção de dopamina — prosseguiu o Dr. Whitman. — Essas células encontram-se numa parte do seu cérebro chamada substância negra.

Ashley ergueu as mãos como se estivesse rendendo-se. Engoliu com dificuldade sua vontade de agredi-lo verbalmente.

— Doutor, vamos direto ao assunto. Qual é o meu diagnóstico?

— Estou 95% certo que você tem doença de Parkinson — disse o Dr. Whitman. Ele inclinou-se para trás. Sua poltrona rangeu.

Por um momento, Ashley permaneceu calado. Não sabia muito sobre doença de Parkinson, mas isso não parecia bom. Surgiram, então, em sua mente algumas imagens de celebridades lutando contra a doença. Ao mesmo tempo, sentia-se aliviado por não ter ouvido que tinha um tumor cerebral ou ALS. Ele pigarreou.

— Há cura para isso?— Ashley permitiu-se perguntar.

— Atualmente não — disse o Dr. Whitman. — Mas como você mesmo pôde sentir com o medicamento que lhe passei, ela pode ser controlada durante algum tempo.

— O que isso quer dizer?

— Podemos mantê-lo relativamente livre de sintomas durante algum tempo, talvez um ano, talvez mais. Infelizmente, devido à velocidade com que você desenvolveu os sintomas, minha

experiência me leva a crer que os remédios, no seu caso, perderão a eficácia mais rapidamente do que com muitos outros pacientes. A partir desse momento, a doença será progressivamente debilitadora. Teremos que lidar com as circunstâncias à medida que forem aparecendo.

— Isso é um desastre — murmurou Ashley. Ele estava prostrado diante das implicações. Seus piores temores estavam se tornando realidade.

1

18h30, quarta-feira, 20 de fevereiro de 2002
Um ano depois

Para Daniel Lowell, parecia que o táxi tinha ficado estupidamente retido num meio engarrafamento na pista central da rua M, em Georgetown, Washington, D.C.; uma avenida de tráfego intenso, com quatro pistas de rolamento. Daniel nunca tinha gostado de andar de táxi. Parecia-lhe o cúmulo do ridículo confiar a própria vida a um total desconhecido, vindo provavelmente de algum país do Terceiro Mundo, que frequentemente estava mais interessado em falar ao celular do que prestar atenção ao volante. Estar sentado no escuro, no meio da rua M, com o tráfego da hora do rush zunindo de ambos os lados e com o motorista tagarelando num idioma desconhecido confirmava sua teoria. Daniel olhou para Stephanie. Ela parecia relaxada, sorrindo para ele na penumbra. Ela segurou a mão dele afetivamente.

Foi somente quando se inclinou para a frente que Daniel pôde ver que havia um sinal luminoso suspenso, colocado no alto para facilitar uma virada à esquerda desajeitada. Olhando para o outro lado da rua, ele podia ver uma entrada de automóveis que levava a um edifício de tijolos indefinível.

— Isto é o hotel? — perguntou Daniel. — Se for, não se parece muito.

— Vamos deixar para criticar quando tivermos um pouco mais de informações — respondeu Stephanie, em tom de brincadeira.

O sinal abriu e o carro arrancou como um cavalo na largada de um páreo. O motorista mantinha uma única mão na direção enquanto acelerava rumo à entrada. Daniel enrijeceu o corpo para evitar ser atirado contra a porta do carro. Depois de um grande solavanco, na junção da rua com a entrada do hotel, seguido de uma virada abrupta à esquerda, sob a marquise do edifício, o motorista freou tão bruscamente, que Daniel sentiu o cinto de segurança apertá-lo. Momentos depois, a porta de Daniel foi aberta.

— Bem-vindo ao hotel Four Seasons — disse polidamente um porteiro engalanado. — O senhor vai se hospedar?

Deixando suas bagagens com o porteiro, Daniel e Stephanie entraram no saguão do hotel e dirigiram-se para o balcão da recepção. Passaram por um conjunto de estátuas próprias de um museu de arte moderna. O carpete era espesso e luxuoso. Pessoas elegantemente vestidas ocupavam as cadeiras fartamente acolchoadas com veludo.

— Como você me convenceu a ficar aqui? — perguntou Daniel, retoricamente. — A fachada é simples, mas o interior sugere que isso vai sair caro.

Stephanie interrompeu Daniel.

— Você está tentando insinuar que esqueceu de nossa conversa de ontem?

— Tivemos várias conversas ontem — resmungou Daniel. Ele notou que a mulher que acabara de passar carregando um poodle tinha um anel de noivado com um diamante do tamanho de uma bola de pingue-pongue.

— Você sabe do que eu estou falando — afirmou Stephanie. Ela estendeu o braço e virou o rosto de Daniel em direção ao dela. —

Nós decidimos aproveitar essa viagem ao máximo. Ficaremos neste hotel por duas noites e espero que possamos nos divertir muito, um com o outro.

Captando a insinuação de Stephanie, Daniel sorriu.

— Seu testemunho amanhã na Subcomissão de Política da Saúde, do senador Butler, não vai ser moleza — prosseguiu Stephanie. — Isso é certo. Mas independentemente do que acontecer lá, pelo menos levaremos a lembrança de uma boa experiência na volta para Cambridge.

— Não poderíamos ter uma boa experiência em um hotel um pouco menos extravagante?

— Não pelos meus padrões — declarou Stephanie. — Eles possuem um *health club*, massagistas e um dos melhores serviços de quarto do país, de modo que vamos aproveitar ao máximo tudo isso. Então, comece a relaxar e a se descontrair. Além disso, as despesas serão por minha conta.

— Sério?

— Sério! Com o salário que venho recebendo, devo dar alguma retribuição para a companhia.

— Ah! Isso é um golpe baixo! — comentou Daniel em tom de brincadeira, enquanto fingia recuperar-se de um tapa imaginário.

— Veja bem — disse Stephanie —, sei que a companhia não está podendo pagar os salários há algum tempo, mas providenciarei para que todos os gastos dessa viagem sejam debitados no cartão de despesas da empresa. Se as coisas piorarem, o que pode perfeitamente acontecer, a vara de falências poderá decidir quanto o Four Seasons receberá pelo nosso divertimento.

O sorriso de Daniel transformou-se numa risada completa.

— Stephanie, você nunca deixa de me surpreender!

— Você ainda não viu nada — disse Stephanie, com um sorriso. — A pergunta é: será que você vai conseguir relaxar? Mesmo no táxi, você estava mais tenso do que uma corda de piano.

— Aquilo foi porque eu não sabia se íamos conseguir chegar aqui inteiros, e não em como iríamos pagar por isso.

— Vamos, esbanjador—disse Stephanie, impelindo Daniel para a frente. — Vamos para a nossa suíte.

— Suíte? — perguntou Daniel, ao mesmo tempo que se deixava arrastar em direção à recepção.

Stephanie não havia exagerado. A suíte tinha vista para um trecho de Chesapeake e do Ohio Canal, com o rio Potomac ao fundo. Sobre a mesa de centro da sala de estar havia uma garrafa de champanhe gelando num balde. Vasos com arranjos de flores frescas enfeitavam a escrivaninha do quarto de dormir e a bancada do espaçoso banheiro de mármore.

Assim que o mensageiro desapareceu, Stephanie envolveu Daniel com os braços. Seus olhos negros estava fixados nos olhos azuis dele. Um leve sorriso surgiu em seus lábios carnudos.

— Eu sei que você está muito estressado pelo dia de amanhã — ela tomou a iniciativa. — Que tal então você deixar eu ser a chefe da expedição? Nós dois sabemos que a legislação proposta pelo senador Butler pode proibir efetivamente o seu brilhante procedimento patenteado. E que isso significaria o cancelamento da segunda rodada de financiamento para a companhia, o que levaria obviamente a consequências desastrosas. Apesar disso, vamos tentar esquecer esses problemas esta noite. Você consegue?

— Eu posso tentar — disse Daniel, embora soubesse que isso seria impossível. O fracasso era um de seus piores medos.

— É tudo o que eu peço — disse Stephanie. Ela deu-lhe um rápido beijo antes de se desvencilhar dele, para encarregar-se do champanhe. — Eis a programação! Tomaremos uma taça de espumante e depois um banho refrescante. Em seguida, temos reservas para um restaurante aqui perto, chamado Citronelle, que ouvi dizer que é ótimo. Depois de um jantar maravilhoso, voltaremos para cá e faremos amor loucamente. O que você me diz?

— Eu seria louco se oferecesse alguma resistência — disse Daniel, levantando ambas as mãos como se estivesse rendendo-se.

Stephanie e Daniel estavam vivendo juntos há mais de dois anos e tinham desenvolvido uma confortável intimidade. Tinham se conhecido em meados dos anos oitenta, quando Daniel voltou para a vida acadêmica e Stephanie era uma estudante de graduação em química, em Harvard. Nenhum dos dois fez nada para estimular a atração mútua, visto que esse tipo de relação era desaprovado pela política da universidade. Além disso, nenhum dos dois tinha a mais remota noção de que seus sentimentos eram recíprocos, pelo menos até que Stephanie concluísse o seu doutorado e ingressasse nos quadros iniciais do corpo docente, o que fez com que tivessem a oportunidade de interagir em relativo pé de igualdade. Até mesmo suas áreas de conhecimento científico se complementavam. Quando Daniel saiu da universidade para fundar sua companhia, foi natural que Stephanie o acompanhasse.

— Nada mal — disse Stephanie, depois de sorver sua taça e colocá-la sobre a mesa de centro. — Agora, vamos tirar a sorte para ver quem vai tomar banho primeiro.

— Não há necessidade de tirar cara ou coroa — disse Daniel, ao depositar sua taça junto à de Stephanie. — Eu concedo. Você vai primeiro. Enquanto você toma banho, eu faço a barba.

— Negócio fechado — disse Stephanie.

Daniel não saberia dizer se tinha sido o champanhe ou a contagiante animação de Stephanie, mas passou a sentir-se bem menos tenso quando começou a passar a espuma de barbear no rosto, embora ainda estivesse preocupado. Levando em conta que tinha bebido somente uma taça, ele suspeitava que fosse Stephanie. Como ela tinha deixado subentendido, o dia de amanhã poderia trazer desastre, um temor inquietante que lembrava a profecia feita por Heinrich Wortheim no dia em que ele descobriu que Daniel estava voltando para a iniciativa privada. Mas Daniel tentaria evitar

que esses pensamentos dominassem a viagem deles, pelo menos naquela noite. Ele tentaria seguir a liderança de Stephanie e divertir-se.

Olhando para além de sua imagem cheia de espuma no espelho, Daniel podia ver a figura indistinta de Stephanie através do vidro embaçado que cercava o chuveiro. Sua voz cantarolando podia ser ouvida por sobre o barulho da água. Ela tinha 36 anos, mas parecia mais ter 26. Como ele lhe dissera em mais de uma ocasião, ela tinha se saído muito bem na loteria genética. Seu corpo, alto e curvilíneo, era esbelto e firme como se ela malhasse regularmente, o que ela não fazia, e sua pele morena praticamente não tinha marcas. Uma esteira de espessos e brilhantes cabelos negros, que combinavam com seus olhos escuros como a noite, completava o quadro.

A porta do boxe se abriu e Stephanie saiu do banho. Ela enxugou energicamente os cabelos, totalmente indiferente à própria nudez. Por um momento, inclinou-se para a frente, na altura da cintura, de modo que seus cabelos ficassem soltos no ar enquanto esfregava-os vigorosamente com a toalha. Depois, voltou a endireitar-se, sacudindo os cabelos para trás, num processo parecido com o de um cavalo ajeitando a crina. Quando passou a enxugar as costas, com um provocativo balançar de quadris, ela percebeu que Daniel a observava pelo espelho. Ela interrompeu o que estava fazendo.

— Ei! — exclamou Stephanie. — Você está olhando o quê? Devia estar se barbeando — subitamente inibida, ela enrolou-se na toalha como se esta fosse um minivestido sem alças.

Inicialmente embaraçado por ter sido flagrado como um voyeur, Daniel rapidamente recobrou sua calma. Largou o barbeador e andou em direção a Stephanie. Segurou os ombros dela e olhou diretamente em seus olhos, que pareciam ser de ônix líquido.

— Não pude deixar de reparar na sua aparência sexy e atraente. Stephanie inclinou a cabeça para poder ver Daniel de uma perspectiva um pouco diferente.

— Você está bem? Daniel sorriu.

— Estou ótimo.

— Você voltou de fininho para a sala e enxugou aquela garrafa de champanhe?

— Estou falando sério.

— Você não diz nada parecido há meses.

— Dizer que tenho andado preocupado seria uma forma suave de expressar como tenho me sentido. Quando tive a ideia de fundar a companhia, jamais pensei que levantar capital demandaria 110% dos meus esforços. E agora, para completar, aparece essa ameaça política, que coloca em risco toda a operação.

— Eu compreendo — disse Stephanie. — Eu realmente entendo, por isso não levei para o campo pessoal.

— Foram realmente meses?

— Pede acreditar — disse Stephanie, balançando a cabeça para enfatizar.

— Desculpe-me — disse Daniel. — E para demonstrar o meu remorso, gostaria de fazer uma moção alterando a programação noturna. Proponho que passemos a fazer amor imediatamente, deixando os planos para o jantar em suspenso. Tenho algum apoio?

Enquanto Daniel tentava inclinar-se para dar um beijo de brincadeira em Stephanie, ela empurrou para trás o rosto dele, ainda cheio de espuma, pelo nariz, usando a ponta do dedo indicador. Sua expressão sugeria que estivesse tocando em algo realmente repugnante, especialmente quando ela esfregou um pouco da espuma, que estava em seu dedo, no ombro dele.

— Manobras parlamentares não vão afastar esta dama de um bom jantar — ela observou. — Custou-me algum esforço conseguir essas reservas, portanto os planos para a noite seguem do modo que foram previamente votados e aprovados. Volte a se barbear imediatamente! — ela deu-lhe um animado empurrão em direção à pia, em seguida, foi até a outra pia contígua para secar o cabelo.

Brincadeira à parte — gritou Daniel, por sobre o ruído do secador de cabelos, quando acabou de se barbear. — Você é realmente muita bonita. Às vezes pergunto-me o que você vê num homem velho como eu? — Ele deu uns tapinhas nas bochechas ao passar a loção após barba.

— Cinquenta e dois anos não é exatamente velho — gritou Stephanie, em resposta. — Ainda mais, do jeito que você é ativo. Na verdade, você também é bastante sexy.

Daniel olhou-se no espelho. Ele realmente não parecia estar mal, embora não fosse se enganar imaginando que era sexy de alguma forma. Há muito tempo, tinha se resignado com o fato de que estava no lado CDF da equação da vida, tendo sido um prodígio em ciências desde a quinta série. Stephanie estava apenas tentando ser simpática. Ele sempre tivera um rosto magro; dessa forma, pelo menos, não havia o problema de desenvolver uma papada ou acabar com rugas, salvo alguns pés-de-galinha que surgiam em tomo de seus olhos quando sorria. Mantinha-se ativo fisicamente, embora isso não viesse ocorrendo nos últimos meses, devido ao tempo gasto no levantamento de fundos. Como membro do corpo docente de Harvard, ele aproveitava ao máximo as instalações esportivas da universidade, utilizando as quadras de squash e de handebol regularmente, além de aproveitar para remar no rio Charles sempre que surgia uma oportunidade. Na sua opinião, o único problema real em sua aparência era o aumento das entradas em seu couro cabeludo, nos cantos de sua testa e a diminuição dos cabelos no cocuruto, além do gradual embranquecimento dos fios, outrora castanhos, de suas têmporas. Mas quanto a isso, não havia nada que ele pudesse fazer. Depois que ambos terminaram de se arrumar e de botar os casacos, deixaram o hotel, armados com indicações claras de como chegar ao restaurante, que obtiveram do concierge na portaria. De braços dados, caminharam alguns quarteirões para oeste, ao longo da rua M, passando por uma mistura de galerias de arte,

livrarias e antiquários. A noite estava fria mas não gelada, com um dossel de estrelas visíveis no céu, apesar das luzes da cidade.

No restaurante, o maître conduziu-os a uma mesa lateral, que proporcionava uma certa de privacidade naquele estabelecimento movimentado. Pediram os pratos e uma garrafa de vinho, acomodando-se para um jantar romântico. No momento em que as entradas foram servidas, depois que ambos tinham se divertido recordando a atração que um sentira pelo outro antes que começassem a namorar, deixaram-se cair num silêncio prazeroso. Infelizmente, Daniel quebrou-o.

— Provavelmente eu não deveria trazer isso à baila... — começou Daniel.

— Então não traga — interpôs Stéphanie, intuindo imediatamente aonde Daniel queria chegar.

— Mas eu devo — disse Daniel — Na verdade, tenho que fazê-lo, e agora é melhor do que mais tarde. Há alguns dias você disse que ia investigar o nosso torturador, o senador Ashley Butler, para poder ajudar-me de alguma forma na audiência de amanhã. Sei que você fez isso, mas não me disse nada. O que aconteceu?

— Lembro que você concordou que esqueceria a audiência durante esta noite.

— Concordei que tentaria esquecer a audiência — corrigiu Daniel. — Mas não fui inteiramente bem-sucedido. Você não me contou o que descobriu por não ter descoberto nada que pudesse me ajudar? Ajude-me com isto e poderemos botar esse assunto de lado pelo resto da noite.

Stephanie baixou o olhar durante alguns momentos para organizar seus pensamentos.

— O que você gostaria de saber?

Daniel soltou uma rápida e irritada risada.

— Você está tornando isso mais difícil do que o necessário. Para ser franco, eu nem mesmo sei o que quero saber, porque o pouco que

sei não me permite nem mesmo fazer as perguntas.

— Ele não vai ser fácil.

— Nós já tivemos essa impressão.

— Ele está no Senado desde 1972, e essa experiência lhe dá um considerável poder.

— Foi isso o que presumi, levando-se em conta que ele é o presidente dessa subcomissão — disse Daniel. — Eu preciso saber o que é que o deixa nervoso.

— Tenho a impressão de que ele é um típico demagogo sulista da velha escola.

— Um demagogo, hein? — indagou Daniel. Ele mastigou a parte de interna de sua bochecha por um instante. — Confesso que tenho que reconhecer minha ignorância em relação a isso. Já ouvi a palavra demagogo antes, mas para dizer a verdade não sei exatamente qual é o significado dela, além do seu sentido pejorativo.

— Refere-se a um político que faz uso dos preconceitos e dos temores populares para alcançar e manter o poder.

— Você se refere, nesse caso, à preocupação das pessoas com a biotecnologia em geral.

— Exatamente — admitiu Stephanie. — Especialmente quando a biotecnologia envolve palavras como embrião e clonagem.

— Significando culturas de embriões e roteiros dignos de Frankenstein.

— Exatamente — disse Stephanie. — Ele joga com a ignorância e com os piores medos das pessoas. E no Senado ele é um obstrucionista. É sempre mais fácil ser contra do que a favor de uma causa. Ele fez carreira desse modo, mesmo que tivesse que contrariar o próprio partido em diversas ocasiões.

— Isso não parece nada bom para o nosso lado — lamentou Daniel. — Parece descartar qualquer possibilidade de tentar convencê-lo por meio de algum tipo de argumento racional.

— Infelizmente, essa também é a minha visão. Esse foi o motivo pelo qual não lhe contei o que descobri sobre ele. Já é deprimente alguém como Butler estar no Senado, ainda mais com a experiência e o poder que ele tem. Os senadores têm a obrigação de serem líderes, não pessoas que estão lá apenas pelo amor ao poder.

— O que me deprime é o fato de que esse imbecil tem o poder de obstruir minha criativa e promissora ciência.

— Não acho que ele seja um imbecil — corrigiu Stephanie. — Muito pelo contrário. Ele tem sido muito criativo em proveito próprio. Eu diria que até mesmo maquiavélico.

— Com que outras causas ele está envolvido?

— As velhas causas conservadoras e fundamentalistas. Direitos federativos, sem dúvida. Essa é uma das maiores. Mas ele também se opõe a coisas como pornografia, homossexualismo, casamento entre pessoas do mesmo sexo, esse tipo de coisa. Ah, obviamente ele é contra o aborto.

— Aborto? — perguntou Daniel surpreso. — Ele é do Partido Democrata e não é a favor da livre escolha? Parece um republicano de extrema direita.

— Eu lhe disse que ele não tem medo de contrariar o partido quando lhe é conveniente. Ele é terminantemente contra o aborto, embora essa postura tenha exigido algumas manobras e recuos, em algumas ocasiões. Ele tem girado, da mesma forma, em tomo de questões envolvendo direitos civis. É um populista hábil que conta com o voto dos trabalhadores, e é, ao mesmo tempo, um conservador de conveniência, que, ao contrário de Strom Thurmond e Jessé Helms, não caiu fora do Partido Democrata.

— Surpreendente! — comentou Daniel. — Você imagina que as pessoas finalmente iam ver quem na verdade ele é: um aproveitador sedento de poder, e deixariam de votar nele. Na sua opinião, por que o partido não se uniu contra Butler quando ele se rebelou em questões importantes?

— Simplesmente porque ele é muito poderoso — disse Stephanie. — Ele é uma máquina de levantar fundos, entrosado com comitês de ação política e fundações. Até as empresas são atraídas para suas causas populistas. Os outros senadores evidentemente têm medo dele em função da quantidade de dinheiro que ele pode manejar para se promover. Ele não tem nem medo, nem vergonha de usar seus bolsos cheios contra qualquer um que cruze o seu caminho numa disputa eleitoral.

— Isso está ficando cada vez pior — murmurou Daniel.

— Soube de uma coisa curiosa — acrescentou Stephanie. — Sem dúvida é uma coincidência, mas você e ele têm algumas coisas em comum.

— Ah, francamente! — queixou-se Daniel.

— Por um motivo: vocês dois vêm de famílias grandes — disse Stephanie. — De fato, vocês dois vêm de famílias com nove filhos, e ambos nasceram em terceiro na linha de sucessão, depois de dois irmãos.

— Isso é uma coincidência! Quais as chances disso acontecer?

— Bem pequenas. Pode-se presumir que vocês dois são mais parecidos do que você imagina.

O rosto de Daniel tornou-se sombrio.

— Você está falando sério?

Stephanie riu.

— Não, é claro que não. Estou apenas provocando você! Relaxe! — ela esticou o braço sobre a mesa, pegou a taça de vinho de Daniel e entregou-a a ele Em seguida, ergueu sua própria taça. — Chega de senador Butler! Vamos brindar à nossa saúde e ao nosso relacionamento porque, aconteça o que acontecer amanhã, pelo menos temos isso, e o que é mais importante?

— Você está certa — disse Daniel. — À nossa!

Ele sorriu, mas interiormente sentiu o estômago dar um nó. Por mais que tentasse, ele não conseguiria ignorar o fantasma do

fracasso que surgia como uma nuvem negra. Eles estalaram as taças e beberam, um olhando para o outro, por sobre as bordas.

— Você é realmente muito atraente — disse Daniel, tentando reviver o momento anterior, no banheiro do hotel, quando Stephanie saiu do chuveiro. — Bonita, inteligente e muito sexy.

— Sou mais do que isso — respondeu Stephanie. — Assim como você.

— Você também é uma provocadora — acrescentou Daniel. — Mas eu amo você assim mesmo.

— Eu também amo você — disse Stephanie.

Assim que o jantar acabou, Stephanie ficou ansiosa para voltar ao hotel. Eles andaram rapidamente. Depois do calor do restaurante, o frio da noite penetrava através de seus casacos. No elevador vazio do hotel, Stephanie encurralou Daniel num dos cantos e beijou-o apaixonadamente, esfregando-se nele eroticamente.

— Calma, aí! — disse Daniel, rindo nervosamente. — Provavelmente há uma câmara de segurança aqui.

— Ai, meu Deus! — murmurou Stephanie, enquanto ajeitava o casaco rapidamente. Seus olhos vasculharam o teto do elevador. — Não pensei nisso.

Quando a porta do elevador abriu no andar deles, Stephanie pegou a mão de Daniel e encorajou-o a andar rapidamente pelo hall até a porta do quarto. Ela sorria, enquanto abria a porta com a chave em forma de cartão. Dentro do quarto, ela procurou o aviso de POR FAVOR, NÃO PERTURBE, e depois fixou-o na porta, fazendo disso tudo uma encenação. Depois, ela segurou a mão de Daniel e conduziu-o do pequeno vestíbulo para o quarto de dormir.

— Tire o casaco! — ela ordenou, enquanto jogava o dela numa cadeira próxima. Em seguida, empurrou-o para trás, jogando-o cama.

Montando em cima dele, deixando um joelho de cada lado, ela começou a afrouxar a gravata. Repentinamente, ela parou. Notou

que a testa dele estava brilhando devido ao suor.

— Você está bem? — perguntou preocupada.

— Estou tendo um acesso de calor — confessou Daniel. Stephanie deslizou para o lado e puxou Daniel para uma posição sentada. Ele limpou a testa e olhou para a umidade em sua mão.

— Você também está pálido.

— Posso imaginar — disse Daniel. — Acho que estou sofrendo um pequeno ataque no sistema nervoso autônomo.

— Isso parece jargão médico. Você pode traduzir em palavras normais?

— Estou apenas sobrecarregado. Receio que tenha tido uma espécie de aumento súbito do nível de adrenalina. Desculpe-me, mas acho que o sexo terá que ficar para depois.

— Você não precisa se desculpar.

— Eu acho que é necessário — disse Daniel. — Eu sei que você estava com vontade, mas enquanto estávamos voltando tive a sensação de que não seria esta noite.

— Tudo bem — insistiu Stephanie. — Isso não vai mudar a noite em nada. Estou mais interessada em saber se você vai ficar bem.

Daniel suspirou.

— Eu estarei bem depois de amanhã, quando souber o que vai acontecer. Nunca lidei bem com incertezas, especialmente quando elas estão relacionadas com alguma coisa ruim.

Stephanie colocou os braços em torno dele e abraçou-o. Ela podia sentir o coração dele batendo no peito.

Mais tarde, depois que Stephanie adormeceu profundamente, Daniel puxou as cobertas e esgueirou-se para fora da cama. Ele não conseguia dormir com a mente e o pulso acelerados. Vestiu um robe do hotel e foi até a sala de estar. Da janela, ele olhou a vista.

O que sempre voltava à sua mente era a profecia de desastre feita por Heinrich Wortheim, que parecia estar se tomando realidade. O problema era que Daniel havia se queimado inteiramente quando

deixou Harvard. Wortheim não só jamais o aceitaria de volta, como poderia até mesmo tentar vetar o nome dele em outras instituições. Para piorar as coisas, Daniel também tinha se queimado quando saiu da Merck, em 1985, na época em que resolveu voltar para a academia e aceitou a posição em Harvard.

A garrafa de champanhe, que descansava no balde, chamou a atenção de Daniel. Ele retirou-a da água. Há muito o gelo havia derretido. Ele a segurou contra a luz que vinha de fora através da janela. Ainda restava quase meia garrafa. Ele encheu uma taça e provou-a. Estava um pouco sem gás, mas ainda razoavelmente gelada. Ele tomou alguns goles, enquanto desviava sua atenção da janela.

Ele sabia que seu medo de ter que voltar para Revere Beach, em Massachusetts, era irracional, mas isso não o tornava menos real. Revere Beach era o lugar onde ele crescera, numa família chefiada por um pequeno homem de negócios, que culpava a esposa e os filhos por sua série de fracassos, especialmente aqueles que o envergonhavam. Lamentavelmente, a culpa recaía sobre Daniel na maior parte das vezes. Ele tivera o azar de ter dois irmãos mais velhos que tinham sido estrelas esportivas no colégio, o que proporcionou algum consolo ao combalido ego do pai deles. Em comparação, Daniel fora uma criança magricela, mais interessada em jogar xadrez e produzir hidrogênio no porão, utilizando água, produtos de limpeza e folhas de alumínio. O fato de Daniel ter conseguido ir para a Boston Latin, onde destacou-se academicamente, não teve nenhum efeito sobre seu pai, que continuou a tratá-lo como um bode expiatório. Sequer as bolsas recebidas por Daniel para a Universidade Wesleyan e, depois, para a escola de medicina da Universidade de Columbia, serviram para mudar um pouco as coisas, a não ser para afastá-lo de seus irmãos durante algum tempo.

Daniel terminou o champanhe de sua taça e serviu-se novamente. Enquanto bebericava o espumante, passou a divagar sobre o senador Ashley Butler, sua atual bete noire. Stephanie dissera que não passara de uma provocação quando sugeriu que ele e o senador eram muito mais parecidos do que ele imaginava. Ele perguntava-se se não era isso o que ela realmente achava, visto que ele e o senador vinham de famílias parecidas. Em algum lugar no fundo da mente de Daniel havia uma sensação de que talvez existisse alguma verdade nessa ideia. Afinal, Daniel tinha de admitir que invejava o poder daquele homem, a ponto de ser capaz de colocar sua carreira científica em risco.

Daniel colocou seus óculos na mesa de centro e voltou ao quarto de dormir. Moveu-se lentamente na escuridão do ambiente desconhecido. Estava longe de achar que seria capaz de dormir enquanto sua intuição ficasse repetindo incessantemente que o desastre era iminente, mas assim mesmo ele não queria passar a noite em claro. Achou que seria melhor voltar para a cama e tentar dormir. Caso isso não fosse possível, ao menos podia relaxar.

2

9h51, quinta-feira, 21 de fevereiro de 2002

A porta do escritório particular do senador Ashley Butler foi aberta com violência e de lá irrompeu o veterano congressista, com sua chefe de gabinete a reboque. Ele agarrou o papel estendido por sua assistente de gabinete, Dawn, ao passar pela mesa dela.

— Esse é o discurso de abertura da audiência da sua subcomissão — ela gritou para o senador, que já estava dobrando no corredor principal e avançando em direção à porta de entrada do seu gabinete senatorial. Ela estava acostumada a ser ignorada e não tomava isso como algo pessoal. Como era ela quem datilografava a agenda diária, Dawn sabia que o senador já estava atrasado. Para que a audiência começasse pontualmente às dez horas, neste momento ele já teria que estar lá.

Ashley apenas resmungou depois de ler as primeiras linhas do papel e repassá-lo para trás, entregando a folha a Carol para que ela pudesse dar uma olhada. Carol era mais do que uma chefe de pessoal para Ashley, aquela que simplesmente contratava e demitia funcionários. Quando os dois alcançaram a sala de espera do gabinete, e ele parou para cumprimentar meia dúzia de pessoas que aguardavam para encontrar auxiliares, ela teve de conduzi-lo para a porta, temendo que eles se atrasassem mais do que já estavam.

Lá fora, no hall de mármore do edifício de gabinetes do Senado, eles retomaram o passo. Isso era difícil para Ashley, visto que a rigidez muscular voltara, apesar do remédio prescrito pelo Dr. Whitman. Ashley havia descrito a rigidez como uma sensação parecida a andar sobre melaço.

— O que você achou do discurso de abertura? — perguntou Ashley.

— Bom, pelo menos até onde eu li — respondeu Carol. — Você acha que Rob pediu a Phil para dar uma olhada?

— Espero que sim — respondeu Ashley, asperamente. Eles andaram mais alguns metros antes de Ashley acrescentar: — Quem afinal é Rob?

— É o seu auxiliar-chefe relativamente novo na subcomissão de Política da Saúde — explicou Carol. — Tenho certeza de que você se lembra dele. Ele literalmente se destaca na multidão. É aquele ruivo alto, que veio da equipe do Kennedy.

Ashley apenas concordou com a cabeça. Embora se orgulhasse da sua facilidade em guardar nomes, não conseguia mais dar conta dos nomes de todas as pessoas que trabalhavam em sua equipe, desde que esta tinha inchado para mais de setenta funcionários, isso sem falar nas inevitáveis renovações do pessoal. Phil, entretanto, era um nome familiar, pois já trabalhava com o senador há quase tanto tempo quanto Carol. Como principal analista político de Ashley, Phil era um de seus ajudantes mais importantes, e era essencial que tudo que fosse constar da transcrição de uma audiência ou dos Anais do Congresso passasse por ele.

— Você tomou o seu remédio? — indagou Carol. Os saltos dos sapatos dela faziam um ruído parecido com o de tiros, quando estalavam contra o mármore.

— Tomei — cortou Ashley, irritado. Para certificar-se, ele disfarçadamente enfiou a mão no bolso lateral do paletó e apalpou seu interior. Como suspeitava, a pílula que havia posto ali mais cedo

não estava mais lá, o que significava que ele a tomara antes de sair do seu escritório particular. Ele queria estar com um nível alto do remédio no sangue, durante a audiência. A última coisa que desejava era que alguém da imprensa notasse algum sintoma no decorrer dos procedimentos, tal como sua mão tremendo, especialmente agora que ele tinha um plano para livrar-se do problema.

Ao virarem no corredor, eles esbarraram com um grupo de senadores liberais que seguia na direção oposta. Ashley fez uma parada e soltou sua característica e xaroposa fala arrastada para cumprimentar os colegas políticos por seus cortes de cabelo, seus ternos da última moda e suas gravatas vistosas. Com um estilo autodepreciativo bem-humorado, comparou a elegância deles com o que ele próprio trajava: um temo escuro, uma gravata escura comum e uma camisa branca habitual. Eram roupas do mesmo estilo que ele usava quando chegou ao Senado pela primeira vez, em 1972. Ashley era um homem de hábitos arraigados. Não só usava o mesmo estilo de roupas, como ainda comprava todo o seu guarda-roupa na mesma camisaria tradicional de sua cidade natal. Logo que ele e Carol retomaram seu caminho, ela fez um comentário sobre a cordialidade de Ashley.

— Estou apenas adulando-os — zombou Ashley. — Preciso dos votos deles para o meu projeto de lei que vai ser votado na semana que vem. Você sabe que não suporto essas afetações, especialmente implantes de cabelos.

— Eu também não — disse Carol. — Foi por isso que fiquei surpresa.

Assim que se aproximaram da entrada lateral da sala de audiências, Ashley diminuiu o passo.

— Faça-me novamente um rápido resumo do que você e o resto da equipe descobriram sobre a primeira testemunha desta manhã. Estou matutando um plano especial, que pretendo que dê certo.

— O currículo profissional dele foi o que retive em minha mente — disse Carol. Ela fechou os olhos para concentrar-se melhor. — Ele tem sido um prodígio em ciências desde o ginásio, tendo passado sem dificuldades pela escola de medicina e pelo doutorado. Algo, no mínimo, impressionante! Além disso tudo, ele foi um dos mais jovens cientistas a conseguir uma chefia de departamento na Merck, antes de ser recrutado para um prestigioso cargo em Harvard. O sujeito deve ter um QI estratosférico.

— Recordo-me do curriculum vitae dele. Mas não é isso que importa neste momento. Fale-me sobre as considerações de Phil a respeito da personalidade dele.

— Lembro-me que Phil deduziu que ele deve ser egocêntrico e arrogante, pelo modo com que rejeita o trabalho de outros cientistas. O que quero dizer é que nesses casos a maioria das pessoas guarda as críticas para si mesmas. Ele parece ser muito insolente.

— Mais o quê?

Eles chegaram à porta lateral e hesitaram um pouco. Bem mais abaixo no corredor, na altura da porta principal, uma pequena multidão movia-se lentamente e o ruído de suas vozes vinha na direção deles.

Carol deu de ombros.

— Não consigo me lembrar de muito mais, mas estou com o dossiê que nossa equipe elaborou, que certamente contém as impressões de Phil. Você quer lê-lo antes de iniciarmos a audiência?

— Esperava que você me falasse sobre o medo que ele tem de fracassar — disse Ashley. — Você se lembra de alguma coisa?

— Agora que você mencionou, sim. Lembro-me que era um dos tópicos de Phil.

— Ótimo! — disse Ashley, com o olhar no infinito. — A combinação disso com um ego que aparentemente é do tamanho de um bonde me dá uma boa oportunidade para exercer uma pressão significativa, você não concorda?

— Suponho que sim, mas não sei se o estou acompanhando. Lembro que, segundo Dan, ele parece sofrer de um medo de fracassar desproporcional às suas realizações e à sua inteligência. Afinal, ele provavelmente pode ser bem-sucedido em qualquer coisa que faça, desde que se concentre nela. Como é que o medo que ele tem de fracassar vai permitir que você possa pressioná-lo, e para quê, exatamente?

— Ele pode ser capaz de fazer qualquer coisa que tenha em mente, mas pelo visto, neste momento, seu maior desejo é tomar-se um empresário famoso, algo que ele aparentemente teve a audácia de admitir numa de suas entrevistas. E para conseguir isso ele teve de fazer uma grande aposta, tanto em termos de carreira, como financeiramente. Ele quer que sua companhia recém-fundada, que tem como base o procedimento que ele patenteou, tenha sucesso por razões estritamente pessoais, se não superficiais.

— O que você pretende fazer? — perguntou Carol. — Phil quer que conste dos registros que você apoiou a proibição do procedimento dele. Somente isso.

— As circunstâncias tomaram as coisas um pouco mais complicadas do que isso. Quero forçar o bom doutor a fazer algo que ele certamente não gostaria de fazer.

Um ar de preocupação espalhou-se pelo rosto de Carol.

— Phil sabe alguma coisa a respeito disso?

Ashley balançou a cabeça. Fez um sinal para que Carol devolvesse-lhe o discurso de abertura.

— Você quer que o doutor faça o quê?

— Você e ele saberão esta noite — disse Ashley, enquanto seus olhos começavam a examinar o discurso de abertura. — Levaria muito tempo para explicar agora.

— Isso está me assustando — admitiu Carol, enfaticamente. Ela olhou para cima e para baixo do corredor, enquanto Ashley lia o discurso. Ela estava inquieta. O objetivo final e a razão pela qual ela

tinha sacrificado boa parte da própria vida na atual posição era seu desejo de concorrer à vaga de Ashley quando ele se aposentasse, algo que deveria ocorrer em breve por causa do diagnóstico de doença de Parkinson. Ela era mais do que qualificada para o cargo, tendo desempenhado a função de senadora estadual antes de ir para Washington, comandar o show de Ashley. Com esse objetivo em mente, tudo o que ela menos queria, depois de todos esses anos, era que ele aprontasse alguma coisa que a prejudicasse, do jeito que Bill Clinton fez com Al Gore. Desde aquela fatídica visita noturna ao Dr. Whitman, Ashley andava preocupado e imprevisível. Ela pigarreou para chamar a atenção do seu chefe. — Como você planeja exatamente conseguir que o Dr. Lowell faça alguma coisa que ele não queira fazer?

— Dando linha para ele e puxando o anzol em seguida — disse Ashley, erguendo os olhos na direção de Carol. Ele soltou um sorriso conspirativo. — Estou no meio de uma batalha e pretendo vencê-la. Para alcançar meu objetivo vou seguir um velho conselho de A arte da guerra: "Preveja quais serão os lugares dos combates inevitáveis, depois chegue lá com força esmagadora!" Deixe-me ver o relatório financeiro da companhia dele!

Carol fez um malabarismo com a pasta de papéis que estava carregando antes de apresentar o documento que Ashley queria. Ela entregou-lhe o papel, e ele rapidamente o examinou. Ela olhava o rosto dele em busca de pistas. Não sabia se devia telefonar para Phil, assim que tivesse oportunidade, e avisá-lo para se preparar para o inesperado.

— Isso é bom — murmurou Ashley. — Isso é muito bom. Sorte que tenho aqueles contatos no FBI. Não teríamos conseguido nada disso sozinhos.

— Talvez você devesse discutir com Phil tudo que está planejando — sugeriu Carol.

— Não há tempo — respondeu Ashley. — Por falar nisso, que horas são agora?

Carol olhou para o seu relógio.

— Já passa das dez.

Ashley manteve a mão esquerda apoiada na direita para verificar se havia algum tremor. Havia um leve tremor, mas dificilmente perceptível.

— Estou ótimo em relação ao que se pode esperar. Vamos ao trabalho!

Ashley entrou na sala de audiências pela porta lateral à direita do estrado em forma de ferradura. O espaço estava tomado por uma sinuosa massa de pessoas que se acotovelavam, e delas emergia um burburinho de conversas desconexas. Ashley teve que se esgueirar entre colegas e auxiliares para alcançar seu assento. Rob, o ruivo alto, surgiu imediatamente com uma segunda cópia do discurso de abertura. Ashley agitou a cópia que tinha em mãos para dispensá-lo, tomou seu lugar e ajeitou o microfone recurvado.

Depois de um rápido passeio ao redor do aconchegante salão de audiências, decorado em estilo grego clássico, os olhos de Ashley se fixaram nos dois vultos sentados na mesa das testemunhas situada mais abaixo. De início sua atenção foi magneticamente atraída para a encantadora garota, cujos cabelos brilhantes como mink enquadravam o rosto. Ashley tinha queda por mulheres bonitas e esta fêmea dava conta do recado. Estava vestida com um recatado conjunto azul-marinho com colarinho branco que contrastava com sua compleição morena, bronzeada. Apesar do traje simples, ela transpirava uma sensualidade saudável. Seus olhos escuros estavam vidrados em Ashley, o que deu ao senador a impressão de estar olhando para dois canos de armas. Ele não tinha ideia de quem era ela ou por que estava ali, mas imaginava que a presença dela tomaria a audiência um pouco mais agradável. De forma relutante, Ashley transferiu sua atenção da bela mulher para o Dr. Daniel Lowell. Os

olhos do médico eram mais claros do que os de sua acompanhante, no entanto transmitiam uma certa desfaçatez pelo modo como o encaravam fixamente. Ashley presumiu que o médico fosse razoavelmente alto, apesar de ele estar inclinado para trás na cadeira. Tinha uma compleição frágil, um rosto magro e anguloso rematado por alguns cabelos grisalhos. Mesmo seu modo de se vestir sugeria um grau de insolência comparável àquele transmitido pelo olhar e pela postura dele. Destoando dos trajes formais de sua acompanhante, ele vestia um paletó esportivo de tweed, com emendas de couro nos cotovelos, uma camisa aberta sem gravata e, visíveis por debaixo da mesa, calça jeans e tênis.

Ashley sorriu interiormente enquanto pegava seu martelo de presidente da sessão. Ele avaliou que a atitude aparente de Daniel, aliada ao modo como se vestia, eram uma débil tentativa de provar que ele não se sentia ameaçado por ter sido convocado a testemunhar perante uma subcomissão do Senado. Talvez Daniel imaginasse que seus ares de representante da elite universitária do país fossem uma forma de intimidar Ashley, cuja formação acadêmica fora realizada numa faculdade batista do interior. Mas isso não iria funcionar. Ashley tinha consciência que recebia Daniel em sua arena, com a habitual vantagem proporcionada pelo mando de campo.

— A Subcomissão de Política da Saúde, subordinada à Comissão de Saúde, Educação, Trabalho e Previdência vai iniciar os trabalhos — anunciou Ashley, com uma forte entonação sulista, enquanto batia o martelo. Ele aguardou durante alguns instantes enquanto o grupo até então desordenado de assistentes tomava seus assentos. Atrás dele, podia ouvir os auxiliares fazerem a mesma coisa. Ele olhou para Daniel Lowell, mas o médico não se perturbou. Ashley olhou para a sua direita e para a sua esquerda. A maioria dos membros da subcomissão estava ausente, embora quatro tivessem comparecido. Os presentes ou estavam lendo memorandos, ou

falavam sussurrando com seu assessores. Não havia quórum, mas isso não importava. Nenhuma votação havia sido programada, e Ashley não pediria uma. — Esta audiência dará prosseguimento ao Projeto de Lei n° 1.103, do Senado — anunciou Ashley, ao mesmo tempo que colocava as anotações do seu discurso de abertura sobre a mesa, diante dele. Ashley cruzou os braços, pousando as palmas das mãos nos cotovelos a fim de prevenir qualquer possível tremor. Ele inclinou a cabeça levemente para trás para poder enxergar melhor o impresso através de seus óculos bifocais. — O projeto em pauta complementa o projeto de lei já aprovado pela Câmara dos Deputados, que proíbe o procedimento de clonagem chamado...

Ashley hesitou e inclinou-se para a frente, olhando de soslaio para a folha de papel.

— Tenham paciência comigo por um instante — disse ele, obviamente saindo do texto preparado. — Esse procedimento não só é assustador, como tem um nome complicado. Talvez o bom doutor possa ajudar-me caso eu gagueje. Ele é chamado de Recombinação de Segmentos Transgênicos Homólogos, ou HTSR. Ufa! Consegui falar corretamente, doutor?

Daniel se ajeitou na cadeira e inclinou-se em direção ao microfone.

— Sim — disse ele simplesmente, inclinando-se para trás. Ele também estava com os braços cruzados.

— Por que vocês médicos não falam o nosso idioma? — indagou Ashley, enquanto observava Daniel por sobre a armação de seus óculos.

Alguns dos espectadores soltaram risos abafados, para deleite de Ashley. Ele adorava reger a plateia.

Daniel inclinou-se para a frente no intuito de responder, mas Ashley conteve-o com a mão.

— Essa pergunta não constará dos anais, logo não há necessidade de respondê-la.

A taquígrafa fez a correção em sua máquina. Ashley então olhou para a sua esquerda.

— Isso também não é para ser registrado, mas eu estava curioso para saber se o nobre senador de Montana não concorda comigo que os médicos desenvolveram propositalmente sua própria linguagem para que, na maior parte do tempo, nós, simples mortais, não tenhamos a menor ideia sobre que diabos eles estão falando.

Houve mais risadas dos espectadores, ao mesmo tempo que o senador de Montana tirava os olhos do que estava lendo e concordava entusiasticamente com a cabeça.

— Então, onde eu estava? — indagou Ashley, enquanto voltava a olhar para seu discurso de abertura. — A necessidade dessa legislação encontra-se no problema de a biotecnologia, em geral, e a medicina, em particular, terem perdido seus sustentáculos morais e éticos. Nós, da Subcomissão de Política da Saúde do Senado, sentimos que é nossa obrigação, como cidadãos interessados e cientes do nosso dever moral, reverter essa tendência ao seguir o exemplo dos nossos colegas da Câmara. Como foi inconfundivelmente expressado desde o longínquo Julgamento de Nuremberg, os fins não justificam os meios, especialmente no campo da pesquisa médica. Esse HTRS é um caso exemplar. O procedimento envolve o risco de que pobres e indefesos embriões sejam gerados para, em seguida, serem desmembrados com a duvidosa justificativa de que as células derivadas desses minúsculos seres humanos por nascer vão ser utilizadas para curar uma grande variedade de pacientes. Mas isso não é tudo. Como ouviremos no testemunho do seu criador, que temos a honra de receber aqui como depoente, esse não é um procedimento ordinário de clonagem terapêutica, e eu, como principal autor do projeto de lei, estou horrorizado com a possibilidade desse procedimento calmamente tornar-se algo rotineiro.

Alguns tímidos aplausos provieram de uma plateia com vagos conhecimentos sobre o tema em questão. Ashley agradeceu com um aceno de cabeça e fez uma rápida pausa. Em seguida, respirou fundo.

— Ora, eu poderia prosseguir falando sobre essa nova técnica, mas como não sou médico, passo respeitosamente a palavra ao especialista que gentilmente apresentou-se a esta subcomissão. Gostaria de seguir com a testemunha, a não ser que meu eminente colega, sentado junto ao corredor, queira emitir algumas palavras.

Ashley olhou para o senador sentado à sua direita, que balançou a cabeça, cobriu seu microfone com a palma da mão e inclinou-se em direção ao presidente da sessão.

— Ashley — sussurrou ele —, espero que você seja rápido com ele, preciso sair às dez e meia.

— Não se preocupe — sussurrou Ashley de volta —, vou direto na jugular.

Ashley tomou um gole de água do copo que estava diante dele e examinou Daniel.

— Nossa primeira testemunha é o brilhante Dr. Daniel Lowell, que, como mencionei anteriormente, foi quem descobriu o HTSR. O Dr. Lowell possui credenciais impressionantes, incluindo os graus de mestre e doutor das mais respeitadas instituições de ensino do país. De algum modo, ainda encontrou tempo para fazer uma residência em medicina clínica. Ele recebeu incontáveis prêmios pelo seu trabalho e ocupou posições de prestígio na empresa farmacêutica Merck e na Universidade de Harvard. Seja bem-vindo, Dr. Lowell.

— Obrigado, senador—disse Daniel. Ele se moveu para a frente em sua cadeira. — Agradeço seu gentis comentários sobre meu curriculum vitae, mas, caso me permita, gostaria de discordar imediatamente de um ponto do seu discurso de abertura.

— Certamente — respondeu Ashley.

— O HTSR e a clonagem terapêutica não envolvem, eu repito, não envolvem o desmembramento de embriões — disse Daniel lentamente, enfatizando cada palavra. — As células terapêuticas são coletadas antes que o embrião tenha começado a se formar. Elas são coletadas de uma estrutura chamada blastócito.

— O senhor nega que esses blastócitos sejam vidas humanas incipientes?

— Eles são vida humana, mas, quando desagregadas, suas células são similares àquelas que perdemos de nossas gengivas, ao escovarmos os dentes com força.

— Não me parece que eu escove com tanta força — disse Ashley, com uma rápida risada. Alguns espectadores o acompanharam.

— Todos nós soltamos células epiteliais vivas.

— Talvez sim, mas essas células epiteliais não vão formar embriões assim como um blastócito.

— Elas poderiam — disse Daniel. — Essa é a questão. Se as células epiteliais forem fundidas com a célula de um óvulo cujo núcleo tivesse sido extraído e, em seguida, a combinação fosse ativada, elas poderiam formar um embrião.

— Exatamente como é feito numa clonagem.

— Precisamente — disse Daniel. — Os blastócitos têm potencial para formar um embrião viável, mas somente quando implantados em um útero. Na clonagem terapêutica, jamais se permite que eles formem embriões.

— Acho que nesse caso estamos nos atolando numa questão semântica — disse Ashley, impaciente.

— Trata-se de uma questão semântica — concordou Daniel. — Mas é uma semântica importante. As pessoas têm de entender que não há embriões envolvidos em clonagem terapêutica ou no procedimento de HTSR.

— Sua opinião em relação ao meu discurso de abertura foi devidamente registrada — disse Ashley. — Gostaria de passar para

o procedimento em si. O senhor poderia descrevê-lo para os aqui presentes no depoimento e para a transcrição oficial?

— Gostaria muito — disse Daniel. — Recombinação de Segmentos Transgênicos Homólogos é o nome que demos a um procedimento que envolve a substituição de uma porção do DNA, responsável por uma doença específica num determinado indivíduo, por um DNA homólogo livre de doenças. Isso é feito no núcleo de uma das células do paciente, que é então usada para clonagem terapêutica.

— Espere um momento — interrompeu Ashley. — Já estou ficando confuso, assim como acredito que a maior parte da audiência também. Deixe-me ver se entendi isso corretamente. O senhor está falando em pegar a célula de um indivíduo doente e substituir o DNA dele antes de fazer a clonagem terapêutica.

— Correto — disse Daniel. — Substituindo a pequena porção do material genético da célula que é responsável pela doença do indivíduo.

— E a clonagem terapêutica é então feita no intuito de produzir um punhado dessas células para curar o paciente.

— Correto novamente! As células são estimuladas com vários hormônios de crescimento a tornarem-se o tipo de células que o paciente necessita. E graças ao HTSR, essas células não terão predisposição genética para formar novamente a doença que está sendo tratada. Quando essas células são colocadas no paciente, ele não só vai se curar, como não terá tendência genética para sofrer da mesma doença.

— Talvez pudéssemos falar de alguma doença em particular — sugeriu Ashley. — Poderia ficar mais fácil para nós, que não somos cientistas, compreendermos. Pelo que entendi lendo alguns artigos que você publicou, o mal de Parkinson é uma das doenças que poderão ser curadas com esse tratamento.

— Isso é correto — disse Daniel. — Assim como muitas outras doenças, de mal de Alzheimer e diabetes até certas formas de artrite. É uma lista impressionante de doenças, sendo que para muitas delas ainda não existe nem mesmo tratamento, quanto mais cura.

— Vamos nos concentrar no Parkinson por um momento — disse Ashley. — Por que você acha que o HTSR funcionará com essa moléstia?

— Porque com Parkinson nós tivemos sorte o bastante de criarmos ratos cobaias para serem testados — disse Daniel. — Esses ratos têm doença de Parkinson, o que significa que faltam em seus cérebros células nervosas que produzem um composto chamado dopamina, que funciona como um neurotransmissor. O desenvolvimento da doença neles espelha a forma humana desse mal. Pegamos esses animais, tratamos com o HTSR e eles ficam curados permanentemente.

— Isso é impressionante — comentou Ashley.

— É mais impressionante quando você vê isso ocorrendo diante dos seus próprios olhos.

— As células são injetadas.

— São.

— E não há problemas com isso?

— Não, nenhum problema — disse Daniel. — Já existe um considerável número de experiências usando essa técnica em seres humanos para outras terapias. A injeção deve ser aplicada cuidadosamente, sob condições controladas, mas geralmente não há nenhuma espécie de problema. Em nossas experiências, os ratos não têm sofrido nenhum efeito maligno.

— Os ratos ficam curados logo após a injeção?

Em nossas experiências os sintomas do Parkinson começam a ceder imediatamente — disse Daniel. — E continuam rapidamente. Com os ratos que tratamos os resultados têm sido realmente

notáveis. Em uma semana, não é mais possível distinguir os ratos que foram tratados dos ratos saudáveis.

— Suponho que você esteja ansioso para tentar isso em seres humanos — sugeriu Ashley.

— Extremamente — admitiu Daniel, fazendo uma série de movimentos com a cabeça para enfatizar. — Depois que acabarmos nossos estudos, que avançam rapidamente, com animais, temos esperança de conseguir agilizar o processo com o Ministério da Saúde, para podermos começar os testes com seres humanos seguindo rígidos controles.

Ashley viu Daniel olhar para sua acompanhante e até mesmo apertar a mão dela por um instante. Ele sorriu interiormente, percebendo que Daniel imaginava que o depoimento estava indo bem. Era hora de corrigir o erro de avaliação.

— Diga-me, Dr. Lowell — começou Ashley. — Você já ouviu o ditado: "Se algo soa tão bem para ser verdade, provavelmente não é?"

— É óbvio que sim.

— Bem, acho que o HTSR é um exemplo claro disso. Deixando de lado por um momento a discussão semântica sobre o desmembramento ou não de embriões, o HTSR tem um outro grande problema ético.

Ashley fez uma pausa para causar impacto. A audiência estava totalmente paralisada.

— Doutor — disse Ashley com condescendência. — Você já leu o romance clássico de Mary Shelley, chamado Frankenstein!

— O HTSR nada tem a ver com o mito de Frankenstein — disse Daniel de forma indignada, deixando subentendido que ele sabia perfeitamente para onde Ashley se dirigia. — Aludir a isso é uma tentativa irresponsável de aproveitar-se dos medos e das interpretações errôneas do público.

— Peço vénia para discordar — disse Ashley. — Na verdade, acho que Mary Shelley teve uma suspeita de que o HTRS estava para vir e foi por isso que escreveu o romance.

Os espectadores riram novamente. Ficava claro que eles estavam atentos a cada palavra e que se divertiam a valer.

— Bem, eu não tive as vantagens de uma educação de primeira linha, mas li Frankenstein, cujo título completo inclui O Prometeu moderno, e acredito que os paralelos sejam consideráveis. Pelo que entendo, a palavra transgênico, que faz parte do confuso nome do seu procedimento, significa apanhar sobras dos genomas de várias pessoas e misturá-los como se você estivesse fazendo um bolo. Para este interiorano aqui, isso é muito parecido com o que Victor Frankenstein fez quando criou seu monstro, pegando pedaços de vários cadáveres e costurando tudo junto. Ele até usava um pouco de eletricidade, exatamente como vocês fazem com suas clonagens.

— No HTSR nós estamos acrescentando pequenos trechos de DNA, e não órgãos inteiros — rebateu Daniel, irritado.

— Acalme-se, doutor — disse Ashley. — Isso aqui é uma audiência de averiguação dos fatos e não uma briga. O que estou inferindo disso tudo é que no seu procedimento o senhor pega partes de uma pessoa e as coloca em uma outra. Não é verdade?

— Em um nível molecular.

— Não me importa em que nível isso seja feito — disse Ashley.

— Quero apenas estabelecer os fatos.

— A medicina vem transplantando órgãos já há algum tempo

— replicou Daniel. — O público em geral não vê nenhum problema moral nisso, muito pelo contrário, e o conceito de transplante de órgãos certamente é um paralelo melhor com o HTSR do que o romance de Mary Shelley, escrito no século XIX.

— No exemplo que foi dado, relacionado à doença de Parkinson, o senhor admitiu que está planejando injetar esses pequenos Frankensteins moleculares nos cérebros das pessoas. Desculpe-me,

doutor, mas não tem havido muitos transplantes de cérebros em nosso atual programa de transplante de órgãos, portanto não acho que o paralelo seja muito hábil. Injetar partes de uma pessoa no cérebro de outra ultrapassa todos os limites, no meu modo de ver as coisas, e acredito que esse também seja o modo de ver do Senhor Deus.

— As células terapêuticas que criamos não são Frankensteins moleculares — disse Daniel irado.

— Sua opinião foi devidamente registrada — disse Ashley. — Vamos dar prosseguimento.

— Isso é uma farsa! — comentou Daniel. Ele atirou os braços à frente para dar ênfase.

— Doutor, devo lembrá-lo que esta é uma audiência de uma subcomissão do Congresso e espera-se que o senhor se comporte com o decoro apropriado. Somos todos, pessoas razoáveis aqui e cada um deve demonstrar respeito em relação ao outro, enquanto tentamos fazer o melhor possível para coligir informações.

— Está se tomando cada vez mais óbvio que esta audiência foi preparada com base em conjeturas falsas. O senhor não veio aqui coligir informações sobre o HTSR sem ideias preconcebidas, como magnanimemente quer sugerir. O senhor está usando esta audiência apenas para dar um espetáculo, com direito a uma retórica emotiva previamente ensaiada.

— Gostaria que o senhor ficasse ciente — disse Ashley, condescendente —, que esse tipo de declaração inflamada e de acusação é especificamente desaprovada no Congresso. Isso aqui não é o programa Crossfire ou algum outro circo da mídia. No entanto, recuso-me a ficar ofendido. Em vez disso, vou novamente assegurar-lhe que sua opinião foi devidamente registrada e que, como foi dito, pretendo prosseguir. Como criador do HTSR, não se pode esperar que o senhor seja inteiramente objetivo no que se refere aos méritos morais do procedimento, mas gostaria de perguntar-lhe sobre esse

aspecto. Mas antes quero dizer que tem sido difícil deixar de reparar na mulher extremamente atraente que está sentada ao seu lado na mesa das testemunhas. Ela está aqui para ajudá-lo no testemunho? Se for esse o caso, talvez seja melhor você apresentá-la para que conste dos anais.

— Esta é a Dra. Stephanie D'Agostino — falou Daniel, rapidamente. — Ela é minha colaboradora científica.

— Com mestrado ou doutorado?

— Sou uma com doutorado — disse Stephanie, em seu microfone. — E gostaria, Sr. Presidente, de ratificar a opinião do Dr. Lowell, sem as palavras inflamadas que ele utilizou, sobre a maneira tendenciosa como essa audiência está transcorrendo. Acredito plenamente que alusões ao mito de Frankenstein são inadequadas quando relacionadas com o HTSR, visto que elas mexem com os medos mais fundamentais das pessoas.

— Estou mortificado — disse Ashley. — Sempre pensei que vocês, membros das grandes universidades, estivessem habituados a fazer alusões a inúmeras obras-primas da literatura, mas, vejam só, na única vez em que me arrisco, dizem-me que não é adequado. Mas será que isso é justo, especialmente porque me lembro perfeitamente bem que me foi ensinado, em minha pequena faculdade batista, que Frankenstein era, entre outras coisas, um alerta sobre as consequências morais do materialismo científico sem limites? Na minha opinião, isso toma o livro extremamente oportuno. Mas isso já é o bastante a respeito desse tema! Estamos numa audiência do Senado e não num debate literário.

Antes que Ashley pudesse dar prosseguimento, Rob surgiu por trás dele e deu-lhe um tapinha no ombro. Ashley cobriu o microfone com a mão, para evitar que este captasse qualquer comentário de seu assessor.

— Senador — sussurrou Rob no ouvido de Ashley. — Desde que a requisição para que a Dra. D'Agostino se juntasse ao Dr. Lowell na

mesa das testemunhas chegou esta manhã, fizemos uma rápida pesquisa sobre os antecedentes dela. Ela estudou em Harvard. Foi criada na Zona Norte de Boston.

— Isso tem alguma importância?

Rob deu de ombros.

— Pode ser uma coincidência, mas duvido que seja. O indiciado que investiu na companhia do Dr. Lowell, sobre o qual o FBI nos informou, também é um D'Agostino que cresceu na Zona Norte. Eles provavelmente são parentes.

— Ai, ai — comentou Ashley. — Isso é curioso — ele apanhou uma folha de papel com Rob e colocou-a junto ao relatório financeiro da companhia de Daniel. Ele teve problemas para reprimir seu sorriso depois desse golpe de sorte.

— Dra. D'Agostino—disse Ashley ao microfone, depois de tirar a mão que o encobria. — Você por acaso possui algum grau de parentesco com Anthony D'Agostino, residente na Rua 14, em Medford, Massachusetts.

— Ele é meu irmão.

— E esse é o mesmo Anthony D'Agostino que foi indiciado por extorsão?

— Infelizmente, sim — disse Stephanie. Ela olhou para Daniel, que a observava com uma expressão de incredulidade.

— Dr. Lowell — continuou Ashley. — O senhor tinha ciência que um de seus primeiros, e maiores, investidores tinha sido indiciado criminalmente?

— Não, eu não sabia — disse Daniel. — Mas ele está longe de ser um grande investidor.

— Hum! — emitiu Ashley. — Algumas centenas de milhares de dólares são um bocado de dinheiro no meu modo de ver. Mas deixemos de rodeios. Presumo que ele não exerça o cargo de diretor.

— Ele não exerce.

— Isso é um alívio. E acho que podemos presumir que o estelionatário indiciado, Anthony D'Agostino, não faça parte do conselho de ética, que, devo acreditar, existe na sua companhia.

— Ele não faz parte do nosso conselho de ética — replicou Daniel.

— Isso também é um alívio. Vamos então falar sobre sua companhia — disse Ashley. — O nome dela é CURE, que suponho seja uma espécie de acrônimo.

— Correto — disse Daniel suspirando, como se estivesse entediado com os procedimentos. — O nome é tirado de Companhia de Substituição Celular.

— Desculpe-me se o senhor está fatigado com os rigores desta audiência, doutor — disse Ashley. — Vamos tentar encerrar o mais rápido que pudermos. Mas pelo que entendi, sua companhia está tentando concluir uma segunda rodada de financiamentos, tentando atrair capitais especulativos e tendo o HTSR como sua maior propriedade intelectual. Você tem intenção de abrir o capital da sua companhia mediante uma oferta pública inicial?

— Sim — disse Daniel, simplesmente.

Ele inclinou-se para trás na cadeira.

— Bem, isso não precisa ser registrado — disse Ashley. Ele olhou á sua esquerda. — Gostaria de perguntar ao nobre senador do grande estado de Montana se ele não considera que a Comissão de Valores Mobiliários acharia interessante que um dos primeiros investidores de uma empresa que pretende abrir o seu capital foi indiciado por extorsão. O que quero dizer é que estamos diante de uma questão moral. Dinheiro proveniente de extorsão e talvez até de prostituição, pelo que sabemos, sendo lavado através de uma companhia de biotecnologia que está iniciando suas atividades.

— Acho que eles ficariam bastante interessados — disse o senador de Montana.

— Essa também seria minha opinião — disse Ashley. Ele olhou novamente para suas anotações e depois para Daniel. — Pelo que entendi, a segunda rodada de financiamentos foi suspensa em função do PL-S n° 1.103, e pelo fato de a Câmara ter aprovado a versão dela. Correto?

Daniel concordou com a cabeça.

— Você tem que falar para que sua resposta possa constar dos anais — disse Ashley.

— Correto — disse Daniel.

— E presumo que seus gastos atuais, ou seja, o dinheiro que você está despendendo para tocar o negócio, sejam bem elevados. Portanto, o senhor precisa dessa segunda rodada de financiamentos, senão, irá enfrentar uma falência.

— Correto.

— Isso não é nada bom — disse Ashley, demonstrando simpatia. — Mas no que concerne a esta audiência, devo admitir que sua objetividade em relação aos aspectos morais do HTSR está em xeque. Estou querendo dizer que o próprio futuro da sua companhia depende da não aprovação do PL-S n° 1.103. Não é verdade, doutor?

— Minha opinião tem sido, e continuará sendo, que vai ser moralmente errado não dar prosseguimento às pesquisas e não utilizar o HTSR para curar os inúmeros seres humanos que estão sofrendo.

— Sua opinião foi registrada — disse Ashley. — Mas quero que conste dos anais que considerei que o Dr. Daniel Lowell preferiu não responder à pergunta proposta.

Ashley inclinou-se para trás e olhou à sua direita.

— Não tenho mais perguntas a fazer a esta testemunha. Algum dos meus estimados colegas tem algo a perguntar?

Os olhos de Ashley percorreram os rostos dos senadores sentados no estrado.

— Muito bem — disse Ashley. — A Subcomissão de Política da Saúde gostaria de agradecer aos doutores Lowell e D'Agostino pelas suas gentis participações. Gostaria agora de chamar nossa próxima testemunha, o Sr. Harold Mendes, da organização Direito à Vida.

3

11h05, quinta-feira, 21 de fevereiro de 2002

Stephanie pôde ver o táxi em meio aos outros carros que se aproximavam e esticou o braço ansiosamente. Daniel e ela seguiram o conselho dado por um segurança do edifício de gabinetes do Senado e andaram até a Avenida da Constituição na esperança de pegar um táxi, mas não tiveram muita sorte. O dia, que começara com uma agradável manhã de sol, havia mudado para pior. Nuvens escuras e pesadas vieram do leste e, com a temperatura oscilando na casa dos 2°C, havia grande possibilidade de nevar. Aparentemente, sob tais condições, a demanda por táxis superava em muito a oferta.

— Ali vem um — disse Daniel, rispidamente, como se Stephanie tivesse algo a ver com a falta de táxis. — Não deixe passar.

— Estou vendo — respondeu Stephanie, de forma igualmente áspera.

Depois de deixarem a audiência do Senado, não haviam falado mais do que o mínimo necessário para aceitarem a sugestão de andar até a Avenida da Constituição. Semelhante às nuvens que se avolumavam, o humor dos dois foi piorando ao longo da audiência daquela manhã.

— Droga! — resmungou Stephanie, quando o carro passou por ela em alta velocidade. Parecia que o motorista estava usando

antolhos. Stephanie usara todos os artifícios para chamar a atenção, exceto atirar-se na frente do tráfego movimentado.

— Você o deixou passar — queixou-se Daniel.

— Deixei passar? — gritou Stephanie. — Eu acenei. Eu assobiei. Cheguei a ficar pulando para cima e para baixo. Não vi você fazer o menor esforço.

— Que diabos iremos fazer? — reclamou Daniel. — Isso aqui está mais frio que o Pólo Sul.

— Bem, se o Dr. Einstein tiver alguma ideia brilhante, avise-me.

— O quê? Por acaso é culpa minha não haver algum táxi?

— Também não é minha — retrucou Stephanie.

Abraçaram-se a si mesmos numa tentativa vã de manterem-se aquecidos, mas fizeram questão de ficar afastados um do outro. Não tinham levado um bom casaco de inverno para a viagem. Voando seiscentos quilômetros para o Sul, imaginaram que não haveria necessidade.

— Ali vem outro — disse Daniel.

— Agora é a sua vez.

Com a mão levantada, Daniel aventurou-se a entrar na pista, avançando até onde lhe pareceu seguro. Quase que imediatamente ele teve de recuar, assim que viu um caminhão vindo em sua direção, junto ao meio-fio. Daniel acenou e gritou, mas o táxi prosseguiu, sem nem mesmo reduzir a velocidade, em meio aos outros veículos.

— Bem feito! — disse Stephanie.

— Cale a boca!

Logo quando estavam prestes a desistir e iam começar a andar para oeste, pela avenida da Constituição, um motorista de táxi buzinou. Estava parado num sinal na esquina da ma Primeira com Constituição, e tinha visto os malabarismos de Daniel. Quando o sinal ibriu, ele virou à esquerda e parou junto à calçada.

Stephanie e Daniel jogaram-se para dentro e colocaram os cintos de segurança.

— Para onde? — perguntou o motorista, enquanto olhava para eles pelo espelho retrovisor. Ele usava um turbante e tinha a pele mais bronzeada do que se tivesse passado uma semana no deserto do Saara.

— Para o Four Seasons — disse Stephanie.

Stephanie e Daniel viajaram em silêncio, enquanto olhavam pelas suas respectivas janelas.

— Eu diria que a audiência não poderia ter sido pior — queixou-se Daniel finalmente.

— Foi ainda pior que isso — respondeu Stephanie.

— Não há a menor dúvida que o canalha do Butler vai levar seu projeto de lei à votação, e quando isto acontecer, vai ser aprovado por toda a comissão e pelo Senado, exatamente do jeito que a Organização das Indústrias de Biotecnologia garantiu-me que iria acontecer.

— Então, adeus a CURE S/A.

— É vergonhoso reconhecer que a pesquisa médica neste país encontra-se refém de políticos demagogos — disse Daniel, irritado. — Eu nem deveria ter me dado ao trabalho de vir a Washington.

— Bem, talvez você não devesse mesmo. Talvez teria sido melhor se eu tivesse vindo sozinha. Você certamente não ajudou em nada ao dizer a Ashley que ele estava dando um espetáculo e que tinha ideias preconcebidas.

Daniel virou-se e olhou para a parte de trás da cabeça de Stephanie.

— Como é que é? — bufou ele.

— Você não deveria ter perdido o controle.

— Eu não acredito nisso — maravilhou-se Daniel. — Você está insinuando que esse resultado de merda foi culpa minha?

Stephanie virou-se para encarar Daniel.

— Ser sensível aos sentimentos de outras pessoas nunca foi um de seus pontos fortes. E essa audiência foi um exemplo disso. Quem sabe o que poderia ter acontecido se você não tivesse perdido sua frieza? Foi inábil atacá-lo do modo como você fez, porque acabou de vez com qualquer possibilidade de diálogo. É isso que estou querendo dizer.

O rosto de Daniel ficou vermelho.

— Aquela audiência foi uma tremenda farsa!

— Talvez sim, mas isso não é justificativa para você ter dito aquilo na cara do Butler, porque cortou pela raiz qualquer possibilidade de sucesso, por menor que fosse.

— Você está me deixando puto.

— Daniel, estou tão irritada com o resultado disso quanto você.

— Sei, mas você está dizendo que a culpa é minha.

— Não, estou dizendo que o seu comportamento não ajudou muito as coisas. Há uma diferença.

— Bem, o seu comportamento também não ajudou as coisas. Por que você nunca me contou que seu irmão foi indiciado por extorsão? Tudo que você me disse foi que ele era um investidor qualificado. Que qualificações! Foi uma excelente hora para eu ficar sabendo desta notícia sórdida.

— Isso ocorreu depois que ele se tomou um investidor, além disso, foi noticiado nos jornais de Boston, logo não era exatamente um segredo. Mas foi algo que preferi não comentar, pelo menos durante algum tempo. Pensei que você não tivesse comentado nada por consideração. Mas eu devia ter imaginado.

— Algo que você preferiu não comentar? — perguntou Daniel, afetando surpresa exagerada. — Você sabe que não me dou ao trabalho de ler aqueles estúpidos tabloides de Boston. Assim, como é que eu poderia ficar sabendo disso? Eu teria que ficar sabendo no final, porque Butler estava certo. Se fôssemos nos candidatar a uma

abertura de capital, seria revelado que temos um criminoso como investidor e isso suspenderia o processo.

— Ele foi apenas indiciado — disse Stephanie —, não foi condenado. Lembre-se que no nosso sistema de justiça você é inocente até que provem o contrário.

— Isso não passa de uma desculpa esfarrapada para você não ter me contado — disse Daniel, asperamente. — Ele vai ser condenado?

— Eu não sei — Stephanie abaixou o tom da voz, ao mesmo tempo que vivenciava uma sensação de culpa por não ter sido direta com Daniel. Ela pensara em mencionar o indiciamento do irmão em diversas ocasiões, mas sempre deixou isso para um amanhã que nunca chegou.

— Você não tinha a menor ideia sobre isso tudo? É um pouco difícil de acreditar.

— Eu tinha algumas suspeitas vagas — admitiu Stephanie. — Eu tinha as mesmas suspeitas sobre o meu pai. E Tony praticamente assumiu os negócios de papai.

— De que tipo de negócios nós estamos falando?

— Imóveis e alguns restaurantes, além de um café e restaurante na Rua Hanover.

— Isso é tudo?

— É isso que eu não sei. Como disse, eu tinha vagas suspeitas em relação a certas coisas, como pessoas entrando e saindo de casa a qualquer hora do dia e da noite, ou com as mulheres e crianças sendo mandadas para fora da sala, durante as longas refeições familiares, para que os homens pudessem conversar. De muitas formas, olhando em retrospectiva, parece-me que nós éramos um clichê da família ítalo-americana mafiosa. Sem dúvida, não era na escala que você espera assistir em um filme de gangsteres, mas modestamente similar. Das mulheres, esperavam que cuidassem dos afazeres domésticos e religiosos, não podíamos nos interessar ou nos envolver nos negócios. Para dizer a verdade, era vergonhoso para

mim, porque nós, as crianças, éramos tratadas de forma diferente na vizinhança. Eu não aguentava de vontade de ir embora dali, e era esperta o bastante para reconhecer que o modo mais fácil de conseguir isso era sendo uma boa estudante.

— Eu consigo compreender isso — disse Daniel. O tom de sua voz tomou-se também mais suave. — Meu pai andava metido em toda espécie de negócios, alguns dos quais chegavam próximos do estelionato. O problema é que todos fracassavam, ou seja, ele, e depois eu e meus irmãos, éramos o alvo de piadas na cidade de Reveré, principalmente na escola, pelo menos aqueles dentre nós que não estavam enturmados, o que certamente era o meu caso. O apelido do meu pai era Lowell Fracasso, e infelizmente pegou.

— No meu caso era o contrário — disse Stephanie. — Nós éramos tratados com uma espécie de deferência, que não era nada agradável. Você sabe como adolescentes adoram se misturar. Bem, isso não era possível para mim e eu nem sabia o motivo. Eu odiava aquilo.

— Por que você nunca me contou nada disso?

— Por que você não contou mais nada sobre a sua família, além do fato de que tem oito irmãos, nenhum dos quais, devo acrescentar, tive a oportunidade de conhecer? Pelo menos lhe perguntei sobre a sua família em diversas ocasiões.

— É uma boa questão — disse Daniel, vagamente. Seus olhos afastaram-se para o exterior, onde alguns solitários flocos de neve podiam ser vistos dançando nas correntes de vento. Ele sabia que a verdadeira resposta à pergunta de Stephanie era que ele nunca havia se importado com a família dela mais do que se importava com a sua. Ele pigarreou e virou-se novamente na direção de Stephanie. — Talvez não tenhamos falado sobre nossas famílias porque estivéssemos embaraçados em relação às nossas infâncias. Ou talvez tenha sido uma combinação disso com nosso interesse em ciência e com a fundação da companhia.

— Talvez — disse Stephanie, sem muita convicção. Ela olhou para fora através do para-brisa. — E verdade que a vida acadêmica sempre foi meu refúgio. É claro que meu pai nunca aprovou, mas isso só aumentou minha convicção. Droga, ele achava que eu não deveria ir para a faculdade. Achava que era perda de tempo e de dinheiro. Na verdade, ele queria que eu me casasse e tivesse filhos como há cinquenta anos.

— Meu pai literalmente tinha vergonha de eu ser bom em ciências. Ele dizia para todo mundo que isto devia vir do lado da minha mãe, como se fosse uma doença genética.

— E em relação a seus irmãos e irmãs? Acontecia o mesmo com eles?

— Até certo ponto, porque meu pai era um bruto a ponto de nos culpar pelos seus fracassos. Para ele, nós éramos os responsáveis pelo desperdício de um capital que poderia ser utilizado para desenvolver seus negócios, relacionados à ideia brilhante do momento. Mas meus irmãos que se destacavam em esportes saíam-se um pouco melhor, pelo menos quando estavam na escola, porque meu pai era fanático por esportes. Porém, voltando ao seu irmão, Tony. De quem foi a ideia para que ele investisse na CURE, sua ou dele? — A voz de Daniel retomou o tom áspero de antes.

— Vamos começar a discutir novamente?

— Apenas responda à pergunta!

— Que diferença isso faz?

— Foi um erro de julgamento fatal permitir que um possível, ou pelo visto provável, mafioso investisse em nossa companhia.

— Foi uma mistura dos dois — disse Stephanie. — Ao contrário de meu pai, ele ficou interessado no que eu andava fazendo ultimamente, e eu lhe disse que a biotecnologia era uma boa área para investir uma parte do dinheiro dos restaurantes.

— Fantástico! — exclamou Daniel, sarcasticamente. — Espero que você compreenda que investidores em geral não gostam de

perder dinheiro, apesar de serem alertados sobre os riscos das empresas que estão começando. Meu palpite diz que uma atitude dessas seria muito branda para um mafioso. Você já ouviu falar das inconveniências de ter os joelhos quebrados?

— Meu Deus, ele é meu irmão! Não haverá nenhum joelho esmagado!

— Tudo bem, mas ele não é meu irmão.

— Chega a ser um insulto até mesmo sugerir uma coisa dessas — disse Stephanie, irritada. Ela virou a cabeça para olhar a janela. Geralmente, ela mantinha uma reserva de paciência para aguentar o sarcasmo, o ego e a anti-sociabilidade de Daniel, graças à admiração que tinha pelo brilho científico dele, mas neste momento, e devido aos acontecimentos daquela manhã, a paciência estava se esgotando.

— Dadas as circunstâncias, não tenho muito interesse em permanecer em Washington por mais uma noite — disse Daniel. — Acho que devíamos fazer nossas malas, pagar a conta e pegar a próxima ponte-aérea para Boston.

— Por mim, tudo bem — replicou Stephanie.

Stephanie saiu pelo seu lado do táxi enquanto Daniel pagava a corrida. Ela se dirigiu diretamente para o saguão do hotel, tendo uma vaga impressão de que Daniel a seguia de perto. Estava bastante transtornada para imaginar o que faria quando chegassem a Boston. Naquele estado emocional, a ideia de voltar para o apartamento de Daniel, em Cambridge, onde ele estava morando, não era nada animadora. A insinuação de Daniel, que sua família era bruta a ponto de ser capaz de violência física, a atormentava. Ela não tinha certeza se alguém em sua família estava envolvida em agiotagem ou alguma outra atividade suspeita, mas tinha certeza absoluta de que ninguém nunca saíra machucado.

— Dra. D'Agostino, com licença! — Um dos recepcionistas disse em voz alta.

Ouvir seu nome sendo inesperadamente chamado no meio do saguão do hotel assustou Stephanie, que imediatamente parou onde se encontrava. Daniel colidiu com ela, deixando cair a pasta que carregava.

— Jesus! — exclamou Daniel, enquanto se agachava para recolher os papéis que haviam saído da pasta. Um mensageiro o ajudou. Os papéis continham esquemas detalhados do HTSR. Ele os havia levado para audiência, pois contava com a possibilidade de ter que distribuí-los para ter certeza de que as pessoas entenderiam o procedimento. Infelizmente, não houvera oportunidade.

Assim que Daniel acabou de juntar os papéis, Stephanie já estava de volta ao seu lado vindo do balcão da portaria.

— Você devia ter me avisado que ia parar — queixou-se Daniel.

— Quem é Carol Manning? — perguntou Stephanie.

— Não tenho a mínima ideia. Por que você está perguntando?

— Há um recado urgente dela para você — Stephanie passou-lhe um pedaço de papel.

Daniel leu-o rapidamente.

— Ela está aguardando minha chamada. Diz aqui que é urgente. Como pode ser urgente se eu nem sei quem é ela?

— Qual é o código de área? — perguntou Stephanie, enquanto olhava por sobre o ombro de Daniel.

— Dois-zero-dois! — disse Daniel. — De onde é isso, você sabe?

— Claro que sei! É bem aqui, de Washington.

— Washington! — exclamou Daniel. — Bem, isto resolve tudo — ele amassou o recado, andou até o balcão da portaria e pediu para um dos funcionários arquivar o papel em algum escaninho.

Stephanie estava parada no mesmo lugar onde havia entregado o recado para Daniel. Sua cabeça estava a mil enquanto ela via Daniel caminhar em direção aos elevadores. Tomando uma decisão repentina, ela foi em direção ao balcão, pegou o recado da mão do

funcionário, que ainda o segurava enquanto atendia outro hóspede, e correu atrás de Daniel.

— Acho que você devia ligar — disse Stephanie quase sem fôlego, quando alcançou Daniel.

— É mesmo? — perguntou Daniel, com desdém. — Eu acho que não.

O elevador chegou e Daniel entrou. Stephanie seguiu-o.

— Não, acho que você devia ligar. O que você tem a perder?

— Um pouco mais da minha auto-estima — disse Daniel.

O elevador subiu. Os olhos de Daniel estavam grudados no marcador de andares. Os olhos de Stephanie estavam grudados em Daniel. As portas se abriram. Eles começaram a descer o corredor.

— Acho que reconheci o número do prefixo por ter telefonado para o gabinete do senador Ashley Butler na semana passada. Acho que o prefixo era dois-dois-quatro, e caso seja mesmo, esse telefone é do edifício do Senado.

— Mais um motivo para eu não ligar — disse Daniel. Ele abriu a porta do quarto deles e entrou. Stephanie estava bem atrás dele.

Enquanto Daniel tirava o casaco, Stephanie foi rapidamente para a sala de estar. Colocou o recado cuidadosamente sobre a escrivaninha. — É dois-dois-quatro — ela gritou para Daniel. — O urgente está sublinhado. Talvez o velho biruta tenha mudado de ideia.

— É mais provável a Lua sair da órbita do que isso acontecer — disse Daniel, juntando-se a Stephanie. —E esquisito. Que diabos de emergência poderia ser? No princípio achei que fosse da imprensa, mas não deve ser, já que é uma ligação do edifício do Senado. Você sabe que eu não me importo. Cooperar com alguém que não tenha nada a ver com o Senado americano não é uma das minhas prioridades neste momento.

— Ligue! Você pode se prejudicar a troco de nada. Se você não ligar, eu ligo. Vou fingir que sou sua secretária.

— Uma secretária, você? Que interessante! Tudo bem, então ligue!

— Vou usar o viva-voz para que você possa escutar.

— Ótimo — disse Daniel, sarcasticamente. Ele esparramou-se no sofá, encostando sua cabeça num dos braços do móvel e os pés no outro.

Stephanie discou. O telefone tocou somente uma vez antes de a ligação ser atendida. Uma voz feminina decidida disse "alô" como se estivesse aguardando o telefonema ansiosamente.

— Estou ligando em nome do Dr. Daniel Lowell — disse Stephanie. Ela encarou Daniel. — É Carol Manning quem está falando?

— É ela. Obrigado por retomar a ligação. É extremamente importante que eu fale com o doutor antes que ele feche a conta do hotel. Ele pode atender?

— Posso perguntar o motivo da ligação?

— Sou a chefe de gabinete do senador Ashley Butler — começou Carol. — Você deve ter me visto esta manhã. Eu estava sentada atrás do senador.

Daniel rapidamente passou o dedo indicador pela garganta, sinalizando para Stephanie desligar. Stephanie ignorou-o.

— Preciso fala com o doutor — prosseguiu Carol. — Como eu disse, é extremamente importante.

Adicionando uma careta de irritado, Daniel novamente fez com o dedo o gesto de cortar a garganta. Ele repetiu-o quando Stephanie hesitou.

Ela fez um gesto para que ele parasse com as caretas. Ficou claro que Daniel não falaria com Carol Manning, mas ela não queria desligar.

— O doutor está? — perguntou Carol.

— Ele está aqui, mas está indisposto neste momento.

Daniel revirou os olhos.

— Posso saber com quem estou falando? — perguntou Carol. Stephanie hesitou novamente, enquanto pensava no que dizer, levando em conta que tinha dito para Daniel que fingiria ser sua secretária. Pensando no ridículo da situação, agora que estava no telefone, ela finalmente disse o seu nome.

— Ah, ótimo! — respondeu Carol. — Pelo que entendi assistindo ao testemunho do Dr. Lowell, você é uma colaboradora. Posso lhe perguntar se a sua colaboração é próxima, ou mesmo íntima?

Um leve sorriso surgiu no rosto de Stephanie. Ela olhou brevemente para o aparelho telefônico como se este pudesse dizer por que Carol Manning estava deixando de lado a etiqueta e fazendo uma pergunta dessas. Sob circunstâncias normais, essa pergunta teria irritado Stephanie. Neste momento, isso só aumentava a curiosidade dela.

— Não quero ser inconveniente — acrescentou Carol, como se pressentisse a resposta de Stephanie. — Isso é muito constrangedor, mas disseram-me que vocês estão hospedados na mesma suíte. Espero que você compreenda que minha intenção não é invadir a sua privacidade, mas ser o mais discreta possível. Veja bem, o senador quer arranjar um encontro secreto com o Dr. Lowell, e isso não é fácil nesta cidade, considerando-se a posição e a notoriedade do senador.

O queixo de Stephanie foi caindo lentamente, enquanto ouvia aquele pedido surpreendente. Até mesmo Daniel tirou os pés do braço do sofá e levantou-se.

— Eu tinha esperança — continuou Carol — de poder dar esse recado diretamente ao Dr. Lowell, para que somente o senador, o doutor e eu soubéssemos desse encontro. Obviamente, isso não é mais possível. Espero que possamos confiar em sua discrição, Dra. D'Agostino.

— O Dr. Lowell e eu trabalhamos rigorosamente em conjunto — disse Carol. — Você sem dúvida pode contar com a minha discrição

— ela gesticulou freneticamente para ver se Daniel gostaria de participar da conversação, agora que esta tinha dado uma volta inesperada. Daniel fez que não com a cabeça, mas fez um gesto para que ela prosseguisse.

— Esperamos que o encontro possa ser marcado para esta noite — disse Carol.

— O que devo dizer ao Dr. Lowell sobre o motivo do encontro?

— Não posso lhe contar.

— Se você não me contar nós vamos ter um problema — disse Stephanie. — Eu sei que o Dr. Lowell não ficou nada satisfeito com o que aconteceu na audiência desta manhã. Acho que ele só vai querer encontrar o senador se tiver alguma ideia que isso vai ser do interesse dele — Stephanie olhou para Daniel. Ele fez um gesto com o polegar para cima, indicando que aprovava a forma como ela estava lidando com a situação.

— Isso é um pouco difícil — disse Carol. — Embora eu seja a chefe de gabinete do senador e normalmente saiba tudo o que se passa nesse escritório, não tenho a menor ideia do motivo pelo qual o senador esteja querendo encontrar o doutor. O senador ressaltou que, embora o Dr. Lowell tenha ficado irritado com os eventos de hoje, ele deveria esperar para tirar conclusões sobre o PL-S n° 1.103 depois que eles se encontrassem.

— Isso é um pouco vago — disse Stephanie.

— Isso é o máximo que posso lhe dizer, levando em conta as informações de que disponho. Ainda assim, eu insisto para que o doutor encontre o senador. Meu palpite é que isso vai ser vantajoso para o doutor. Não consigo pensar em nenhum outro motivo para esse encontro. Posso acrescentar que isso não é comum. Trabalho com o senador há dezesseis anos.

— Onde se realizaria esse encontro?

— O lugar mais seguro seria num carro em movimento.

— Isso está parecendo um tanto melodramático.

— O senador insistiu no sigilo absoluto do encontro e, como eu disse, isso não é nada fácil nesta cidade.

— Quem estaria dirigindo este carro?

— Eu mesma.

— Caso esse encontro se realize, vou insistir para que eu também esteja presente.

Daniel revirou os olhos novamente.

— Já que lhe contei sobre o encontro, presumo que isso seja aceitável, mas para que eu tenha certeza absoluta vai ser necessário falar com o senador.

— Posso supor que você virá ao hotel nos apanhar?

— Receio que isso não seja aconselhável. O plano mais seguro seria você e o Dr. Lowell pegarem um táxi até a Estação Union. Exatamente às nove em ponto eu passarei num Chevrolet Suburban preto, com vidros escuros e a placa GDF471, de Washington. Vou parar junto à calçada do outro lado da rua, em frente à estação. Deixarei o número do meu celular para o caso de haver algum problema.

Stephanie anotou o número ditado por Carol.

— O senador pode contar com a presença do Dr. Lowell?

— Vou transmitir esse recado para o Dr. Lowell exatamente como você me passou.

— Isso é tudo que espero — disse Carol. — Entretanto, gostaria de enfatizar, mais uma vez, o quanto isso é importante para o senador e para o Dr. Lowell. O senador usou exatamente estas palavras.

Stephanie agradeceu à mulher e disse que ligaria de volta em quinze minutos, depois, desligou. Ela olhou para Daniel.

— Esse é um dos episódios mais bizarros em que já me envolvi — disse ela, quebrando um breve silêncio. — O que você decide?

— Que diabos esse velho esquisito tem em mente?

— Temo que só haja um modo de descobrir.

— Você acha mesmo que eu devo ir?

— Vamos ver as coisas da seguinte forma — disse Stephanie: — acho que você seria um idiota se não fosse a esse encontro. Como o encontro vai ser secreto, você nem mesmo deve se preocupar em baixar um pouco mais a sua auto-estima, a menos que você se importe com o que Ashley Butler pense a seu respeito. E sabendo o que você pensa a respeito dele, acho que não é o caso.

— Você acreditou em Carol Manning quando ela disse que não sabia o motivo do encontro?

— Acreditei. Percebi algum ressentimento quando ela disse isso. Meu palpite é que o senador tem algo tão estranho a oferecer que ele não quis dividir nem mesmo com a sua auxiliar mais importante.

— Tudo bem, — disse Daniel, com uma certa relutância. — Ligue para ela e diga que estarei na Estação Union, às nove.

— Que nós estaremos na Estação Union — disse Stephanie. — Exatamente como eu disse para a Srta. Manning. Insisto para ir também.

— Por que não — disse Daniel. — Podemos fazer disso uma festa.

4

20h15, quinta-feira, 21 de fevereiro de 2002

Enquanto parava em frente à entrada da garagem da casa modesta do senador em Arlington, Virgínia, Carol teve a impressão que todas as luzes da casa estavam acesas. Ela olhou para o seu relógio. Com a lentidão do tráfego em Washington, não seria uma das coisas mais fáceis do mundo conseguir chegar à Estação Union às nove em ponto. Ela tinha esperança de ter calculado os horários corretamente, embora as coisas não tivessem começado bem. Havia levado dez minutos a mais do que tinha planejado para chegar à casa de Ashley, vindo do apartamento dela em Foggy Bottom. Por sorte, ela havia incluído uma margem de segurança de quinze minutos no seu planejamento.

Deixando o motor ligado e puxando o freio de mão, Carol preparou-se para sair do veículo. Mas não foi necessário expor-se ao frio chuvisco que caía. A porta da frente foi aberta e o senador apareceu. Atrás dele estava sua corpulenta esposa, com quem ele estava casado há quarenta anos, e que parecia ser o exemplo da solidez doméstica. Ela vestia um avental branco, com franjas de renda, sobre um vestido simples estampado. Sob a proteção do pórtico e aparentemente seguindo ordens de sua esposa, ele lutava

para abrir um guarda-chuva. O que havia começado, naquele dia, como uma nevasca, tinha se transformado numa chuva forte.

Com o rosto escondido embaixo do guarda-chuva preto, Ashley começou a descer os degraus em frente à sua casa. Ele movia-se deliberadamente de forma lenta, dando a Carol um momento para observar aquele homem robusto, levemente curvado, que em outra vida poderia ter sido um fazendeiro ou até mesmo um metalúrgico. Para Carol, a aproximação de seu chefe não era uma das visões mais animadoras. Havia algo nitidamente deprimente e patético naquela cena. O ar enevoado com uma coloração sépia contribuía para isso, assim como o monótono vaivém dos limpadores de para-brisa à medida que traçavam seus repetidos arcos sobre o vidro molhado. Mas para Carol importava mais o que ela sabia do que o que via. Ali estava um homem que ela respeitara quase que a ponto de reverenciá-lo, para quem ela havia feito incontáveis sacrifícios por mais de uma década, mas que agora se tomara imprevisível e, ocasionalmente, até mesmo malicioso. Apesar de todos os esforços junto ao senador durante todo o dia, ela ainda não tinha ideia do motivo pelo qual ele insistira no iminente encontro clandestino e politicamente arriscado com o Dr. Lowell, e devido à insistência em seu caráter sigiloso, ela não pôde falar com ninguém mais a respeito disso. Para piorar as coisas, ela tinha sensação de que Ashley havia mantido silêncio sobre o motivo do encontro por puro despeito, somente porque sabia instintivamente o quão desesperada ela ficaria para sabê-lo. Ao longo do ano anterior, graças a um grande número de comentários sarcásticos sem motivo, ela percebeu que ele invejava a relativa juventude e a boa saúde dela.

Carol observou Ashley parar no último degrau para ajustar-se ao chão plano. Por um momento, ele parecia congelado no mesmo lugar, numa metáfora de sua teimosia obstinada, uma qualidade que Carol havia admirado quando esta relacionava-se às suas crenças políticas populistas, mas que agora a irritava. No passado, ele lutara

pelo poder para impor sua linha conservadora, mas, neste momento, ele parecia que lutava pelo poder apenas pelo poder, como se estivesse viciado nele. Ela sempre o tinha visto como um grande homem, alguém que sempre soubera o momento de ceder, mas agora ela não tinha mais tanta confiança.

Ashley começou a andar lentamente; com seu casaco preto, ombros arredondados e os pequenos passos arrastados, ele lembrava, na visão de Carol, a imagem de um pinguim de grandes dimensões. Ele ganhava velocidade enquanto se movia. Carol esperava que ele desse a volta e se dirigisse para o banco do carona do carro, mas em vez disso ele abriu a porta traseira diretamente atrás dela. Ela pôde sentir o carro balançar suavemente, enquanto ele entrava. A porta foi fechada com um estrondo. Ela ouviu o guarda-chuva cair no chão.

Carol virou-se para trás. Ashley ajeitou-se no banco. Na luz sombria do interior do carro, seu rosto parecia pálido, quase fantasmagórico, e seus traços grosseiros desapareciam numa pasta que lembrava a massa ema de um pedaço de pão. Seus escassos cabelos grisalhos, que normalmente sabiam o seu lugar, estavam ressecados como um bloco de palha de aço. As lentes dos seus óculos de armação grossa refletiam estranhamente as luzes de sua casa.

— Você está atrasada — queixou-se Ashley, sem nenhum traço do seu sotaque sulista.

— Desculpe-me — respondeu Carol, por puro reflexo. Ela sempre estava se desculpando. — Mas acho que temos tempo suficiente. Devemos conversar antes de voltarmos para a cidade?

— Dirija! — ordenou Ashley.

Carol sentiu uma onda de raiva tomar conta dela. Mas segurou a língua, sabendo muito bem quais seriam as consequências caso expressasse seus sentimentos. Ashley tinha uma memória de elefante, capaz de reter qualquer deslize, e a crueldade de suas

vinganças era lendária. Carol engrenou o espaçoso Suburban e deu ré.

O trajeto era simples, passando na maior parte do caminho por ruas internas. Carol seguiu até a estrada 395 com grande facilidade, encontrando a maioria dos sinais verdes. Na via principal, ficou contente por encontrar menos tráfego do que havia quinze minutos mais cedo e pôde acelerar até o limite de velocidade permitido. Percebendo que seu cálculo de tempo estava correto, ela relaxou um pouco, mas assim que se aproximaram do rio Potomac, um jato comercial, decolando do Aeroporto Internacional Ronald Reagan, passou com um grande estrondo sobre o carro. Para Carol, ressoou como se ele estivesse a apenas vinte metros acima deles. Do jeito que estava tensa, o súbito e ressonante barulho assustou-a a ponto de fazer com que o carro desse uma guinada momentânea.

— Se eu não estivesse bem informado — disse Ashley, voltando a falar com a típica fala arrastada sulista, e pela primeira vez claramente, desde que tinha dado rispidamente a ordem para dirigir —, eu poderia jurar pela memória da minha mãe que o piloto passa por cima da estrada a esta altura, fazendo essa turbulência, de propósito. Você está com controle total deste veículo, minha querida?

— Está tudo bem — disse Carol, secamente. Naquele momento, o sotaque teatral de Ashley estava irritando-a, ainda mais porque sabia da facilidade com que ele podia ligá-lo ou desligá-lo.

— Estive dando uma olhada no dossiê que você e o resto do pessoal reuniu sobre o bom doutor — disse Ashley, depois de uma rápida pausa. — Na verdade, eu quase o decorei. Tenho que agradecer a você e aos outros. Vocês fizeram um grande trabalho. Acredito que agora sei mais sobre aquele rapaz do que ele mesmo.

Carol concordou com a cabeça mas não respondeu. O silêncio permaneceu até eles entrarem no túnel que percorre toda a extensão do Washington Mali, sob o gramado.

— Sei que você está insatisfeita e zangada comigo — disse Ashley repentinamente. — E eu sei por quê.

Carol olhou para ele novamente. Estava estupefata. Uma admissão dessas era totalmente alheia ao caráter dele. Ele nunca havia sugerido que sabia ou se preocupava com o que Carol estava sentindo. Sob esse aspecto, isso era mais uma prova da sua atual imprevisibilidade, e ela não sabia exatamente o que dizer.

— Isto me lembra uma vez que minha mãe ficou zangada comigo — disse Ashley, agora acrescentando ao sotaque um tom anedótico no modo de falar. Carol gemeu interiormente. Era um maneirismo que ela achava igualmente irritante. — Isso foi no tempo em que eu linda usava calças curtas. Resolvi ir pescar sozinho num rio, que ficava a mais de um quilômetro de nossa casa, onde diziam que havia bagres do tamanho de tatus. Saí antes do amanhecer, antes que qualquer um se mexesse, e deixei minha mãe bastante preocupada. Quando voltei para casa, ela estava à beira de um ataque dos nervos e agarrou-me pelo cangote perguntando-me por que eu não pedira permissão para sair numa aventura tão imprudente para alguém da minha idade. Disse-lhe que não tinha pedido permissão porque sabia que ela diria não. Bem, querida Carol, trata-se de uma situação parecida com a que envolve esse iminente encontro com o doutor. Conheço-a suficientemente bem para saber que você tentaria convencer-me a desistir da minha ideia, mas já estou decidido.

— Eu só tentaria convencê-lo a mudar de ideia se fosse para o seu bem — respondeu Carol.

— Há momentos em que sua competitividade é absolutamente transparente, minha querida. Muitas pessoas não acreditariam nas suas reais motivações, considerando sua aparente devoção altruísta, mas eu a conheço bem.

Carol engoliu em seco por puro nervosismo. Ela não sabia bem o que fazer em relação ao bizarro comentário de Ashley, mas sabia que não devia prosseguir na direção do que estava sendo insinuado, o

que indicava que ele pressentia suas ambições indizíveis. Em vez disso, ela perguntou:

— Você pelo menos discutiu o encontro com Phil para certificar-se de suas possíveis ramificações políticas?

— Céus, não! Não discuti o encontro com ninguém, nem mesmo com minha mulher, abençoada seja a alma dela. Você, os doutores e eu somos as únicas pessoas que sabemos desse encontro.

Carol saiu da autoestrada e seguiu em direção à Avenida Massachusetts. Estava aliviada por estarem aproximando-se da Estação Union, o que impediria que a conversação retomasse ao tópico dos objetivos tácitos dela. Ela olhou para o seu relógio. Eram quinze para as nove.

— Vamos chegar um pouquinho adiantados — disse ela.

— Então dê uma pequena volta — sugeriu Ashley. — Prefiro chegar na hora exata. Isso servirá para dar o tom correto ao encontro.

Carol virou à direita na North Capital e à esquerda na rua D. Esta era uma região familiar devido ao edifício de escritórios do Senado.

No momento em que ela estava voltando para a Estação Union, faltavam três minutos para as nove. Quando ela parou em frente à estação eram nove em ponto.

— Lá estão eles — disse Ashley, apontando sobre o ombro de Carol. Daniel e Stephanie estavam espremidos debaixo de um guarda-chuva do hotel Four Seasons. Eles se destacavam na multidão porque estavam parados. Todas as outras pessoas apressavam-se em busca de abrigo, ou na estação ou em algum dos táxis parados.

Carol piscou os faróis altos para chamar a atenção deles.

— Não há motivo para fazer uma cena — resmungou Ashley. — Eles já nos viram.

Daniel pôde ser visto consultando seu relógio, antes de caminhar em direção ao Suburban, com Stephanie segurando seu braço. Foram

até a janela de Carol. Ela abaixou o vidro.

— Srta. Manning? — perguntou abruptamente Daniel.

— Estou no banco de trás, doutor! — chamou Ashley, antes que Carol pudesse responder. — Que tal você juntar-se a mim aqui atrás e sua encantadora colaboradora sentar-se com Carol, no banco da frente.

Daniel deu de ombros, enquanto ele e Stephanie davam a volta pelo carro. Ele segurou o guarda-chuva para que Stephanie entrasse no carro e depois fez o mesmo.

— Bem-vindos! — sorriu Ashley exultante, enquanto esticava uma de suas grandes mãos. — Obrigado por terem vindo numa terrível noite chuvosa.

Daniel viu a mão de Ashley, mas não fez o menor movimento para segurá-la.

— O que tem em mente, senador?

— Eis um verdadeiro nortista — disse Ashley animadamente, enquanto recolhia sua mão, aparentemente não se deixando ofender com a recusa de Daniel em cumprimentá-lo. — Sempre prontos para irem direto ao assunto sem perder tempo com os refinamentos da vida. Bem, que seja assim. Haverá tempo para um aperto de mãos mais tarde. Por enquanto, minha intenção é que nós possamos nos conhecer. Veja bem, estou muito interessado nos seus talentos como esculápio.

— Para onde, senador? — perguntou Carol, enquanto olhava para Ashley pelo espelho retrovisor.

— Por que não levamos os bons doutores em um tour pela nossa bela cidade? — sugeriu Ashley. — Siga em direção a Tidal Basin para que eles possam admirar o memorial mais elegante de nossa cidade.

Carol engrenou o carro e seguiu para o sul pela Rua Primeira. Carol e Stephanie trocaram um rápido olhar de reconhecimento.

— Aqui à direita está o Capitólio — disse Ashley, apontando. — E à nossa esquerda estão a Suprema Corte, cuja arquitetura eu pessoalmente adoro, e a Biblioteca do Congresso.

— Senador — disse Daniel. — Com todo o devido respeito, que receio que não seja muito, não estou interessado em fazer um tour pela cidade, nem estou interessado em conhecê-lo melhor, especialmente depois da falsa audiência que o senhor nos infligiu esta manhã.

— Meu caro, caríssimo amigo... — começou Ashley, depois de um breve silêncio.

— Que tal acabar com essa baboseira sulista? — interveio Daniel, com desdém. — E para que conste dos arquivos, eu não sou seu amigo. Muito menos seu "caro amigo".

— Doutor, com todo o respeito, e digo isto com sinceridade, o senhor presta um grande desserviço ao senhor mesmo ao entregar-se a tal atrevimento. Se você me permite dar-lhe um pequeno conselho: o senhor prejudica sua própria causa quando deixa que suas emoções dominem seu considerável intelecto, como ocorreu esta manhã. Apesar da sua animosidade devidamente expressada em relação a mim, gostaria de negociar com o senhor de homem para homem, ou melhor, nas bases de cavalheiro para cavalheiro, sobre um assunto muito importante e delicado. Cada um de nós tem algo que o outro deseja. Para que esses desejos se realizem, cada um de nós terá que fazer uma coisa que preferiria não fazer.

— O senhor está falando de forma enigmática — grunhiu Daniel.

— Talvez esteja — admitiu Ashley. — O senhor está interessado? Só prosseguirei se estiver convencido do seu interesse.

Ashley ouviu Daniel bufar impacientemente e, pela linguagem corporal, imaginou que o médico tivesse revirado os olhos, mas ele não podia ter certeza por causa da escuridão no interior do carro. Ashley aguardava enquanto Daniel olhava através da janela para os edifícios do complexo de museus Smithsonian.

— Basta admitir que seu interesse não vai comprometê-lo ou colocá-lo em qualquer espécie de perigo — disse Ashley. — Nenhuma outra pessoa além daquelas que se encontram neste veículo sabe que estamos conversando esta noite, a não ser que o senhor tenha comentado com alguém.

— Teria vergonha de comentar com alguém.

— Prefiro ficar imune às suas grosserias, doutor, da mesma forma que fiquei imune esta manhã à descortesia dos seus trajes, à sua linguagem corporal desdenhosa e à seus ataques verbais contra a minha pessoa. Como um cavalheiro, eu poderia sentir-me insultado, mas não me sinto. Portanto, economize sua saliva! O que estou querendo saber é se o senhor está interessado em negociar.

— O que exatamente eu estaria negociando?

— A viabilidade da sua jovem empresa, sua atual carreira, sua oportunidade de tomar-se célebre e, talvez o mais importante, uma forma de evitar o fracasso. Tenho motivos para crer que fracassar é um anátema pessoal para o senhor.

Daniel olhou para Ashley na meia-luz. Ashley podia sentir a intensidade dos olhos do médico, apesar de não conseguir enxergar os detalhes. Isso fez com que o senador ficasse confiante de que estava chegando perto do âmago daquele homem.

— O senhor acredita que eu seja particularmente avesso ao fracasso? — perguntou Daniel, num tom de voz menos sarcástico do que antes.

- Sem dúvida — retrucou Ashley. — O senhor é uma pessoa extremamente competitiva, algo que, combinado com seu intelecto, tem sido a força motriz do seu sucesso. E pessoas extremamente competitivas não gostam de fracassar, especialmente quando parte da motivação delas é fugir do próprio passado. O senhor se saiu muito bem e seguiu um longo caminho desde Revere, Massachusetts. Entretanto seu maior pesadelo envolve uma derrocada que o levaria de volta às raízes de sua infância.

Considerando suas credenciais, não se trata de uma preocupação racional, mas mesmo assim o assusta. Daniel deu uma risada curta e desanimada.

— Como o senhor chegou a essa teoria tão ridiculamente bizarra? — perguntou ele.

— Eu sei muito a seu respeito, meu amigo. Meu pai sempre me disse que conhecimento é poder. E como estamos negociando, fiz questão de valer-me de meus consideráveis recursos, o que inclui contatos no FBI, para saber tudo que fosse possível sobre o senhor e sobre a sua nova empresa. Na verdade, não é só sobre o senhor que fiquei sabendo, sei também sobre várias gerações da sua família.

— O senhor fez com que o FBI me investigasse? — indagou Daniel, incisivo. — Não sei se acredito no senhor.

— Mas deveria! Deixe-me apresentar-lhe os pontos altos do que se revelou como sendo uma história das mais interessantes. Antes de mais nada, o senhor é parente direto da célebre família Lowell, da Nova Inglaterra, mencionada na famosa descrição da sociedade de Boston onde os Lowell só falavam com os Cabot e os Cabot só falavam com Deus. Ou seria o contrário? Carol, você pode ajudar-me neste ponto?

— O senhor contou de forma correta, senador — disse Carol.

— Fico aliviado — disse Ashley. — Não gostaria de prejudicar a credibilidade do meu discurso logo no princípio. Infelizmente, doutor, ser parente dos famosos Lowell nunca o ajudou. Parece que seu avô alcoólatra foi repudiado e, pior ainda, deserdado depois de desafiar a vontades da família, primeiro ao largar a escola particular para alistar-se no exército como soldado de infantaria na Primeira Guerra, e depois ao se casar com uma plebeia de Medford após dar baixa. Parece que durante o serviço na Europa ele teve uma experiência tão devastadora que ficou psicologicamente incapaz de reintegrar-se à alta sociedade. Isto, naturalmente, gerou um forte contraste com seus irmãos e irmãs que não foram à guerra e

puderam aproveitar os excessos dos festivos anos vinte; e que mesmo correndo o risco de tomarem-se alcoólatras, pelo menos terminaram seus estudos e casaram-se com esposas socialmente aceitáveis.

— Senador, não estou achando isso divertido. O senhor poderia ir diretamente ao assunto?

— Tenha paciência, meu amigo — disse Ashley. — Deixe-me trazer a história para o presente. Parece que seu avô alcoólatra também não era especialmente um bom pai ou um modelo para seus dez filhos, um dos quais era seu pai. O ditado "Tal pai, tal filho" certamente é aplicável a seu pai, que sofreu servindo na Segunda Guerra. Embora evitasse o alcoolismo durante a maior parte do tempo, ele dificilmente foi um bom pai ou um modelo para suas nove crianças, como estou certo de que você concordaria. Felizmente, com a sua competitividade, intelecto e a oportunidade de evitar uma experiência de guerra no Vietnã, você conseguiu quebrar essa espiral descendente que atingiu duas gerações da sua família, mas não sem algumas cicatrizes.

— Senador, pela última vez. A menos que o senhor me diga claramente o que tem em mente, vou insistir para que sejamos levados de volta para o hotel.

— Mas eu o avisei — comentou Ashley. — Assim que o senhor entrou no carro.

— Seria melhor que o senhor repetisse para mim — zombou Daniel. — Aparentemente foi algo tão sutil que me escapou por completo.

— Disse-lhe que estava interessado em seus talentos como esculápio.

— Evocar o Deus romano da medicina ainda faz disso um enigma para o qual eu não tenho paciência. Vamos ser específicos, especialmente depois que o senhor disse que isso seria uma negociação.

— Falando especificamente: quero contratar seus poderes como médico, utilizando-me de meus poderes como político.

— Sou um pesquisador, não um médico praticante.

— Mas ainda assim é um médico, e suas pesquisas são direcionadas para curar pessoas.

— Prossiga.

— O que estou para contar-lhe é o principal motivo pelo qual estamos aqui conversando. Mas tenho que ter sua palavra de cavalheiro de que tudo que vou contar-lhe permanecerá confidencial, independentemente do resultado deste encontro.

— Se for algo estritamente pessoal, não terei problema em guardar segredo.

— Excelente! E a senhora, Dra. D'Agostino! Também tenho a sua palavra?

— Sem dúvida — gaguejou Stephanie, surpresa ao ser repentinamente chamada. Ela estava virada em seu assento, olhando para os homens sentados atrás. Estava nessa posição desde que o senador começara a falar sobre o medo de Daniel em fracassar.

Carol estava tendo dificuldades para dirigir e havia reduzido a velocidade consideravelmente. Hipnotizada com a conversa que se desenrolava no banco de trás, seus olhos estavam fixados mais na imagem de Ashley, no espelho retrovisor, do que no caminho. Suspeitando agora qual era o plano de Ashley, ela tinha certeza que sabia o que o senador estava prestes a dizer. Ela estava horrorizada.

Ashley pigarreou.

— Infelizmente, fui diagnosticado com doença de Parkinson. Para tomar as coisas ainda piores, meu neurologista acha que sofro de uma variação rapidamente progressiva, e este parece ser o caso. Em minha última consulta, ele chegou a aventar a possibilidade de a doença logo afetar minhas habilidades cognitivas.

Por alguns instantes houve um silêncio absoluto no carro.

— Há quanto tempo o senhor sabe disso? — perguntou Daniel. — Não notei nenhum tremor.

— Há mais ou menos um ano. O remédio tem ajudado, mas como meu neurologista previu, está perdendo a eficácia rapidamente. Assim, minha enfermidade logo vai tomar-se de conhecimento público, a menos que algo seja feito, e logo. Receio que minha carreira política esteja em jogo.

— Espero que essa charada toda não esteja caminhando para onde penso que está indo — comentou Daniel.

— Imagino que sim — admitiu Ashley. — Doutor, quero ser sua cobaia, ou, mais precisamente, seu rato substituto. O senhor tem tido sorte com seus camundongos, como afirmou orgulhosamente esta manhã.

Daniel balançou a cabeça.

— Isso é absurdo! O senhor quer que eu o trate da mesma forma que tratei nossos ratos.

— Precisamente, doutor. Bem, sei que você não gostaria de fazer isso por uma série de motivos e este é o motivo pelo qual esta discussão é uma negociação.

— Isso seria contra a lei — disse Stephanie abruptamente. — O Ministério da Saúde jamais permitiria.

— Não há a menor intenção de comunicar ao Ministério da Saúde — disse Ashley, calmamente. — Sei bem como às vezes eles podem ser intrometidos.

— Isto teria que ser feito em um hospital — disse Stephanie. — E sem a aprovação do Ministério da Saúde, nenhum hospital consentiria.

— Nenhum hospital neste país — acrescentou Ashley. — Na verdade, eu estava pensando nas Bahamas. É uma excelente época do ano para ir para as Bahamas. Além disso, há uma clínica lá que serviria otimamente para as nossas necessidades. Seis meses atrás, minha Subcomissão de Política da Saúde presidiu uma série de

audiências sobre a inconveniente falta de regulamentação, naquele país, para as clínicas de tratamento da infertilidade. O nome de uma clínica, Wingate, surgiu durante as audiências como sendo um exemplo de como essas clínicas ignoram padrões mínimos para obterem lucros enormes. A Clínica Wingate mudou-se recentemente para a ilha de New Providence, para evitar as poucas leis aplicáveis ao seu funcionamento, que inclui várias práticas extremamente questionáveis. Mas o que particularmente chamou minha atenção foi o fato de que eles estavam construindo um centro de pesquisas e um hospital projetados para o século XXI.

— Senador, há razões para que a pesquisa médica seja feita em animais antes de serem levadas para seres humanos. Fazer de outra forma é, na melhor das hipóteses, ilegal e, na pior delas, insensato. Não posso tomar parte nesse empreendimento.

— Eu sabia que o senhor não ficaria animado com a ideia no início — disse Ashley. — Novamente, esse é o motivo pelo qual isso é uma negociação. Veja bem, estou disposto a dar minha palavra de cavalheiro que o meu Projeto de Lei n° 1.103 nunca vai deixar minha subcomissão se o senhor concordar em tratar de mim com o seu HTSR, sob total sigilo. Isso significa que a segunda rodada de financiamentos vai ocorrer e que sua empresa vai para a frente, tornando o senhor o empreendedor rico e famoso, no campo da biotecnologia, que o senhor deseja ser. Quanto a mim, meu poder político ainda é ascendente e permanecerá sendo, desde que essa ameaça de Parkinson seja eliminada. Logo... como consequência de cada um de nós fazer algo que preferiríamos não fazer, os dois sairiam ganhando.

— O que o senhor faria que não desejaria fazer? — perguntou Daniel.

— Estou aceitando o risco de ser uma cobaia — comentou Ashley. — Sou o primeiro a ter de admitir que gostaria que estivéssemos em papéis trocados, mas a vida é assim. Também corro

o risco político de desagradar meus eleitores conservadores que esperam que o PL-S n° 1.103 seja aprovado pela subcomissão.

Daniel balançou a cabeça surpreso.

— Isso é ridículo — comentou ele.

— Ainda há mais — disse Ashley. — Sabendo do grau de risco que estarei correndo ao submeter-me a essa nova terapia, não me parece que nossa troca de serviços seja igual. Para compensar esse desequilíbrio e para diminuir o risco, exigirei uma intervenção divina.

— Não tenho coragem de perguntar o que o senhor quer dizer com intervenção divina.

— Pelo que compreendi, se o senhor vai me tratar com o seu HTSR, vai precisar de um segmento de DNA de alguém que não tenha doença de Parkinson.

— Correto, mas não importa quem seja a pessoa. Não há risco de rejeição envolvido, como ocorre no transplante de órgãos.

— Mas eu me importo com a escolha da pessoa — disse Ashley. — Também entendi que o senhor pode recolher esse pequeno segmento de DNA do sangue?

— Não posso recolhê-lo das células vermelhas do sangue, que não têm núcleo — disse Daniel. — Mas posso recolhê-lo das células brancas, que sempre podem ser encontradas no sangue. Portanto, a resposta é afirmativa: posso retirá-lo do sangue.

— Louvado seja Deus pelas células brancas do sangue — disse Ashley. — Bem, a origem do sangue foi o que chamou minha atenção. Meu pai era um pastor batista, mas minha mãe era uma católica irlandesa. Ela ensinou-me algumas coisas que guardei comigo por toda a minha vida. Deixe-me lhe fazer uma pergunta: você já ouviu falar no Sudário de Turim?

Daniel olhou para Stephanie. Um pequeno sorriso de descrença surgiu em seu rosto.

— Fui educada como católica — disse Stephanie. — Estou familiarizada com o Sudário de Turim.

— Também sei o que é isto — disse Daniel. — É uma relíquia religiosa. Supostamente era a mortalha de Jesus Cristo, mas foi provado, há cerca de cinco anos, que era uma falsificação.

— É verdade — disse Stephanie. — Mas foi há mais de dez anos. Provaram com a datação por carbono que a peça era de meados do século XIII.

— Eu não tenho interesse no relatório sobre a datação por carbono — disse Ashley. — Especialmente depois que ele foi contestado por alguns cientistas eminentes. Mesmo se o relatório não tivesse sido contestado, meu interesse seria o mesmo. O sudário tinha um lugar especial no coração de mamãe, e parte dessa devoção foi passada para mim quando ela me levou, com dois de meus irmãos, a Turim, para estar perto dele quando eu ainda não passava de um garotinho impressionável. Deixando de lado as preocupações com a autenticidade, não há controvérsias quanto à existência de manchas de sangue no tecido. A maioria dos pesquisadores concorda sobre isso. Eu quero que a pequena porção de DNA necessária para o HTSR venha do Sudário de Turim. Esta é minha exigência e minha oferta. Daniel riu com escárnio.

— Isso é mais do que ridículo. É loucura. Além disso, como eu conseguiria uma amostra de sangue do Sudário de Turim?

— Isso é responsabilidade sua, doutor — disse Ashley. — Mas estou disposto e sou capaz de ajudar. Tenho certeza de que obterei detalhes sobre o acesso ao sudário com um dos arcebispos que conheço, pois eles estão sempre dispostos a trocar favores por consideração política especial. Por acaso, sei que existem amostras do sudário contendo manchas de sangue que foram retiradas, analisadas e depois devolvidas à Igreja. Talvez uma dessas possa estar disponível, mas você terá que ir lá pegá-la.

— Não sei o que dizer — admitiu Daniel, tentando esconder sua surpresa.

— É perfeitamente compreensível — disse Ashley. — Tenho certeza de que essa oportunidade que estou propondo pegou vocês de surpresa. Não espero que respondam imediatamente. Sendo um homem de reflexão, esperava que o senhor fosse querer pensar sobre isso tudo. Minha sugestão é que telefone para um número especial que vou lhe dar. Mas gostaria de avisar que, caso eu não tenha notícias suas até as dez da manhã de amanhã, vou presumir que você preferiu não aceitar minha proposta. Às dez horas, darei ordens para que meus assessores marquem uma data para que a subcomissão vote o PL-S n° 1.103 tão logo seja possível, dessa forma ele será encaminhado para a comissão plena e depois para o Senado. E estou sabendo que o lobby da BIO já lhe comunicou que o PL-S n° 1.103 passará com facilidade.

5

22h05, quinta-feira, 21 de fevereiro de 2002

Antes de desaparecerem totalmente no brilho indeterminado da noite, as luzes das lanternas traseiras do Suburban de Carol Manning foram sumindo lentamente, à medida que o veículo descia a avenida Louisiana, em direção ao tráfego movimentado. Stephanie e Daniel ficaram olhando para elas até que não fossem mais distinguíveis, para então trocarem um olhar. Seus narizes estavam separados por centímetros, visto que seus corpos estavam espremidos debaixo do guarda-chuva. Encontravam-se novamente parados, na calçada em frente à Estação Union, exatamente como estavam uma hora atrás, quando esperavam pelo senador. Naquele momento, estavam curiosos por antecipação. Agora, estavam perplexos.

— Amanhã de manhã, vou jurar que isso tudo não passou de um delírio — disse Stephanie, sacudindo a cabeça.

— Havia mesmo algo de irreal nisso tudo — admitiu Daniel.

— Bizarro é um adjetivo melhor.

Daniel abaixou os olhos em direção ao cartão de visitas do senador, que segurava com sua mão livre. Ele virou-o. Escrito com a caligrafia desajeitada do senador, havia um número de telefone

celular para contatá-lo diretamente nas próximas doze horas. Daniel olhava para o número como se tentasse decorá-lo.

Uma rajada de vento irrompeu com violência, fazendo com que a chuva passasse momentaneamente da direção vertical para a horizontal. Stephanie tremeu assim que a umidade salpicou seu rosto.

— Está frio. Vamos voltar para o hotel! Não há razão para ficarmos aqui nos encharcando.

Como que saindo de um transe, Daniel desculpou-se e olhou ao redor da praça, diante da estação. Havia um ponto de táxis num dos lados da praça, com vários carros convenientemente esperando. Ajeitando o guarda-chuva no vento, ele impeliu Stephanie para frente. Chegando ao primeiro táxi da fila, Daniel segurou o guarda-chuva para que Stephanie entrasse antes dele.

— Hotel Four Seasons — disse Daniel para o motorista, que estava olhando pelo espelho retrovisor.

— Esta noite além de bizarra foi irônica — disse Stephanie repentinamente, assim que o táxi partiu. — No mesmo dia em que ouço de você umas migalhas sobre a sua família, acabo ouvindo a história completa contada pelo senador Butler.

— Achei isso mais irritante do que irônico — disse Daniel. — Diabo, foi uma total violação da minha privacidade ele ter mandado o FBI me investigar. Também é assustador pensar que eles possam fazer isso. Quer dizer, sou um simples cidadão que não é suspeito de ter cometido crime algum. Um abuso desses lembra os dias de J. Edgar Hoover.

— Então tudo o que Butler disse a respeito de você é verdade?

— Suponho que o essencial — disse Daniel, vagamente. — Ouça, vamos falar sobre a oferta do senador.

— Posso lhe dizer minha reação imediata. Isso me cheira mal.

— Você não vê nenhum aspecto positivo?

— O único aspecto positivo que posso enxergar é que isso confirma nossas impressões iniciais: o sujeito é um demagogo da pior espécie. Ele também é um hipócrita detestável. Ele é contra o HTSR por razões puramente políticas e quer proibi-lo, assim como as pesquisas, apesar do potencial dele para salvar vidas e aliviar o sofrimento. Ao mesmo tempo, ele o quer para si. Isso é obsceno e indesculpável, e nós não iremos tomar parte disso — Stephanie deu uma breve risada de escárnio. — Arrependo-me de ter dado minha palavra que manteria a doença dele em segredo. Essa é a típica história que a imprensa daria tudo para contar e eu adoraria que isso acontecesse.

— Nós certamente não podemos ir à imprensa — disse Daniel, categoricamente. — E acho que não devemos ser precipitados. Acho que a oferta do Butler merece consideração.

Uma Stephanie surpresa virou-se para olhar Daniel. Ela tentou enxergar o rosto dele na penumbra.

— Você não está falando sério, está?

— Vamos fazer uma lista dos nossos conhecimentos. Estamos bem familiarizados com a produção de neurônios dopaminérgicos a partir de células-tronco, portanto, com relação a isso, não estaríamos tateando no escuro.

— Fizemos isso com células-tronco de roedores, não com células humanas.

— O processo é o mesmo. Alguns colegas já fizeram isso com células-tronco de humanos usando o mesmo método. Produzir as células não será problema. Uma vez que tenhamos as células, poderemos seguir o mesmo protocolo que usamos com os ratos. Não há motivo algum para que ele não funcione com um ser humano. Afinal, todos os ratos que nós tratamos melhoraram.

— Com exceção dos que morreram.

— Sabemos o motivo por que aqueles que não melhoraram morreram. Isso foi antes de aperfeiçoarmos a técnica de injeção.

Todos os ratos que injetamos adequadamente sobreviveram e foram curados. Num voluntário humano teríamos um aparelho estereotáctico, o que não existe para roedores. Isso tornará a injeção mais exata e infinitamente mais fácil; logo, mais segura. Além disso, não seríamos nós que aplicaríamos a injeção. Encontraríamos um neurocirurgião disposto a dar uma mão.

— Não posso acreditar no que estou ouvindo — disse Stephanie. — Parece que você já está convencido em fazer essa experiência maluca que vai contra toda a ética. E sabe qual seria o resultado: uma experiência descontrolada e arriscada num único ser humano. Qualquer que fosse o resultado, não teria importância, a não ser para Butler.

— Discordo. Ao fazer esse procedimento estaremos salvando a CURE e o HTSR, o que significa que milhões de pessoas serão beneficiadas no final. Parece-me que uma pequena transigência ética é um preço inicial baixo, para um lucro enorme no futuro.

— Mas estaríamos fazendo exatamente o que o senador Butler, em seu discurso esta manhã, acusou a indústria de biotecnologia de estar fazendo: usando meios para justificar fins. Simplesmente não seria ético fazer a experiência com o senador Butler.

— Certo... bem, talvez em certo grau, mas quem vamos estar colocando em risco? O bandido! Ele é que está pedindo. Pior ainda, ele está sendo conivente com tudo isso ao nos forçar a participar utilizando-se de informações que ele obteve, ao coagir de alguma forma o FBI, através de uma investigação ilegal.

— Isso tudo pode ser verdade, mas dois erros não perfazem um acerto, além de não nos absolver de cumplicidade.

— Acho que poderia sim. Faremos o Butler assinar um documento e colocaremos tudo nele, inclusive o fato de estarmos plenamente conscientes de que a realização desse procedimento seria considerado antiético por qualquer conselho consultivo de pesquisas deste país, porque estaria sendo feito sem um protocolo

devidamente aprovado. O documento irá declarar categoricamente a exclusiva responsabilidade de Butler de submeter-se ao procedimento e realizá-lo no exterior. Também vai estar declarado que foi por meio de extorsão que ele nos obrigou a participar.

— Você acha que ele assinaria um documento desse tipo?

— Não lhe daremos escolha. Ou ele assina, ou não recebe os benefícios do HTSR. Fico à vontade com a ideia de que estaremos realizando o procedimento nas Bahamas, porque assim não estaremos violando nenhuma portaria do Ministério da Saúde. E ainda teremos um documento bastante sólido para o caso de precisarmos nos defender. O ônus recairá diretamente sobre os ombros de Butler.

— Deixe-me pensar por alguns minutos.

— Leve o tempo que precisar, mas eu realmente acho que a balança moral penderá a nosso favor se fizermos isso. Seria diferente se de alguma forma nós o estivéssemos forçando. Mas não estamos. Muito pelo contrário.

— Mas poderia ser alegado que ele não estava informado. Ele é um político, não um médico. Não está à par dos riscos. Ele pode morrer.

— Ele não vai morrer — disse Daniel, enfaticamente. — Nós vamos falhar de forma conservadora, ou seja, o pior cenário possível vai ser não lhe darmos células em número suficiente para que a concentração de dopamina nele eleve-se o suficiente para que ele se livre de todos os sintomas. Se isso acontecer, ele vai nos implorar para que façamos de novo, o que será fácil, desde que continuemos a tratar as células em cultura.

— Deixe-me pensar sobre isso.

— Claro — disse Daniel.

Eles seguiram o resto do caminho em silêncio. Foi somente quando entraram no elevador do hotel que Stephanie falou:

— Você honestamente acha que ele seria capaz de encontrar um lugar apropriado para realizarmos o procedimento?

— Butler empenhou muito esforço nisso tudo — disse Daniel. — Ele não daria chance para o azar. Francamente, eu ficaria chocado caso ele não tivesse mandado investigar, ao mesmo tempo que me investigou, se a clínica que ele mencionou é ou não é apropriada.

— Suponho que sim. Na verdade, lembro-me de ter lido algo sobre a Clínica Wingate há mais ou menos um ano. Era uma clínica para tratamento da infertilidade bastante popular, embora não fosse filiada. Localizava-se em Bookford, Massachusetts, antes de mudar-se sob pressão para as Bahamas. Foi um verdadeiro escândalo.

— Eu também me lembro. Era dirigida por uma dupla independente de especialistas em infertilidade. Eles estavam fazendo pesquisas e experiências de clonagem reprodutiva que foram consideradas antiéticas.

— Extravagantes seria uma descrição melhor, algo como tentar fazer com que fetos humanos fossem gestados em porcas. Lembro-me também que eles estavam implicados no desaparecimento de duas alunas de Harvard, que tinham doado óvulos. Os diretores tiveram que fugir do país e quase foram extraditados de volta para os Estados Unidos. Levando-se tudo isso em consideração, parece-me que jamais deveríamos nos envolver com esse tipo de lugar e de gente.

— Nós não nos envolveríamos com eles. Fazemos o procedimento, lavamos as mãos e vamos embora.

As portas do elevador se abriram. Eles começaram a descer o hall em direção à suíte.

— E quanto ao neurocirurgião? — perguntou Stephanie. — Você honestamente acha que conseguiríamos encontrar alguém disposto a participar desse esquema? Ele ou ela notaria algo de suspeito nisso tudo.

— Com o incentivo apropriado, isso não seria um problema. O mesmo vale para a clínica.

— Você está falando em dinheiro?

— É claro! O elemento universal de motivação.

— E a exigência de Butler sobre sigilo? Como ele lidaria com isso?

— Sigilo é um problema mais dele do que nosso. Nós não usaríamos o nome verdadeiro dele. Sem aqueles óculos e sem o temo escuro, posso imaginá-lo como um sujeito que passa despercebido, uma espécie de zé-ninguém. Com uma camisa de mangas curtas berrante e um par de óculos escuros, talvez ninguém o reconheça.

Stephanie usou seu cartão para abrir a porta. Eles tiraram os casacos e foram para a sala de estar.

— O que você acha de tomarmos algo do minibar? — sugeriu Daniel. — Estou com vontade de comemorar. Duas horas atrás, achei que estivéssemos cercados por nuvens negras. Agora, há um raio de sol.

— Eu tomaria um pouco de vinho — respondeu Stephanie. Ela esfregou as mãos para aquecê-las antes de se encolher num dos cantos do sofá.

Daniel retirou a rolha de uma meia-garrafa de cabernet e serviu uma dose generosa numa taça abaulada. Entregou-a para Stephanie antes de servir-se de uísque puro. Ele se sentou no outro canto do sofá. Os dois brindaram tocando os copos e beberam um gole de suas respectivas bebidas.

— Então você quer prosseguir com esse plano maluco? — disse Stephanie.

— Eu quero, a menos que você tenha algum motivo convincente para não fazê-lo.

— E aquele absurdo envolvendo o Sudário de Turim? Digo: intervenção divina. Que ideia ridícula e presunçosa!

— Eu discordo. Parece-me um golpe de gênio.

— Você só pode estar brincando!

— De jeito nenhum! Isso seria o placebo definitivo e sabemos o quão poderosos eles podem ser. Se ele quiser acreditar que estará recebendo algum DNA de Jesus Cristo, eu não me importo. Isto lhe daria um grande incentivo para acreditar na sua cura. Acho que é uma ideia brilhante. Não estou sugerindo que devamos recolher DNA do sudário. Poderíamos apenas contar-lhe que recolhemos, o que daria no mesmo. Mas podemos dar uma olhada nisso. Se houver sangue no sudário como ele alega e pudermos ter acesso a uma amostra como ele sugeriu, isso poderia funcionar.

— Mesmo se a mancha de sangue for do século XIII?

— A idade não faria a menor diferença. O DNA estaria fragmentado, mas não seria um problema. Nós utilizaríamos a mesma sonda que seria usada com uma amostra fresca de DNA para formar o segmento que necessitássemos e, em seguida, a amplificaríamos por meio de PCR. Sob muitos aspectos, isso acrescentaria um pouco de desafio e estímulo. A parte mais difícil seria resistir à tentação de escrever sobre o procedimento para a Nature ou para a Science, depois que ele fosse realizado. Imagine o título: O HTSR e o Sudário de Turim combinados na primeira cura de uma vítima da doença de Parkinson.

— Não poderemos publicar nada referente a esse caso — disse Stephanie.

— Eu sei! É que é engraçado pensar em ser um precursor de coisas que ainda virão. O passo seguinte será uma experiência controlada, que certamente poderemos divulgar. Nessa altura, a CURE estará no centro das atenções e nossas dificuldades iniciais de financiamento há muito estarão terminadas.

— Gostaria de poder compartilhar de seu entusiasmo.

— Acho que você poderá, assim que as coisas começarem a se acertar. Ainda que não se tenha mencionado um prazo, presumo que o senador esteja ansioso para fazer isso o quanto antes. Isso significa

que devemos começar a fazer os preparativos amanhã, quando voltarmos a Boston. Vou cuidar dos preparativos com a Clínica Wingate e convocar um neurocirurgião. Que tal você cuidar da parte relativa ao Sudário de Turim?

— Isso pelo menos seria interessante — disse Stephanie, tentando de alguma forma animar-se com a ideia de tratar Butler, apesar do que sua intuição lhe dizia. — Será curioso descobrir por que a Igreja ainda considera o sudário uma relíquia, mesmo depois de provado que se trata de uma falsificação.

— O senador obviamente acha que é verdadeiro.

— Pelo que me lembro, a datação por carbono 14 foi confirmada por três laboratórios independentes. Não seria nada fácil desmenti-los.

— Vamos ver o que você descobre — disse Daniel. — Enquanto isso, devemos começar a planejar longas viagens.

— Você está falando em Nassau?

— Nassau e provavelmente Turim, dependendo do que você descobrir.

— Onde vamos conseguir o dinheiro para essas viagens?

— Com Ashley Butler. Stephanie ergueu as sobrancelhas.

— Talvez essa aventura não seja algo tão mim assim.

— Então você está comigo nisso? — indagou Daniel.

— Acho que sim.

— Isto não é muito afirmativo.

— É o melhor que consigo dizer no momento. Mas imagino que vou me envolver quando as coisas avançarem, como você sugeriu.

— Vou aceitar de qualquer jeito — comentou Daniel. Ele se levantou do sofá e deu um aperto no ombro de Stephanie. — Vou tomar outro uísque. Deixe-me encher sua taça.

Daniel serviu as bebidas e sentou-se de volta. Depois de olhar seu relógio, colocou o cartão de visitas de Butler diante de si e apanhou o telefone na mesa de centro. — Vamos contar as novidades para o

senador. Estou certo que ele será presunçoso a ponto de irritar-me, mas pegando emprestado a frase dele: "a vida é assim". Daniel apertou o botão do viva-voz para conseguir o sinal. A ligação foi completada e atendida rapidamente. A fala arrastada, com voz de barítono, de Ashley Butler invadiu o quarto.

— Senador — disse Daniel, interrompendo a saudação eloquente de Ashley. — Não quero ser indelicado, mas é tarde e só queria que o senhor soubesse que resolvi aceitar sua proposta.

— Glória, glória — entoou Ashley. — E tão prontamente! Receava que deixasse que essa simples decisão estragasse seu sono e que você só fosse me ligar pela manhã. Estou feliz da vida! Posso presumir que a Dra. D'Agostino também concordou em participar?

— Concordei — disse Stephanie tentando parecer confiante.

— Excelente, excelente! — repetiu Ashley. — Não que eu tenha ficado surpreso, visto que esse negócio será benéfico para todos nós. Mas acredito sinceramente que termos a mesma opinião e termos uma proposta unânime são a chave para o sucesso. E o sucesso é o que mais queremos nessa empreitada.

— Nós presumimos que o senhor queira começar o quanto antes — disse Daniel.

— Muito acertadamente, meus queridos amigos. Muito acertadamente. Estou no limite do meu tempo de esconder minha enfermidade — explicou Ashley. — Não há tempo a perder. Convenientemente para os nossos objetivos, logo haverá um recesso no Senado. Ele começa daqui a mais ou menos um mês, no dia 22 de março, e vai até o dia 8 de abril. Normalmente, volto para casa para fazer política, mas dessa vez desejo ardentemente tratar da minha saúde. Um mês é suficiente para vocês, cientistas, prepararem as células curativas apropriadas?

Daniel olhou para Stephanie e falou com ela num tom baixo, pouco mais alto que um sussurro.

— Isso é mais rápido do que achei que ele tivesse em mente. O que você acha? Podemos fazer isso?

— É pouco provável — sussurrou Stephanie, dando de ombros. — Primeiro, precisaremos de alguns dias para cultivar os fibroblastos dele. Depois, presumindo que tenhamos sucesso na criação de um pré-embrião através da transferência nuclear, necessitaremos de cinco ou seis dias para que o blastócito se forme. Depois disso, precisaremos de duas semanas cultivando as células após recolhermos as células-tronco.

— Algum problema? — perguntou Ashley. — Não consigo escutar nada que vocês, caríssimos amigos, estão discutindo.

— Só um segundo, senador! — disse Daniel no viva-voz. — Estou falando com a Dra. D'Agostino sobre o prazo. Ela irá fazer a maior parte do trabalho braçal.

— Então, teremos que selecionar as células nervosas adequadas ao tratamento — acrescentou Stephanie. — Isso levará outras duas semanas, ou talvez um pouco menos. As células dos ratos ficaram boas em apenas dez dias.

— Assim, qual seria o seu palpite se tudo correr bem? — perguntou Daniel. — Um mês seria suficiente?

— Teoricamente é possível — disse Stephanie. — Poderia ser feito, mas vamos ter de começar o trabalho celular quase que imediatamente. Amanhã mesmo! O problema é que tínhamos que ter oócitos humanos disponíveis, e não temos.

— Ai, meu Deus! — gemeu Daniel. Ele mordeu seu lábio inferior e franziu a testa. — Estou tão acostumado a trabalhar com uma fartura de óvulos de vacas que me esqueci das dificuldades de se conseguir um suprimento de óvulos humanos.

— É um dos maiores obstáculos — admitiu Stephanie. — Mesmo na melhor das hipóteses, se já tivéssemos uma doadora de óvulos disponível, precisaríamos de um mês, ou mais, para fazer a estimulação e depois recolher os óvulos.

— Bem, talvez nossos especialistas em infertilidade possam nos ajudar com relação a isso. Sendo um centro ativo no tratamento da infertilidade, eles certamente têm alguns óvulos extras disponíveis. Levando em conta a fama deles de serem antiéticos, aposto que com a indução correta poderemos convencê-los a nos fornecer tudo o que precisarmos.

— Suponho que seja possível, mas nesse caso vamos nos comprometer ainda mais. Quanto mais eles nos ajudarem, mais difícil vai ser para lavarmos nossas mãos e cairmos fora, como você disse alegremente há pouco.

— Mas não temos muita escolha. A alternativa é desistir da CURE, do HTSR e de todo nosso sangue, suor e lágrimas.

— Isso cabe a você decidir. Mas para que conste dos anais, sinto-me desconfortável em ter que me submeter de qualquer forma ao pessoal da Clínica Wingate, ainda mais conhecendo a história deles.

Daniel balançou a cabeça algumas vezes, enquanto pensava nos problemas. Ele suspirou e virou-se de volta para o viva-voz.

— Senador, existe a possibilidade de termos algumas células de tratamento dentro de um mês. Mas tenho que avisá-lo que isso vai requerer muito esforço e um pouco de sorte, e vamos ter de começar imediatamente. O senhor vai ter que cooperar.

— Vou ser um cordeirinho. Já dei início ao processo há um mês, quando fiz os planos de chegar em Nassau no dia 23 de março e permanecer na ilha durante o período de recesso. Cheguei mesmo a fazer uma reserva para você. Isso demonstra como eu acreditava na sua participação. É importante que façamos isso o quanto antes porque nesta época cio ano é alta estação nas Bahamas. Ficaremos hospedados no Atlantis, onde tive o prazer de ficar no ano passado quando concebi esse plano. É um complexo hoteleiro do tamanho adequado para entrar e sair sem levantar suspeitas, proporcionando o anonimato necessário. Eles também tem um cassino e, como você

deve imaginar, eu gosto de jogar sempre que tenho a sorte de estar com alguns dólares extras no bolso.

Daniel trocou olhares com Stephanie. Por um lado, ele estava feliz por Ashley ter feito reservas antecipadas para adiantar o processo, mas, por outro, estava irritado com a suposição de que ele aceitaria a oferta.

— Você vai se registrar com seu nome verdadeiro? — perguntou Stephanie.

— Na verdade, vou — disse Ashley. — Mas estarei usando um nome falso na Clínica Wingate.

— O que o senhor diz dessa clínica? — perguntou Daniel. — Acredito que a tenha investigado tão cuidadosamente quanto investigou o meu passado.

— Sua opinião foi bem colocada. Penso que você achará as instalações da clínica adequadas para os nossos objetivos. Mais que o material humano. O chefe nominal da clínica é o Dr. Spencer Wingate, uma espécie de cabeça-dura, embora, aparentemente, seja bem qualificado no campo da infertilidade. Parece estar mais interessado em levar uma vida de socialite e está ansioso em ir para a Europa para fazer negócios. O segundo no comando é o Dr. Paul Saunders. E ele quem dirige de fato. É um indivíduo mais complexo, que se vê como um pesquisador de renome mundial apesar de só ter estudos adequados sobre infertilidade clínica. Acredito que os dois vão colaborar se você apelar para a vaidade pessoal deles. Para eles, a oportunidade de trabalhar com alguém que tenha as suas credenciais e a sua envergadura é uma oportunidade única na vida.

— O senhor está me lisonjeando, senador.

Stephanie riu do sarcasmo de Daniel.

— Somente porque você merece — disse Ashley. — Além disso, devemos ter fé em nossos médicos.

— Suponho que os doutores Wingate e Saunders estejam mais interessados em dinheiro do que no meu currículo — disse Daniel.

— Acredito que eles estejam mais interessados no seu currículo como forma de obterem notoriedade para ajudá-los a ganhar dinheiro — comentou Ashley. — Mas a natureza venal deles e falta de conhecimentos em pesquisa não são preocupações nossas. Devemos tê-las sempre em mente para nos beneficiarmos delas. São as instalações e os equipamentos deles que nos interessam.

— Espero que o senhor tenha em mente que realizar esse procedimento sob essas circunstâncias vai sair bem mais caro do que imagina.

— Eu não gostaria que fosse algo barato — respondeu Ashley. — Quero a versão cara, de alta qualidade. Em suma, de primeira classe. Fique tranquilo, tenho acesso a fundos mais que suficientes para cobrir quaisquer despesas que ameacem minha carreira política. Mas vou esperar que seus serviços pessoais sejam gratuitos. Afinal, Estamos trocando favores.

— De acordo — disse Daniel. — Mas antes que seja efetuado qualquer serviço, a Dra. D'Agostino e eu vamos pedir que o senhor assine um documento especial, que nós vamos elaborar. Esse documento demonstrará de modo exato como esse negócio surgiu e também todos os riscos envolvidos, incluindo o fato de que nós nunca fizemos o procedimento num ser humano.

— Contanto que eu possa ficar seguro quanto à confidencialidade deste documento, não vou ter problemas em assiná-lo. Estou absoluta mente certo que faria o mesmo se estivesse na sua posição, logo, não haverá nenhuma espécie de problema, desde que não haja nada inaceitável ou inadequado.

— Posso assegurar-lhe que será razoável — disse Daniel. — Mudando de assunto, gostaria de encorajá-lo a utilizar os meios que o senhor referiu para descobrir como podemos ter acesso ao Sudário de Turim. Vamos ter que pegar uma amostra.

— Já dei ordens para que a Srta. Manning agende os encontros necessários com os prelados com os quais tenho relações de trabalho.

Presumo que eles se realizarão nos próximos dias. A amostra deve ter qual tamanho?

— Pode ser bem pequena — disse Daniel. — Apenas algumas libras já seria perfeito, mas têm que ser fibras que venham de uma parte do sudário manchada de sangue.

Ashley riu.

— Mesmo um ignorante como eu presumiria isso. O fato de você precisar somente de uma pequena amostra deverá ajudar muito. Como mencionei esta noite, sei que amostras desse tipo foram retiradas e depois devolvidas a pedido da Igreja.

— Precisaremos da amostra o mais cedo possível — acrescentou Daniel.

— Compreendo a pressa perfeitamente — respondeu Ashley. — Há algo mais que vocês necessitem de mim?

— Sim — disse Stephanie. — Vamos precisar de uma biópsia com punch da sua pele, amanhã de manhã. É a única forma de conseguirmos produzir as células de tratamento dentro de um mês, vamos precisar levar sua biópsia conosco quando voltarmos para Boston amanhã. Seu médico particular pode arranjar a biópsia com algum dermatologista, que a enviará para nós no hotel. Ela servirá como uma fonte de fibroblastos que cultivaremos numa cultura de tecido.

— Farei isso amanhã o mais cedo possível.

— Acho que isso é tudo por enquanto — disse Daniel. Ele olhou para Stephanie, que concordou com a cabeça.

— Tenho um pedido pessoal importantíssimo — disse Ashley. — Acho que devemos trocar endereços seguros de e-mail e passar a usar a internet para todas as nossas comunicações, que devem ser genéricas e reduzidas. A próxima vez que nos falarmos diretamente deverá ser na Clínica Wingate, na ilha de New Providence. Estou empenhado para que esse assunto seja um segredo bem guardado, e quanto menos contato direto tivermos, melhor. Isto é aceitável?

— Desde que haja dinheiro suficiente — disse Daniel. — Uma das maiores despesas será para obter os óvulos humanos necessários.

— Reitero — disse Ashley — que haverá fundos disponíveis mais do que adequados. Fique tranquilo.

Alguns minutos mais tarde, depois de uma longa e arrastada despedida por parte de Ashley, Daniel inclinou-se para a frente e desligou o viva-voz. Ele levantou o aparelho e colocou-o na extremidade da mesa. Em seguida, virou-se para olhar para Stephanie.

— Tive que rir quando ele chamou de cabeça-dura o chefe da Clínica Wingate. O sujo falando do mal lavado.

— Você estava certo sobre ele ter pensado muito nesse assunto. Fiquei chocada quando ele disse que fez as reservas para a viagem no mês passado. Não tenho a menor dúvida de que ele mandou que investigassem a Clínica Wingate.

— Você está se sentindo melhor em envolver-se no tratamento do senador?

— Um pouco — admitiu Stephanie. Especialmente depois que ele disse que não terá o menor problema em assinar o documento que redigiremos. Pelo menos tenho a sensação que ele considerou a natureza experimental do que estaremos fazendo e os riscos envolvidos. Antes eu não estava certa disto.

Daniel deslizou no sofá, botou seus braços em torno de Stephanie e abraçou-a. Ele podia sentir o coração dela batendo no peito. Afastando-se um pouco para que pudesse ver o seu rosto, ele olhou fixamente para as profundezas escuras dos seus olhos.

— Agora que aparentemente colocamos as coisas sob controle no que se refere à arena política/financeira/científica, que tal recomeçarmos o que paramos ontem à noite?

Stephanie retribuiu o olhar de Daniel.

— Isso é uma proposta?

— Na verdade, é.

— Seu sistema nervoso autônomo vai colaborar?

— Muito melhor que ontem à noite, posso lhe garantir. Daniel se levantou e ajudou Stephanie a fazer o mesmo.

— Esquecemos de colocar o aviso de NÃO PERTURBE — disse Stephanie, enquanto Daniel a empurrava ansiosamente para o quarto de dormir.

— Vamos viver perigosamente — disse ele, piscando um olho.

6

14h35, sexta-feira, 22 de fevereiro de 2002

Stephanie acordou cedo naquela manhã e começou imediatamente a trabalhar nos detalhes da operação Butler. Sua intuição, contrária a tratar a doença de Parkinson do senador, não tinha se modificado, mas havia muitas coisas a serem feitas para que ela ficasse obcecada por causa desses pressentimentos. Mesmo antes de tomar uma ducha, ela usou seu laptop para disparar uma série de e-mails para o senador, instruindo-o sobre como proceder com a biópsia.

Primeiramente, ela queria que a biópsia fosse entregue o mais cedo possível, ainda naquela manhã. Depois, queria ter certeza de que seria retirado um pedaço grosso de pele, pois seriam necessárias células tiradas do fundo da derme. Finalmente, queria que a amostra fosse colocada simplesmente num frasco com fluido para cultura de tecido, sem que fosse resfriada ou congelada. Stephanie acreditava que o tecido permaneceria em boas condições, em temperatura ambiente, até que ela estivesse de volta no laboratório em Cambridge, onde seria possível tratá-lo de forma apropriada. Seu objetivo era criar uma cultura de fibroblastos do senador, cujos núcleos ela utilizaria, mais tarde, para criar as células de tratamento. Ela sempre tivera mais sorte trabalhando com células frescas do que

com células congeladas quando fazia o HTSR e depois a transferência nuclear, ou clonagem terapêutica, como algumas pessoas insistiam em chamar o processo.

Para surpresa de Stephanie, e apesar de ser bem cedo, o senador respondeu ao e-mail quase que imediatamente, mostrando que ele não só acordava cedo, como também estava comprometido com o projeto, como havia afirmado na noite anterior. Em sua mensagem, o senador assegurou que já havia ligado para o seu médico e, assim que este ligasse de volta, ele comunicaria os pedidos dela e insistiria para que estes fossem seguidos.

Daniel estava entusiasmado desde o momento que afastara as cobertas. Ele também estava trabalhando em seu laptop, mandando e-mails antes de fazer qualquer outra coisa. Vestindo apenas o robe felpudo do hotel, ele digitou uma mensagem para o grupo de investidores da Costa Oeste que tinha demonstrado interesse em investir na CURE, mas que havia ficado relutante em liberar quaisquer fundos até que houvesse uma decisão sobre o projeto de lei de Butler. Daniel queria que eles soubessem que o projeto de lei estava destinado a descansar permanentemente na subcomissão e que esta não representava mais uma ameaça. Daniel teria gostado de explicar a forma como soubera dessa novidade, mas tinha consciência de que não podia. Não esperava receber uma resposta dos possíveis investidores durante as próximas horas, pois ainda eram quatro da manhã na Costa Oeste quando sua mensagem entrou na grande rede mundial. Ainda assim, acreditava que eles fossem responder.

Concedendo-se um alto luxo, eles pediram que o café da manhã fosse servido no quarto. Por insistência de Daniel, foram incluídos coquetéis de champanhe com suco de laranja. Brincando, ele disse que era melhor Stephanie ir acostumando-se a esse padrão, que seria adotado assim que as ações da CURE fossem negociadas no mercado aberto.

— Já estou cheio da pobreza acadêmica — declarou ele. — Vamos entrar para a alta sociedade e passar a frequentá-la.

Às nove e quinze, ambos se surpreenderam com um chamado da recepção dizendo que um mensageiro tinha deixado um pacote, com etiqueta de URGENTE, enviado por uma Dra. Claire Schneider. Quando perguntados se queriam que o pacote fosse levado diretamente para o quarto, eles responderam afirmativamente. Como esperavam, o pacote continha a biópsia da pele de Butler. A eficiência do senador deixou-os impressionados. Sua chegada precedeu em várias horas o que eles imaginavam.

Com a biópsia em mãos, puderam pegar o voo das dez e meia da ponte-aérea para Boston, chegando no Aeroporto Logan pouco depois do meio-dia. Depois de uma viagem de táxi ainda mais assustadora do que aquela em Washington, no que dizia respeito a Daniel, numa lata velha com um motorista paquistanês, eles foram deixados no apartamento de Daniel, na Rua Appleton. Uma troca de roupas e um rápido almoço, seguidos de uma curta viagem no Ford Focus de Daniel, levou-os até a sede atual da CURE, localizada na Rua Athenaeum, em East Cambridge.

Quando Daniel fundou a CURE, ela ocupava boa parte do primeiro andar de um edifício comercial com fachada de tijolos que fora restaurado. Mas à medida que a escassez de dinheiro aumentou, o espaço foi a primeira coisa a ser perdida. Atualmente eles estavam reduzidos a um décimo do tamanho original, contando com apenas único laboratório, dois escritórios pequenos e uma área de recepção. A segunda perda foi a do pessoal que não era estritamente necessário. A lista atual de funcionários incluía Daniel e Stephanie, que não retiravam salários há quatro meses, um outro cientista experiente chamado Peter Conway, uma mulher que era um misto de telefonista, recepcionista e secretária, chamada Vicky McGowan, e três técnicos de laboratório que logo seriam reduzidos para dois ou para um, algo que Daniel ainda não tinha decidido. O conselho de

diretores, o conselho consultivo científico e o conselho de ética, para os quais Daniel não tinha intenção de comunicar o caso de Butler, não haviam sido modificados.

— Ainda são apenas duas e trinta e cinco — anunciou Stephanie, depois de fechar a porta atrás dele. — Eu diria que é um bom horário, levando-se em conta que acordamos em Washington.

Daniel apenas resmungou. Sua atenção estava direcionada para Vicky, que estava entregando-lhe uma pilha de recados telefônicos, sendo que alguns deles exigiam explicações verbais. Em particular, o dos investidores da Costa Oeste, que tinham telefonado ao invés de responder ao e-mail de Daniel. De acordo com Vicky, eles não estavam satisfeitos com as informações recebidas e pediam mais detalhes.

Deixando Daniel lidando com os problemas administrativos, Stephanie foi para o laboratório. Ela cumprimentou Peter, que estava sentado diante de um dos microscópios de dissecação. Enquanto Stephanie e Daniel foram para Washington, ele havia permanecido lá para cuidar de todos os experimentos da empresa que estavam em curso.

Stephanie colocou seu laptop sobre a superfície de pedra sabão na parte do balcão que ela usava especificamente como sua mesa de trabalho. Seu escritório particular tinha sido sacrificado na primeira redução de espaço. Com a biópsia da pele de Butler na mão, ela caminhou para uma área utilizada para fins laboratoriais. Removeu o pedaço de pele com assepsia, picou-o e, em seguida, colocou o material picado num meio de cultura junto com antibióticos. Quando ele estava seguramente guardado num recipiente, dentro de uma incubadora, ela voltou para a área que usava como mesa.

— Como foram as coisas em Washington? — perguntou Peter. Ele era um rapaz de compleição leve, que parecia um adolescente apesar de ser mais velho do que Stephanie. Suas características mais distintas eram as roupas vagabundas e os cabelos louros brilhantes,

que ele usava amarrado num rabo-de-cavalo. Stephanie sempre o vira como um ícone dos hippies dos anos sessenta.

— Correu tudo bem em Washington — respondeu Stephanie vagamente. Ela e Daniel tinham resolvido não comentar nada sobre o senador Butler até depois do fato consumado.

— Então continuamos abertos? — perguntou Peter.

— Parece que sim—replicou Stephanie. Ela conectou seu laptop na tomada e ligou-o. Pouco depois, estava conectada na internet.

— O dinheiro está vindo de São Francisco? — insistiu Peter.

— Você tem de perguntar ao Daniel — disse Stephanie. — Eu tento não me meter nos aspectos financeiros do negócio.

Peter compreendeu o recado e voltou a trabalhar.

Stephanie estava ansiosa para pesquisar a questão do Sudário de Turim desde que Daniel tinha sugerido que ela devia fazer isso como parte da sua contribuição inicial à operação Butler. Ela tinha pensado em começar naquela manhã mesmo, depois do banho e antes que a biópsia da pele de Butler tivesse chegado, mas desistira de fazê-lo porque conectar-se à internet através de um modem era de uma lentidão exasperante, agora que ela havia sido estragada com a conexão em banda larga da CURE. Além disso, achou que no momento que estivesse envolvendo-se na pesquisa, esta teria de ser interrompida. Agora ela tinha todo o resto da tarde. Utilizando-se de um mecanismo de pesquisa na rede chamado Google, ela digitou as palavras *SUDÁRIO DE TURIM* e deu um clique no comando PESQUISAR. Ela não tinha ideia do que esperar. Embora se recordasse de referências superficiais ao sudário quando era criança, e ainda uma católica praticante, e de alguma coisa sobre ele ter sido declarado uma falsificação, depois de uma datação por carbono, feita quando ela estava no primeiro ano da graduação na faculdade. Depois disso, ela nunca mais pensou na relíquia e acreditava que as pessoas também fizessem o mesmo. Afinal, como alguém poderia ficar animado com uma falsificação do século XIII? Mas depois de

um piscar de olhos, quando terminou a pesquisa do Google, ela soube que estava equivocada. Surpresa, ela se viu olhando para o número de resultados: mais de 28.300!

Stephanie clicou no primeiro resultado, chamado *Página de O Sudário de Turim*, e passou a meia hora seguinte totalmente absorvida pela grande quantidade de informações disponíveis. Na própria página introdutória ela leu que o sudário era "o artefato mais estudado da história da humanidade"! Por causa de sua relativa falta de informações sobre o sudário, ela considerou essa afirmação surpreendente, especialmente ao levar em conta seu interesse geral em história. Embora tivesse se graduado em Química, ela fizera várias matérias do curso de História. Também leu que alguns especialistas estavam absolutamente certos que a questão sobre a autenticidade do sudário, como sendo um artefato do século primeiro, ainda não havia sido resolvida com os resultados da datação por carbono. Como cientista, e sabendo da precisão da datação por carbono, ela não só não conseguia entender como alguém podia sustentar uma opinião daquelas, como estava ansiosa para descobrir por quê. Mas antes de fazer isso, ela usou o website para examinar fotografias do sudário, que eram mostradas tanto no formato positivo como no negativo.

Stephanie ficou sabendo que a primeira pessoa a fotografar o sudário, em 1898, ficara impressionada com o fato de as imagens serem muito mais visíveis no formato negativo; e o mesmo valeu para ela. No formato positivo a imagem era indistinta. Observar a foto e tentar ver a figura lembrou-lhe um dos seus passatempos preferidos na juventude: tentar ver rostos, pessoas ou animais nas infinitas variações das nuvens. Mas no negativo, a imagem era impressionante! Era nítida a figura de um homem que havia sido espancado, torturado e crucificado, o que levava à pergunta de como um falsificador medieval poderia ter previsto a descoberta da fotografia. O que no positivo pareciam ser simples manchas, agora

se transformava em filamentos de sangue, reais e agonizantes. Olhando novamente para a imagem positiva, ela ficou surpresa com o fato de o sangue ter mantido sua coloração vermelha.

Entre as principais opções do website de *O Sudário de Turim*, Stephanie clicou num comando cuja legenda era: PERGUNTAS MAIS FREQUENTES. Uma das perguntas era se o sudário tinha sido submetido a um teste de DNA alguma vez. Excitada, Stephanie clicou na pergunta. Com a resposta obtida, ela ficou sabendo que pesquisadores do Texas encontraram DNA nas manchas de sangue, embora houvesse dúvidas quanto à procedência da amostra testada. Também pairavam dúvidas quanto ao grau de contaminação causada pelo DNA de todas as pessoas que tocaram no sudário ao longo dos séculos.

A página também incluía uma extensa bibliografia e Stephanie dirigiu-se ansiosa para ela. Mais uma vez, ficou surpresa com sua extensão. Com a curiosidade atiçada e como uma amante dos livros, ela revisou um grande número de títulos. Saindo da página do sudário, ela entrou no website de uma livraria, que relacionou uma centena de títulos, muitos dos quais já citados no site do sudário. Depois de ler algumas resenhas, ela selecionou alguns livros que gostaria de ler imediatamente.

Ficara particularmente interessada nos livros de Ian Wilson, mencionado como sendo um erudito formado em Oxford, que apresentou os dois lados da controvérsia relativa à autenticidade do sudário, ainda que estivesse convencido de sua veracidade, o que significava que além de ser um artefato do século primeiro, era a mortalha de Jesus Cristo!

Apanhando o telefone, Stephanie ligou para uma livraria da vizinhança. Sentiu-se recompensada ao descobrir que a loja tinha um dos títulos nos quais estava interessada. Era *O Sudário de Turim: a prova ilustrada*, de Ian Wilson e Barrie Schwortz, um fotógrafo profissional que fez parte de uma equipe de americanos que

pesquisou intensivamente o sudário em 1978. Stephanie pediu para que reservassem o livro em seu nome.

Voltando para o site da livraria virtual, ela encomendou, para receber no dia seguinte, mais alguns livros sobre o sudário. Tendo feito isso, levantou-se e pegou o casaco no espaldar de sua cadeira.

— Vou dar um pulo na livraria — disse para Peter. — Vou pegar um livro, *O Sudário de Turim*. Apenas por curiosidade, o que você sabe sobre isso?

— Hum — emitiu Peter, enquanto torcia o rosto como se estivesse pensando arduamente. — Sei o nome da cidade onde ele se encontra.

— Estou falando sério — queixou-se Stephanie.

— Bem, vamos colocar dessa forma — disse Peter: — eu ouvi falar sobre isso, mas não é um assunto sobre o qual eu e meus amigos conversamos com frequência. Mas se fosse forçado, eu diria que é um daqueles objetos que a igreja medieval usava para estimular o ardor religioso e manter as caixas de coletas cheias, assim como os pedaços da cruz verdadeira e as unhas de santos.

— Você acha que ele é verdadeiro?

— Você quer dizer a mortalha de Jesus?

— Exatamente.

— É claro que não! Há dez anos foi provado que é falso.

— O que você acharia se eu lhe dissesse que ele é o artefato mais estudado da história da humanidade?

— Eu perguntaria o que você anda fumando ultimamente. Stephanie riu.

— Obrigada, Peter.

— Por que você está me agradecendo? — ele perguntou, obviamente confuso.

— Eu estava preocupada, achando que meu desconhecimento sobre o sudário de Turim fosse único. Conforta-me saber que não é.

— Stephanie puxou seu casaco e dirigiu-se para a porta.

— De onde veio esse repentino interesse no sudário de Turim? — gritou Peter, por trás dela.

— Você logo saberá — berrou Stephanie, por sobre o ombro. Ela cruzou a recepção diagonalmente e enfiou a cabeça no escritório de Daniel. Ficou surpresa ao vê-lo jogado sobre a mesa com a cabeça enfiada nas mãos.

— Ei — chamou Stephanie. — Você está bem?

Daniel olhou para cima e piscou. Seus olhos estavam avermelhados, como se tivessem sido esfregados, e seu rosto estava mais pálido do que o normal.

— Sim, eu estou bem — disse ele, como se estivesse exausto. Sua agitação de mais cedo havia desaparecido.

— O que está acontecendo?

Daniel balançou a cabeça e seus olhos viajaram ao redor de sua mesa bagunçada. Ele suspirou.

— Dirigir essa organização é como tentar manter uma canoa furada flutuando, tendo somente um dedal para retirar a água. Os investidores estão se recusando a prosseguir com a segunda rodada do financiamento enquanto eu não lhes contar o motivo pelo qual estou tão certo que o projeto de lei de Butler não vai sair da subcomissão. Mas não posso contar a eles porque senão isso fatalmente vazaria, e Butler provavelmente desistiria de manter seu projeto de lei engavetado. Logo, as apostas estão encerradas.

— Quanto dinheiro nos resta?

— Quase nada — gemeu Daniel. — No mês que vem, a essa altura, teremos saldo apenas para pagar os salários.

— Isso nos dá um mês, que é o tempo que precisamos para tratar de Butler — disse Stephanie.

— Que tremendo golpe de sorte — cortou Daniel sarcasticamente. — Fico tremendamente irritado em pensar que temos que interromper nossas pesquisas para lidar com tipos como Butler e aqueles palhaços daquela clínica de infertilidade lá de

Nassau. A politização da pesquisa médica neste país é um crime estúpido. Nossos Pais Fundadores, que insistiram na separação entre Igreja e Estado, provavelmente estão dando voltas em suas sepulturas, vendo um punhado de políticos utilizarem-se de suas supostas crenças religiosas para deter aquele que indubitavelmente será um dos maiores avanços da medicina.

— Bem, todos nós sabemos o que realmente está por trás desse movimento luddista que ataca a biociência — disse Stephanie.

— Você está falando do quê?

— Na verdade, trata-se de política contra o aborto disfarçada — disse Stephanie. — A verdadeira questão é que esses demagogos querem que um zigoto seja declarado um ser humano, com todos os direitos constitucionais, não importando como o zigoto foi formado e qual o futuro desse zigoto. É uma posição ridícula, mas, ainda assim, se isso acontecer, a decisão Roe versus Wade, que tornou legal o aborto, vai ter que ser revogada.

— Provavelmente você está certa — admitiu Daniel. Ele respirava fazendo um barulho semelhante ao de ar saindo de um pneu. — Que situação absurda. A história irá perguntar que tipo de gente nós éramos, que permitia que um assunto de foro íntimo, como o aborto, pudesse incapacitar uma sociedade durante anos sem fim. Nós tomamos muitas das nossas ideias sobre direitos individuais, governo e, certamente, nosso direito consuetudinário, da Inglaterra. Por que não poderíamos ter seguido o exemplo inglês de como lidar da melhor forma com a ética da biociência reprodutiva?

— Essa é uma boa questão, mas não vai nos trazer nenhum benefício tentar respondê-la. O que aconteceu com seu o entusiasmo para tratar de Butler? Vamos fazer isso! Uma vez tratado, ele não irá renegar nosso trato mesmo que este vaze para a mídia, porque nós teremos um documento assinado por ele mesmo. Estou querendo dizer que assim que estiver curado, ele poderá lidar com a mídia simplesmente desmentindo quaisquer acusações, taxando-as de

politicamente motivadas. O que ele não seria capaz de desmentir é um documento assinado.

— Você tem um bom argumento — admitiu Daniel.

— E o dinheiro de Butler? — perguntou Stephanie. — Parece-me que essa é a questão principal, neste momento. Houve alguma comunicação a respeito disso?

— Nem mesmo pensei em verificar — Daniel virou-se para o seu computador e, depois de alguns toques, viu a caixa de entrada de seu e-mail especial. — Há uma mensagem que só pode ser de Butler. Tem um anexo em código, o que é animador.

Daniel abriu o anexo. Stephanie aproximou-se da mesa para olhar por sobre o ombro dele.

— Eu diria que isso parece muito animador — disse Stephanie. — Ele está dando o número de uma conta bancária nas Bahamas, e parece que nós dois podemos fazer retiradas dela.

— Há um link para o website do banco — disse Daniel. —Vamos ver se conseguimos ver o saldo da conta. Isso vai nos dizer se Butler está mesmo levando isso tudo a sério.

Alguns cliques depois, Daniel inclinou-se para trás em sua cadeira. Ele olhou para Stephanie e ela retornou o olhar. Ambos estavam impressionados.

— Eu diria que ele está levando muito a sério! — assinalou Stephanie. — E ansioso!

— Estou estupefato! — disse Daniel. — Eu esperava dez ou vinte mil, no máximo. Jamais esperei cem mil. Onde ele pode ter arrumado essa quantidade de dinheiro tão rapidamente?

— Eu lhe disse que ele tem uma rede de comitês eleitorais que são verdadeiras máquinas de levantar fundos. O que eu me pergunto é se uma dessas pessoas que contribuíram com esse dinheiro imaginou, alguma vez, como ele seria gasto. Não deixa de ser bastante irônico se essas pessoas forem extremamente conservadoras como imagino que sejam.

— Isso não é problema nosso — disse Daniel. — Além disso, nós jamais gastaremos cem mil dólares. Ao mesmo tempo, é bom saber que, em todo caso, eles estão lá. Vamos ao trabalho!

— Eu já comecei a cultura de fibroblastos com o pedaço de pele.

— Excelente — disse Daniel, como se a exuberância daquela manhã começasse a voltar. Até mesmo o tom de sua pele melhorou. — Vou pôr mãos à obra e descobrir tudo o que puder sobre a Clínica Wingate.

— Ótimo! — disse Stephanie. Ela saiu em direção à porta. — Estarei de volta em cerca de uma hora.

— Aonde você vai?

— À livraria no centro — disse Stephanie por sobre o ombro. Ela hesitou na soleira da porta. — Eles reservaram um livro para mim. Depois que comecei a cultura de tecido, dei uma olhada na questão do sudário de Turim. Devo admitir que tive sorte em nossa divisão do trabalho. O sudário parece bem mais interessante do que eu imaginava.

— O que você descobriu?

— O suficiente para ser fisgada, mas apresentarei um relatório completo em cerca de 24 horas.

Daniel sorriu, fez um sinal com o polegar para cima na direção de Stephanie e voltou-se para a tela do computador. Usando um mecanismo de busca para obter uma lista de clínicas especializadas no tratamento da infertilidade, encontrou o website da Clínica Wingate. Alguns cliques mais tarde, estava conectado ao site. Ele escrutinou as primeiras páginas. Como esperado, continham material elogioso no intuito de atrair possíveis clientes. Numa seção chamada: CONHEÇA NOSSA EQUIPE, ele fez uma breve parada para ler os currículos dos diretores, que incluíam o fundador e diretor-executivo, Dr. Spencer Wingate; o chefe do Departamento de Pesquisa e Serviços de Laboratório, Dr. Paul Saunders; e a chefe de Serviços Clínicos, Dra. Sheila Donaldson. Os currículos eram tão

elogiosos quanto as descrições da própria clínica, embora, na opinião de Daniel, os três tivessem estudado em escolas de segunda ou até mesmo de terceira categoria, e o mesmo valia para seus programas de treinamento.

Na parte de baixo da página, ele encontrou o que procurava: um número de telefone. Havia também um endereço de e-mail, mas Daniel queria falar diretamente com um dos diretores — ou Wingate, ou Saunders. Apanhando o telefone, ele teclou o número. A chama¬da foi rapidamente atendida por uma telefonista com voz agradável, que se lançou num curto e decorado elogio da clínica antes de perguntar com quem Daniel desejava falar.

— Com o Dr. Wingate — disse Daniel. Ele havia decidido que seria melhor começar pelo topo.

Houve uma pausa rápida antes que a ligação fosse completada e Daniel ouvisse uma mulher, cuja voz era igualmente agradável. Ela educadamente perguntou o nome de Daniel antes de revelar se o Dr. Wingate estava disponível. Quando Daniel mencionou seu nome, a resposta foi imediata.

— É o Dr. Daniel Lowell da Universidade de Harvard?

Daniel fez uma pequena pausa, enquanto se decidia como responder.

— Fui de Harvard, mas no momento tenho a minha própria companhia.

— Vou localizar o Dr. Wingate para o senhor — disse a secretária. — Sei que ele deseja falar com o senhor.

Depois de um longo piscar de olhos de incredulidade, Daniel afastou o telefone do ouvido e encarou-o momentaneamente, como se ele pudesse explicar a resposta inesperada da secretária. Como Spencer Wingate poderia estar desejando falar com ele? Daniel balançou a cabeça.

— Boa tarde, Dr. Lowell — surgiu na linha alguém com um sotaque cortante da Nova Inglaterra, com uma voz uma oitava acima

do que Daniel poderia ter esperado. — Sou Spencer Wingate e fico muito satisfeito em falar com você. Esperávamos sua ligação na semana passada, mas não há problema. Você se importaria em aguardar um momento enquanto eu coloco o Dr. Saunders na linha? Levará um minuto, mas será melhor fazermos uma conferência telefônica, pois sei que o Dr. Saunders está tão ansioso para falar com você como eu.

— Tudo bem — disse Daniel concordando, embora seu espanto estivesse aumentando. Ele inclinou-se para trás em sua cadeira, botou os pés em cima da mesa e passou o telefone para a mão esquerda, de forma que pudesse usar a mão direita para tamborilar com um lápis na mesa. A reação de Spencer Wingate à sua ligação o apanhara totalmente desprevenido e ele sentia uma pontada de ansiedade. Ficou pensando nas reprimendas de Stephanie, quanto à ideia de envolverem-se com esses infames especialistas em infertilidade independente.

O minuto solicitado prolongou-se para cinco. Foi somente quando Daniel recobrou seu equilíbrio, a ponto de imaginar que a ligação pudesse ter caído, que Spencer reapareceu na linha. Ele estava levemente sem fôlego.

— Tudo bem, estou de volta! E você, Paul? Está na linha?

— Estou aqui — disse Paul, usando aparentemente uma extensão, numa outra sala. Contrastando com Spencer, a voz de Paul era mais grave, com um carregado sotaque nasalado característico do Meio-Oeste. — É um prazer falar com você, Daniel, se é que posso chamá-lo desse modo.

— Como você quiser — disse Daniel. — O que for melhor para você.

— Obrigado. E por favor me chame de Paul. Não há necessidade de formalidades entre amigos e colegas. Deixe-me dizer de cara que eu estava querendo muito trabalhar com você.

— Essa também era minha vontade—declarou Spencer. — Que diabo! Todas as clínicas têm vontade. Para quando podemos esperar sua chegada?

— Bem, essa é uma das razões por que estou ligando — disse Daniel vagamente, lutando para ser diplomático, mas muito curioso.

— Mas primeiro gostaria de saber como foi que vocês ficaram esperando a minha ligação.

— Através do seu observador, ou qualquer que seja o cargo dele — respondeu Spencer. — Como é mesmo o nome dele, Paul?

— Marlowe — disse Paul.

— Isso! Bob Marlowe — disse Spencer. — Depois que veio examinar nossas instalações, ele disse que você nos procuraria na semana seguinte. Não é necessário acrescentar que ficamos desapontados quando não tivemos notícias suas. Mas isso é coisa do passado, agora que você nos ligou.

— Ficamos encantados com o fato de você querer usar nossas instalações — disse Paul. — Será uma honra trabalhar com você. Bem, espero que você não fique chateado com as minhas especulações sobre o que você tem em mente, porque Bob Marlowe foi evasivo, mas presumo que você queira testar seu engenhoso HTSR em um paciente. Ora, por que você iria querer deixar seu próprio laboratório e os excelentes hospitais que tem em Boston? Minha suposição está correta?

— Como você ficou sabendo do HTSR? — perguntou Daniel. Ele não estava seguro quanto a admitir seus verdadeiros motivos logo no começo da conversa.

— Lemos seu surpreendente artigo na Nature — disse Paul. — Ele é brilhante, simplesmente brilhante. Sua importância global para a biociência lembrou-me do meu próprio artigo chamado Maturação in vitro de oócitos humanos. Por acaso você o leu?

— Ainda não — respondeu Daniel, forçando-se a manter o tato.

— Onde foi publicado?

— No Jornal de Tecnologia Reprodutiva do Século XXI.

— Este é um jornal com o qual não estou familiarizado — respondeu Daniel. — Quem o publica?

— Nós mesmos — disse Paul, orgulhoso. — Aqui mesmo na Clínica Wingate. Estamos tão empenhados em pesquisas quanto estamos em serviços clínicos.

Daniel revirou os olhos. Publicar seu próprio texto científico sem submetê-lo ao exame de um colega era uma contradição em termos, e ele estava impressionado com a perspicácia de Butler ao descrever esses dois sujeitos.

— O HTSR jamais foi usado em seres humanos — disse Daniel, ainda evitando responder à pergunta de Paul.

— Nós sabemos disso — interveio Spencer. — E essa é uma das inúmeras razões pelas quais gostaríamos que ele fosse feito aqui pela primeira vez. Estar na vanguarda é precisamente o tipo de reputação que a Clínica Wingate está lutando para estabelecer.

— O Ministério da Saúde não veria com bons olhos a realização de procedimento experimental sem um protocolo aprovado — disse Daniel. — Eles nunca o aprovariam.

— É claro que eles nunca aprovariam — concordou Spencer. — E isso nós sabemos bem — ele começou a rir e Paul acompanhou-o. — Mas estamos nas Bahamas, logo não há necessidade de o Ministério da Saúde ficar sabendo, já que ele não tem atuação aqui.

— Se eu fosse testar o HTSR em um ser humano, isso teria que ser feito em segredo absoluto — disse Daniel, finalmente reconhecendo, ainda que indiretamente, seus planos. — Isso não poderá ser divulgado, nem ser usado para fins promocionais.

— Estamos plenamente conscientes disso — disse Paul. — Spencer não quis dizer que tiraríamos algum proveito disso imediatamente.

— Céus, não! — trinou Spencer. — Eu estava pensando em tirar proveito disso somente depois que o procedimento fosse

reconhecido.

— O direito de determinar quando seria esse momento teria que ser exclusivamente meu — disse Daniel. — Não usarei o episódio nem mesmo para promover o HTSR.

— Não? — perguntou Paul. — Então por que você quer realizá-lo?

— Por razões puramente pessoais — disse Daniel. — Acredito que o HTSR irá funcionar tão bem em humanos como funcionou com ratos. Mas preciso provar isto para mim mesmo, só assim poderei ter forças para conter a reação dos setores políticos de direita que venho enfrentando. Não sei se vocês estão a par, mas existe a possibilidade de o Congresso proibir o meu procedimento.

Houve um silêncio constrangedor na linha. Ao pedir sigilo e descartar qualquer possível anúncio num futuro próximo, ficou claro para Daniel que ele estava perdendo um dos motivos pelos quais a Clínica Wingate estaria disposta a colaborar. Freneticamente ele tentou pensar em um modo de atenuar o desapontamento; momentos antes que ele dissesse alguma coisa que tornasse as coisas ainda piores, Spencer quebrou o silêncio.

— Suponho que poderemos respeitar seu pedido de sigilo. Mas como não teremos, a curto prazo, nenhum ganho promocional derivado da sua colaboração conosco, que tipo de compensação você tem em mente, em troca da utilização de nossas instalações e serviços?

— Nós pretendemos pagar — disse Daniel.

Houve um novo silêncio constrangedor. Daniel sentiu uma pontada de pânico, achando que as negociações não estavam caminhando bem, o que levantava o fantasma de perder a oportunidade de usar a Clínica Wingate para tratar de Butler. Levando em conta a escassez de tempo, uma perda dessa magnitude equivaleria a uma sentença de morte para o projeto. Daniel sentiu que tinha que oferecer mais. Recordando-se dos comentários de

Butler em relação à vaidade de Spencer e de Paul, ele rangeu os dentes e disse:

— Bem, mais adiante, depois que o Ministério da Saúde aprovar o HTSR para uso geral, todos nós poderíamos ser coautores de um artigo sobre o caso.

Daniel sobressaltou-se. A ideia de ser coautor de um artigo com dois palhaços era um pensamento doloroso, por mais que tentasse racionalizar, imaginando que poderia postergar isto indefinidamente. Mas, apesar da oferta, o silêncio persistiu e o pânico de Daniel aumentou. Lembrando-se de sua própria resposta ao pedido de Butler para que fosse utilizado sangue do sudário de Turim no HTSR, ele também jogou essa informação no ar, explicando que o paciente tinha insistido nisso. Daniel chegou até mesmo a propor o título que ele havia sugerido de brincadeira para Stephanie.

— Assim parece-me um artigo genial! — respondeu Paul, repentinamente. — Adorei! Onde o publicaríamos?

— Onde quisermos — disse Daniel vagamente. — Na Science ou na Nature. Onde você achar melhor. Imagino que não teremos dificuldades para que ele seja aceito.

— O HTSR funcionaria com sangue retirado do sudário de Turim? — perguntou Spencer. — Pelo que me lembro, essa coisa tem mais ou menos quinhentos anos.

— Que tal uns dois mil anos? — disse Paul.

— Não foi provado que se trata de uma falsificação medieval? — indagou Spencer.

— Não vamos nos envolver na discussão sobre a autenticidade — disse Daniel. — Para os nossos propósitos, isso não importa. Se o paciente quiser acreditar que ele é verdadeiro, não há nada de errado para nós.

— Mas, do ponto de vista prático, funcionaria? — perguntou novamente Spencer.

— O DNA estaria fragmentado, quer ele tenha quinhentos ou dois mil anos — disse Daniel. — Mas isso não seria um problema. Precisamos apenas de fragmentos, que as sondas de DNA do nosso HTSR vão encontrar depois da amplificação pelo método PCR. Através das enzimas nós vamos juntar o que precisaremos como genes inteiros. Funcionará bem.

— Que tal o The New England Journal of Medicinei — sugeriu Paul. — Isso seria um estrondo para a clínica! Adoraria publicar alguma coisa naquela publicação afetada.

— Sem dúvida — disse Daniel, encolhendo-se de medo diante da ideia. — Por que não?

— Estou começando a gostar disto também — disse Spencer.

— Esse é o tipo de artigo que seria recebido pela mídia como uma mina de ouro! Estaria em todos os jornais. Puxa, consigo até mesmo ver os apresentadores dos noticiários da TV falando sobre isso.

— Você tem razão — disse Daniel. — Mas lembre-se que até o artigo ser publicado existe a necessidade de sigilo absoluto em relação ao assunto como um todo.

— Nós compreendemos — disse Spencer.

— Como você conseguirá uma amostra do Sudário de Turim? — perguntou Paul. — Pelo que entendi, a Igreja Católica trancou-o numa espécie de cápsula do tempo, lá na Itália.

— Já estamos providenciando isso — disse Daniel. — Prometeram auxílio nos altos escalões do clero.

— Acho que você teria que conhecer o papa! — comentou Paul.

— Talvez devêssemos falar sobre os custos — disse Daniel, ansioso para mudar de assunto agora que a crise havia sido evitada.

— Não queremos que haja problemas.

— Sobre que espécie de serviços estamos falando? — perguntou Paul.

— O paciente que vai ser tratado sofre de doença de Parkinson — explicou Daniel. — Precisaremos do centro cirúrgico equipado e um aparelho estereotáctico para o implante.

— Nós temos a sala de operações — disse Paul. — Mas não temos o aparelho estereotáctico.

— Isso não é problema — disse Spencer. — Podemos pegar emprestado no Hospital Princesa Margaret. O governo das Bahamas e a comunidade médica da ilha têm nos apoiado bastante em nossa mudança para cá. Tenho certeza que eles ficarão felizes em ajudar. Nós apenas não vamos contar-lhes o motivo pelo qual precisamos do aparelho.

— Vamos precisar dos serviços de um neurocirurgião — disse Daniel. — Um que seja capaz de manter a discrição.

— Acho que isso também não será problema — disse Spencer. — Existem muitos deles na ilha que, em minha opinião, encontram-se subutilizados. Tenho certeza que poderemos fazer um acerto com um deles. Não sei ao certo quanto ele vai cobrar, mas posso lhe assegurar que será bem menos do que seria cobrado nos Estados Unidos. Meu palpite é que seria algo na casa dos duzentos ou trezentos dólares.

— Você acha que a questão da confidencialidade não seria um problema? — perguntou Daniel.

— Acho que não — disse Spencer. — Todos eles estão procurando trabalho. Há cada vez menos turistas alugando motonetas, o que fez com que o número de acidentes com traumatismo craniano caísse muito. Sei disso porque dois cirurgiões vieram à clínica para deixar seus cartões de visitas.

— Parece perfeito — disse Daniel. — Fora isso, tudo o que precisamos é de espaço no laboratório de vocês. Presumo que vocês tenham um laboratório onde fazem seus trabalhos de reprodução.

— Você ficará surpreso com nosso laboratório — disse Paul, com orgulho. — É o que há de mais avançado. Trata-se de algo bem

melhor do que um simples laboratório para tratamento da infertilidade! E além de mim, temos vários técnicos talentosos à sua disposição. Todos eles têm experiência em transferência nuclear e estão ansiosos para aprender o procedimento do HTSR.

— Não precisaremos do auxílio de nenhum funcionário do laboratório — disse Daniel. — Nós faremos todo o trabalho com as células. O que vamos precisar é de oócitos humanos. Vocês poderiam fornecer alguns?

— Claro que sim! — disse Paul. — Oócitos são nossa especialidade e logo se tomarão nosso ganha-pão. No futuro, pretendemos fornecê-los para toda a América do Norte. Qual o prazo que você tem em mente?

— O mais rápido possível — disse Daniel. — Isso pode parecer muito otimista, mas gostaríamos de estar prontos para o implante daqui a um mês. Nosso prazo é exíguo porque temos que aproveitar a oportunidade que nos foi imposta pelo paciente voluntário.

— Para nós, não há problema — disse Paul. — Podemos lhes fornecer oócitos amanhã!

— É mesmo? — perguntou Daniel. Parecia bom demais para ser verdade.

— Podemos fornecer oócitos sempre que vocês precisarem — disse Paul. Em seguida, ele acrescentou com uma risada: — Mesmo nos feriados!

— Estou impressionado — disse Daniel, com sinceridade. — Mas isso nos leva de volta aos custos.

— Com exceção dos oócitos, não temos experiência para saber ao certo quanto devemos cobrar — disse Spencer. — Para falar a verdade, jamais pensamos em ceder nossa clínica para alguém. Vamos tomar as coisas simples: que tal vinte mil para usar a sala de operações, incluindo a equipe, e mais vinte mil pelo laboratório, com tudo incluído?

— Tudo bem — disse Daniel. — E quanto aos oócitos?

— Quinhentos dólares cada — disse Paul. — E garantimos pelo menos cinco divisões em cada um, ou nós os substituímos.

— Parece justo — disse Daniel. — Mas eles têm que ser frescos!

— Eles estarão com ótima aparência—disse Paul. — Para quando devemos aguardar vocês?

— Ligarei de volta ainda hoje, mais tarde ou à noite — disse Daniel. — Ou, no mais tardar, amanhã. Nós realmente temos que começar a trabalhar nisso.

— Estaremos esperando — disse Spencer.

D

aniel desligou lentamente o telefone. Quando este encontrava-se cuidadosamente em sua base, ele soltou um grito. Tinha um forte pressentimento de que, apesar dos recentes contratempos, a CURE, o HTSR e o seu próprio destino estavam de volta no caminho certo!

O Dr. Spencer Wingate manteve sua mão bronzeada sobre o telefone depois que o desligou, enquanto matutava sobre a conversa que acabara de travar com o Dr. Daniel Lowell. Ele estava desapontado porque a conversa não havia sido como tinha imaginado, ou esperava, que ela fosse transcorrer. Quando surgiu inesperadamente a história, há duas semanas, que um famoso pesquisador estava querendo usar a Clínica Wingate, isso pareceu-lhe providencial, visto que eles haviam acabado de abrir as portas depois de oito meses de obras e confusões. Ele imaginava que uma associação profissional com um sujeito que poderia ganhar o Prêmio Nobel, como Paul dissera, seria um excelente modo de dizer ao mundo que a Wingate estava de volta aos negócios depois de um lamentável fracasso em Massachusetts, em maio passado. Mas do jeito que as coisas ficaram acertadas, não haveria declaração alguma. Quarenta mil dólares viriam bem, mas era uma mera ninharia se comparados ao dinheiro que ele tinha acabado de gastar para construir e equipar a clínica.

A porta do escritório de Spencer, que ele deixara levemente entreaberta quando voltou, às pressas, da tarefa de localizar seu segundo homem, foi aberta por inteiro. Preenchendo a soleira encontrava-se a constituição baixa e atarracada do Dr. Paul Saunders. Um largo sorriso deixava à vista seus dentes espaçados. Ele nitidamente não compartilhava o desapontamento de Spencer.

— Você pode imaginar? — Paul deixou escapar. — Vamos ter um artigo no *New England Journal of Medicine*! — Ele se jogou numa cadeira em frente à mesa de Spencer e socou o ar com os punhos levantados como se tivesse acabado de vencer uma etapa da Volta da França de ciclismo. — E que artigo: "A Clínica Wingate, o Sudário de Turim e o HTSR combinados na primeira cura da doença de Parkinson". Vai ser fantástico! As pessoas vão formar filas na nossa porta!

Spencer inclinou-se para trás e colocou as mãos atrás da cabeça entrelaçando os dedos. Ele olhava para seu pesquisador-chefe, título pelo qual Paul insistira, com um certo grau de condescendência. Paul era um trabalhador dedicado e tinha visão das coisas, mas, além de ser excessivamente entusiástico, faltava-lhe o pragmatismo necessário para dirigir um negócio de forma adequada. Ele praticamente levara à falência a antiga encarnação da clínica, em Massachusetts.

Caso Spencer não tivesse hipotecado a totalidade da clínica e mandado o dinheiro para o exterior, eles não teriam sobrevivido.

— O que faz você ter tanta certeza de que haverá um artigo? — perguntou Spencer.

O rosto de Paul tornou-se sombrio.

— Do que você está falando? Acabamos de conversar com Daniel sobre isso no telefone, falamos do título e de tudo mais. Foi ele mesmo quem sugeriu.

— Ele sugeriu, mas quem garante que isso vai acontecer? Concordo que seria maravilhoso se realmente acontecesse, mas ele

pode ter que postergar a publicação indefinidamente.

— Por que diabos ele faria isso?

— Eu não sei, mas por alguma razão o sigilo é muito importante para ele, e um artigo iria quebrá-lo. Ele não vai querer escrever um artigo, pelo menos não tão prontamente como gostaríamos. E caso nós nos adiantássemos e o fizéssemos sozinhos, ele provavelmente contestaria qualquer envolvimento no caso. Se isto acontecesse, ninguém publicaria o artigo.

— Isso faz sentido — concordou Paul.

Os dois se entreolharam separados pela mesa de Spencer. Um jato em aproximação final para pousar no Aeroporto Internacional de Nassau retumbou acima de suas cabeças. A clínica se localizava a oeste do aeroporto, em uma região árida, de pouca vegetação. Ficava na única área onde eles conseguiram comprar, por um preço razoável, espaço adequado para construir a clínica e cercá-la apropriadamente.

— Você acha que ele estava sendo sincero quanto a usar o Sudário de Turim? — perguntou Paul.

— Isso eu também não sei — disse Spencer. — Parece-me um pouco suspeito, se é que você me entende.

— Muito pelo contrário, a ideia pareceu-me intrigante.

— Não me entenda mal — disse Spencer. — A ideia é interessante e seguramente resultaria num excelente artigo científico e num excelente material jornalístico internacional, mas quando você soma tudo, inclusive a questão do sigilo, fica-se decididamente com a impressão de que há algo estranho envolvido. Veja bem, você acreditou na explicação dele quando lhe perguntou por que ele estava fazendo tudo isso?

— Você está falando sobre a necessidade de provar o HTSR para ele mesmo?

— Precisamente.

— Não totalmente, embora seja verdade que o Congresso americano esteja pensando em proibir o HTSR. E agora que você me fez pensar nisso, acho que ele aceitou os preços que você sugeriu um pouco rápido demais, como se o valor não importasse.

— Você tem toda razão — disse Spencer. — Eu não tinha a menor ideia de quanto pedir pelo uso de nossas instalações, então inventei um valor do nada e esperei que ele fizesse uma contraproposta. Droga, levando em conta a velocidade com que ele aceitou, eu devia ter pedido o dobro do valor.

— Então, você acha o quê?

— Acho que a identidade do paciente é a chave da questão — disse Spencer. — Para mim, isso é a única coisa que faz sentido.

— Quem poderia ser?

— Eu não sei — disse Spencer. — Mas se eu fosse forçado a adivinhar, diria que é um membro da família. Meu segundo palpite seria alguém rico, alguém muito rico e, possivelmente, famoso. Apostaria meu dinheiro nisso!

— Rico! — repetiu Paul. Um leve sorriso surgiu em seu rosto. — Uma cura poderia valer milhões.

— Exatamente. Esse é o motivo pelo qual devemos prosseguir na hipótese do rico e famoso. Afinal, por que deveríamos deixar Daniel Lowell receber milhões, em potencial, enquanto nós ficamos com míseros quarenta mil!

— Isso quer dizer que temos que descobrir a identidade deste paciente voluntário.

— Tinha esperança que você fosse ver esse negócio sob a minha perspectiva. Temia que você pudesse achar que só o fato de trabalhar com esse renomado pesquisador fosse valer a pena.

— Droga, de jeito nenhum! — respondeu Paul, irritado. — Não, a partir do momento em que não podemos aproveitar os benefícios promocionais que esperávamos. Ele até insinuou que não vai transmitir nenhuma informação sobre o HTRS, quando disse que ele

próprio faria o trabalho com as células. Inicialmente, achei que isso estivesse fora de questão. Eu ainda quero aprender o procedimento, portanto, quando ele ligar de volta, diga que isso faz parte do pacote.

— Ficarei contente em fazer isso — disse Spencer. — Também vou avisar que vamos querer a metade do dinheiro adiantada.

— Diga-lhe também que vamos querer uma consideração especial no futuro quando o HTSR for licenciado.

— Essa é uma ótima ideia — disse Spencer. — Vou ver o que posso fazer para renegociar as bases do negócio sem aumentar o valor do pagamento. Não quero assustá-lo a ponto de fazê-lo desistir de tudo. Enquanto isso, que tal você assumir a responsabilidade de tentar descobrir a identidade do paciente? Esse é o tipo de serviço no qual você é melhor do que eu.

— Vou tomar isso como um elogio.

— E foi mesmo um elogio.

Paul se levantou.

— Vou falar com Kurt Hermann, nosso chefe de segurança, agora mesmo. Ele adora esse tipo de tarefa.

— Diga para aquele boina-verde dispensado de forma desonrosa, ou que diabo ele tenha sido, para matar o menor número possível de pessoas. Depois de todo o investimento e esforço, não vamos estragar nossas boas-vindas nesta ilha.

Paul riu.

— Ele realmente é muito cuidadoso e conservador.

— Não da forma como eu vejo — disse Spencer. Ele ergueu as mãos para evitar uma polêmica. — Não acho que as prostitutas que ele matou em Okinawa fossem chamá-lo de conservador. Além disso, ele foi um pouco truculento quando trabalhou para nós em Massachusetts, mas isso são águas passadas. Admito que ele é bom no que faz, do contrário não estaria mais no pessoal. Deixe-me apenas fora disso, e diga-lhe para ser discreto! É tudo que peço.

— Ficarei contente em contar as novidades. Mas lembre-se, como nenhum de nós, incluindo Kurt, pode voltar aos Estados Unidos, ele provavelmente não conseguirá fazer muita coisa até que Daniel, a equipe dele e o paciente cheguem aqui.

— Eu não espero milagres — disse Spencer.

7

16h45, sexta-feira, 22 de fevereiro de 2002

As espirais pontiagudas da paisagem de Manhattan destacavam-se no céu de meio do inverno que escurecia, enquanto a aeronave da ponte-aérea Washington–Nova York descia, em sua aproximação final, em direção ao Aeroporto La Guardia. As luzes dispersas da cidade palpitante brilhavam como joias na escuridão que se avolumava. Algumas das muitas pontes suspensas surgiam como gargantilhas de pérolas iluminadas, pendendo entre elevadas colunas. As fileiras onduladas de faróis no elevado FDR assemelhavam-se a colares de diamantes, enquanto que as lanternas traseiras sugeriam rubis. Um transatlântico jovialmente adornado parecia um broche, à medida que deslizava silenciosamente em direção a uma doca no rio Hudson.

Carol Manning afastou-se da janela, de onde ela observava aquela paisagem inspiradora, para ver o que se passava no interior do avião. Não havia nenhuma conversação. Alheios à majestosa vista, todos os passageiros estavam absortos em seus jornais, documentos de trabalho ou laptops. Seus olhos encontraram o senador, que estava sentado na mesma fileira que ela. Ele se encontrava no corredor, a uma poltrona de distância. Assim como os outros passageiros, estava lendo. Suas mãos volumosas seguravam

um maço de memorandos, relacionados com a agenda do dia seguinte, que ele havia apanhado das mãos de Dawn Shackelton enquanto saía com Carol às pressas do gabinete, na esperança de pegar o voo da ponte-aérea das 15h30. Por uma questão de segundos, conseguiram pegá-lo. Por insistência de Ashley, Carol havia ligado naquela manhã para um dos secretários particulares do cardeal para marcar uma reunião improvisada para aquela mesma tarde. Ela fora instruída a dizer que se tratava de um assunto importante, mas que tomaria somente, no máximo, quinze minutos. O padre Maloney disse que veria o que podia ser feito, pois a agenda do cardeal estava cheia. Uma hora mais tarde, ele ligou para perguntar se o senador poderia encontrar o cardeal em algum momento entre as cinco e meia e as seis e meia da tarde, depois de uma recepção formal para um cardeal italiano em visita e antes de um jantar com o prefeito. Carol disse que estariam lá.

Dadas as circunstâncias de terem tido que correr para pegar o avião e se preocupar com o trânsito potencialmente engarrafado de Nova York, Carol não podia deixar de ficar impressionada com a aparente calma de Ashley. Sem dúvida, ele contava com ela para preocupar-se em seu lugar, mas caso os papéis fossem invertidos, e Carol tivesse que enfrentar o que ele estava enfrentando, ela ficaria ansiosa a ponto de não conseguir se concentrar. Mas isso jamais ocorreria com Ashley! Apesar de um leve tremor, todas as páginas de memorandos estavam sendo atentamente lidas e passadas para trás em rápida sucessão, sugerindo que sua lendária velocidade para leitura não tinha sido afetada pela doença ou pelos eventos das últimas vinte e quatro horas.

Carol pigarreou.

— Senador, quanto mais eu penso sobre os últimos acontecimentos, mais fico surpresa por você não ter pedido minha opinião. Você pede minha opinião sobre quase tudo.

Ashley virou a cabeça e olhou para Carol por cima dos óculos de armação pesada que haviam escorregado até a ponta do seu nariz. Sua testa larga estava enrugada em sinal de condescendência.

— Carol querida — começou ele —, você não precisa me dar sua opinião. Como dei a entender ontem à noite, já estou bem seguro quanto à minha decisão.

— Então quero que fique sabendo que, na minha opinião, você vai correr um risco muito grande com esse tratamento.

— Fico agradecido por sua preocupação, qualquer que seja a motivação, mas já tomei a resolução.

— Você está aceitando ser tratado como uma cobaia. Você não tem nenhuma ideia de qual será o resultado.

— Pode ser verdade que eu não saiba exatamente qual será o resultado, mas também é verdade que se eu não fizer nada para enfrentar minha progressiva e incurável doença sei perfeitamente qual será o resultado. Meu pai pregava que o Senhor ajuda àqueles que se ajudam. Fui um lutador durante toda a minha vida e certamente não vai ser agora que vou mudar. Não vou sair da briga choramingando. Vou espernear e gritar como uma fera acuada.

— O que vai acontecer se o cardeal lhe disser que seus planos são desaconselháveis?

— Uma resposta dessas é bastante improvável, pois não tenho a menor intenção de informar ao cardeal o meu intento.

— Então por que estamos vindo para cá? — disse Carol, com um tom quase raivoso. —Esperava que Sua Eminência pudesse apelar para o seu bom senso durante as discussões.

— Nós não estamos fazendo essa peregrinação à sede do poder católico do continente norte-americano em busca de aconselhamento, mas apenas para arranjar um pedaço do Sudário de Turim, que servirá como uma proteção esperançosa contra as incertezas da minha terapia.

— Mas como você pretende ter acesso ao sudário sem explicar o motivo?

Ashley ergueu uma das mãos como um orador acalmando uma ruidosa multidão.

— Basta, minha querida Carol, antes que sua presença tome-se mais um estorvo do que um auxílio — ele voltou a atenção para os papéis enquanto a aeronave preparava-se para aterrissar.

Um acesso de calor espalhou-se pelo rosto de Carol no momento em que ela foi sumariamente dispensada. Esse tipo de tratamento degradante estava tomando-se rotineiro, assim como a irritação de Carol relacionada a isso. Temendo que seus sentimentos transparecessem, ela voltou a olhar pela janela.

Enquanto o avião taxiava em direção ao portão, Carol manteve sua atenção para fora da aeronave. De perto, Nova York não se parecia mais com uma joia, graças às camadas de lixo e aos montes de neve suja, espalhados ao longo da pista. Combinando com a paisagem soturna, ela remoeu suas emoções conflitantes e o sentimento de culpa que desenvolvera em relação ao plano de Ashley para tratar da enfermidade. Por um lado, ela estava verdadeiramente temerosa de sua natureza experimental, mas também, por outro lado, imaginava que a terapia pudesse funcionar. Embora sua reação inicial ao diagnóstico de Ashley tivesse sido de compaixão, ao longo do ano ela passara a vê-lo também como uma oportunidade. Agora, seu medo de um desfecho infeliz competia, com a mesma intensidade, com o temor de um bom resultado, ainda que ela tivesse problemas em reconhecer isso para ela mesma. Num certo sentido, ela se sentia no papel de Brutus diante de César.

A transição do avião para a limusine, que Carol tinha arranjado, foi tranquila. Mas quarenta e cinco minutos depois, eles estavam encalhados num oceano de carros no elevado FDR; o fluxo de tráfego havia se tomado bem mais lento desde que eles o sobrevoaram um pouco mais cedo.

Irritado com o atraso, Ashley jogou de lado as páginas que ele estava estudando e desligou a lâmpada de leitura. O interior do automóvel ficou escuro novamente.

— Nós vamos perder nossa janela de oportunidade — resmungou ele, sem o menor sotaque.

— Desculpe-me — propôs Carol, como se fosse culpa dela. Milagrosamente, depois de cinco minutos totalmente parados e de um grande número de palavrões ditos por Ashley, o trânsito começou a andar novamente.

— Louvado seja o Senhor pelos seus pequenos favores — entoou Ashley.

Ao pegar a Rua 96, o motorista astutamente usou uma via alternativa para ir para o centro da cidade e pôde deixar o senador e sua assessora na porta da residência do arcebispo, na esquina da Avenida Madison com a ma 50, quatro minutos antes do intervalo marcado para o encontro. O motorista foi instruído a dar uma volta pelo quarteirão, pois eles pretendiam voltar para o aeroporto dentro de uma hora.

Carol nunca estivera na residência. Ela olhou para a casa, nada imponente, de três andares, com acabamento em pedra cinza e telhas de madeira, que se curvava à sombra dos arranha-céus da cidade. Erguia-se no limite da calçada, sem nenhum canteiro de plantas para suavizar sua aridez. Alguns prosaicos aparelhos de ar-condicionado sujavam sua fachada, assim como pesadas barras de ferro no térreo. As barras davam ao edifício o aspecto de ser uma pequena prisão, mais do que o de uma residência. Um rendado belga, visível atrás de uma das janelas, era o único toque atenuante.

Ashley subiu os degraus de pedra e deu uma batida com a campainha de bronze polido. Não tiveram que esperar muito. A pesada porta foi aberta por um padre alto e lúgubre, com um acentuado nariz romano e cabelos ruivos cortados curtos. Estava vestido com uma batina preta com colarinho branco.

— Boa tarde, senador.

— Para você também, padre Maloney — disse Ashley, enquanto entrava. — Espero que a hora de nossa chegada seja oportuna.

— Muito conveniente — respondeu o padre Maloney. — Vou deixar você e sua assessora no escritório particular de Sua Eminência. Ele logo se juntará a vocês.

O escritório era uma sala no primeiro andar, mobiliada de forma espartana. A decoração consistia numa foto formal do papa João Paulo II emoldurada e numa pequena estátua de Nossa Senhora, esculpida em puro mármore branco de Carrara. O assoalho de madeira estava sem tapete e os sapatos de Carol ricocheteavam ruidosamente contra a superfície envernizada. O padre Maloney se retirou silenciosamente, mas antes fechou a porta atrás dele.

— Um tanto austero — assinalou Carol. As únicas peças de mobília eram um pequeno e surrado sofá de couro, uma cadeira igualmente de couro, combinando com o sofá, um genuflexório e uma pequena escrivaninha com uma cadeira de madeira, com espaldar reto.

— O cardeal gosta que seus visitantes acreditem que ele não está interessado no mundo material — disse Ashley, enquanto se sentava na cadeira de couro rachado —, mas ele não me engana.

Carol sentou-se ereta na beirada do sofá com as pernas dobradas para o lado. Ashley acomodou-se como se estivesse visitando um parente. Cruzou as pernas mostrando uma meia preta e um pedaço de sua panturrilha branca.

Momentos depois, a porta foi reaberta e adentraram na sala o reverendo cardeal James O'Rourke, seguido pelo padre Maloney, que fechou a porta atrás deles. O cardeal estava em trajes solenes. Sobre suas calças pretas e camisa com colarinho branco, ele vestia uma batina com sobrepeliz vermelha e botões cardinalícios. Sobre a batina havia um manto escarlate aberto nos lados. Em tomo de sua cintura havia uma larga faixa encarnada. Na cabeça, usava um

capelo vermelho cardinalício. Do seu pescoço pendia um crucifixo de prata cravejado de brilhantes.

Carol e Ashley se levantaram. Carol ficou impressionada com o espetáculo proporcionado pelas roupas suntuosas do cardeal, acentuado pela severidade do ambiente. Mas uma vez de pé, ela se deu conta que o poderoso prelado era mais baixo do que os 1,70m dela própria, e ao lado de Ashley, que por sua vez não era tão alto assim, ele definitivamente parecia baixo e gorducho. Apesar de seus trajes reais, seu rosto bondoso e sorridente sugeria um humilde pároco de pele muito alva, bochechas rosadas e agradáveis traços roliços. Seus olhos aguçados, entretanto, eram uma outra história, bem mais consistente com o que Carol sabia a respeito do poderoso prelado. Eles refletiam uma formidável inteligência e grande astúcia.

— Senador — disse o cardeal, num tom de voz que combinava com seu aspecto cortês. Ele estendeu sua mão languidamente.

— Vossa Eminência — disse Ashley, invocando seu sotaque sulista mais cordial. Ele deu um forte aperto de mão no cardeal, evitando, de propósito, beijar o anel do prelado. — Realmente é um prazer. Estando perfeitamente ciente dos seus muitos compromissos, fico mesmo muito agradecido por encontrar tempo para receber um interiorano num prazo tão curto.

— Deixe disso, senador — repreendeu-o o cardeal. — É sempre um prazer reencontrá-lo. Sente-se, por favor.

Ashley retomou seu assento e assumiu sua postura anterior.

Carol ruborizou-se novamente. Ser ignorada era tão embaraçoso quanto ser dispensada. Ela esperava sinceramente ser apresentada, especialmente quando os olhos do cardeal, seguidos de um interrogativo levantar de sobrancelhas, encontraram o rosto dela. Ela se sentou de novo, enquanto o cardeal apanhava a tosca cadeira de madeira. O padre Maloney permaneceu em silêncio, de pé, junto à porta.

— Em deferência às nossas agendas — começou Ashley —, acredito que eu deva ir direto ao assunto.

Sentindo-se estranhamente invisível, Carol observou os dois homens sentados ao lado dela. Repentinamente, ela reconheceu a similaridade de caráter dos dois, apesar das diferenças de aparência e da natureza exigente de ambos. Eles sabiam como tirar as respectivas vantagens do enfraquecimento das linhas que separam a Igreja e o Estado. Eram adeptos da bajulação e cultivavam relações com quem podiam trocar favores em seus respectivos campos. Escondiam personalidades irredutíveis, calculistas e determinadas por trás das aparências: o cardeal por trás do humilde pároco, o senador por trás do interiorano. Além disso, ambos zelavam por suas autoridades e adoravam o exercício do poder.

— É sempre melhor ser direto — disse James. Ele se sentou com as costas eretas, segurando em suas mãos rechonchudas o capelo zucchetto, que ele tinha tirado da cabeça calva.

Carol tinha em mente a imagem de dois cautelosos esgrimistas rodando em círculos.

— Tem me causado um profundo dissabor ver a Igreja Católica tão acossada — prosseguiu Ashley —, o presente escândalo sexual cobrou seu tributo, especialmente com a divisão em suas próprias fileiras e com um ancião combalido liderando-a, em Roma. Tenho permanecido acordado de madrugada pensando num modo de ser útil.

Carol teve que se esforçar para não revirar os olhos. Ela sabia perfeitamente bem quais eram os reais sentimentos do senador em relação à Igreja Católica. Na dupla condição de congressionalista e de fundamentalista, ele pouco se importava com qualquer hierarquia religiosa e, em sua opinião, a Igreja Católica era a mais hierárquica de todas.

— Prezo sua preocupação — disse James. — Tenho uma preocupação parecida em relação ao Congresso americano depois da

tragédia de 11 de setembro. Também tenho pensado muito em como posso ajudar.

— Sua liderança moral é uma ajuda constante — disse Ashley.

— Gostaria de poder fazer mais — disse James.

— Minha preocupação com a Igreja se reflete no fato de que um número relativamente pequeno de padres, com desenvolvimento psicossexual interrompido, foi capaz de colocar financeiramente em risco toda a organização filantrópica. O que eu gostaria sinceramente de propor, em troca de um pequeno favor, é a criação de uma lei limitando o valor das indenizações por responsabilidade civil a serem pagas pelas instituições de caridade reconhecidas, dentre as quais a Igreja Católica é um exemplo luminoso.

Por alguns minutos, o silêncio reinou no ambiente. Carol reparou pela primeira vez o tique-taque de um pequeno relógio sobre a escrivaninha e o ruído abafado do trânsito da Avenida Madison. Ela olhou para o rosto do cardeal. A expressão dele não se alterara.

— Uma lei dessa natureza seria de grande ajuda na atual crise — disse finalmente James.

— Mesmo reconhecendo a importância que cada episódio individual de abuso sexual tem para a vítima, não devemos vitimar todas aquelas almas que dependem da igreja para sua saúde, educação e necessidades espirituais. Como minha mãe costumava dizer: "Não se deve jogar fora o bebê junto com a água do banho."

— Qual a possibilidade de uma lei desta natureza ser aprovada?

— Com todo o empenho que eu certamente emprestaria à causa, estimo que as possibilidades sejam grandes. Quanto ao presidente, acho que ficaria satisfeito em assinar a lei. Ele é um homem de muita fé, alguém que acredita muito na importância da caridade religiosa.

— Estou certo que o Santo Padre ficaria agradecido pelo seu apoio.

— Sou um servo do povo — disse Ashley. — De todas as raças e de todas as religiões.

— Você mencionou um pequeno favor — disse James. — Trata-se de algo que eu já possa ficar sabendo neste momento?

— Ah! É uma coisa pequena — disse Ashley. — Algo mais relacionado com a memória de mamãe. Minha mãe era católica. Já falei sobre isso?

— Acho que não — disse James.

Carol lembrou-se novamente da imagem de dois esgrimistas atacando-se e defendendo-se.

— Católica até o último fio de cabelo — disse Ashley. — Ela veio dos arredores da velha Dublin. Era uma mulher muito religiosa.

— Presumo, pelo que você diz, que ela já esteja no Paraíso.

— Infelizmente sim — disse Ashley. Ele hesitou por um momento, como se estivesse engasgado. — Há muitos anos, abençoada seja sua alma, quando eu ainda usava calças curtas.

Essa era uma história que Carol conhecia. Certa noite, após uma longa sessão do Senado, ela foi com o senador a um bar de Capitol Hill. Depois de algumas doses de bourbon, o senador contou a triste história de sua mãe. Ela morrera quando Ashley tinha nove anos, vítima de um aborto clandestino que preferiu fazer a ter o décimo filho. A ironia foi que ela tomou esta decisão porque temia morrer durante o parto, devido às complicações que tinha enfrentado ao dar à luz seu nono filho. O irascível pai de Ashley sentiu-se ultrajado e vaticinou, para sua família e para sua congregação, que ela queimaria no inferno por toda a eternidade.

— Você gostaria que eu rezasse uma missa pela alma dela? — perguntou James.

— Isso seria muito generoso — disse Ashley. — Mas não é exatamente isso o que tenho em mente. Até hoje, lembro-me de sentar no joelho dela para ouvir todas as coisas maravilhosas que ela me contava sobre a Igreja Católica. E lembro-me particularmente do que ela me disse sobre o miraculoso Sudário de Turim, que ela amava de coração.

Pela primeira vez a expressão do cardeal se alterou. Foi uma mudança sutil, mas Carol pôde ver claramente que ele ficara surpreso.

— O sudário é considerado uma das relíquias mais sagradas — disse James.

— Jamais discordaria disso — respondeu Ashley.

— O próprio Santo Padre disse privadamente que ele acredita que realmente seja o sudário de Cristo.

— Fico feliz em ouvir que as crenças de minha mãe são confirmadas — disse Ashley. — Em atenção ao papel primordial de minha mãe em minha vida, tenho estudado amadoristicamente o sudário ao longo desses anos. Por acaso, sei que retiraram um número de amostras dele, sendo que algumas foram usadas em testes e outras não. Sei também que as amostras que não foram utilizadas foram recolhidas pela Igreja depois dos resultados da datação por carbono. O que eu gostaria de conseguir era uma pequena — Ashley juntou polegar e indicador para dar ênfase —, uma pequeníssima amostra de fibra embebida em sangue, daquelas que foram devolvidas.

O cardeal inclinou-se para trás em sua cadeira. Trocou breves olhares com o padre Maloney.

— Este é um pedido muito singular — disse ele. — Entretanto, a Igreja tem sido muito clara a respeito desse assunto. Não haverá mais testes científicos no sudário, exceto aqueles necessários para sua conservação.

— Não tenho o menor interesse em realizar testes no sudário — afirmou Ashley, categoricamente.

— Então para que você quer essa pequena amostra?

— Para mamãe — disse simplesmente Ashley. — Gostaria sinceramente de colocá-la dentro da uma que conserva as cinzas dela, na próxima vez que estiver de volta em casa, para que seus restos possam se misturar com os do Todo-Poderoso. A uma dela

fica próxima à de meu pai, sobre o console da lareira, na velha residência da família.

Carol teve de reprimir um riso de escárnio. Era impressionante a capacidade de persuasão e a facilidade com que o senador podia mentir. Na mesma noite em que contara a história de sua pobre mãe, ele disse que seu pai jamais permitiu que ela fosse enterrada no cemitério da paróquia dele, o que fez com que ela fosse enterrada na vala comum municipal.

— Creio — acrescentou Ashley — que se ela pudesse ter um único desejo, seria este: uma ajuda para sua alma imortal entrar no Paraíso eterno.

James olhou para o padre Maloney.

— Não sei nada sobre estas amostras devolvidas. Você sabe de algo?

— Não, Eminência — disse o padre Maloney —, mas eu poderia descobrir alguma coisa com o arcebispo Manfredi, que o senhor conhece tanto e que está instalado em Turim. E o monsenhor Garibaldi, que conheço bem e que também está lá.

O cardeal olhou de volta para Ashley.

— Você se contentaria somente com algumas fibras?

— É tudo que peço — disse Ashley. — Embora eu deva acrescentar que gostaria de tê-las em mão o mais rápido possível, pois planejo uma ida para casa em breve.

— Caso essa pequena amostra possa ser posta à disposição, como poderíamos enviá-la para você?

— Eu enviaria imediatamente um representante a Turim — disse Ashley. — Não é o tipo de missão que eu confiaria ao correio ou a alguma empresa de entregas.

— Nós vamos ver o que podemos fazer — disse James, enquanto se levantava. — E presumo que você irá propor a lei sugerida em breve.

Ashley também se levantou.

— Segunda-feira de manhã, Eminência, desde que o senhor já tenha se manifestado.

Degraus representavam um claro esforço para o cardeal e ele os enfrentava lentamente, parando várias vezes para recuperar o fôlego. O principal problema de usar trajes solenes era que seus movimentos ficavam limitados por causa das várias camadas de roupa. Além desse incômodo, ele normalmente sentia calor, em especial quando subia as escadas dirigindo-se para seus aposentos privados. O padre Maloney estava exatamente atrás dele, e quando o cardeal parava, o padre também parava.

Segurando o corrimão com uma das mãos, o cardeal apoiava seu outro braço sobre o joelho levantado. Ele estava ofegante, com as bochechas pálidas, e aproveitava as pausas para passar a mão pela testa. Havia um elevador, mas ele utilizava a escada como forma de penitência.

— Há algo que eu possa pegar para o senhor, Eminência? — perguntou o padre Maloney. — Posso trazer aqui para baixo e poupá-lo de subir estes degraus íngremes. Foi uma tarde extenuante.

— Obrigado, Michael — disse James. — Mas tenho que me refrescar caso eu pretenda aguentar o jantar com o prefeito e com nosso cardeal visitante.

— Quando o senhor vai querer que eu faça contato com Turim? — perguntou o padre Maloney, aproveitando-se do momento.

— Amanhã à noite depois da meia-noite — disse James, esbaforido. — Vão ser seis horas da manhã no horário de lá, e você tem de conseguir pegá-los antes da missa.

— É um pedido surpreendente, se é que o senhor me permite dizer isso, Eminência.

— Realmente! Surpreendente e curioso! Caso a informação do senador sobre as amostras esteja correta e, conhecendo o homem como conheço, ficarei surpreso se não estiver, deve ser um pedido fácil de atender, desde que fique claro que não será necessário tocar

no próprio sudário. Mas, nas suas conversas com Turim, enfatize bem que o assunto deve ser tratado sigilosamente. Deve haver absoluta confidencialidade e nenhuma espécie de documentação. Estou sendo claro?

— Perfeitamente claro — disse Michael. — O senhor acha que as amostras vão ser mesmo utilizadas da forma como o senador relatou, Eminência?

— Trata-se da minha única preocupação — disse James, dando uma última e profunda respirada. Ele recomeçou lentamente a subir as escadas. — O senador é um mestre das barganhas. Estou certo de que ele pessoalmente não ia querer a amostra para fazer algum teste não autorizado, mas ele pode estar trocando favores com alguém que esteja interessado em fazer testes. O Santo Padre decretou *ex cathedra* que o sudário não deve ser submetido a nenhuma outra indignidade científica, e eu concordo plenamente com ele. Mas apesar disso, acredito que seja uma causa nobre ceder algumas das fibras sagradas em troca de uma oportunidade de assegurar a viabilidade econômica da Igreja. Você concorda, padre Maloney?

— Certamente.

Eles alcançaram o topo da escada e o cardeal parou novamente para tomar fôlego.

— O senhor acredita que o senador vai fazer o que ele se propôs em relação à legislação, Eminência?

— Sem sombra de dúvida — disse James, sem hesitação. — O senador sempre cumpre o seu lado do acordo. Para dar um exemplo: ele foi fundamental no programa dos boletins escolares, algo que vai salvar nossas escolas paroquiais. Em troca, trabalhei para que ele recebesse o voto dos católicos na última eleição em que foi reeleito. Foi, como se diz, uma situação em que uma mão lavou a outra. Por conseguinte, caso tudo seja arranjado, vou querer, por precaução, que você vá a Turim para ver quem pegará a amostra. Depois vai segui-la para descobrir quem é essa pessoa e para quem a amostra

vai ser entregue. Desse modo, seremos capazes de antecipar qualquer potencial acidente de percurso.

— Eminência! Não consigo imaginar uma tarefa mais agradável.

— Padre Maloney! — disse o cardeal, asperamente. — Trata-se de um trabalho sério e não de algo concebido para o seu divertimento. Espero discrição e empenho absolutos.

— É claro, Eminência! Não quis insinuar nada diferente disso.

8

19h25, sexta-feira, 22 de fevereiro de 2002

— Ai, meu Deus! — Stephanie resmungou alto, depois de olhar para o seu relógio. Eram quase sete e meia. Stephanie surpreendia-se como o tempo podia voar quando estava absorvida com alguma coisa, e ela passara a tarde inteira absorta. Primeiramente, ficou cativada pelas publicações sobre o Sudário de Turim, na livraria, depois, durante a última hora, hipnotizada com o conteúdo do que estava lendo no computador.

Ela tinha voltado para o escritório pouco antes das seis e encontrou-o vazio. Presumindo que Daniel tivesse ido para casa, sentou-se em sua mesa improvisada no laboratório e, com ajuda da internet e dos arquivos eletrônicos de alguns jornais, passou a pesquisar o que havia acontecido com a Clínica Wingate há menos de um ano. Foi uma leitura perturbadora.

Stephanie colocou seu laptop no estojo macio, apanhou a sacola da livraria e botou seu casaco. Na porta do laboratório, apagou as luzes, o que a obrigava a tatear no caminho até a recepção que, por sua vez, já estava na penumbra. Uma vez na rua, ela virou em direção à Praça Kendall. Seguia com a cabeça encolhida para proteger-se do vento cortante. Típico do clima da Nova Inglaterra, o tempo havia mudado significativamente se comparado com o

princípio da tarde. Com o vento vindo agora do norte e não mais do oeste, a temperatura despencara dos 8o, relativamente agradáveis, para cerca de 5o negativos. Junto com o vento do norte vieram as nevascas, que cobriram a cidade como se ela tivesse sido polvilhada com açúcar de confeiteiro.

Na Praça Kendall, Stephanie tomou a linha vermelha do metrô em direção à Praça de Harvard, um território que lhe era familiar desde os seus anos de universidade. Como sempre, apesar do tempo, a praça estava animada pelos estudantes e populares que gravitam nesse tipo de ambiente. Alguns músicos de rua também tinham tido coragem de enfrentar o tempo rigoroso. Com os dedos azulados, eles faziam serenatas para os transeuntes. Stephanie sentiu pena deles o suficiente para deixar um rastro de notas de um dólar em seus chapéus virados para cima, enquanto atravessava a praça em direção à Praça Eliot.

As luzes e o burburinho dos bares foram ficando rapidamente para trás à medida que Stephanie avançou pela Rua Brattle. Ela passou por uma área que pertencia à Faculdade Radcliff e também pela célebre Casa de Longfellow. Mas esta paisagem não a emocionou. Em vez disso, ela pensava no que havia descoberto nas últimas três horas e estava ansiosa para compartilhar isso com Daniel. Também estava interessada em ouvir o que ele descobrira.

Passava das oito horas quando ela subiu os degraus de entrada do edifício de Daniel. Ele ocupava o apartamento de último andar de uma casa convertida em condomínio, uma construção em estilo vitoriano tardio, que contava com toda a ornamentação original, incluindo uma elaborada empena. O apartamento tinha sido comprado em 1985, quando ele retomou à vida acadêmica, indo para Harvard. Este foi um ano importante para Daniel. Além de ter largado seu emprego na Merck, também largou a mulher com quem vivera durante cinco anos. Daniel contou para Stephanie que ele se sentia sufocado por ambos. Sua esposa era uma enfermeira que ele

conheceu quando fazia residência médica, ao mesmo tempo que cursava o doutorado, um feito que Stephanie comparava a correr duas maratonas seguidas. Daniel contou para Stephanie que sua mulher era um atraso na vida dele, e que ter se casado com ela fez com que ele, muitas vezes, se sentisse como Sísifo, rolando eternamente uma pedra montanha acima. Ele também contou que ela era uma pessoa muito correta e que esperava o mesmo dele. Stephanie não sabia ao certo o que pensar desses comentários, mas nunca se aprofundou na questão. Ela ficava feliz por eles não terem tido filhos, algo que, aparentemente, a antiga esposa desejava de forma desesperada.

— Cheguei! — gritou Stephanie, depois de fechar a porta do apartamento empurrando-a com as costas. Deixando a bolsa do laptop e a sacola da livraria sobre a mesinha do hall, Stephanie tirou o casaco e abriu a porta do closet para pendurá-lo. — Tem alguém em casa? — berrou ela, embora sua voz tivesse saído abafada porque ela estava voltada para o closet. Quando acabou de guardar o casaco, ela se virou. Começou a gritar novamente, mas a sombra de Daniel preenchendo a entrada assustou-a. Ele estava a apenas poucos metros dela. O barulho que saiu de seus lábios foi mais uma espécie de pio do que qualquer outra coisa.

— Porra, onde você estava? — reclamou Daniel. — Sabe que horas são?

— Acho que oito — tentou Stephanie. Ela botou uma mão no peito. — Não me assuste desse jeito!

— Por que não ligou? Eu estava quase chamando a polícia.

— Calma! Você sabe como eu sou em relação a livrarias. Fui em duas e perdi a noção do tempo. Em ambas, fiquei indecisa, lendo e tentando decidir o que comprar. Depois, voltei para o escritório porque queria aproveitar a conexão em banda larga.

— Por que você não deixou seu celular ligado? Tentei uma dúzia de vezes.

— Porque estava em uma livraria e quando cheguei no escritório isso não me ocorreu. Ei! Desculpe-me se você se preocupa comigo, certo? Mas agora estou em casa, sã e salva. O que você fez para o jantar?

— Muito engraçadinha — resmungou Daniel.

— Acalme-se! — disse Stephanie, dando um tapinha no braço dele. — Realmente fico grata pela sua preocupação, mas estou morrendo de fome e você também deve estar. O que acha de irmos até a praça para jantar? Por que você não liga para o Rialto enquanto eu tomo banho? Sei que é sexta-feira, mas na hora que chegarmos lá, não deveremos ter problema para encontrar lugar.

— Tudo bem — disse Daniel, relutante, como se estivesse concordando com um grande empreendimento.

Passava das nove e vinte quando eles entraram no restaurante Rialto e, como Stephanie previra, havia uma mesa esperando por eles. Como ambos estavam famintos, estudaram o menu imediatamente e fizeram os pedidos logo em seguida. Atendendo a um pedido deles, o garçom logo trouxe vinho e água com gás para amainar a sede, além de pão, para enganar a fome.

— Bem — disse Stephanie, encostando em sua cadeira. — Quem quer falar primeiro?

— Deixe-me falar logo — disse Daniel. — Até porque não tenho muito a relatar, mas o que tenho é encorajador. Telefonei para a Clínica Wingate e ela pareceu-me bem equipada para as nossas necessidades. Eles nos deixarão usar as instalações deles. Na verdade, já combinei o preço: quarenta mil.

— Uau! — exclamou Stephanie.

— É, eu sei: é um pouco alto, mas eu estava relutante em barganhar. Principalmente depois que lhes contei que eles não poderiam aproveitar a nossa presença na clínica para fins promocionais, porque passei a temer que não tivéssemos chances. Por sorte, eles mudaram de ideia.

— Bem, o dinheiro não é nosso e temos de sobra. E quanto aos oócitos?

— Essa é a melhor parte. Eles me disseram que podem nos fornecer oócitos humanos sem nenhum problema.

— Quando?

— Eles disseram que sempre que quisermos.

— Minha nossa — disse Stephanie. — Isso certamente deixa qualquer um curioso.

— A cavalo dado não se olham os dentes.

— E quanto ao neurocirurgião?

— Também não há problema. Há vários na ilha fazendo de tudo para arranjar trabalho. O hospital local tem até um aparelho estereotáctico.

— Isso é encorajador.

— Também achei.

— Tenho uma novidade boa e uma má. Qual você quer ouvir primeiro?

— O quão ruim é a má?

— Tudo é relativo. Não é suficientemente má para estragar nossos planos, mas é ruim o bastante para nos deixar preocupados.

— Vamos ouvir primeiro a má para acabar logo com isso.

— Os diretores da Clínica Wingate são piores do que eu me lembrava. A propósito, com quem você falou quando ligou para a clínica?

— Com dois dos diretores: o próprio Spencer Wingate e seu principal assessor, Paul Saunders. E devo acrescentar que são dois palhaços. Imagina só: publicam um suposto jornal científico próprio, sendo que o processo de elaboração e edição dos textos envolve somente eles!

— Você está querendo dizer que não existe um conselho editorial crítico?

— Foi a impressão que tive.

— Isso é uma piada, a menos que alguém assine a publicação e tome seu conteúdo como um evangelho.

— Foi exatamente o que pensei.

— Bem, eles são mais que palhaços — disse Stephanie. — E piores do que realizadores de experiências antiéticas com clonagem reprodutiva. Fiz uma pesquisa nos arquivos de jornais, especialmente do The Boston Globe, para ler sobre que aconteceu em maio passado quando a clínica mudou-se repentinamente para as Bahamas. Você se lembra que mencionei ontem à noite, em Washington, que eles estavam envolvidos no desaparecimento de duas estudantes de Harvard? Bem, de acordo com as duas garotas que fizeram a denúncia, ambas bem confiáveis e que, por acaso, foram doutorandas em Harvard, foi bem mais do que um simples envolvimento. Elas conseguiram arrumar empregos na clínica para descobrir o destino dos óvulos que haviam doado. Durante a investigação descobriram muito mais do que podiam ter imaginado. Elas afirmaram, em juízo, ter visto os ovários das mulheres desaparecidas, num lugar que elas chamaram de "sala de recuperação dos óvulos", dentro da clínica.

— Meu Deus — disse Daniel. — Com esse tipo de testemunho, como é que o pessoal da Wingate não foi indiciado?

— Por falta de provas e pelo trabalho de uma equipe de advogados caríssima! Aparentemente, os diretores tinham um plano de fuga preparado, que incluía a destruição da clínica e de tudo em seu interior, especialmente as instalações de pesquisa. Tudo desapareceu num gigantesco incêndio, enquanto os diretores fugiam de helicóptero. Dessa forma, ninguém foi indiciado. A ironia final é que, sem indiciamento, eles conseguiram receber o seguro pelo incêndio.

— O que você acha de tudo isso?

— Simplesmente que essas pessoas não são corretas e que devemos limitar as nossas relações com elas. E depois do que andei

lendo, gostaria de ficar sabendo qual é a origem dos óvulos que eles vão nos fornecer, apenas para ter certeza de que não estaremos tomando parte em algo errado.

— Não acho que seja uma boa ideia. Já decidimos que elevados padrões éticos são um luxo que não podemos nos permitir, se quisermos salvar a CURE e o HTSR. Questioná-los sobre esse aspecto pode causar problemas e não quero colocar em risco a possibilidade de utilizarmos as instalações deles. Como já disse, eles não ficaram muito entusiasmados depois que proibi qualquer uso promocional de nosso trabalho.

Stephanie brincou com o guardanapo, enquanto pensava sobre o que Daniel dissera. Ela não gostava nada da ideia de ter que lidar com a Clínica Wingate, mas a verdade era que eles não tinham muita escolha devido às limitações de prazo. Também era verdade que eles já estavam violando a ética ao terem aceitado tratar de Butler.

— Bem, o que você diz? — perguntou Daniel. — Pode viver com isso?

— Suponho que sim — disse Stephanie, sem entusiasmo. — Vamos fazer o procedimento e cair fora.

— Esse é o plano — disse Daniel. — Agora, vamos em frente! Qual é a novidade boa?

— A novidade boa envolve o Sudário de Turim.

— Sou todo ouvidos.

— Esta tarde, antes de ir às livrarias, disse-lhe que a história do sudário era mais interessante do que eu tinha imaginado. Bem, esta foi a declaração equivocada do ano.

— Como assim?

— Agora estou achando que Butler pode não ser tão louco quanto parece, porque o sudário pode muito bem ser verdadeiro. Essa é uma virada surpreendente, pois você sabe o quanto sou cética.

Daniel concordou com a cabeça.

— Quase tanto quanto eu.

Stephanie olhou para seu amado depois que ele fez esse último comentário, na esperança de encontrar algum indício de humor, algo como um pequeno sorriso, mas não havia nada. Ela sentiu uma pontada de irritação ao pensar que Daniel tinha sempre de ser o maioral, não importava o assunto. Ela tomou um gole do vinho para concentrar-se novamente no tema em questão.

— De todo modo — continuou ela —, comecei a ler o material na livraria e não consegui mais parar. Estou querendo dizer que não posso esperar para voltar ao livro que comprei. Foi escrito por um estudioso de Oxford, chamado Ian Wilson. Felizmente, amanhã estarei recebendo mais livros graças à internet.

Stephanie foi interrompida pela chegada dos pratos. Ela e Daniel observaram impacientemente o garçom servi-los. Daniel evitou falar até que o garçom se retirasse.

— Bem, você aguçou minha curiosidade. Vamos ouvir no que se baseia essa surpreendente epifania.

— Comecei meus estudos com o confortável conhecimento que o sudário tinha sido datado por carbono, e por três laboratórios independentes, como sendo do século XIII, o mesmo século em que ele subitamente apareceu na história. Sabendo da precisão da tecnologia de datação por carbono, não esperava que minha crença sobre o fato de ele ser uma falsificação fosse abalada. Mas ela foi abalada quase que imediatamente. O motivo foi simples. Se o sudário tivesse sido feito no período em que a datação por carbono sugeria, o falsificador teria que ser milhares de vezes mais engenhoso que Leonardo da Vinci.

— Você vai ter que explicar isso melhor — disse Daniel, entre garfadas.

Stephanie tinha feito uma pausa para começar a jantar.

— Vamos partir de algumas provas sutis que demonstram que o falsificador teria que ter sido um super-homem do seu tempo, para

depois falarmos de provas mais convincentes. Para início de conversa, o falsificador teria que conhecer a arte do esboço, algo que ainda não havia sido descoberto. A imagem do homem no sudário tinha as pernas flexionadas e a cabeça inclinada para a frente, provavelmente em rigidez cadavérica.

— Tenho que admitir que isso não é muito convincente — observou Daniel.

— Que tal isso: o falsificador teria que conhecer o verdadeiro método de crucificação utilizado pelos romanos nos tempos antigos. Isso contrasta com todas as representações de crucificação do século XIII, e literalmente havia centenas de milhares delas. Na realidade, o condenado tinha os pulsos pregados na cruz e não as palmas da mão, visto que essas não aguentariam o peso do corpo do indivíduo. Além disso, a coroa de espinhos não era circular, mas sim parecida com um gorro.

Daniel balançou a cabeça algumas vezes, pensativo.

— Experimente essa: as manchas de sangue bloqueiam a imagem no tecido, o que significa que esse engenhoso artista fez as manchas de sangue antes de fazer a imagem, ou seja, trabalharia ao contrário de qualquer outro artista. A imagem normalmente seria feita antes, pelo menos o perfil. Só depois os detalhes, tipo as manchas de sangue, seriam acrescentados para que houvesse certeza de que eles estariam nos lugares corretos.

— É interessante, mas coloco isso na mesma categoria reservada à arte do esboço.

— Então, vamos prosseguir — disse Stephanie. — Em 1979, quando o sudário foi objeto de investigações científicas durante cinco dias, realizadas por cientistas dos Estados Unidos, Itália e Suíça, ficou indubitavelmente estabelecido que a imagem do sudário não era pintada. Não havia sinais de pinceladas. Havia uma infinita gradação de densidade e a imagem era um fenômeno de superfície, só que sem nenhuma absorção, ou seja, nenhuma espécie de fluido

foi envolvida. A única explicação que eles encontraram para a origem da imagem foi que ocorreu uma espécie de processo de oxidação das fibras da superfície do tecido, como se elas tivessem sido expostas, na presença de oxigênio, a um súbito clarão de luz intensa, ou a alguma forte radiação eletromagnética. Obviamente, isso é vago e puramente especulativo.

— Certo — disse Daniel. — Devo admitir que você está entrando diretamente no campo das provas convincentes.

— Há mais — disse Stephanie. — Alguns dos cientistas americanos que examinaram o sudário eram da NASA, e eles o submeteram à tecnologia mais avançada disponível, o que incluía um equipamento conhecido como Analisador de Imagem VP-8. Este era um aparelho analógico que tinha sido desenvolvido para converter imagens digitais especiais da superfície da Lua e de Marte em fotografias tridimensionais. Para surpresa geral, a imagem no sudário contém esse tipo de informação, o que quer dizer que a densidade da imagem do sudário, em qualquer ponto, é diretamente proporcional à distância que ele estava do indivíduo crucificado que foi coberto. Somados todos esses argumentos, o falsificador tinha que ser um verdadeiro gênio para antecipar isso tudo no século XIII.

— Eu que o diga — comentou Daniel, enquanto balançava a cabeça em sinal de espanto.

— Deixe-me acrescentar mais uma coisa — disse Stephanie. — Biólogos especializados em pólen determinaram que o sudário contém pólen encontrado somente em Israel e na Turquia, ou seja, o falsificador, além de ser inteligente, tinha que ter recursos.

— Como os resultados da datação por carbono podem ter dado tão errado?

— Uma pergunta interessante — disse Stephanie, enquanto dava mais uma mordida em seu jantar. Ela mastigava rapidamente. — Ninguém tem certeza. Foi sugerido que os tecidos antigos tendem a sustentar o crescimento contínuo de bactérias, que deixam para trás

um biopelícula transparente, de aparência envernizada, que distorceria os resultados. Aparentemente, houve problemas similares com a datação por carbono de alguns tecidos das múmias egípcias, cuja antiguidade é conhecida mais precisamente por outros meios. Outra ideia sugerida por um cientista russo é que o fogo que chamuscou o sudário, no século XVI, pode ter alterado os resultados, embora para mim seja difícil compreender como isso possa ser responsável por uma mudança de mais de mil anos.

— E quanto aos aspectos históricos? — perguntou Daniel. — Se o sudário é verdadeiro, como é que sua história remete somente ao século XIII, quando ele surgiu na França?

— Essa é uma outra boa pergunta — disse Stephanie. — Quando comecei a ler o material sobre o sudário dei prioridade aos aspectos científicos, deixando os históricos para depois. Ian Wilson sabiamente relacionou o sudário a uma outra relíquia bizantina conhecida e bastante reverenciada, chamada de Tecido de Edessa, que esteve em Constantinopla por mais de trezentos anos. O interessante é que o tecido desapareceu quando a cidade foi saqueada pelos cruzados em 1204.

— Há alguma prova documental de que o sudário e o Tecido de Edessa são o mesmo?

— Foi exatamente neste ponto que interrompi minha leitura — disse Stephanie. — Mas parece provável que exista uma prova. Wilson cita um francês que viu a relíquia pessoalmente antes que esta desaparecesse; ele a descreveu em suas memórias como sendo um sudário mortuário místico, que tinha uma imagem dupla de Jesus, de corpo inteiro, que seguramente se parece muito com o Sudário de Turim. Se as duas relíquias forem a mesma, a história recua então pelo menos até o século nono.

— Agora eu entendo por que tudo isso prendeu sua atenção — disse Daniel. — É fascinante. E voltando à ciência, se a imagem não foi pintada, quais são as teorias atuais para explicar sua origem?

— Essa provavelmente é a questão mais intrigante. Na verdade, não há outras teorias.

— O sudário tem sido estudado cientificamente desde esse episódio, que você mencionou, em 1979?

— Bastante — disse Stephanie.

— E não há novas teorias em circulação?

— Nenhuma que tenha resistido a investigações mais profundas. Sem dúvida, existe uma vaga teoria a respeito de um clarão de radiação estranha... — Stephanie deixou sua voz arrastar-se, como quem deseja deixar uma ideia no ar.

— Espere um pouco — disse Daniel. — Você não está prestes a soltar uma baboseira religiosa ou sobrenatural para cima de mim, não é?

Stephanie estendeu as mãos com as palmas para cima, deu de ombros e sorriu, tudo ao mesmo tempo.

— Agora tenho a sensação de que você está brincando comigo — comentou Daniel, com uma risada.

— Estou lhe dando uma oportunidade para propor uma teoria.

— Eu? — perguntou Daniel.

Stephanie fez que sim com a cabeça.

— Eu não poderia propor uma hipótese sem ter acesso a todos os dados. Presumo que os cientistas tenham usado coisas como microscópio de campo, espectroscópio, florescência ultravioleta, além das análises químicas apropriadas.

— Tudo isso e mais ainda — disse Stephanie. Ela recostou-se com um sorriso provocador. — E ainda, não há nenhuma teoria aceita para explicar como a imagem foi produzida. Realmente é um mistério. Mas, vamos! Você não consegue pensar em alguma coisa a partir dos detalhes que lhe dei?

— Foi você que fez a leitura — disse Daniel. — Acho que é você quem deveria dar uma sugestão.

— Eu tenho uma — disse Stephanie.

— Tenho até medo de perguntar qual seria.

— Estou inclinada na direção do religioso. Acompanhe o meu raciocínio: se o sudário é a mortalha de Jesus Cristo, e se Jesus ressuscitou, isso significa que ele passou do estado material para o imaterial, presumivelmente num único instante, logo o sudário foi submetido à energia da desmaterialização. Foi o clarão de energia que criou a imagem.

— Que diabos é energia da desmaterialização? — perguntou Daniel, exasperado.

— Não sei ao certo — admitiu Stephanie, com um sorriso. — Mas numa desmaterialização haveria liberação de energia. Pense na energia liberada na desintegração rápida de um elemento. Isso cria uma bomba atômica.

— Acho que não tenho que lembrá-la que você está usando um raciocínio extremamente anticientífico. Você está usando a imagem do sudário para justificar a desmaterialização, de modo que você possa usar a desmaterialização para explicar o sudário.

— Pode ser anticientífico, mas faz sentido para mim — disse Stephanie, com um risada. — Também faz sentido para Ian Wilson, que descreveu a imagem do sudário como sendo um instantâneo da Ressurreição.

— Bem, pelo menos você me convenceu a dar uma olhada no seu livro.

— Não até que eu termine! — brincou Stephanie.

— Conhecendo essas informações sobre o sudário, o que você acha de utilizarmos manchas de sangue retiradas dele para tratar de Butler?

— Mudei minha visão em 180° — admitiu Stephanie. — Neste momento, sou completamente favorável. Por que não usarmos o potencialmente divino a nosso favor? E, como você disse em Washington, usar o sangue do sudário vai acrescentar algum desafio

e excitação enquanto estivermos criando o maior de todos os placebos.

Daniel levantou a mão e bateu na mão de Stephanie espalmada sobre a mesa.

— Que tal uma sobremesa? — perguntou Daniel.

— Eu não quero. Mas se você quiser, vou aproveitar para tomar um expresso descafeinado.

Daniel balançou a cabeça.

— Não vou querer sobremesa. Vamos para casa. Quero ver se há e-mails dos investidores. — Daniel fez um gesto para o garçom pedindo a conta.

— E eu quero ver se há mensagens de Butler. Outra coisa que aprendi sobre o sudário é que nós certamente vamos precisar da ajuda dele para conseguir uma amostra. Pelos nossos próprios meios, vai ser impossível. A Igreja o mantém selado dentro de uma caixa ultramoderna, com uma atmosfera de argônio, sob um grande esquema de segurança. Eles também declararam categoricamente que não haverá mais testes. Depois do fiasco da datação por carbono, eles compreensivelmente ficaram arredios.

— Houve alguma análise do sangue?

— Houve — disse Stephanie. — O teste deu sangue tipo AB, que era muito mais comum no antigo Oriente Médio do que é hoje em dia.

— Algum teste de DNA?

— Também foi feito — disse Stephanie. — Alguns fragmentos de genes específicos foram isolados, incluindo uma globulina beta do cromossoma de uma amelogenina Y do cromossoma Y.

— Bem, aqui entramos nós — disse Daniel. — Se conseguirmos uma amostra, será uma moleza juntar os segmentos que precisarmos com nossas sondas no HTSR.

— É melhor que as coisas comecem a acontecer logo — alertou Stephanie. — Caso contrário, não teremos as células na época do

recesso de Butler no Senado.

— Estou bem ciente disso — disse Daniel. Ele pegou seu cartão de crédito de volta com o garçom e assinou o boleto. — Se o sudário vai ser envolvido, temos que ir para Turim nos próximos dias. Então é melhor que Butler corra. Assim que tivermos a amostra, poderemos voar de Londres diretamente para Nassau. Verifiquei isso hoje cedo.

— Não vamos fazer o trabalho com as células aqui, no nosso laboratório?

— Infelizmente, não. Os óvulos estão lá e não aqui, e eu não só não quero correr o risco de transportá-los, como os quero frescos. Espero que o laboratório da Wingate seja tão bom como eles dizem, porque vamos ter de fazer tudo lá.

— Isso quer dizer que vamos estar partindo dentro de alguns dias e que ficaremos fora durante um mês, ou mais.

— Exatamente. Algum problema?

— Acho que nenhum — disse Stephanie. — Não é uma época ruim para se passar um mês em Nassau. Peter pode tocar as coisas no laboratório. Mas terei que ir em casa amanhã, ou domingo, para ver minha mãe. Ela está muito doente, você sabe.

— É melhor você fazer isso o quanto antes — disse Daniel. — Se Butler realmente manifestar-se a respeito da amostra do sudário, estaremos partindo logo.

9

14h45, sábado, 23 de fevereiro de 2002

Daniel sentiu que estava começando a ter uma vaga ideia do que era sofrer de desordem maníaco-depressiva quando desligou o telefone depois de outra conversa desanimadora com o grupo de investidores de São Francisco. Pouco antes da ligação ele se sentia no topo do mundo depois que ter esboçado o planejamento para o mês seguinte, num bloco de anotações. Agora que Stephanie estava empenhada, com algum entusiasmo, no plano para tratar de Butler, utilizando o sangue do sudário, as coisas começavam a se encaixar. Naquela manhã, ambos elaboraram um documento abrangente, que servia como um termo de responsabilidade, para que Butler assinasse; eles o enviaram por e-mail. Como parte das instruções, Carol Manning devia ser testemunha da assinatura e o documento devia ser enviado de volta através de um fax.

Quando Stephanie voltou para o laboratório para verificar a cultura de fibroblastos de Butler, Daniel se convenceu de que as coisas estavam fluindo bem a ponto de achar que seria razoável ligar para a turma do dinheiro, na esperança que eles tivessem mudado de opinião sobre a segunda rodada de financiamento. Mas a ligação não correu nada bem. O executivo principal terminou a conversação

dizendo a Daniel para não ligar novamente, a menos que tivesse alguma prova por escrito de que o HTSR não seria proibido. O banqueiro explicou que, à luz dos últimos acontecimentos, uma promessa verbal, baseada em generalizações vagas, não seria adequada. O banqueiro acrescentou que se essa documentação não fosse enviada em um futuro próximo, o dinheiro alocado para a CURE seria transferido para uma outra firma de biotecnologia, cuja propriedade intelectual não estivesse correndo perigo politicamente.

Daniel afundou na cadeira, deixando seu quadril escorregar a beirada, enquanto encostava a cabeça no espaldar. A ideia de voltar para a "estável-mas-pouco-lucrativa-academia", com sua previsibilidade e seu ritmo de lesma, parecia cada vez mais atraente. Ele estava começando a detestar os íngremes altos e baixos que enfrentava para tentar alcançar o status de celebridade e enriquecer como ele merecia. Era irritante pensar que as estrelas de cinema tivessem somente que memorizar algumas falas e que atletas famosos tivessem apenas que mostrar destreza desmiolada com um bastão ou com uma bola para receberem o dinheiro e a atenção que lhes eram direcionadas. Com suas credenciais e com uma descoberta brilhante, era absurdo que ele tivesse que passar por todo esse esforço e ansiedade.

O rosto de Stephanie surgiu no canto.

— Adivinha só? — disse ela, animada. — As coisas estão correndo de forma fantástica com a cultura de fibroblastos de Butler. Graças a uma atmosfera de 5% de gás carbônico e oxigênio, uma monocamada já está começando a se formar. As células vão ficar prontas antes do que previ.

— Maravilha — disse Daniel, num tom deprimido.

— Qual é o problema agora? — perguntou Stephanie. Ela entrou na sala e se sentou. — Você parece que está prestes a se dissolver no chão. Qual o motivo dessa cara amarrada?

— Nem me pergunte! É a velha história sobre dinheiro, ou pelo menos sobre a falta dele.

— Suponho que isso quer dizer que você procurou os investidores novamente.

— Quanta clarividência! — disse Daniel, sarcasticamente.

— Meu Deus! Por que você fica se torturando?

— Você acha que estou fazendo isso de propósito?

— Está, pois continua ligando para eles. Pelo que você me disse ontem, as intenções deles são bastante claras.

— Mas a operação Butler está avançando. As coisas estão evoluindo.

Stephanie fechou os olhos por um momento e respirou fundo.

— Daniel — começou ela, tentando imaginar como dizer o que estava para dizer sem irritá-lo. — Você não pode esperar que as pessoas vejam o mundo como você vê. Você é um homem brilhante, talvez seja inteligente demais, até mesmo para o seu próprio bem. As outras pessoas não veem o mundo da maneira como você vê. O que quero dizer é que elas não pensam da mesma maneira que você.

— Por acaso você está sendo condescendente comigo? — Daniel encarou sua amante, colaboradora científica e sócia. Ultimamente, ela era mais colaboradora do que amante, enquanto os negócios iam mal.

— Céus, de jeito nenhum! — declarou Stephanie, enfaticamente.

Antes que Stephanie pudesse prosseguir, o telefone tocou. O barulho rouco do aparelho ecoou no até então silencioso escritório, assustando os dois.

Daniel segurou o telefone, mas não atendeu. Olhou para Stephanie.

— Você está esperando alguma ligação?

Stephanie balançou a cabeça negativamente.

— Quem poderia estar ligando para cá num sábado?

— Talvez seja para o Peter — sugeriu Stephanie. — Ele está no laboratório.

Daniel levantou o aparelho e usou o nome por extenso da empresa em vez do acrônimo.

— Companhia de Substituição Celular — disse ele.

— Aqui fala o Dr. Spencer Wingate da Clínica Wingate. Estou ligando de Nassau e quero falar com o Dr. Daniel Lowell.

Daniel fez um gesto para que Stephanie fosse para a recepção e pegasse a extensão na mesa de Vicky. Depois, ele se identificou.

— Eu certamente não esperava que você fosse atender — disse Spencer.

— Nossa recepcionista não vem aos sábados.

— Estou sem palavras! — comentou Spencer. Ele riu. — Não me dei conta de que estamos no fim de semana. Desde que abrimos nossas instalações recentemente, temos trabalhado vinte e quatro horas por dia, sete dias na semana, para aparar as arestas. Mil perdões se estiver causando algum incômodo.

— Você não está incomodando em nada — assegurou Daniel. Ele ouviu um leve clique quando Stephanie entrou na linha. — Algum problema relacionado com a nossa conversa de ontem?

— Muito pelo contrário — disse Spencer. — Temia que você pudesse ter mudado de ideia. Você disse que ligaria ontem à noite ou, no mais tardar, hoje.

— Você tem razão, eu disse isso — respondeu Daniel. — Desculpe-me, estive esperando as novidades sobre o sudário para dar o pontapé inicial. Peço desculpas por não ter ligado.

— Não é necessário se desculpar. Embora você não tenha me procurado, pensei em ligar para você para dizer que já falei com um neurocirurgião, chamado Rashid Nawaz, que tem consultório em Nassau. Ele é um paquistanês educado em Londres e posso lhe assegurar que é bem talentoso. Tem até alguma experiência no implante de células fetais da época em que fazia residência. Ele está

disposto a colaborar e também concordou em providenciar para que o aparelho estereotáctico seja trazido do Hospital Princesa Margaret.

— Você disse a ele que a discrição é indispensável?

— Sem dúvida, e ele disse que não há problema.

— Ótimo — respondeu Daniel. — Você falou algo sobre os honorários dele?

— Falei. Parece que os serviços dele sairão mais caros do que imaginei, talvez por causa da discrição exigida. Ele está pedindo mil dólares.

Daniel debateu consigo mesmo por um momento se deveria fazer um esforço para negociar. Mil dólares era um valor bem mais alto do que os duzentos ou trezentos estimados. Mas como o dinheiro não era dele, acabou dizendo para Spencer fazer os acertos.

— Há alguma novidade sobre a chegada de vocês? — perguntou Spencer.

— No momento, ainda não — disse Daniel. — Vou comunicá-lo assim que eu souber.

— Perfeitamente — disse Spencer. — Queria aproveitar esse telefonema para discutir alguns detalhes com você.

— Fique à vontade.

— Primeiramente, gostaríamos de receber adiantada a metade dos honorários combinados — disse Spencer. — Posso mandar-lhe por fax as instruções de como enviar o dinheiro.

— Você quer o dinheiro imediatamente?

— Gostaríamos de receber assim que você tenha fixado uma data para a sua chegada. Isso vai nos permitir começar a escolher a equipe necessária. Algum problema quanto a isso?

— Suponho que não — respondeu Daniel.

— Ótimo — disse Spencer. — Depois, também gostaríamos que você preparasse explicações sobre o procedimento de HTSR para nossa equipe, particularmente para o Dr. Paul Saunders. Também gostaríamos de ter uma oportunidade para discutir com você um

futuro acordo para o licenciamento do HTSR, assim como os valores para as sondas de DNA e para as enzimas necessárias ao procedimento.

Daniel hesitou. Sua intuição dizia-lhe que ele estava sendo achacado porque na véspera tinha concordado com os valores muito rapidamente. Ele pigarreou.

— Não há o menor problema em relação ao Dr. Saunders me observar, mas quanto à questão do licenciamento, receio que eu não possa decidir sozinho. A CURE possui um conselho de diretores que teria que concordar com uma decisão dessa natureza, contando com pleno respaldo dos acionistas. Mas na condição de presidente atual posso prometer que vamos tratar desse assunto no futuro, e a ajuda de vocês será levada em consideração.

— Talvez eu esteja pedindo muito — admitiu Spencer, amigavelmente. Ele riu. — Como diz o ditado: não custa nada tentar.

Daniel revirou os olhos lamentando as indignidades que tinha de aturar.

— Uma última coisa — disse Spencer. — Gostaríamos de saber o nome do paciente para que possamos dar início ao processo de admissão e para prepararmos a ficha dele.

— Não haverá nenhuma ficha — disse Daniel, insipidamente.

— Ontem, deixei claro que esse tratamento vai ser realizado sob sigilo absoluto.

— Mas vamos precisar da identidade do paciente para fazer os testes de laboratório e coisas deste tipo — disse Spencer.

— Chame-o de paciente X, ou de John Smith — disse Daniel.

— Não faz nenhuma diferença. Minha previsão é que ele passará somente vinte e quatro horas na clínica, se tanto. Vamos estar com ele durante todo o tempo e faremos todos os testes de laboratório.

— E se as autoridades das Bahamas fizerem perguntas sobre a ficha dele?

— Isso é possível?

— Não, acho que não. Mas caso eles façam, não vou saber o que dizer.

— Com a experiência que vocês tiveram com as autoridades bahamianas durante a construção da clínica, estou certo de que você vai ser criativo. Esse é um dos motivos pelos quais estamos pagando quarenta mil dólares. Certifique-se de que não vai haver perguntas.

— Vamos precisar de um ou dois subornos. Se você puser mais cinco quilos, talvez não haja problemas com as autoridades.

Daniel não respondeu imediatamente, pois teve de controlar sua raiva. Ele detestava ser manipulado, especialmente por um palhaço das dimensões de Spencer.

— Tudo bem—disse ele finalmente, sem esconder sua irritação.

— Vamos mandar vinte e dois mil e quinhentos. No entanto, gostaria que você garantisse pessoalmente que a operação, de agora em diante, vai seguir sem problemas e que não haverá novas exigências.

— Posso garantir-lhe, como fundador da Clínica Wingate, que faremos todos os esforços para assegurar que sua associação conosco corresponda às suas expectativas e que vocês fiquem totalmente satisfeitos.

— Em breve, entraremos em contato com vocês.

— Vamos ficar aguardando.

O ruído das turbinas do jato fez o escritório de Spencer tremer, enquanto um Boeing 767 passava sobre a Clínica Wingate a menos de trezentos metros de altitude, preparando-se para aterrissar. Como o prédio era muito bem revestido, a vibração era mais palpável do que auditiva, embora fosse forte o suficiente para sacudir a coleção de diplomas emoldurados que Spencer mantinha nas paredes. Eleja se acostumara com a intermitente perturbação diária e já não lhe dava mais atenção, apenas ajeitava os quadros na parede.

— Como me saí? — gritou Spencer, através da porta aberta. Paul Saunders surgiu na porta depois de ter escutado, de seu escritório contíguo, a conversa de Spencer.

— Bem, vamos ver a coisa pelo lado positivo: você não descobriu o nome do paciente, mas conseguiu eliminar quase a metade dos ricos e famosos do mundo inteiro. Agora sabemos que o paciente é um homem.

— Muito engraçado — disse Spencer. — Não esperávamos que ele fosse entregar o nome numa bandeja de prata. Mas consegui fazer com que ele aumentasse a proposta para quarenta e cinco mil e que deixasse você observar o trabalho com as células. Não foi tão ruim assim.

— Sim, mas você não o pressionou para que a questão do licenciamento nos fosse favorável. No futuro, isso economizaria muita grana em nossas terapias com células-tronco.

— Bem, ele tinha um argumento. Ele está dirigindo uma companhia.

— Pode ser uma companhia, mas é uma empresa privada e, no frigir dos ovos, ele disparado é o maior acionista.

— Bem, ganham-se umas, perdem-se outras. De qualquer modo, ele não ficou assustado comigo. Lembre-se que essa era uma de nossas preocupações: que ele fosse procurar outro lugar, caso pressionássemos muito.

— Se ele estiver mesmo dizendo a verdade quanto ao prazo curto que eles têm, devemos reconsiderar esta preocupação. Nós provavelmente somos o único lugar que pode lhes fornecer, da noite para o dia, um laboratório de primeira qualidade, instalações hospitalares e oócitos humanos, sem fazer perguntas. Mas isso não importa. Nossa grande recompensa em potencial vai vir quando descobrirmos o nome do paciente. Estou convencido disso. E quanto mais cedo descobrirmos, melhor.

— Eu não poderia estar mais de acordo. E sobre isso, descobri também que Lowell vai passar o dia no escritório, o que era o verdadeiro propósito da ligação.

— É verdade! Tenho que cumprimentá-lo por isso. Assim que você desligou o telefone, liguei para Kurt Hermann para avisá-lo. Ele disse que encaminharia a informação para um compatriota que está posicionado em Boston, esperando para arrombar o apartamento de Lowell.

— Espero que esse compatriota, como você o chama, seja capaz de leveza. Se Lowell ficar assustado ou, pior ainda, machucado, todo o negócio pode ser desfeito.

— Transmiti a Kurt seus temores quanto a qualquer inabilidade.

— E ele disse o quê?

— Você sabe que Kurt não fala muito. Mas ele compreende.

— Espero que você tenha razão, porque realmente existe a possibilidade de perdermos uma oportunidade financeira inesperada. Com o que gastamos para montar este lugar e fazê-lo funcionar, nossa fonte está para secar. E além do nosso trabalho com células-tronco, não há, no horizonte visível, muitos outros trabalhos no campo da infertilidade.

— O Dr. Wingate pareceu exatamente como o canalha que eu temia — disse Stephanie. Ela voltara para o escritório de Daniel depois de ouvir a conversação. — Ele fala em suborno como se isso fosse uma coisa banal.

— Talvez seja nas Bahamas — disse Daniel.

— Tomara que ele seja baixo, gordo e tenha uma verruga no nariz.

Daniel dirigiu um olhar interrogativo para Stephanie.

— Talvez ele seja um fumante inveterado e tenha mau hálito.

— Sobre que diabos você está falando?

— Se Spencer Wingate for tão feio como parece, talvez eu não perca inteiramente a fé na profissão de médico.

— Ora, vamos, Stephanie! Não seja tão ingênua. A medicina, como qualquer outra profissão, está longe de ser perfeita. Há os bons e os maus profissionais, sendo que a maioria se localiza entre esses dois opostos.

— Eu pensava que a ética fosse algo inerente à profissão. De qualquer modo, o verdadeiro problema é que eu gostaria que a minha intuição parasse de ficar me lembrando que não é uma boa ideia trabalhar com essas pessoas.

— Pela última vez — disse Daniel, frustrado. — Nós não estamos trabalhando com esses palhaços. Deus nos livre! Nós só vamos usar as instalações deles. Ponto final.

— Espero que seja simples assim — disse Stephanie. Daniel olhou novamente para Stephanie. Eles estavam juntos há tempo suficiente para que ele soubesse que ela não estava comprando a análise simplista dele. Irritava-o a falta de apoio por parte dela. O problema era que as preocupações dela lembravam as dele, que ele vinha diligentemente tentando ignorar. Ele queria acreditar que todo o episódio transcorreria sem problemas, e que logo estaria encerrado, mas o negativismo de Stephanie estava abalando as esperanças dele.

O aparelho de fax ganhou vida na recepção.

— Vou ver o que é — disse Stephanie.

Ela se levantou e saiu da sala.

Daniel observou sua saída. Era um alívio escapar do olhar dela.

As pessoas tinham um jeito de irritá-lo — até mesmo Stephanie, em algumas ocasiões. Ele pensava se não estaria melhor sozinho.

— Já é o documento de Butler — gritou Stephanie. — Assinado e testemunhado, dizendo que o original seguirá pelo correio.

— Ótimo! — gritou Daniel, de volta. Pelo menos a colaboração de Butler era encorajadora.

— Há também uma nota perguntando se nós vimos nosso e-mail hoje à tarde — Stephanie apareceu na porta com uma expressão inquiridora. — Eu não vi. E você?

Daniel balançou a cabeça e se inclinou para a frente para conectar-se à internet. No novo endereço de e-mail, criado especialmente para o tratamento de Butler, havia uma mensagem do senador. Stephanie aproximou-se da mesa de Daniel e olhou por cima do ombro dele enquanto ele abria a mensagem.

Meus caros doutores,

Espero que essa mensagem encontre vocês ocupados nos preparativos do meu iminente tratamento. Também tenho andado produtivamente ocupado e tenho a felicidade de comunicar que os guardiões do Sudário de Turim têm sido muito prestativos, graças à intercessão de um colega influente. Vocês devem viajar para Turim logo. Lá chegando, vocês irão telefonar para a chancelaria da Arquidiocese de Turim e falar com o Monsenhor Mansoni. Vocês dirão ao monsenhor que são meus representantes. Neste momento, acredito que o monsenhor irá marcar um encontro, num lugar adequado, para entregar-lhes a amostra sagrada. Por favor, tenham em mente que isso deve ser feito com total discrição e sigilo, para não colocar meu estimado colega em perigo.

Do seu amigo,

A.B.

Daniel levou um tempo para deletar a mensagem, pois ele e Stephanie resolveram apagar todos os outros e-mails do senador.

Tinham tomado em conjunto a decisão de eliminar o maior número possível de provas de toda a operação. Quando acabou, ele olhou para ela.

— O senador realmente está fazendo a parte dele.

Stephanie concordou com a cabeça.

— Estou impressionada. Também estou começando a ficar excitada. A operação está ganhando um toque de intriga internacional.

— Quando você vai estar pronta para viajar? A Alitalia tem voos noturnos diários para Roma, com conexão para Turim. Lembre-se que você terá que fazer as malas para passar um mês fora.

— Fazer as malas não é o problema — disse Stephanie. — Meus dois problemas são minha mãe e a cultura de tecido de Butler. Tenho que passar algum tempo com minha mãe, como eu disse. Também quero que a cultura de tecido chegue num ponto em que Peter possa assumi-la.

— Você acha que vai levar quanto tempo para a cultura chegar nesse ponto?

— Não muito. Do jeito que parecia boa esta manhã, provavelmente vou estar satisfeita amanhã pela manhã. Só quero ter certeza que uma monocamada está realmente se formando. Depois, Peter poderá fazer a manutenção, transferi-la e preservá-la em criogênio. Meu plano é que ele nos envie uma parte da cultura para Nassau, num recipiente de nitrogênio líquido, quando estivermos prontos para começar o tratamento. Vamos manter o resto da cultura aqui, para o caso de precisarmos dela no futuro.

— Não vamos ser pessimistas — disse Daniel. — E quanto à sua mãe?

— Posso vê-la amanhã por algumas horas durante o dia. Ela sempre está em casa aos domingos, cozinhando.

— Então, suponho que você estaria pronta para viajar amanhã à noite?

— Sem dúvida, caso eu consiga fazer as malas hoje à noite.

— Então vamos voltar para casa o mais rápido possível. Faço de lá mesmo os telefonemas necessários.

Stephanie voltou ao laboratório para apanhar seu laptop e seu casaco. Depois de certificar-se de que Peter planejava ir ao laboratório na manhã seguinte, para que pudessem discutir a cultura de Butler, ela voltou para a recepção. Encontrou Daniel segurando impacientemente a porta para que ela saísse.

— Meu Deus, você está muito apressado! — comentou Stephanie. O normal era que Stephanie tivesse que esperar por Daniel. Ele sempre tinha uma coisa a mais quando eles estavam saindo para algum lugar.

— Já são quase quatro horas e não quero que você tenha qualquer desculpa para não embarcarmos amanhã à noite. Lembro-me do tempo que você levou para amimar as malas para passar dois dias em Washington. Agora vai ser para um mês. Dessa vez, tenho certeza que você vai demorar mais.

Stephanie sorriu. O que ele dissera era verdade, pois, entre outras coisas, ela teria que passar algumas roupas. Ela se deu conta também de que precisava ir à farmácia para comprar alguns itens necessários para a viagem. O que ela não esperava era a velocidade com que Daniel dirigiu o carro desde que ligou o motor. Ela olhou fortuitamente para o velocímetro quando eles cruzavam a Avenida Memorial. Estavam a oitenta numa zona cujo limite era cinquenta.

— Ei, vá mais devagar — alertou Stephanie. — Você está dirigindo como um daqueles motoristas de táxi dos quais você reclama tanto.

— Desculpe-me — disse Daniel. E reduziu a velocidade um pouco.

— Prometo que estarei pronta, portanto, não há motivos para você arriscar nossas vidas. — Stephanie olhou para Daniel para ver se ele tinha compreendido que ela estava tentando ser engraçada, mas a expressão determinada dele não se alterou.

— Agora que nós realmente começamos, estou ansioso para acabar com esse maldito negócio de uma vez por todas — disse ele,

sem tirar os olhos da rua.

— Pensei em algo que devo fazer — disse Stephanie. — Vou arranjar para que no futuro os e-mails de Butler sejam enviados para o meu aparelho de telefone celular. Desse modo, vamos saber que recebemos uma mensagem e poderemos acessá-la o mais rápido possível.

— Boa ideia — concordou Daniel.

Pararam junto à calçada, em frente ao edifício de Daniel. Ele desligou o motor e saiu do carro. Daniel já estava no meio do caminho quando Stephanie conseguiu pegar seu laptop no banco de trás. Ela deu ombros. Ele podia ser o protótipo do professor distraído. Era capaz de ignorá-la totalmente quando ficava focado em uma única ideia, como estava fazendo naquele momento. Mas ela não levava esse comportamento para o lado pessoal. Conhecia-o muito bem.

Daniel subia a escada saltando de dois em dois degraus, enquanto resolveu que ligaria primeiro para a companhia aérea, para fazer as reservas, e depois ligaria de volta para o pessoal da Wingate. Ele imaginava que um único pernoite em Turim seria adequado. Neste momento, ele se lembrou que deveria aproveitar a ligação para Nassau para pegar com Spencer as instruções de como enviar o dinheiro, dessa forma o assunto já ficaria resolvido.

Daniel chegou ao patamar do terceiro andar e fez uma pausa, enquanto apanhava as chaves. Foi nesse momento que ele reparou que a porta do apartamento estava entreaberta. Por um milésimo de segundo ele tentou lembrar-se de quem tinha sido o último a sair naquela manhã: ele ou Stephanie. Lembrou-se que tinha sido ele, pois teve de voltar para pegar a carteira. Recordava-se nitidamente de ter fechado a porta e passado a tranca.

O ruído da porta do edifício abrindo e fechando subiu pelo vão da escada, assim como o barulho dos passos de Stephanie nos velhos degraus que rangiam. Fora isso, o edifício estava silencioso. Os

vizinhos do mesmo andar estavam de férias no Caribe, e o morador do segundo andar nunca estava em casa durante o dia. Era um matemático que assombrava o centro de computação do MIT, vindo em casa somente para dormir.

Cautelosamente, Daniel empurrou a porta para ter uma melhor visão do hall. Agora ele podia ver o corredor que levava à sala de estar. Com o sol a sudoeste quase se pondo, o apartamento estava na penumbra. Subitamente, ele viu um raio de luz que vinha de uma lanterna, quando esta iluminou a parede da sala de estar por um momento. Simultaneamente, ele escutou o clique de uma das gavetas do seu arquivo sendo fechada.

— Quem está aí? — gritou Daniel, a plenos pulmões. Ele se sentia ultrajado com a invasão de seu apartamento, mas não era imprudente. Embora fosse óbvio que o invasor tivesse entrado pela porta da frente, Daniel esperava que ele tivesse esquadrinhado o apartamento e soubesse que havia outra saída nos fundos, entre o estúdio e a saída de incêndio. Enquanto Daniel pegava seu telefone celular para chamar a polícia, ele tinha certeza absoluta que o ladrão fugiria usando aquela rota.

Para espanto de Daniel, o invasor surgiu diretamente no seu campo de visão, cegando-o com a luz da lanterna. Daniel tentou bloquear o raio de luz com a mão. Não teve muito sucesso, mas conseguiu ver que o homem estava vindo, em alta velocidade, na sua direção. Antes que pudesse reagir, Daniel foi empurrado violentamente para o lado, por uma mão enluvada. A pancada foi forte o bastante para fazer com que sua cabeça literalmente quicasse na parede. A concussão causou um zumbido em seus ouvidos. Retomando seu equilíbrio, Daniel pôde ver um homem grande, usando uma roupa justa no corpo e uma máscara de esqui negra, descendo as escadas silenciosamente. Depois de um grito agudo de Stephanie, a porta do edifício foi aberta com violência e fechada com um estrondo.

Daniel correu até o balaústre e olhou para baixo. No patamar abaixo, Stephanie estava colada na porta fechada do matemático, abraçando seu laptop contra o peito com ambas as mãos. Seu rosto estava lívido.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Que diabos foi isso? — perguntou ela.

— Um maldito ladrão — respondeu Daniel. Ele se virou para examinar a porta.

Stephanie subiu o último lance de degraus e foi olhar por sobre o ombro dele.

— Pelo menos não arrombou a porta — disse Daniel. — Deve ter uma chave.

— Você tem certeza de que estava trancada?

— Absoluta! Lembro-me claramente de ter passado a tranca.

— Quem mais tem a chave?

— Ninguém — disse Daniel. — Existem somente duas. As que mandei fazer quando comprei o apartamento e troquei as fechaduras.

— Ele deve ter forçado a fechadura.

— Se fez isso, é um profissional. Mas por que um profissional arrombaria meu apartamento? Não tenho nada de valor.

— Ai, não — exclamou subitamente Stephanie. — Deixei todas as minhas joias em cima da escrivaninha, inclusive o relógio de diamantes da minha avó — ela empurrou Daniel e correu em direção ao quarto de dormir.

Daniel segui-a pelo corredor.

— Isso me faz lembrar que fui estúpido o bastante para deixar em cima da mesa todo o dinheiro que saquei do caixa-eletrônico ontem à noite.

Daniel foi rapidamente para o estúdio. Para sua surpresa, o dinheiro do caixa-eletrônico estava exatamente onde ele tinha deixado, sobre o bloco de rascunho. Ele o recolheu e enquanto fazia

isso notou que tudo que estava sobre a mesa fora remexido. Daniel admitia que não era a pessoa mais amimada do mundo, mas era extremamente organizado. Podia haver pilhas de correspondência, contas e publicações científicas em sua mesa, mas ele sabia a localização exata de cada uma delas, e até mesmo a ordem no interior das pilhas.

Seu olhar dirigiu-se para o arquivo vertical de quatro gavetas. Até mesmo as cópias de artigos de jornais que estavam para ser arquivadas tinham sido mexidas. Não tinham sido muito remexidas, mas a posição delas claramente havia mudado.

Stephanie surgiu na soleira da porta. Ela suspirou de alívio.

— Acho que chegamos em casa na hora H. Aparentemente, ele não teve oportunidade de entrar no quarto de dormir. Todas as minhas coisas estão exatamente onde as deixei ontem à noite.

Daniel segurava o maço de notas.

— Ele nem mesmo pegou o dinheiro, e certamente esteve aqui.

Stephanie riu afetadamente.

— Que espécie de ladrão era essa?

— Não acho a menor graça — disse Daniel. Ele começou a abrir uma a uma as gavetas da mesa e do arquivo para verificar o conteúdo delas.

— Não estou querendo dar a entender que ache isso engraçado — disse Stephanie. — Estou apelando para o humor para tentar aliviar minhas verdadeiras emoções.

Daniel olhou para ela.

— Sobre o que você está falando?

Stephanie balançou a cabeça e respirou fundo. Ela conseguiu conter as lágrimas com sucesso.

— Estou transtornada. Esse tipo de coisa me deixa realmente abalada. Sinto-me violada só em pensar que alguém esteve aqui, invadindo nossa privacidade. Isso mostra que na realidade estamos

vivendo sempre no limite, mesmo quando não temos consciência disso.

— Também estou abalado — disse Daniel. — Mas não filosoficamente. Estou perturbado porque há algo aqui que não entendo. Está claro que esse invasor não era um ladrão qualquer. Estava procurando alguma coisa específica e não tenho a menor ideia do que seria isso. É inquietante.

— Você não acha que chegamos em casa antes que ele tivesse oportunidade de pegar alguma coisa?

— Ele esteve aqui durante algum tempo, sem dúvida tempo suficiente para pegar objetos de valor, se ele estivesse atrás disso. Teve tempo para remexer na mesa, talvez até no arquivo.

— Como você sabe?

— Sei disso pela minha própria compulsividade. Esse homem era um profissional que estava procurando algo em particular.

— Você está falando em algo relacionado à propriedade intelectual? Talvez algo ligado ao HTSR?

— Pode ser, mas duvido. Ele está coberto por todas as patentes necessárias. Além disso, o escritório é que teria sido invadido. Não o apartamento.

— O que faremos?

Daniel deu de ombros.

— Eu não sei.

— Você chamou a polícia?

— Eu estava começando, mas isso foi no momento em que ele caiu fora. Agora não estou certo se devemos.

— Por que não? — Stephanie estava surpresa.

— O que eles fariam? O homem obviamente já fugiu há muito. Nós não demos por falta de nada, portanto, não temos problemas relativos a seguro e, além disso, não estou certo se quero que nos encham de perguntas sobre o que andamos fazendo ultimamente,

caso esse assunto surja. Ainda por cima, vamos viajar amanhã à noite e não quero me envolver em nada que possa atrapalhar.

— Espere um pouco! — disse Stephanie repentinamente. — E se esse caso tiver algo a ver com Butler?

Daniel olhou para Stephanie, que estava do outro lado da mesa.

— Como isso envolveria Butler? E por quê? — perguntou Daniel.

Stephanie devolveu o olhar de Daniel. O barulho do compressor da geladeira na cozinha, sendo acionado automaticamente, quebrou o silêncio do princípio de noite.

— Eu não sei — ela disse finalmente. — Eu só estava pensando nas conexões dele com o FBI e no fato de ele ter, de alguma forma, feito com que você fosse investigado. Talvez eles ainda não tenham acabado.

Daniel balançava a cabeça enquanto considerava a ideia de Stephanie, pois tinha percebido que isso não podia ser descartado imediatamente, apesar de parecer esquisito. Afinal, o encontro clandestino com Butler dois dias antes, tarde da noite, também havia sido esquisito.

— Vamos tentar esquecer esse incidente por um tempo — disse Daniel. — Temos muito o que fazer até ficarmos prontos. Vamos começar.

— Certo — disse Stephanie, reunindo forças. — Talvez eu consiga relaxar se me concentrar na arrumação das malas. Mas antes acho que devemos ligar para Peter para preveni-lo, pode ser que esse sujeito também esteja planejando invadir o escritório.

— Boa ideia — disse Daniel. — Mas não vamos contar nada sobre Butler. Você não contou nada para ele, não é?

— Não. Não contei nada.

— Ótimo! — disse Daniel, enquanto pegava o telefone.

10

11h45, domingo, 24 de fevereiro de 2002

Stephanie estava tão acostumada com o clima rigoroso da Nova Inglaterra, que ainda se sentia surpresa com aquele agradável e belo dia de domingo. Embora a luz do sol invernal fosse pálida, o ar estava quente e havia muitos pássaros, como se a primavera estivesse bem próxima. Contrastava muito com a noite de sexta-feira, quando ela enfrentou uma caminhada gelada de volta para casa, atravessando a Praça de Harvard com uma fina camada de neve no chão.

Stephanie tinha estacionado o carro de Daniel na garagem municipal do Centro de Governo, e seguido a pé para o leste, em direção ao North End, uma das regiões mais antigas de Boston. Um bairro densamente povoado, formado por ruas estreitas delineadas por fileiras de edifícios de tijolos de três ou quatro andares. Imigrantes do Sul da Itália adotaram esta região no final do século XIX e a transformaram numa réplica da Itália em miniatura, com as paisagens e os cheiros característicos. Sempre havia pessoas envolvidas em animadas conversas de rua e o aroma de molho à bolonhesa fervendo permeava o ar. Quando as aulas terminavam, crianças surgiam em todos os lugares.

Tudo pareceu familiar a Stephanie, enquanto ela descia a Rua Hanover, uma avenida comercial que dividia o bairro em dois. No geral, a comunidade tinha sido um ambiente cordial e educativo, ideal para o seu crescimento. Os únicos problemas eram as questões familiares que ela recentemente admitira para Daniel. Aquela conversa despertou sentimentos e pensamentos que ela há muito suprimira, assim como acontecera com o indiciamento de Anthony.

Stephanie parou diante da porta aberta do Café Cosenza, um dos negócios de sua família, que oferecia doces italianos e sorvetes, além do habitual café expresso e cappuccino. Um murmúrio de conversa misturada a risadas, acompanhadas do chiado e pelo tinido da máquina de expresso, derramava-se para fora, assim como o cheiro de café recém-moído. Ela tinha passado muitas horas agradáveis ali, saboreando cannoli, sorvetes e a camaradagem de suas colegas; naquele espaço, com seus murais kitsch retratando o Monte Vesúvio e a Baía de Nápoles, e que no entanto, de sua perspectiva atual, pareciam ter ocorrido há uma centena de anos.

Em pé, vendo o interior do café, Stephanie percebeu o quanto estava distante de sua infância e de sua família, com exceção, talvez, de sua mãe, para quem ela sempre telefonava. Excluindo seu irmão mais novo, Carlo, que se tomou padre seguindo uma vocação que ela não conseguia entender, Stephanie era a única pessoa da sua família que foi para a faculdade, para não falar em fazer doutorado. E a maioria de sua amigas da escola primária e secundária, mesmo aquelas que continuaram estudando, viviam atualmente no North End, ou nos subúrbios de Boston, junto de suas casas, maridos, veículos utilitários e filhos. Ela, por sua vez, estava coabitando com um homem dezesseis anos mais velho, que batalhava, junto dela, para manter funcionando uma companhia de biotecnologia recém-fundada, valendo-se de um acordo secreto para tratar de um senador norte-americano com uma terapia experimental ainda não aprovada, mas bastante promissora.

Seguindo a Rua Hanover, Stephanie refletiu sobre a desconexão da sua vida atual com sua vida anterior. Achou interessante não ter ficado chateada com isso. Em retrospecto, tudo isso foi uma reação natural ao desconforto que sentia em relação aos negócios de seu pai e ao papel da sua família na comunidade. Ela se viu pensando na possibilidade de sua vida ter seguido um rumo totalmente diferente, caso seu pai fosse emocionalmente mais aberto. Quando menina, ela tentou quebrar as barreiras do chauvinismo machista e da superproteção, que eram traços característicos de seu pai. Mas nunca conseguiu. Esse esforço em vão fez com que ela posteriormente desenvolvesse o espírito independente que a levou aonde ela estava hoje.

Stephanie fez uma pausa quando um pensamento curioso passou por sua cabeça. Seu pai e Daniel tinham algumas coisas em comum, apesar das enormes e óbvias diferenças. Ambos eram igualmente autocentrados; ambos podiam ser arrogantes em determinadas situações, a ponto de serem considerados anti-sociais, e os dois eram extremamente competitivos em seus próprios mundos. Além do mais, Daniel era igualmente chauvinista. Isso envolvia mais uma questão de intelecto do que de gênero. Stephanie riu interiormente. Perguntou-se por que esse pensamento nunca lhe ocorrera, visto que Daniel, quando preocupado, também podia ser fechado emocionalmente, o que vinha acontecendo ultimamente, com o advento das dificuldades financeiras da CURE. Embora a psicologia estivesse longe de ser o seu forte, ela se perguntou vagamente se as semelhanças entre seu pai e Daniel não podiam ter algo a ver com a atração que ela sentira por Daniel logo de cara.

Retomando a caminhada, Stephanie prometeu que voltaria ao tema quando tivesse mais tempo. Agora, ela tinha muito o que fazer por causa da viagem para Turim, marcada para aquela noite. Ela tinha se levantado ao amanhecer para terminar de arrumar as malas. Depois, ela passou uma boa parte da manhã no laboratório com

Peter, descrevendo exatamente o que queria que ele fizesse com a cultura de Butler. Felizmente as células estavam progredindo bem. Ela deu à cultura o nome de John Smith, pegando a dica da conversa entre Daniel e Spencer Wingate. Se Peter tinha alguma pergunta sobre o motivo da viagem deles para Nassau, ou por que ele enviaria algumas células de John Smith, preservadas em criogênio, para lá, ele preferiu não fazer.

Stephanie dobrou à esquerda na Rua Prince e acelerou o passo. Esta área era mais familiar ainda, especialmente quando ela passou pela sua antiga escola. A casa de sua infância, onde seus pais ainda moravam, ficava depois da escola, à direita.

O North End era uma comunidade segura, graças a uma "vigilância comunitária" não oficial. Sempre havia pelo menos meia dúzia de observadores socialmente viciados em saber o que as outras pessoas estavam fazendo. O lado ruim disso é que quando ela era criança nada podia ser feito às escondidas, mas neste momento Stephanie saboreava a sensação de segurança. Embora aparentemente Daniel estivesse recuperado da invasão da tarde anterior, tendo considerado o episódio como algo sem importância de modo geral, Stephanie não havia superado, pelo menos não completamente, e estar de volta aos velhos arredores era reconfortador. Stephanie continuava a achar que a falta de uma explicação para o incidente exacerbaria seu desconforto em relação à operação Butler.

Parando diante de sua antiga casa, Stephanie observou a fachada acinzentada, imitando pedra, que cobria os tijolos do primeiro andar, o toldo de alumínio vermelho com detalhes brancos sobre a porta da frente e o santo de gesso, pintado com cores berrantes que ficava em seu nicho. Ela sorriu ao pensar no tempo que levou para descobrir como esses adornos eram cafonas. Antes de ter essa revelação, ela jamais reparara neles.

Embora tivesse uma chave, Stephanie bateu na porta e aguardou. Tinha telefonado do escritório para avisar que daria uma passada lá, assim não haveria surpresa. Momentos depois, a porta foi aberta por sua mãe, Thea, que lhe deu as boas-vindas de braços abertos. O avô de Thea era grego e isso explicava a escolha dos nomes femininos subsequentes, que, ao longo dos anos, sempre privilegiou o lado materno da família, o que incluía o nome de Stephanie.

— Você deve estar com fome — disse Thea, enquanto se afastava para trás para poder ver a filha. A comida era sempre um assunto para sua mãe.

— Posso me contentar com um sanduíche — disse Stephanie, sabendo que seria impossível recusar. Ela acompanhou sua frágil mãe até a cozinha, que estava perfumada pelo aroma de comida sendo preparada.

— Estou fazendo ossobuco, o prato preferido de seu pai. Por que você não fica para o almoço? Vamos comer por volta das duas.

— Não vai ser possível, mãe.

— Diga um oi para o seu pai.

Obediente, Stephanie enfiou a cabeça na sala de estar que ficava bem ao lado da cozinha. A decoração não havia mudado em nada desde os tempos das primeiras lembranças de Stephanie. Como era habitual antes dos almoços de domingo, seu pai estava escondido atrás da edição dominical do jornal, que ele segurava com suas mãos robustas. Um cinzeiro cheio estava posicionado num dos braços da poltrona.

— Oi, pai — disse Stephanie, animadamente.

Anthony D'Agostino abaixou a parte de cima do jornal. Com os olhos levemente remelentos, ele examinou Stephanie por cima dos seus óculos de leitura. Um halo de fumaça de cigarro rodeava-o como um nevoeiro espesso. Apesar de ter sido atlético na juventude, ele agora era a própria imagem da imobilidade. Tinha ganhado muito peso ao longo da última década, a despeito dos terríveis

prognósticos dos seus médicos, mesmo depois que sofreu um ataque cardíaco há três anos. Ele ganhara peso na mesma, e doentia, proporção que sua esposa perdera.

— Não quero que você fique incomodando a sua mãe, você entendeu? Ela está se sentindo bem nesses últimos dias.

— Vou fazer o possível — disse Stephanie.

Ele levantou o jornal, de volta para a mesma posição. É o que basta para uma conversa, pensou Stephanie, enquanto dava de ombros e revirava os olhos. Ela voltou para a cozinha. Thea tinha apanhado pão, queijo, presunto de Parma e algumas frutas, e estava arrumando a mesa. Stephanie observava enquanto Thea trabalhava. Sua mãe tinha perdido mais peso desde a última vez que a vira, o que não era bom sinal. Os ossos de suas mãos e de seu rosto estavam protuberantes, quase não havia carne. Dois anos antes, Thea fora diagnosticada com câncer de mama. Depois de uma cirurgia e de quimioterapia, ela ficou bem até três meses atrás, quando houve uma recaída. Um tumor foi detectado num dos pulmões. O prognóstico não era bom.

Stephanie se sentou e fez um sanduíche. Sua mãe pegou um chá e sentou-se diante dela.

— Por que você não pode ficar para o almoço? — perguntou Thea. — Seu irmão mais velho está vindo.

— Com a mulher e as crianças?

— Sim — disse Thea. — Ele e seu pai têm alguns negócios.

— Isso parece familiar.

— Por que você não fica? Nós quase nunca a vemos.

— Eu gostaria muito, mas não posso. Vou viajar esta noite e ficar fora quase um mês, esse é o motivo por que queria vir aqui hoje. Ainda tenho muito o que preparar.

— Você vai com aquele homem?

— O nome dele é Daniel, e sim, nós vamos juntos.

— Você não devia estar morando com ele. Não é direito. Além disso, ele é muito velho. Você deveria estar casada com um jovem distinto. Você já não é mais tão jovem.

— Mãe, nós já conversamos sobre esse assunto.

— Escute a sua mãe — Anthony berrou da sala de estar. — Ela sabe o que está falando.

Stephanie ficou calada.

— Para onde vocês vão?

— Vamos passar a maior parte do tempo em Nassau, nas Bahamas. Antes, nós iremos a outro lugar, mas somente por um dia ou dois.

— São férias?

— Não — disse Stephanie. Ela contou para sua mãe que a viagem era relacionada com o trabalho. Não entrou em detalhes, nem sua mãe perguntou, especialmente porque Stephanie mudou de assunto para saber como estavam os sobrinhos e sobrinhas. Os netos eram o assunto preferido de Thea. Uma hora mais tarde, quando Stephanie se preparava para ir embora, a porta foi aberta e Anthony Jr. entrou.

— As surpresas não vão terminar nunca? — disse Tony, fingindo surpresa ao ver Stephanie. Ele cultivava um sotaque operário acentuado. — A doutora superpoderosa de Harvard decidiu fazer uma visita a esses pobres trabalhadores.

Stephanie olhou e sorriu para seu irmão mais velho. Ficou calada, assim como fizera antes com seu pai. Há muito ela aprendera a ignorar as provocações. Tony sempre zombara dos estudos de Stephanie, da mesma forma que seu pai, mas não exatamente pelas mesmas razões. No que dizia respeito a Tony, Stephanie suspeitava que fossem ciúmes, pois ele acabara o ensino secundário a duras penas. O problema de Tony não era falta de inteligência, mas faltava-lhe motivação quando era adolescente. Depois que se tomou adulto, gostava de fingir que não se importava com o fato de não ter ido à faculdade, mas Stephanie não se deixava enganar.

— Mamãe disse que seu filho está virando um grande jogador de hóquei — disse Stephanie para desviar a conversa do irritante tema relacionado a estudos. Tony tinha um filho de doze anos e uma filha de dez.

— É mesmo, tal pai, tal filho — disse Tony. Ele tinha o mesmo tom de pele e, aproximadamente, a mesma altura que Stephanie, só que era mais encorpado, com um pescoço quadrado e mãos grandes como a do pai. E assim como acontecia em relação a seu pai, Stephanie percebia em Tony a desagradável imagem de um machista, o que fazia com que ela sentisse pena da sua cunhada e preocupação quanto à sua sobrinha.

Tony deu dois beijinhos em sua mãe antes de entrar na sala de estar.

Stephanie escutou o farfalhar do jornal, como se ele tivesse sido jogado para o lado, e um estalar de mãos que ela podia visualizar como um cumprimento e como uma troca de: "Como vai? — Bem! E você, como vai? — Tudo bem!". Quando o assunto mudou para esportes, ela deixou de prestar atenção.

— Tenho que ir andando, mãe — disse Stephanie.

— Por que não fica um pouco mais? Posso servir o almoço agora mesmo.

— Não posso, mãe.

— Seu pai e Tony sentirão a sua falta!

— Sem dúvida que sim — disse Stephanie.

— Eles amam você da maneira deles.

— Tenho certeza disso — disse Stephanie, com um sorriso. A ironia é que ela acreditava mesmo. Stephanie aproximou-se de Thea e apertou o pulso dela. Parecia frágil, dando-lhe a impressão de que se ela apertasse mais, os ossos se quebrariam. Stephanie empurrou sua cadeira para trás e levantou-se. Thea fez o mesmo e elas se abraçaram.

— Vou ligar das Bahamas assim que chegarmos para dar os detalhes sobre onde vamos ficar e o telefone do lugar — disse Stephanie. Ela deu um beijo no rosto de sua mãe antes de enfiar a cabeça na sala de estar. A névoa de fumaça estava mais espessa agora que os dois homens fumavam. — Tchau, para vocês dois. Estou indo embora.

Tony olhou para ela.

— O que é isso? Você já está saindo?

— Ela vai passar um mês fora, viajando — disse Thea, por sobre o ombro de Stephanie. — Ela tem que se aprontar.

— Não! — disse Tony. — Você não pode ir embora. Ainda não! Preciso falar com você. Eu ia te ligar, mas já que você está aqui, é melhor falar pessoalmente.

— Então você tem que se apressar — disse Stephanie. — Eu realmente tenho que ir embora.

— Você vai esperar até que terminemos — disse Anthony. — Tony e eu estamos falando de negócios.

— Tudo bem, papai — disse Tony. Ele deu um leve aperto no joelho de seu pai enquanto se levantava. — O que tenho a dizer para a Steph não vai levar muito tempo.

Anthony resmungou, enquanto se esticava para apanhar o jornal que tinha descartado.

Tony voltou para a cozinha. Sentou-se em uma das cadeiras e fez um gesto para que Stephanie se sentasse em outra. Stephanie hesitou por um momento. Tony tinha se tomado muito mais formal desde que assumira muitas das funções do pai e isso era irritante. Para evitar que isso virasse um problema, Stephanie sentou-se, mas como que comprometida consigo mesma, ela pediu a seu irmão para ser breve. Também lhe disse para apagar o cigarro, o que ele fez resmungando.

— O motivo por que eu estava para telefonar para você — começou Tony — foi que meu contador, Mikey Gualario, me disse

que a CURE está para afundar. Disse-lhe que isso era impossível porque minha irmã caçula teria me contado. Mas ele disse que leu sobre isso no Globe. Quais são as novidades?

— Estamos tendo dificuldades financeiras — admitiu Stephanie. — Trata-se de um problema político que está retendo nossa segunda rodada de investimentos.

— Então o Globe não estava inventando isso?

— Eu não li o artigo, mas, como lhe disse, estamos atolados. Tony contorceu o rosto algumas vezes como se estivesse refletindo. Ele balançou a cabeça algumas vezes.

— Bem, são notícias nada boas. Acho que você compreende que eu esteja preocupado com o empréstimo de duzentos mil dólares que concedi.

— Corrigindo! Não foi um empréstimo. Foi um investimento.

— Espere um minuto! Você veio para mim chorando, dizendo que precisava de dinheiro.

— Corrigindo novamente! Disse que nós precisávamos levantar dinheiro, e eu certamente não estava chorando.

— Tá bem, você disse que era uma coisa certa.

— Eu disse que achava que seria um bom investimento porque o negócio é baseado num procedimento brilhante, recentemente descoberto e devidamente patenteado, que tem tudo para ser uma dádiva para a medicina. Mas eu não disse que era livre de riscos e dei-lhe os prospectos. Você os leu?

— Não, não li nada. Não entendo aquele tipo de bosta. Mas se o investimento era tão bom, qual foi o problema?

— O que aconteceu, e que ninguém previu, é que existe a possibilidade de o Congresso vir a proibir o procedimento. Mas posso lhe garantir que estamos trabalhando nisso e parece que as coisas estão sob controle. Tudo isso foi um golpe inesperado para nós, e a maior prova disso é que Daniel e eu investimos até o nosso último centavo na companhia, incluindo a hipoteca do apartamento

dele. Desculpe-me se neste momento o investimento parece arriscado. Devo acrescentar que sinto muito por termos aceitado o seu dinheiro.

— Também sinto!

— O que vai acontecer em relação a esse seu indiciamento? Tony espanou o ar como quem afasta uma mosca.

— Nada. É um bando de besteiras. O promotor está apenas tentando chamar a atenção para ser reeleito. Mas não vamos mudar de assunto. Você disse que acha que esse problema político está sob controle.

— Acreditamos que sim.

— Isso tem alguma relação com essa viagem de um mês que você vai fazer?

— Tem — disse Stephanie. — Mas não lhe posso contar os detalhes.

— Ah, é mesmo? — comentou Tony sarcasticamente. — Tenho duzentos paus envolvidos nisso e você não pode me dar os detalhes. Há alguma coisa errada aí.

— Se eu divulgasse o que vamos fazer, colocaria em risco o sucesso da operação.

— Divulgasse, colocar em risco, sucesso! — repetiu Tony sarcasticamente. — Dá um tempo! Espero que você não pense que vou ficar satisfeito com um punhado de palavras pomposas. De jeito nenhum! Então, para onde você está indo, Washington?

— Ela está indo para Nassau — disse Thea repentinamente, do lugar onde estava, perto do fogão. — E não seja rude com a sua irmã. Você me ouviu?

Tony sentou-se ereto, com as mãos pendendo inertes de ambos os lados. Sua mandíbula inferior foi-se abrindo lentamente em sinal de total surpresa.

— Nassau! — gritou ele. — Isso está cada vez mais louco. Se a CURE está a ponto de afundar por causa de um escândalo político,

você não acha que devia ficar aqui e fazer alguma coisa?

— Esse é o motivo por que vamos para Nassau — disse Stephanie.

— Ah! — gritou Tony. — O que me faz pensar que esse seu pretenso namorado está preparando um golpe.

— Nada poderia estar mais longe da verdade. Tony, gostaria de poder dar mais detalhes, mas não posso. Tenho esperança de que daqui a um mês as coisas terão voltado ao normal, e aí então ficaremos felizes em considerar seu dinheiro como um empréstimo, e vamos devolvê-lo com juros.

— Vou tentar me segurar — disse Tony, com expressão de escárnio. — Você diz que não pode me contar mais nada, mas vou dizer-lhe uma coisa: aquelas duzentas pratas não eram só minhas.

— Não? — perguntou Stephanie. Ela sentia que o tom da conversa, que já era desagradável, ia piorar.

— Você me vendeu isso como sendo um grande negócio. Senti que deveria compartilhá-lo. Metade do dinheiro veio dos irmãos Castigliano.

— Você nunca me contou isso!

— Estou contando agora.

— Quem são os irmãos Castigliano?

— São meus sócios em alguns negócios. E posso lhe contar outra coisa. Eles não vão gostar de ouvir que o dinheiro que eles investiram num empréstimo está indo para o sul. Eles não estão acostumados com isso. Como seu irmão, acho que devo lhe avisar que não é uma boa ideia ir para as Bahamas.

— Mas temos que ir.

— Você diz isso, mas não está me contando o motivo. Você me obriga a ser repetitivo: é melhor que você e seu namorado de Harvard fiquem por aqui e façam o dever de casa, porque está parecendo que vocês estão planejando viajar para ir se divertir ao

sol, enquanto nós, os otários, ficamos congelando nossos traseiros aqui em Boston.

— Tony — disse Stephanie no tom mais calmo, mais conciliador, que ela conseguiu. — Estamos indo para Nassau, e vamos tratar desse problema.

Tony ergueu as mãos para o ar, com as palmas para cima.

— Eu bem que tentei! Deus sabe que tentei.

Graças à direção hidráulica, Tony precisava somente do dedo indicador da mão direita para manobrar o volante do seu Cadillac De Ville preto. Numa noite refrescante como aquela, ele tinha deixado o vidro da janela da sua porta abaixado, para que sua mão, pendurada para fora do carro, pudesse segurar um cigarro. O barulho dos pneus do carro esmagando o cascalho afogou o som do rádio, enquanto ele entrava no estacionamento do prédio da Materiais de Construção Irmãos Castigliano. Era uma estrutura cinza com um único pavimento, construída em concreto e com telhado plano, cujos fundos davam para um mangue.

Tony estacionou próximo a três carros parecidos com o dele: todos eram Cadillacs e todos eram pretos. Ele jogou seu cigarro numa pilha de pias enferrujadas e desligou o motor. Quando saiu do carro, sentiu o odor do pântano de águas salgadas. Não era nada agradável. Com a noite chegando rapidamente, o vento passara a soprar para o leste.

A fachada do prédio precisava de uma pintura. Próximo ao nome da firma, pintado em letras de forma, as paredes haviam sido grafitadas. Como a porta estava destrancada, Tony entrou sem bater, como se fosse um cliente. Havia um balcão no meio do espaço. Atrás do balcão erguia-se uma fileira de prateleiras, que iam do chão ao teto, carregadas de materiais de construção. Não havia ninguém à vista. Um rádio sobre o balcão estava sintonizado numa estação que tocava músicas dos anos cinquenta.

Tony contornou o balcão e seguiu pelo corredor central. No final deste, ele abriu uma segunda porta que levava para um escritório. Em contraste com a área onde ficavam os materiais, este lugar era relativamente suntuoso, abrigando um sofá de couro e duas mesas sobre um tapete oriental desfiado. Pequenas janelas envidraçadas davam para a área do mangue, que era cercada com arame farpado e pontilhada por pneus descartados e todo o tipo de entulho. Havia três homens sentados na sala, um em cada mesa e o outro no sofá.

Além das comedidas saudações verbais, Tony primeiramente trocou apertos de mão com os dois homens sentados nas mesas e, depois que fez o mesmo com o homem no sofá, sentou-se. Os homens sentados nas mesas eram os Castigliano. Eram os irmãos gêmeos chamados Sal e Louie. Tony os conhecia de nome desde o primário, mas naquela época eles não eram amigos. No ensino médio, eles viraram garotos magricelas e cheios de espinhas, que eram provocados implacavelmente. Adultos, eles ainda eram macilentos, com bochechas cadavéricas e olhos cavos.

O homem no sofá, ao lado de Tony, era Gaetano Baresse, um sujeito que havia sido criado na cidade de Nova York. Ele era encorpado, assim como Tony, porém maior e tinha os traços mais marcados. Era ele que normalmente atendia no balcão de vendas que ficava no outro salão. Como bico, trabalhava como segurança para os gêmeos. Muitas pessoas pensavam que ele fora contratado para compensar todas as provocações que os gêmeos haviam sofrido na época de escola, mas Tony não caía nessa. A contribuição de Gaetano como capanga era requerida ocasionalmente nos outros negócios dos gêmeos: alguns legais, outros menos. Foi nesta espécie de negócios que Tony e os gêmeos se conheceram.

— Antes de mais nada — disse Tony —, eu gostaria de agradecer a todos vocês por terem vindo num domingo.

— Sem problemas — disse Sal. Ele estava sentado à esquerda de Tony. — Espero que você não se importe por termos convidado

Gaetano.

— Quando você nos ligou e disse que havia um problema, imaginamos que ele devia ser incluído — acrescentou Louie.

— Sem problemas — disse Tony. — Eu só gostaria que esse encontro tivesse ocorrido um pouco mais cedo, pelo motivo que vou explicar.

— Fizemos o melhor que pudemos — disse Sal.

— A bateria do celular acabou — disse Gaetano. — Eu estava na casa da minha cunhada jogando sinuca. Foi difícil me encontrar.

Tony acendeu um cigarro e ofereceu o maço para os demais. Todos apanharam um. Logo, todos estavam fumando.

Depois de algumas tragadas, Tony apagou o cigarro. Ele precisava das mãos livres para poder gesticular enquanto falava. Contou palavra por palavra tudo o que ele se lembrava da conversa que tivera naquela tarde com Stephanie. Não deixou nada de fora, nem mediu as palavras. Ele disse que na opinião dele, e de seu contador, a empresa de Stephanie estava para afundar.

Enquanto Tony falava, os gêmeos foram ficando cada vez mais agitados. Sal, que estava se divertindo entortando um clipe de papel para a frente e para trás, partiu-o em dois. Louie, bastante irritado, apagou seu cigarro ainda pela metade.

— Não posso acreditar nisso! — disse Sal, quando Tony concluiu.

— Sua irmã é casada com esse bundão? — indagou Louie.

— Não, eles só vivem juntos.

— Bem, que fique bem claro, nós não vamos ficar aqui sentados enquanto esse canalha se diverte tomando sol — disse Sal. — De jeito nenhum!

— Temos que deixar claro para ele que não estamos nada satisfeitos — disse Louie. — Ou ele traz de volta o traseiro dele para cá e faz o que deve ser feito, ou então... Você entendeu, Gaetano?

— Sim, claro. Quando?

Louie olhou para Sal. Sal olhou para Tony.

— Agora, já é muito tarde — disse Tony. — Esse é o motivo por que eu queria ter encontrado vocês mais cedo. Eles vão a algum lugar antes de partirem para Nassau. Mas minha irmã vai ligar para minha mãe assim que estiver instalada nas Bahamas.

— Você vai nos avisar quando isso ocorrer? — perguntou Sal.

— Sim, pode ter certeza. Mas o trato é que vocês deixam minha irmã fora disso.

— Nosso problema não é com ela — disse Louie. — Pelo menos não acho que seja.

— Não é — disse Tony. — Confie em mim! Não quero que haja brigas entre nós.

— Nosso problema é com ele — disse Sal.

Louie olhou para Gaetano.

— Acho que você vai para Nassau.

Gaetano estalou as articulações das mãos, uma contra a outra.

— Isso parece ótimo para mim!

11

7h, segunda-feira, 25 de fevereiro de 2002

— Stephanie! — chamou Daniel suavemente, enquanto sacudia o ombro dela carinhosamente. — Eles já vão servir o café da manhã. Você quer tomá-lo ou quer que eu a deixe dormir até aterrissarmos?

Stephanie abriu os olhos e esfregou-os energicamente ao mesmo tempo que bocejava. Depois teve que piscar rapidamente algumas vezes até conseguir enxergar direito. Seus olhos estavam secos devido à atmosfera ressecada do avião.

— Onde estamos? — perguntou ela com voz rouca. Sua garganta também estava seca. Ela se ajeitou no assento e espreguiçou-se. Depois, inclinou-se para o lado e olhou pela janela. Embora houvesse traços do amanhecer ao longo do horizonte, a paisagem abaixo ainda estava às escuras. Ela podia ver as luzes de cidades e vilarejos ao longe.

— Meu palpite é que estamos sobrevoando algum lugar da França — disse Daniel.

Apesar de todo o planejamento para evitar atropelos de última hora, a noite anterior tinha sido uma correria ansiosa para sair do apartamento de Daniel, chegar ao Aeroporto Logan e passar pela segurança. Eles não perderam o voo por uma questão de minutos. Graças ao dinheiro de Butler, viajavam na Classe Magnífica da

Alitalia, e estavam sentados nas duas primeiras poltronas do lado esquerdo do Boeing 767.

Stephanie levantou o encosto de sua poltrona, que estava reclinada.

— Como você está tão acordado? Você conseguiu dormir?

— Não fechei o olho — admitiu Daniel. — Comecei a ler esses seus livros sobre o Sudário de Turim, mais exatamente o de Ian Wilson. Eu entendi por que você ficou tão arrebatada. É um assunto fascinante.

— Você deve estar exausto.

— Não estou — disse Daniel. — A leitura sobre o sudário parece que me revigorou. Fiquei até mesmo mais encorajado a usar os fragmentos de DNA do sudário no tratamento de Butler. Na verdade, ocorreu-me que depois que tratarmos de Butler, nós poderíamos continuar com isso e tratar alguma outra celebridade. Podemos realizar os procedimentos no exterior, da mesma forma que vamos fazer, e usarmos a mesma fonte de DNA, só que em alguém que não se importe com a publicidade. Uma vez que a história chegasse à mídia, nenhum político teria coragem de interferir e, melhor ainda, o Ministério da Saúde seria forçado a alterar seu protocolo e aprovar o tratamento.

— Uau! — exclamou Stephanie. — Não vamos nos adiantar. Por enquanto, temos que nos concentrar em Butler. Não há a menor garantia de que vamos conseguir curá-lo.

— Você não acha uma boa ideia tratarmos de outra celebridade?

— Tenho que pensar sobre isso para responder de forma inteligente — disse Stephanie, tentando ser diplomática. — Agora minha mente está um pouco confusa. Preciso ir ao toalete e depois vou querer tomar café da manhã. Estou faminta. Quando minha mente estiver funcionando na velocidade máxima, vou querer ouvir suas observações sobre o sudário, mais especificamente se você tem alguma hipótese para explicar como a imagem foi formada.

Menos de uma hora mais tarde, eles aterrissaram no Aeroporto Fiumicino, em Roma. Junto com uma multidão que estava chegando dos mais variados destinos internacionais naquela mesma hora, eles passaram pelo controle de passaporte e, em seguida, dirigiram-se para o portão do voo de conexão para Turim. Num café próximo, Daniel saciou-se com um café expresso italiano, que ele virou num único gole, do mesmo modo que os clientes locais. Como não havia Classe Magnífica neste trecho, eles se viram numa cabine apertada logo que embarcaram na aeronave, que estava cheia de homens de negócios. Stephanie estava sentada na poltrona do meio e Daniel na do corredor, na parte traseira do avião.

— Isso é aconchegante — comentou Daniel. Graças aos seus 1,88m, os joelhos dele estavam prensados contra a poltrona da frente.

— Como você está se sentindo agora? Está cansado?

— Não, especialmente depois da sacudida que levei com aquele café forte.

— Então, fale-me sobre o sudário! Estou louca para ouvir. — Devido à imensa fila para usar os banheiros no voo de Boston para Roma, não houvera tempo para que o assunto fosse abordado antes da aterrissagem.

— Bem, para começo de conversa, não tenho nenhuma teoria para explicar como a imagem foi formada. Tenho que concordar que é um mistério intrigante, e fiquei particularmente emocionado pela forma poética como Ian Wilson o descreveu: "um negativo fotográfico adormecido, uma espécie de cápsula do tempo, esperando pelo momento de a fotografia ser inventada". Mas a ideia da imagem como prova da Ressurreição, como você e ele sugeriram, eu não compro. É uma forma errônea de raciocínio científico. Você não pode propor um processo de desmaterialização desconhecido, e que vai contra a intuição, para explicar um fenômeno desconhecido.

— E os buracos negros?

— Do que você está falando?

— Os buracos negros foram propostos para explicar fenômenos desconhecidos, e do ponto de vista da nossa experiência científica direta, eles certamente vão contra a intuição.

Houve silêncio durante alguns instantes, quebrado somente pelo ruído das turbinas misturado ao farfalhar dos jornais e o teclar de laptops.

— Você tem um argumento — admitiu Daniel finalmente.

— Vamos continuar! O que mais lhe chamou a atenção?

— Algumas outras coisas. Uma que me vem à cabeça foi o resultado do espectroscópio de reflexão, que mostrou sujeira nas imagens dos pés. Pareceu-me uma descoberta sem importância até eu saber que alguns dos grãos foram identificados, através da cristalografia ótica, como sendo grãos de travertino e aragonita, que tinham assinatura espectral semelhante a amostras de calcário retiradas de antigos túmulos de Jerusalém.

Stephanie riu.

— Só mesmo você para ficar impressionado com um dos detalhes científicos mais obscuros. Eu nem me lembrava desse dado.

— É difícil acreditar que um falsificador francês do século XII tivesse chegado a ponto de providenciar esse tipo de detrito para polvilhar sobre sua suposta criação.

— Você tem toda a razão.

— Um outro fato que me chamou a atenção foi que ao se determinar a região de interseção dos habitats das três espécies de plantas do Oriente Médio, cujos polens prevalecem no sudário, a provável origem fica reduzida a um raio de trinta quilômetros, entre Hebron e Jerusalém.

— Curioso, não?

— É mais do que curioso — disse Daniel. — Não fica provado se o sudário é mesmo a mortalha de Jesus, e acho que nunca será. Mas na minha opinião o artefato veio de Jerusalém e envolveu um

homem que foi flagelado à moda da Roma Antiga, teve o nariz quebrado, tinha feridas de espinhos na cabeça, foi crucificado e ferido com uma lança no peito.

— Qual a sua opinião sobre o aspecto histórico?

— Ele é bem apresentado e cativante — reconheceu Daniel. — Depois de lê-lo, passei a achar que o Sudário de Turim e o Tecido de Edessa são a mesma coisa. Fiquei particularmente convencido pelo modo como os vincos no sudário foram usados para explicar os modos como ele pode ter sido exibido em Constantinopla, mostrando somente a cabeça de Jesus, da forma que o Tecido de Edessa era geralmente descrito, ou exibindo o corpo inteiro de Jesus, de frente e de costas, como foi descrito pelo cruzado Robert de Clari. Ele foi o indivíduo que viu o sudário pouco antes de seu desaparecimento, durante o saque de Constantinopla, em 1204.

— O que significa que os resultados da datação por carbono estão errados.

— Por mais perturbador que possa parecer, sendo eu um cientista, acho que você está certa.

Eles mal tinham apanhado seus sucos de laranja quando os avisos para apertar os cintos foram acesos novamente e foi comunicado pelos interfones que os pilotos estavam fazendo as manobras de aproximação do Aeroporto Caselle, de Turim. Quinze minutos mais tarde, eles aterrissaram. Do modo como o avião estava lotado, eles levaram quase o mesmo tempo de voo entre Roma e Turim para saírem da aeronave, andarem toda a extensão do pátio aberto e encontrarem a esteira de bagagens certa.

Enquanto Daniel esperava pelas bagagens, Stephanie reparou num quiosque de telefones celulares e foi até ele para alugar um aparelho. Antes de sair de Boston, ela soube que seu telefone celular não funcionaria na Europa, embora funcionasse em Nassau, e para certificar-se de que não perderia nenhum e-mail de Butler enquanto estivesse em Turim, ela precisaria de um celular europeu. Assim que

fosse possível, ela daria um jeito para que os e-mails de Butler fossem enviados para os dois telefones.

Eles saíram do terminal, carregando as bagagens e vestindo seus casacos, e entraram numa fila de táxis. Enquanto esperavam, vislumbraram o Piemonte pela primeira vez. Em direção a oeste e ao norte, eles podiam ver montanhas cobertas de neve. Ao sul, uma névoa púrpura erguia-se sobre o distrito industrial da cidade. O clima estava frio, não muito diferente daquele que eles deixaram em Boston, o que fazia sentido, visto que as cidades ficavam aproximadamente na mesma latitude.

— Espero que eu não me arrependa de não alugar um carro — disse Daniel, enquanto observava os táxis cheios partirem em disparada.

— O guia diz que é impossível estacionar na cidade — lembrou Stephanie. — O lado positivo é que os italianos aparentemente são bons motoristas, embora dirijam velozmente.

Uma vez a caminho, Daniel segurou-se com todas as suas forças, enquanto o motorista punha em prática a descrição de Stephanie. O táxi era um Fiat pós-moderno, cujo formato fazia com que parecesse uma mistura de veículo utilitário com carro compacto. Para infelicidade de Daniel, era excepcionalmente sensível ao acelerador.

Stephanie já tinha estado na Itália em diversas ocasiões e tinha uma expectativa particular sobre como a cidade se pareceria. Inicialmente, ela ficou desapontada. Turim não tinha nada do charme renascentista que ela associava a lugares como Florença ou Siena. Em vez disso, parecia uma cidade moderna como qualquer outra, assediada pela expansão dos subúrbios e, naquela hora, sofrendo nas garras do rush matutino. O tráfego estava pesado e todos os motoristas italianos pareciam igualmente agressivos, dando arrancadas e freadas bruscas, além de não pararem de buzinar. A corrida era de torturar os nervos, especialmente para Daniel.

Stephanie tentou começar uma conversa, mas Daniel estava muito ocupado em prestar atenção ao próximo fino que o táxi ia tirar.

Daniel tinha reservado uma única noite naquele que era descrito em seu guia como melhor hotel da cidade, o Grand Belvedere. Localizava-se no centro da cidade velha, e quando eles entraram nesta região, a impressão de Stephanie sobre Turim começou a mudar. Ela ainda não estava vendo o tipo de arquitetura que esperava, mas a cidade começava a mostrar seu charme incomparável: boulevards largos, praças cercadas por arcadas e elegantes edifícios em estilo barroco. No momento em que o carro parou na frente do hotel, o desapontamento de Stephanie havia se metamorfoseado em uma especial admiração.

O Grand Belvedere era a última palavra em luxo do final do século XIX. O saguão era ornamentado com putti e querubins dourados, numa quantidade que Stephanie jamais vira em outro lugar. Colunas de mármore erguiam-se para sustentar arcadas, enquanto pilastras aflautadas alinhavam-se junto às paredes. Porteiros paramentados vieram correndo apanhar a bagagem deles, formada por uma grande coleção de malas, pois passariam um mês em Nassau.

Embora menos ornamentado que o saguão, o quarto deles tinha pé-direito alto, um grande lustre de Murano e menos ornamentação que o saguão, mas igualmente brilhante. Querubins dourados pairavam nos quatro cantos da pesada cornija. As grandes janelas davam para a Piazza Carlo Alberto, na qual o hotel estava localizado. Pesadas cortinas em brocado vermelho escuro, com centenas de borlas, cobriam as janelas. A mobília, incluindo a cama, era composta por peças escuras de madeira maciça escura entalhada. No chão havia um espesso tapete oriental.

Depois de dar a gorjeta para o mensageiro e para a recepcionista formalmente vestida que os acompanhou até o quarto, Daniel olhou ao redor dos aposentos com uma expressão de satisfação no rosto.

— Nada mau! Nada mau mesmo — observou. Ele deu uma olhada no banheiro de mármore antes de se virar para Stephanie. — Finalmente estou vivendo da forma que mereço.

— Você é muito convencido! — zombou Stephanie. Ela abriu sua mala para apanhar sua nécessaire.

— Realmente! — riu Daniel. — Não sei por que me contentei em ser um acadêmico pobretão durante todo esse tempo.

— Vamos começar a trabalhar, Rei Midas! Como você vai fazer para ligar para a chancelaria da Arquidiocese e entrar em contato com o monsenhor Mansoni? — Stephanie foi para o banheiro. O que ela mais queria era escovar os dentes.

Daniel foi até a mesa e começou a abrir as gavetas procurando um catálogo telefônico. Como não teve sucesso, deu uma olhada nos closets.

— Acho que devíamos ir lá embaixo e pedir para alguém na concierge fazer isso — gritou Stephanie, do banheiro. — Também podemos pedir que façam reserva para o jantar desta noite.

— Boa ideia — disse Daniel.

Como Stephanie antecipara, o concierge ficou satisfeito em ajudá-los. Materializando um catálogo telefônico em questão de segundos, ele estava com o monsenhor Mansoni na linha antes que Stephanie e Daniel tivessem decidido quem devia falar com ele. Depois de uma pequena confusão, Daniel pegou o telefone. Seguindo as instruções do e-mail de Butler, Daniel identificou-se como o representante de Ashley Butler e disse que estava em Turim para apanhar uma amostra. Numa tentativa de ser discreto, ele não entrou em pormenores.

— Eu estava esperando a sua ligação — respondeu o monsenhor Mansoni, com um pesado sotaque italiano. — Estou pronto para encontrá-lo esta manhã, se isso for apropriado.

— Para nós, o quanto antes, melhor — respondeu Daniel.

— Nós? — perguntou o monsenhor.

— Minha sócia e eu estamos aqui juntos — explicou Daniel. Ele considerou que o termo sócia era suficientemente vago. Sentiu-se estranhamente inibido em falar com um padre da Igreja Católica que poderia ficar ofendido com o modo como ele e Stephanie viviam.

— Vejo que sua sócia é uma mulher.

— Exato — respondeu Daniel. Ele olhou para Stephanie para ver se ela estava à vontade com o termo sócia. Ele jamais o utilizara para descrever o relacionamento deles, apesar de ser adequado.

Stephanie sorriu do desconforto de Daniel.

— Ela estará presente em nosso encontro?

— Sem dúvida — disse Daniel. — Onde seria conveniente para o senhor?

— Talvez o Café Torino, na Piazza San Carlo, pudesse ser agradável. Você e sua sócia estão hospedados em um hotel dentro da cidade?

— Acredito que estejamos bem no centro.

— Excelente — comentou o monsenhor. — O café fica próximo ao seu hotel. O concierge pode dar-lhe as direções.

— Ótimo — disse Daniel. — Quando devemos estar lá?

— Pode ser daqui a uma hora?

— Estaremos lá — disse Daniel. — Como vamos reconhecê-lo?

— Não deve haver muitos padres presentes, mas caso haja, eu certamente serei o mais encorpado. Receio ter ganhado algum peso devido ao sedentarismo do meu atual posto.

Daniel olhou para Stephanie. Ele tinha a impressão que ela podia ouvir o padre no outro lado da linha.

— Também vai ser fácil nos reconhecer. Receio que, com as nossas roupas, vamos parecer bem americanos. Além disso, minha sócia é uma bela mulher de cabelos negros.

— Nesse caso, tenho certeza de que vamos nos reconhecer. Vejo vocês por volta das onze e quinze.

— Estaremos aguardando — disse Daniel, antes de devolver o telefone para o recepcionista.

— Bela mulher de cabelos negros? — perguntou Stephanie, num sussurro forçado, à medida que eles se afastavam do balcão, depois de pegarem as coordenadas do café. Ela estava embaraçada. — Você nunca me descreveu com esse tipo de clichê. E, ainda por cima, com essa condescendência sexista.

— Desculpe-me — disse Daniel. — Fiquei um pouco perplexo ao me ver marcando um encontro com um padre.

Luigi Mansoni abriu uma das gavetas de sua mesa. Enfiando a mão dentro dela, apanhou um pequeno estojo de prata e colocou-o no bolso. Em seguida, ergueu sua batina um pouco para evitar de pisar na bainha, enquanto se levantava e saía apressado de seu escritório. No fim do hall, bateu na porta do monsenhor Valério Garibaldi. Ele estava sem fôlego, o que era constrangedor, pois tinha andado menos de cem metros. Ele verificou as horas em seu relógio e pensou se não teria sido melhor marcar com Daniel para encontrá-lo dentro de uma hora e meia. Valério gritou que ele entrasse.

Vertendo para o seu italiano nativo, Luigi relatou a seu amigo e superior a conversação que acabara de travar.

— Ah, não — respondeu em italiano Valério Garibaldi. — Tenho certeza que isso foi mais rápido do que o padre Maloney esperava. Vamos torcer para que ele esteja no quarto dele — Valério apanhou o telefone. Ele ficou aliviado quando o padre Maloney atendeu. Ele contou ao americano o que acontecera e disse que ele e o monsenhor Mansoni aguardavam a presença dele.

— Isso é muito curioso — disse Valério para Luigi enquanto esperavam.

— É verdade — respondeu Luigi. — Isso me faz pensar se não seria o caso de alertar um dos arcebispos secretários, pois caso surja

algum problema a culpa de Sua Reverendíssima não ter sido avisado seria dele. Afinal, Sua Reverendíssima é o guardião do sudário.

— Seu raciocínio é pertinente — disse Valério. — Acho que vou seguir seu conselho.

Uma batida precedeu a chegada do padre Maloney. Valério fez um gesto para que ele se sentasse. Embora Valério e Luigi fossem superiores a Michael na hierarquia da Igreja, o fato de Michael estar representando oficialmente o cardeal O'Rourke, o prelado mais poderoso da Igreja Católica na América do Norte, e amigo íntimo do próprio arcebispo deles, o cardeal Manfredi, fazia com que eles o tratassem com especial deferência.

Michael sentou-se. Em contraste com os monsenhores, ele estava usando seu habitual temo preto com colarinho de padre. Também em contraste com os outros, ambos corpulentos, Michael era magro como um palito e, com seu nariz aquilino, seus traços lembravam mais o estereótipo de um italiano do que seus anfitriões. Seus cabelos ruivos também o diferenciavam, visto que os outros eram grisalhos.

Luigi relatou sua conversa com Daniel mais uma vez, enfatizando que havia duas pessoas envolvidas e que uma delas era mulher.

— Isso é surpreendente — comentou Michael. — E eu não gosto de surpresas. Mas temos que ficar calmos. Presumo que a amostra esteja preparada.

— Sem dúvida — disse Luigi. Para facilidade de Michael, ele estava falando em inglês, ainda que Michael falasse um italiano razoável. Michael tinha se graduado pela escola de teologia de Roma, onde a língua italiana era obrigatória.

Luigi enfiou a mão no interior de sua batina e fez surgir uma pequena caixa prateada semelhante a uma cigarreira de meados do século XX.

— Aqui está — disse ele. — O professor Ballasari fez a seleção de fibras pessoalmente para certificar-se de que elas são significativas. Sem dúvida vêm de uma área manchada de sangue.

— Posso? — perguntou Michael, esticando um braço.

— É claro — disse Luigi. Ele entregou o estojo a Michael. Michael segurou o estojo gravado em relevo com ambas as mãos.

Foi uma experiência emocionante para ele. Há muito ele tinha se convencido da autenticidade do sudário, e a sensação de segurar uma caixa contendo o sangue verdadeiro do Salvador, ao invés do vinho transubstanciado, era irresistível.

Luigi estendeu o braço e retomou o estojo. Ele desapareceu novamente sob as volumosas pregas de sua batina.

— Há alguma instrução específica?

— Sem dúvida — disse Michael. — Preciso que você descubra tudo o que puder sobre essas pessoas para quem você vai entregar a amostra: nomes, endereços, qualquer coisa. Na verdade, peça para ver seus passaportes e anote os números. Com essas informações e com seus contatos junto às autoridades civis, poderemos descobrir muitas coisas sobre suas identidades.

— O que você está querendo saber? — perguntou Valério.

— Não sei ao certo — admitiu Michael. — Sua Eminência, o cardeal James O'Rourke, está oferecendo essa pequena amostra em troca de um grande benefício político para a Igreja. Ao mesmo tempo, ele quer ter certeza absoluta de que as máximas do Santo Padre, proibindo que o sudário seja submetido a testes científicos, não sejam violadas.

Valério concordou com a cabeça como se tivesse compreendido, mas não compreendera. Trocar fragmentos de uma relíquia por um favor político era algo com o qual ele não estava acostumado, ainda mais quando esse acordo não tinha documentação oficial. Era preocupante. Ao mesmo tempo, ele sabia que essas poucas fibras, que estavam no estojo de prata gravado em relevo, eram

provenientes de uma amostra retirada muitos anos antes e que ninguém havia tocado no sudário recentemente. A principal preocupação do Santo Padre em relação ao sudário era sua conservação.

Luigi levantou-se.

— Se quiser chegar pontualmente no meu encontro, tenho que ir andando.

Michael também levantou-se.

— Vamos juntos, caso você não se importe. Vou observar a entrega de longe. Depois, pretendo seguir essas pessoas. Quero saber onde elas estão hospedadas, caso suas identidades revelem-se problemáticas.

Valério levantou-se com os outros. Sua expressão era a de alguém confuso.

— O que você vai fazer se, como disse, as identidades deles revelarem-se problemáticas?

— Serei forçado a improvisar — disse Michael. — Em relação a isso as instruções do cardeal foram vagas.

— Esta cidade é bem atraente — disse Daniel, enquanto ele e Stephanie andavam para oeste ao longo de mas rodeadas por verdadeiros palácios ducais que serviam como residências. — Não fiquei impressionado à primeira vista, mas agora estou.

— Tive a mesma impressão — disse Stephanie.

Depois de atravessarem alguns quarteirões, chegaram a Piazza San Carlo, onde descortinou-se, então, o panorama de uma grande praça, do tamanho de um campo de futebol, cercada de belos edifícios barrocos em tom creme. As fachadas eram ornamentadas com uma agradável profusão de detalhes decorativos. No centro da praça havia uma imponente estátua equestre em bronze. O Café Torino situava-se na metade ocidental da praça. No interior do café eles se viram envoltos pelo agradável aroma de café moído na hora.

Grandes lustres de cristal, pendendo do teto pintado com afrescos, banhavam o ambiente com um brilho incandescente.

Eles não tiveram que procurar muito pelo monsenhor Mansoni. O padre levantou-se no momento em que eles entraram, acenando para eles de sua mesa, localizada junto à parede do fundo. Enquanto seguiam em direção a ele, Stephanie deu uma olhada nos outros clientes. O estranho comentário do monsenhor Mansoni, de que não deveria haver muitos outros padres no café, estava correto. Stephanie viu somente outro. Ele estava sentado sozinho e, por um breve momento, Stephanie teve a incômoda sensação de que ele olhava fixamente para os olhos dela.

— Bem-vindos a Turim — disse Luigi. Ele apertou as mãos de seus dois convidados e fez um gesto para que eles se sentassem. Seus olhos permaneceram em Stephanie durante tempo suficiente para que ela sentisse um leve desconforto, enquanto recordava-se da descrição inconveniente de Daniel.

Um garçom surgiu em resposta ao estalar de dedos do monsenhor e anotou os pedidos de Stephanie e Daniel. Stephanie contentou-se com água gasosa, enquanto Daniel pediu outro expresso.

Daniel observou o prelado. A descrição que fizera de si mesmo, como sendo encorpado, não era nenhum exagero. Uma grande papada praticamente encobria seu colarinho clerical branco. Sendo um médico, Daniel tentou imaginar qual seria o nível de colesterol do padre.

— Suponho que para começar devemos nos apresentar. Eu sou Luigi Mansoni, venho de Verona, Itália, mas agora vivo aqui em Turim.

Daniel e Stephanie revezaram-se nas apresentações. Disseram seus nomes e que viviam em Cambridge, Massachusetts. Neste momento, o café e a água chegaram.

Daniel tomou um gole e recolocou a xícara sobre o pequeno pires.

— Sem querer parecer rude, eu gostaria de tratar diretamente do assunto. Presumo que o senhor tenha trazido a amostra.

— Sem dúvida — respondeu Luigi.

— Temos que ter certeza que a amostra veio de uma parte do sudário manchada de sangue — disse Daniel.

— Posso assegurar-lhe que vem. Ela foi selecionada pelo professor que foi encarregado da conservação do sudário pelo arcebispo, o cardeal Manfredi, que é o seu atual guardião.

— Então? — perguntou Daniel. — Podemos vê-la?

— Em um momento — disse Luigi. Ele enfiou a mão dentro da batina e fez surgir um pequeno bloco e uma caneta. — Antes de entregar a amostra, recebi instruções para anotar alguns dados sobre a identidade de vocês. Com toda a controvérsia científica e o assédio da mídia em tomo do sudário, a Igreja insiste em saber quem está com a posse das amostras.

— O senador Butler vai ser o destinatário — disse Daniel.

— Eu compreendo. Entretanto, até que isso ocorra, temos que ter uma prova da identidade de vocês. Desculpem-me, mas são as minhas instruções.

Daniel olhou para Stephanie.

Stephanie deu de ombros.

— Que espécie de prova você necessita?

— Seus passaportes e atuais endereços serão adequados.

— Não há problema quanto a isso — disse Stephanie. — E o endereço em meu passaporte está atualizado.

— Para mim também não — disse Daniel.

Os dois americanos retiraram seus passaportes e os colocaram sobre a mesa. Luigi abriu um de cada vez e copiou os dados. Em seguida, devolveu-os. Depois de guardar seu bloco e sua caneta, ele

mostrou o estojo de prata. Com uma óbvia deferência, empurrou-o na direção de Daniel.

— Posso? — perguntou Daniel.

— É claro — respondeu Luigi.

Daniel pegou o estojo de prata. Havia um pequeno fecho num dos lados, que deslizou para a posição de aberto. Ele levantou a tampa cuidadosamente. Stephanie inclinou-se sobre o ombro dele para que também pudesse ver. No interior, havia um pequeno invólucro lacrado, de celofane semitransparente, contendo um emaranhado mínimo, mas adequado, de fibras de uma cor indeterminada.

— Parece perfeito — disse Daniel. Ele fechou a tampa e prendeu o fecho. Entregou o estojo para Stephanie, que o enfiou em sua bolsa, junto com seus passaportes.

Quinze minutos mais tarde, Daniel e Stephanie emergiram novamente sob o brilho pálido do sol de inverno. Eles seguiram diagonalmente pela Piazza San Carlo, rumando de volta para o hotel. Apesar do cansaço da viagem, havia uma leveza em seus passos. Ambos sentiam-se levemente eufóricos.

— Não poderia ter sido mais fácil — comentou Daniel.

— Tenho que concordar — disse Stephanie.

— Juro que não vou lembrá-la do seu pessimismo inicial — provocou Daniel. — Jamais faria isso.

— Espere um pouco — reclamou Stephanie. — Pegamos a amostra do sudário com facilidade, mas ainda estamos longe de curar Butler. Minhas preocupações referem-se à operação como um todo.

— Vejo esse pequeno episódio como um prenúncio das coisas que estão por vir.

— Espero que você esteja certo.

— O que você acha que devemos fazer durante o resto do dia? — perguntou Daniel. — Nosso voo para Londres não sai antes das sete

e cinco da manhã.

— Preciso tirar uma soneca — disse Stephanie. — E você também deve precisar. Por que não voltamos para o hotel, fazemos uma boquinha seguida de uma sesta de meia hora e depois saímos? Há várias coisas que eu gostaria de ver enquanto estivermos aqui, especialmente a igreja que abriga o sudário.

— Parece-me um ótimo plano — disse Daniel, concordando.

Michael Maloney seguia-os tentando manter a maior distância possível, sem correr o risco de perder Daniel e Stephanie de vista. Ficou surpreso com a rapidez com que eles andavam e teve que acompanhar o ritmo. Quando saiu do café, teve a sorte de conseguir vê-los quando já tinham praticamente saído da praça.

No momento em que os dois americanos deixaram o café, Michael conversou rapidamente com Luigi para lembrá-lo de verificar as identidades junto às autoridades civis e pedir para ser informado, através de seu celular, assim que alguma informação estivesse disponível. Michael disse que tinha intenção de vigiar os americanos, ou pelo menos descobrir onde eles estavam hospedados, até que ficasse satisfeito com as informações.

Quando os americanos desapareceram ao dobrarem o quarteirão, Michael teve de correr até vê-los novamente. Ele não pretendia perdê-los de vista. Seguindo o conselho expresso de seu chefe e mentor, o cardeal James O'Rourke, Michael estava levando bem a sério sua tarefa. Ele almejava uma ascensão na hierarquia da Igreja e até aquele momento as coisas vinham saindo como o planejado. Inicialmente, ele teve a oportunidade de estudar em Roma. Depois, veio o reconhecimento de seus talentos pelo então bispo O'Rourke e o convite para juntar-se ao seu corpo de auxiliares, seguido da promoção de seu protetor de bispo para arcebispo. Nesse ponto de sua carreira, Michael sabia que seu sucesso dependia somente da sua capacidade de agradar seu poderoso superior, e ele sabia

intuitivamente que essa tarefa relacionada ao sudário era uma oportunidade de ouro. Graças à importância dessa missão para o cardeal, ele estava diante de uma circunstância única para mostrar sua lealdade inabalável, sua dedicação e até mesmo sua capacidade de improvisação, dada a ausência de instruções específicas.

Chegando à Piazza Carlo Alberto, Michael presumiu que o casal estivesse se dirigindo para o Grand Belvedere. Ele apertou o passo quase como para uma corrida, pois tinha intenção de estar bem atrás dos americanos quando eles entrassem no hotel. Chegando no saguão, esperou que eles embarcassem num dos elevadores e viu o indicador mostrar que desceram no quarto andar. Satisfeito, Michael retirou-se para a área de leitura que ficava no próprio saguão do hotel. Sentou-se num sofá forrado com veludo, apanhou um exemplar do Corriere delia Sera e começou a lê-lo, mas não tirou um olho do hall dos elevadores. Até agora, tudo bem, ele pensou.

Ele não teve que esperar muito tempo. O casal reapareceu e seguiu para o restaurante. A reação de Michael foi passar de um sofá para outro, que lhe proporcionava uma visão melhor da porta do restaurante. Estava certo de que ninguém tinha prestado atenção nele. Sabia que o uso de trajes clericais na Itália propiciava acesso ilimitado aos lugares e, também, anonimato.

Meia hora mais tarde, quando o casal saiu da sala de refeições, Michael teve de sorrir. Meia hora para almoçar era algo muito americano. Ele sabia que os italianos presentes naquele lugar levariam pelo menos duas horas almoçando. Os americanos voltaram para os elevadores e subiram novamente até o quarto andar.

Dessa vez Michael teve de esperar bem mais. Terminado o jornal, ele olhou ao redor, procurando alguma outra coisa para ler. Não tendo achado nada, mas relutando em arriscar uma ida até a loja de miudezas do hotel, começou a pensar no que faria caso as informações que esperava obter de Luigi não fossem adequadas. Ele

nem mesmo sabia ao certo o que poderia ser considerado inadequado. Esperava ficar sabendo que pelo menos um dos dois trabalhava, de alguma forma, para o senador Butler ou para uma organização ligada ao político. Ele se lembrava do senador dizendo especificamente que despacharia um agente para apanhar a amostra. O que ele quis dizer exatamente com "agente" ainda estava para ser descoberto.

Michael espreguiçou-se e olhou para o relógio. Agora eram quase três horas da tarde e seu estômago tinha começado a roncar. Ele não comera nada, salvo alguns bolinhos no Café Torino. Enquanto sua mente provocava-o com imagens de suas massas prediletas, seu telefone celular começou a vibrar dentro do seu bolso. Ele tinha desligado a campainha deliberadamente. Assustado com a possibilidade de perder a chamada, pegou o telefone e o atendeu. Era Luigi.

— O relatório feito pelos meus amigos da imigração acabou de chegar a minhas mãos — disse Luigi. — Acho que você não vai gostar do que descobri.

— Ai! — gemeu Michael. Ele tentou permanecer calmo. Infelizmente, naquele exato momento os americanos saíram do elevador com seus casacos e guias turísticos nas mãos, obviamente iam sair do hotel. Temendo que pudessem pegar um táxi, o que acrescentaria um elemento de dificuldade, Michael lutou para colocar seu casaco enquanto mantinha o telefone colado no ouvido. Os americanos moviam-se rapidamente, como haviam feito mais cedo. — Espere um pouco, Luigi! — disse Michael, interrompendo o monsenhor. — Estou tendo que correr aqui — com um braço enfiado dentro do casaco, Michael acabou deixando que a manga solta prendesse na porta giratória. Ele teve que voltar para se soltar.

— Prego! — disse o porteiro, enquanto dava uma mão.

— Mi scusi — respondeu. Livre da porta, Michael correu para o exterior e foi recompensado com a visão dos americanos passando

pelo ponto de táxis e seguindo em direção à esquina noroeste da praça. Ele reduziu o passo para uma caminhada rápida.

— Desculpe-me, Luigi — disse Michael, no telefone. — O casal resolveu sair do hotel exatamente na hora que você ligou. O que você estava dizendo?

— Eu disse que ambos são cientistas — respondeu Luigi. Michael sentiu os batimentos de seu pulso acelerarem.

— Essas notícias não são nada boas!

— Também acho. Aparentemente, os nomes foram facilmente identificados quando as autoridades italianas contataram seus correspondentes americanos, solicitando informações. Ambos são doutores no campo biomolecular, sendo que Daniel Lowell é mais ligado à química, enquanto Stephanie D'Agostino é bióloga. Parece que são bem conhecidos em suas especialidades, ele mais do que ela. Como ambos têm o mesmo endereço, eles presumivelmente coabitam.

— Meu Deus! — comentou Michael.

— Com certeza não parecem ser mensageiros normais.

— Esse é o pior cenário possível.

— Concordo com você. Com seus históricos, eles devem estar planejando alguma espécie de teste. O que você vai fazer?

— Eu ainda não sei — disse Michael. — Tenho que pensar.

— Avise-me se eu puder ajudá-lo!

— Entrarei em contato — disse Michael, antes de encerrar a ligação.

Embora tivesse acabado de dizer a Luigi que não sabia o que ia fazer, isso não era inteiramente verdadeiro. Ele já tinha tomado a decisão de recuperar a amostra do sudário. Só não sabia como, mas sabia que queria fazer isso sozinho, porque, desta forma, receberia todo o mérito de ter poupado o sangue do Salvador de uma nova afronta científica, quando se reportasse de volta ao cardeal O'Rourke.

Os americanos chegaram à magnífica Piazza Castello, mas não diminuíram o passo. A primeira impressão de Michael foi que eles estivessem indo visitar o Palazzo Reale, a antiga residência da Casa de Savoia, mas mudou de opinião quando os americanos contornaram a Piazzeta Reale para alcançarem a Piazza Giovanni.

— É óbvio! — disse Michael, em voz alta. Ele sabia que Duomo di San Giovanni ficava naquela praça, e esta igreja era o atual lar do sudário desde o incêndio de 1997 em sua capela. Michael passou a segui-los um pouco mais atrás, para certificar-se do destino dos americanos. Tão logo os viu subindo os primeiros degraus da catedral, ele deu meia-volta e começou a voltar sobre seus passos. Presumindo que eles estariam convenientemente entretidos fora do hotel, Michael achou melhor aproveitar a oportunidade. Se ele fosse mesmo recuperar a amostra do sudário, este poderia ser o melhor momento, se não o único, supondo-se que eles partiriam pela manhã.

Embora já estivesse quase sem fôlego, Michael manteve o passo acelerado. Ele pretendia chegar no Grand Belvedere o mais rápido possível. Apesar de sua óbvia inexperiência com intrigas em geral, e com arrombamentos em particular, ele tinha que descobrir o quarto em que Daniel e Stephanie estavam alojados, dar um jeito de entrar nele e achar o estojo de prata, tudo isso em duas horas.

— Isso que estamos vendo é o verdadeiro sudário? — perguntou Daniel, sussurrando. Havia outras pessoas na catedral, mas elas ou estavam rezando ajoelhadas nos bancos, ou estavam acendendo velas diante de imagens de santos. O único som audível era o ocasional eco causado pela batida dos sapatos no piso de mármore, quando as pessoas se deslocavam.

— Não, esse não é o sudário — Stephanie sussurrou de volta. — É uma réplica fotográfica em tamanho natural. — Daniel e ela estavam diante de uma alcova, protegida com vidro, que abrangia o

primeiro andar do transepto norte da igreja. Em um andar acima deste recinto ficava o camarote acortinado de onde os antigos duques e duquesas de Savoia assistiam à celebração da missa.

A fotografia estava disposta de forma panorâmica. As cabeceiras das partes frontal e posterior quase se tocavam no centro, o que podia ser explicado pelo fato de o homem ter sido colocado deitado com as costas sobre o tecido e, em seguida, o tecido ter sido dobrado por cima dele. A imagem frontal ficava à esquerda. A fotografia estava posicionada sobre o que parecia ser uma mesa de quatro metros de extensão e um metro e meio de largura, acortinada até o chão com um tecido pregueado azul.

— A fotografia está disposta na nova caixa de conservação que guarda o sudário — explicou Stephanie. — Quando querem exibir o sudário, eles usam o sistema hidráulico da caixa, capaz de fazer o tampo girar para cima, permitindo que a relíquia seja vista através do vidro à prova de bala.

— Lembro-me de ter lido sobre isso — comentou Daniel. — Parece ser um arranjo impressionante. Pela primeira vez, em sua longa vida, o sudário repousa totalmente na horizontal, numa atmosfera controlada.

— É mesmo impressionante que a imagem tenha durado tanto, considerando o que ela passou.

— Olhando para essa foto em tamanho natural, tenho a impressão de que é mais difícil perceber a imagem do que eu imaginava. Na verdade, se o sudário for mesmo igual a isso, ele é um tanto anticlimático. Pode ser melhor visto e apreciado no livro que você comprou.

— E melhor ainda no negativo — acrescentou Stephanie.

— Aparentemente, a imagem não esmaeceu. O que aconteceu foi que o fundo amarelou, dessa forma o contraste diminuiu.

— Espero que a nova caixa de conservação evite que isso continue a acontecer — comentou Stephanie. — Bem, acho que já é o

bastante no que diz respeito ao local onde o sudário está depositado — ela se virou e deu uma olhada na catedral. — Pensei que fôssemos querer passear por aqui, mas para uma igreja italiana da Renascença, esta é bem sem graça.

— Estava pensando a mesma coisa — disse Daniel. — Vamos embora. O que você acha de darmos uma olhada no palácio real? Parece que o interior dele é a quintessência do estilo rococó.

Stephanie olhou enviesada para Daniel.

— Desde quando você se tomou um especialista em arquitetura e design de interiores?

Daniel riu.

— Li isso no guia pouco antes de sairmos.

— Bem, eu adoraria ver o palácio, só que estou com um problema.

— Que tipo de problema?

Stephanie olhou para os pés.

— Esqueci de colocar sapatos mais confortáveis no lugar desses que usei para almoçar. Receio que meus pés vão me matar se eu ficar caminhando durante a tarde toda. Desculpe-me, mas você se importaria se déssemos uma passada rápida no hotel?

— No que me diz respeito, agora que pegamos a amostra do sudário, estamos somente matando tempo. O que vamos fazer não me importa.

— Obrigada — disse Stephanie, aliviada. Daniel podia ser impaciente com contratempos. — Eu realmente sinto muito. Devia ser mais atenta. E já que vamos até lá, vou aproveitar para colocar outro suéter. Está fazendo mais frio do que eu esperava.

Com exceção de algumas brincadeiras inofensivas da época de faculdade, o padre Maloney jamais violara intencionalmente alguma lei, e o fato de estar prestes a fazer isso causava-lhe mais ansiedade do que previra. Ele não só tremia e suava, como também estava

sofrendo um mal-estar gástrico que o fazia sonhar com um antiácido. Somado a esses fardos, havia a preocupação em relação ao tempo. Ele realmente não queria ser apanhado pelos americanos em flagrante. Embora acreditasse que eles fossem ficar na rua durante duas horas ou mais, em seu passeio turístico, ele resolveu limitar seu tempo de ação a uma hora, para se garantir. O simples pensamento de ser apanhado fazia seus joelhos tremerem.

À medida que se aproximava do Grand Belvedere, ele continuava sem saber como alcançaria seu objetivo, até que passou por uma loja de flores na mesma praça em que ficava o hotel. Entrando na loja, perguntou se um dos arranjos de flores podia ser entregue imediatamente no hotel. Depois de receber uma resposta afirmativa, ele escolheu um arranjo e sobrescritou um envelope com os nomes dos americanos, escrevendo: Bem-vindos ao Grand Belvedere, a gerência.

Cinco minutos mais tarde, enquanto Michael estava sentado no mesmo sofá que ocupara mais cedo, o arranjo de flores passou pela porta giratória. Erguendo o jornal para esconder seu rosto, Michael observou sub-repticiamente a mesma mulher, com que tratara pouco antes na loja de flores, entregar o arranjo na recepção. Um dos funcionários assinou o recibo e a mulher foi embora.

Lamentavelmente, não aconteceu nada nos dez minutos seguintes. As flores permaneceram na recepção, enquanto os mensageiros conversavam animadamente entre eles.

— Vamos! — disse Michael silenciosamente, enquanto rangia os dentes. Ele quis ir até a recepção para se queixar, mas não teve coragem. Ele não queria chamar a atenção. Seu plano era aproveitar-se ao máximo dos seus trajes de padre para parecer inofensivo, se não invisível.

Finalmente, um dos mensageiros verificou o envelope que estava com as flores e foi para trás do balcão da recepção. Pelo reflexo da luz no rosto dele, Michael podia ver que estava lendo uma tela de

computador. Momentos depois, ele saiu de trás do balcão, apanhou as flores e dirigiu-se para o elevador. Michael pôs o jornal de lado e ficou bem atrás do mensageiro.

Quando as portas se fecharam, o mensageiro fez uma saudação com a cabeça para Michael. Este sorriu de volta. No quarto andar, o mensageiro desceu do elevador e Michael fez o mesmo. Mantendo uma pequena distância, Michael seguiu-o. O mensageiro parou diante do quarto 408 e bateu na porta, enquanto Michael passava por ele. O mensageiro cumprimentou-o sorrindo. Michael fez o mesmo.

Michael dobrou em outro corredor e parou. Cuidadosamente, olhou para trás. Ele viu o mensageiro bater novamente na porta, antes de pegar um molho de chaves preso numa corrente. Ele abriu a porta e desapareceu por um momento. Quando reapareceu sem as flores, estava assobiando baixo. Ele fechou a porta e caminhou de volta para os elevadores.

Depois que o mensageiro foi embora, Michael retornou até o quarto 408. Não esperava encontrar a porta destrancada, e ela não estava. Olhando por toda a extensão do corredor ele viu um carrinho de limpeza. Respirando fundo, a ponto de encher momentaneamente as bochechas, para tomar coragem, Michael caminhou em direção ao carrinho. Este encontrava-se junto a uma porta mantida aberta por uma trava.

Michael deu um esboço de batida na porta aberta.

— Scusi! — chamou. Ele ouviu o ruído de uma televisão ligada nos fundos. Entrando no quarto, viu duas mulheres de meia-idade, que vestiam uniformes marrom, fazendo a cama. — Scusi! — Michael chamou, dessa vez, bem mais alto.

As mulheres reagiram como se tivessem tomado um susto. Ambas estavam nitidamente lívidas. Uma delas se recompôs o suficiente para ir desligar a televisão.

Apelando para o seu melhor italiano, Michael perguntou às mulheres se elas poderiam ajudá-lo. Ele explicou que deixara sua

chave no quarto 408 e que precisava fazer uma ligação urgente. Ele queria saber se alguma delas poderia fazer a gentileza de abrir a porta, para que ele não tivesse que ir até a recepção, no térreo.

As mulheres trocaram um olhar como se estivessem confusas. Levou um momento para Michael perceber que elas quase não falavam italiano. Ele explicou sua suposta condição novamente, falando lenta e distintamente. Dessa vez, uma das mulheres compreendeu o recado e, para alívio de Michael, pegou seu molho de chaves. Michael fez que sim com a cabeça.

Como que para compensar as dificuldades de comunicação, a mulher passou rapidamente por Michael e praticamente correu pelo corredor. Agora era Michael quem não podia acompanhá-la. Ela destrancou a porta do quarto 408 e segurou a porta aberta. Michael agradeceu quando passou pela soleira da porta, que logo se fechou.

Michael soltou o ar. Ele não tinha percebido que estivera prendendo a respiração. Deu um passo para trás para se apoiar na porta, enquanto dava uma olhada geral no quarto. As cortinas estavam abertas e havia bastante luz. Eles tinham mais bagagem do que ele esperava, embora as malas, com exceção de duas, permanecessem fechadas e trancadas, como se ainda esperassem para ser abertas. Infelizmente, não havia nenhum estojo de prata visível na cômoda, na escrivaninha ou nas mesinhas-de-cabeceira.

Michael podia sentir seu pulso disparar. Ele também suava muito.

— Não sou bom nisso — sussurrou ele. Ele queria desesperadamente achar o estojo de prata e ir embora. Teve de reunir toda sua força de vontade para permanecer no quarto.

Afastando-se da porta, foi primeiro até a escrivaninha. No centro do bloco de anotações, entre duas maletas de laptop, estava a chave do quarto 408. Depois de uma breve hesitação, Michael apanhou-a e guardou no bolso. Rapidamente, ele procurou nas maletas dos laptops: nenhuma caixinha de prata. Levou somente um instante

para que verificasse as gavetas da escrivaninha. A não ser pelas folhas timbradas do hotel, estavam vazias. Depois foi a vez da cômoda. Nela não havia nada além de formulários e sacos de lavanderia. As pequenas gavetas das mesinhas-de-cabeceira também estavam vazias. Ele verificou o banheiro, mas não havia nenhuma caixinha de prata. Olhando no closet, ele viu um cofre e soltou um suspiro de alívio. A porta estava entreaberta e ele estava vazio. Ele verificou os bolsos de um paletó masculino pendurado no cabide: nada.

Voltando para o quarto, viu as malas destrancadas. Estavam no compartimento para malas, que ficava no pé da cama. Examinando uma de cada vez, ele levantou seus tampos e passou a mão pelas laterais. Encontrou os mais diversos objetos, mas nenhuma caixinha de prata. Então, ele levantou cuidadosamente as roupas para fazer uma busca completa. Subitamente, ouviu vozes, que, para seu horror, soavam como inglês com sotaque americano. Ele se levantou e permaneceu congelado no mesmo lugar. No instante seguinte, ouviu o pior som que podia imaginar: o de uma chave sendo enfiada na fechadura!

12

15h45, segunda-feira, 25 de fevereiro de 2002

— Que diabos é isso? — indagou Stephanie. Ela estava parada na soleira do quarto deles. Daniel olhou por sobre o ombro dela.

— Qual é o problema? — perguntou Daniel.

— Há flores na cômoda — disse Stephanie. — Quem em nome de Deus nos enviaria flores?

— Butler?

— Ele nem sabe que estamos aqui em Turim, a menos que você tenha enviado um e-mail.

— Eu não mandei nenhum e-mail — disse Daniel, como se isso fosse a coisa mais improvável do mundo. — Mas talvez, com as conexões que tem nos órgãos de inteligência, quem sabe não ficou sabendo. Depois que ele me investigou, eu não descartaria essa hipótese. Ou talvez o monsenhor Mansoni tenha comunicado ao senador que a amostra foi entregue.

Stephanie caminhou até o arranjo e abriu o envelope.

— Ora essa! É da gerência do hotel.

— Isso é simpático — disse Daniel, com indiferença. Ele foi em direção ao banheiro.

Stephanie foi até a sua mala, que estava pousada no compartimento de bagagens. Ela tinha colocado um par de sapatos

baixos na lateral esquerda da mala. Levantando a tampa destrancada da mala, ela hesitou por um momento. Uma camisa de linho que ela tinha acondicionado cuidadosamente estava levemente bagunçada, com uma das extremidades dobrada. Com o dedo ela desfez a dobra. Como ela receava, a camisa ficou amarrotada, mesmo depois que tentou alisá-la com a palma da mão. Resmungando uma de suas imprecações prediletas, ela começou a procurar pelos sapatos quando viu uma peça de lingerie, que ela também havia acondicionado com cuidado, fora do lugar. Stephanie endireitou-se e olhou para sua mala aberta.

— Daniel! Venha aqui!

Com o barulho da descarga no fundo, o rosto de Daniel surgiu na soleira da porta do banheiro. Ele estava segurando uma toalha.

— O que foi? — perguntou ele, com as sobrancelhas levantadas. Ele podia perceber, pelo tom da voz, que ela estava levemente perturbada.

— Alguém esteve no nosso quarto!

— Nós soubemos disso quando vimos as flores.

— Venha até aqui!

Daniel jogou a toalha sobre o ombro, enquanto se aproximava de Stephanie. Ele seguiu o dedo dela que apontava para a mala aberta.

— Alguém mexeu na minha mala — disse Stephanie.

— Como você sabe?

Stephanie explicou.

— Isso não é nada — disse Daniel. Ele deu alguns tapinhas condescendentes nas costas de Stephanie. — Você mesma mexeu na sua mala antes de sairmos. Tem certeza que não está tendo um pequeno ataque de paranoia por causa do arrombamento em Cambridge?

— Alguém mexeu na minha mala! — repetiu Stephanie, irritada. Ela se desvencilhou da mão dele. Devido à exaustão da viagem aérea

e ao cansaço acumulado, ela se sentiu imediatamente frustrada com a indiferença Daniel. — Dê uma olhada na sua mala!

Revirando os olhos, Daniel abriu sua mala, também destrancada, e permaneceu próximo a Stephanie.

— Tudo bem, estou olhando a minha mala — comunicou ele.

— Há algo fora do lugar?

Daniel deu de ombros. Além de estar longe de ser o melhor arrumador de malas do mundo, ele tinha vasculhado sua mala mais cedo, enquanto procurava roupa de baixo limpa. Subitamente, ele ficou congelado e ergueu lentamente os olhos em direção a Stephanie.

— Meu Deus! Está faltando uma coisa!

— O quê? — Stephanie agarrou o braço de Daniel, enquanto olhava para a mala.

— Alguém pegou meu frasco de plutônio!

Stephanie deu um tapa no ombro de Daniel. Ele reagiu buscando proteger-se de forma exagerada dos possíveis novos golpes que não vieram.

— Estou falando sério — queixou-se Stephanie, de forma estridente. Voltando à mala, ela apanhou sua escova de cabelo e brandiu-a. — Aqui está outra prova! Quando deixamos o quarto, esta escova ficou exatamente por cima das minhas roupas e não na lateral da mala. Lembro-me disso porque pensei em levá-la de volta para o banheiro. Estou dizendo: alguém mexeu na minha mala!

— Está bem! Está bem! — acalmou-a Daniel. — Relaxe.

Stephanie estendeu o braço até um bolso lateral da mala e retirou uma bolsa de veludo, com fecho de correr. Ela abriu-a e verificou seu interior. — Pelo menos minhas joias e o pouco de dinheiro que deixei nesta bolsa estão aqui. Ainda bem que não trouxe nada de grande valor.

— Talvez a arrumadeira tenha mudado as malas de lugar — sugeriu Daniel.

— Dá um tempo! — respondeu Stephanie como se a sugestão de Daniel fosse absurda. Ela percorreu o quarto com os olhos, que pararam sobre a escrivaninha. — Minha chave do quarto desapareceu! Eu deixei em cima do bloco de anotações.

— Você tem certeza?

— Você não se lembra que falamos sobre isso antes de sairmos, se precisaríamos de duas chaves?

— Vagamente.

Stephanie caminhou até o banheiro. Os olhos de Daniel vagaram pelo quarto. Daniel não conseguia decidir se devia levar a sério a paranoia de Stephanie, visto que, na opinião dele, ela ainda estava perturbada com o episódio da invasão em Cambridge. Ele sabia que muitos funcionários do hotel, como arrumadeiras, copeiros que reabasteciam o minibar e mensageiros entravam e saíam dos quartos todo o tempo. Talvez um deles tivesse enfiado as mãos na mala dela. Para algumas pessoas, isso poderia ser uma grande tentação.

— Alguém também mexeu na minha bolsa de cosméticos — gritou Stephanie, do banheiro.

Daniel foi até à porta e parou na entrada.

— Está faltando alguma coisa?

— Não, não está faltando nada! — respondeu Stephanie irritada.

— Ei, não fique irritada comigo!

Stephanie endireitou-se, fechou os olhos e respirou fundo. Ela balançou a cabeça algumas vezes.

— Você tem razão. Desculpe-me. Eu não estou irritada com você, apenas frustrada porque você não está se incomodando com isso da mesma maneira que eu.

— Caso déssemos por falta de alguma coisa, seria diferente.

Stephanie fechou a tampa de sua bolsa de cosméticos. Ela foi até Daniel e colocou os braços em torno dele. Ele a envolveu da mesma forma.

— Fico transtornada quando alguém mete as patas nos meus pertences, especialmente depois do que aconteceu na véspera da viagem.

— É perfeitamente compreensível — disse Daniel.

— O curioso é que não há nada faltando, nem mesmo dinheiro. O que torna esse episódio parecido com o que ocorreu em Cambridge, embora o fato de ter acontecido aqui, em Turim, seja mais incompreensível. Pelo menos lá podíamos especular sobre espionagem industrial, ainda que fosse improvável. Fora dinheiro ou algo de valor, o que alguém poderia estar procurando aqui?

— A única coisa na qual consigo pensar é a amostra do sudário.

Stephanie afastou-se de Daniel para poder ver seu rosto.

— Por que alguém estaria procurando?

— Não consigo imaginar. Ela é a única coisa que temos que é insubstituível.

— Mas presumo que a única pessoa que sabe que nós estamos com ela é o homem que nos entregou. — Stephanie franziu a testa, como se estivesse preocupada novamente.

— Acalme-se! Eu não acho que ele estivesse procurando a amostra do sudário. Estava apenas pensando em voz alta. Falando nisso, onde ela está?

— Ainda está na minha bolsa — disse Stephanie.

— Pegue-a! Vamos dar uma nova olhada! — Daniel achou melhor mudar de assunto, deixando de lado o possível invasor.

Eles voltaram para o meio do quarto. Stephanie apanhou a bolsa, que tinha jogado sobre a cama. Ela pegou o estojo de prata e abriu-o. Daniel levantou cuidadosamente o invólucro de celofane e segurou-o contra a luz difusa que vinha das janelas. Contra a luz, o emaranhado de tecido de linho ficava nítido, embora sua cor ainda fosse indeterminada.

— Meu Deus! — disse Daniel, balançando a cabeça. — É realmente surpreendente pensar que existe a possibilidade, ainda

que remota, de isto aqui conter o sangue daquela que é considerada a pessoa mais famosa a ter andado sobre a Terra, e isso sem falar do aspecto divino.

Stephanie botou o estojo de prata sobre a escrivaninha e pegou o envelope. Aproximando-se da janela, ela também o segurou contra a luz. Protegendo os olhos dos raios oblíquos do sol, com a mão que estava livre, ela aproveitou a pálida luz branca para examinar o invólucro. Agora, mesmo as fibras em tom vermelho ocre podiam ser admiradas.

— Parece sangue — disse ela. — Sabe, pode ser meu passado católico voltando misteriosamente, porque estou com a forte intuição de que é o sangue de Jesus Cristo.

Embora o padre Michael Maloney não pudesse ver Stephanie D'Agostino, ele estava tão perto dela, que podia ouvir sua respiração. Ele estava aterrorizado com a ideia de ser descoberto por causa do barulho dos batimentos de seu coração ou, então, devido ao ruído das gotas de suor que caíam de seu rosto, quando estas atingissem o chão. Ela estava a meros centímetros de distância.

Em total desespero quando ouviu o barulho da chave sendo enfiada na porta, ele correu para trás das cortinas. Foi um ato de puro reflexo. Olhando em retrospectiva, ter ido para trás das cortinas era constrangedor, pois igualava-o a um ladrão qualquer. Ele devia ter permanecido onde estava e aceitado seu destino ao ser apanhado, responsabilizando-se integralmente pelos seus atos. O padre Maloney sabia que na presente situação a melhor defesa era o ataque e, para justificar seus atos, ele devia ter se aproveitado de sua indignação com a verdadeira identidade dessas pessoas e com os futuros testes sem autorização, que obviamente planejavam fazer no sudário.

Infelizmente, sua reação diante de uma situação do tipo "lutar ou fugir" fora avassaladora, pendendo especialmente para o lado

"fugir", de tal modo que, quando recobrou a razão, ele já estava se escondendo e, depois que se escondeu, ficou tarde demais para bancar o indignado. Agora tudo que ele podia fazer era esperar e rezar para não ser descoberto.

Inicialmente, ele achou que estivesse perdido quando escutou a exclamação de Stephanie, assim que a porta foi aberta. Imaginou que tivesse sido visto, ou que o movimento das cortinas tivesse ficado claro. Sentiu um grande alívio quando percebeu que o arranjo de flores é que tinha chamado a atenção dela.

Depois, teve de enfrentar a própria inépcia, pois Stephanie descobriu que sua mala havia sido remexida e que a chave desaparecera de cima da escrivaninha. Quando isso ocorreu, os batimentos de seu pulso, que tinham voltado ao normal depois que o choque inicial passou, voltaram a disparar. Ele temia que ela começasse uma busca pelo quarto, pois isso significava que logo seria descoberto. O constrangimento e as consequências de um evento desse tipo eram terríveis demais para serem contemplados. O que havia começado como uma forma de garantir o futuro de sua carreira transformara-se numa ameaça capaz de gerar um efeito contrário.

— O que nós pensamos sobre o sudário não é importante — disse Daniel. — A opinião do Butler é o que importa.

— Não sei se concordo integralmente com você — comentou Stephanie. — Mas essa é uma discussão para outra hora.

Michael enrijeceu-se quando Stephanie roçou nas cortinas. Por sorte estas eram feitas de um brocado italiano grosso, e ela aparentemente não percebeu que tinha tocado no braço de Michael, através do tecido. Outra corrente de adrenalina percorreu o corpo de Michael, fazendo com que ele passasse a transpirar mais. Para ele, o barulho intermitente das gotas de suor batendo no chão era tão alto quanto o de pedregulhos caindo sobre um tambor. Ele nunca

imaginou que fosse capaz de transpirar tanto, especialmente porque não estava nem mesmo sentindo calor.

— O que devo fazer com a amostra? — perguntou Stephanie, enquanto se afastava.

— Dê-me aqui — respondeu Daniel, de algum lugar do quarto. Michael permitiu-se uma respirada funda e relaxou um pouco.

Para reduzir o volume que seu corpo fazia na cortina, ele espremia-se contra a parede ao máximo. Além daquele que presumiu ser o som do estojo sendo fechado, ele ouviu muitos outros barulhos que não conseguiu identificar.

— Podemos trocar de quarto — disse Daniel. — Ou até mesmo de hotel, caso você queira.

— Você acha que devemos fazer o quê?

— Acho que devíamos permanecer aqui. Em todo hotel existem inúmeras chaves para cada quarto. Esta noite, quando formos dormir, vamos nos lembrar de passar a tranca para nos garantirmos.

Michael ouviu o pesado clique do trinco de segurança sendo acionado na porta do quarto.

— É uma fechadura e tanto — comentou Daniel. — O que você acha? Não quero que você fique nervosa. Não há a menor necessidade.

Michael ouviu a porta do quarto sendo sacudida.

— Presumo que a fechadura seja boa — disse Stephanie. — Parece segura.

— Com aquela tranca fechada, ninguém será capaz de passar pela porta sem que saibamos. Teriam que usar um aríete.

— Tudo bem — disse Stephanie. — Vamos ficar aqui. É somente uma noite e das curtas, já que vamos para Londres às sete e cinco da manhã. Que horário terrível. Falando nisso: por que faremos escala em Paris?

— Não havia outra alternativa. Aparentemente a British Airways não voa para Turim. Ou seria a Air France via Paris, ou a Lufthansa

via Frankfurt. Achei melhor não andarmos para trás.

— Parece ridículo não haver um voo direto para Londres, de todos os lugares. O que quero dizer é que Turim é um dos maiores centros industriais da Itália.

— O que posso lhe dizer? — perguntou Daniel, dando de ombros. — Mas e agora, que tal colocar seus sapatos baixos e tudo mais que quiser para que possamos voltar a visitar os pontos turísticos?

— Ah, por favor! — suplicou Michael silenciosamente.

— Mudei de ideia — disse Stephanie, para imediato dissabor de Michael. — O que você acha de ficarmos aqui até a hora do jantar? Já são quase quatro horas e logo estará escuro. Com o pouco que dormiu esta noite, você deve estar exausto.

— Estou cansado — admitiu Daniel.

— Vamos tirar nossas roupas e ir para a cama. Vou até esfregar as suas costas, e veremos o que mais acontece, dependendo do quão cansado você esteja. O que você acha?

Daniel riu.

— Nunca ouvi uma ideia melhor em toda a minha vida. Para ser honesto, eu não estava muito interessado em visitar pontos turísticos, estava indo mais por sua causa.

— Bem, querido, não será mais necessário.

Michael encolheu-se ao ouvir o som de roupas sendo retiradas, de risinhos e de carinhos. Ele temia que um deles viesse fechar as cortinas, mas isso não ocorreu. Ele ouviu os barulhos que a cama fez quando os corpos se deitaram sobre ela. Ele ouviu o barulho de um vidro de loção sendo aberto e até mesmo o som de pele oleosa sendo esfregada. Enquanto a massagem progredia, ouvia-se um murmúrio de contentamento de Daniel.

— Tudo bem — disse Daniel finalmente. — Agora é a sua vez. — A cama rangeu enquanto os corpos trocavam de posição.

O tempo se arrastava. Os músculos de Michael começaram a doer, particularmente os de suas pernas. Temendo sentir cãibras, que certamente o denunciariam, ele mudou a posição das pernas, prendendo a respiração com medo que sua movimentação fosse percebida. Por sorte não foi, mas a dor voltou minutos depois. Pior do que o desconforto físico era ouvir os sons da intimidade entre um homem e uma mulher, que culminaram com o rítmico, e inconfundível, barulho de uma verdadeira relação amorosa. Michael estava sendo forçado pelas circunstâncias a ser um voyeur auditivo, e apesar de suas tentativas mecânicas de recitar silenciosamente passagens do seu breviário, ele se viu torturado a ponto de ridicularizar os próprios votos de castidade.

Depois de alguns gemidos de prazer, o quarto permaneceu em silêncio durante alguns minutos. Depois, ouviram-se sussurros que Michael não conseguiu entender, seguidos de risos e gracejos. Finalmente, para alívio de Michael, o casal foi para o banheiro. Ele ficou sabendo disso pelo barulho de vozes abafadas pelo som do chuveiro.

Michael permitiu-se girar a cabeça, flexionar os ombros enrijecidos, levantar os braços e até mesmo andar um pouco no mesmo lugar. Depois de menos de um minuto, ele voltou à sua posição estática, pois não sabia ao certo quando um deles resolveria voltar para o quarto. Ele não teve de esperar muito, pois logo ouviu um deles mexendo nas malas.

Infelizmente para Michael, Stephanie e Daniel levaram mais quarenta e cinco minutos para se vestir, ajeitar os casacos e achar a chave restante, antes de eles finalmente saírem para jantar. No início, o silêncio pareceu ensurdecedor, enquanto ele se esforçava para ouvir ruídos de que um deles estava voltando para pegar algo que tivessem esquecido.

Cinco minutos se arrastaram. Depois disso, Michael aproximou-se cuidadosamente da extremidade da cortina e lentamente puxou-a

para o lado, revelando, aos poucos, o quarto agora escurecido. O casal tinha deixado a luz do banheiro acesa, que iluminava uma parte do quarto junto à cama.

Michael olhou para a porta que dava para o corredor e tentou calcular quanto tempo levaria para alcançá-la, passar através dela e fechá-la atrás dele. Não levaria muito, mas a ideia de ficar totalmente exposto até que se afastasse do quarto 408, deixava-o nervoso. Nessa altura, ser apanhado seria bem mais problemático do que no momento em que Stephanie e Daniel tinham voltado pela primeira vez.

Enquanto Michael tentava tomar coragem para deixar a relativa segurança das cortinas, seus olhos vagavam pelo quarto. O reflexo de um objeto brilhante próximo ao arranjo de flores sobre a cômoda chamou sua atenção. Ele piscou os olhos sem acreditar no que via.

— Louvado seja Deus — sussurrou ele. Era o estojo de prata.

Exultante com sua sorte depois de tudo, Michael respirou fundo e saiu de seu esconderijo. Ele hesitou durante um momento, tentando escutar alguma coisa, antes de correr para a cômoda, apanhar o estojo de prata, enfiá-lo no bolso e voar para a porta. Para seu alívio, o corredor estava vazio. Ele rapidamente se afastou do quarto 408, temendo olhar para trás e aterrorizado com a ideia de ser abordado por alguma pessoa. Foi somente quando alcançou o elevador que ele se permitiu olhar para o corredor atrás dele. Ainda estava vazio.

Alguns minutos depois, Michael passou pelas portas giratórias do hotel e saiu na noite. A sensação do frio de uma noite de inverno batendo em seu rosto corado jamais fora tão agradável. Ele afastou-se rapidamente da portaria e cada novo passo que dava era mais animado que o anterior. Com a mão direita enfiada no bolso de seu casaco, apertando o estojo de prata como um lembrete do que fora capaz de realizar, ele sentiu uma sensação de alegria espalhar-se pelo seu corpo, nada muito diferente da euforia que ocasionalmente

sentia depois de idas particularmente difíceis ao confessionário. Era como se as estressantes provações e tribulações para resgatar a amostra do sangue do Salvador tivessem tornado a experiência ainda mais tocante.

Michael pegou um táxi num ponto nas proximidades do hotel e deu o endereço da chancelaria da Arquidiocese para o motorista. Sentou-se no banco de trás e tentou relaxar. Olhou seu relógio. Eram quase seis e meia. Ele ficara retido atrás da cortinas do casal por mais de duas horas! Mas esse era um pesadelo com final feliz, como ele podia comprovar tocando no estojo frio dentro do seu bolso. Michael fechou os olhos e divertiu-se ao pensar em qual seria o melhor momento de ligar para o cardeal O'Rourke e comunicar-lhe sobre a infeliz descoberta relativa à identidade dos supostos enviados, seguida da resolução que ele dera ao problema. Agora que estava em segurança, ele se viu sorrindo ao pensar em tudo pelo que passara. Esconder-se atrás das cortinas de um quarto de hotel, enquanto um casal fazia amor, era tão absurdo que desafiava a veracidade. De certa forma, ele queria poder contar ao cardeal, mas sabia que não poderia. A única pessoa para quem ele depois contaria essa experiência seria para seu confessor, e assim mesmo não seria fácil.

Conhecendo a agenda do cardeal, Michael achou melhor esperar até as dez e meia da noite, no horário italiano, para fazer a ligação. Durante a ligação, Michael gostaria de insinuar, mais do que contar diretamente, como o seu exclusivo empenho salvara algo que poderia ser embaraçoso para a Igreja no geral, e para o cardeal em particular.

Quando o táxi parou em frente à chancelaria, Michael sentia-se quase de volta à normalidade. Embora seu pulso ainda estivesse acelerado, ele não transpirava mais e sua respiração tinha voltado ao normal. O único problema era que sua camisa e sua roupa de baixo estavam úmidas, devido à provação pela qual passara, o que fazia com que ele se sentisse gelado.

Michael foi primeiro ver Valério Garibaldi. Eles haviam se tornado amigos na época em que Michael estudara no Colégio Americano de Roma. Porém, soube que seu amigo tinha deixado o edifício numa missão oficial. Michael dirigiu-se então para o escritório de Luigi Mansoni. Ele bateu na porta aberta e o monsenhor fez um gesto para que ele entrasse e se sentasse. O clérigo estava falando no telefone. Ele terminou a ligação rapidamente e dirigiu toda a sua atenção para Michael. Passando do italiano para o inglês, ele perguntou como Michael se saíra. Seu olhar atento deixava claro que ele estava bastante interessado.

— Muito bem, levando em consideração... — disse Michael, evasivo.

— Levando em consideração o quê?

— Considerando o que eu passei — triunfante, ele enfiou o braço dentro do bolso e retirou o estojo de prata gravado em relevo. Cuidadosamente, ele o colocou sobre a mesa de Luigi, antes de empurrá-lo em direção ao monsenhor. Ele ajeitou-se novamente na cadeira, com um sorriso de convencimento em seu rosto magro.

As sobrancelhas de Luigi arquearam-se. Ele esticou o braço, cuidadosamente levantou o estojo e segurou-o com as palmas de ambas as mãos.

— Fico surpreso que eles tenham desistido — disse ele. — Eles me pareceram duas pessoas obstinadas.

— Sua avaliação é mais acurada do que você pode imaginar — disse Michael. — Mas eles ainda não sabem que devolveram a amostra para a Igreja. E para ser honesto, eu nem cheguei a falar com eles.

Um leve sorriso fez surgirem covinhas no rosto fofo de Luigi.

— Imagino que seja melhor não perguntar como você conseguiu pegá-lo de volta.

— Você não deveria — aconselhou Michael.

— Bem, nesse caso, vamos proceder desse modo. Quanto ao meu papel, vou apenas devolver a amostra para o professor Ballasari e ponto final. — Luigi soltou o fecho e levantou a tampa do estojo. Ele ficou fitando o interior vazio por um momento. Depois de alguns rápidos olhares do estojo para Michael e vice-versa, ele disse:

— Estou confuso. A amostra não está aqui!

— Não! Não me diga isso! — Michael pulou na cadeira.

— Receio que sim — respondeu Luigi.

Ele virou o estojo vazio e o segurou para que Michael pudesse vê-lo.

— Ah, não! — Michael gritou. Ele segurou a cabeça com ambas as mãos e inclinou-se para a frente até que seus cotovelos alcançassem seus joelhos. — Não posso acreditar nisso!

— Eles devem ter retirado a amostra.

— É óbvio — respondeu Michael, enquanto soltava o ar. Ele parecia extenuado.

— Você está perturbado.

— Mas do que você possa imaginar.

— Certamente nem tudo está perdido. Talvez agora você devesse abordar os americanos diretamente e exigir a devolução da amostra.

Michael esfregou o rosto com força e então soltou o ar. Ele olhou para Luigi.

— Não acho que essa seja uma opção, não depois do que eu fiz para pegar o estojo vazio. E mesmo que eu o fizesse, sua avaliação sobre eles provavelmente estava correta. Eles se recusariam. Minha impressão é que eles têm um plano específico para a amostra, motivo pelo qual estão tão determinados.

— Você sabe quando eles vão embora?

— Amanhã de manhã, às sete e cinco, pela Air France. Estão indo para Londres, via Paris.

— Bem, há uma outra opção — disse Luigi, flexionando os dedos. — Há um modo seguro de conseguirmos a amostra de volta. Por

acaso, sou parente, pelo lado da família de minha mãe, de um cavalheiro chamado Carlo Ricciardi. Ele é meu primo em primeiro grau. Também por acaso, ele é o Superintendente Arqueológico do Piemonte, o que significa que é o diretor regional do NPPA, que é a sigla do Núcleo de Proteção do Patrimônio Artístico e Arqueológico.

— Nunca ouvi falar nisso.

— Não me surpreende, visto que as atividades dele são conduzidas, na maior parte das vezes, sigilosamente, mas eles são um departamento especial dos carabinieri responsáveis pela segurança dos muitos tesouros em monumentos e objetos históricos, o que certamente inclui o Sudário de Turim, apesar de a Santa Sé ser a proprietária de direito. Se eu ligasse para Carlo, não teríamos nenhum problema para recuperar a amostra.

— O que você lhe diria? Quero dizer: você entregou a amostra para os americanos. Não foi como se eles a tivessem roubado. Na verdade, a partir do momento em que você entregou a amostra em um lugar público, qualquer advogado italiano competente poderia até mesmo surgir com uma testemunha.

— Eu não sugeriria que a amostra foi roubada. Apenas diria que a amostra foi obtida mediante alegações falsas, o que parece ser o caso. Porém, mais importante ainda, eu afirmaria que não foi emitida nenhuma autorização para que a amostra fosse retirada da Itália. Na verdade, eu acrescentaria que retirar a amostra da Itália tinha sido expressamente proibido, mas que eu tinha, contudo, informações que os americanos pretendiam fazer isso amanhã de manhã.

— E essa polícia arqueológica teria autoridade para confiscá-la.

— Sem a menor dúvida! Eles são uma agência independente e muito poderosa. Para lhe dar um exemplo, há alguns anos, quando o seu então presidente Ronald Reagan perguntou ao então presidente da Itália se algumas das antigas estátuas de bronze, então recém-retiradas do fundo do mar no litoral da Reggio di Calábria,

poderiam ser levadas para os Jogos Olímpicos de Los Angeles para servirem de ícones das competições, o presidente italiano concordou, mas o superintendente regional disse não, e as estátuas permaneceram na Itália.

— Tudo bem, estou impressionado — disse Michael. — A agência utiliza uma equipe própria, vestindo uniforme, quando tem de agir?

— Ela tem seus próprios ispettori, ou inspetores, mas em suas ações são utilizados ou carabinieri uniformizados, ou membros da Guardia di Finanza. No aeroporto, provavelmente utilizam a Guardia di Finanza, mas se estiverem agindo sob ordens específicas de Carlo, os carabinieri provavelmente participam também.

— Se você chamá-lo, o que acontecerá com os americanos?

— Amanhã de manhã, quando forem fazer o check in para embarcar num voo internacional, eles serão detidos. Depois vão ser encarcerados e julgados. Na Itália, acusações dessa natureza são consideradas muito sérias. Mas eles não seriam julgados imediatamente. Esses processos são lentos. Mas a amostra logo seria devolvida e o problema resolvido!

— Ligue para ele! — disse Michael simplesmente. Ele estava desapontado, mas nem tudo estava perdido. Obviamente, ele não obteria o crédito exclusivo por ter resolvido o problema envolvendo a amostra do sudário. Por outro lado, ele ainda estava certo de que o cardeal saberia reconhecer que sua participação tinha sido indispensável para a resolução do caso.

Um arroto de contentamento veio ribombando do fundo do estômago de Daniel até emergir entre suas bochechas infladas. Suas mãos apertaram o rosto numa hesitante tentativa de esconder seu sorriso travesso.

Stephanie lançou-lhe aquele que ela considerava seu olhar mais desdenhoso. Ela nunca achava graça quando ele dava asas ao seu

lado negro juvenil.

Daniel riu.

— Ei, relaxe. Tivemos um excelente jantar e bebemos uma ótima garrafa de Barolo. Não vamos estragar isso!

— Só vou relaxar quando deixarmos nosso quarto — disse Stephanie. — Acho que tenho o direito de estar nervosa depois que alguém passou a mão nas minhas coisas.

Daniel enfiou a chave na porta e abriu-a. Stephanie passou pela soleira e deixou seus olhos vagarem pelo quarto. Daniel começou a passar por ela e a entrar no quarto. Ela o reteve estendendo o braço.

— Tenho que ir ao banheiro — queixou-se Daniel.

— Tivemos visitantes!

— É mesmo? Como você sabe? Stephanie apontou em direção à cômoda.

— O estojo de prata desapareceu.

— Desapareceu mesmo — disse Daniel. — Acho que você estava certa todo o tempo.

— É claro que eu estava certa — respondeu Stephanie. Ela andou até a cômoda e colocou a mão no lugar em que o estojo de prata estava anteriormente, como se ainda não acreditasse que este tinha desaparecido. — Mas você também estava. Eles deviam estar atrás da amostra do sudário.

— Bem, tenho que reconhecer seu crédito pela ideia de ter tirado a amostra e deixar o estojo para trás.

— Obrigada — disse Stephanie. — Mas, antes, vamos nos certificar de que ele não foi levado só porque acharam que tivesse algum valor. — Ela foi até a mala dela e verificou novamente seu estojo de joias. Não faltava nada, inclusive o dinheiro.

Daniel fez o mesmo. Seus objetos, dinheiro e cheques de viagem estavam todos lá. Ele se levantou.

— O que você quer fazer? — perguntou ele.

— Deixar a Itália. Nem em um milhão de anos pensei que fosse desejar isso — Stephanie desabou na cama ainda de casaco e ficou olhando para o lustre de cristais multicoloridos no teto.

— Estou falando sobre esta noite.

— Você refere-se às duas opções: mudar de hotel ou de quarto?

— Exatamente.

— Vamos ficar aqui e passar a tranca.

— Tinha esperança que você dissesse isto — disse Daniel, tirando a calça. Segurando-a pelas bainhas, ele ajeitou-a de forma a preservar os vincos. — Não posso esperar para cair na cama — acrescentou ele, enquanto observava Stephanie esparramada em decúbito dorsal. Ele foi até o closet e pendurou a calça. Apoiando-se no umbral, ele pegou suas pantufas.

— Seria um esforço desumano mudarmos de hotel e estou exausta — disse Stephanie. Com grande esforço ela se levantou e tirou o casaco. — Além disso, acho que quem estiver nos atormentando não terá dificuldades de descobrir nosso paradeiro, independentemente de aonde formos. Vamos ficar no quarto até a hora de ir embora do hotel. — Stephanie passou por Daniel e pendurou seu casaco.

— Por mim, tudo bem — disse Daniel, enquanto desabotoava a camisa. — De manhã, podemos até evitar o café da manhã do hotel. Em vez disso, podemos comer alguma coisa num daqueles cafés do aeroporto. Todos eles pareciam ter uma grande variedade de bolinhos. A recepcionista disse que devemos estar no aeroporto lá pelas seis horas, o que significa que vamos ter de levantar bem cedo, mesmo se não quisermos comer antes de viajar.

— Ótima ideia — disse Stephanie. — Você não tem ideia de como estou ansiosa para chegar ao aeroporto e embarcar num avião.

13

4h45, terça-feira, 26 de fevereiro de 2002

;Apesar da tranca reforçada na porta, Stephanie dormiu mal. Cada ruído, de dentro ou de fora do hotel, causava-lhe uma pequena reação de pânico, e houve muitos ruídos durante a noite. Em determinado momento, pouco antes da meia-noite, quando alguns hóspedes entraram num quarto próximo, Stephanie sentou-se, pronta para a batalha, certa de que havia pessoas vindo na direção do quarto deles. Ela se sentou tão rapidamente que arrancou as cobertas de Daniel, cuja reação foi puxá-las de volta irritado.

Depois das duas da manhã, Stephanie finalmente adormeceu. Mas como não teve um sono tranquilo, foi um verdadeiro alívio quando Daniel sacudiu seu ombro para acordá-la do que lhe pareceram quinze minutos de descanso.

— Que horas são? — perguntou ela, grogue. Ela se apoiou sobre um dos cotovelos.

— São cinco horas da manhã. Levante e aproveite! Temos que pegar um táxi dentro de meia hora.

"Levante e aproveite!" era uma expressão que a mãe de Stephanie usava para acordá-la quando era adolescente. Como Stephanie era uma dorminhoca olímpica, que detestava acordar, a expressão sempre a incomodara. Daniel conhecia a história e usava a expressão

de propósito, para provocá-la, o que acabava sendo, evidentemente, uma maneira efetiva de despertá-la.

— Estou acordada — disse ela irritada, quando foi novamente sacudida. Ela encarou seu algoz, mas ele apenas sorriu antes de alisar o cabelo dela com a palma de sua mão. Stephanie achava esse gesto irritante, mesmo quando seu cabelo estava despenteado, como seguramente devia estar naquele momento. Era um gesto depreciativo, e Stephanie tinha dito isso a Daniel várias vezes. Fazia com que ela se sentisse sendo tratada como uma criança ou, pior ainda, um animal de estimação.

Stephanie observou Daniel ir para o banheiro. Ela rolou pela cama e encolheu-se ao encarar a luz. O lustre de cristal multicolorido estava aceso acima dela. Lá fora ainda estava escuro como breu. Ela inspirou. Parecia que a única coisa que queria fazer na vida era voltar a dormir. Foi então que os neurônios voltaram a funcionar e ela pensou no quanto queria embarcar naquele avião, levando as fibras do sudário, e sair da Itália.

— Você já se levantou? — gritou Daniel, do banheiro.

— Levantei! — gritou de volta Stephanie. Ela não teve o menor escrúpulo em contar uma lorota, não depois da forma impiedosa como ele a acordara. Ela se espreguiçou, bocejou e, depois, sentou-se. Após livrar-se de uma sensação parecida com a de náusea, ficou de pé.

Uma chuveirada fez milagres para ambos. Apesar de Daniel fingir o contrário, ele inicialmente estava longe de sentir-se animado, pois enfrentou as mesmas dificuldades que Stephanie para sair da cama, quando o despertador tocou. Porém, quando saíram do banheiro, nenhum dos dois conseguia esconder a animação de estar indo para o aeroporto. Eles se vestiram e arrumaram as malas com grande eficiência. Às cinco e quinze, Daniel ligou para a portaria, pedindo um táxi e que enviassem alguém para carregar as malas.

— É difícil acreditar que estaremos em Nassau no final desta tarde — disse Daniel, enquanto fechava e trancava sua maleta. O itinerário do dia era voar para Londres, via Paris, pela Air France, fazer a conexão para a British Airways e voar direto para a ilha de New Providence, nas Bahamas.

— O que eu acho difícil de entender é que nós vamos passar do inverno para o verão num único dia. Parece que foi há milênios que vesti um short e uma blusa de verão. Estou emocionada.

O mensageiro chegou e levou a bagagem num carrinho para o saguão, com instruções para descarregá-las no táxi. Enquanto Stephanie secava o cabelo, Daniel permaneceu na entrada do banheiro.

— Acho que devemos falar com o gerente sobre o invasor — disse Stephanie, por sobre o barulho do secador de cabelos do hotel.

— De que adiantaria?

— Pouca coisa, suponho, mas acho que eles gostariam de saber.

Daniel olhou para o seu relógio.

— Acho que é inútil. Não temos tempo. São quase cinco e meia. Temos que ir andando.

— Por que você não desce e paga a conta? — sugeriu Stephanie. — Descerei em dois minutos.

— Nassau, aqui vamos nós — disse Daniel, enquanto saía.

O ruído insistente do telefone arrancou Michael Maloney das profundezas do sono. Ele estava com fone no ouvido antes de ter despertado totalmente. Era o padre Fleck, o outro secretário particular do cardeal O'Rourke.

— Você está acordado? — perguntou Peter. — Desculpe-me por ligar a esta hora.

— Que horas são? — perguntou Michael. Ele tateou às cegas em busca da lâmpada de cabeceira, depois tentou ver que horas eram no seu relógio de pulso.

— São vinte para a meia-noite aqui em Nova York. Que horas são aí na Itália?

— São vinte para as seis da manhã.

— Desculpe-me, mas você me disse, quando ligou esta tarde, que era imperativo falar com o cardeal tão logo fosse possível. E Sua Eminência acaba de retornar para a residência. Vou colocá-lo na linha.

Michael esfregou o rosto e deu uns tapinhas na bochecha para despertar. Um momento depois, a voz suave do cardeal James O'Rourke soou no ouvido de Michael. Ele também se desculpou por estar ligando num horário inconveniente e explicou que tinha sido forçado a permanecer num interminável encontro com o governador, que começara no final da tarde.

— Desculpe-me por aumentar os seus fardos — disse Michael, um pouco trêmulo. Ele não se deixava enganar pela bondosa humildade do potentado. Por trás da aparente benevolência, Michael sabia perfeitamente o quão impiedoso ele podia ser, especialmente com um subordinado que tivesse se mostrado estúpido ou azarado demais para desagradá-lo. Ao mesmo tempo, ele podia ser extraordinariamente generoso com aqueles que o agradassem.

— Você está querendo me dizer que há um problema em Turim? — perguntou o cardeal.

— Infelizmente, sim. — disse Michael. — As duas pessoas que o senador Butler enviou para receber a amostra do sudário são cientistas biomoleculares.

— Entendo — comentou James.

— Seus nomes são Dr. Daniel Lowell e Dra. Stephanie D'Agostino.

— Entendo — repetiu James.

— A julgar por suas instruções — continuou Michael —, eu sabia que esses desenvolvimentos deixariam Vossa Eminência angustiado pelas implicações relativas a testes não autorizados. As boas novas

são que ao trabalhar rapidamente, com auxílio do monsenhor Mansoni, consegui providenciar para que a amostra seja devolvida imediatamente.

— Sei! — disse James, simplesmente. Houve uma pausa desconfortável. No que dizia respeito a Michael, essa reação estava longe do que ele esperava. Nessa altura da conversa, ele contava com uma reação positiva do cardeal.

— Obviamente o objetivo foi evitar que o sudário passe por uma nova indignidade científica — acrescentou Michael rapidamente. Um arrepio percorreu sua espinha. Sua intuição lhe dizia que essa conversa estava prestes a tomar um rumo inesperado.

— Os doutores Lowell e D'Agostino concordaram em entregar a amostra voluntariamente?

— Não exatamente — admitiu Michael. — A amostra será confiscada pelas autoridades italianas, quando eles se apresentarem no embarque do voo para Paris esta manhã.

— E o que acontecerá com os cientistas?

— Acredito que serão detidos.

— É verdade que o sudário não foi tocado para que essa amostra fosse produzida, como o senador Butler sugeriu?

— É verdade. A amostra é um pequeno fragmento proveniente de um pedaço cortado do sudário há alguns anos.

— Ele foi entregue aos cientistas em total sigilo, sem documentação oficial?

— Sim, pelo que estou sabendo — disse Michael. — Comuniquei que era seu desejo específico — Michael começou a suar, seguramente sem a mesma intensidade da véspera, quando se escondeu no quarto do hotel. Ele podia sentir um nó de ansiedade formando-se em seu estômago e enrijecendo seus músculos. O tom das perguntas do cardeal tinha uma aspereza quase imperceptível para a maioria das pessoas, mas que Michael logo reconheceu. Ele sabia que Sua Eminência estava ficando cada vez mais irritado.

— Padre Maloney! Fique sabendo que o senador já introduziu a prometida legislação limitando a responsabilidade civil das instituições de filantrópicas. Agora que essa causa vai contar com o apoio dele, ele acredita que há mais chance dela ser aprovada do que tinha na sexta-feira, quando ele propôs a ideia. Não preciso explicar-lhe a importância dessa legislação para a Igreja. No que diz respeito ao sudário, sem documentação oficial, mesmo que algum teste não autorizado fosse realizado, os resultados não poderiam ser autenticados, logo, eles poderiam ser simplesmente repudiados.

— Desculpe-me — soltou Michael, desajeitado. — Pensei que Vossa Eminência fosse querer a devolução da amostra.

— Padre Maloney, suas instruções eram claras. Você não foi mandado a Turim para pensar. Você foi enviado para descobrir quem se apossou da amostra e segui-lo, caso fosse necessário, para ver a quem ela seria finalmente entregue. Você não foi autorizado a providenciar para que a amostra fosse devolvida e, dessa forma, colocar em risco um processo legislativo extremamente importante.

— Não sei o que dizer — tentou Michael.

— Não diga nada. Em vez disso, aconselho-o a desfazer o que você colocou em movimento, caso não seja algo irreversível. Faça isso, a não ser, é claro, que você tenha como próximo objetivo em sua carreira ser mandado para uma pequena paróquia nas montanhas Catskill. Eu não quero que a amostra do sudário seja confiscada, nem que cientistas americanos sejam presos, que é um termo mais acertado para o que vai acontecer com eles do que o eufemismo que você usou. Mais importante ainda, eu não quero o senador Butler telefonando-me para dizer que retirou seu projeto de lei, pois acredito que essa será a reação dele caso aconteça o que você descreveu. Estou sendo claro, padre?

— Perfeitamente claro — gaguejou Michael. Ele se viu diante de uma linha muda. O cardeal tinha desligado abruptamente.

Michael engoliu em seco, enquanto colocava o telefone no gancho. Ser mandado para uma pequena paróquia na região Norte do Estado de Nova York era o equivalente na Igreja a ser mandado para a Sibéria.

Repentinamente, Michael apanhou o telefone da base. O avião dos americanos não sairia antes das sete. Isto significava que ainda havia chance de evitar um desastre em sua carreira. Primeiro, ele ligou para o Grand Belvedere, somente para saber que os americanos já tinham deixado o hotel. Em seguida, tentou falar com o monsenhor Mansoni, mas este tinha saído há meia hora para resolver um assunto da Igreja no aeroporto.

Galvanizado por essas revelações, Michael saltou para dentro de suas roupas, que estavam convenientemente dobradas numa cadeira ao lado da cama. Sem se barbear, tomar banho ou mesmo ir ao banheiro, ele saiu de seu quarto em disparada. Impaciente demais para esperar pelo elevador, ele desceu pelas escadas. Alguns minutos depois e quase sem ar, ele se atrapalhou com as chaves do carro, antes de entrar no Fiat alugado. Assim que ligou o motor, ele deu ré e saiu do estacionamento em alta velocidade.

Dando uma olhada de relance em seu relógio, ele estimou que poderia chegar ao aeroporto pouco depois das seis. O principal problema era que ele não tinha a menor ideia do que faria quando chegasse lá.

— Você vai dar uma boa gorjeta? — perguntou Stephanie de forma provocativa, enquanto o táxi subia a rampa que levava para a área de embarque do aeroporto de Turim. A fobia de táxi de Daniel estava começando a doer nos nervos dela, embora, para crédito de Daniel, o motorista tivesse ignorado totalmente seus repetidos pedidos para diminuir a velocidade. Todas as vezes que Daniel falou com o motorista, este simplesmente dava de ombros e dizia: inglês não! Contudo, em momento algum ele dirigiu mais rápido que os outros carros na via expressa.

— Ele vai estar com sorte se eu chegar a pagar pela corrida! — disse Daniel, asperamente.

O táxi parou no meio de um mar de outros táxis e carros desembarcando passageiros. Em contraste com o centro da cidade, o aeroporto já estava movimentado. Stephanie e Daniel saltaram do carro junto com o motorista. Com os três trabalhando em conjunto, retiraram toda a bagagem do pequeno táxi e a empilharam junto ao meio-fio. Resmungando, Daniel pagou ao homem, que partiu.

— Como faremos para levar isso? — perguntou Stephanie. Eles tinham mais volumes do que podiam carregar. Ela olhou pelos arredores.

— Não gosto da ideia de deixar nada largado — disse Daniel.

— Eu também. O que você acha de um de nós ir pegar um carrinho enquanto o outro vigia?

— Parece uma boa ideia. O que você prefere?

— Como é você que está com os bilhetes e com os passaportes, por que não vai pegando eles, enquanto eu procuro o carrinho?

Stephanie andou em meio à multidão mantendo os olhos atentos em busca de um carrinho, mas não havia nenhum disponível. Ela teve mais sorte no interior do terminal, depois que passou pelos balcões de check in e foi em direção à área de segurança. Os viajantes que passavam pelo controle de segurança e seguiam para os portões de embarque tinham que deixar os carrinhos no próprio terminal. Stephanie pegou um vazio e voltou. Ela encontrou Daniel sentado sobre a maior mala deles, batendo com o pé impacientemente.

— Você levou muito tempo — queixou-se ele.

— Desculpe-me, mas fiz o melhor que pude. Este lugar está entupido de gente. Deve haver vários voos saindo ao mesmo tempo.

Juntos eles encheram o carrinho com todas as malas, salvo suas pastas para laptops, o que criou uma pilha precária. Os laptops

seguiram a tiracolo. Enquanto Daniel empurrava, Stephanie seguia junto ao carrinho para evitar que a pilha de malas desabasse.

— Reparei que há vários policiais espalhados por aqui — disse Stephanie, enquanto eles entravam no terminal. — Nunca vi tantos policiais. Sem dúvida, os carabinieri italianos se destacam com seus uniformes elegantes.

Eles pararam cerca de dez metros depois de passarem pela porta. A multidão desviava-se deles como um rio de pessoas. Parados onde estavam, eles criavam uma pequena represa.

— Para onde vamos? — perguntou Daniel. Algumas pessoas esbarraram nele. — Não vejo nenhuma indicação da Air France.

— Os voos estão listados em telas de cristal líquido perto dos balcões de check in — disse Stephanie. — Espere aqui! Vou me informar sobre o nosso voo.

Levou apenas alguns minutos para Stephanie descobrir o balcão correto. Quando ela voltou para encontrar Daniel, descobriu que ele tinha ido para o lado, a fim de escapar da corrente humana que passava pela porta. Stephanie apontou na direção para qual deviam seguir, e eles começaram a andar.

— Entendi o que você queria dizer sobre a polícia — comentou Daniel. — Meia dúzia de policiais passaram por mim assim que você saiu. O que me chamou a atenção foram as metralhadoras.

— Há até um grupo deles atrás do balcão onde faremos o check in — disse Stephanie.

Eles chegaram até a fila, razoavelmente grande, de passageiros que aguardavam o check in do voo para Paris e entraram nela. Passaram-se cinco minutos e a fila avançou apenas alguns centímetros.

— Mas que diabos eles estão fazendo lá na frente? — perguntou Daniel. Ele ficou na ponta dos pés para tentar ver o que estava retendo a fila. — Nunca consegui entender por que é tão demorado. Será que a polícia está atrasando de alguma forma o processo?

— Contanto que não sejamos retidos ao passarmos pela segurança, acho que tudo vai correr bem — disse Stephanie, olhando para o seu relógio. Eram seis e vinte.

— Tendo em vista que este balcão atende somente o nosso voo, estamos todos no mesmo barco — disse Daniel, olhando ainda para a cabeceira da fila.

— Não tinha pensado nisso, mas você tem razão.

— Meu Deus! — disse Daniel.

— O que foi agora? — A exclamação de Daniel e a mudança no seu tom fizeram Stephanie notar o quão tensa ela ainda estava. Ela tentou seguir a linha de visão de Daniel, mas não conseguiu enxergar nada por cima das pessoas que estavam na frente deles.

— O monsenhor Mansoni, o padre que nos entregou a amostra do sudário está parado lá na frente junto aos policias que estão atrás do balcão.

— Você tem certeza? — perguntou Stephanie. Parecia ser uma coincidência muito grande. Ela tentou olhar novamente, mas não conseguiu ver nada.

Daniel deu de ombros. Ele olhou de novo para o balcão antes de voltar a dar atenção a Stephanie.

— Seguramente é parecido com ele, e eu não posso imaginar muitos padres tão obesos quanto ele.

— Você acha que isso tem algo a ver conosco?

— Não posso imaginar, mas a presença dele, associada ao fato de que alguém tentou levar a amostra do sudário no nosso hotel, me deixa preocupado.

— Não estou gostando disso — disse Stephanie. — Não estou gostando nem um pouco disso.

A fila avançou. Daniel hesitou, sem saber ao certo o que fazer, até que um cavalheiro que estava imediatamente atrás dele deu-lhe um esbarrão de impaciência, impelindo-o para a frente. Daniel empurrou o carrinho para a frente, mas fez questão de posicioná-lo

de forma a proteger sua retaguarda. Ele e Stephanie estavam agora a quatro pessoas do princípio da fila. Stephanie deu alguns passos laterais e, sub-repticiamente, olhou para a frente. Ela voltou imediatamente para perto Daniel, ao lado do carrinho.

— É mesmo o monsenhor Mansoni, tenho certeza — disse ela. Ela e Daniel se entreolharam.

— Que diabos vamos fazer? — Daniel deixou escapar.

— Eu não sei. É a polícia que me incomoda, não o padre.

— Isso é óbvio — retrucou Daniel, irritado.

— Onde está a amostra do sudário?

— Já disse mais cedo. Está na pasta do meu laptop.

— Ei, não grite comigo.

A fila avançou. Com o homem atrás deles bufando no pescoço de Daniel, ele se sentiu obrigado a andar com o carrinho. Aproximar-se do balcão exacerbou a ansiedade de ambos.

— Talvez seja apenas um caso de imaginações hiperativas — sugeriu Stephanie, esperançosa.

— É uma coincidência muito grande para ser explicada simplesmente como paranóia — respondeu Daniel. — Se fosse apenas o padre ou apenas a polícia era uma coisa, mas com os dois neste balcão especificamente, trata-se de algo totalmente diferente. O problema é que temos que tomar uma decisão aqui e agora. Não fazer nada também será uma decisão porque em dois minutos estaremos na frente da fila, e o que estiver para acontecer, vai acontecer.

— A essa altura do campeonato, o que podemos fazer? Estamos bloqueados por uma multidão e com um carrinho atulhado de bagagem. Na pior das hipóteses, entregamos a amostra, se for isso que eles quiserem.

— Não haveria tantos policias uniformizados se eles estivessem simplesmente querendo confiscar a amostra.

— Desculpem-me — eles ouviram a voz de alguém ofegante, e assustado, chamando por eles em inglês, com um inconfundível sotaque americano.

Da forma como Stephanie e Daniel estavam tensos, suas cabeças se voltaram para o lado ao mesmo tempo, para contemplar um clérigo nitidamente angustiado e com o olhar vidrado. O tórax do homem estava saltando, algo provavelmente causado pelo esforço de ter estado correndo, e sua testa estava pontilhada de gotas de suor. Além da aparência perturbada, havia um rosto por barbear e um emaranhado de cabelos ruivos despenteados, o que causava um forte contraste com seus trajes, razoavelmente engomados, de padre. Aparentemente, ele alcançara Stephanie e Daniel forçando sua passagem entre o balcões de check in e as filas, a julgar pela irritação estampada no rosto de outros viajantes que estavam próximos.

— Dr. Lowell e Dra. D'Agostino! — disse o padre Malone, ofegante. — É imperativo que eu fale com vocês.

— Scusi — o homem atrás de Daniel disse irritado. Ele fez um gesto para Daniel seguir adiante. A fila tinha avançado e, enquanto olhava para Michael, Daniel teve de andar.

Daniel fez um movimento para que o homem passasse a frente deles, o que ele fez satisfeito.

Michael deu uma rápida olhada por cima do carrinho de bagagem de Daniel e Stephanie. Tendo visto o monsenhor e a polícia, ele se abaixou ao lado de Daniel.

— Resta-nos apenas alguns segundos — disse ele, sussurrando. — Vocês não devem fazer o check in do voo para Paris.

— Como você sabe nossos nomes? — perguntou Daniel.

— Não há tempo para explicar.

— Quem é você? — perguntou Stephanie. Havia algo no homem que lhe era familiar, mas ela não sabia o quê.

— Pouco importa quem sou eu. O que importa é que vocês estão para ser presos e a amostra do sudário confiscada.

— Lembro-me de você — disse Stephanie. — Você estava no café quando a amostra nos foi entregue ontem.

— Por favor! — implorou Michael. — Vocês têm que sair daqui. Eu tenho um carro. Vou tirar vocês da Itália.

— Dirigir? — perguntou Daniel, como se a sugestão fosse ridícula.

— É o único meio. Aviões, trens, todos os transportes de massa serão vigiados, mas principalmente os aviões, e especialmente este voo para Paris. Estou falando sério quando digo que vocês estão para serem detidos e presos. Confiem em mim!

Daniel e Stephanie trocaram olhares. Os dois estavam pensando a mesma coisa. A súbita chegada do padre angustiado e seu alerta foram acontecimentos inacreditavelmente aleatórios, que deram credibilidade ao que, até segundos antes, era uma suposição assustadora. Eles não fariam o check in do voo para Paris.

Daniel começou a dar meia-volta com o carrinho de bagagem. Michael agarrou seu braço.

— Não há tempo para toda a bagagem.

— Você está falando do quê? — perguntou Daniel.

Michael esticou o pescoço para dar uma breve olhada furtiva no balcão, que estava a apenas seis metros de distância. Instantaneamente, ele encolheu a cabeça e levantou os ombros, como se fosse uma tartaruga.

— Droga! Agora eu fui visto, o que significa que estamos a segundos de um desastre. A menos que vocês estejam interessados em passar uma temporada na cadeia, nós teremos que correr. Vocês têm que deixar para trás a maior parte da bagagem de vocês! Têm que decidir o que é mais importante: a liberdade ou a bagagem de vocês.

— São todas as minhas roupas de verão — disse Stephanie. Ela estava horrorizada com a ideia.

— Signore! — disse o homem atrás de Daniel, claramente irritado, enquanto fazia gestos para que ele andasse para a frente. — Va! Va via! — um grupo de pessoas, atrás dele, também fez coro. A fila tinha avançado novamente e Daniel e Stephanie, ao bloqueá-la, estavam fazendo uma cena.

— Onde está a amostra? — perguntou Michael. — E os seus passaportes?

— Eles estão na minha bolsa a tiracolo — respondeu Daniel.

— Ótimo! — disse Michael. — Mantenha sua bolsa a tiracolo, mas deixe o resto! Depois vou tentar que o consulado americano cuide de seus pertences e envie-os para onde quer que vocês viajem depois de Londres. Vamos! — ele puxou o braço de Daniel enquanto apontava na direção oposta do balcão.

Ao olhar por cima do carrinho, Daniel pôde ver o momento exato que o monsenhor Mansoni agarrou o braço de um dos policiais uniformizados e apontou na direção deles. Com uma urgência cada vez maior, Daniel voltou a atenção para Stephanie.

— Acho que é melhor fazermos o que ele disse.

— Ótimo! Deixaremos as malas — respondeu resignada Stephanie, jogando os braços para cima.

— Sigam-me! — ganiu Michael. Afastando-se do carrinho de bagagem, ele abriu caminho da forma mais rápida que conseguiu. Viajantes próximos, que estavam espremidos em suas filas, lentamente abriram espaço com relutância. Enquanto repetia "scusi" várias vezes, Michael foi forçado a empurrar algumas pessoas para o lado e a pisar em bagagens de mão que estavam sobre o chão. Daniel e Stephanie seguiam seus passos como se Michael estivesse abrindo caminho numa floresta de seres humanos. Era uma tarefa árdua que fazia Stephanie lembrar-se do pesadelo que estava tendo quando Daniel despertou-a, uma hora e meia mais cedo.

Gritos de "alt", vindos de trás, serviam como estímulo para que se esforçassem mais. Ao libertarem-se da multidão, que cercava o

balcão de check in, o progresso deles tornou-se significativamente mais fácil, mas Michael evitou que eles corressem.

— Seria diferente se estivéssemos correndo em direção ao terminal — explicou Michael. — Correr para fora chamaria muito a atenção. Simplesmente, andem rápido!

Repentinamente, dois policiais jovens surgiram bem diante deles, correndo na direção contrária com as metralhadoras não mais penduradas em seus ombros.

— Ai, não! — resmungou Daniel. Ele diminuiu o passo.

— Continue andando! — disse Michael, com os dentes cerrados. Agora, atrás deles havia uma ruidosa comoção, marcada por gritos ininteligíveis.

Seguindo em rota de colisão, os dois grupos se aproximaram rapidamente.

Daniel e Stephanie tinham certeza de que os policiais estavam vindo para prendê-los e só perceberam que isso não ia ocorrer no último minuto. Ambos suspiraram aliviados quando os policiais passaram sem nem mesmo dar uma olhada neles, provavelmente apressados para chegarem na área de check in.

Muitos outros viajantes, com os mais variados graus de medo estampados em seus rostos, pararam ao perceber que a polícia estava entrando em ação. Depois do 11 de setembro, qualquer distúrbio, não importa o motivo, deixa as pessoas com os nervos à flor da pele, em qualquer aeroporto do mundo.

— Meu carro está no setor de desembarque, no piso inferior — explicou Michael, enquanto os guiava em direção às escadas. — Não houve jeito de deixá-lo na área de embarque nem por um momento.

Eles desceram as escadas o mais rápido que puderam. No andar de baixo, o terminal estava relativamente deserto, visto que os voos programados para chegarem no aeroporto ainda não tinham chegado. As únicas pessoas à vista eram alguns funcionários que se preparavam para receber o grande fluxo de pessoas e bagagens

esperado, além de alguns agentes das empresas locadoras de automóveis, que arrumavam seus quiosques.

— Agora é mais importante ainda não correr — disse Michael, ofegante. Algumas pessoas olharam na direção deles, mas somente por um momento, antes de voltarem para suas respectivas tarefas. Michael levou Daniel e Stephanie até uma das portas de saída, que abriu automaticamente. Eles saíram rapidamente, mas foi então que Michael empacou repentinamente. Com os braços estendidos para os lados, ele também parou os outros.

— Isso não parece nada bom — resmungou Michael. — Infelizmente, aquele ali é o carro que aluguei.

Cerca de trinta metros adiante, um furgão Fiat escuro estava parado junto ao meio-fio, com o pisca-alerta ligado. Parado bem atrás dele havia um carro azul e branco da polícia, com a luz azulada do giroscópio acesa. As silhuetas de dois policiais podiam ser vistas nos bancos dianteiros.

— O que devemos fazer? — perguntou Daniel, tenso. — O que você acha de alugarmos outro?

— Acho que as locadoras ainda não abriram — retrucou Michael. — Levaríamos muito tempo.

— Que tal um táxi? — propôs Stephanie. — Temos que sair deste aeroporto. Podemos alugar um carro na cidade.

— Essa é uma ideia — disse Michael. Ele olhou para a fila de táxis vazia. — O problema é que não vai haver táxis aqui enquanto o primeiro voo não chegar, e eu não sei quando vai acontecer. Para pegarmos um táxi teríamos de voltar lá para cima, o que não acho uma boa ideia. Acho que devemos correr o risco de pegar o meu carro. Eles são membros da Vigli Urbani, ou seja, são guardas municipais de trânsito. Duvido que estejam nos procurando, pelo menos ainda não. Eles estão provavelmente esperando por um reboque.

— O que você vai dizer?

— Não sei ao certo — admitiu Michael. — Não há tempo para ser muito criativo. Vou tentar apenas aproveitar-me da minha condição de padre — ele respirou fundo para tomar forças. — Vamos! Quando chegarmos no carro, apenas entrem. Deixem a conversação comigo.

— Não estou gostando disso — disse Stephanie.

— Nem eu — admitiu Michael. Ele os impeliu para a frente. — Mas acho que essa é a nossa melhor chance. Em poucos minutos, todos os agentes de segurança do aeroporto estarão procurando por nós em todos os lugares. O monsenhor Mansoni me viu.

— Vocês se conhecem? — perguntou Stephanie.

— Digamos que já fomos apresentados — respondeu Michael.

Não houve mais conversa enquanto o grupo avançou deliberadamente em direção ao Fiat Ulysse. Michael deu a volta por trás do carro da polícia para passar ao lado do banco do motorista. Quando chegou no Fiat, ele abriu a porta e se sentou atrás do volante, como se nem mesmo tivesse reparado no carro da polícia. Stephanie e Daniel chegaram pelo lado do passageiro e logo se alojaram no banco de trás.

— Padre — gritou um dos policiais. Ele tinha saído do carro quando viu Michael entrando no Fiat. O segundo policial permaneceu no carro.

Michael ainda não tinha fechado a porta do carro quando o policial o chamou. Ele saiu do carro e ficou parado, de pé.

Daniel e Stephanie observavam do interior do veículo. O policial andou até Michael. Ele vestia um uniforme com dois tons de azul, um cinto branco e uma cartucheira branca. Era um sujeito de compleição física leve, que falava num rápido staccato, assim como Michael. A conversa foi acompanhada por várias gesticulações que culminaram com o policial apontando para a frente e fazendo gestos de movimento com a mão. Neste momento, Michael entrou novamente no carro e deu a partida no motor. Momentos depois, o

Fiat emergiu pela rampa de embarque e dirigiu-se para a saída do aeroporto.

— O que aconteceu?—perguntou Stephanie, nervosa. Ela olhou pela janela de trás para ter certeza de que não estavam sendo seguidos.

— Por sorte, ele ficou um pouco intimidado pelo fato de eu ser padre.

— O que você disse? — perguntou Daniel.

— Apenas desculpei-me e disse que era uma emergência. Depois eu perguntei onde era o hospital mais próximo e ele, aparentemente, caiu nessa história. A partir daí, ele passou a me dar indicações.

— Você fala italiano fluentemente? — perguntou Stephanie.

— Dá para me virar. Fiz o seminário em Roma.

Assim que foi possível, Michael deixou a estrada principal e pegou uma via secundária. Pouco tempo depois, entraram num cenário rural.

— Para onde estamos indo? — perguntou Daniel. Ele olhou pela janela, obviamente preocupado.

— Vamos ficar longe das auto-estradas — disse Michael. — Será mais seguro. Para falar a verdade, não sei o quanto vão procurar por vocês. Mas não quero correr riscos ao passar por pedágios.

Assim que surgiu uma oportunidade, Michael entrou no acostamento e parou o carro. Com o motor ligado, ele saiu do carro e desapareceu durante alguns minutos na escuridão de alguns arbustos. O sol já tinha saído, mas estava fraco.

— O que está acontecendo? — perguntou Stephanie.

— Não tenho a menor ideia — disse Daniel. — Mas se tivesse que dar um palpite, diria que ele está se aliviando.

Michael reapareceu e entrou de volta no carro.

— Desculpem-me — disse ele, sem outras explicações. Ele se inclinou e pegou vários mapas no porta-luvas.

— Vou precisar de um co-piloto — disse ele. — Algum de vocês é bom na leitura de mapas?

Daniel e Stephanie se entreolharam.

— Ela provavelmente é melhor do que eu — admitiu Daniel. Michael desdobrou um dos mapas. Ele olhou por cima do ombro para Stephanie.

— Que tal vir para o branco da frente? Vou realmente precisar de ajuda até passarmos por Cuneo.

Stephanie deu de ombros, saiu do banco de trás e passou para o da frente.

— Nós estamos aqui — disse Michael, depois de acender a luz interna e apontar para um ponto no mapa a noroeste de Turim. — E aqui é para onde estamos indo — ele moveu o dedo para a base do mapa e deixou-o cair pesadamente na costa do Mediterrâneo.

— Nice, na França? — perguntou Stephanie.

— É. Lá fica o maior aeroporto fora da Itália se viajarmos em direção ao sul, que é o que eu recomendo porque podemos seguir por estradas secundárias. Poderíamos ir para o norte, para Genebra, mas isto nos obrigaria a seguir pelas estradas principais e passar por uma fronteira mais vigiada. Acho que o sul é mais seguro, portanto melhor. Vocês concordam?

Daniel e Stephanie deram de ombros.

— Presumo que sim — afirmou Daniel.

— Certo — disse Michael. — Esta é a rota — ele usou seu dedo novamente enquanto falava. — Vamos passar por Turim em nosso caminho para Cuneo. De lá, vamos para Colle di Tenda. Uma vez que tivermos passado a fronteira, que não tem controle, vamos permanecer na França, ainda que a estrada principal volte para a Itália. Em Menton, na costa, podemos entrar na auto-estrada que nos levará diretamente para Nice. Este trecho será a parte mais rápida. No que diz respeito à duração da vigem, diria que ela vai levar de cinco a seis horas, mas isto é apenas um palpite. Isso é aceitável?

Daniel e Stephanie deram de ombros novamente, depois de se entreolharem. Ambos estavam tão perplexos com os eventos ocorridos que mal sabiam o que dizer. Se já era difícil até mesmo pensar, pior ainda ter de falar.

Michael olhou para um e para o outro.

— Vou tomar o silêncio como um sim. Posso compreender o espanto de vocês. Foi uma manhã esquisita, para dizer o mínimo. Então, vamos passar primeiro por Turim. Espero que possamos chegar lá antes da hora do rush. — Ele abriu um segundo mapa, que era uma planta de Turim e seus arredores. Mostrou para Stephanie onde eles estavam e para onde queriam ir. Ela concordou com a cabeça.

— Não vai ser difícil — disse Michael. — Se os italianos são bons numa coisa, essa coisa é a sinalização. Primeiro vamos seguir as placas para o Centro Cittá e depois as orientações para entrar na rota S20 que vai para o sul. Certo?

Stephanie concordou com a cabeça novamente.

— Então vamos fazer isso! — disse Michael. Ele se ajeitou atrás do volante e engrenou o carro.

Inicialmente o tráfego não estava ruim, mas à medida que se aproximaram da cidade, ele piorava, e quanto pior o tráfego se tornava, levava-se mais tempo dirigindo, e quanto mais tempo levava-se dirigindo, pior o tráfego ficava, numa espécie de círculo vicioso. Pouco antes de alcançarem o centro da cidade, amanheceu um céu azul pálido. Eles viajavam em silêncio, salvo pelas ocasionais indicações de Stephanie, que acompanhava atentamente o progresso deles pelo mapa e apontava para as placas apropriadas. Daniel não abriu a boca. Ele pelo menos estava satisfeito com o fato de Michael ser um motorista prudente e defensivo.

Eram quase nove e meia da manhã quando conseguiram escapar do trânsito, entrando na estrada S20, deixando para trás a hora do rush do tráfego de Turim. Nesta altura, Stephanie e Daniel já tinham

tido algum tempo para relaxar um pouco e organizar seus pensamentos, que estavam centrados no motorista e na bagagem abandonada.

Stephanie dobrou cuidadosamente os dois mapas e colocou-os sobre o painel. A partir daquele ponto, a estrada não apresentava maiores dúvidas. Ela olhou para o perfil de falcão de Michael, para os pêlos no rosto dele e para os cabelos ruivos despenteados.

— Talvez esta seja hora de perguntar quem é você — disse ela.

— No fundo, sou apenas um simples padre — disse Michael. Ele sorriu um pouco. Ele sabia que as perguntas iriam vir, mas não estava certo sobre o quanto queria falar.

— Acho que nós merecemos saber um pouco mais — disse Stephanie.

— Meu nome é Michael Maloney. Estou atualmente radicado junto ao arcebispo de Nova York, mas vim para a Itália numa missão relacionada com a Igreja.

— Como você sabe os nossos nomes? — perguntou Daniel, do banco de trás.

— Tenho certeza que vocês dois estão muito curiosos — disse Michael. — E com toda razão. Mas o fato é que prefiro não entrar nos detalhes da minha participação. Seria melhor para todos os envolvidos. Existe a possibilidade de vocês aceitarem que fui capaz de salvar vocês do grande inconveniente de serem presos e não me fazerem perguntas? Peço-lhes isso como um favor. Talvez vocês possam considerar minha ajuda como sendo uma pequena intervenção divina, e que meu papel nela resumiu-se simplesmente ao de um servo do Bom Deus.

Stephanie olhou para Daniel no banco de trás antes de olhar novamente para Michael.

— É interessante que você tenha usado o termo intervenção divina. Trata-se de uma coincidência, pois ouvimos esta mesma

expressão associada ao motivo que nos trouxe para a Itália, isso é, para pegar a amostra do Sudário de Turim.

— Ah, é? — indagou Michael, vagamente. Ele pensou num modo de desviar a conversa para temas menos delicados, mas nada veio à sua cabeça.

— Por que nós seríamos presos? — perguntou Daniel. — Isso não teria nada a ver com a sua participação.

— Porque descobriu-se que vocês são cientistas biomédicos. Essa foi uma surpresa inesperada e desagradável. Atualmente, a Igreja não quer que sejam realizados novos testes científicos relacionados com a autenticidade do sudário. Devido aos seus currículos, surgiram preocupações legítimas sobre o interesse de vocês no sudário. Inicialmente, a Igreja queria apenas que a amostra do sudário fosse devolvida, mas quando isso não pareceu ser mais possível, ela desejou confiscá-la.

— Isso explica algumas coisas — disse Stephanie. — Salvo o motivo pelo qual você resolveu nos ajudar. Você acha mesmo que não vamos fazer testes com a amostra?

— Eu preferia não falar sobre isso. Por favor!

— Como você soube que íamos para Londres quando estávamos embarcando num voo para Paris? — Daniel inclinou-se para a frente para ouvi-lo. A voz de Michael não era muito audível no banco de trás.

— Essa é uma pergunta cuja resposta me deixaria constrangido — o rosto de Michael ficou ruborizado no momento em que se lembrou da imagem dele escondido atrás das cortinas no quarto do hotel. — Imploro a vocês. Não podem simplesmente deixar isso passar? Aceitem o que eu fiz como um favor: apenas um amigo ajudando um casal de compatriotas americanos em dificuldades.

Eles seguiram em silêncio por alguns quilômetros. Finalmente, Stephanie falou.

— Bem, obrigada por nos ajudar. E que fique bem claro para quem queira saber: nós não estamos nem um pouco interessados em testar a autenticidade do sudário.

— Vou transmitir isso às autoridades competentes da Igreja. Estou certo que ficarão aliviados ao ouvir isso.

— E as nossas bagagens? — perguntou Stephanie. — Há alguma chance de você nos ajudar a recuperá-las?

— Não só ficarei contente em fazer o máximo que puder no que se refere a isso, como sou bastante otimista quanto ao êxito dos meus esforços. Especialmente ao certificar-me que vocês não pretendem submeter o sudário a teste. Se tudo correr bem, vou fazer com que seus pertences sejam despachados para a casa de vocês em Massachusetts.

— Vamos ficar fora de casa durante um mês inteiro — disse Daniel.

— Deixarei meu cartão com vocês — disse Michael. — Assim que tiverem um endereço, vocês me escrevem.

— Nós já temos um endereço — disse Daniel.

— Tenho uma pergunta — disse Stephanie. — De agora em diante nós seremos personas non gratas na Itália?

— Assim como pretendo fazer em relação às bagagens, acredito que vou ser capaz de, como se diz, limpar a ficha de vocês. Vocês não terão nenhum problema para voltar à Itália no futuro, se essa é a preocupação de vocês.

Stephanie virou-se para trás e olhou para Daniel.

— Suponho que eu possa viver sem saber os detalhes escabrosos. E quanto a você?

— Suponho que sim — disse Daniel. — Mas gostaria de saber quem foi que arrumou para que invadissem o nosso quarto do hotel?

— Eu realmente não quero falar sobre isso — respondeu Michael, rapidamente. — Isso não quer dizer que eu saiba de algo em particular.

— Então apenas me diga isto: era um membro da Igreja, um profissional contratado ou algum funcionário do hotel?

— Eu não sei — disse Michael. — Desculpe-me.

Uma vez que Daniel e Stephanie resignaram-se com o fato de que Michael não daria nenhum detalhe sobre os motivos de sua intervenção salvadora, e uma vez que ficou claro para eles que as autoridades italianas não representavam mais uma ameaça, desde que o Fiat entrara na França, eles relaxaram e aproveitaram a viagem. Passaram por uma estação de esqui chamada Limone Piemonte e à medida que subiam os Alpes cobertos de neve, a paisagem ficava cada vez mais espetacular. No lado francês da travessia, eles desceram a escarpada Gorge de Saorge através de uma estrada literalmente escavada nas paredes rochosas do canyon. Na cidade francesa de Sospel, eles pararam para almoçar. Quando finalmente chegaram ao aeroporto de Nice, já passava das duas da tarde.

Michael deu-lhes seu cartão e pegou o endereço do Ocean Club, em Nassau, onde Daniel fizera uma reserva. Michael apertou as mãos de ambos e prometeu resolver o problema da bagagem assim que voltasse a Turim. Logo depois, ele partiu.

Antes de se virarem um para o outro, Daniel e Stephanie observaram o Fiat desaparecer de vista. Stephanie balançou a cabeça assombrada.

— Que experiência estranha!

Daniel assentiu com a cabeça.

— Para dizer o mínimo.

Um breve e zombeteiro riso escapou dos lábios de Stephanie.

— Sem querer ser cruel, mas não consigo parar de lembrar de como você se regozijava ontem de manhã, vangloriando-se da moleza que foi pegar a amostra do sudário e de como você imaginou que aquilo fosse o prenúncio das coisas que viriam a partir do tratamento do Butler. Você quer retirar tudo isso?

— Talvez eu tenha sido um pouco precipitado — admitiu Daniel. — No entanto, as coisas acabaram bem. Nós certamente vamos perder um ou dois dias, mas fora isso as coisas vão correr bem a partir de agora.

— É o que eu espero — disse Stephanie. Ela pendurou a bolsa tiracolo. — Vamos entrar e nos informar sobre as conexões para Londres. Esse vai ser o primeiro teste.

Eles entraram no terminal e observaram a oferta de voos disponíveis num painel eletrônico gigantesco. Quase que simultaneamente, seus olhos avistaram um voo direto para Londres, da British Airways, marcado para as três e cinquenta da tarde.

— Viu o que eu estava dizendo — disse Daniel, contente. — Nada podia ser mais conveniente.

14

15h55, quinta-feira, 28 de fevereiro de 2002

Puta merda! — gritou Daniel. — Que diabos você está fazendo? Você vai nos matar.

Daniel estava forçando o cinto de segurança ao colocar a mão na parte de trás do banco dianteiro do táxi, que por acaso era um Cadillac, modelo clássico, preto. Daniel e Stephanie tinham acabado de chegar na ilha de New Providence, nas Bahamas. O controle de passaportes e a alfândega tinham sido meras formalidades, visto que eles não tinham bagagem. O pouco de roupas e artigos de toalete que compraram, na estada forçada de trinta e seis horas em Londres, tinha sido convenientemente acomodado em uma mochila. Eles tinham sido os primeiros os passageiros de seu voo a saírem do terminal e pegaram o primeiro táxi da fila.

— Meu Deus! — gemeu Daniel, enquanto um carro passava por eles em alta velocidade pela direita. Sua cabeça girou para trás para acompanhar o carro desaparecendo no horizonte.

Alarmado com a explosão, o motorista do táxi observou seus passageiros pelo espelho retrovisor.

— Ei cara! Qual é o problema? — perguntou ele, nervoso.

Temendo o tráfego que vinha pela frente, Daniel girou a cabeça de volta para que pudesse ver os carros vindo de frente. Seu rosto

estava pálido. O carro pelo qual tinham passado era o primeiro que eles encontravam na estreita estrada de mão dupla que levava ao aeroporto. Como sempre, Daniel estava olhando nervosamente pelo vidro dianteiro e viu um carro vindo no sentido contrário. Daniel foi ficando cada vez mais rígido enquanto o motorista, que vinha entabulando um monólogo de boas-vindas como se fosse membro da Câmara de Comércio da ilha, começou a desviar para a esquerda. Daniel presumiu que o motorista fosse notar seu erro e desviar para a direita. Mas ele não fez nada. No momento em que presumiu que seria tarde demais para que mudassem para a pista da direita a fim de evitar um acidente, ele gritou desesperado.

— Daniel, acalme-se! — confortou Stephanie. Ela botou uma mão apaziguadora sobre a coxa retesada dele. — Está tudo bem. É evidente que eles dirigem pela esquerda aqui em Nassau.

— Por que diabos você não me avisou? — exigiu Daniel.

— Eu não sabia, pelo menos até o momento em que passamos pelo carro que vinha em sentido contrário. Mas isso faz sentido. Eles foram uma colônia inglesa durante séculos.

— Então por que o volante fica do lado esquerdo, como nos carros normais?

Stephanie podia ver que Daniel não estava nem um pouco a fim de ser acalmado. Em vez disso, ela mudou de assunto.

— Não consigo parar de pensar na cor do oceano que vimos do avião, quando sobrevoamos as Bahamas. Deve ser porque é raso. Nunca vi aqueles tons de água-marinha tão claros, ou safira tão escuros.

Daniel apenas resmungou. Ele estava preocupado com outro carro que se aproximava. Stephanie passou a prestar atenção na paisagem e abaixou vidro, apesar do ar-condicionado do carro. Em pleno inverno, o suave ar tropical e a exuberância da flora eram surpreendentes, especialmente as encarnadas e resplandecentes buganvílias roxas que pareciam estar crescendo sobre todos os

muros. As pequenas vilas e construções pelas quais eles passavam pareciam lembrar a Nova Inglaterra, salvo por seus vibrantes matizes tropicais que eram realçados pelo sol implacável das Bahamas. As pessoas pelas quais eles passavam, cujos tons de pele variavam do branco pálido ao marrom do mogno, pareciam tranquilas. Mesmo à distância seus sorrisos e risadas eram perceptíveis. Stephanie teve a sensação de estar num lugar feliz e esperava que isso servisse como um bom presságio para o que ela e Daniel estavam para realizar.

Quanto às acomodações, Stephanie não tinha ideia do que esperar, pois isso não havia sido discutido. Daniel fizera todos os preparativos antes da viagem para a Itália, enquanto ela visitava a família e acompanhava a cultura de fibroblastos de Butler. Dentro de três semanas exatas, no dia 22 de março, ela sabia onde eles estariam alojados. Nesta data, quando Ashley Butler chegasse, ela e Daniel se mudariam, com ele, para o enorme hotel Atlantis, aproveitando as reservas feitas pelo senador. Stephanie balançou imperceptivelmente a cabeça ao pensar no que eles teriam de fazer antes de o senador chegar. Ela esperava que tudo estivesse correndo bem com a cultura de tecido em Cambridge. Caso não estivesse, não haveria jeito de cumprirem o prazo de três semanas para fazerem o implante.

Depois de meia hora de viagem, eles começaram a avistar mais hotéis à esquerda, num lugar que o motorista disse chamar-se Cable Beach. As construções neste lugar eram, em sua maioria, grandes e elevadas e, assim, não eram especialmente atraentes para Stephanie. Depois veio a cidade de Nassau propriamente dita, que, com uma grande profusão de carros, caminhões, ônibus, scooters e pedestres, era mais movimentada do que Stephanie esperava. No entanto, apesar da grande atividade, os imponentes bancos e os coloridos edifícios coloniais, mas de aparência oficial, proporcionavam a mesma sensação de alegria geral que Stephanie havia reparado mais

cedo. As pessoas não só pareciam tolerar o fato de estarem presas no tráfego, como aparentavam gostar.

O táxi conduziu-os através de uma ponte alta e arqueada para um belíssimo lugar, a ilha Paradise, que o motorista disse chamar-se ilha dos Porcos nos tempos coloniais. Ele comentou que o primeiro empreiteiro a investir nela, Huntington Hartford, não considerava o nome atrativo. Stephanie e Daniel concordaram. No lado da ponte próximo à ilha, o motorista apontou para um moderno shopping center à direita, e para o gigantesco Atlantis à esquerda.

— Há lojas de roupas no shopping? — perguntou Stephanie. Ela se virou para olhar para trás. As lojas pareciam sofisticadas, o que era algo inesperado.

— Sim, senhora. Mas são bem caras. Se você estiver procurando , roupas típicas da ilha, recomendo que vá à Bay Street, ao centro.

Depois de seguir um pouco para o leste, o táxi virou no rumo norte, seguindo uma longa estradinha sinuosa, cercada por uma vegetação densa e luxuriante. Na entrada havia uma placa avisando: PARTICULAR, THE OCEAN CLUB, SOMENTE PARA HÓSPEDES. O que realmente impressionou Stephanie foi que o hotel só podia ser visto depois que o motorista fizesse a última curva.

— Este lugar parece paradisíaco — comentou ela, enquanto o táxi parava sob a marquise, diante de homens vestindo camisas impecavelmente brancas e bermudas.

— Aparentemente é um dos melhores hotéis — anunciou Daniel.

— Você tá certo, cara — comentou o motorista.

O hotel mostrou-se ainda melhor do que Stephanie podia ter es¬perado. Era composto por edifícios baixos, de dois andares, espalhados ao longo de um belíssimo trecho côncavo de praia, na maior parte escondida por árvores floridas. Daniel reservara uma suíte térrea, que ficava a poucos passos das areias brancas da praia, depois de uma faixa de grama ajardinada. Após guardarem suas

poucas roupas e arrumarem seus artigos de toalete no banheiro de mármore, Daniel virou-se para Stephanie.

— São cinco e meia. O que você acha que devemos fazer?

— Não muito — respondeu Stephanie. — É quase meia-noite pelo nosso horário europeu e eu estou exausta.

— Devemos ligar para a Clínica Wingate e avisá-los que já estamos aqui?

— Acho que não haveria nenhum problema, embora eu não saiba bem por que, já que vamos lá amanhã de manhã. Acho que valeria mais a pena se voltássemos ao saguão e tentássemos alugar um carro. O mais importante para mim é ligar para Peter e ver se ele já está pronto para mandar alguns fibroblastos de Butler, ainda esta noite.

Não há muito o que possamos fazer antes de tê-los em mãos. Depois que ligar para Peter, preciso ligar para a minha mãe. Prometi ligar para ela e dizer onde estamos hospedados, assim que chegássemos em Nassau.

— Vamos precisar de mais roupas — disse Daniel. — Que tal isso? Vou tratar de alugar um carro enquanto você faz as ligações. Depois, nós voltamos até aquele shopping center para ver se achamos alguma loja de roupas decente.

— Por que não alugamos um carro somente? Estou pronta para tomar um banho, comer alguma coisa e cair na cama. Vamos ter tempo para comprar roupas amanhã.

— Acho que você tem razão — admitiu Daniel. — Minha ansiedade por ter finalmente chegado a Nassau me reavivou, mas eu também estou exausto.

Tão logo Daniel saiu do quarto, Stephanie sentou-se na escrivaninha. Ficou surpresa e contente ao ver que seu telefone celular estava com um sinal razoável. Como havia dito a Daniel, fez a primeira chamada para Peter, que ainda estava no laboratório, como ela suspeitava.

— A cultura do John Smith está indo bem — disse Peter, respondendo à pergunta de Stephanie. — Estou preparado há dias para enviar uma parte do material preservado em criogênio. Esperava falar com você ontem, terça-feira.

— Um pequeno contratempo nos reteve — disse Stephanie, vagamente. Ela deu um sorriso amargo ao pensar no quanto estava omitindo, considerando que eles tiveram que fugir da Itália de carro para evitar a prisão, deixando a bagagem para trás.

— Você está preparada para recebê-la?

— Sem dúvida — disse Stephanie. — Ponha junto na embalagem os reagentes usuais do HTSR, a coleção de sondas de DNA dopaminérgicas e os fatores de crescimento que deixei separados. Pensei numa outra coisa: inclua os vetores responsivos à ecdisona junto com o estimulador de tirosina hidroxilase que usamos nas nos¬sas experiências recentes com ratos.

— Meu Deus! — exclamou Peter. — Que diabos vocês estão fazendo aí?

— Nem queira saber — disse Stephanie. — Quais as chances de você enviar toda essa mercadoria esta noite?

— Não vejo problemas. No pior caso, vou ter que dirigir até o Aeroporto Logan, mas isso não será problema. Para onde você quer que eu envie?

Stephanie pensou por um momento. Sua primeira ideia foi pedir que fosse enviada para o hotel, mas depois ela pensou que seria mais sábio reduzir o número de viagens e também poder guardá-los num congelador de nitrogênio líquido, que ela presumiu que a Clínica Wingate devia ter. Pedindo a Peter para aguardar na linha, ela usou o telefone do quarto para contatar a recepção e pegar o endereço da Wingate na ilha. Ficava na Windsor Field Road, n° 1.200. Ela repassou-o então para Peter, junto com o telefone da clínica.

— Vou despachar pelo FedEx esta noite — prometeu Peter. — Quando vocês estarão de volta?

— Acho que daqui a um mês, talvez um pouco menos.

— Boa sorte no que quer que vocês estejam fazendo!

— Obrigada. Vamos precisar.

Stephanie olhou para o oceano rosa-prateado e para as pequenas marolas. Um aglomerado de nuvens chuvosas alinhava-se no horizonte. Cada uma delas estava marcada por uma pincelada rosa-púrpura dada pelo sol que se punha à esquerda. As portas de correr de vidro estavam abertas e uma brisa suave perfumada por alguma flor exótica acariciava o seu rosto. O panorama e o clima eram luxuriantes, servindo como um bálsamo depois de três dias de viagens e intrigas. Ela conseguia se sentir relaxada naquele ambiente sereno, ajudada pelas boas notícias sobre o progresso da cultura de fibroblastos de Butler. Ela estava conseguindo abstrair a preocupação que a incomodava desde que saíra de viagem. Assim, o otimismo de Daniel em relação à operação Butler talvez pudesse ser considerado razoável, apesar da sua intuição dizer o contrário e dos problemas que enfrentaram em Turim.

Escureceu rapidamente assim que o sol se pôs. Tochas acesas ao longo da praia bruxuleavam na brisa. Stephanie pegou o telefone celular novamente e teclou o número de seus pais. Ela queria que sua mãe soubesse o nome do hotel, o número do quarto e do telefone para a eventualidade de sua saúde dar uma guinada para pior. Assim que a ligação foi completada, Stephanie se viu torcendo para que seu pai não atendesse. Era sempre uma experiência desagradável tentar conversar com ele. Ela ficou contente quando ouviu a voz suave de sua mãe.

Embora Tony não tivesse nenhum motivo para achar que a irmã cabeça-dura fosse deixar de dar prosseguimento à ameaça de ir se divertir nas Bahamas, enquanto a companhia dela afundava, ele andou alimentando a esperança de que ela fosse ver a luz depois do que ele lhe dissera, cancelando a viagem e fazendo o que tivesse que ser feito para reverter as coisas. Mas não foi o caso, como o

telefonema para a mãe deles tinha provado. A vagabunda e o namorado esquisitão estavam em Nassau, hospedados em algum hotel para ricos, de frente para o mar. Era revoltante.

Tony perdeu a cabeça com a petulância dela. Desde que entrara em Harvard, ela zombava dele sempre que aparecia, o que era tolerado somente pelo fato de ela ser sua irmã caçula. Mas agora ela tinha ido longe demais, especialmente se fosse considerado que o CDF metido a acadêmico com quem ela estava envolvida. Cem mil era bastante dinheiro em qualquer contexto, isso sem considerar a parte dos Castigliano. Nada naquela situação estava certo, disso ele não tinha dúvida, mas, mesmo assim, ela ainda era a sua irmã caçula, portanto as coisas não estavam tão claras como deveriam.

O Cadillac grande chegou esmagando o cascalho e parou em frente à Materiais de Construção Irmãos Castigliano. Tony apagou os faróis e desligou o motor. Mas não saiu do carro imediatamente. Em vez disso, permaneceu sentado para se acalmar. Ele podia apenas ter ligado e passado a informação para Sal ou Louie pelo telefone. Mas como sua irmã estava envolvida, ele tinha que saber o que eles estavam planejando. Tony sabia que os irmãos estavam tão putos quanto ele, mas não tinham nenhum membro da família envolvido, complicando as coisas. Ele não se importava com o que eles fariam com namorado dela. Porra, ele mesmo não teria problemas em discipliná-lo. Mas sua irmã era uma coisa totalmente diferente. Se fosse para discipliná-la, Tony queria ser o próprio responsável.

Tony abriu a porta e ficou atordoado com o cheiro pútrido do pântano de águas salgadas. Ele não conseguia entender como alguém podia se instalar num lugar que cheirava a ovo podre toda vez que o tempo mudava de direção. Era uma noite sem lua e Tony andou cuidadosamente. Ele não queria tropeçar numa pia detonada ou qualquer outra espécie de detrito.

Como já era tarde, a loja estava fechada, como informava uma placa na porta. Mas a porta estava destrancada. Gaetano estava atrás da caixa registradora somando a féria do dia. Havia uma caneta com tampa amarela encaixada atrás de sua orelha, surpreendentemente pequena, que ficava ainda menor devido ao contraste com seu cabeção.

— Sal e Louie? — perguntou Tony.

Gaetano fez um gesto com a cabeça para trás sem interromper o que estava fazendo. Tony encontrou os gêmeos sentados em suas respectivas mesas. Depois de trocarem tapinhas de cumprimento e as saudações habituais, Tony sentou-se no sofá. Os gêmeos o encararam com expectativa. A única luz no ambiente vinha dos pequenos abajures sobre as mesas, que enfatizava os rostos cadavéricos dos gêmeos. Da perspectiva de onde Tony estava sentado, suas órbitas oculares eram meros buracos negros.

— Bem, eles estão em Nassau — começou Tony. — Eu esperava poder vir aqui e contar algo completamente diferente, mas não é o caso. Eles acabaram de se hospedar em um hotel metido a besta, chamado Ocean Club. Estão na suíte 108. Consegui até o número do telefone.

Tony inclinou-se e colocou um pequeno pedaço de papel sobre a mesa de Louie, que ficava mais próxima do sofá do que a de Sal.

A porta foi aberta e a cabeça de Gaetano surgiu.

— Vocês querem que eu participe ou não?

— Sim — disse Louie, enquanto apanhava o pedaço de papel e dava uma olhada nele.

Gaetano entrou na sala e fechou a porta.

— Alguma mudança em relação às perspectivas da empresa? — perguntou Sal.

— Não que eu saiba — disse Tony. — Se houvesse alguma, meu contador teria me dito.

— Parece que esse bundão está gozando com a nossa cara — disse Louie. Ele riu desanimado. — Nassau! Ainda não consigo acreditar nisso. É como se ele estivesse pedindo para levar uma surra.

— É o que vocês vão fazer? — perguntou Tony.

Louie olhou para o irmão.

— Queremos que ele sente o traseiro dele aqui e salve a empresa e o nosso investimento. Não é mesmo, mano?

— É isso mesmo — disse Sal. — Vamos fazer com que ele saiba com quem está lidando e que nós queremos nosso investimento de volta. Ele não só deve sentar o traseiro aqui, como tem de ficar com uma ideia clara de quais serão as consequências caso ele nos ignore ou ache que vai poder se esconder atrás de um pedido de falência ou de qualquer outra trapaça jurídica. Ele precisa ser muito bem disciplinado!

— E quanto à minha irmã? — perguntou Tony. — Ela não é nenhuma santa nessa história, mas se ela também vai ser disciplinada, quero ser eu o disciplinador.

— Não há problema — disse Louie. Ele jogou o pedaço de papel com o número do telefone sobre a mesa. — Como eu disse no domingo, nosso problema não é com ela.

— Você está pronto para ir para Nassau, Gaetano? — perguntou Sal.

— Posso ir amanhã bem cedo — disse Gaetano. — Mas o que devo fazer depois de dar o recado? Devo permanecer por lá ou o quê? O que acontece se ele não entender o recado?

— É bom que você se esforce bastante para que ele entenda o recado — disse Sal. — Não quero que tenha a impressão errada de que isto sejam férias pagas. Além disso, precisamos de você aqui. Depois que der o recado, você pica a mula para Boston.

— Gaetano tem razão — disse Tony. — O que vocês vão fazer se o filho-da-puta ignorar o recado?

Sal olhou para o irmão. Ficou claro que ambos tinham pensado a mesma coisa quando balançaram a cabeça simultaneamente. Sal olhou para Tony.

— Se esse bundão desaparecer, sua irmã vai ter condições de dirigir a empresa?

Tony deu de ombros.

— Como eu poderia saber?

— Ela é sua irmã — disse Sal. — Ela não é doutora?

— Ela tem um doutorado por Harvard — disse Tony. — Grande coisa! Isso só serviu para torná-la insuportável, achando-se superior e poderosa. E até onde sei, ela só aprendeu toneladas de coisas sobre germes, genes e essas merdas, mas não como dirigir uma empresa.

— Bem, o bundão também tem um doutorado — disse Louie. — O que me faz achar que a empresa não poderia estar muito pior caso sua irmã estivesse no comando.

— Você está insinuando o quê? — perguntou Tony.

— Ei, por acaso estou falando latim aqui? — perguntou Louie.

— É claro que não — acrescentou Sal.

— Veja bem — disse Louie —, se o chefe da empresa não entender o recado, que será transmitido de forma clara pelo Gaetano, nós o eliminamos. Simples assim. Fim da linha para o professor. Pelo menos, isso deverá servir como um recado bem direto para que sua irmã se emende.

— Você está certo — disse Tony.

— Você concorda com isso, Gaetano? — perguntou Sal.

— Sem dúvida — respondeu Gaetano. — Mas estou confuso. Vocês querem ou não querem que eu fique lá até termos certeza de qual será a reação dele depois de um duro tratamento disciplinar?

— Pela última vez — disse Sal, em tom de ameaça. — Você vai dar o recado e voltar para cá. Se as coisas correrem bem e os horários dos voos forem compatíveis, você pode resolver tudo em um dia. De outro modo, você dorme lá. Mas nós queremos você de volta o mais

rápido possível, porque há várias coisas acontecendo por aqui. Se ele tiver que ser eliminado, você volta lá. Entendeu?

— Tenho uma sugestão — disse Tony. — Já que o retorno de Gaetano não pode ser descartado, acho que o hotel não é um lugar adequado para ele fazer o que deve ser feito. Se o professor mostrar-se pouco cooperativo, vamos ter de evitar que ele fuja, algo que pode ocorrer caso o hotel não lhe pareça seguro. Somente nas Bahamas existem centenas de ilhas.

— Você tem razão — disse Sal. — Não queremos que ele desapareça, não com o nosso dinheiro na reta.

— Então talvez seja melhor eu ficar por lá, mantendo os olhos nele — sugeriu Gaetano, esperançoso.

— Você me obriga a ser repetitivo, seu idiota. — Sal deu um tapa na mesa e olhou feio para Gaetano. — Pela última vez: você não está indo para o sul de férias. Você está indo resolver um negócio e vai voltar para cá imediatamente. O problema que temos com o professor não é o único.

— Tá bem, tá bem! — disse Gaetano, fazendo um gesto de alguém que estivesse rendendo-se. — Minha reunião com o cara não vai ser no hotel. Vou usar o hotel somente para espioná-lo, o que significa que precisarei de fotos.

— Eu pensei nisso — disse Tony. Ele enfiou a mão no bolso de casaco e tirou várias fotos. —Estas fotos dos pombinhos foram tiradas no último Natal. — Ele entregou-as para Gaetano, que já estava de pé junto à porta.

Gaetano olhou as fotografias.

— Elas servem? — perguntou Louie.

— Elas não estão nada mal — respondeu Gaetano. Depois, olhando para Tony, acrescentou: — Tenho que admitir que sua irmã é um pedaço.

— É, mas é melhor esquecê-la — disse Tony. — Ela não está no pacote.

— Que pena — disse Gaetano, com um sorriso de canastrão.

— Outra coisa — disse Tony. — Com toda essa paranóia nos aeroportos, não acho aconselhável despachar uma arma nem mesmo na bagagem. Se Gaetano for precisar de uma, é melhor conseguir uma na própria ilha, através de contatos em Miami. Vocês têm contatos em Miami, não têm?

— Sem dúvida — disse Sal. — Essa é outra ideia boa.

— Acho que isso é tudo — disse Tony. Ele apagou o cigarro no cinzeiro e levantou-se.

15

9h15, sexta-feira, primeiro de março de 2002

Foi uma longa, agradável e rejuvenescedora manhã. Com seus ciclos circadianos revirados, graças à curta viagem europeia, Stephanie e Daniel acordaram bem antes do sol brilhar a leste do horizonte. Não conseguindo voltar a dormir, eles se levantaram e fizeram um prolongado passeio pelas dependências do hotel e ao longo de uma Cabbage Beach deserta, enquanto o dia nos trópicos raiava sem nuvens. De volta ao hotel, eles foram os primeiros hóspedes a aparecerem para o café da manhã, onde permaneceram por um bom tempo discutindo o plano para criação das células de tratamento para Butler. Faltando somente três semanas para sua aguardada chegada, eles tinham consciência que lutavam contra uma significativa escassez de tempo e estavam ansiosos para começar logo, embora reconhecessem que pouco podiam fazer enquanto o pacote despachado por Peter não chegasse. Às oito horas, telefonaram para a Clínica Wingate e avisaram à recepcionista que estavam em Nassau e que chegariam na clínica por volta das nove e quinze. Ela disse que informaria os doutores.

— A parte ocidental da ilha parece diferente da oriental — observou Daniel, enquanto eles seguiam pela Windsor Field Road. — É muito mais plana.

— Também é bem menos desenvolvida e bem mais árida — acrescentou Stephanie. Eles estavam atravessando um longo trecho cercado por uma floresta semi-árida de pinheiros, com palmitos infiltrados. O céu, de um azul intenso, estava Dontilhado com algumas poucas nuvens brancas.

Daniel tinha insistido em dirigir, o que não incomodou Stephanie até ele sugerir que ela teria mais problemas para dirigir pelo lado esquerdo. O primeiro impulso dela foi contestar o que lhe pareceu um típico comentário machista, mas preferiu deixar passar. A questão não valia uma discussão. Em vez disso, ela sentou-se no banco do carona e se contentou em olhar o mapa. Da mesma forma que ocorrera na fuga da Itália, quando ela foi a navegadora.

Daniel dirigia devagar, o que Stephanie achava mais prudente, levando-se em conta o reflexo exigido para entrar à direita nos cruzamentos e na hora de fazer os contornos. Eles passaram pela costa norte da ilha e repararam mais uma vez nos elevados hotéis, alinhados como sentinelas, ao longo de Cable Beach. Depois de passarem por várias cavernas de calcário esculpidas por mares pré-históricos, eles seguiram para o interior da ilha. Pegando à direita no cruzamento com a Windsor Field Road, eles puderam ver o aeroporto ao longe.

Continuando para oeste, não tiveram dificuldades em achar o desvio para a Clínica Wingate. Ficava no lado esquerdo da estrada e era assinalado por uma placa imensa.

Enquanto se aproximavam, Stephanie inclinou-se para a frente para ver melhor através do para-brisa.

— Minha nossa! Você viu aquela placa?

— Seria difícil não vê-la. É do tamanho de um outdoor.

Daniel fez a curva em direção à estrada recém-pavimentada, cercada de árvores.

— Eles devem ter uma área bem grande — disse Stephanie. Ela endireitou-se. — Eu não consigo ver o prédio.

Depois de várias curvas sob densas copas de sempre-verdes, o sinuoso caminho era abruptamente interrompido por um portão. Uma formidável cerca de metal, com arame farpado no topo, desaparecia pela floresta de pinheiros em ambas as direções. No lado do carro onde estava Stephanie havia uma pequena guarita. Um guarda vestindo uniforme completo, com uma arma na cartucheira, capacete no estilo militar, com visor, e óculos de aviador, saiu da guarita. Ele segurava uma prancheta. Daniel parou o carro enquanto Stephanie abaixava o vidro.

O guarda inclinou-se para olhar para Daniel por sobre o colo de Stephanie.

— Posso ajudar, senhor? — o tom de voz dele era estritamente profissional, desprovido de qualquer emoção.

— Sou a Dra. D'Agostino e ele é o Dr. Lowell. — disse Stephanie. — Viemos para um encontro com o Dr. Wingate.

O guarda verificou a prancheta e tocou com os dedos a ponta de seu capacete, antes de retornar para a guarita. Um momento depois, o portão corrediço abriu-se rapidamente. Daniel seguiu em frente.

Levou mais alguns minutos antes de a clínica poder ser avistada. Aninhado numa paisagem cuidadosamente projetada, entre arbustos e árvores floríferas, destacava-se um complexo pós-moderno de dois andares, em forma de "U". Era composto por três edifícios separados, interligados por corredores com tetos arqueados. Os edifícios eram revestidos em calcário branco e tinham telhas de concreto brancas, cujos frontões triangulares eram rematados com sacadas elegantes, com motivos de conchas, que lembravam um templo da Antiga Grécia. Placas em treliça espalhavam-se entre as janelas envidraçadas, ao longo das laterais de cada estrutura. Na base de todas as placas em treliça, buganvílias multicoloridas começavam sua escalada para o céu.

— Meu Deus! — exclamou Stephanie. — Eu não estava preparada para isso. É lindo. Parece mais um spa do que uma clínica

para tratamento da infertilidade.

O caminho levava a um estacionamento defronte ao edifício principal, cuja entrada era ornamentada com um pórtico sustentado por colunas. As colunas eram atarracadas, com ênfases exageradas e rematadas com capitéis dóricos simples.

— Espero que eles tenham economizado algum dinheiro para os equipamentos de laboratório — comentou Daniel. Ele parou seu

Mercury Marquis no estacionamento, entre vários BMW conversíveis. Nas proximidades, havia duas limusines e seus motoristas uniformizados fumavam e conversavam, encostados nos para-lamas dos veículos.

Daniel e Stephanie saíram do carro e pararam para observar o complexo, que reluzia sob o sol forte caribenho.

— Ouvi dizer que a infertilidade era um negócio lucrativo — comentou Daniel. — Mas nunca imaginei que fosse tanto.

— Nem eu — disse Stephanie. — Mas gostaria de saber o quanto disso não é resultado de eles terem conseguido receber o seguro do incêndio, depois que fugiram de Massachusetts — ela balançou a cabeça. — Não importa de onde o dinheiro tenha vindo, mas com os atuais custos dos tratamentos médicos, opulência e medicina são coisas incompatíveis. Há alguma coisa errada neste cartão-postal e meus temores de me ver envolvida com essa gente estão voltando com força total.

— Vamos deixar nossos preconceitos e nossas virtudes de lado — alertou Daniel. — Não estamos aqui numa cruzada moral. Estamos aqui para tratar de Butler, somente isso.

A grande porta da frente de bronze foi aberta e um homem alto, grisalho e bronzeado apareceu. Estava trajando um longo jaleco branco de médico. Ele acenou e disse "bem-vindos" com a voz alta e cadenciada.

— Pelo menos estamos recebendo saudações personalizadas — disse Daniel. — Vamos! E mantenha suas opiniões para você mesma.

Daniel e Stephanie que se encontravam na frente do carro, começaram a andar em direção à entrada.

— Espero que ele não seja Spencer Wingate — sussurrou Stephanie.

— Por que não? — sussurrou Daniel, de volta.

— Porque ele é suficientemente bonito para ser um médico de telenovela.

— Ah, tinha me esquecido! Você queria que ele fosse baixote, gordo e que tivesse uma verruga no nariz.

— Exatamente.

— Bem, ainda há esperanças que ele seja um fumante inveterado e que tenha mau hálito.

— Ai, cala a boca!

Daniel e Stephanie subiram os três degraus até o pórtico. Enquanto se aproximavam, Spencer estendeu a mão, ao mesmo tempo que mantinha a porta aberta com o pé. Ele se apresentou com um grande floreio de sorrisos e apertos de mão. Em seguida, fez um gesto grandioso para que eles fossem os primeiros a entrar no edifício.

Combinando com o exterior, o interior apresentava um ambiente simples e clássico, com pilastras modestas, molduras e colunas dóricas. O chão era de calcário polido, cuja aridez era atenuada com tapetes orientais espalhados pelo ambiente. As paredes eram pintadas num tom tão claro de verde-lavanda que, à primeira vista, pareciam ser acinzentadas. A mobília em madeira de lei envernizada e os estofados em couro verde-escuro também davam uma aura clássica. Um leve cheiro de tinta fresca permeava o ar que saía do ar-condicionado, como uma lembrança da recente inauguração da clínica. Para Daniel e Stephanie, o frescor seco do ambiente era bem-vindo, comparado com o calor tropical que fazia lá fora, que aumentava cada vez mais desde o amanhecer.

— Esta é nossa maior sala de espera — disse Spencer, enquanto apontava para o espaçoso salão. Dois casais bem-vestidos e relativamente idosos estavam sentados em sofás separados. Eles folheavam nervosamente algumas revistas e deram uma rápida olhada na direção do grupo. A única outra pessoa presente era uma recepcionista, com as unhas pintadas de rosa-claro, que ocupava uma mesa semicircular logo depois da porta.

— É neste edifício que os novos pacientes fazem o check in na clínica — explicou Spencer. — Ele também abriga os escritórios da administração. Temos muito orgulho da clínica e estamos ansiosos para lhes mostrar todo o complexo, embora suspeitemos que vocês estejam mais interessados em nossos laboratórios.

— E no centro cirúrgico — disse Daniel.

— Sim, é claro, o centro cirúrgico. Mas antes, venham até a minha sala para tomar um café e encontrar o pessoal.

Spencer conduziu-os até um espaçoso elevador, embora fossem subir somente um andar. Durante a curta viagem, Spencer perguntou como um anfitrião interessado se o voo deles tinha sido agradável. Stephanie assegurou-o que tinha sido ótimo. No segundo andar, passaram por uma secretária que interrompeu seu trabalho de digitação para sorrir entusiasmada.

A imensa sala de Spencer ficava no canto nordeste do edifício. O aeroporto podia ser visto à leste e uma faixa azul do oceano ao norte.

— Sirvam-se à vontade — disse Spencer, apontando para um serviço de café colocado sobre uma mesa baixa, de mármore, em frente a um sofá em forma de "L". — Vou chamar os dois chefes de departamento.

Daniel e Stephanie ficaram sozinhos por um momento.

— Isto aqui parece o escritório do presidente de uma das quinhentas maiores empresas da Fortune — disse Stephanie. — Tenho que confessar que acho essa opulência toda algo obsceno.

— Vamos refrear nossos juízos de valor até darmos uma olhada no laboratório.

— Você acha que aqueles dois casais lendo revistas lá embaixo são pacientes?

— Não só não tenho a menor ideia, como pouco me importo.

— Eles pareceram um pouco velhos para um tratamento de infertilidade.

— Isso não nos diz respeito.

— Você acha que a Clínica Wingate está engravidando mulheres velhas como aquele especialista polêmico está fazendo na Itália?

Daniel dirigiu um olhar de desespero e de irritação para Stephanie, enquanto Spencer reaparecia. O fundador da clínica trazia a reboque um homem e uma mulher, ambos vestiam-se como ele próprio, com longos e engomadíssimos jalecos brancos. Primeiro, ele apresentou o Dr. Paul Saunders, que era baixo e atarracado, e tinha um pescoço largo que fez Stephanie lembrar-se das colunas que sustentavam o pórtico da portaria do edifício. Em conformidade com seu corpo, tudo mais era arredondado no rosto de Paul, cuja pele era pálida e pastosa. Tudo isso criava um forte contraste com a estatura, elegância, traços angulares e a compleição bronzeada de Spencer. Um emaranhado de cabelos negros, com uma mecha branca, completavam a imagem excêntrica de Paul, atenuando sua palidez.

Enquanto apertava energicamente a mão de Daniel, Paul sorria largamente, revelando dentes amarelados e excessivamente separados.

— Bem-vindos à Wingate — disse ele. — Temos a honra de recebê-los aqui. Não tenho palavras para expressar o quanto estou animado com a nossa colaboração.

Stephanie sorriu desanimada quando ele dirigiu a atenção para ela e apertou sua mão. Estava impressionada com os olhos de Paul. Devido ao nariz de base larga, seus olhos pareciam mais juntos do

que o normal. Além disso, ela nunca tinha visto alguém com íris de cores diferentes.

— Paul é o nosso chefe de pesquisas — anunciou Spencer, dando um tapinha no ombro de Paul. — Ele está ansioso para recebê-los no laboratório e, devo acrescentar, não só poder ajudá-los, como aprender algumas coisas. — Spencer, em seguida, botou o braço sobre os ombros da mulher, que era quase tão alta quanto ele. — E esta é a Dra. Sheila Donaldson, chefe dos serviços clínicos. Ela fará os preparativos para que vocês possam usar uma das duas salas de cirurgia e nossa unidade de internação, que, presumo, vai ser muito útil.

— Eu não sabia que vocês tinham uma unidade de internação.

— Nossa clínica presta atendimento integral e é totalmente auto-suficiente — disse Spencer, com orgulho. — Entretanto, no caso de o paciente vir a precisar de um período longo de internação, algo que não vamos querer, nós o enviaremos para o Hospital Doctors, na cidade. Nossa unidade de internação é mais adequada para um pernoite ocasional, o que deve servir admiravelmente para as necessidades de vocês.

Stephanie transferiu sua atenção de Paul Saunders para Sheila Donaldson. Ela tinha um rosto acanhado emoldurado por cabelos castanhos escorridos. Comparada à exuberância dos homens, ela parecia reservada, quase tímida. Stephanie teve a sensação que ela evitara olhar diretamente para os seus olhos quando as duas apertaram as mãos.

— Pessoal, vocês não querem café? — perguntou Spencer. Daniel e Stephanie recusaram, balançando as cabeças.

— Acho que nós já esgotamos nossa cota de café — explicou Daniel. — Ainda estamos no horário europeu. Estamos de pé desde que amanheceu.

— Europa? — perguntou Paul, entusiasmado. — A viagem à Europa teve algo a ver com o Sudário de Turim?

— Na verdade, teve — respondeu Daniel.

— Estou certo de que a viagem foi um sucesso — disse Paul, dando uma piscada conspiratória.

— Foi desgastante, mas tivemos sucesso — comentou Daniel.

— Nós... — ele fez uma pausa como se estivesse pensando no que dizer.

Stephanie prendeu a respiração. Ela esperava que Daniel não fosse contar as experiências de Turim. Ela realmente queria manter distância dessas pessoas. A viagem deles era algo muito pessoal para que Daniel dividisse com outras pessoas e, caso fizesse isso, ele estaria cruzando uma fronteira que ela não queria atravessar.

— Conseguimos um pedaço do sudário manchado de sangue — disse Daniel. — Na verdade, eu o tenho comigo neste momento. Gostaria de colocá-lo em solução-tampão salina para estabilizar os fragmentos de DNA, e queria fazer isso o quanto antes.

— Parece-me ótimo — disse Paul. — Vamos direto para o laboratório.

— Não há motivos para que a visita guiada não comece por lá — disse Spencer, concordando.

Com uma sensação de alívio pelo fato de a distância ter sido mantida, Stephanie soltou o ar e relaxou um pouco, enquanto o grupo saía da sala de Spencer.

Ao chegarem no elevador, Sheila desculpou-se dizendo que tinha alguns pacientes agendados e que tinha que acertar algumas coisas. Ela, então, deixou o grupo e desceu de escada.

O laboratório ficava à esquerda do edifício central. Chegava-se a ele atravessando um dos graciosos corredores com cobertura curvada.

— Nós projetamos a clínica com três edifícios separados para que sejamos obrigados a vir para o exterior, mesmo que trabalhemos o tempo todo — explicou Paul. — Faz bem para a alma.

— Eu saio um pouco mais do que Paul — acrescentou Spencer com uma risada. — Como vocês podem reparar pelo meu bronzeado. Não sou tão trabalhador quanto ele.

— O laboratório ocupa o edifício inteiro? — perguntou Daniel, ao passar pela porta que Spencer mantinha aberta.

— Não inteiramente — explicou Paul, enquanto avançava até um porta-revistas do qual tirou uma, com capa reluzente. O grupo tinha entrado numa sala que parecia uma combinação de sala de estar com biblioteca. Estantes alinhavam-se nas paredes. — Esta é nossa sala de leituras, e tenho aqui para você uma cópia do último número do nosso Jornal de Tecnologia Reprodutiva do Século XXI. — Ele entregou a publicação para Daniel com orgulho. — Há alguns artigos que vocês podem achar interessantes.

— Isso é muito gentil da sua parte — saiu-se Daniel. Ele deu uma olhada no conteúdo que constava da capa, antes de repassá-la para Stephanie.

— Este edifício abriga também os alojamentos, além do laboratório — disse Paul. — Isso inclui alguns apartamentos para hóspedes, que, mesmo não sendo luxuosos, são bem confortáveis. Gostaríamos de oferecê-los para que vocês fiquem aqui, caso estejam inclinados a ficar perto do trabalho. Temos também um refeitório que serve três refeições por dia. Ele fica no edifício da clínica, ou seja, é só atravessar o jardim. Dessa forma, vocês só teriam que sair de nossas instalações se quisessem. Muitos dos nossos funcionários moram aqui no complexo e seus apartamentos também ficam neste edifício.

— Muito obrigada pelo convite — rapidamente respondeu Stephanie. — É muito simpático de vocês, mas já estamos confortavelmente instalados na cidade.

— Desculpem-me por perguntar, onde vocês estão hospedados? — perguntou Paul.

— No Ocean Club — disse Stephanie.

— Uma excelente escolha — disse Paul. — Bem, o convite permanece de pé, caso vocês mudem de ideia.

— Acho que não mudaremos — disse Stephanie.

— Vamos voltar à visita — sugeriu Spencer.

— Sem dúvida — disse Paul. Ele fez um gesto para que o grupo seguisse em direção a um par de portas duplas que davam para os fundos do edifício. — Além do laboratório e dos alojamentos, este edifício também aloja alguns equipamentos para diagnósticos, como o nosso tomógrafo PET. Decidimos instalá-lo aqui porque chegamos à conclusão de que precisávamos dele mais para as pesquisas do que para os exames clínicos.

— Eu não sabia que vocês tinha um tomógrafo PET — disse Daniel. Ele olhou para Stephanie com as sobrancelhas arqueadas, demonstrando sua surpresa positiva e para fazer um contraponto ao nítido negativismo dela. Ele sabia que um tomógrafo PET, que utiliza raios gama para examinar as funções fisiológicas, podia ajudar muito caso surgisse algum problema em Butler, depois do tratamento.

— Nós planejamos a Wingate para ter instalações completas, tanto para pesquisas, como para tratamentos clínicos — disse Paul, com orgulho. — Quando estávamos instalando nosso tomógrafo computadorizado e um aparelho de ressonância magnética, decidimos acrescentar também um tomógrafo PET.

— Estou impressionado — admitiu Daniel.

— Eu achei que você fosse ficar — disse Paul. — E como inventor do HTSR, você certamente vai ficar interessado em saber que planejamos ser uma das maiores clínicas especializadas em terapias com células-tronco e no tratamento da infertilidade.

— É uma combinação interessante — disse Daniel vagamente, sem saber ao certo como reagir a essas novas informações. Como muitas outras coisas relativas à Clínica Wingate, a ideia de que eles

estavam pensando em desenvolver terapias com células-tronco era uma surpresa.

— Pareceu-nos uma extensão natural do nosso trabalho — explicou Paul. — Considerando nosso acesso a oócitos humanos e nossa larga experiência com transferência nuclear. A ironia é que pensávamos que isso seria uma atividade paralela, mas desde que abrimos nossas portas, temos trabalhado mais com células-tronco do que com infertilidade.

— Isso é verdade — disse Spencer. — Aqueles pacientes que vocês viram mais cedo, na sala de espera, estão aqui para uma terapia com células-tronco. A divulgação boca a boca dos nossos serviços parece estar se espalhando rapidamente. Não tivemos que fazer nenhuma propaganda.

Os rostos de Daniel e Stephanie refletiam a surpresa consternada de ambos.

— Que tipo de doenças vocês estão tratando? — perguntou Daniel.

Paul riu.

— Todas as possíveis e imagináveis! Muitas pessoas acreditam que as células-tronco são uma promessa de cura para uma série de doenças: de câncer terminal, passando pelas doenças degenerativas, até os problemas relacionados ao envelhecimento. Como não podem se submeter a tratamentos com células-tronco nos Estados Unidos, elas vêm até nós.

— Mas isso é absurdo! — exclamou Stephanie. Ela estava chocada. — Não há protocolos estabelecidos para tratar do que quer que seja com células-tronco.

— Somos os primeiros a reconhecer que estamos abrindo um novo caminho — rebateu Spencer. — É tão experimental quanto o que vocês estão planejando fazer no paciente de vocês.

— Basicamente, estamos nos utilizando da demanda do público para custear as pesquisas necessárias — explicou Paul. — Diabo, isso

é bastante razoável tendo em vista a cautela exagerada do governo americano no que se refere ao financiamento para esse tipo de trabalho, o que torna tudo difícil para vocês, pesquisadores continentais.

— Que tipo de células vocês estão usando? — perguntou Daniel.

— Células-tronco polivalentes — disse Paul.

— Vocês não estão diferenciando as células? — perguntou Daniel, cada vez mais desconfiado, visto que células-tronco não-diferenciadas não são capazes de tratar de nada.

— Não, de jeito nenhum — disse Paul. — É claro que vamos tentar fazer isso no futuro, mas por enquanto fazemos a transferência nuclear, desenvolvemos as células-tronco e as infundimos. Deixamos o organismo do paciente dar-lhes o uso que achar adequado. Tivemos alguns resultados interessantes, embora não com todo mundo, mas isso faz parte da natureza da pesquisa.

— Como você pode chamar o que estão fazendo de pesquisa? — perguntou Stephanie, irritada. — E peço licença para fazer uma diferenciação: não existe paralelo entre o que planejamos fazer e o que vocês estão fazendo.

Daniel segurou o braço de Stephanie e afastou-a de Paul.

— A Dra. D'Agostino está apenas querendo dizer que o nosso tratamento vai ser feito com células diferenciadas.

Stephanie tentou desvencilhar o braço do aperto de Daniel.

— O que estou dizendo é muito mais do que isso — retomou ela. — O que vocês estão dizendo que fazem com células-tronco nada mais é do que puro charlatanismo!

Daniel aumentou a intensidade do aperto no braço de Stephanie.

— Desculpem-nos por um momento — ele disse para Paul e Spencer, cujas expressões eram severas. Ele puxou Stephanie à força para o lado e falou com ela num sussurro irritado. — Que diabos você está fazendo? Está tentando sabotar nosso projeto e fazer com que sejamos expulsos daqui?

— O que você está querendo dizer com isso? — ela sussurrou com a mesma veemência. — Como é que você pode não se sentir ultrajado? Estas pessoas não passam de um bando de curandeiros vendendo poções de feira.

— Cale a boca! — explodiu Daniel. Ele deu uma sacudida em Stephanie. — Tenho que ficar lembrando o tempo todo que viemos aqui para fazer uma coisa, uma única coisa: tratar de Butler! Você não pode controlar-se, pelo amor de Deus? O futuro da CURE e do HTSR está em jogo. Essas pessoas estão longe de serem santas. Sabíamos disso desde o princípio. Este é o motivo pelo qual estamos nas Bahamas e não em Massachusetts. Portanto, não vamos estragar as coisas com indignações despropositadas!

Por um momento Daniel e Stephanie se encararam com olhos inflamados. Finalmente, Stephanie desistiu e virou a cabeça.

— Você está machucando meu braço — disse ela.

— Desculpe-me! — respondeu Daniel. Ele soltou o braço de Stephanie, que imediatamente começou a esfregá-lo. Daniel respirou fundo para manter a raiva sob controle. Ele olhou de volta para Spencer e Paul, que observavam demonstrando curiosidade. Voltando a atenção para Stephanie, ele disse: — Podemos nos concentrar na missão? Podemos aceitar que essas pessoas não têm ética, que são uns idiotas venais e deixar isso passar?

— Suponho que o ditado: "Quem tem telhado de vidro não joga pedra no do vizinho" encaixa-se nesse contexto, se levarmos em consideração os nossos planos. Talvez este seja o motivo pelo qual estou tão incomodada.

— E talvez você esteja certa — disse Daniel. — Mas lembre-se que estamos sendo forçados a cruzar as fronteiras da ética. Aceitando isso, posso contar com você para guardar seus sentimentos em relação à Clínica Wingate e suas atividades para você mesma, pelo menos até estarmos sozinhos?

— Vou me esforçar ao máximo.

— Ótimo — disse Daniel. Ele deu uma nova respirada profunda para tomar forças, antes de reunir-se aos outros. Stephanie seguiu alguns passos atrás.

— Acho que estamos sofrendo um pouco do cansaço da viagem — explicou Daniel a seus anfitriões. — Nós dois estamos um pouco estressados. Além disso, a Dra. D'Agostino tem a tendência de exagerar um pouco quando quer defender um argumento. Intelectualmente falando, ela acredita que células diferenciadas seriam um meio mais eficaz de tirar vantagem das células-tronco.

— Tivemos alguns resultados realmente bons — disse Paul. — Dra. D'Agostino, talvez fosse interessante você examiná-los antes de fazer um julgamento precipitado.

— Seria muito instrutivo — tentou ela.

— Vamos em frente — sugeriu Spencer. — Queremos que vocês vejam o resto da clínica antes do almoço e ainda há muito o que ver.

Num silêncio atordoante, Daniel e Stephanie passaram pelas portas duplas que davam para um laboratório de grandes dimensões. Mais uma vez, ficaram surpresos. O tamanho das instalações combinado com o conjunto de equipamentos, que iam de sequenciadores de DNA a incubadoras comuns de cultura de tecidos, eram muito melhores do que eles tinham imaginado ou esperavam encontrar. A única coisa que faltava era pessoal. Somente uma única técnica podia ser vista num microscópio estereotáctico de dissecação, trabalhando à distância.

— Estamos com falta de pessoal no momento — disse Spencer, como se pudesse ler a mente de seus convidados. — Mas isso logo será corrigido, à medida que o número de pacientes aumentar.

— Vou chamar nosso supervisor de laboratório — disse Paul, antes de desaparecer brevemente numa sala lateral.

— Planejamos estar com força total dentro de seis meses — disse Spencer.

— Quantos técnicos vocês pretendem ter? — perguntou Daniel.

— Cerca de trinta — respondeu Spencer. — Pelo menos este é o número que as nossas projeções sugerem. Mas se a procura pelos tratamentos com células-tronco continuar a aumentar na razão atual, vamos ter de aumentar esse número.

Paul reapareceu segurando a mão de uma mulher frágil, quase emaciada, cujas proeminências ósseas pareciam querer atravessar a pele, principalmente nas maçãs do rosto. Ela tinha cabelos grisalhos, da cor dos pêlos de um rato, e um nariz pontiagudo que parecia um ponto de interrogação, acima de uma boca pequena com lábios finos. Vestia um jaleco de laboratório curto, com as mangas dobradas, sobre um terninho. Paul a trouxe até o grupo e apresentou-a. Seu nome era Megan Finnagan, como estava anunciado no seu crachá de supervisora de laboratório, preso no bolso do paletó.

— Estamos prontos para recebê-los — disse Megan, depois das apresentações. Ela falou suavemente, com sotaque de Boston. Depois, apontou para uma bancada do laboratório próxima. — Preparamos esta área com tudo aquilo que imaginamos que vocês vão precisar. Se necessitarem de alguma coisa mais, é só pedir. A porta da minha sala está sempre aberta.

— O Dr. Lowell precisa de um pequeno frasco de solução-tampão salina — disse Paul. — Ele está com uma amostra de tecido contendo sangue, cujo DNA ele quer conservar.

— Isso não é nenhum problema — disse Megan. Ela pediu à única técnica de laboratório que fosse pegar. À distância, a mulher saiu do microscópio e ocupou-se do pedido.

— Quando vocês gostariam de começar a trabalhar? — perguntou Megan, enquanto Daniel e Stephanie inspecionavam a área do laboratório reservada para eles.

— Assim que for possível — disse Daniel. — E quanto aos oócitos humanos? Eles estarão disponíveis quando precisarmos deles?

— Sem dúvida — disse Paul. — Tudo o que precisamos é que vocês nos avisem com doze horas de antecedência.

— Isso é surpreendente — disse Daniel. — Como é possível? Paul sorriu.

— Segredo profissional. Talvez depois de termos trabalhado juntos, nós possamos compartilhar segredos. Também estou interessado no seu HTSR.

— Isso quer dizer que vocês querem começar hoje? — perguntou Megan.

— Infelizmente, não podemos — disse Daniel. — Temos que receber uma encomenda antes de começar. Por enquanto, o máximo que podemos fazer é colocar a amostra do tecido na solução-tampão salina adequada — ele virou-se para Spencer. — Presumo que nada tenha chegado para nós esta manhã.

— Quando foi enviado? — perguntou Spencer.

— Ontem à noite, de Boston — disse Stephanie.

— Quanto pesava? — perguntou Spencer. — É isso que vai fazer a diferença quando chegar. Nassau, apesar de tudo, é um destino internacional para uma encomenda que venha de Boston. Se for um envelope ou um pacote pequeno, levaria uma noite e pode chegar aqui esta tarde.

— Não era um envelope — disse Stephanie. — Vai ter que ser um pacote grande o bastante para acomodar uma cultura de tecido preservada em criogênio, além de um sortimento de reagentes.

— Então amanhã é o mais cedo que vocês podem esperar — disse Spencer. — Ela terá de passar pela alfândega, o que levará pelo menos um dia a mais.

— É importante colocarmos a cultura do tecido no freezer antes que ela derreta — disse Stephanie.

— Posso telefonar para a alfândega e pedir que eles façam a expedição da encomenda — disse Spencer. — Durante a construção da clínica, no ano passado, tratamos com eles quase que diariamente.

A técnica de laboratório chegou com um frasco fechado de solução-tampão salina. Ela era uma jovem afro-americana de pele clara, com pouco mais de vinte anos, e usava o cabelo cortado bem curto. Um salpicado de sardas dava encanto à base do seu nariz e um impressionante conjunto de piercings com jóias enfeitava suas orelhas.

— Esta é Maureen Jefferson — disse Paul, apresentando-a. — O apelido dela é Mare. Não quero deixá-la embaraçada, mas ela tem um toque mágico quando se trata de micropipetas ou de transferências nucleares. Não é mesmo, Mare?

Mare sorriu recatadamente enquanto entregava a solução-tampão salina para Paul.

— É muita generosidade — disse Stephanie —, mas acho que nós mesmos podemos cuidar da manipulação celular.

Enquanto os outros observavam, Daniel tirou o envelope de celofane lacrado de seu bolso. Com uma tesoura cedida por Megan, ele cortou uma das extremidades. Comprimindo o envelope pelas laterais, ele o abriu. Em seguida, deixou cuidadosamente que o pequeno e avermelhado pedaço de linho envelhecido caísse dentro da solução sem tocar nele. Este flutuou na superfície do fluido. Ele ajeitou a tampa de borracha do frasco e fechou-a bem apertada. Com um lápis, também cedido por Megan, ele marcou no exterior do frasco as iniciais ST.

— Há algum lugar seguro para guardar isso enquanto os componentes sanguíneos passam por um processo de elutriação? — perguntou Daniel.

— O laboratório todo é seguro — disse Paul. — Não há motivo para se preocupar. Temos o nosso próprio, e profissional, departamento de segurança.

— Considere esta clínica como sendo o Forte Knox — disse Spencer.

— Posso trancá-lo em minha sala — sugeriu Megan. — Posso até colocá-lo num pequeno cofre que eu tenho.

— Ficaria grato — disse Daniel. — É insubstituível.

— Não tenha medo — disse Paul. — Estará seguro. Confie em mim! Você se importaria se eu o segurasse por um minuto?

— É claro que não — disse Daniel. Ele entregou o frasco para Paul.

Paul segurou o recipiente no alto, contra a luz que vinha de uma luminária no teto.

— Dá para imaginar? — ele perguntou apertando os olhos para enxergar o pequeno pedaço de tecido vermelho que flutuava na superfície do líquido. — Temos um pouco do DNA de Cristo! Fico com calafrios só de pensar.

— Não vamos ser tão teatrais — disse Spencer.

— Como vocês fizeram para conseguir isto? — perguntou Paul, ignorando o comentário de Spencer.

— Tivemos ajuda nos altos escalões do clero — disse Daniel, vagamente.

— E como vocês a conseguiram? — perguntou Paul, enquanto continuava a olhar para o frasco cheio de fluido, girando-o lentamente.

— Na verdade, nós não conseguimos — disse Daniel. — Foi nosso paciente que a conseguiu.

— Ah, é mesmo? — disse Paul. Ele baixou o frasco e olhou para Spencer. — O paciente de vocês tem ligação com a Igreja Católica?

— Não, que nós saibamos — disse Daniel.

— Mas no mínimo ele deve ter grande influência — sugeriu Spencer.

— Talvez — disse Daniel —, como saberíamos?

— Agora que estiveram na Itália — disse Spencer —, qual a posição de vocês sobre a autenticidade do Sudário de Turim?

— Como falei pelo telefone — disse Daniel, mal conseguindo esconder sua irritação. — Nós não vamos nos envolver na controvérsia sobre o sudário. Vamos somente usá-lo como fonte do DNA que precisamos para o HTSR por insistência do nosso paciente — uma discussão intelectual com aqueles palhaços era a última coisa na qual Daniel queria se meter.

— Bem, estou ansioso para conhecer esse paciente de vocês — disse Paul. — Ele e eu temos uma coisa em comum: acreditamos na autenticidade do Sudário de Turim. — Ele entregou o frasco para Megan. —Vamos ter cuidado redobrado agora! Tenho o pressentimento que esse pequeno petisco vai fazer história.

Megan pegou o frasco e segurou-o com ambas as mãos. Ela se virou para Daniel.

— Quais são seus planos para esta suspensão? — perguntou ela. — Você não vai querer que o linho antigo se dissolva, não é?

— Sem dúvida que não — disse Daniel. — Quero apenas que o pedaço de pano permaneça na solução-tampão salina durante o tempo necessário para fazer com que o DNA linfócito presente tome-se aderente ao fluido. Em vinte e quatro horas ou mais, vou fazer um PCR num pouco do líquido. Eletroforese com alguns controles deverão nos dar uma ideia do que temos. Se acharmos que temos fragmentos de DNA suficientes, e acredito que teremos, vamos amplificá-los para então ver se nossas sondas conseguem recolher o que vamos precisar para o HTSR. É claro que podemos ter de fazer todo o procedimento algumas vezes e ter de sequenciar algumas falhas. De qualquer modo, o pedaço de pano ficará na solução-tampão salina até termos tudo que precisamos.

— Muito bem — disse Megan —, vou colocar o frasco no meu cofre, como sugeri. Amanhã, avise-me quando você vai precisar dele.

— Perfeitamente — disse Daniel.

— Caso tenhamos terminado por aqui, por que não vamos para o edifício onde fica a clínica? — sugeriu Spencer. Ele olhou para o seu relógio. — Queremos que vocês vejam nossas salas de cirurgia e também nossa unidade de internação. Vocês podem conhecer funcionários que trabalham lá, depois podemos lhes mostrar o refeitório. Nós preparamos um almoço em homenagem a vocês, para o qual convidamos o Dr. Rashid Nawaz, o neurocirurgião. Achamos que vocês gostariam de conhecê-lo.

— Nós realmente gostaríamos — comentou Daniel.

Pareceu ter levado uma eternidade, mas finalmente havia chegado a vez de Gaetano na fila da concessionária de aluguel de carros, no Aeroporto Internacional de Nassau. Ele se perguntava por que as pessoas que estavam na sua frente demoravam tanto para alugar a merda de um carro, visto que tudo que elas tinham de fazer era preencher a droga de um formulário. Ele olhou para o seu relógio. Era meio-dia e meia. Tinha chegado há vinte minutos somente, embora tivesse saído do Aeroporto Logan às seis da manhã, antes mesmo que houvesse luz. O problema tinha sido a inexistência de voos diretos para Nassau, o que o obrigou a trocar de avião em Orlando.

Gaetano balançava o corpo musculoso nervosamente. Sal e Louie haviam deixado bem claro que queriam que ele cumprisse a missão ,em um único dia e voltasse imediatamente para Boston. Eles deixaram bem claro que não aceitariam nenhuma desculpa esfarrapada, ainda que, ao mesmo tempo, reconhecessem que o sucesso dependeria de Gaetano encontrar rapidamente o Dr. Daniel Lowell, o que não era certo. Assim, por complacência, eles admitiam que havia algumas variáveis. Gaetano tinha prometido esforçar-se ao máximo, mas não havia a menor possibilidade de realizar o trabalho se ele não chegasse no hotel Ocean Club o mais rápido possível.

O plano era simples. Gaetano iria até o hotel, localizaria o alvo, que dependendo do tempo estaria descansando na praia, disso Louie

e Sal tinham certeza absoluta, o atrairia para fora do hotel por meio de algum ardil inteligente e faria o que tinha de ser feito, ou seja, dar o recado dos chefes e dar-lhe uma surra para que ele levasse a mensagem a sério. Depois, Gaetano correria de volta para o aeroporto e pegaria uma ponte-aérea para Miami, a tempo de pegar o último voo para Boston. Caso isso, por algum motivo, não acontecesse, ele daria prosseguimento a sua missão durante a noite, desde que o professor saísse do hotel, depois dormiria em algum pulgueiro e voltaria no dia seguinte. O único problema com essa última parte do plano é que não havia garantia que o alvo fosse sair do hotel, o que significava que ele teria que deixar tudo para o dia seguinte. Se isto acontecesse, Louie e Sal ficariam furiosos, não importa o que Gaetano dissesse, desse modo ele se sentia entre a cruz e a caldeirinha. O problema reduzia-se ao fato que Gaetano era necessário em Boston. Como seu chefes haviam alertado, muitas coisas estavam acontecendo naqueles dias, com a economia em crise e com muitas pessoas queixando-se que não tinham o dinheiro necessário para pagar seus empréstimos e dívidas de jogo.

Gaetano enxugou as gotas de suor que pontilhavam as pontas de seus cabelos pretos, cortados curtos, e sua testa larga. Ele estava vestindo uma calça caqui cuidadosamente passada, uma camisa florida de mangas curtas e um paletó esporte azul. A ideia era parecer endinheirado, o que faria com que passasse despercebido ao circular pelo Ocean Club. Neste momento, o paletó estava jogado por sobre o ombro e sua calça apresentava grandes manchas de suor, atrás dos joelhos. Com seu volume compacto, ele era sensível ao calor úmido dos trópicos.

Quinze minutos mais tarde, Gaetano encontrava-se num estacionamento, na área externa, que estava quente como o inferno, procurando por um Jeep Cherokee branco. Seja estava com calor antes, agora ele estava fervendo, com manchas triangulares encharcadas de suor debaixo das mangas de sua camisa. Ele levava

uma pequena mala na mão direita, e na esquerda ele segurava os papéis do aluguel do carro e um mapa, que apanhara com o funcionário da locadora. A ideia de ter que dirigir pela esquerda, como o funcionário da locadora tinha explicado, inicialmente paralisou-o, mas agora ele achava que podia dar conta disso, desde que ficasse se lembrando. Para ele, parecia o cúmulo do ridículo dirigirem do lado errado nas Bahamas.

Ele encontrou o carro. Sem demora, entrou e ligou o motor. A prioridade era ligar o ar-condicionado no máximo e redirecionar o vento de todas as saídas de ar na direção dele. Depois de verificar o mapa e deixá-lo aberto no banco, ao seu lado, ele saiu do estacionamento.

Houve algumas conversas sobre a necessidade de se arrumar uma arma, mas a ideia foi abandonada. Antes de mais nada, levaria tempo e, além disso, ele não precisava de uma para lidar com um reles professor. Ele verificou o mapa novamente. A rota era bastante simples, visto que a maioria dos caminhos levava à cidade de Nassau. De lá, ele teria que atravessar uma ponte para a ilha Paradise, onde presumia que seria fácil achar o Ocean Club.

Gaetano riu do destino. Alguns anos antes, quem poderia imaginar que ele estaria dirigindo pelas Bahamas, vestido na maior elegância, sentido-se bem e vivendo a ansiedade de entrar em ação? Um tremor de excitação fez com que os cabelos ficassem arrepiados. Gaetano gostava de violência em todas as suas formas. Era uma espécie de vício que já o pusera muitas vezes em apuros no passado, começando quando cursava o ensino básico, mas especialmente durante o ensino médio. Ele adorava filmes de ação e jogos de compu¬tador violentos, mas gostava mais da coisa real. Graças ao seu tamanho, que ele alcançou bem jovem, e à sua inclinação atlética, ele quase sempre tinha levado a melhor nas brigas em que se metera.

O maior problema ocorreu no ano 2000. Ele e seu irmão mais velho estavam empregados no mesmo ramo de atividades em que

ele trabalhava agora, fazendo segurança ou cobranças. Mas naquela época eles trabalhavam para o crime organizado no Queens, em Nova York, para uma das grandes famílias mafiosas. Surgiu um trabalho para o qual ele e seu irmão Vito foram designados. Eles iam dar uma lição num policial que participava do esquema, mas que não vinha cumprindo o acertado. Era para ser uma coisa simples, mas acabou mal. O policial sacou uma arma escondida e conseguiu ferir Vito gravemente, antes que Gaetano pudesse desarmá-lo. Lamentavelmente, Gaetano perdeu a cabeça. Quando tudo terminou, ele não somente tinha matado o policial, como também sua esposa e o filho adolescente. Ambos tentaram estupidamente intervir, a mulher com uma arma e o garoto com um bastão de beisebol. Todos ficaram furiosos. Nada disso devia ter acontecido, e desencadeou uma forte reação das autoridades de Nova York, como se o policial fosse uma espécie de herói. Gaetano inicialmente achou que seria sacrificado: ou assassinado, ou entregue à polícia numa bandeja de prata. Então, do nada, surgiu a oportunidade de trabalhar para os irmãos Castigliano, que eram parentes distantes da família para a qual os Baresse trabalhavam.

Inicialmente, Gaetano tinha odiado a mudança. Ele detestava Boston, que considerava insignificante quando comparada a Nova York, e detestava trabalhar como funcionário numa loja de materiais de construção, o que considerava uma posição degradante. Mas, aos poucos, ele foi se acostumando.

— Que porra é essa! — soltou Gaetano, quando viu pela primeira vez o mar das Bahamas. Ele nunca tinha visto um azul tão intenso. Como o tráfego aumentava, Gaetano reduziu a velocidade e apreciou o panorama. Ele se adaptou a dirigir pelo lado esquerdo mais facilmente do que imaginava, o que deixava seus olhos livres para passear, e havia muito para ser visto. Ele estava começando a sentir um certo otimismo em relação à tarde até que chegou ao centro de Nassau. Na cidade, ele se viu preso num imenso

engarrafamento, chegando a ficar um bom tempo parado atrás de um ônibus.

Ele olhou para seu relógio. Já passava da uma da tarde. Ele balançou a cabeça, enquanto seu otimismo desaparecia rapidamente. Ele não podia deixar de pensar que as chances de conseguir fazer o que tinha de ser feito e retornar ao aeroporto por volta das quatro e meia, caso quisesse pegar o voo Miami-Boston, ficavam menores a cada minuto que passava.

— Foda-se! — disse Gaetano, com veemência.

Subitamente, ele resolveu que não deixaria o fator tempo estragar seu dia. Ele respirou fundo e olhou pela janela do seu lado. Ele chegou até a sorrir para uma bela mulher negra que tinha sorrido para ele, o que o fez pensar que passar a noite ali poderia ser bem divertido. Ele abaixou o vidro de sua janela, mas a mulher já havia desaparecido. Momentos depois, o ônibus que estava à sua frente andou.

Gaetano conseguiu finalmente atravessar o belo trecho que ligava a ilha de New Providence à ilha Paradise, e logo se viu no estacionamento do Ocean Club, que, pelo aspecto dos carros, devia ser usado mais pelos funcionários do que pelos hóspedes.

Deixando a bagagem e o paletó no banco de trás do Cherokee, Gaetano seguiu para oeste num caminho ladeado de flores e árvores, antes de dobrar para o norte, entre dois edifícios do hotel. O caminho levou-o ao gramado que separava o hotel da praia. Virando para leste, ele andou em direção aos edifícios principais, que abrigavam as áreas comuns e os restaurantes. Ele ficou impressionado com tudo o que viu. Era um lugar lindo.

Um restaurante ao ar livre, com telhado de palha e um bar no centro, ficava situado no alto da íngreme encosta à beira da praia, o que proporcionava uma magnífica vista da costa. À uma e meia, o lugar já estava praticamente lotado, chegando a formar-se uma fila de pessoas que esperavam pacientemente por mesas ou lugares no

bar. Gaetano parou de andar e tirou do bolso as fotos professor e da irmã de Tony. Seus olhos ficaram fixados na irmã de Tony, e ele desejou que o alvo fosse ela. Imaginar as mais variadas formas de dar-lhe um recado violento fez com que ele sorrisse.

Munido de uma renovada imagem mental das pessoas pelas quais procurava, Gaetano deu uma lenta volta em torno do bar e do restaurante. As mesas estavam arrumadas ao redor do bar, que ficava no centro. Todas as mesas e cadeiras do bar estavam ocupadas, em sua maior parte por pessoas vestidas sumariamente. Eram pessoas de todos os tipos, tamanhos e idades que trajavam roupas de banho e saídas de praia.

Gaetano chegou de volta ao ponto de onde começara sem ver ninguém que parecesse com o sujeito ou com a garota. Saindo do restaurante, desceu o lance de escadas que dava num patamar com vários chuveiros ao ar livre, que era passagem obrigatória para se chegar ao lance de escadas que levava à praia. À direita, no pé da escada, ficava a praia particular do hotel, onde podiam se avistar toalhas, guarda-sóis e cadeiras para os hóspedes. Gaetano tirou os sapatos e as meias, além de dobrar as pernas de sua calça, antes de ir andar perto da água, onde pequenas marolas estouravam. Quando botou os pés na água, desejou estar com seu calção de banho. As águas eram cristalinas, rasas e agradavelmente mornas.

Andando pela areia dura e úmida, Gaetano primeiramente perambulou para o leste, enquanto examinava os rostos de todas as pessoas na praia, que não estava especialmente cheia porque a maioria estava almoçando. Quando acabou de observar as pessoas, deu meia-volta e começou a andar para o oeste. Quando não havia mais ninguém nesta direção, ele decidiu que nem o professor, nem a garota estavam na praia. Aquela ideia já deu o que tinha que dar, ele pensou mal-humorado.

Gaetano retomou ao ponto de partida e apanhou seus sapatos. Pegou uma toalha e subiu até o patamar intermediário, onde lavou

os pés. Novamente calçado, subiu os degraus restantes e seguiu pela calçada que cruzava o exuberante gramado, em frente ao prédio principal, em estilo campestre, do hotel. No interior, ele se viu no que parecia ser o saguão de uma grande casa luxuosa. Um pequeno bar no canto, com seis bancos, lembrou-o de que, apesar de tudo, ele estava num hotel. Sem clientes, o barman estava ocupado lustrando os copos.

Utilizando-se de um telefone interno que ficava sobre uma mesa abastecida com papéis de carta do hotel, Gaetano ligou para a telefonista do hotel. Perguntou como devia fazer para ligar para o quarto de um dos hóspedes e teve como resposta que seria um prazer para ela fazer a ligação. Gaetano disse que queria falar com o quarto 108.

Enquanto o telefone tocava, Gaetano serviu-se de uma fruta da tigela que estava sobre a mesa. O telefone tocou dez vezes antes que a telefonista voltasse à linha e perguntasse se ele não queria deixar um recado. Gaetano disse que tentaria mais tarde e desligou.

Naquele instante, Gaetano imaginou a possibilidade de o hotel ter uma piscina. Ele não tinha visto nenhuma onde esperava ter visto, ou seja, no meio do imenso gramado, mas levando em conta que a área do hotel era obviamente grande, Gaetano passou a achar que poderia haver uma. Assim, ele atravessou o saguão e entrou na recepção do hotel. Lá ele perguntou sobre a piscina e recebeu as indicações.

A piscina ficava a leste, distante do oceano, na base de um jardim clássico que, ascendendo em sucessivas camadas, dava num mosteiro medieval. Gaetano ficou impressionado com o cenário, mas decepcionado por ter tido sorte igual à que tivera na praia. O professor e a irmã de Tony não estavam nem na piscina, nem na lanchonete que ficava ao lado. Eles também não estavam na academia de ginástica, nem em uma das muitas quadras de tênis, que ficavam próximas.

— Merda! — resmungou Gaetano. Ficou claro que naquele momento os alvos não estavam no hotel. Olhou seu relógio. Já passava das duas. Ele balançou a cabeça. Em vez de pensar na possibilidade de ter de passar a noite na ilha, ele começou a refletir sobre quantas noites seriam necessárias se as coisas continuassem na velocidade que estavam indo.

Voltando à recepção, Gaetano achou um sofá confortável próximo de outra tigela de frutas e de uma pilha de revistas. Ele se posicionou de forma a ter uma visão livre da portaria do hotel. Resignado em ter que esperar, Gaetano sentou-se numa posição cômoda.

16

14h07, sexta-feira, primeiro de março de 2002

Deixando que Spencer subisse para sua enorme sala, Paul desceu pela escada para o porão do edifício central, logo depois que se despediram dos seus convidados. Paul frequentemente tentava imaginar o que Spencer fazia o dia todo, andando de um lado para o outro naquele espaço imenso, quatro vezes maior que a sala que Paul ocupava nas proximidades e dez vezes mais suntuosa. No entanto, Paul não invejava a situação. Essa tinha sido a única exigência de Spencer durante a construção da clínica nova. Afora ter insistido num espaço privado ridiculamente grande, Spencer praticamente tinha dado carta branca a Paul para montar o laboratório e escolher os equipamentos, algo que para ele era muito mais importante. Além disso, Paul tinha um segundo escritório, que usava bem mais do que aquele localizado no edifício da administração.

Paul assobiava enquanto abria a porta de incêndio do vão da escada do porão. Tinha motivos para estar bem-humorado. Não só estava prevendo um grande aumento de sua legitimidade como pesquisador de células-tronco, por colaborar com um potencial ganhador do Prêmio Nobel, como também, e mais importante ainda, vislumbrava a perspectiva de a clínica receber um significativo, e

providencial, aporte financeiro caído do céu. Como a fênix mitológica, Paul tinha se reerguido novamente das cinzas, e dessa vez era literalmente das cinzas. Menos de um ano antes, ele e os outros dirigentes da clínica tiveram que fugir de Massachusetts, quando os bárbaros, personificados em agentes federais, chegaram aos portões da antiga clínica. Por sorte, Paul tinha antecipado a possibilidade de problemas devido às pesquisas que vinha conduzindo, embora previsse que os problemas fossem vir diretamente do Ministério da Saúde e não do Departamento de Justiça. Por esse motivo ele vinha fazendo planos detalhados para levar a clínica para o exterior, longe dos prejuízos. Durante quase um ano ele desviou fundos pelas costas de Spencer, o que não foi difícil, pois este tinha se aposentado e ido morar na Flórida. Paul usou o dinheiro para comprar terras nas Bahamas, projetar uma clínica nova e começar a construí-la. O inesperado ataque empreendido pelas autoridades, que se seguiu à denúncia feita por duas desagradáveis delatoras, significou apenas que a partida precipitada dele e de suas coortes ocorreu antes do término da construção da nova clínica. Significou também que eles tiveram que ativar um esquema de juízo final planejado anteriormente, incendiando as antigas instalações para eliminar todas as provas.

Para Paul, a ironia era que esse recente renascimento das cinzas podia ser visto como sua segunda recuperação milagrosa. Há apenas sete anos, suas perspectivas pareciam sombrias. Ele tinha perdido os privilégios no hospital em que trabalhava e estava prestes a perder o registro profissional no estado de Illinois, e isso somente dois anos depois de ter terminado sua residência em obstetrícia e ginecologia. Tudo devido a um estúpido e insignificante esquema de cobranças superfaturadas do sistema de saúde estatal, que ele tinha copiado, e depois aperfeiçoado, de alguns colegas. O problema obrigou-o a fugir do estado. Por pura sorte ele foi parar em Massachusetts, onde ganhou uma bolsa de estudos em infertilidade, especialidade que

escolheu para evitar que o Conselho Regional de Medicina de Massachusetts descobrisse seus problemas em Illinois. A maré boa continuou quando um de seus professores calhou de ser Spencer Wingate, que estava pensando em se aposentar. O resto era história.

— Se meus amigos pudessem me ver agora! — murmurou Paul feliz, enquanto seguia pelo corredor central do porão. Pensamentos desse tipo eram seu passatempo preferido. Naturalmente, ele usava o termo amigos livremente, visto que ele não tinha muitos, pois viu-se obrigado a passar a maior parte de sua vida na solidão, depois de ter sido alvo de piadas ao longo dos seus anos de formação. Ele trabalhara duro a vida inteira, no entanto seus esforços eram sempre considerados insuficientes para os padrões da sociedade, salvo para tirar o diploma em medicina. Mas agora, com um laboratório esplendidamente equipado à sua disposição e sem a ameaça de supervisão do Ministério da Saúde, ele tinha certeza que estava fadado a tornar-se o pesquisador em biomedicina do ano, talvez da década... talvez até do século, considerando-se o potencial da Wingate para deter o virtual monopólio das clonagens reprodutiva e terapêutica. Naturalmente, para Paul, a ideia de que ele ia se tornar um pesquisador famoso era a maior ironia de todas. Ele nunca planejara isso, nunca tivera educação adequada para isso e tivera até mesmo o duvidoso privilégio de ter-se formado em último lugar na sua turma da faculdade de medicina. Paul riu silenciosamente, sabendo que na verdade sua atual situação não se devia somente à sorte, mas também à crescente preocupação dos políticos americanos com a questão do aborto, o que os levou a descuidarem dos temas relacionados à infertilidade e às pesquisas para o uso de células-tronco em deficientes físicos. Se isso não tivesse ocorrido, os pesquisadores do continente já teriam alcançado o patamar no qual ele se encontrava agora.

Paul bateu na porta de Kurt Hermann. Kurt era o chefe de segurança da clínica e um dos primeiros funcionários contratados

por Paul. Logo depois que chegou à Clínica Wingate, Paul percebeu o enorme potencial de lucro do tratamento da infertilidade, especialmente se alguém estivesse disposto a ultrapassar os limites éticos e aproveitar-se ao máximo da ausência de supervisão nesse campo. Com isso em mente, Paul entendeu que a segurança seria um aspecto importante. Consequentemente, procurou encontrar a pessoa certa para o trabalho, alguém sem muitos escrúpulos, para o caso de métodos draconianos serem necessários; alguém extremamente chauvinista no sentido não sexista do termo e com bastante experiência. Paul achou isso tudo em Kurt Hermann. O fato de o sujeito ter sido dispensado das Forças Especiais do exército americano em circunstâncias mais que desonrosas — depois de uma série de assassinatos de prostitutas na ilha de Okinawa — não preocupou Paul em nada. Na verdade, ele considerava isso um aspecto positivo.

Ouvindo um "pode entrar", Paul abriu a porta. Kurt tinha projetado seu próprio complexo de salas no porão. A sala principal era uma combinação de escritório com duas mesas e cadeiras, e uma pequena academia de ginástica, com meia dúzia de aparelhos para exercícios. Havia também um tatame para a prática de tae kwon do. E, além disso, uma sala de vídeo, com uma parede repleta de monitores, mostrando imagens captadas por câmaras espalhadas por todo o complexo da clínica. Seguindo um curto corredor interno, havia um quarto e um banheiro. Kurt também tinha um apartamento maior no edifício do laboratório, mas muitas vezes ele permanecia nesta sala vários dias seguidos. Em frente ao quarto, havia uma cela de detenção completa, equipada com uma pia, um vaso sanitário e uma cama de ferro.

O barulho agudo e o som metálico dos halteres chamou a atenção de Paul para a área reservada para os exercícios físicos. Kurt Hermann encontrava-se sentado num aparelho. Ele estava vestido como sempre, com uma camisa preta justa, calças pretas e um par de

tênis esportivos pretos, tudo isso contrastava com seus cabelos aloirados, cortados bem curtos. Certa vez, Paul casualmente perguntou a Kurt por que ele insistia em se vestir de preto num lugar tão quente e ensolarado como as Bahamas. Como resposta, Kurt apenas deu de ombros e arqueou as sobrancelhas. Na maior parte do tempo, ele era um homem de poucas palavras.

— Temos que conversar — disse Paul.

Kurt nada respondeu. Tirou suas munhequeiras de velcro, passou uma toalha pela testa e foi sentar-se em sua mesa. Seu peitoral protuberante e seus tríceps demarcaram o tecido de sua camisa quando ele colocou os braços sobre a superfície da mesa. Uma vez sentado, ele não se mexeu mais. Paul comparava-o a um gato pronto para dar o bote.

Paul pegou uma das cadeiras, posicionou-a em frente a mesa e sentou-se.

— O médico e a namorada chegaram — disse Paul.

— Estou sabendo — respondeu Kurt, secamente. Ele virou o monitor que estava sobre a mesa. A imagem congelada era de Paul e Stephanie aproximando-se da portaria do edifício da administração. Os rostos dos dois apertando os olhos contra o sol da manhã eram perfeitamente visíveis.

— Ótima foto — comentou Paul. — Ajuda muito o fato de a garota ser bem bonita.

Kurt virou o monitor de volta na direção dele, mas não fez nenhum comentário.

— Alguma informação sobre a identidade do paciente desde a última vez que nos falamos? — perguntou Paul.

Kurt balançou a cabeça negativamente.

— Então a nova visita ao apartamento deles em Cambridge e ao escritório não revelaram nada?

Kurt balançou a cabeça.

— Nada!

— Detesto fazer chover no molhado — disse Paul. — Mas temos que saber quem é essa pessoa o mais rápido possível. Quanto mais demorar, menos chances teremos de receber uma compensação máxima. E nós precisamos do dinheiro.

— As coisas ficarão mais fáceis agora que eles estão em Nassau.

— Qual a sua estratégia?

— Quando eles vão começar a trabalhar na clínica?

— Amanhã, desde que recebam uma encomenda que estão esperando.

— Preciso ter acesso aos laptops e telefones celulares deles durante alguns minutos — disse Kurt. — Para conseguir isso eu talvez precise da ajuda dos funcionários do laboratório.

— Ah, é? — indagou Paul. Era difícil Kurt pedir ajuda a quem quer que fosse. —Tudo bem! Vou providenciar a colaboração da Srta. Finnagan. O que você quer que ela faça?

— Quando estiverem trabalhando lá, vou precisar saber onde é que eles vão guardar os computadores e, quem sabe, os celulares, quando forem ao refeitório.

— Bem, isso pode ser fácil — disse Paul. — Megan certamente vai oferecer algum compartimento, que possa ser trancado, para guardarem os pertences pessoais. Por que você quer os telefones celulares deles? O que quero dizer é que entendo você querer os laptops, mas por que os telefones?

— Para verificar a identidade das pessoas que telefonam para eles — disse Kurt. — Não que eu espere descobrir alguma coisa, considerando o quão cuidadosos eles foram até agora. Nem que eu espere achar alguma coisa nos computadores. Isso seria muito fácil. Esses tipos professorais estão longe de serem estúpidos. O que eu realmente quero fazer é inserir um dispositivo nos telefones deles para monitorar as ligações. Isso vai nos dar o que queremos. O problema é que o monitoramento tem que ser feito de perto, num raio de mais ou menos setenta metros, por causa das limitações de

alcance. Uma vez instalados os dispositivos, Bruno ou eu mesmo vamos ter de ficar dentro do raio de alcance.

— Isso vai ser trabalhoso! — exclamou Paul. — Espero que você se lembre que discrição é nossa palavra-chave nesse caso. Não podemos nos expor a nenhuma espécie de escândalo. Caso contrário, o Dr. Wingate vai ficar apoplético.

Kurt respondeu com um de seus característicos movimentos de ombros inescrutáveis.

— Nós soubemos que eles estão hospedados no Ocean Club, na ilha Paradise.

Kurt balançou a cabeça levemente.

— O paciente misterioso pode ser alguém dos altos escalões da Igreja Católica, o que poderia ser ótimo para nós, considerando a posição da igreja no que diz respeito às células-tronco. A manutenção do segredo poderia valer muito dinheiro.

Kurt não se manifestou.

— Bem, é isso — disse Paul. Ele deu um tapa nos joelhos antes de se levantar. — Vou enfatizar que precisamos de um nome.

— Vou descobri-lo — disse Kurt. — Confie em mim!

— O que está acontecendo? — perguntou Daniel, com uma leve irritação na voz. — Você está me dando gelo ou o quê? Você não disse um "ai" desde que saímos da clínica, há vinte minutos.

— Você também não disse muita coisa — respondeu Stephanie. Pensativa, ela estava olhando através do para-brisa e não se deu ao trabalho de virar a cabeça na direção de Daniel.

— Eu disse que estava um lindo dia, quando entramos no carro.

— Uau! — comentou Stephanie, com um tom de escárnio inconfundível. — Que forma estimulante de puxar assunto, levando em conta o que passamos esta manhã.

Daniel dirigiu um olhar rápido e irritado para Stephanie antes de voltar a atenção para a estrada. Eles estavam seguindo pelo litoral

norte da ilha, voltando para o hotel.

— Acho que você não está sendo justa. Na frente de nossos anfitriões você se comportou como uma histérica, o que eu não quero que você faça mais, e agora que estamos sozinhos você perdeu a língua. Você está agindo como se eu tivesse feito algo de errado.

— Tá certo, não consigo entender por que você não ficou indignado com o que está acontecendo na Clínica Wingate.

— Você está falando sobre a suposta terapia com células-tronco deles?

— Até chamar isso de terapia é um erro grosseiro. Trata-se do mais puro e inconfundível estelionato médico. Ele não só está defraudando pessoas desesperadas, tirando dinheiro delas em troca de tratamento inadequado, como está maculando a reputação das células-tronco, porque elas não vão curar coisa nenhuma, salvo nos casos em que funcionarem como um placebo.

— Fiquei indignado — disse Daniel. — Qualquer um ficaria, mas também estou indignado com os políticos que tomam tudo isso possível ao nos obrigar a lidar com essas pessoas.

— E o que você me diz do pretenso segredo profissional da Wingate, que permite que eles forneçam óvulos humanos somente ,doze horas depois de requisitados?

— Tenho que admitir que isto também é eticamente preocupante.

— Preocupante! — repetiu Stephanie, desdenhosa. — É muito mais do que preocupante. Por acaso você viu o artigo sobre oócitos humanos na publicação que ele nos deu? — Ela desenrolou a revista que apertava em sua mão. Ela apontou. — O título do terceiro artigo é "Nossa Vasta Experiência com Maturação In Vitro de Oócitos Fetais Humanos". O que isso sugere?

— Você acha que eles conseguem os oócitos de fetos abortados?

— Com o que ficamos sabendo, isso não seria uma suposição esdrúxula. E você reparou em todas aquelas jovens bahamianas grávidas trabalhando no refeitório? Posso acrescentar que nenhuma

delas tinha algum dos sinais característicos de mulheres casadas. O que você me diz do Paul exaltando a experiência deles com transferências nucleares? Essas pessoas provavelmente estão oferecendo clonagem reprodutiva antes de qualquer outra coisa.

Stephanie respirava fundo, enquanto sacudia a cabeça. Em vez de olhar para Daniel, ela se virou de lado e passou a olhar através da janela lateral. Ela mantinha os braços firmemente cruzados sobre o peito.

— Apenas estar lá falando com aquelas pessoas, não digo nem trabalhar lá, faz-me sentir uma cúmplice.

Eles seguiram em silêncio durante alguns minutos. Daniel voltou a falar quando chegaram na periferia de Nassau, e teve de reduzir a velocidade devido ao tráfego.

— Tudo que você está dizendo é verdadeiro. Mas também é verdade que nós já tínhamos uma bela ideia de como essas pessoas eram antes de chegarmos aqui. Foi você quem fez a pesquisa sobre eles na internet e disse literalmente: "essas pessoas definitivamente não são legais, portanto devemos limitar ao máximo nossa interação com elas". Você se lembra de ter dito isso?

— É claro que me lembro — respondeu Stephanie, irritada. — Foi no restaurante Rialto, em Cambridge, há menos de uma semana — ela suspirou. — Meu Deus! Tanta coisa aconteceu nos últimos seis dias que parece que foi há um ano.

— Mas você compreendeu a mensagem? — insistiu Daniel.

— Acho que sim, mas eu também disse que gostaria de certificar-me de que, ao trabalhar naquela clínica, nós não estaríamos colaborando com eles sem sabermos.

— Correndo o risco de ser ridiculamente redundante, gostaria de dizer que estamos aqui para tratar de Butler e nada mais. Concordamos em fazer isso e vai ser isso o que vamos fazer. Não estamos em uma cruzada moral para desmascarar a Clínica Wingate,

nem agora, nem depois de tratarmos de Butler, porque se o Ministério da Saúde descobrir o que fizemos, vamos ter problemas.

Stephanie virou-se para encarar Daniel.

— Quando concordei inicialmente em tratar de Butler, pensei que a única concessão que faríamos seria em relação ao aspecto ético da experiência. Lamentavelmente, tenho a impressão que estamos descendo a ladeira de uma vez por todas. Do ponto de vista de nossas consciências, estou preocupada para onde isso vai nos levar.

— Você sempre pode ir para casa — disse Daniel. — Você é melhor do que eu no trabalho celular, mas presumo que eu possa me virar.

— Você está falando sério?

— Estou. Você domina bem melhor do que eu a técnica de transferência nuclear.

— Não. Estou perguntando se você se importaria se eu fosse embora.

— Se as concessões éticas que tivermos de fazer forem tomá-la infeliz, relapsa e uma pessoa desagradável de se conviver, então a resposta é: não vou me importar se for embora.

— Você sentiria a minha falta?

— Essa pergunta é uma espécie de pegadinha? Já disse que prefiro que você fique. Comparado a você, parece que tenho dois polegares em cada mão quando trabalho com oócitos e blastócitos sob um microscópio de dissecação.

— Estou me referindo a sentir a minha falta emocionalmente.

— É claro! Pode ter certeza.

— Eu nunca posso ter certeza, especialmente porque você nunca diz muita coisa. Mas não me entenda mal, gostei quando você disse agora e fico feliz por sua boa vontade em deixar que eu vá embora. Significa muito para mim — suspirou Stephanie. — Mas da mesma forma que estou em conflito por ter que trabalhar com esses idiotas, não acho que possa abandoná-lo e deixar que prossiga sozinho. Mas

vou pensar sobre isso. Faz-me sentir melhor saber que tenho uma opção e considero muito esses sentimentos. Afinal, desde o primeiro dia esse negócio todo foi contrário à minha intuição e ao meu melhor julgamento, e a experiência desta manhã não ajudou em nada.

— Estou à par das suas apreensões — disse Daniel. — E por conhecê-las fico ainda mais grato pelo seu apoio. Mas já chega! Sabemos que eles são figuras pavorosas e o que vimos esta manhã apenas confirma isso. Vamos mudar de assunto! O que você achou do neurocirurgião paquistanês?

— O que posso dizer? Gostei do sotaque britânico, mas achei-o um pouco baixo. Por outro lado, ele até que é bonitinho.

— Estou tentando levar a coisa a sério — disse Daniel, com uma certa irritação voltando ao tom de sua voz.

— Bem, estou tentando ser irônica. O que quero dizer é como podemos avaliar um profissional apenas almoçando com ele? Pelo menos ele estudou numa das instituições renomadas de Londres. Mas quem é que pode dizer se ele é um bom cirurgião? Pelo menos ele é bem apessoado. — Stephanie deu de ombros. — O que você acha?

— Acho que ele é excelente e que temos sorte de tê-lo conosco. O fato de ele ter tido experiência fazendo implante de células fetais em casos de doença de Parkinson, quando estava fazendo residência, é algo extraordinariamente útil. O que quero dizer é que ele vai fazer esse mesmo procedimento para nós. O implante das nossas células neuronais dopaminérgicas clonadas será apenas uma repetição, só que agora vai funcionar. Percebi uma verdadeira frustração por parte dele pelo fato de os resultados da pesquisa com células fetais, na qual ele estava envolvido, terem tido resultados tão pobres.

— Ele é um entusiasta! — concordou Stephanie. — Tenho que reconhecer isso, mas não fiquei totalmente convencida se esse empenho todo não foi demonstrado porque ele precisa do trabalho.

Uma coisa que me deixou surpresa foi ele achar que o procedimento vai levar cerca de uma hora somente.

— Eu não fiquei — disse Daniel. — Acertar o aparelho estereotáctico na cabeça é o único passo que leva tempo. A abertura do buraco com a broca e a injeção serão rápidos.

— Presumo então que devemos nos considerar com sorte por tê-lo achado tão facilmente.

Daniel concordou com a cabeça.

— Conheço outra razão por que você ficou tão perturbada esta manhã — disse subitamente Daniel, depois de uma curta pausa na conversa.

— É mesmo? — perguntou Stephanie, sentindo-se novamente tensa depois de ter relaxado um pouco. A última coisa que ela queria ouvir era um novo detalhe perturbador.

— Sua fé na medicina deve ter chegado ao seu ponto mais baixo.

— Do que você está falando?

— Spencer Wingate dificilmente é o sujeito baixote, gordo e verruguento que você esperava, embora, como eu já disse, ele ainda possa ser um fumante inveterado e ter mau hálito.

Stephanie deu uma série de tapas de brincadeira no ombro de Daniel.

— Depois de tudo que eu disse, é bem típico de você lembrar uma coisa dessas.

Também brincando, Daniel fingiu estar aterrorizado e encostou-se contra a janela para escapar dos golpes. Naquele momento, eles estavam parados num sinal bem próximo da ponte que levava à ilha Paradise.

— Agora, Paul Saunders é uma outra história — disse Daniel, endireitando-se. — Sendo assim, talvez sua fé não tenha sofrido um golpe irreversível, porque a aparência dele transforma Spencer num galã de cinema.

— Paul não é tão feio assim — disse Stephanie. — Ele sem dúvida tem um cabelo interessante, com aquela mecha branca impressionante.

— Sei que você tem dificuldade em falar mal das pessoas — disse Daniel. — Não que eu compreenda isso, especialmente nesse caso, tendo em vista o que você sente em relação a esse pessoal, mas pelo menos admita que o sujeito tem um aspecto muito esquisito.

— As pessoas nascem com seus rostos e seus corpos. Elas não os escolhem. Eu diria que Paul Saunders é único. Nunca vi ninguém com as íris de cores diferentes.

— Ele sofre de uma síndrome genética batizada com o nome de alguma pessoa — explicou Daniel. — Se me lembro bem, ela é bastante rara, embora eu não consiga me lembrar do nome. E uma daquelas doenças misteriosas sobre as quais você de vez em quando ouve comentários nos plantões da residência.

— Uma doença hereditária! — comentou Stephanie. — Bem, é exatamente por isso que não gosto de criticar a aparência das pessoas. Essa síndrome leva a algum problema de saúde grave?

— Não me lembro — admitiu Daniel.

O sinal abriu e eles seguiram pela ponte. A vista do porto de Nassau era cativante e nenhum dos dois falou até chegarem do outro lado.

— Ei! — soltou Daniel. Ele deu uma guinada para poder entrar à direita cruzando o tráfego, e parou o carro. — O que você acha de irmos até aquele shopping center para comprar mais algumas roupas? No mínimo precisamos de roupas de banho para podermos ir à praia. Depois que o pacote do FedEx chegar aqui, não vamos ter muitas oportunidades para aproveitar os prazeres de Nassau.

— Vamos passar no hotel antes. Está na hora de ligarmos para o padre Maloney. A essa altura, ele deve estar de volta a Nova York e talvez possa nos dar notícias sobre as nossas bagagens. As roupas

que vamos comprar vão depender de conseguirmos recuperar as nossas coisas ou não.

— Ótima ideia! — disse Daniel. Ele mudou a direção do pisca-pisca e olhou por sobre o ombro, enquanto voltava para a fila de carros que se dirigiam para leste.

Alguns minutos mais tarde, Daniel passou com o carro pelo estacionamento do hotel, seguindo diretamente até a portaria. Porteiros engalanados vieram até as laterais do carro e abriram as duas portas simultaneamente.

— Você não vai parar no estacionamento? — perguntou Stephanie.

— Vamos deixar o carro aqui com os porteiros — disse Daniel. — Vamos tentar falar com o padre Maloney, mas independentemente de conseguirmos falar ou não, quero voltar lá e comprar roupas de banho.

— Por mim, tudo bem — disse Stephanie, enquanto saía do carro. Depois do estresse daquela manhã, ir às compras e depois dar um pulo relaxante na praia parecia um programa maravilhoso.

Como se tivesse tomado uma dose de anfetamina, Gaetano sentiu seu pulso acelerar e os cabelos arrepiarem-se. Finalmente, depois de vários alarmes falsos, as duas pessoas que estavam entrando pela portaria pareciam-se com a dupla que ele procurava. Ele rapidamente tirou a foto que mantinha no bolso de sua camisa florida. Enquanto o casal estava à vista, ele comparou os rostos deles com os da fotografia.

— Bingo — sussurrou ele.

Ele guardou a fotografia e olhou seu relógio. Eram quinze para as três. Ele deu de ombros. Se o professor colaborasse saindo para dar uma longa caminhada ou, melhor ainda, voltasse para a cidade, de onde deviam estar vindo, Gaetano afinal poderia pegar o voo noturno para Boston.

O casal desapareceu de vista à direita de Gaetano, tendo aparentemente atravessado o saguão depois de passarem pelo balcão de registro. Sem querer chamar a atenção demonstrando pressa, Gaetano colocou a revista que estava folheando de volta no lugar, pegou seu paletó, que tinha deixado dobrado sobre o encosto do sofá, sorriu para o barman, que tinha sido simpático o bastante para puxar conversa, o que evitou que a segurança do hotel desconfiasse de alguma coisa, e partiu atrás do casal. Quando chegou lá fora, eles tinham desaparecido de vista.

Gaetano caminhou pela calçada sinuosa que se estendia entre árvores floridas e arbustos altos. Ele não estava preocupado em não conseguir vê-los, pois presumiu que estivessem indo para o quarto, e Gaetano sabia exatamente onde ficava a suíte 108. Enquanto caminhava, ele lamentava as instruções para não confrontar o professor no hotel. Seria bem mais fácil do que ter de esperar o sujeito deixar o local.

Gaetano bateu os olhos em sua presa quando eles estavam entrando no edifício em que ficava o quarto. Ele andou em direção à beira do mar, onde encontrou uma rede estrategicamente localizada, presa entre duas palmeiras. Depois de pendurar seu paletó sobre uma das cordas, ele subiu cautelosamente na rede. Daquele ponto privilegiado ele podia ver se o casal sairia para ir à praia, à piscina ou para alguma das outras atrações do hotel. Não havia mais nada que ele pudesse fazer além de esperar e observar, torcendo para que uma saída do hotel estivesse incluída nos planos deles.

Depois de alguns minutos, os batimentos cardíacos de Gaetano voltaram ao normal, embora ele ainda estivesse excitado, prevendo a iminente atividade. Ele estava mais confortável do que nunca, com a cabeça aboletada sobre um pequeno travesseiro de lona e um dos pés no chão, para balançar a rede suavemente. Por interferência di¬vina, apenas uma pequena fresta de sol passava através das

folhas das palmeiras acima dele. Caso estivesse exposto diretamente ao sol, ele estaria torrando.

Uma mulher usando um biquíni mínimo e com uma saída de praia transparente passou e sorriu. Gaetano acenou em resposta, o que quase o derrubou. Que soubesse, ele jamais estivera numa rede antes e, como ela estava bem esticada entre as duas árvores, achou melhor deitar com o corpo todo.

Gaetano estava prestes a conferir seu relógio quando viu o casal. Em vez de irem na direção da praia, eles pegaram a calçada e seguiram de volta para o saguão. Mais grave ainda, estavam vestidos com as mesmas roupas de mais cedo. Gaetano não quis pensar para não dar azar, mas do jeito que estavam vestidos, eles certamente não iam para a piscina, e talvez fossem sair do hotel novamente.

Na tentativa de sair da rede rapidamente ele virou-a completamente e caiu de cara no chão de forma vergonhosa. Ele lutou atabalhoadamente para ficar de pé, ficando mais envergonhado ainda quando percebeu que duas crianças e a mãe delas tinham testemunhado seu tombo.

Ele espanou as folhas de grama que tinham aderido à parte da frente de suas calças e catou seus óculos de sol. Ficou irritado pelo fato de as crianças estarem rindo à sua custa e pensou em dar-lhes uma lição sobre respeito. Por sorte, a família se retirou, embora um dos pirralhos tivesse olhado para trás, por sobre o ombro, com um sorriso gozador ainda estampado no rosto. Gaetano fez um gesto obsceno. Em seguida, pegou seu paletó e partiu atrás do casal.

Dessa vez, Gaetano teve de correr porque era importante mantê-los à vista. Ele os viu antes que alcançassem o edifício principal e pôde reduzir o passo para uma caminhada. Ele estava resfolegando. Quando entraram no saguão, Gaetano estava bem atrás deles. Ele estava próximo o bastante para avaliar que Stephanie era ainda mais bonita do que na fotografia.

— Por que você não vai pedindo que eles peguem o carro — Stephanie estava dizendo. — Volto num instante. Quero verificar com a recepção se vamos precisar fazer reserva para jantarmos no restaurante Courtyard esta noite.

— Tudo bem — disse Daniel, concordando.

Contendo um sorriso para esconder sua alegria, Gaetano deu meia-volta e saiu do saguão pela mesma porta pela qual entrara.

Andando apressadamente, chegou ao estacionamento e pulou para dentro do Cherokee. Depois de ligar o motor, dirigiu de volta até a entrada do hotel, posicionando o carro de forma que pudesse observar todo o movimento. Exatamente na frente do hotel, havia um Mercury Marquis com o motor ligado. Stephanie surgiu vinda do interior do hotel e entrou pelo lado do carona.

— Gol! — gritou Gaetano, feliz. Ele olhou para o seu relógio. Eram três e quinze. Repentinamente, as coisas pareciam estar entrando nos eixos.

O Mercury Marquis avançou, passando exatamente na frente de Gaetano. Ele abaixou-se rapidamente, mas antes conseguiu memorizar a placa do carro. Em seguida, passou a segui-los.

— O que você achou da minha conversa com o padre Maloney? — perguntou Stephanie.

— Continuo tão confuso em relação a ele quanto estava no dia em que o deixamos em Turim.

— Eu também — concordou Stephanie. — Esperava que ele fosse mais desembaraçado do que na Itália, quando falou sobre intervenção divina e sobre sua condição de simples servo de Deus. Pelo menos parece que conseguiu que nossa bagagem fosse devolvida. Levando em conta que estávamos fugindo e por tudo que sei sobre bagagem perdida, trata-se de uma verdadeira prova de intervenção divina.

— Talvez seja, mas como não temos ideia de quando nossas malas vão chegar, não ajuda muito a curto prazo.

— Bem, vou pensar de forma positiva e achar que vai ser logo, assim vou limitar minhas compras a um biquíni e a alguns itens básicos.

Daniel parou numa faixa reservada a estacionamento para o shopping, bem defronte de uma loja de artigos femininos, que ficava ao lado de um loja para homens. Ambas as vitrines estavam arruma¬das com bom gosto. As roupas pareciam europeias.

— Nada mais conveniente — comentou Daniel, enquanto estacionava o carro. Ele olhou para o seu relógio. — Vamos nos encontrar aqui, dentro de meia hora.

— Por mim, tudo bem — disse Stephanie, enquanto saía do veículo.

Com os batimentos cardíacos voltando para o mesmo nível de antes, quando viu o casal chegando no hotel, Gaetano enfiou o carro numa vaga que lhe possibilitava retornar diretamente para a rua e dali seguir pela ponte para Nassau. Era sempre importante estabelecer uma rota de fuga rápida no seu ramo de negócios. Ele desligou o motor e olhou por sobre o ombro. Observou o casal se separar: o professor indo em direção a uma loja masculina e a irmã de Tony seguindo para uma loja de artigos femininos, ao lado.

Gaetano não podia acreditar na sua sorte. A questão de como lidar com a mulher, enquanto falava de negócios com o professor incomodara-o bastante, visto que havia ordens expressas para deixar a garota fora da ação. Agora ela não seria mais um problema, desde que o professor desse uma oportunidade enquanto estivesse sozinho. Sem saber ao certo quanto tempo o professor ficaria sozinho, Gaetano saltou do Cherokee. Enquanto acelerava o passo para uma corridinha, sua ansiedade chegou ao máximo. Para ele, as manobras necessárias para se aproximar do alvo equivaliam às

carícias preliminares no cumprimento de um ciclo de excitação, enquanto a violência resultante era quase um orgasmo. De fato, para ele a experiência da violência era parecida com sexo, só que melhor.

Foi um alívio para Daniel ficar sozinho, ainda que por apenas trinta minutos. Os queixumes de Stephanie a respeito de sua consciência estavam lhe dando nos nervos. Descobrir que Spencer Wingate e companhia estavam envolvidos em atividades suspeitas não era nenhuma surpresa, especialmente depois das informações que ela obtivera na internet. Ele tinha esperanças que o atual ataque de virtuosidade moral dela não a fizesse perder o panorama global da situação, o que poderia tornar-se um obstáculo. Ele podia seguir sem ela, mas tinha dito a verdade quando admitiu que ela era melhor do que ele no que dizia respeito à manipulação celular.

Daniel não gostava de fazer compras e ao entrar na loja seus planos eram fazer uma rápida visita para poder voltar logo para o carro, sentar e relaxar. Tudo que ele queria comprar eram algumas cuecas, um calção de banho e algumas roupas adequadas para trabalhar, tipo uma calça caqui e camisas de manga curta. Em Londres, Stephanie convencera-o a comprar uma calça, duas camisas sociais e um paletó de tweed, portanto neste campo ele estava bem servido.

Apesar de sua vitrine acanhada, o interior da loja era surpreendentemente amplo, porque tinha profundidade. Logo na entrada havia uma seção espaçosa com artigos para golfe e uma menor com artigos para tênis. A seção de roupas para uso diário ficava mais longe, ao fundo. O ar estava perfumado com os aromas de água de colônia e de tecidos novos. Música clássica saía das muitas caixas de som. O ambiente decididamente lembrava o de um clube, com suas gra¬vuras equestres, bastante mogno avermelhado e carpete verde-escuro. Havia mais meia dúzia de clientes, todos

concentrados na seção de golfe. Cada um deles era auxiliado por um vendedor.

Ninguém veio receber Daniel, o que ele preferia. Vendedores dedicados sempre o deixavam irritado com seus modos condescendentes, como se fossem árbitros da elegância. Quando se tratava de roupas, Daniel era conservador. Vestia-se da mesma forma desde que era estudante universitário. Desacompanhado e sem ser assediado, ele passou pela seção de esportes e seguiu para os fundos da loja.

Sabendo que seria o item mais fácil, Daniel começou a busca pelo calção de banho. Achou a seção adequada e depois o número dele. Depois de mover rapidamente alguns calções numa arara com dúzias, ele escolheu um modelo azul-marinho, de tamanho médio. Pareceu-lhe que cairia bem. Imediatamente ao lado da seção de calções de banho ficava a de roupa de baixo. Ele era o típico sujeito que usava cuecas samba-canção e achou seu tamanho com facilidade.

Decorridos somente alguns minutos, dos trinta que tinha à disposição, Daniel foi para a seção de camisas. Passou pela maioria dos modelos, que tinham estampas de flores e cores tropicais, e foi direto para um mostruário com camisas oxford de mangas curtas. Encontrou seu tamanho e pegou duas azuis. Com o calção, as cuecas e as camisas na mão, ele foi para a seção de calças. Foi igualmente difícil achar calças caqui comuns, mas ele conseguiu, embora não tivesse certeza quanto ao tamanho. Relutantemente, ele pegou algumas, dos mais variados tamanhos, e procurou os provadores. Encontrou-os bem nos fundos da loja, depois das seções de ternos e paletós, que estavam desertas.

Havia quatro provadores dispostos ao longo de uma sala de provas apainelada com mogno. Entrava-se nesta sala de provas através de uma porta de vaivém. Espelhos trípticos decoravam as paredes do fundo. Cada cubículo tinha uma porta forrada que

permanecia aberta. O primeiro provador tinha o dobro do tamanho dos outros três e Daniel dirigiu-se para ele.

No interior, ele encontrou uma única cadeira forrada, vários ganchos para pendurar roupas e um espelho que ia do chão ao teto. Daniel fechou a porta e trancou-a, colocou as mercadorias que tinha escolhido sobre a cadeira e depois pendurou as calças nos ganchos. Depois de tirar os sapatos, ele soltou seu cinto e abaixou as calças. Estava segurando uma das pernas da calça, prestes a puxá-la, quando ouviu o ruído ressonante que precedeu à violenta abertura da porta; esta chocou-se com tal força na parede que a maçaneta atravessou o gesso. O coração de Daniel foi parar na boca, ao mesmo tempo que ele soltava um gemido.

Literalmente pego com as calças na mão, Daniel ficou olhando para o intruso corpulento que fechou a porta, apesar da dobradiça quebrada. O homem, então, andou na direção de um assustado Daniel, que conseguia ver somente um par de olhos azuis metálicos numa cabeça de tamanho desproporcional, encimada por cabelos pretos espetados. Antes que Daniel pudesse reagir, as calças que ele segurava foram arrancadas de sua mão e atiradas para o lado.

No exato momento em que Daniel recuperou a voz para começar a protestar, um punho veio do nada e acertou lateralmente o seu rosto, rompendo vasos capilares de seu nariz e esmagando outros, abaixo da pálpebra direita. Impulsionado para trás, Daniel bateu violentamente contra o espelho antes de cair sentado, com as pernas dobradas debaixo dele. A imagem do agressor balançava diante dele. Apenas parcialmente ciente do que estava acontecendo e sem oferecer resistência, Daniel foi levantado do chão e posto de pé, antes de ser jogado na cadeira em que tinha deixado as roupas que pretendia comprar, onde caiu estatelado. Ele podia sentir o sangue escorrendo de seu nariz e mal conseguia enxergar com seu olho direito.

— Ouça bem, seu merda — grunhiu Gaetano. Ele aproximou a cabeça do rosto de Daniel. — Vou ser curto e grosso. Meus chefes, os irmãos Castigliano, em nome de todos os acionistas da sua empresa de merda, querem que você volte e ponha a sua bunda no trabalho e bote a companhia novamente nos eixos. Você entendeu?

Daniel tentou falar, mas suas cordas vocais não reagiam. Em vez disso, ele concordou com a cabeça.

— Não é um recado difícil de entender — prosseguiu Gaetano.

— Eles acham que é um desrespeito da sua parte estar se divertindo aqui no sol, enquanto os cem mil que investiram estão afundando.

— Estamos tentando... — arriscou Daniel, mas sua voz saiu esganiçada.

— Tá, sei bem que vocês estão tentando — zombou Gaetano.

— Você e sua namorada gostosa. Mas meus chefes não estão achando isso e achariam bem melhor se você estivesse em Boston trabalhando. E independentemente de a empresa ir para o saco ou não, meus chefes vão querer o dinheiro deles de volta, não importa os advogados de luxo que você possa contratar. Você entendeu?

— Sim, mas...

— Sem "mas" nenhum — interrompeu Gaetano. — Estou sendo bem claro. Você tem que me dizer se entendeu! Sim ou não?

— Sim — grasniu Daniel.

— Ótimo — disse Gaetano. — Mas só para me certificar, tenho mais uma coisa em que eu quero que você pense.

Sem aviso, Gaetano atingiu Daniel novamente. Desta vez, foi no lado esquerdo da cabeça, mas, em contraste com o primeiro golpe, Gaetano bateu com a mão aberta. Ainda assim, foi uma pancada suficientemente forte para jogá-lo para fora da cadeira, em direção ao chão, como se ele fosse uma boneca de pano.

O lado esquerdo do rosto de Daniel estava latejando e ele ouvia uma forte campainha ecoando no seu ouvido. Sentiu Gaetano

cutucá-lo com o pé antes de apanhar um tufo de seus cabelos e puxar sua cabeça para fora do tapete. Daniel abriu os olhos. Ele teve de forçar os olhos para conseguir ver seu agressor na contraluz pairando sobre ele.

— Posso ficar certo de que você entendeu o recado? — ordenou Gaetano. — Porque quero que você fique sabendo que eu poderia ter te machucado de verdade. Espero que você entenda isso. Mas no momento não queremos que você fique machucado de verdade a ponto de não conseguir botar a empresa de pé. É claro que isso pode mudar caso eu tenha que voar novamente para cá, vindo de Boston. Você entende minha linha de raciocínio?

— Eu entendi o recado — guinchou Daniel.

Gaetano soltou o cabelo de Daniel e ele caiu de volta sobre o carpete. Daniel manteve os olhos fechados.

— Por enquanto é só — disse Gaetano —, mas espero não ter de visitá-lo novamente.

Momentos depois, Daniel ouviu a porta da cabine ser aberta com um rangido e, em seguida, ser fechada novamente. Tudo estava quieto.

17

15h20, sexta-feira, primeiro de março de 2002

Daniel abriu os olhos depois de ficar deitado, imóvel, durante alguns minutos. Ele estava sozinho na cabine do provador, mas podia ouvir vozes abafadas além da porta. Daniel levantou-se para uma posição sentada e se olhou no espelho. O lado esquerdo do seu rosto estava vermelho como uma beterraba e um filete de sangue escorria de seu nariz, passando pelo canto de sua boca. Seu olho direito, que estava começando a se fechar devido ao inchaço, tinha um tom levemente azulado.

Com todo o cuidado, Daniel tocou o nariz e a maçã do rosto com a ponta do dedo indicador. Tudo estava macio, não havia dor aguda, nem nenhuma protuberância óssea que sugerisse que ele tivesse sofrido alguma fratura. Ele se levantou e, depois de uma breve tonteira, sentiu-se razoavelmente bem, salvo por uma leve dor de cabeça, pelas pernas bambas e por uma sensação difusa de nervosismo, como se tivesse acabado de tomar cinco xícaras de café. Ele segurou sua mão, que tremia horrores. O episódio aterrorizara-o. Ele jamais havia se sentido tão vulnerável em sua vida.

Apesar de um certo desequilíbrio, Daniel conseguiu colocar a calça. Depois, limpou o sangue do rosto com a mão. Durante este processo, reparou que tinha sofrido um corte por dentro da

bochecha. Cuidadosamente, ele explorou a área com a língua. Por sorte, o corte não lhe pareceu grande o suficiente para precisar de pontos.

Em seguida, ele ajeitou os cabelos ralos do topo da cabeça, revolvendo-os com a mão. Ele abriu a porta e saiu do provador.

— Boa tarde — disse, com um forte sotaque britânico, um vendedor afro-bahamiano elegantemente vestido. Ele trajava um terno risca de giz ornamentado com um lenço de seda colorida que parecia ter explodido para fora do bolso de seu paletó. Estava encostado na parede, de braços cruzados, esperando um cliente sair da cabine de provas. Ele olhou para Daniel com um ar de curiosidade, chegando a erguer as sobrancelhas, mas não disse mais nada.

Por temer como sua voz soaria, Daniel apenas balançou a cabeça como resposta, enquanto esboçava um sorriso. Ele seguiu em frente sentindo as pernas instáveis, plenamente consciente do seu tremor. Receava dar a impressão de que estava embriagado. Mas à medida que andava, as coisas foram ficando mais fáceis. Ficou aliviado com o fato de o vendedor não ter feito perguntas. Daniel queria evitar qualquer conversa. Queria apenas sair da loja.

No momento em que chegou à porta que dava para a rua, Daniel sentiu que estava andando normalmente. Ele abriu a porta e botou a cabeça para fora, no calor da tarde ensolarada. Uma rápida olhada em torno da área de estacionamento convenceu-o de que seu musculoso agressor há muito tinha partido. Ele olhou através da vitrine da loja de roupas femininas e viu Stephanie de relance, fazendo compras feliz. Seguro de que ela estava bem, Daniel foi diretamente para o Mercury Marquis.

Uma vez no interior do carro, Daniel abaixou os vidros para permitir que uma brisa circulasse pelo interior do carro para atenuar o calor infernal que aumentara durante o curto período em que ele estivera na loja. Ele suspirou. Era ótimo estar sentado dentro do

ambiente familiar de seu carro alugado. Inclinando o espelho retrovisor em sua direção, ele se auto-examinou mais detalhadamente. Estava especialmente preocupado com seu olho direito, que agora estava praticamente fechado. Ainda assim, ele sabia que a córnea não tinha sido atingida e que não havia sangue na câmara anterior, embora houvesse alguns sinais hemorrágicos na esclerótica. Tendo passado algum tempo em salas de emergência durante sua residência, ele sabia alguma coisa sobre traumas faciais, especialmente sobre um problema chamado fratura repentina do orbital. Para certificar-se de que isso não tinha acontecido, ele fez um teste para ver se estava com visão dupla, particularmente quando olhava para cima e para baixo. Felizmente, não estava. Assim, ele reposicionou o retrovisor e tor¬nou a encostar no banco, esperando Stephanie.

Cerca de quinze minutos depois, Stephanie saiu da loja de roupas femininas carregando várias sacolas de compras. Protegendo os olhos do sol, ela olhou na direção de Daniel. Este reagiu botando a mão para fora e acenando. Ela acenou de volta e veio correndo. Ele observou-a enquanto ela se aproximava. Agora que ele tinha tido alguns minutos para pensar sobre a agressão e sua provável origem, seu estado mental havia passado da ansiedade para a raiva e uma parte significativa desta era direcionada para Stephanie e sua família de malucos. Embora ele não tivesse tido os joelhos esmagados, o modus operandi cheirava a alguma coisa ligada à máfia, o que imediatamente trouxe-lhe a mente o irmão indiciado de Stephanie. Ele não tinha a menor ideia de quem fossem os Castigliano, mas ia descobrir.

Stephanie foi primeiro até a porta traseira, abriu-a e jogou seus pacotes no banco de trás.

— Como você se saiu? — perguntou ela, alegremente. — Tenho que confessar que me saí melhor do que esperava. — Ela bateu a porta de trás e seguiu tagarelando sobre suas compras, enquanto se

dirigia para a porta da frente. Ela fechou a porta e pegou o cinto de segurança antes de olhar para Daniel. Quando olhou, ela interrompeu suas divagações no meio de uma sentença. — Meu Deus! O que aconteceu com o seu olho? — deixou escapar ela.

— Que bom que você reparou — disse Daniel, com desdém. — É óbvio que levei uma surra. Mas antes de entrarmos nos detalhes desagradáveis, tenho uma pergunta a fazer: quem são os irmãos Castigliano?

Stephanie encarou Daniel, percebendo não somente o olho intumescido, mas também o inchaço vermelho na lateral de seu rosto e o sangue ressecado em suas narinas. Ela queria estender o braço e acariciá-lo ternamente, mas refreou a vontade. Podia ver a raiva re¬fletida no único olho visível e ouvi-la no tom da voz dele. Além disso, o nome Castigliano e tudo que ele significava a paralisaram por um momento. Ela olhou para baixo, em direção às suas mãos, pousadas sobre seu colo.

— Há alguma outra informação importante que você não esteja querendo me contar? — prosseguiu Daniel, com o mesmo sarcasmo. — Digo, além do seu irmão ter sido indiciado por extorsão depois que se tornou um investidor. Repito: quem diabos são os Castigliano?

A cabeça de Stephanie estava a mil. A verdade é que ela não tinha compartilhado a novidade que seu irmão tinha repassado metade do investimento dele. Stephanie não tinha desculpas por não ter sido mais franca, especialmente porque as notícias a tinham deixado preocupada porque este segundo lapso fazia-a parecer uma ladra que era apanhada cometendo o mesmo crime pela segunda vez.

— Eu esperava que ao menos pudéssemos conversar um pouco — disse Daniel, quando Stephanie permaneceu em silêncio.

— Nós podemos e vamos — disse Stephanie, repentinamente. Ela olhou para Daniel. Ela nunca se sentira tão culpada em sua vida. Ele

tinha sido machucado, e cabia a ela aceitar sua grande responsabilidade no episódio. — Mas primeiro diga-me se você está bem?

— Diante das circunstâncias, o melhor possível. — Daniel li¬gou o carro e engatou a ré para sair da vaga.

— Vamos a um hospital ou procurar um médico? — perguntou Stephanie.

— Não! Não há necessidade. Vou sobreviver.

— E à polícia?

— Um "não" mais enfático ainda! Ir à polícia poderia desencadear uma investigação e isso poderia atrapalhar nossos planos. — Daniel saiu do estacionamento.

— Talvez tenha sido outro presságio em relação ao caso como um todo. Você tem certeza que não quer desistir dessa busca faustiana?

Daniel virou-se para Stephanie e dirigiu-lhe um olhar irado.

— Não posso acreditar que você tenha coragem até mesmo de sugerir uma coisa dessas. Absolutamente, não! Não vou mudar de ideia e desistir de tudo pelo que lutamos porque um bando de marginais mandou o troglodita deles dar-me um recado.

— Ele falou com você?

— No intervalo entre as pancadas.

— Qual foi exatamente o recado?

— Para citar o capanga, eu supostamente devo colocar minha bunda de volta em Boston, e botar a companhia de volta nos eixos.

— Daniel entrou na estrada e acelerou. — Alguns dos nossos acionistas, ao descobrirem que estamos em Nassau, acharam que viemos para cá de férias.

— Nós estamos voltando para o hotel?

— Tendo em vista que perdi meu entusiasmo pelas compras, quero botar gelo no meu olho.

— Você tem certeza que não quer ir a um médico? Seu olho realmente parece bem mal.

— Provavelmente vai parecer uma surpresa lembrá-la que eu também sou médico.

— Estou falando num médico de verdade, um que pratique a medicina.

— Muito engraçado, mas perdoe-me se eu não der risadas.

Eles seguiram em silêncio durante a curta viagem de volta ao hotel. Daniel parou o carro no estacionamento. Eles saíram do carro. Stephanie apanhou suas sacolas no banco de trás. Ela não sabia ao certo o que dizer.

— Os irmãos Castigliano são conhecidos do meu irmão, Tony — Stephanie finalmente admitiu, enquanto eles caminhavam em direção ao edifício no qual estavam hospedados.

— Por que será que isso não me surpreende?

— Fora isso, não os conheço e jamais estive na presença deles.

Eles abriram a porta da suíte. Stephanie jogou as sacolas de compras para o lado. Do jeito que se sentia culpada, ela não sabia como lidar com a raiva justificável de Daniel.

— Por que você não se senta? — ela propôs solícita. — Vou pegar o gelo.

Daniel deitou-se no sofá que ficava na sala de estar, mas logo se sentou novamente. Deitar fazia com que sua cabeça latejasse. Stephanie voltou com uma toalha na qual tinha embrulhado um punhado de cubos de gelo, recolhidos do balde que ficava na bancada acima do minibar. Ela entregou a bolsa de gelo improvisada para Daniel, que cautelosamente colocou-a sobre o olho inchado.

— Que tal um analgésico? — perguntou Stephanie.

Daniel concordou com a cabeça, e Stephanie pegou vários tabletes além de um copo de água.

Enquanto Daniel tomava o comprimido, Stephanie sentou-se no sofá e cruzou as pernas. Ela então contou a Daniel os detalhes da conversa que tivera com Tony na tarde do dia em que eles viajaram para Turim. Ela concluiu desculpando-se servilmente por não ter

mencionado nada. Ela explicou que com tantas coisas ocorrendo ao mesmo tempo, isso parecera-lhe sem importância.

— Eu ia contar quando voltássemos de Nassau, no momento em que chegasse a segunda rodada de financiamento, porque eu queria considerar os duzentos mil do meu irmão como sendo um empréstimo e devolvê-los com juros. Não quero nem ele, nem nenhum dos sócios dele envolvidos com a CURE no futuro.

— Bem, pelo menos concordamos em alguma coisa.

— Você vai aceitar meu pedido de desculpas?

— Acho que sim — disse Daniel, sem muito entusiasmo. — Então seu irmão avisou sobre as consequências de virmos para cá?

— Avisou — admitiu Stephanie. — Porque eu não pude explicar a ele o motivo da viagem. Mas foi um aviso genérico e seguramente não havia nenhuma ameaça envolvida. Devo lhe dizer que ainda não consigo acreditar que ele está envolvido na agressão que você sofreu.

— Ah, é mesmo? — disse Daniel, sarcasticamente. — Pode começar a acreditar porque ele está envolvido! O que estou querendo dizer é que se seu irmão não tivesse contado, como é que esses Castigliano poderiam saber que estamos em Nassau? Esse animal ter aparecido aqui um dia depois que chegamos não pode ser uma coincidência. Obviamente, depois que você ligou para sua mãe ontem à noite, ela ligou para o seu irmão e ele avisou seus camaradas. E presumo não ter que lembrá-la do quão irritada você ficou quando comentei que lidar com gente ligada à extorsão envolvia o risco de violência?

Stephanie ficou ruborizada ao lembrar-se. Era verdade, ela havia ficado furiosa. Com súbita determinação, ela pegou o telefone celular, abriu o aparelho e começou a teclar os números.

Daniel agarrou o braço dela.

— Para quem você está ligando?

— Para o meu irmão — disse Stephanie, irritada. Ela sentou-se com o telefone no ouvido. Ela apertava os lábios demonstrando clara irritação.

Daniel inclinou-se na direção de Stephanie e pegou o telefone. Apesar de toda a raiva e de sua aparente resolução, Stephanie não esboçou nenhuma resistência. Daniel fechou o telefone e colocou-o sobre a mesa de centro.

— Neste momento, ligar para o seu irmão é a última coisa que devemos fazer — ele se sentou mantendo a bolsa de gelo no olho.

— Mas quero confrontá-lo. Se ele realmente estiver envolvido nisso, não vou deixar que se safe. Sinto-me traída pela minha própria família.

— Você está irritada?

— É claro que estou irritada — rebateu Stephanie.

— Eu também estou — disse Daniel aborrecido —, mas fui eu que levei a surra, não você.

Ela abaixou os olhos.

— Você tem razão. Você é quem merece estar bem mais perturbado do que eu.

— Tenho que lhe fazer uma pergunta — disse Daniel. Ele ajeitou o pacote de gelo. — Há mais ou menos uma hora você disse que estava pensando na possibilidade de voltar para casa porque não ficava em paz com a sua consciência ao ter que trabalhar com pessoas do nível de Paul Saunders e Spencer Wingate. Depois desse novo acontecimento, preciso saber, agora, se você pretende voltar para casa, ou não?

Stephanie olhou novamente para Daniel. Ela balançou a cabeça e soltou um curto riso envergonhado.

— Depois do que aconteceu com você, e culpada como estou me sentindo a respeito disso, não há a menor possibilidade de eu ir embora.

— Bem, isso é um alívio — comentou Daniel. — Talvez haja mesmo males que vêm para o bem, mesmo que eu tenha levado uma sova.

— Eu realmente sinto muita pena por você estar machucado — disse Stephanie. — De verdade, mais do que você imagina.

— Tudo bem, tudo bem — repetiu Daniel. Ele deu um aperto tranquilizador no joelho de Stephanie. — Agora que sei que você vai ficar, ouça o que eu acho que devemos fazer. Acho que deveríamos fingir que esse pequeno incidente do meu espancamento jamais ocorreu, ou seja, não vai haver nenhum telefonema desagradável para o seu irmão nem para sua mãe sobre isso. As futuras ligações para sua mãe devem deixar claro que você e eu não viemos de férias para cá e que estamos trabalhando duro para salvar a CURE. Diga-lhe que vamos ficar três semanas aqui e que depois voltaremos para casa.

— E quanto a esse animal que agrediu você? Não temos que nos preocupar com um possível retorno dele?

— Essa é uma preocupação, mas aparentemente é um risco que temos de correr. Ele não é das Bahamas e meu palpite é que já está a caminho de casa. Ele disse literalmente que se tivesse que voar novamente de Boston para cá, eu poderia ficar realmente machucado, o que me leva a acreditar que a Nova Inglaterra seja o ambiente natural dele. Além disso, ele disse que não ia me machucar muito porque desta forma eu não poderia reerguer a companhia, ou seja, eles têm interesse no meu bem-estar, apesar do meu atual estado. Mas é muito importante que as conversas com a sua mãe pelo telefone, que seguramente chegarão aos ouvidos do seu irmão, convençam os Castigliano de que vale a pena esperar três semanas.

— Eu disse a minha mãe o nome deste hotel, será que não devíamos nos mudar?

— Pensei um pouco sobre isso enquanto estava no carro esperando você. Pensei até mesmo em aceitar o convite de Paul

Saunders para ficarmos na Clínica Wingate.

— Ai, meu Deus! Isso seria sair da panela e entrar no fogo.

— Eu também não gostaria de ficar lá. Já vai ser ruim o bastante ter de conviver com aqueles charlatães durante o dia. Portanto, acho que devemos continuar aqui, a menos que isso deixe você baratinada. Não quero repetir aquela nossa noite em Turim. Minha opinião é que devemos ficar quietos e não sair do hotel, salvo para irmos à Clínica Wingate, que, de toda forma, a partir de amanhã, vai ser o lugar onde passaremos a maior parte do tempo. Você está de acordo?

Stephanie balançou a cabeça algumas vezes, enquanto absorvia tudo o que Daniel dissera.

— Você concorda ou não? — perguntou Daniel. — Você não disse nada.

Stephanie repentinamente jogou as mãos para cima numa explosão de frustração emocional.

— Droga, não sei em que pensar. A agressão que você sofreu só aumentou o meu mal-estar em relação a toda essa história de Butler. Desde o primeiro dia, fomos obrigados a fazer suposições a respeito de pessoas sobre as quais pouco, ou nada, sabemos.

— Espere um segundo! — resmungou Daniel. Seu rosto, que já estava vermelho, ficou mais vermelho ainda, e sua voz, cujo tom tinha baixado, tornou a elevar-se. — Não vamos recomeçar a discussão se vamos ou não tratar de Butler. Isso já foi decidido. Nossa conversa agora é sobre a logística deste momento em diante e ponto final!

— Tudo bem, tudo bem! — disse Stephanie. Ela estendeu o braço e colocou a mão sobre o braço dele. — Acalme-se! Tudo bem! Ficaremos aqui e espero que tudo corra bem.

Daniel respirou fundo antes de dizer:

— Eu também acho que devemos firmar um compromisso de permanecermos juntos.

— Do que você está falando?

— Não acho que tenha sido um acidente aquele vândalo ter me agredido quando eu estava sozinho. Seu irmão obviamente não quer que machuquem você. Do contrário, nós dois teríamos sido agredidos, ou pelo menos ainda seria eu a aguentar o impacto, mas você seria obrigada a assisti-lo. Creio que o sujeito esperou até que eu ficasse sozinho. Logo, acho que estaremos seguros se permanecermos juntos o tempo todo.

— Talvez você tenha razão — balbuciou Stephanie, confusa. Seus pensamentos estavam uma bagunça. Por um lado, ela ficou aliviada por Daniel não fazer nenhuma referência negativa sobre o relacionamento deles, quando mencionou que deveriam ficar juntos. Mas por outro lado, ainda era difícil reconhecer que seu irmão podia estar implicado na violência que Daniel sofrera.

— Você pode me arranjar mais gelo? — perguntou Daniel. — O que tinha aqui derreteu.

— É claro — disse Stephanie. Ela estava aliviada por ter alguma coisa para fazer. Apanhou a toalha ensopada e trocou-a por uma limpa no banheiro. Quando entregou a nova bolsa de gelo para Daniel, o telefone na mesa de canto subitamente ganhou vida. Por alguns instantes, sua repetitiva campainha inundou o até então silencioso quarto. Nem Daniel nem Stephanie se moveram. Ambos olharam para o telefone.

— Quem diabos poderia ser agora? — perguntou Daniel, depois do quarto toque. Ele colocou a bolsa de gelo sobre o olho.

— Poucas pessoas sabem que estamos aqui — disse Stephanie. — Devo atender?

— Acho que sim — disse Daniel. — Se for sua mãe ou seu irmão, lembre-se do que eu disse.

— E se for a pessoa que te agrediu?

— É muito improvável. Atenda, mas não demonstre preocupação! Se for o animal, apenas desligue o telefone. Não

mantenha nenhuma conversa com ele.

Stephanie foi até o telefone, pegou-o e tentou dizer "alô" normalmente enquanto olhava para trás na direção de Daniel. Este viu as sobrancelhas dela erguerem-se um pouco enquanto ela ouvia em silêncio. Alguns momentos depois, Daniel perguntou sem voz:

— Quem é?

Stephanie fez um sinal com a mão para que ele aguardasse. Finalmente, ela disse:

— Maravilha! E obrigada. — Em seguida ela ficou escutando novamente. Distraída, ela enrolava o fio do telefone com o dedo. Depois de uma pausa, ela disse: — É muito gentil da sua parte, mas esta noite não é possível. Na verdade, não vai ser possível em nenhuma noite. — Ela então se despediu com um tom cortante e colocou o fone na base. Ela voltou a olhar para Daniel, mas não disse nada.

— Bem? Quem era? — perguntou Daniel. Sua curiosidade o estava tirando do sério.

— Era Spencer Wingate. — Stephanie balançou a cabeça surpresa.

— O que ele queria?

— Queria que soubéssemos que nosso pacote da FedEx foi localizado e que ele providenciou para que seja entregue amanhã bem cedo.

— Hurra! Isso significa que poderemos começar a criar as células para o tratamento de Butler. Mas foi uma conversa um pouco longa para um recado tão curto. O que mais ele queria?

Stephanie deu uma risada desanimada.

— Ele queria saber se eu poderia ir até a casa dele, na marina Lyford Cay, para jantar. Por mais estranho que possa parecer, ele deixou claro que o convite era somente para mim e não para nós como um casal. Não pude acreditar. Foi como se ele estivesse tentando me seduzir.

— Bem, vamos ver o lado positivo da coisa. Pelo menos ele tem bom gosto.

— Não vejo a menor graça — disse Stephanie, contrariada.

— Está na cara — disse Daniel. — Mas vamos manter uma visão global da coisa.

18

11h30, segunda-feira, 11 de março de 2002

Ocasionalmente, Daniel tinha que dar crédito onde crédito era devido. Ele não tinha dúvida de que Stephanie era bem melhor do que ele em manipulação celular. E essa realidade era confirmada pelo que ele estava naquele momento observando através dos visores binoculares de um microscópio estereotáctico de dissecação, com duas cabeças. Ele e Stephanie tinham colocado o instrumento num canto da bancada reservada para eles no laboratório da Clínica Wingate, para permitir que Daniel observasse enquanto Stephanie trabalhava. Stephanie estava prestes a começar o processo de transferência nuclear, também conhecido como clonagem terapêutica, no qual ocorre a retirada do núcleo de um oócito maduro, cujo DNA foi manchado com tinta fluorescente. Ela já mantinha um óvulo humano fixado por meio de sucção numa pipeta de retenção com ponta rombuda.

— Você faz isso parecer fácil — comentou Daniel.

— Mas é — respondeu Stephanie, enquanto conduzia uma segunda pipeta para o campo do microscópio com um micromanipulador. Em contraste com a pipeta de retenção, essa pipeta de ponta oca, cujo diâmetro media somente vinte e cinco

milionésimos de metro, era tão afiada quanto a mais fina das agulhas.

— Talvez seja fácil para você, mas para mim não é.

— O segredo é não apressar as coisas. Tudo tem que ser lento e uniforme, sem movimentos bruscos.

Exatamente como explicara, a pipeta afiada movia-se suavemente, no entanto com firmeza, em direção ao oócito fixado para empurrá-lo contra a camada externa da célula, sem penetrá-la.

— É nesta parte que eu sempre estrago tudo — disse Daniel. — Na metade das vezes eu passo direto através da célula, saindo do outro lado.

— Talvez você seja muito ansioso e acabe ficando com a mão pesada — sugeriu Stephanie. — Uma vez que a célula esteja adequadamente encaixada, você só precisa dar um leve toque com o dedo indicador na extremidade do micromanipulador.

— Você não usa o próprio micromanipulador para fazer a punção?

— Nunca.

Stephanie completou a manobra com seu dedo indicador e, dentro do campo do microscópio, a pipeta pôde ser vista entrando suavemente no citoplasma do indefeso óvulo humano.

— Bem, vivendo e aprendendo — disse Daniel. — Tudo bem, isso só comprova meu amadorismo nesse campo.

Stephanie tirou os olhos dos visores para poder ver Daniel. A auto-depreciação não era uma característica dele.

— Não seja tão duro com você mesmo. Isso é um trabalho braçal que sempre conta com técnicos especializados para fazê-lo. Aprendi a fazer isso quando ainda era uma estudante resmungona da graduação.

— Imagino — disse Daniel, sem olhar para ela.

Stephanie deu de ombros e dirigiu novamente seus olhos para o microscópio.

— Agora eu uso o micromanipulador para aproximar-me do DNA fluorescente — disse ela. A ponta da pipeta aproximou-se do alvo e, quando Stephanie aplicou um pouco de sucção, o DNA desapareceu na cavidade da pipeta como se esta fosse um aspirador de pó em miniatura.

— Também não sou bom nesta parte — disse Daniel. — Acho que aspiro muito citoplasma.

— O importante é aspirar somente o DNA — disse Stephanie.

— Toda vez que assisto a esta técnica fico mais surpreso ainda por ela funcionar — comentou Daniel. — A imagem mental que faço da estrutura interna submicroscópica de uma célula viva é semelhante à de uma estufa em miniatura. Como é que se pode arrancar um núcleo pelas raízes, depois colocar o núcleo de uma célula adulta diferente no lugar e a coisa toda funcionar? Isso supera a minha imaginação.

— Não somente funciona, como faz com que o núcleo adulto que acrescentamos tome-se jovem novamente.

— Isso também — concordou Daniel. — Vou te contar! O processo de transferência nuclear realmente desafia a imaginação.

— Concordo plenamente — disse Stephanie. — Na minha opinião, a improbabilidade de seu funcionamento é uma prova da participação de Deus no processo e isso abala meu agnosticismo mais do que tudo que aprendemos sobre o Sudário de Turim.

Enquanto falava, ela conduzia uma terceira pipeta em direção ao campo do microscópio. Essa pipeta tinha no interior de sua cavidade um único fibroblasto retirado da cultura de fibroblastos de Ashley Butler: uma célula cujo núcleo ancestral tinha sido cuidadosamente manipulado, primeiro com o HTSR, para substituir os genes responsáveis pela doença de Parkinson do senador por aqueles derivados do sangue do sudário; depois, com um gene acrescentado por ideia de Stephanie para criar um antígeno especial. Esse DNA

nuclear do fibroblasto iria substituir o DNA que Stephanie havia retirado do óvulo.

Enquanto observava as habilidosas manipulações de Stephanie, Daniel maravilhava-se com o que os dois tinham sido capazes de realizar durante a semana e meia que se seguira ao ataque daquele animal, vindo de Boston. Por sorte, seus machucados haviam sarado e eram apenas uma lembrança, salvo por uma certa maciez no seu osso malar direito e pelo que restava de seu olho roxo, que agora tinha um tom amarelo esverdeado. Lamentavelmente, Daniel ainda lutava contra os danos psicológicos. Gravadas em sua mente e aparecendo em pesadelos recorrentes, surgiam as imagens do cabeção de seu agressor musculoso, de suas orelhas pequenas e de seus traços inchados. Mais perturbadores ainda eram o sorriso torto e os cruéis olhos cavos do homem. Mesmo depois de onze dias, Daniel ainda tinha repetidos pesadelos com aquele rosto terrível e sofria com a sensação de fraqueza e vulnerabilidade que eles provocavam.

Daniel sentia-se bem melhor acordado do que dormindo. Como ele e Stephanie haviam discutido logo depois do episódio, eles firmaram um pacto de permanecer juntos como se fossem irmãos siameses e de não saírem do hotel, exceto para irem à Clínica Wingate. Tal plano mostrou-se desnecessário, pois desde então eles ficavam no laboratório do raiar ao pôr-do-sol, todos os dias. Lá, Megan Finnagan mostrou-se muito prestativa, provendo-os com um pequeno escritório, além da bancada no laboratório. Ter espaço para poder espalhar a papelada e as planilhas impressas era uma dádiva de Deus, e um estímulo à eficiência. Até mesmo Paul Saunders ajudou ao cumprir a palavra e fazer surgir dez oócitos humanos frescos, doze horas depois de requisitados.

No princípio, houve uma conveniente divisão do trabalho entre Daniel e Stephanie. O trabalho dela era cuidar da cultura de fibroblastos enviada por Peter. Ela quase não teve problemas para

degelar a cultura e fazer com que esta voltasse a desenvolver-se. Nesse mesmo tempo, Daniel encarregou-se da solução-tampão que continha a amostra do sudário. Depois de realizar uma PCR para amplificar o DNA presente no fluido, Daniel determinou que o DNA pertencia a um primata, provavelmente um ser humano, embora, como ele esperava, estivesse muito fragmentado.

Depois de um truque de purificação usando contas de vidro microscópicas, Daniel passou os fragmentos isolados de DNA do sudário pelo PCR mais algumas vezes antes de utilizar sua sonda de DNA do paminérgica. Ele imediatamente teve êxito, mas somente com algumas partes dos genes necessários, situação que exigiu o sequenciamento das falhas. Depois de vários dias trabalhando em jornadas de dezesseis horas, Daniel conseguiu juntar os fragmentos apropriados com nucleotídeos ligases para formar os genes. Naquele momento, ele estava pronto para os fibroblastos de Ashley Butler, que, àquela altura, Stephanie convenientemente havia preparado.

O HTSR era a fase seguinte e tudo correu praticamente sem contratempos. Tendo inventado o procedimento, Daniel conhecia intimamente suas sutilezas e fraquezas, mas sob seu comando seguro, as enzimas e vetores virais funcionaram perfeitamente e, logo, ele tinha um certo número de fibroblastos. O único problema tinha sido Paul Saunders, que insistira em tornar-se uma sombra de Daniel em todos os seus movimentos, chegando até mesmo a interferir diversas vezes. Paul admitira sem nenhum pudor que planejava acrescentar a técnica às práticas terapêuticas com células-tronco realizadas na Clínica Wingate, com a ideia de cobrar significativamente mais dos pacientes. Daniel tentou obstinadamente ignorá-lo e teve que segurar a língua para não expulsar o charlatão de seu próprio laboratório, mas foi difícil.

Uma vez acabado o HTSR, Daniel achou que estavam prontos para fazer a transferência nuclear, mas Stephanie surpreendeu-o com a sugestão de que deviam co-infectar a célula modificada pelo HTSR

com um vetor responsivo à ecdisona, que significava vários genes combinados, capaz de criar nas células finais de tratamento um antígeno não-humano sem igual. Stephanie argumentou que caso houvesse necessidade, ou interesse, de visualizar as células de tratamento dentro do cérebro de Butler depois do implante isso poderia ser feito facilmente, visto que as células de tratamento teriam um antígeno que nenhuma outra, dentre o trilhão de células de Butler, teria. Daniel tinha ficado impressionado com a ideia e concordou com a fase adicional, especialmente depois que Stephanie disse-lhe que tinha se antecipado e pedido a Peter que mandasse os vetores virais junto com a cultura de tecido de Butler. Daniel e Stephanie tinham usado a mesma técnica quando trataram com sucesso os ratos afetados pela doença de Parkinson, e esta tinha sido uma valiosa contribuição para o protocolo.

— Eu sempre usei o micromanipulador nesta fase — disse Stephanie, trazendo Daniel de volta de seus devaneios. A pipeta contendo os fíbroblastos modificados de Butler perfurou o invólucro do oócito sem perfurar a membrana celular subjacente.

— Tive problema nesta parte também — admitiu Daniel. Ele observou Stephanie injetar o relativamente minúsculo fibroblasto no espaço entre a membrana celular do óvulo e sua cobertura externa comparativamente mais grossa. A pipeta, então, sumiu de vista.

— O segredo é abordar o invólucro do oócito tangencialmente — disse Stephanie. — De outra forma, você pode inadvertidamente penetrar na célula.

— Isso faz sentido.

— Bem, eu diria que parece ótimo — disse Stephanie, após ver o resultado de seu trabalho. O óvulo enucleado adequadamente granular e o comparativamente minúsculo fibroblasto estavam entrelaçados num abraço íntimo dentro do invólucro do oócito. — Um tempo para a fusão e depois a ativação.

Stephanie deixou os visores binoculares do microscópio e recolheu a lâmina de Petri que estava sob a objetiva do microscópio. Escorregando para fora de seu banco, ela andou até a câmara de fusão, onde submeteria as células emparelhadas a um breve choque elétrico para fundi-las.

Daniel observou-a andando. Além dos pesadelos recorrentes, que se seguiram à surra que levara do capanga dos Castigliano, Daniel lutava com outra sequela psicológica causada pela experiência. Durante os primeiros dias, ele sentiu uma contínua ansiedade e um temor que o homem pudesse reaparecer, apesar de tudo que dissera para tranquilizar Stephanie logo após o evento. E apesar também das medidas tomadas pelo hotel depois que Daniel comunicou-lhes o acontecido. Em benefício de seus hóspedes, o gerente do hotel voluntariamente designou um segurança para ficar no prédio onde estavam Daniel e Stephanie durante uma semana. Todas as noites, o homem acompanhava Daniel e Stephanie de volta ao quarto deles depois que eles acabavam o jantar no restaurante Courtyard Terrace, que ficava no hotel. Pela manhã, o intimidante sujeito montava guarda no saguão até que Daniel e Stephanie partissem para a Clínica Wingate.

Como o medo de Daniel diminuíra com o passar dos dias, sua raiva em relação ao evento aumentou e grande parte dessa raiva foi redirecionada para Stephanie. Embora ela tivesse se desculpado e demonstrasse solidariedade desde o início, Daniel enfurecia-se com sua persistente dúvida quanto ao papel da família dela no evento. Ela não dissera nada diretamente, mas Daniel subentendeu isso ao ouvir alguns comentários indiretos. Com uma família tão complicada, e com sua incapacidade para lidar com eles, Daniel não podia deixar de se perguntar se Stephanie não representaria um risco a longo prazo.

Os princípios éticos de Stephanie também eram um problema. Embora tivesse prometido não criar caso com o pessoal da Wingate,

ela os criava regularmente, com seus comentários a respeito da pretensa terapia deles com células-tronco e até mesmo com perguntas inconvenientes sobre as jovens bahamianas grávidas que trabalhavam na clínica, o que era um assunto especialmente delicado para Paul Saunders. Ainda por cima, ela tratava Spencer Wingate com um desprezo constrangedor. Daniel reconhecia que o sujeito estava sendo cada vez mais direto ao expressar seu interesse não profissional em Stephanie, o que podia ter sido influenciado pela passividade de Daniel diante dos comentários de Spencer; no entanto havia formas menos grosseiras de lidar com a situação. O que mais incomodava Daniel era o fato de ela não perceber que seu comportamento estava ameaçando toda a operação. Se ela e Daniel fossem expulsos dali, todas as apostas estariam perdidas.

Daniel suspirou enquanto observava Stephanie trabalhar. Embora ele tivesse dúvidas quanto à contribuição dela a longo prazo, não havia a menor dúvida de que era necessária naquele momento. Faltavam somente onze dias para Ashley Butler chegar à ilha, e durante este prazo eles tinham que desenvolver os neurônios produtores de dopamina, a partir dos fibroblastos do senador, para poder tratá-lo. Já ter feito o HTSR e a transferência nuclear representava um progresso, mas ainda havia um longo caminho pela frente. A habilidade de Stephanie na manipulação celular não só era muito necessária, como também não havia tempo para substituí-la.

Stephanie podia sentir o olhar de Daniel pelas suas costas. Ela reconhecia que seu sentimento de culpa e sua confusão em relação às implicações do papel de sua família no ataque que Daniel sofrera faziam com que ela se sentisse muito suscetível, entretanto, ele estava se comportando de forma diferente. Ela podia apenas presumir o que era ser espancado, mas esperava que ele fosse recuperar-se mais rapidamente. Em vez disso, ele permanecia distante dela das formas mais sutis e não havia qualquer espécie de intimidade entre eles, embora continuassem a dormir na mesma

cama. Este comportamento despertou uma velha preocupação dela: que Daniel não fosse capaz, ou não tivesse a motivação suficiente, de oferecer o tipo de apoio emocional que ela achava que precisava, particularmente nos períodos de estresse, e pouco importava qual era a causa ou de quem fosse a culpa.

Stephanie havia seguido os conselhos de Daniel integralmente, portanto, isso não podia ser a explicação para o comportamento dele. Apesar de uma vontade insistente de ligar para seu irmão e confrontá-lo, ela não o fizera. E quanto às ligações relativamente frequentes que fazia para sua mãe, ela insistia deliberadamente que eles estavam em Nassau a trabalho e que estavam trabalhando muito, o que sem dúvida era verdade. Para corroborar seus comentários, disse que eles não tinham ido à praia nenhuma vez, o que também era verdade. Além disso, ela enfatizou em diversas ocasiões que logo acabariam o trabalho e que possivelmente voltariam para casa lá pelo dia 25 de março, quando encontrariam a companhia deles financeiramente estável. Ela propositalmente tinha evitado perguntar sobre seu irmão, embora num telefonema da véspera não tivesse mais resistido à tentação.

— Tony tem perguntado por mim? — perguntou ela, com o tom de voz mais casual que conseguiu.

— É claro que sim, querida — disse Thea. — Seu irmão se preocupa muito com você e pergunta o tempo todo como você está.

— Que palavras ele usa exatamente?

— Não me lembro das palavras exatas que ele usa. Ele sente a sua falta. Ele só quer saber quando você vem para casa.

— E você responde o quê?

— Digo-lhe apenas o que você me conta. Por quê? Eu deveria dizer outra coisa?

— É claro que não — comentou Stephanie. — Pode dizer a ele que estaremos em casa em menos de duas semanas e que não posso

esperar para vê-lo. E diga-lhe que nosso trabalho está indo muito bem.

Em muitos aspectos, Stephanie estava agradecida por ela e Daniel estarem muito ocupados. Isso não só reduzia o tempo disponível para preocupar-se com problemas afetivos, como diminuía as oportunidades para questionar se era apropriado tratar de Butler. Suas dúvidas quanto à situação tinham aumentado, graças à agressão a Daniel e à obrigação de ter que fazer vista grossa para a depravação dos dirigentes da Wingate. Paul Saunders era, de longe, o pior. Ela o achava inescrupuloso, desprovido dos padrões éticos mais rudimentares e burro. Os resultados compilados no programa de tratamento com células-tronco da Wingate, sobre os quais ele tanto insistira, eram uma piada de mau gosto. Eram uma mera coleção de descrições de casos individuais, e seus resultados, subjetivos. Não havia nenhum traço de método científico, e o mais assustador era que Paul parecia não perceber ou se importar com isso.

Spencer Wingate era outra história. Diferentemente de Paul, o falso cientista louco, que era assustador, ele era apenas um chato. Ainda assim, Stephanie não gostaria de encontrar-se sozinha na casa de Spencer, como seus insistentes convites propunham. O problema era que sua devassidão era estimulada por um ego incapaz de perceber que suas insinuações estavam sendo rejeitadas. No princípio, Stephanie tentara ser educada nas desculpas, mas depois passou a ser grossa nas recusas, especialmente após notar a indiferença de Daniel. Alguns dos convites mais descarados de Spencer foram feitos na presença de Daniel, que jamais reagiu.

Como se as personalidades e o comportamento desses medalhões da infertilidade não bastassem para fazer Stephanie questionar se era apropriado trabalhar naquela clínica, havia a questão da origem dos oócitos humanos. Ela tentou fazer investigações discretas, mas tinha sido repelida por todas as pessoas que abordara, com exceção de

Mare, a técnica de laboratório. Mesmo Mare não era muito aberta, mas pelo menos dissera que os gametas vinham da sala dos óvulos, dirigida por Cindy Drexler e localizada no porão. Quando Stephanie pediu esclarecimentos sobre o que era a sala dos óvulos, Mare engasgou e disse-lhe para perguntar a Megan Finnagan, a supervisora do laboratório. Infelizmente, Megan já emulara Paul ao dizer que a origem dos óvulos era um segredo profissional. Quando Stephanie abordou Cindy Drexler, ela educadamente lhe disse que todas as perguntas sobre óvulos deveriam ser dirigidas ao Dr. Saunders.

Mudando de tática, Stephanie tentou falar com várias das jovens que trabalhavam no refeitório. Elas foram amigáveis e desembaraçadas até Stephanie tentar conduzir a conversa e indagar sobre o estado civil delas, neste ponto elas tornavam-se tímidas e evasivas. Quando, em seguida, Stephanie tentava falar sobre as gravidezes delas, elas mantinham-se distantes e reticentes, algo que somente aguçou sua curiosidade. No que dizia respeito a Stephanie, não era necessário ser um gênio para adivinhar o que estava acontecendo e, apesar da proibição de Daniel, ela tinha intenção de provar isso para si mesma. Municiada com essas informações, a ideia dela era denunciar anonimamente a Wingate às autoridades bahamianas depois que ela, Daniel e Butler há muito já tivessem partido.

O que Stephanie precisava fazer era entrar na sala dos óvulos. Infelizmente, ela ainda não tivera uma oportunidade, ocupada como andava, mas isso estava para mudar nas próximas horas. O óvulo que ela estava fundindo atualmente com um dos fibroblastos modificados pelo HTSR era um substituto de um dos dez óvulos originais que Paul Saunders fornecera. O óvulo substituído não havia conseguido dividir-se após a transferência nuclear. Cumprindo o que prometera, Paul forneceu o décimo primeiro óvulo. Os outros nove óvulos estavam se dividindo bem, depois de

receberem seus novos núcleos. Alguns já estavam com cinco dias e começavam a formar blastócitos.

Stephanie e Daniel tinham planejado criar dez linhagens distintas de células-tronco, cada uma contendo clones celulares de Ashley Butler. Todas as dez contribuiriam com células que seriam diferenciadas como células nervosas produtoras de dopamina. Embora parecesse redundante, a decuplicação funcionava como uma rede de segurança, visto que, ao final, somente uma das linhagens de células seria usada para tratar do senador.

Talvez naquela tarde mesmo, ou mais provavelmente pela manhã, Stephanie começaria o processo de coleta das células-tronco com potenciais múltiplos dos blastócitos em formação, mas ela teria algum tempo livre neste ínterim. O único problema seria livrar-se de Daniel dentro da Clínica Wingate, mas graças ao distanciamento emocional dele, ela não achava que isso seria um problema intransponível, embora ele se recusasse a perdê-la de vista fora da clínica.

— Como a fusão está indo? — perguntou Daniel, do local onde estava sentado.

— Parece que bem — disse Stephanie, olhando para o preparado sob as lentes de um microscópio. O oócito tinha agora um novo núcleo com um complemento inteiro de cromossomos. Seguindo um processo que ninguém conseguiu compreender ainda, o óvulo misteriosamente ia começar a reprogramar o núcleo, que perderia as funções de controle de uma célula epitelial adulta, regredindo para um estado primordial. Dentro de algumas horas, o preparado iria mimetizar um óvulo recém-fertilizado. Para iniciar a conversão, Stephanie transferiu cuidadosamente o oócito alterado artificialmente para o primeiro dos vários meios de ativação.

— Você está com a fome que eu estou? — falou Daniel.

— Provavelmente — respondeu Stephanie. Ela olhou para o relógio. Não era nenhum espanto. Já era quase meio-dia. A última

vez que ela tinha comido alguma coisa fora às seis da manhã, e somente um café continental, com café e torrada. — Nós podemos ir ao refeitório assim que eu puser este óvulo numa incubadora. Ele só tem que permanecer mais quatro minutos nesse meio.

— Para mim está ótimo — disse Daniel. Ele deslizou para fora do banco e desapareceu no interior da sala deles, para tirar o jaleco.

Enquanto preparava o próximo meio de ativação para o óvulo reconstruído, Stephanie tentava pensar em alguma desculpa para voltar sozinha ao laboratório durante o almoço. Seria uma excelente oportunidade para dar uma espionada, visto que a maior parte das pessoas almoçava entre meio-dia e uma hora, incluindo a técnica responsável pela sala dos óvulos, Cindy Drexler. A hora do almoço era a melhor oportunidade de socialização para os funcionários da clínica. O primeiro pensamento que passou pela cabeça de Stephanie foi dizer que tinha que voltar para verificar o processo de ativação do décimo primeiro óvulo, mas ela logo desistiu da ideia. Daniel suspeitaria. Ele sabia que uma vez que o óvulo estivesse no segundo meio de ativação, ficaria na incubadora durante seis horas sem ser perturbado.

Stephanie necessitava de outra desculpa e parecia estar tendo um branco até que pensou em seu telefone celular. Principalmente depois da agressão, ela havia se tornado compulsiva em manter o celular perto dela, e Daniel sabia disso. Havia vários motivos para a compulsão dela, especialmente porque ela tinha instruído sua mãe a usar o número do celular ao invés do telefone do hotel. Mas por ter falado com sua mãe naquela manhã e ter se certificado de que não havia nenhuma emergência iminente quanto ao estado de saúde dela, Stephanie não estava preocupada em perder alguma ligação na próxima meia hora. Depois de olhar em direção à pequena sala para ter certeza de que Daniel não estava reparando, Stephanie tirou o pequeno Motorola de seu bolso e desligou-o, colocando-o na prateleira dos reagentes, que ficava acima da bancada do laboratório.

Satisfeita com seu plano, Stephanie voltou a atenção para o processo de ativação. Dentro de mais trinta segundos seria o momento de transferir o óvulo de um meio para outro.

— E então? — perguntou Daniel, quando reapareceu sem o jaleco. — Está pronta?

— Dê-me mais dois minutos. Estou quase transferindo o óvulo para a incubadora. Depois podemos ir.

— Tudo bem — respondeu Daniel. Enquanto esperava, ele foi até a incubadora e deu uma olhada nos outros recipientes, alguns dos quais estavam lá há cinco dias. — Alguns destes já devem estar prontos para a coleta de células-tronco esta tarde.

— Eu estava pensando da mesma forma — respondeu Stephanie. Cuidadosamente, ela carregou o óvulo reconstruído, que acabara de ser posto num meio de suspensão, até a incubadora para juntá-lo com outros.

Kurt Hermann deixou os pés caírem no chão num repentino movimento de descontrole, algo que não era característico nele. Eles estavam pousados sobre a superfície de uma mesa na sala de vídeo. Ao mesmo tempo, ele se levantou num movimento único, o que fez a cadeira girar para trás a uma curta distância. Recuperando a serenidade desenvolvida ao longo de muitos anos praticando artes marciais, ele avançou de forma deliberadamente lenta em direção à tela que vinha observando na última hora. Ele não conseguia acreditar no que via. Tudo aconteceu muito rapidamente, mas pareceu que Stephanie D'Agostino havia tirado o telefone celular do bolso — um objeto no qual Kurt vinha tentando pôr as mãos há uma semana e meia — e colocado propositalmente atrás de umas garrafas na prateleira que ficava acima da bancada. Era como se ela estivesse escondendo o aparelho atrás dos reagentes.

Com o botão do joystick conectado à microcâmera que estava observando, Kurt aproximou a imagem com um zoom. Usando o próprio joystick, ele manteve a câmera direcionada para aquilo que

ele esperava que fosse o telefone. Era! Podia-se ver a extremidade em plástico preto saindo por trás de uma garrafa de ácido hidroclórico.

Confuso com esse inesperado, mas promissor acontecimento, Kurt abriu o campo da imagem somente para perceber que Stephanie havia desaparecido do ângulo da câmera. Usando o joystick novamente, Kurt fez uma panorâmica pela sala e rapidamente encontrou Daniel e Stephanie defronte a uma das incubadoras. Aumentando o volume, ele se esforçou para ouvir se ela ia mencionar algo sobre o telefone, mas Stephanie não fez qualquer menção. Eles continuavam a falar sobre ir almoçar e, depois de alguns minutos, deixaram o laboratório.

Os olhos de Kurt ergueram-se para a tela que ficava imediatamente acima da que estava observando. Ele viu o casal sair do edifício número um e começar a atravessar o pátio central em direção ao edifício número três.

Durante a construção da clínica, Paul Saunders dera carta branca a seu chefe da segurança para torná-la segura, na esperança de evitar uma catástrofe parecida com a que tinha ocorrido em Massachusetts, na qual uma dupla de delatoras conseguiu penetrar na sala que guardava o banco de dados da clínica.

Devido ao fato de duas garotas terem entrado, sem autorização, na sala do servidor e conseguirem escapar sem ser apanhadas depois da invasão, Kurt certificou-se de que houvesse câmeras e microfones por todo o complexo.

Tanto as câmeras como os microfones eram a última tecnologia em espionagem e ficavam ligados diretamente a um computador, sendo totalmente imperceptíveis. Sem o conhecimento de Paul, Kurt instalou-os nos banheiros, nos quartos de hóspedes e na maioria dos alojamentos reservados aos funcionários. Eles ficavam escondidos em todos os tipos de instalações elétricas. Tudo podia ser acompanhado nos monitores que ficavam na sala de vídeo do escritório de Kurt, que tinha passado a achar divertido assistir

alguns deles durante as noites, mesmo quando questões de segurança não estivessem necessariamente envolvidas. Sem dúvida, Kurt podia contradizer isso alegando que era importante para uma organização como a Clínica Wingate saber quem estava dormindo com quem.

Kurt continuou a observar Daniel e Stephanie até que entrassem no edifício número três, embora seus olhos estivessem mais concentrados em Stephanie. Durante a última semana e meia, ele tornara-se viciado em observá-la, apesar dos sentimentos ambivalentes que ela provocava nele. Ele se sentia atraído por sua sensualidade natural, mas também a repudiava. Assim como nas mulheres em geral, ele apreciava sua beleza, reconhecendo nela, entretanto, as mesmas qualidades de Eva. Kurt a vira fazer e receber ligações no laboratório e, embora pudesse ouvir o lado dela da conversa, não conseguia escutar seu interlocutor. Consequentemente, não tinha sido capaz de dar o nome do paciente para Paul Saunders como prometera, e Kurt gostava de manter suas promessas.

A atitude de Kurt em relação às mulheres tinha sido petrificada por sua maior traidora: a mãe dele. Ambos tinham uma relação de intimidade que fora alimentada pelas longas ausências do pai, um homem reservado e disciplinador, que exigia perfeição da esposa e do filho, mas que reconhecia somente os fracassos. Seu pai o tinha precedido nas Forças Especiais do exército e, assim como Kurt, que seguiu os passos dele, foi treinado como um assassino em operações secretas. Mas quando Kurt tinha treze anos, seu pai foi morto numa operação, que jamais foi revelada, no Camboja. A reação de sua mãe foi parecida com a de uma pomba que sai da gaiola para acasalar. Ignorando a confusão emocional do filho, ela teve vários casos amorosos, cujas intimidades Kurt teve de suportar ouvindo tudo através das finas paredes de compensado da casa deles que ficava na base. Passados alguns meses, a mãe de Kurt consumou seus

frenéticos namoros casando-se com um inocente corretor de seguros que ele desprezava. Kurt passou a achar que todas as mulheres, especialmente as bonitas, eram parecidas com a mãe idealizada de sua adolescência: tramavam para seduzi-lo, sugar seu vigor e depois abandoná-lo.

Tão logo Daniel e Stephanie desapareceram no interior do edifício número três, os olhos de Kurt moveram-se automaticamente para o monitor número doze e aguardaram que eles surgissem no refeitório. Quando eles entraram na fila do bujfet, Kurt voltou para sua sala no escritório. Pegou o casaco de seda preta que estava no encosto de sua cadeira e colocou-o sobre sua camiseta preta. Ele usava o casaco para esconder a cartucheira, com a pistola, que sempre carregava na parte de baixo de suas costas. Ele puxou as mangas por cima dos cotovelos. Num dos cantos de sua mesa, ele pegou o pequeno dispositivo que estava ansioso para inserir no telefone celular de Stephanie, além do mecanismo de rastreamento. Ele também pegou seu kit de ferramentas de joalheiro, que incluía um delicado ferro de soldar e uma lupa binocular de relojoeiro.

Movimentando-se como um felino, ele saiu por uma porta no porão do edifício número dois, levando o equipamento e as ferramentas na mão, e dirigiu-se para o edifício número um. Passados alguns minutos, estava na bancada do laboratório reservada para Daniel e Stephanie. Depois de uma rápida olhada em todas as direções, para certificar-se de que estava sozinho no laboratório, ele apanhou o telefone, botou a lupa e começou a trabalhar.

Em menos de cinco minutos o dispositivo estava instalado e testado. Kurt estava no processo de substituir a cobertura de plástico do aparelho quando ouviu uma porta do laboratório sendo aberta. Esperando ver um dos funcionários do laboratório ou possivelmente Paul Saunders, ele se curvou e olhou por baixo da prateleira de reagentes em direção à entrada, que ficava a cerca de trinta metros

de distância. Para sua total surpresa, quem tinha chegado era Stephanie, que se aproximava determinada, num passo acelerado.

Por um breve momento de pânico, Kurt pensou no que fazer. Mas seu treinamento prevaleceu e ele rapidamente recuperou sua compostura habitual. Ele acabou o serviço no telefone encaixando a cobertura no lugar e, em seguida, colocou-o no lugar onde estava antes, atrás da garrafa de ácido hidroclórico. Depois, dirigiu sua atenção para as ferramentas de joalheiro, para o mecanismo de rastreamento e para a lupa. O mais silenciosamente possível, ele os colocou na gaveta e fechou-a com o próprio quadril. Stephanie D'Agostino estava agora a apenas seis metros de distância, aproximando-se rapidamente. Recuando, Kurt pretendia manter a bancada do laboratório e a prateleira de reagentes, que ficava acima dele, como um anteparo entre ele e a pesquisadora. Não era bem um esconderijo, e ela seguramente o veria, mas não havia outras opções.

Na verdade, Tony estava bastante irritado por ter que desistir de um bom almoço, que era o melhor momento do seu dia, para fazer uma nova visita à nojenta loja de materiais de construção dos irmãos Castigliano. O cheiro de ovo podre proveniente do pântano de água salgada também não ajudava em nada, embora a temperatura abaixo de zero tornasse isso menos problemático do que tinha sido na última visita, há uma semana e meia. Pelo menos era mais fácil visitar o buraco fedorento durante o dia que à noite, visto que ele não tinha que se preocupar com o risco de tropeçar em algum dos objetos de merda espalhados nas imediações da entrada do lugar. O lado positivo é que ele tinha motivos para acreditar que essa seria sua última visita, pelo menos no que se referia aos problemas da CURE.

Tony passou pela porta e dirigiu-se ao escritório dos fundos. Gaetano, que estava atendendo dois clientes no balcão, o viu entrar e saudou-o com um aceno. Tony ignorou-o. Se Gaetano tivesse feito

seu trabalho direito, Tony não estaria naquele momento andando entre prateleiras repletas de canos empoeirados e com um permanente cheiro de ovo podre no seu nariz. Em vez disso, estaria sentado na sua mesa predileta do restaurante Blue Grotto, na Rua Hanover, bebendo uma taça de Chianti, safra 1997, enquanto escolhia a massa que comeria. Quando subordinados estragavam as coisas, ele ficava puto porque isto sempre interferia na sua vida. Quanto mais ele envelhecia, mais acreditava no velho ditado: "Se quiser algo bem feito, faça você mesmo".

Tony abriu a porta do escritório nos fundos, entrou e fechou-a com uma batida. Louie e Sal estavam sentados em suas respectivas mesas comendo pizza. Uma rápida sensação de náusea percorreu a espinha de Tony. Ele detestava o cheiro de anchovas, especialmente combinado com o aroma de ovos podres.

— Vocês têm um problema, pessoal — anunciou Tony, pressionando os lábios numa expressão contorcida de nojo e balançando a cabeça como um daqueles cachorros que algumas pessoas colocam no vidro traseiro de seus carros. Mas para deixar claro que não estava desrespeitando os gêmeos, ele aproximou-se de cada um deles para um rápido aperto de mãos, antes de ir sentar-se no sofá. Ele desabotoou o casaco, mas não o tirou. Sua intenção era ficar ali apenas alguns minutos. Não havia nada de complicado no que ele tinha a dizer.

— Qual é o problema? — perguntou Louie, com a boca cheia de pizza.

— Gaetano estragou tudo. O que quer que ele tenha feito em Nassau não surtiu efeito nenhum.

— Você está brincando.

— Eu pareço estar brincando? — Tony franziu sua testa e estendeu as mãos.

— Você está querendo dizer que o professor e sua irmã não voltaram?

— Mais do que isso — disse Tony, com sarcasmo. — Eles não só não voltaram, como os truques de Gaetano, quaisquer que tenham sido, não chegaram nem mesmo a fazer com que minha irmã comentasse algo com minha mãe, e elas se falam quase todos os dias.

— Espere um instante — perguntou Sal. — Você está dizendo que sua irmã não falou que eles tiveram um pequeno problema ou alguma coisa sobre o namorado dela ter-se machucado? Algo desse gênero?

— Absolutamente nada! Neca! Tudo que escutei é que as coisas vão às mil maravilhas no paraíso.

— Isso não bate com o que Gaetano nos disse — comentou Louie. — Algo que acho difícil de acreditar, porque normalmente ele exagera na parte física.

— Bem, nesse caso, ele com certeza não foi nada exagerado — disse Tony. — Os pombinhos ainda estão por lá, divertindo-se sob o sol, e insistem, segundo minha mãe, que vão ficar lá as três semanas, um mês, ou o tempo que planejaram. Enquanto isso, meu contador diz que nada mudou na espiral de queda da empresa. Ele insiste que dentro de uma semana eles estarão quebrados, então adeus aos nossos duzentos paus.

Sal e Louie trocaram olhares de incredulidade, confusão e crescente irritação.

— Gaetano fez ou disse exatamente o quê? — perguntou Tony. — Deu bolos nas mãos do professor e disse que ele estava se comportando mal? Ou ele nem foi a Nassau e disse que foi? — Tony cruzou os braços e as pernas.

— Tem algo de muito errado nisso tudo! — declarou Louie. — Nada disso faz sentido. — Ele botou sua fatia de pizza de anchovas com molho italiano de lado, passou a língua por dentro da boca para tirar as sobras dos dentes, engoliu-as e se inclinou para a frente, para alcançar um botão que se projetava na superfície de sua mesa. Uma

campainha abafada soou através da porta que ligava o escritório à loja propriamente dita.

— Gaetano foi a Nassau! — disse Sal. — Disso temos certeza. Tony concordou com a cabeça ao mesmo tempo que fazia uma careta de incredulidade.

Ele sabia que estava irritando os gêmeos, que gostavam de acreditar que gerenciavam um negócio bem azeitado. A ideia era mexer com as emoções dos irmãos, e estava funcionando. No momento em que Gaetano enfiou a cabeça na porta, os gêmeos estavam a ponto de explodir.

— Entre logo nesta merda e feche a porta — disse Sal, asperamente.

— Deixei alguns clientes no balcão — queixou-se Gaetano. Ele fez um gesto apontando para trás, por sobre os ombros.

— Estou me lixando se você está com o presidente dos Estados Unidos lá na frente, seu idiota — gritou Sal. Para mostrar que estava falando sério, Sal abriu uma das gavetas de sua mesa e pegou um revólver calibre 38, com cano curto, e jogou-o sobre seu bloco de rascunhos.

Gaetano franziu a testa larga enquanto fazia o que lhe fora pedido. Ele já tinha visto aquela arma várias vezes e não se preocupou com isso porque mostrar a arma era uma das sutilezas de Sal. Ao mesmo tempo, sabia que Sal estava puto com alguma coisa, e Louie não parecia estar mais feliz. Gaetano olhou para o sofá, mas, com Tony sentado no meio, achou melhor permanecer de pé.

— Qual é o problema? — perguntou ele.

— Gostaríamos de saber exatamente que merda você fez em Nassau!

— Eu contei para vocês — disse Gaetano. — Fiz exatamente o que vocês me pediram. Consegui até fazê-lo num único dia, o que, para ser honesto, foi de doer.

— Bem, talvez você devesse ter ficado mais um dia — disse Sal, com ar de desprezo. — Parece que o professor não entendeu o recado da forma como queríamos.

— O que você disse exatamente àquele porco? — ordenou Louie, com a mesma virulência.

— Para ele botar a bunda de volta aqui e consertar a empresa — disse Gaetano. — Porra. Não era complicado. Não havia como eu confundir as coisas, ou algo assim.

— Você o apertou? — perguntou Sal.

— Fiz bem mais do que apertá-lo. Acertei-lhe um bom direto para começar. Ele virou uma boneca de pano, tanto que tive que levantá-lo do chão. Posso ter quebrado o nariz dele, mas não tenho certeza. Sei que ele ficou com um olho roxo. Depois dei-lhe um tapa que o arrancou da cadeira, assim que acabamos nossa conversinha.

— E quanto ao aviso? — perguntou Sal. — Você disse que retornaria caso ele não botasse a bunda de volta em Boston e botasse a empresa nos trilhos novamente?

— Claro! Disse que o machucaria de verdade caso ele não voltasse e não tenho a menor dúvida de que ele entendeu o recado.

Louie e Sal olharam para Tony. Eles deram de ombros ao mesmo tempo.

— Gaetano não mente sobre este tipo de coisa — disse Sal. Louie concordou com a cabeça.

— Bem, então esse professor está mais uma vez nos enrolando — disse Tony. — Ele seguramente não levou Gaetano a sério e obviamente não dá a mínima para os nossos duzentos paus.

O silêncio reinou na sala durante alguns minutos. Os quatro homens se entreolhavam. Era óbvio que todos estavam pensando a mesma coisa. Tony estava aguardando alguém verbalizá-la, e Sal, finalmente, fez o favor.

— É como se ele estivesse pedindo isso. Estou querendo dizer que já tínhamos decidido que se ele não acertasse a coisas, nós

iríamos matá-lo e deixar a irmã de Tony tomar as rédeas.

— Gaetano — disse Louie —, parece que você vai voltar às Bahamas.

— Quando? — perguntou Gaetano. — Lembre-se que tenho que dar um aperto naquele oculista caloteiro lá de Newton, amanhã à noite.

— Eu não me esqueci — disse Louie. Ele olhou para o seu relógio. — Ainda é meio-dia e meia. Você pode ir esta tarde via Miami, livrar-se do professor e voltar amanhã.

Gaetano revirou os olhos.

— Qual é o problema? — perguntou Louie, irônico. — Você tem outras coisas para fazer?

— Às vezes não é tão fácil matar uma pessoa — disse Gaetano.

— Porra, primeiro eu tenho que achar o cara. Louie olhou para Tony.

— Você sabe onde sua irmã e o namorado dela estão passando estes dias?

— Sei, eles estão no mesmo hotel — disse Tony, com uma risada de desprezo. — Isso dá bem a medida do quão a sério eles levaram o recado truncado de Gaetano.

— Eu já disse — insistiu Gaetano —, não foi truncado. Acertei o cara várias vezes.

— Como é que você sabe que eles estão no mesmo hotel? — perguntou Louie.

— Minha mãe me disse — disse Tony. — Na maioria das vezes ela liga para o celular da minha irmã, mas ela me disse que também tentou o hotel numa vez que não conseguiu completar a ligação para o celular. Os pombinhos não só estão no mesmo hotel, como estão no mesmo quarto.

— Bem, é para lá que você vai — disse Louie para Gaetano.

— Posso matar o cara no hotel? — perguntou Gaetano. — Isso vai tornar as coisas muito mais fáceis.

Louie olhou para Sal. Sal olhou para Tony.

— Não vejo motivos para não fazê-lo — disse Tony, dando de ombros. — Contanto que minha irmã não seja envolvida e que tudo seja feito sem nenhum escândalo.

— Isso nem precisa dizer — comentou Gaetano. Ele estava pensando sobre a ideia. Deslocar-se para Nassau para passar um dia seria cansativo, mas podia ser divertido, embora ele dificilmente pudesse ir à praia. — E quanto à arma? Tem que ter um silenciador.

— Tenho certeza que nossos amigos colombianos radicados em Miami podem providenciar isso — disse Louie. — Pela quantidade de droga que nós distribuímos para eles aqui na Nova Inglaterra, eles nos devem essa.

— Como vou pegá-la? — perguntou Gaetano.

— Alguém irá vê-lo quando você pousar em Nassau — disse Louie. — Vou dar um jeito nisso. Avise-me logo que souber o número do voo que vai pegar para ir para a ilha.

— O que devo fazer se surgir algum problema e eu não conseguir pegar a arma? — perguntou Gaetano. — Se vocês querem que eu esteja aqui amanhã à noite, é melhor que tudo corra bem.

— Se você desembarcar lá e ninguém abordá-lo, ligue pra mim.

— Tudo bem — disse Gaetano, concordando. — É melhor eu ir me apressando.

19

12h11, segunda-feira, 11 de março de 2002

O aviso na placa era claro. Dizia: ACESSO RESTRITO, SOMENTE FUNCIONÁRIOS AUTORIZADOS, OBEDEÇA ESTRITAMENTE À PROIBIÇÃO. Stephanie parou por um momento, olhando para o aviso emoldurado por trás de um vidro. Ele estava afixado numa porta próxima a um elevador de carga. Era desta porta que Cindy Drexler rotineiramente surgia quando trazia os oócitos para Stephanie e Daniel, o que tornava as coisas mais interessantes. Stephanie já tinha reparado na placa à distância, mas nunca tinha ido ler o que estava escrito nela. Ela tentou imaginar qual o significado de a proibição ter que ser estritamente obedecida e o porquê da obsessão dos diretores da Wingate em exagerar com a segurança. Mas tendo chegado àquele ponto, não seria por causa de um aviso genérico que ela daria meia-volta e desistiria. Ela encostou-se contra a porta e abriu-a. Mais à frente havia uma escada que levava para baixo. Sua confiança aumentou quando passou por sua cabeça a ideia de que, se eles estivessem mesmo preocupados com a presença de estranhos na sala dos óvulos, deveriam trancar a porta do vão da escada.

Com um rápido olhar por sobre o ombro para certificar-se de que estava sozinha no laboratório, Stephanie passou pela porta, que se

fechou atrás dela. Dentro do vão da escada, o ar era consideravelmente mais quente e úmido. Ela começou a descer os degraus, movendo-se rapidamente com a ajuda de seus sapatos baixos.

Stephanie estava indo o mais rápido que podia porque tinha planejado ausentar-se por apenas quinze minutos, vinte no máximo, da presença de Daniel. Ela verificou o seu relógio enquanto descia. Já tinha gastado cinco minutos somente para ir do refeitório até onde se encontrava naquele momento. Seu único e pequeno desvio fora para apanhar o celular. Ela não queria esquecê-lo e voltar ao refeitório sem ele, visto que essa era a desculpa para ausentar-se. Daniel dera-lhe um olhar estranho quando ela se levantou e disse que tinha esquecido o telefone, logo depois de sentar-se com o almoço. Ela sabia que Daniel ficaria irritado caso descobrisse quais eram as suas intenções.

Ao chegar na base da escada, Stephanie deslizou até parar. Ela se viu num corredor curto e mal iluminado, que dava acesso ao elevador de carga, numa das paredes, e a uma reluzente porta de aço inoxidável, totalmente desprovida de ferragens, no final. Não havia maçaneta, nem mesmo fechadura. Stephanie aproximou-se da porta e encostou a mão para empurrá-la. Quando a tocou, sentiu que estava morna, mas totalmente imóvel. Ela encostou o ouvido nela. Pareceu-lhe ser possível escutar um zumbido ao longe.

Stephanie desencostou-se da porta e olhou para suas extremidades. Era lacrada contra o batente de metal com uma precisão mecânica. Agachando-se, ela reparou que o mesmo acontecia na base da porta. O cuidado com que a porta tinha sido projetada aguçou ainda mais sua curiosidade, que já era considerável. Ela levantou-se novamente e, com a lateral de seu punho, deu algumas batidas suaves na porta. Ela estava tentando calcular sua espessura, que presumiu ser considerável, pois era sólida como uma rocha.

— Bem, isso basta para a minha curta investigação — sussurrou Stephanie, alto. Ela balançou a cabeça frustrada, enquanto dava mais uma olhada nas extremidades. Estava surpresa por não haver nenhuma campainha ou sistema de interfone, nem algum meio aparente de abrir a porta ou de comunicar-se com alguém atrás dela.

Dando um último suspiro de desânimo, acompanhado de uma expressão de repugnância, ela voltou-se para a escada reconhecendo que teria que adotar uma nova estratégia caso pretendesse prosseguir com sua espionagem. Mas foi só dar um passo que ela viu de relance algo que não tinha visto antes. Projetando-se minimamente da parede oposta ao elevador de carga e quase imperceptível na luz ofuscada, havia um pequeno leitor ótico de cartão, medindo cerca de sete centímetros de extensão e dois centímetros de largura. Stephanie não o tinha visto antes porque sua atenção fora irresistivelmente atraída pela própria porta reluzente. Além disso, o leitor ótico tinha a mesma cor neutra que cobria a parede e ficava a mais de dois metros da porta.

Megan Finnagan tinha cuidado para que Daniel e Stephanie recebessem crachás de identificação da Clínica Wingate. Eles tinham uma horrível foto 3x4, estilo Polaroid, estampada na frente e uma fita magnética no verso. Megan dissera que os cartões seriam mais importantes para fins de segurança no momento em que a clínica aumentasse o número de empregados, quando eles seriam codificados de acordo com as necessidades específicas do portador. Enquanto isso, Megan disse-lhes que os cartões seriam necessários para entrar no depósito do laboratório, quando quisessem pegar suprimentos básicos.

Contando com a remota possibilidade de o cartão funcionar para permitir acesso à sala dos óvulos nesta fase inicial da clínica, Stephanie fez uma tentativa. Ela foi imediatamente recompensada com a retração da porta de aço inoxidável para um dos lados, acompanhada de um ruído abafado de ar comprimido. Ao mesmo

tempo, Stephanie reparou que estava envolta num estranho brilho vindo da sala em frente, que ela calculou ser uma mistura de luzes incandescentes e ultravioleta. Junto também vinha uma brisa quente e úmida. E o zumbido que ela achou ter escutado quando encostou o ouvido na porta era perfeitamente audível agora.

Satisfeita com essa repentina, mas bem-vinda, mudança de sorte, Stephanie rapidamente cruzou a soleira e se viu no que parecia ser uma incubadora gigante. Com uma temperatura de mais ou menos 37°, a temperatura corporal, e com a umidade relativa do ar próxima a 100%, ela sentiu o suor saindo de todos os seus poros. Embora estivesse usando uma blusa sem mangas, ela vestia um curto jaleco branco sobre ela. Agora ela entendia por que Cindy usava um conjuntinho de algodão bem leve.

Estruturas similares a estantes de livros, mas contendo recipientes para cultura de tecidos, estavam dispostas num padrão parecido com o de uma biblioteca. Cada uma delas tinha cerca de três metros de extensão, era montada em alumínio com prateleiras ajustáveis, e iam do chão ladrilhado até o teto, relativamente baixo, também ladrilhado. Todos os recipientes para cultura de tecidos localizados próximo dos olhos de Stephanie estavam vazios. Na frente dela havia um extenso corredor cercado de fileiras de estantes que faziam com que ele parecesse um estudo em perspectiva. Era tão extensa que uma névoa úmida obscurecia seu final. Pelo tamanho das instalações, ficava claro que a Wingate estava se preparando para um significativo aumento de sua capacidade de produção.

Stephanie avançou rapidamente, olhando de um lado para o outro. Depois de trinta passos em direção ao interior do salão, ela parou quando viu uma estrutura contendo culturas de tecido que se desenvolviam ativamente, como os níveis de fluido, visíveis através dos recipientes de vidro transparente, evidenciavam. Ela levantou um deles da prateleira. Estava escrito a lápis na tampa: CULTURA

DE OOGÔNIAS; acompanhado de uma data recente e de um código alfanumérico.

Stephanie recolocou o recipiente no lugar e verificou os outros que estavam na estante. Tinham datas e códigos diferentes. Descobrir que a Wingate estava cultivando, aparentemente com sucesso, células de germes primitivos era ao mesmo tempo interessante e perturbador por vários motivos, mas esse não era o seu objetivo. O que ela estava querendo descobrir era a origem das oogônias e dos oócitos que eles estavam cultivando e amadurecendo. Ela achava que sabia, mas queria uma prova definitiva que pudesse ser entregue a uma autoridade bahamiana, depois do tratamento de Butler e depois que ela, Daniel e o senador tivessem retornado para o continente.

Ela olhou para o seu relógio. Oito minutos tinham-se passado até agora, o que era mais ou menos a metade do tempo reservado.

Com a ansiedade aumentando, Stephanie seguiu em frente acelerando o passo, enquanto esquadrinhava os corredores laterais e olhava rapidamente para as prateleiras pelas quais passava. O problema era que ela não sabia o que estava procurando e o espaço era enorme. Para tornar as coisas ainda piores, ela começou a sentir uma leve sensação de falta de ar. Começou então a acreditar que a atmosfera na sala dos óvulos tivesse um nível elevado de dióxido de carbono para benefício das culturas de tecido.

Vinte passos adiante, Stephanie parou novamente. Tinha chegado a uma estrutura que continha recipientes para culturas de tecido singulares, aparentemente feitos sob medida. Stephanie nunca tinha visto nada igual. Eles não apenas eram maiores e mais profundos que os usuais, como também tinham uma matriz embutida em seu interior, na qual as células cultivadas podiam crescer. Além disso, estavam montadas sobre bases motorizadas que as mantinham em constante movimento circular, presumivelmente para fazer o meio da cultura movimentar-se. Sem perder tempo,

Stephanie alcançou um dos recipientes e levantou-o. Na tampa estava escrito: OVÁRIO FETAL PICADO, VINTE E UMA SEMANAS DE GESTAÇÃO; OÓCITOS INTERROMPIDOS NA FASE DIPLOTÊNICA DA PRÓFASE, seguido novamente de uma data e um código. Stephanie verificou os outros recipientes da estrutura. Assim como na cultura de oogônias, todos eles tinham datas e códigos diferentes.

As poucas estruturas seguintes eram mais interessantes ainda. Elas abrigavam recipientes de cultura de tecido ainda maiores e mais profundos, mas havia menos unidades por prateleira. A maioria deles estava vazio. Os que não estavam, continham um meio fluido de crescimento que circulava através de um complexo de tubos, em direção a algumas máquinas centrais que pareciam unidades de hemodiálise em miniatura. O conjunto delas era responsável pelo zumbido de fundo que preenchia o ambiente. Stephanie inclinou-se e examinou um dos recipientes com cultura. Imerso no fluido envasilhado havia um pequeno pedaço de tecido esgarçado, de aparência ovoide, do tamanho e no formato de um marisco amarronzado. Vasos que se projetavam do pequeno órgão eram canalizados, através de diminutos tubos de plástico, para uma outra máquina ainda menor. O pequeno órgão estava sendo banhado internamente por um meio de cultura, que circulava continuamente.

Stephanie enfiou a cabeça dentro da estrutura para que pudesse olhar a tampa do recipiente sem incomodá-lo. Estava escrito a lápis vermelho: OVÁRIO FETAL, VINTE SEMANAS DE GESTAÇÃO, junto de uma data e um código. Apesar das implicações, ela não pôde deixar de ficar impressionada. Parecia que Saunders e sua equipe estavam mantendo vivos ovários fetais intactos, pelo menos por alguns dias.

Stephanie endireitou-se novamente. Embora isso dificilmente fosse uma prova definitiva, o que ela estava descobrindo na sala dos óvulos era certamente consistente com as suas suspeitas de que Paul

Saunders et al. estavam pagando jovens mulheres bahamianas para ficarem grávidas e depois submeterem-se a um aborto, na vigésima semana de gestação, para que os ovários fetais fossem coletados. Com seus conhecimentos de embriologia, ela sabia de algumas coisas que os leigos normalmente não sabem, mais especificamente que o pequeno ovário de um feto com vinte semanas contém cerca de sete milhões de células embrionárias capazes de se tornar oócitos maduros. A maior parte desses óvulos está destinada a desaparecer antes do nascimento e durante a infância, de tal forma que quando uma jovem entra na idade reprodutiva, sua população de células embrionárias foi reduzida para aproximadamente trezentas mil. Se a obtenção de oócitos humanos fosse o objetivo, os ovários fetais seriam a fonte principal. Infelizmente, Paul Saunders parecia saber muito bem disso.

Com seus temores confirmados, pelo menos em parte, Stephanie balançou a cabeça demonstrando sua consternação ao pensar na total imoralidade de abortos serem realizados para que os óvulos dos fetos humanos fossem coletados. Para Stephanie, isso era pior do que continuar avançando com a clonagem reprodutiva, algo que ela desconfiava que também estivesse nos planos de Paul Saunders. Ela reconhecia que no campo da infertilidade eram as organizações independentes, do tipo da Clínica Wingate, que tinham o poder de quebrar a monotonia da biotecnologia e cumprir suas promessas, por engajarem-se em atividades extravagantes desse tipo. Também passou-lhe pela cabeça que a capacidade de Daniel fazer vista grossa num caso desses dizia alguma coisa sobre ele, algo que ela preferia não ter sabido. A combinação disso com o distanciamento emocional que ele atualmente vinha demonstrando fez com que ela questi¬onasse o futuro do relacionamento deles como nunca fizera antes. Impulsivamente, ela decidiu que, no mínimo, iria passar a morar sozinha quando eles voltassem a Cambridge.

Mas até lá havia muito a ser feito. Stephanie verificou seu relógio novamente. Onze minutos tinham se passado. Ela estava ficando sem tempo, pois restavam apenas quatro minutos, no máximo, para o término de sua visita. Ela precisava achar uma prova cabal para evitar que Saunders alegasse que os abortos eram terapêuticos. Embora teoricamente pudesse voltar à sala dos óvulos um outro dia, ela intuitivamente sabia que isso seria difícil, especialmente porque teria que inventar outra desculpa crível para afastar-se de Daniel. Ele podia não estar dando apoio emocional, mas seguramente fazia questão de manter-se fisicamente próximo.

Quatro minutos não eram muito tempo. Por puro desespero, Stephanie achou melhor correr a distância que faltava para o término do corredor, virar numa lateral e, em seguida, retornar até a porta de entrada seguindo por um dos muitos outros corredores entre fileiras de estantes. Mas depois de percorrer menos de dez metros, ela repentinamente parou. Olhando de relance para uma das passagens laterais à esquerda, ela viu o que parecia ser um laboratório, ou um escritório, separado da área principal por janelas que iam do chão ao teto. Isso ficava a cerca de dez metros de onde ela estava parada. Uma luz fluorescente brilhante saía de seu interior e inundava toda a área próxima. Stephanie alterou a rota e seguiu apressada naquela direção.

Ao aproximar-se, ela viu que sua primeira impressão estava correta. Provavelmente era o laboratório ou escritório de Cindy, convenientemente posicionado na metade da sala dos óvulos e enfiado nas fundações do edifício. Era um espaço em formato retangular pouco profundo, com no máximo três metros de profundidade, mas tinha algo entre oito a dez metros de extensão. Correndo ao longo da parede de fundo havia uma bancada com superfície de metal, com gavetas por baixo. Na extrema esquerda havia uma pia embutida na bancada, com uma típica torneira de laboratório. Os armários ficavam por cima. A luz fluorescente era

proveniente de luminárias ocultas na parte debaixo dos armários, que inundavam a superfície da bancada com uma luz azulada.

A bancada propriamente dita estava bagunçada com recipientes de cultura de tecido, centrífugas e toda espécie de parafernália laboratorial, mas nada disso interessava a Stephanie. Sua atenção tinha sido imediatamente atraída para o que parecia ser um grande livro-razão, aberto, que estava no espaço reservado à escrivaninha. Ele estava parcialmente encoberto pelo encosto alto da cadeira de escritório.

Sabendo que o tempo estava implacavelmente se esgotando, Stephanie percorreu com os olhos toda a extensão do escritório através da janela, procurando uma porta. Para sua surpresa, ela estava exatamente na frente dela, que, salvo por sua maçaneta embutida, parecia igual às outras janelas de vidro. As dobradiças ficavam do outro lado da porta.

Com uma fechadura sugerindo que a porta pudesse estar trancada, Stephanie rezou para que ela não estivesse. Ela levantou a maçaneta de seu encaixe e torceu-a. Para seu alívio, ela girou e a porta abriu para dentro sem esforço. Enquanto entrava na sala longa e estreita, ela pôde sentir uma brisa vinda da sala dos óvulos acompanhando-a, o que sugeria que esta sala fosse levemente pressurizada, provavelmente para manter os micróbios transportados pelo ar do lado de fora. O interior do escritório acanhado era mantido em níveis normais de temperatura e umidade por meio de um aparelho de ar-condicionado. Soltando a porta e deixando-a entreaberta, Stephanie foi direto para o livro-razão, ocupando-se dele imediatamente. Ela sentiu que tinha achado o que procurava.

Ela empurrou a cadeira de escritório para o lado a fim de poder inclinar-se para ver mais de perto as entradas escritas à mão. Era realmente um livro-razão, mas não era usado para finanças. Em vez disso, era uma lista de todas as mulheres que haviam sido

engravidadas e que tinham abortado, com ambas as datas incluídas, além de outras informações. Folheando algumas páginas para trás, Stephanie pôde ver que o programa tinha começado bem antes de a clínica ter aberto suas portas. Paul Saunders tinha planejado seu suprimento de óvulos com grande antecedência.

Stephanie escolheu alguns casos individuais e, percorrendo com o dedo as entradas referentes a eles, descobriu que as mulheres haviam engravidado depois de um processo de fertilização in vitro. Fertilização in vitro (IVF) fazia sentido ao se levar em conta que somente fetos femininos eram desejados, pois a IFV seria a única forma de garantir tal resultado. Ela reparou que todo o esperma, com o cromossomo X, envolvido nos casos que ela estava observando vinha de Paul Saunders, o que comprovava sua megalomania sem escrúpulos.

Stephanie estava completamente pasma. Tudo estava devidamente registrado com letras maiúsculas. Revelava-se até o tipo de cultura de tecido que tinha sido feita de cada caso, assim como o status atual das respectivas culturas na sala dos óvulos. Enquanto determinados fetos contribuíam com o ovário inteiro preparado, alguns tinham seus ovários picados e cultivados e outros eram reduzidos para fornecerem linhagens de células embrionárias.

Voltando à página na qual o livro estava aberto quando ela entrou na sala, Stephanie começou a contar quantas mulheres estavam grávidas atualmente. Ela não pôde deixar de reprovar o fato de que Saunders et al. não só tinham tido a temeridade de realizar um programa desses, como também a audácia de registrar tudo de forma minuciosa. Com uma descoberta dessas, tudo que Stephanie tinha a fazer era informar as autoridades bahamianas da existência do livro-razão e deixar que o confiscassem.

Subitamente, Stephanie ficou paralisada como se uma descarga de medo tivesse percorrido sua espinha. Ela ainda não tinha terminado a contagem das mulheres grávidas quando seu coração

disparou descontrolado. Sem nenhum ruído ou qualquer espécie de aviso, um anel de aço gelado insinuou-se através de seus cabelos e encostou em sua nuca suada. Instantaneamente, ela soube sem sombra de dúvida que aquilo era o cano de uma arma!

— Coloque as palmas das mãos sobre a mesa e não se mexa — ameaçou uma voz tenebrosa.

Stephanie sentiu seus joelhos fraquejarem. Estava momentaneamente paralisada. Todas as ansiedades associadas à sua bisbilhotice e à pressão do tempo fundiram-se num redemoinho de puro terror. Ela estava curvada, na altura da cintura, sobre o livro-razão, com uma mão sobre a mesa e a outra solta no ar. Usava o dedo indicador para auxiliá-la na contagem.

— Ponha as mãos sobre a mesa! — repetiu Kurt, sem esconder a raiva. Sua voz rateou. Ele teve que refrear sua vontade de dar coronhadas naquela vagabunda sem-vergonha que tivera o descaramento de entrar na sala dos óvulos.

O cano da arma estava pressionado contra a nuca de Stephanie de forma quase dolorosa. Encontrando forças para mover-se, ela fez o que ele pediu e botou a palma da mão direita sobre o tampo. Estar com as duas mãos sobre a mesa evitava um possível colapso. O medo fazia com que ela tremesse a ponto de parecer que os músculos de suas pernas fossem feitos de gelatina.

Para sua sorte, o cano da arma foi retirado. Stephanie tomou ar. Vagamente, ela deu-se conta de mãos fazendo uma busca nos bolsos de seu paletó. Sentiu seu celular e os montes de lápis e papéis serem removidos e, em seguida, devolvidos. Ela estava começando a recuperar-se um pouco quando sentiu as mãos subirem por dentro do jaleco e acariciarem seus peitos.

— Que diabos você está fazendo? — ela conseguiu reclamar.

— Cale a boca! — rosnou Kurt. Suas mãos desceram para revistar os lados do tórax. Depois desceram ainda mais para os quadris, onde pararam momentaneamente.

Stephanie prendeu a respiração. Sentia-se mortificada e humilhada. Aproxima coisa que sentiu foram as mãos sendo passadas em suas nádegas.

— Isso é ultrajante! — disse ela numa explosão. A raiva começou a tomar lugar do medo. Ela tentou endireitar o corpo na intenção de confrontar seu torturador.

— Cale a boca! — gritou Kurt, novamente. Uma mão pressionou suas costas com força suficiente para derrubá-la em cima do livro-razão, com os braços abertos para os lados. A arma foi novamente encostada em sua nuca, dessa vez dolorosamente. — Não duvide nem por um momento que eu atiraria em você agorinha mesmo.

— Sou a Dra. D'Agostino — disse Stephanie, apesar do peso esmagador sobre as suas costas. — Estou trabalhando aqui.

— Sei quem você é — rosnou Kurt. — E sei que você não trabalha aqui na sala dos óvulos. Ela fica fora dos seus limites permitidos.

Stephanie podia sentir o bafo quente de Kurt. Ele estava inclinado sobre ela, pressionando-a contra a mesa. Estava difícil respirar.

— Se você se mover novamente, atiro em você.

— Tudo bem — guinchou Stephanie.

Para seu alívio, o peso sufocante foi retirado. Foi só o tempo de ela respirar fundo, para sentir uma mão entre as suas pernas acariciando-a ainda mais. Ela rangeu os dentes, sentindo-se ultrajada. As mãos revistaram primeiro uma perna e depois a outra, mas não antes que sua virilha fosse novamente apalpada. Em seguida, o peso do homem voltou a ficar por cima dela, mas não com a mesma força de antes. Ao mesmo tempo, ela pôde sentir em seu pescoço o bafo quente dele, enquanto ele se esfregava depravadamente nela e dizia em seu ouvido:

— Mulheres como você merecem o que recebem.

Stephanie resistiu à vontade de reagir ou mesmo de gritar. O homem por cima dela devia ser desequilibrado, e sua intuição dizia-

lhe para ser passiva naquele momento. Afinal, estava numa clínica médica e não em algum lugar isolado. Cindy Drexler e talvez outras pessoas apareceriam dentro de pouco tempo.

— Veja bem, sua vagabunda — continuou Kurt —, eu tinha que me certificar de que você não estava carregando uma câmera ou uma arma. Intrusos tendem a fazer isso e não havia como saber onde você poderia tê-las escondido no seu corpo.

Stephanie ficou quieta e imóvel. Sentiu o homem endireitar-se novamente.

— Bote as mãos nas costas!

Stephanie fez o que ele pediu. Então, antes que pudesse perceber o que estava acontecendo, ela sentiu que estava sendo imobilizada com algemas. Tudo aconteceu tão rapidamente que ela só compreendeu depois do segundo clique metálico. Uma situação que já era ruim estava piorando. Ela nunca tinha sido algemada e as algemas beliscavam seus pulsos. Para tornar as coisas ainda piores, ela passou a sentir-se mais vulnerável do que antes.

Stephanie foi então levantada com força pela nuca e rodada numa meia-volta. Ela pôde ver o seu agressor. Viu os lábios do homem contorcerem-se num sorriso cruel e zombeteiro, como se ele se regozijasse com o fato de ela estar sob seu controle criminoso.

Stephanie o reconheceu imediatamente. Embora nunca tivesse ouvido sua voz, ela o tinha visto pelas dependências da clínica e no refeitório. Ela até sabia o nome dele e que ele era chefe da segurança. Tinha sido na sala dele que Daniel e ela tinham sido fotografados, o mesmo lugar em que receberam seus crachás de identificação. Naquela ocasião, ele estava sentado em sua mesa e não abriu a boca, enquanto Stephanie evitava deliberadamente seu silencioso olhar cavo.

Kurt saiu da frente dela e fez um gesto em direção à porta aberta do escritório. A arma tinha desaparecido. Stephanie estava feliz em

sair dali, mas quando começou a andar de volta na direção pela qual tinha vindo, Kurt agarrou seu braço.

— Direção errada — disse ele, irritado. Quando ela se virou na direção dele, ele apontou para o outro lado.

— Quero voltar para o laboratório — disse Stephanie. Ela tentou dar um tom de autoridade à sua voz, mas naquelas circunstâncias foi difícil.

— Não dou a mínima para o que você quer fazer. Ande! — Kurt deu-lhe um forte empurrão. Sem contar com os braços para manter o equilíbrio, Stephanie quase caiu. Por sorte, ela conseguir manter os pés no chão, depois de roçar com o ombro numa das estantes com cultura de tecido. Kurt deu-lhe um novo empurrão e ela cambaleou na direção que ele indicara.

— Eu não sei por que você está fazendo esse escarcéu todo — disse Stephanie, depois de algum modo conseguir recuperar a compostura. — Eu estava somente dando uma olhada. Tinha curiosidade de saber qual era a origem dos oócitos que o Dr. Saunders nos forneceu. — A mente dela estava fervilhando num debate interno se ela devia obedecer às ordens de Kurt, ou se devia cair no chão e recusar-se a prosseguir. Se eles não iam voltar para o laboratório, ela preferia ficar no escritório de Cindy Drexler, porque havia o conforto de saber que ela voltaria para lá. A ideia de não saber para onde estavam se encaminhando a aterrorizava, mas ela resolveu prosseguir. O que a mantinha andando era a ameaça de Kurt de matá-la. Pelo jeito que ele parecia ser maluco e obstinado, ela achou melhor levá-la a sério.

— Entrar na sala dos óvulos sem autorização é motivo suficiente para um escarcéu — respondeu Kurt, desdenhoso, como se conhecesse os pensamentos dela.

No final do corredor, eles viraram num ângulo de 90° e seguiram até uma porta similar à que Stephanie usara para entrar, mas que ficava no lado oposto da área. Kurt apertou um botão em seu umbral

e a pesada porta, parecida com a de um cofre, abriu-se rapidamente. Kurt deu um rude empurrão em Stephanie para que ela passasse. Desacostumada com os braços presos atrás nas costas, Stephanie teve que fazer de tudo para manter sua base. Cambaleando para a frente, ela se viu num longo corredor estreito, que fazia uma curva à esquerda. Ele era parcamente iluminado por raras luminárias fluorescentes fixadas na parede. Era também um espaço abafado, sem condicionamento de ar.

Stephanie parou. Ela tentou dar meia-volta, mas Kurt empurrou-a para a frente com tanta força que ela caiu. Incapaz de usar as mãos para se proteger da queda, ela aterrissou sobre o ombro, arranhando o rosto no chão de cimento. Um momento depois, ele levantou-a agarrando o jaleco e a blusa dela pelas costas como se ela fosse uma boneca de pano. Uma vez de pé, ele impeliu-a para frente. Stephanie voltou a andar. Ela reconheceu que resistir seria um desastre.

— Exijo falar com o Dr. Wingate e com o Dr. Saunders — disse Stephanie, numa segunda tentativa de mostrar autoridade. Seus temores aumentavam à medida que ela tentava imaginar para onde aquele homem a estava levando. A umidade do corredor sugeria que era para algum lugar subterrâneo.

— No devido tempo — disse Kurt, com uma risada depravada que fez Stephanie sentir um arrepio.

Não demorou muito para Stephanie adivinhar que eles estavam andando no mesmo sentido do corredor com teto arqueado que ligava o laboratório ao edifício da administração. Só que eles iam pelo subterrâneo. Alguns minutos depois, estavam diante de uma porta de incêndio comum. Quando Kurt abriu-a, ela viu que sua suposição estava correta. Eles estavam no porão do edifício da administração. Stephanie lembrou do lugar porque era onde ela e Daniel vieram pegar seus crachás. Com algum alívio, ela supôs que eles estivessem indo para a sala de segurança, o que logo se confirmou.

— Para o hall! — ordenou Kurt, quando eles entraram em seu escritório. Ele ficou por trás, fora de campo de visão dela.

Stephanie passou por uma porta parcialmente aberta e viu de relance uma parede de monitores. Kurt impeliu-a para a frente. No final do corredor, ela parou.

— Você pode reparar que temos uma cela à esquerda e um quarto de dormir à direita — disse Kurt, zombando. — Cabe a você escolher.

Stephanie não respondeu. Em vez disso, entrou na cela aberta. Kurt fechou a porta gradeada, empurrando-a com força. Ela foi trancada com um clique que ecoou pelas paredes de concreto.

— E as algemas? — exigiu Stephanie.

— É melhor que você fique com elas — disse Kurt. Seu sorriso cruel tinha retornado. — É por medida de segurança. A gerência não vê com bons olhos prisioneiros fazendo coisas por conta própria. — Kurt riu novamente. Era óbvio que ele estava se deleitando. Ele tinha começado a voltar para o corredor, mas hesitou. Em vez disso, voltou para dar uma olhada em Stephanie. — Você tem uma privada aí, sinta-se à vontade para usá-la. Não vou incomodar.

Stephanie virou-se para ver o vaso sanitário. Ele não só era totalmente devassado, como não tinha nem mesmo uma tábua. Ela olhou de volta para Kurt, fuzilando-o.

— Eu quero ver os Drs. Wingate e Saunders imediatamente.

— Receio que você não esteja em posição de dar ordens — disse Kurt, irônico. Ele olhou-a fixamente antes de desaparecer pelo corredor.

Stephanie expirou fundo e relaxou um pouco com Kurt fora de vista. Ela só podia ver um pequeno trecho do corredor à sua frente. Incapaz de olhar o relógio, ela tentava imaginar que horas eram. Daniel acabaria se perguntando onde ela estava e começaria a procurá-la. De fato, talvez eleja tivesse começado. Mas logo surgiu um novo temor em sua cabeça: o que aconteceria se ele ficasse tão

irritado com o que ela tinha feito a ponto de não se importar com o fato que ela estava encarcerada?

Kurt Hermann sentou-se na sua mesa e pousou os antebraços nela. Ele estava tremendo por causa do desejo não consumado. Stephanie D'Agostino o excitara a ponto de deixá-lo aflito. Infelizmente, o prazer de passar as mãos na rija, mas suave, feminilidade dela tinha sido muito fugaz e ele queria uma repetição. Ela agiu como se não estivesse gostando, mas isso não o enganava. As mulheres eram assim mesmo: num minuto provocavam, no minuto seguinte fingiam que não estavam gostando das consequências. Era tudo uma farsa, um teatro, uma piada.

Durante alguns minutos, Kurt tentou pensar em alguns modos de protelar a ligação para Paul Saunders. O que ele mais gostaria de fazer era não ter que avisá-lo em momento algum. A Dra. D'Agostino podia simplesmente desaparecer. Merda, era isso o que ela merecia. Mas ele sabia que isso não funcionaria. Saunders acabaria sabendo porque havia compreendido que Kurt tinha ciência de todas as pessoas que entravam e saíam do complexo. Se a doutora desaparecesse, Saunders saberia que Kurt era o responsável, ou pelo menos sabia o que tinha acontecido com ela.

Invocando a disciplina que adquirira com seus conhecimentos de artes marciais, Kurt acalmou-se. Passados alguns minutos, seus músculos começaram a relaxar e o tremor passou. Até sua frequência cardíaca baixou para menos de cinquenta batidas por minuto. Ele soube disso porque a verificava frequentemente. Quando sentiu-se inteiramente sob controle, ele foi até a sala de vídeo.

O relógio na parede indicava que era meio-dia e quarenta e um minutos. Isto significava que Spencer Wingate e Paul Saunders estariam no refeitório. Kurt sentou-se e olhou para a barreira de monitores. Seus olhos dirigiram-se para o número doze. Usando o teclado na frente dele, ele conectou o joystick na microcâmera doze e

começou a fazer uma panorâmica pelo salão. Antes de achar seus chefes, ele encontrou Daniel Lowell. Kurt aproximou a imagem com o zoom. O indivíduo estava lendo uma publicação científica enquanto se entupia de comida, completamente alheio ao que se passava ao seu redor. Na frente dele estava a bandeja intocada de Stephanie. Um leve sorriso de escárnio surgiu no rosto de Kurt. Ele mantinha a namorada do sujeito trancada em sua cela privativa, depois de passar a mão nela, e o cara não tinha a menor ideia de nada. Que otário pomposo!

Kurt abriu o campo novamente e continuou a procurar Spencer e Paul. Ele achou-os na mesa habitual e cercados pelo bando de funcionárias de sempre. Eles também eram otários, pois Kurt geralmente sabia com quem eles estavam transando, embora isto valesse mais para Paul do que para Spencer, já que este não morava no complexo. Para Kurt, a maior parte da população masculina de todo o mundo era composta de otários, o que incluía a maioria de seus oficiais comandantes na época em que ele estava na ativa. Era um fardo que ele tinha que carregar.

Kurt pegou o telefone e ligou para a supervisora do refeitório. Quando ela atendeu, ele lhe pediu para avisar Spencer e Paul que havia surgido uma emergência na segurança que pedia a presença imediata dos dois no escritório dele. Ele pediu que o recado fosse dado especificamente desta forma:

— É um problema sério.

Alguns segundos depois de desligar o telefone, Kurt viu a mulher aparecer no monitor. Ela estava frenética. Deu um tapinha no ombro de Spencer e de Paul, sussurrando em seus respectivos ouvidos. Ambos se levantaram num pulo e, com expressões preocupadas, foram direto para a saída. Spencer vinha um pouco à frente, pois tinha sido abordado primeiro pela supervisora.

Com alguns poucos cliques no teclado, Kurt trouxe a imagem da cela para o monitor que ficava posicionado exatamente na altura de

seus olhos e passou a prestar atenção nele. Stephanie estava andando de um lado para o outro como um felino enjaulado. Era como se ela quisesse deliberadamente provocá-lo com o corpo.

Incapaz de assistir por mais um único segundo, Kurt levantou-se abruptamente. Ele recuou até sua mesa para tentar acalmar-se, lançando mão de seu treinamento novamente. Quando Spencer Wingate e Paul Saunders chegaram esbaforidos, Kurt já tinha voltado ao seu estoicismo. No momento em que os médicos chegaram apressados à mesa dele, a única coisa que ele moveu foram os olhos.

— Qual é o problema sério? — perguntou Spencer. Como ele era o chefe titular da clínica, Paul deixou-o tomar as rédeas. A pele de Spencer estava levemente ruborizada, assim como a de Paul. Os dois homens tinha vindo correndo desde o edifício número três, o que exigia mais exercício do que eles estavam acostumados. Ambos estavam em pânico porque essa fora a mesma mensagem que Kurt enviara quando os agentes federais cercaram a Clínica Wingate, versão Massachusetts.

Kurt saboreou a ansiedade deles como uma desforra por eles não terem reconhecido, como deveriam, seus esforços para botar em funcionamento o sistema de segurança da clínica nova. Ele fez um gesto para que seus chefes fizessem silêncio e, em seguida, acenou para que o seguissem até a sala de vídeo. Assim que chegaram na sala, ele fechou a porta. Ele fez um gesto para que eles se sentassem nas duas cadeiras existentes, enquanto ele permanecia de pé. Ele observava a dupla ao mesmo tempo que se regozijava com a ansiedade e a atenção total deles.

— Qual é a droga da emergência? — ordenou Spencer, perdendo a paciência. — Desembucha!

— Tivemos uma invasão na sala dos óvulos — disse Kurt. — Um caso óbvio de espionagem que comprometeu o programa de obtenção de óvulos.

— Não! — exclamou Paul. Ele foi para a frente do assento. O programa de óvulos era o eixo de seus planos tanto para o futuro da clínica, como para sua reputação.

Kurt concordou com a cabeça, gostando de prolongar o momento.

— Quem? — perguntou Paul. — Foi um trabalho interno?

— Sim e não — Kurt respondeu ambiguamente, sem elaborar.

— Ora, vamos! — queixou-se Spencer. — Isso não é um jogo de adivinhações.

— O autor foi flagrado lendo atentamente o Registro de Oócitos, sendo detido logo em seguida.

— Graças a Deus! — vociferou Paul. — Essa pessoa estava realmente olhando o Registro?

Kurt apontou para o monitor central que ficava exatamente em cima da bancada. Stephanie tinha recuado para se sentar na cama de ferro. Ela estava olhando quase que diretamente para a microcâmera, embora não soubesse de sua existência. Estava claramente perturbada.

Durante alguns minutos, o silêncio reinou na sala de vídeo. Todos os olhos estavam direcionados para Stephanie.

— Por que ela não está se mexendo? — perguntou Spencer. — Ela está bem, não está?

— Está ótima — tranquilizou Kurt.

— Por que o rosto dela está sangrando?

— Ela caiu ao ser levada para a cela.

— O que você fez com ela? — exigiu Spencer.

— Ela não estava cooperando. Precisou de algum encorajamento.

— Meu Deus! — exclamou Spencer. No todo, isso não era a emergência que ele temera, mas mesmo assim era ruim o bastante.

— Por que os braços dela estão atrás das costas? — perguntou Spencer.

— Ela está algemada — disse Kurt.

— Algemada? — replicou Spencer. — Isso não é um pouco forte demais? Embora, considerando seu passado, devamos ficar agradecidos por você não tê-la matado no próprio local.

— Spencer — disse Paul. — Devíamos ficar gratos à vigilância de Kurt, e não criticá-la.

— É um procedimento operacional padrão algemar um indivíduo quando ele é apreendido — disse Kurt, irritado.

— Sim, mas ela está numa cela, pelo amor de Deus — disse Spencer. — Você devia ter tirado as algemas.

— Esqueça as algemas por um momento — sugeriu Paul. — Vamos nos preocupar com as implicações do comportamento dela. Eu não gosto do fato de ela ter estado na sala dos óvulos e menos ainda de ter olhado o registro. Ela não tem sido nem um pouco educada em relação ao nosso trabalho, especialmente no que se refe¬re à nossa terapia com células-tronco.

— Ela é um pouco metida à besta — admitiu Spencer.

— Eu não a quero atrapalhando nosso programa de oócitos, ainda que ela não possa fazer muita coisa aqui nas Bahamas — disse Paul.

— Não é como se estivéssemos nos Estados Unidos. Mas ainda assim ela pode criar um caso que gere propaganda negativa para a clínica, o que afetaria nossos esforços no recrutamento de úteros de aluguel e, por extensão, nossos resultados finais. Temos que nos certificar para que isso não aconteça.

— Talvez essa seja a razão por que Lowell e ela estão aqui — sugeriu Spencer. — Talvez toda essa história sem nexo de tratamento seja um ardil bem preparado. Eles podem ser espiões industriais querendo roubar nossas ideias para ganharem os créditos.

— Eles são autênticos — disse Paul.

— Como você pode estar tão seguro? — disse Spencer, deixando de olhar para a imagem de Stephanie e dirigindo a atenção para

Paul. — Você é um tanto crédulo quando se trata de lidar com pes¬quisadores de verdade.

— Como disse? — disse Paul, irritado.

— Oh! Não seja tão sensível — respondeu Spencer. — Você sabe do que estou falando. Essas pessoas têm doutorados verdadeiros.

— O que pode explicar a falta de criatividade delas — respondeu Paul. — Você não precisa de um doutorado para fazer uma descoberta científica. Mas, seja como for, posso assegurar-lhe que essas pessoas não falseiam o que estão fazendo. Vi com meus próprios olhos que o tal do HTSR é impressionante.

— Mesmo assim você pode estar sendo enganado. É isso que estou querendo mostrar! Eles são pesquisadores profissionais e você não é.

Paul desviou o olhar, por um momento, para evitar um acesso de fúria. Spencer era a última pessoa no mundo que devia ficar insinuando-se como uma autoridade para distinguir quem era e quem não era um pesquisador. Spencer não sabia nada a respeito de pesquisas. Ele não passava de um simples empresário vestido de médico, e nem mesmo um bom empresário.

Depois de um momento para acalmar-se, Paul olhou novamente para o seu chefe e disse:

— Sei que eles estão de boa-fé, fazendo manipulações celulares verdadeiras orientadas para um objetivo, porque eu peguei algumas das células nas quais eles emendaram um pouco do DNA de Cristo.

As células são surpreendentes e extremamente visíveis. Eu mesmo as utilizei para ver se funcionavam, e funcionaram.

— Espere um segundo — disse Spencer. — Você não está querendo me dizer que provou que essas células têm o DNA de Cristo.

— É claro que não. — Paul esforçou-se para manter a compostura. Algumas vezes, discutir ciência biomolecular com Spencer era como falar com uma criança de cinco anos de idade. —

Não existe teste para "cristandade". O que estou tentando lhe dizer é que eles trouxeram com eles uma cultura de fibroblastos da pessoa que está com a doença de Parkinson, que eles estão planejando tratar. Dentro dessas células, os genes defeituosos foram trocados por genes que eles foram capazes de construir a partir do DNA retirado da amostra do Sudário de Turim. Eles já realizaram tudo isso e agora estão prestes a produzir as verdadeiras células de tratamento. É autêntico. Na minha opinião, não há a menor dúvida sobre o que eles estão fazendo. Estou absolutamente certo. Confie em mim!

— Tudo bem, tudo bem — repetiu Spencer. — Levando em conta que você esteve com eles no laboratório, presumo que eu tenha de aceitar sua palavra de que eles estão aqui numa missão terapêutica legítima. Mas tendo aceitado isso, como é que fica a questão da identidade do paciente, sobre a qual você também me deu a sua palavra? Você disse que iria descobrir quem é o paciente. E aqui estamos nós, a pouco mais de uma semana do dia "D", programado para o trata-mento de nosso visitante, sem saber de nada ainda.

— Bem, isso é outro problema.

— É, mas está associado. Se não tivermos logo um nome, não vamos ter nossa compensação financeira caída do céu nesse negócio, isso é certo. Qual é o problema em descobrir a identidade? Isso não é pedir muito.

Paul olhou para Kurt.

— Conte para ele!

Kurt pigarreou.

— Tem sido uma tarefa mais difícil do que eu previra. Tivemos o apartamento e o escritório deles vasculhados antes mesmo de eles chegarem a Nassau. Depois que chegaram aqui, apoderamo-nos de seus laptops e fizemos com que nosso CDF em computadores verificasse os discos rígidos: nada. O aspecto positivo foi que instalei um dispositivo no telefone celular da garota exatamente hoje. Vim

tentando apoderar-me do aparelho desde o primeiro dia, mas ela não cooperou. Ela não o perdeu de vista uma única vez.

— Você implantou o dispositivo depois que a prendeu? — perguntou Spencer. — Você não acha que ela vai suspeitar?

— Não — disse Kurt. — O dispositivo foi instalado antes. Hoje, pela primeira vez, ela deixou o celular no laboratório quando foi para o refeitório. Eu tinha acabado de instalar o dispositivo quando ela voltou para invadir a sala dos óvulos. Eu a estava seguindo na hora que ela conseguiu entrar.

— Então por que você não a impediu antes que ela entrasse? — perguntou Spencer.

— Queria pegá-la em flagrante — disse Kurt, enquanto um sorriso libidinoso formava-se nos cantos de sua boca.

— Suponho que eu também não me incomodaria em pegá-la em flagrante — disse Spencer, com um sorriso similar.

— Com o dispositivo instalado no celular, devemos nos dar bem — disse Paul. — Desde o princípio, Kurt achou que o monitoramento do celular nos forneceria a identidade do paciente.

— Isso é verdade? — perguntou Spencer.

— É — disse Kurt, simplesmente. — Mas temos uma outra opção. Com ela presa, podemos exigir que nos diga o nome como uma condição para a sua libertação.

Os dirigentes da Clínica Wingate entreolharam-se enquanto avaliavam a sugestão de Kurt. Spencer foi o primeiro a responder sacudindo a cabeça.

— Eu não gosto da ideia.

— Por quê? — perguntou Paul.

— Principalmente porque acho que eles não nos diriam. Além disso, ficaria claro o quanto queremos saber o nome — disse Spencer.

— Obviamente, a manutenção da identidade do paciente é muito importante para eles. Do contrário, já o saberíamos. Nesta altura,

com todo o progresso que você me disse que já fizeram, eles simplesmente poderiam fazer as malas e ir acabar o tratamento em outro lugar. Não quero colocar em risco a segunda parcela de vinte e dois mil e quinhentos paus. Não é nenhuma fortuna, mas já é alguma coisa. Além disso, eles sabem que estamos blefando. Não podemos mantê-la encarcerada, a menos que joguemos o outro lá dentro também, o que não podemos fazer. Seguramente, ele vai fazer o maior escândalo quando descobrir onde ela está e como foi tratada.

— Você fez considerações sensatas — respondeu Paul. — Concordo com você. Acho que devemos condicionar a libertação dela simplesmente a uma promessa de confidencialidade, o que é razoável sob as circunstâncias. Ela pode ter as opiniões dela, mas deve mantê-las para si mesma. Minha impressão é que o Dr. Lowell nos apoiará. Percebi que ele está sempre tentando controlar a arrogância dela.

Spencer olhou para Kurt.

— Então, você está otimista em descobrir a identidade do paciente por meio do dispositivo instalado no telefone?

Kurt fez que sim com a cabeça.

— Acho que devemos persistir nisso — disse Spencer. — E vamos propor a questão da confidencialidade.

— Concordo — disse Paul. — E por falar no Dr. Lowell, por onde ele anda?

— Ele está no refeitório — disse Kurt. Seus olhos ergueram-se para o monitor número doze. — Pelo menos estava há alguns minutos.

— Acho significativo a Dra. D'Agostino estar sozinha quando foi à sala dos óvulos — disse Paul.

— Por quê? — perguntou Spencer.

— Meu palpite é que o Dr. Lowell não tem ideia do que ela estava fazendo.

— Você pode ter razão — disse Spencer.

— O Dr. Lowell está seguindo para o laboratório — disse Kurt. Ele apontou para o monitor apropriado e todos os olhos voltaram-se para ele. Daniel estava andando do edifício número um para o três num passo rápido e determinado, com uma das mãos segurando a coleção de canetas e lápis que ele levava no bolso do peito. Ele chegou ao edifício número um e desapareceu através da porta.

— Onde está o monitor do laboratório? — perguntou Paul. Kurt apontou. Eles viram Daniel aparecer à esquerda. Spencer comentou que ele parecia estar procurando Stephanie. Kurt usou o joystick para segui-lo. Depois de verificar a bancada do laboratório que ele e Stephanie usavam, Daniel olhou para o interior da sala cedida para eles. Ele chegou até a enfiar a cabeça no toalete feminino. Em seguida, foi direto para o escritório de Megan Finnagan.

— Acho que ele teria ido para baixo, para a sala dos óvulos, se soubesse que ela foi para lá — disse Paul.

— Muito bem pensado — disse Spencer. — Aposto que você está certo.

Paul pegou o telefone na bancada e disparou para a extensão de Megan.

— Vou contar para a supervisora de laboratório onde é que o Dr. Lowell pode encontrar a colaboradora dele.

— Ou qualquer que seja o grau de relacionamento entre os dois — disse Spencer, com desprezo. — Não consigo entendê-lo. Falando nisso, Kurt, como é que ela conseguiu entrar na sala dos óvulos?

— Ela usou o crachá da Wingate — disse Kurt. — O acesso ainda tem de ser restringido, embora isto encabeçasse a lista de pedidos da segurança que mandei para a administração no mês passado.

— A culpa é minha — disse Paul, depois de encerrar a breve conversa com Megan Finnagan. — Escapou-me completamente. Além disso, nunca planejamos liberar o laboratório para estranhos e isso não passou pela minha cabeça quando os Drs. Lowell e D'Agostino chegaram aqui.

Spencer levantou-se da cadeira.

— Vamos lá para trás ter uma conversa com a atraente Dra. D'Agostino, antes que o Dr. Lowell chegue aqui. Isso pode facilitar as coisas na negociação. Kurt, quero que você nos deixe a sós neste momento.

Os dois médicos saíram pelo hall e seguiram em direção à cela.

— Esse é um estranho desenrolar dos acontecimentos — sussurrou Spencer. — Mas seguramente é bem melhor do que eu temia quando viemos correndo para cá.

20

19h56, segunda-feira, 11 de março de 2002

Na hora da verdade, Gaetano era um realista. Da mesma forma que estava ansioso para chegar em Nassau nesta segunda visita, para acabar o que tinha começado na primeira, ele estava nervoso. Sua maior fonte de nervosismo relacionava-se a conseguir uma arma, e uma arma decente, porque, sem uma boa arma, os problemas eram inevitáveis. Não havia a menor chance de matá-lo a pauladas, afogando-o na banheira ou estrangulando-o, como ocasionalmente fazem nos filmes. Matar um cara não é tão fácil como é mostrado. Requer planejamento. O método tem de ser rápido e definitivo, o local deve ser moderadamente remoto e proporcionar uma fuga veloz. E no que se refere à rapidez, não há nada melhor do que uma arma, uma boa arma silenciosa.

Para Gaetano, o atual problema era depender de pessoas desconhecidas. Alguém supostamente o encontraria depois que ele aterrissasse na ilha, mas não havia nenhuma garantia de que isso fosse acontecer. Levando em conta que a viagem tinha sido preparada de supetão, não havia plano "B" ou contatos a serem procurados, com exceção de Louie em Boston, sendo que não era nada fácil achá-lo tarde da noite. Mesmo se o homem misterioso aparecesse no aeroporto, sempre havia a possibilidade de ele e

Gaetano se desencontrarem no meio da confusão inevitável, visto que nenhum dos dois sabia como era a cara do outro. Para piorar as coisas, Gaetano teria que estar de volta em Boston no dia seguinte, portanto não podia contar com o benefício de ter muito tempo.

O outro motivo que deixava Gaetano nervoso era que ele não gostava de aviões pequenos. Com os grandes não tinha problema, já que ele conseguia convencer-se de que não estava voando pelos céus. Os pequenos eram uma outra história completamente diferente, e esse no qual ele agora estava viajando era o menor que tinha experimentado. Para piorar as coisas, o avião vibrava feito uma escova de dentes elétrica e debatia-se como uma bola de bilhar. Gaetano não tinha onde se segurar, salvo o encosto da poltrona que ficava na frente de seu nariz. Não havia muito espaço na cabine. Com seu tamanho todo, ele estava literalmente soldado contra a janela.

Gaetano havia pegado um voo da American Airlines para Miami, onde se transferiu para o avião no qual se encontrava. O sol estava se pondo quando ele decolou na segunda parte da viagem, e agora estava totalmente escuro no lado de fora de sua janela. Ele tentou não pensar no que havia embaixo da aeronave oscilante, embora todas as vezes que os motores soavam como se estivessem parando a imagem de um vasto oceano negro involuntariamente surgia em sua mente, somando-se às suas ansiedades. Gaetano tinha um segredo: ele não sabia nadar, e afogar-se era um pesadelo recorrente.

Gaetano deu uma olhada nos outros passageiros. Não havia nenhuma conversa, como se todos estivessem tão aterrorizados quanto ele. A maioria olhava para a frente, perplexa. Alguns estavam lendo sob as luminárias individuais que formavam verdadeiras colunas de luz na escuridão geral. A comissária de bordo estava sentada, em resposta a um aviso expresso do piloto sobre turbulência, observando os passageiros. Sua expressão de tédio passava um pouco de tranquilidade, embora seu cinto de

segurança consideravelmente maior, com correias para os ombros, reduzisse um pouco o efeito, pois dava a impressão de que ela esperava o pior.

Uma batida sólida em particular, seguida de um tremor no avião, fez Gaetano assustar-se. Foi como se eles tivessem atingido algum objeto voador. Durante um minuto ele nem mesmo respirou, mas não aconteceu nada. Ele engoliu saliva para aliviar uma súbita sensação de garganta seca. Resignando-se com seu destino, ele fechou os olhos e repousou a cabeça no encosto. No momento em que fez isso, a voz do piloto surgiu no sistema de som e anunciou que em breve eles estariam aterrissando.

Num surto de otimismo, Gaetano encostou seu nariz na janela e olhou para baixo. Em vez de um vazio escuro, ele agora via luzes brilhando adiante. Ele respirou com alívio. Parecia que, apesar de tudo, ele conseguiria chegar ao seu destino.

O avião pousou com um choque de boas-vindas. Momentos antes, o ruído dos motores havia se intensificado, seguindo-se uma sensação de freada repentina. Gaetano apoiou-se no encosto da poltrona à sua frente. Ele sentiu-se tão bem com o fato de o avião estar em terra, que sorriu para o passageiro sentado à sua direita. O homem retribuiu educadamente. Redirecionando sua atenção para longe da janela, Gaetano agora era capaz de concentrar-se em suas preocupações sobre a arma.

Como havia relativamente poucos passageiros no avião, o desembarque foi rápido, e Gaetano estava entre os primeiros a pisarem no asfalto. Ele absorvia o quente ar tropical, enquanto exultava com a sensação de estar em terra firme. Depois que todas as pessoas saíram da cabine, ele e os outros passageiros foram conduzidos para o terminal.

Segurando sua pequena maleta, Gaetano parou assim que passou pela porta. Ele não sabia ao certo o que fazer. Achava que seu tamanho chamaria a atenção, mas ninguém se aproximou. Ele estava

usando as mesmas roupas de qualidade que usara em sua outra visita, o que incluía a camisa havaiana estampada de mangas curtas, calças caqui e um paletó azul-escuro. A pressão exercida pelas pessoas que estavam atrás fizeram com que ele fosse impelido para a frente. Era como se ele estivesse sendo carregado por um rio que fluía para o controle de passaportes. Quando chegou a vez dele, Gaetano entregou o documento. O agente estava prestes a carimbar o passaporte quando viu as anotações da viagem recente de Gaetano. Não só tinha sido há pouco tempo, como durara um único dia. Ele olhou para Gaetano com um ar interrogativo.

— Eu só estava vendo o lugar na primeira vez — explicou Gaetano. — Como gostei, resolvi voltar para passar as férias.

O homem nada disse. Carimbou o passaporte, devolveu-o a Gaetano e estendeu o braço para atender a pessoa seguinte.

Gaetano seguiu em frente, passando pela multidão aglomerada em torno da esteira de bagagens, em direção à alfândega. Com seu passaporte americano nas mãos e apenas uma maleta, os agentes deixaram-no passar. Ele prosseguiu através de duas portas duplas que eram mantidas abertas. Uma multidão atenta encontrava-se atrás de um frágil anteparo móvel de metal. Todos tentavam ansiosamente ver seus familiares e amigos através das portas abertas. Ninguém expressou o menor interesse em Gaetano. Indeciso quanto ao que fazer, Gaetano continuou andando. Inicialmente, teve que se mover lateralmente, para passar pelo anteparo, antes de juntar-se à multidão turbulenta. Depois de andar um pouco, ele parou e esquadrinhou o terminal na esperança de fazer contato visual com alguma pessoa. Ninguém lhe deu a mínima atenção. Ele coçou a cabeça, refletindo sobre o que fazer. Na ausência de um plano melhor, ele se dirigiu para o setor de aluguel de carros e entrou numa fila.

Quinze minutos mais tarde, ele tinha as chaves de um Cherokee, embora dessa vez o carro fosse verde. Ele caminhou de volta para o

setor de desembarque internacional, e quando estava começando a tentar ligar para Louie, alguém deu um tapinha no seu ombro.

Por puro reflexo, Gaetano virou-se pronto para começar a brigar. Ele se viu olhando para os olhos escuros do homem mais negro e mais careca que ele já tinha visto. Havia correntes de ouro em torno do pescoço dele suficientes para transformar um simples movimento num exercício de resistência. A cabeça dele refletia as luzes do ambiente com uma intensidade que obrigava Gaetano a apertar os olhos. O homem respondeu à reação exagerada de Gaetano dando um passo para trás e erguendo ambas as mãos como se fosse desviar-se de um golpe. Numa das mãos ele segurava um saco de papel marrom todo enrugado.

— Vai com calma, cara! — disse o sujeito. Ele falava com o mesmo sotaque bahamiano forte que Gaetano lembrava-se da primeira viagem. — Não vou te fazer nenhum mal.

Gaetano ficou envergonhado com sua agressividade e tentou se desculpar.

— Tudo bem, cara — a voz tinha um ritmo marcado. — Você é Gaetano Baresse, de Boston?

— O próprio! — disse Gaetano, com um sorriso de alívio. Por um segundo, ele teve vontade de abraçar o estranho, como se ele fosse um parente desaparecido. — Você tem alguma coisa para mim?

— Se você for Gaetano Baresse, tenho. Meu nome é Robert. Deixe-me mostrar o que eu tenho — tendo dito isso, o homem desenrolou a parte de cima do saco papel e enfiou a mão dentro para pegar o conteúdo.

— Ei, não mostre essa coisa aqui! — sussurrou Gaetano, energicamente. Ele estava horrorizado.—Você está maluco? — Os olhos de Gaetano percorreram nervosamente o terminal. Havia alguns entediados policiais armados nas proximidades. Felizmente, não estavam prestando atenção.

— Você quer ver, não quer? — perguntou o sujeito.

— Sim, mas não aqui no meio disso tudo. Você veio de carro?

— Vim. Estou de carro.

— Vamos até lá.

Dando de ombros, o homem conduziu-o para fora do terminal. Alguns minutos depois, eles entraram num antigo Cadillac, em tom pastel, com uma traseira no formato de rabo-de-peixe. O homem acendeu a luz interna e passou o saco para Gaetano. Ele estava esperando alguma coisa corriqueira, mas o que tirou de dentro do saco surpreendeu-o consideravelmente. Era uma nove milímetros SW99, equipada com um LaserMax e com um silenciador Bowers CAC9.

— Tudo bem? — perguntou Robert. — Você ficou feliz?

— Mais do que feliz — disse Gaetano. Ele admirou o acabamento intacto em melonita preta, que sugeria que a arma fosse nova em folha. Era uma arma imponente. Embora tivesse um cano de somente dez centímetros, com o silenciador incorporado ela media quase trinta.

Depois de certificar-se de que não havia ninguém nas proximidades, Gaetano mirou um carro próximo através do para-brisa e ativou brevemente o laser. Quinze metros adiante, ele viu o ponto vermelho brilhar no para-choque traseiro do carro. Ele estava excitado com a arma até reparar que o carregador não estava na coronha.

— Onde está o carregador? — perguntou Gaetano. Sem um carregador e munição, a arma era inútil.

Robert sorriu na penumbra do carro. Em contraste com sua lustrosa pele de ébano, seus dentes eram verdadeiras pérolas brancas. Ele bateu no bolso esquerdo de sua calça.

— Está tudo aqui em segurança, cara, todo carregado e pronto para uso. Tenho até mais um de reserva, para garantir.

— Ótimo — disse Gaetano. Ele estendeu a mão, aliviado.

— Não tão rápido — disse Robert. — Acho que eu mereço receber alguma coisa pessoalmente. Estou querendo dizer que vim até aqui quando poderia estar em casa tomando umas geladas. Você está me entendendo?

Por um momento, Gaetano apenas encarou os olhos do homem, que na escuridão pareciam dois buracos de bala num cobertor branco sujo. Ele sabia reconhecer uma extorsão, e esta provavelmente era a intenção do sujeito. O primeiro pensamento de Gaetano foi agarrar a cabeça do cara e batê-la contra o volante para que ele ficasse sabendo exatamente com quem estava lidando, mas os pensamentos lúcidos acabaram prevalecendo. O cara podia ter alguma outra arma, o que deixaria as coisas um pouco incertas. Essa certamente não seria a melhor forma de começar a viagem. E mais grave ainda, Gaetano não tinha ideia das relações desse sujeito com os colombianos de Miami, que Louie tinha contatado para arranjar as coisas. A última coisa que Gaetano queria ou precisava, enquanto estivesse em Nassau a negócios, era ter um bando de caras atrás dele, especialmente colombianos.

Gaetano pigarreou. Ele estava carregando uma significativa quantia em dinheiro vivo, visto que nesta espécie de correria tudo tinha que ser pago à vista.

— Robert, acho que você merece um pequeno sinal de agradecimento. O que você tem em mente?

— Uma nota de cem seria agradável — disse Robert.

Sem dizer mais nada, Gaetano inclinou-se para a frente para enfiar a mão livre no bolso direito de sua calça. Enquanto fazia isso, não tirou os olhos de Robert. Ele puxou uma nota de dentro de um maço e entregou-a. Robert então apresentou os carregadores. Gaetano enfiou um deles pela base da coronha. Fez um clique quando encaixou. Descartando uma fantasia fugaz de testar a arma em Robert, Gaetano desceu do carro. Colocou o segundo carregador no bolso do paletó.

— Ei, cara! — chamou Robert. — Você precisa de uma carona para a cidade?

Gaetano inclinou-se novamente para dentro do carro.

— Obrigado, mas estou com meu próprio carro — voltando a levantar-se, ele enfiou a arma no bolso esquerdo de sua calça, que tinha uma abertura no fundo, feita sob medida, para acomodar o silenciador da automática. Manter esse tipo de abertura foi um truque que ele aprendeu com um mentor, quando começou a trabalhar para a família de Nova York. O único problema da abertura permanente era ter de aprender a jamais botar outras coisas no bolso, como moedas e chaves, que cairiam pela perna da calça. Enquanto andava em direção ao estacionamento de carros alugados, Gaetano podia sentir o aço gelado do silenciador roçando contra sua coxa descoberta. Para ele, era como uma carícia.

Vinte minutos mais tarde, Gaetano chegou com o Cherokee alugado no estacionamento do hotel Ocean Club. Dirigir o carro dera-lhe tempo para acalmar-se em relação ao episódio da pequena extorsão de Robert. O barulho dos pneus esmagando o cascalho foi especialmente alto, ainda mais porque todas as janelas do carro estavam abertas. Apreciando o ar quente de verão, Gaetano decidira-se por deixar o ar-condicionado desligado. Uma vez no estacionamento, ele deu um giro completo pelo local. Procurava uma vaga que fosse perto do hotel, mas que proporcionasse uma saída direta para a estrada. Depois de matar o professor, ele queria poder cair fora rapidamente.

Antes de sair do carro, Gaetano acendeu a luz interna e conferiu sua aparência no espelho retrovisor. Ele queria ter certeza que estava apresentável para circular num hotel sofisticado. Alisou suas sobrancelhas um tanto peludas e ajeitou as lapelas do paletó. Quando deu-se por satisfeito, ele desceu do carro. As chaves do carro foram para o bolso direito, e ele deu uma batida nelas por cima do tecido, para garantir. Quando estivesse indo embora, a última

coisa que ele queria era ter que procurar as chaves. Totalmente preparado, ele partiu.

Seguindo o mesmo método de abordagem que usara em sua primeira visita ao hotel, Gaetano dirigiu-se para o edifício que abrigava a suíte 108. Eram oito e meia da noite, logo ele esperava que o professor e sua namorada estivessem jantando, mas ele queria verificar o quarto primeiro. Caminhou tranquilamente, passando por vários hóspedes elegantemente vestidos que seguiam na direção contrária.

No lugar apropriado, Gaetano cortou caminho entre dois edifícios para alcançar o gramado ao lado do oceano. Ele prosseguiu quase até chegar no emaranhado de algas marinhas que cobriam o barranco íngreme que dava para a praia. Chegando neste ponto, ele virou para caminhar paralelamente à frente do edifício procurado. Estava suficientemente perto da água para escutar o suave marulhar das ondas quebrando na praia à sua direita. O clima estava perfeito, com nuvens rarefeitas passando rapidamente através de um dossel de estrelas parcialmente obscurecidas pelo brilho de uma lua quase cheia. Uma brisa suave vindo do oceano balançava as palmeiras. Não era difícil para Gaetano entender o porquê de as pessoas gostarem do Ocean Club.

Quando Gaetano chegou perto da suíte 108, num local que proporcionava uma visão de seu interior, um arrepio de excitação eriçou seus cabelos e um calafrio percorreu sua espinha. Não somente as luzes estavam acesas e as cortinas escancaradas, como o professor e sua namorada também estavam lá claramente à vista! Ele não podia acreditar que teria a sorte de chegar ao clímax de sua missão tão rapidamente e, por um instante, ficou apenas observando, enquanto sentia o pulso acelerar por antecipar a violência iminente. Mas sua excitação diminuiu quando ele questionou o que estava vendo. Ele piscou algumas vezes para certificar-se de que não havia nada de errado com seus olhos. Algo

estranho estava acontecendo com o professor e a irmã de Tony, eles estavam se movendo rapidamente como duas galinhas e, em seguida, sacudiram um lençol no ar. Ao fundo, a porta do quarto que dava para o hall estava aberta e havia um aparelho de TV ligado.

Irresistivelmente atraído pelo confuso espetáculo, Gaetano avançou através do gramado escuro. Sua mão havia instintivamente deslizado para dentro do bolso esquerdo para segurar a arma. Repentinamente, ele parou, com uma percepção desanimadora. As pessoas que ele estava observando não eram suas presas, mas camareiras fazendo uma arrumação.

— Merda! — grunhiu ele. Depois, ele suspirou e balançou a cabeça melancolicamente.

Por alguns minutos, Gaetano permaneceu na escuridão e raciocinou que tinha sido melhor assim. Se ele tivesse atravessado o jardim, mandado uma azeitona no professor e depois caído fora, não teria sido nada prazeroso. Teria sido muito fácil e muito rápido. Muito melhor era ter que fazer uma campana mais prolongada, envolvendo uma dose de perigo que exigisse a experiência e técnica dele. Dessa forma, o processo seria verdadeiramente prazeroso.

Gaetano soltou a arma, balançou a perna para que o silenciador ficasse direito na perna de sua calça e ajeitou o paletó. Depois, deu meia-volta e seguiu em direção às áreas comuns do hotel: se o professor e a garota não tivessem saído para jantar, era lá que estariam.

O primeiro restaurante era situado bem mais próximo da praia do que os edifícios onde ficavam os quartos do hotel, o que obrigava Gaetano a andar ao lado das algas marinhas, tendo a praia agora à sua direita. As portas envidraçadas do salão de jantar abriam-se em direção ao oceano, e Gaetano estava próximo o bastante para ouvir as conversas. Ele aumentou o passo, no intuito de passar rapidamente pelo campo de visão das pessoas que jantavam. Sua preocupação era a possibilidade de o professor reconhecê-lo. Era

nisso que consistia o perigo, porque, se o professor o visse, a segurança seria alertada e, provavelmente, a polícia também.

Uma vez passadas as portas envidraçadas, Gaetano entrou no restaurante pela entrada principal, ao mesmo tempo que dava uma olhada panorâmica em busca do professor. Ele passou pela mesa da recepcionista, onde vários casais aguardavam lugar, e parou na entrada da sala de refeições, rápida e metodicamente esquadrinhando o espaço. Quando certificou-se de que o professor não estava lá, ele saiu tão rapidamente quanto tinha chegado.

Depois, vinha o restaurante mais informal, com um bar no centro, pelo qual Gaetano tinha passeado em sua primeira visita. Uma vez mais, mantendo cautela extrema, Gaetano deu um giro, andando do bar para as mesas periféricas. O professor não estava lá.

Resignando-se com a ideia de que seu alvo provavelmente tivesse ido jantar fora, Gaetano seguiu pela calçada que atravessava o gramado em direção ao prédio principal. Sua intenção era reocupar o mesmo sofá que ele usara em sua visita anterior, que propiciava uma vista da entrada do hotel. Ele torcia para que as tigelas de frutas ainda estivessem lá. Depois de passar pelos dois restaurantes e sentir os aromas saborosos, o estômago de Gaetano estava roncando.

Havia algumas pessoas no saguão principal. Infelizmente, o sofá de Gaetano estava ocupado por um casal, que conversava com outras duas pessoas sentadas em cadeiras defronte ao sofá. Gaetano andou pelo pequeno bar com suas tigelas de amendoins. Por coincidência, quem estava servindo era o mesmo cavalheiro com quem Gaetano conversara em sua visita anterior. Dali Gaetano ainda podia ver a portaria do hotel, embora não tão bem como do sofá, mas ainda bem o bastante.

— Ei! — disse o barman. — Ele estendeu a mão. — Não te vejo há algum tempo!

Gaetano ficou um pouco incomodado pelo sujeito tê-lo reconhecido, apesar da quantidade de gente que ele devia ver

diariamente. Gaetano sorriu com condescendência, apertou a mão do sujeito e pegou um punhado de amendoins. O barman era um nova-iorquino expatriado e esse tinha sido o tópico da conversa de uma semana e meia atrás.

— Você quer tomar alguma coisa?

Gaetano viu um dos corpulentos seguranças do hotel aparecer na passagem que levava à recepção. Com as mãos nos quadris, ele examinou negligentemente o espaço. Estava vestindo um terno escuro comum. Por ter um fone num dos ouvidos, cujo fio saía por debaixo do paletó, ficava claro que ele era um segurança.

— Uma Coca cairia bem — disse Gaetano. Era melhor dar a impressão que estava ocupado para não parecer um peixe fora d'água. Ele sentou com metade do corpo num dos bancos do bar, mantendo a perna esquerda esticada, para não perturbar a arma com o silenciador. — Com gelo e um pouco de limão, ela ficaria perfeita.

— Já vou servir, camarada — disse o barman. Ele abriu a lata de Coca e encheu o copo com gelo. Ele enroscou a casca do limão na borda do copo e serviu a bebida na frente de Gaetano. — Seus amigos ainda estão hospedados no hotel?

Gaetano concordou com a cabeça.

— Eu devia encontrá-los aqui no hotel, mas eles não estão nem no quarto, nem nos restaurantes.

— Você tentou o Courtyard?

— O que é isso? — perguntou Gaetano. Pelo canto do olho ele viu o segurança desaparecer de volta para a recepção.

— Trata-se, na verdade, de nosso melhor restaurante — explicou o barman. — Ele só abre para o jantar.

— Onde fica?

— Vá até a recepção e vire à esquerda. Passe pelas portas e você chegou lá. Fica literalmente no pátio interno da parte velha do hotel.

— Vou dar uma olhada — disse Gaetano. Ele virou a Coca e fez uma careta devido à efervescência. Colocou uma nota de dez dólares

no balcão e deu um tapinha nela. — Obrigado, companheiro.

— De nada — disse o barman, embolsando a nota. Gaetano deu dois passos até a recepção, mantendo um olho atento em busca do segurança. Ele logo o viu entretido numa conversa com o porteiro-chefe. Seguindo as instruções do barman, Gaetano virou à esquerda, passou pelas portas, que separavam a área servida por ar-condicionado, e encontrou-se num pátio com restaurante. Era um longo espaço retangular cheio de palmeiras e flores exóticas, com uma fonte central ao lado das mesas e cadeiras. Circundando a área havia o edifício, com dois andares, do hotel. Uma varanda com balaústre em ferro trabalhado percorria todo o segundo andar. Música ao vivo vinha de um conjunto que tocava no andar de cima, fora da vista de Gaetano.

— Posso ajudar? — perguntou uma mulher de cabelos escuros por detrás da bancada da recepcionista. Ele estava usando um vestido longo apertado, com estampa tropical, tão colado no corpo que fez Gaetano tentar imaginar se ela podia andar sem ter que levantá-lo até a cintura.

— Só estou dando uma olhada — disse Gaetano. Ele sorriu. — É um belo cenário. — Embora houvesse uma luz fraca vinda do hall do hotel, a maior parte da iluminação do restaurante vinha das velas altas nas mesas e do luar acima.

— Você vai precisar de uma reserva caso queira juntar-se a nós uma outra noite — disse a recepcionista. — Estamos lotados esta noite.

— Vou me lembrar disso. Há algum problema em dar uma rápida olhada?

— Certamente que não — a recepcionista disse fazendo um gesto para Gaetano prosseguir.

Gaetano viu a escada que levava para o segundo andar e, acreditando que teria uma visão melhor lá de cima, ele a subiu. Chegando no segundo andar, viu os músicos. Eles ficavam num

pequeno espaço diretamente acima da recepcionista. Para ganhar espaço, eles puseram a mobília do hotel de lado.

Gaetano começou a andar pela sacada aberta, passando a mão no corrimão de ferro à medida que avançava. Ele tinha uma ótima visão das mesas abaixo, pelo menos daquelas que não estavam encobertas pelas plantas. As velas iluminavam convenientemente os rostos das pessoas. Pretendendo dar uma volta completa, Gaetano acreditava que conseguiria ver todas as pessoas sem impedimentos.

Repentinamente, ele parou, e os mesmos pêlos que haviam se levantado antes, eriçaram-se novamente. A não mais de vinte metros, sentado numa mesa atrás de uma espirradeira florida, encontrava-se o professor, envolvido no que parecia ser uma animada conversa. Sua cabeça mexia-se enquanto falava e ele chegava até a brandir o dedo indicador no ar para enfatizar o que estava dizendo. Gaetano não conseguia ver o rosto de Stephanie, porque ela estava de costas para ele. Rapidamente, Gaetano recuou para deixar a espirradeira como um anteparo entre ele e o professor. Agora vinha a parte divertida. Se tivesse um rifle com mira telescópica, ele poderia apagar o professor dali de onde estava, mas ele não tinha um rifle e, além do mais, um assassinato desses seria muito fácil. Ele sabia perfeitamente bem que com uma arma de mão, mesmo com mira a laser, tinha-se que estar praticamente em cima do alvo para conseguir matar a vítima. Com isso em mente, ele sabia que tinha que esperar uma oportunidade.

Gaetano olhou em volta. Agora que tinha achado os pombinhos, ele se perguntava onde podia esperá-los enquanto acabavam o romântico jantar deles. Assim que acabassem, possivelmente voltariam para o quarto por um dos muitos escuros caminhos isolados, o que seria um lugar perfeito para o ataque. Na pior das hipóteses, eles iriam pela praia, o que também não trazia problemas para Gaetano. Com a excitação aumentando, Gaetano sorriu de contentamento. Finalmente, as coisas estavam se encaixando.

Para a frente, não havia mais muita coisa, exceto uma escada. Ela levava ao spa, pelo menos era o que dizia a placa que Gaetano conseguia ler de onde estava. Gaetano olhou de volta para a área onde os músicos estavam tocando e decidiu que aquele seria um lugar perfeito para a espera. Embora provavelmente não fosse conseguir enxergar a irmã de Tony por causa da espirradeira, ele poderia vê-la quando eles se levantassem para ir embora, o que era uma coisa importante. Igualmente importante era dar a impressão, enquanto esperasse, que estava ali ouvindo o conjunto musical, caso um dos seguranças aparecesse.

Daniel esfregou os olhos tentando se acalmar. Ele piscou algumas vezes antes de olhar de volta para Stephanie, cuja expressão era de uma raiva exasperada que refletia o estado de espírito dele.

— Tudo o que estou dizendo é que o sujeito da segurança, qualquer que seja seu nome, falou que revistou você quando a encontrou lá dentro sem autorização, algo nada tão inesperado assim.

— O nome dele é Kurt Hermann! — rebateu Stephanie. — E estou lhe dizendo que ele passou a mão em mim de uma forma nojenta. Eu fui humilhada e aterrorizada e não sei o que foi pior.

— Tudo bem, então ele passou a mão em você também, enquanto a revistava. Eu não sei onde termina um e começa o outro. Mas seja como for, em primeiro lugar você não devia estar na porra sala dos óvulos. Foi como se você estivesse pedindo por isso!

O queixo de Stephanie foi caindo lentamente. Ela estava horrorizada com Daniel por ele ter coragem de dizer uma coisa daquelas. Era a coisa mais insensível que eleja dissera, e ele havia dito algumas coisas bem insensíveis durante o relacionamento deles. Abruptamente, Stephanie empurrou sua cadeira de ferro trabalhado para trás, o que fez um considerável ruído ao raspar no chão de concreto, e levantou-se. Daniel reagiu quase tão rapidamente, inclinando-se para a frente e agarrando o braço dela.

— Para onde você acha que vai? — reclamou ele.

— Não sei — disse Stephanie, irritada. — No momento só quero sair daqui.

Por alguns instantes, eles se encararam por sobre a mesa. Daniel não a soltou, mas Stephanie também não tentou se soltar. Eles repararam que as pessoas sentadas nas mesas próximas ficaram em silêncio. Quando Daniel e Stephanie olharam ao redor, eles viram que todos os olhos estavam virados para eles. Até mesmo alguns garçons pararam de servir para olhar.

Apesar do que sentia, Stephanie sentou-se novamente. Daniel continuava a segurar o braço dela, embora tivesse diminuído bastante a força do seu aperto.

— Eu não queria dizer aquilo — disse Daniel. — Estou irritado e confuso, e acabou saindo. Sei que você não estava pedindo para ser molestada.

Os olhos de Stephanie estavam chispando.

— Você parece uma dessas pessoas que acham que as vítimas de estupro colocam-se propositalmente em risco pelas roupas que usam ou pela forma como se comportam.

— De jeito nenhum — disse Daniel. — Foi um lapso verbal. Estou realmente irritado por você ter ido àquela sala dos óvulos e ter causado essa agitação toda. Você me prometeu que não criaria casos.

— Eu não prometi nada — retrucou Stephanie. Sua voz tinha perdido um pouco do tom de irritação. — Disse que tentaria ao máximo. Mas minha consciência está me atormentando. Fui à sala dos óvulos para tentar provar o que eu temia, e consegui. Além das coisas que já sabíamos, eles estão engravidando mulheres para pegar os ovários fetais.

— Como você pode estar tão certa?

— Eu vi a prova definitiva.

— Tudo bem, podemos falar sobre isso sem gritar um com o outro? — Os olhos de Daniel percorreram as mesas próximas. As

pessoas tinham voltado para suas próprias conversas e os garçons retomaram suas tarefas.

— Só se você conseguir se segurar e não falar coisas como as que disse há pouco.

— Vou tentar ao máximo.

Stephanie olhou para Daniel tentando decidir se a última declaração dele tinha sido deliberadamente passiva-agressiva ou se ele estava querendo tirar um sarro dela, imitando-a. Da perspectiva dela, ou era uma ou era outra, e somado a todas as outras coisas, não era um bom sinal.

— Vamos! — disse Daniel. — Diga-me qual é a prova definitiva!

Stephanie continuou a olhar para Daniel. Agora, ela estava tentando decidir se ele havia mudado nos últimos seis meses, ou se ele sempre fora desinteressado de tudo, salvo seu trabalho. Ela desviou o olhar por um momento para reprogramar suas emoções e aparentar controle. Não resolveria nada se ela ficasse calada ou se começassem a brigar. Voltando-se para Daniel, ela respirou fundo e descreveu tudo o que tinha visto, especialmente os detalhes sobre o livro-razão, onde tudo estava registrado preto no branco. Quando ela terminou, eles se entreolharam por sobre seus pratos não terminados. Foi Daniel quem finalmente quebrou o silêncio.

— Bem, você tem razão. Ter razão pelo menos lhe dá alguma satisfação?

— Dificilmente! — disse Stephanie, com um riso sarcástico. — A questão é: podemos prosseguir depois de tudo que sabemos?

Daniel olhou para a mesa e mexeu distraído nos talheres.

— Parece-me que aceitamos os oócitos antes de sabermos os detalhes sobre suas origens. É assim que eu vejo as coisas.

— Ah, bom! — zombou Stephanie. — É uma desculpa bastante conveniente e um exemplo mundial de ética de ocasião.

Daniel ergueu os olhos para Stephanie.

— Estamos tão perto — disse Daniel, pronunciando solenemente cada palavra. — Amanhã, vamos começar a diferenciar as células. Não vou parar agora por causa do que acontece na Clínica Wingate. Sinto muito por terem passado a mão em você, terem te maltratado e molestado. Também sinto muito por eu ter sido espancado. Isso não tem sido um passeio, mas sabíamos que tratar de Butler não seria fácil. Estávamos plenamente cientes desde o princípio que os dirigentes da Wingate eram antiéticos e idiotas venais, mas, no entanto, resolvemos continuar, apesar de tudo. A questão é: você ainda está comigo, ou não?

— Deixe-me lhe perguntar uma coisa — disse Stephanie, inclinando-se em direção a Daniel e abaixando a voz. — Depois que Butler for tratado, formos para a casa, a CURE tiver sido salva e tudo estiver às mil maravilhas, podemos, de alguma forma, alertar anonimamente as autoridades bahamianas sobre o que está acontecendo na Wingate?

— Isso poderia ser problemático — respondeu Daniel. — Para livrá-la imediatamente do cárcere privado de Kurt Hermann, algo que achei o mais importante naquelas circunstâncias, assinei um acordo de confidencialidade que me impede de fazer o que você sugeriu. Essas pessoas com quem estamos lidando podem ser malucas, mas não são estúpidas. O acordo também explica detalhadamente o que estamos fazendo na Wingate; isso significa que se o segredo deles for revelado, eles revelarão o nosso, o que pode destruir tudo que tentamos realizar ao tratarmos de Butler.

Stephanie distraidamente girou sua taça de vinho, que ela até então não tinha tocado.

— O que você acha dessa ideia? — disse Stephanie, subitamente. — Talvez depois que Butler esteja curado, ele não seja tão enfático quanto ao sigilo.

— Presumo que seja uma possibilidade — comentou Daniel.

— Podemos pelo menos adiar a discussão sobre esse assunto para mais tarde, para o futuro.

— Presumo que sim — repetiu Daniel. — Quem sabe? Podem acontecer muitas coisas que não previmos.

— Isso parece uma descrição da situação até hoje.

— Muito engraçado!

— Bem, nada aconteceu exatamente como tínhamos previsto.

— Isso não é verdade. Graças a você, o trabalho celular progrediu exatamente como planejamos. No momento em que Butler chegar aqui, poderemos ter dez linhagens de células disponíveis, e todas elas poderiam curá-lo. O que preciso saber é se você está comigo para que possamos acabar o que começamos e cairmos fora de Nassau.

— Tenho mais uma exigência — disse Stephanie.

— Ah, é?

— Quero que você deixe claro para Spencer Wingate que não está nada satisfeito com as insinuações que ele anda fazendo em relação a mim. E já que estamos falando nisso, por que você está sendo tão passivo? É humilhante. Você nunca comentou nada sobre isso, nem mesmo entre nós dois.

— Eu estava apenas querendo evitar um problema.

— Isso cria um problema! Não consigo entender! Se Sheila Donaldson estivesse fazendo insinuações parecidas para você, eu interferiria mesmo que você não quisesse.

— Spencer Wingate é um egocêntrico inveterado que se considera uma dádiva para a humanidade. Eu esperava que você pudesse lidar com ele sem fazer escândalo.

— Isso já é um escândalo. Ele está se tornando cada vez mais ofensivamente insistente, a ponto de chegar a tocar em mim, embora depois da agitação de hoje ele talvez se contenha. De qualquer modo, quero algum apoio da sua parte em relação a isso. Tudo bem?

— Tudo bem! Tudo bem! — disse Daniel. — É isso? Podemos prosseguir e terminar a operação Butler de uma vez?

Stephanie concordou com a cabeça.

— Presumo que sim — disse ela sem muito entusiasmo.

Daniel passou os dedos pelos cabelos várias vezes, inflou a bochecha e, em seguida, soltou o ar como um balão sendo esvaziado. Ele sorriu debilmente.

— Desculpe-me novamente pelo que eu disse há pouco. Fiquei fora de mim desde que ouvi que você estava trancada numa cela de prisão. Dei como certo que seríamos expulsos da Wingate por causa de sua espionagem, logo agora que estávamos perto do sucesso.

Stephanie refletiu silenciosamente se Daniel tinha alguma noção do quanto ele também era auto-centrado.

— Espero que você não esteja prestes a dizer que eu não devia ter ido à sala dos óvulos.

— Não. Nada disso — admitiu Daniel. — Eu compreendo que você tenha feito o que achou que devia fazer. Só fiquei feliz porque, ao final, nosso projeto não descarrilou. Mas esse episódio me fez perceber uma outra coisa. Estávamos tão ocupados e preocupados que não tiramos nenhum momento só para nós, salvo durante as refeições. — Daniel jogou a cabeça para trás e olhou através das palmeiras para o céu estrelado. — Quero dizer é que nós estamos aqui nas Bahamas, no meio do inverno em nosso país, e não aproveitamos absolutamente nada disso.

— Você está sugerindo algo em especial? — perguntou Stephanie. Às vezes Daniel a surpreendia.

— Estou — respondeu ele. Ele tirou o guardanapo de cima do colo e jogou-o sobre o prato. — Nenhum de nós dois parece estar especialmente com fome e ambos estamos estressados. Por que não damos um passeio sob o luar até o jardim do hotel e visitamos aquele mosteiro medieval que vimos à distância em nossa caminhada, na primeira manhã aqui? Nós dois estamos curiosos a

respeito dele, além de ser bastante apropriado. Na Idade Média, os mosteiros serviam como um abrigo das agitações do mundo real.

Stephanie levantou seu próprio guardanapo e colocou-o sobre a mesa. Apesar de sua irritação atual com Daniel e das questões que isso levantava sobre o futuro do relacionamento deles, ela só podia sorrir diante de sua perspicácia e intelecto afiado, traços que tinham pesado muito na sua atração inicial por ele. Ela se levantou.

— Essa foi a melhor sugestão que você deu nos últimos seis meses.

Isso parece promissor! — disse Gaetano, para si mesmo, quando viu a cabeça de Stephanie e depois a de Daniel surgirem sobre o topo da espirradeira, que bloqueava a visão da mesa deles. Ele tinha visto Stephanie antes, mas aparentemente ela se sentara. Gaetano encolheu-se em sua cadeira, temendo que Daniel por acaso olhasse para o conjunto tocando na varanda. Gaetano acreditava plenamente que o casal viria na direção dele e passaria pela bancada da recepcionista — que ficava bem abaixo de onde ele estava — quando seguissem para o quarto deles. Mas eles o ludibriaram. Partiram na direção contrária e nem olharam para trás.

— Merda! — murmurou Gaetano. Todas as vezes que ele achava que tinha as coisas sob controle, algo inesperado acontecia. Ele olhou para o músico que regia o conjunto, com quem fizera contato visual durante o tempo que esteve esperando. O sujeito tinha demonstrado que apreciava a atenção de Gaetano, que sorriu e fez um rápido aceno quando se levantou.

Inicialmente, Gaetano andou pela varanda num passo normal, para não dar a impressão de que estivesse apressado. Mas assim que se afastou suficientemente dos músicos, ele apertou o passo, enquanto mantinha uma mão segurando a arma dentro do bolso para evitar que ela ficasse batendo em sua perna. No pátio abaixo, o professor e a garota já tinham desaparecido dentro do spa, que ocupava o primeiro andar da ala leste do hotel.

No lado oposto da varanda, Gaetano foi deslizando até parar em frente ao vão da escada. Ele desceu os degraus rapidamente, ainda segurando a arma através do tecido de suas calças. Quando chegou na porta do spa, parou brevemente para se recompor e certificar-se de que não estava sendo observado por ninguém no restaurante, depois abriu-a lentamente. Ele não tinha ideia do que esperar. Se o professor e a garota estivessem à vista, providenciando algum tratamento, ele recuaria e reconsideraria seus planos. Mas o spa ficava fechado no período noturno, como informava um aviso iluminado por uma vela votiva, sobre o balcão da recepção. Subitamente, Gaetano lembrou-se de ter passado por esta mesma área, em sua primeira visita, quando estava procurando a piscina do hotel. Supondo que a piscina fosse o destino do professor e sua namorada, ele apressou-se para atravessar o espaço vazio e sair pelo outro lado.

Gaetano estava agora na área do hotel que abrigava chalés individuais. Borrões de luzes pálidas definiam suas entradas, mas fora isso a área era escura, encontrando-se sob uma cobertura de palmeiras. Gaetano andou rapidamente, lembrando-se do caminho. Estava satisfeito. Presumindo que a piscina e a lanchonete estariam fechadas e desertas, ele teria como escolher um lugar apropriado para fazer o que tinha de ser feito.

Quando virava numa curva fechada à direita, ele viu de relance o professor e a irmã de Tony antes que eles desaparecessem num curto lance de degraus, depois do balaústre de calcário. Gaetano apertou o passo novamente. Alcançando o balaústre, ele teve uma visão panorâmica da área da piscina. Como ele esperava, esta ficava fechada à noite e as instalações nos arredores estavam vazias. A piscina estava iluminada por luzes submersas que faziam com que ela parecesse uma imensa esmeralda lisa.

— Não acredito nisso! — sussurrou Gaetano para si mesmo. — É simplesmente perfeito! — Sua excitação era palpável.

Daniel e Stephanie tinham dado a volta pela beira da piscina e, agora, estavam seguindo para o amplo, escuro e deserto jardim planejado. Na escuridão, Gaetano não conseguia ver muitos detalhes, além de umas silhuetas isoladas de estátuas e algumas cercas vivas. Mas podia ver claramente o mosteiro medieval iluminado. Ele brilhava sob o luar distante como se fosse uma coroa encimando uma série de escurecidos terraços ajardinados que ascendiam em sua direção.

Gaetano enfiou a mão no bolso esquerdo e envolveu o cabo da pistola automática com silenciador. Sentiu um arrepio causado pela sensação de encostar no aço gelado e, em sua imaginação, ele podia ver o ponto vermelho na testa do professor, que precederia o apertar do gatilho.

21

21h37, segunda-feira, 11 de março de 2002

Eu conheço esta estátua de algum lugar — disse Daniel. — Você sabe se ela é famosa?

Daniel e Stephanie estavam parados num trecho de grama aparada, observando um nu deitado, feito em mármore branco, que parecia brilhar na brumosa e úmida penumbra do jardim, inspirado em Versalhes, do Ocean Club. Uma luminosidade azulada banhava a paisagem projetada, contrastando profundamente com as sombras purpúreas.

— Acho que é uma cópia de um Canova — respondeu Stephanie.

— Portanto, é razoavelmente famosa. Se for a que eu estou pensando, a original encontra-se no Museu Borghese, em Roma.

Daniel disparou um olhar espantado na direção dela, mas ela não reparou. Estava compenetrada tocando suavemente a coxa da mulher.

— É surpreendente o quanto o mármore se parece com a pele sob a luz do luar.

— Como é que você sabe que esta é uma cópia de um Canova, seja lá o que é isso?

— Antonio Canova foi um renomado escultor italiano neoclássico do século XVIII.

— Estou impressionado — disse Daniel ainda com ar de incredulidade. — Como é que você pode ter uma resposta dessas na ponta da língua? Ou você leu no quarto a brochura sobre o jardim e está querendo me gozar?

— Eu não li a brochura, mas vi que você estava lendo. Talvez você devesse ser o guia deste passeio.

— Não há a menor chance! A única parte que li com atenção foi sobre o mosteiro em cima do morro. Estou falando sério, como é que você sabe sobre Canova?

— Fiz várias matérias do curso de história na faculdade — respondeu Stephanie. — Isso incluiu uma cadeira em história da arte, da qual eu me recordo mais do que a maioria das outras matérias.

— Às vezes você me surpreende — comentou Daniel. Seguindo o exemplo de Stephanie, ele esticou o braço e tocou a almofada de mármore sobre a qual a mulher se deitava. — É estranho ver como esses caras conseguiam fazer o mármore parecer tão macio. Veja o jeito como o corpo dela amarrota o tecido.

— Daniel! — disse Stephanie, peremptoriamente.

Daniel endireitou-se e tentou decifrar a expressão de Stephanie na escuridão. Ela estava olhando para trás em direção à área da piscina. Ele seguiu a linha de visão dela, mas não viu nada de anormal na paisagem sombria.

— Qual é o problema? Você viu alguma coisa?

— Vi — disse Stephanie. — Vi de relance uma movimentação. Acho que há alguém atrás do balaústre.

— E daí? Do jeito que este lugar é bonito, fatalmente vai ter gente andando por aqui. Não vamos pensar que teríamos este imenso jardim somente para nós.

— É verdade! — concordou Stephanie. — Mas tive a impressão que essa pessoa abaixou-se assim que me virei. Parecia que não queria ser vista.

— O que você está tentando sugerir? — perguntou Daniel, com um de seus risos sarcásticos. — Que alguém está nos espionando?

— Bem, é... algo assim.

— Ah, vamos, Stephanie! Eu não estava falando sério quando sugeri isso.

— Bem, eu estou levando a sério. Eu realmente acho que vi alguém. — Ela ficou na ponta dos pés e forçou a vista para tentar enxergar na escuridão. — E olha lá de novo! — disse ela, agitada.

— Onde? Eu não vejo ninguém.

— Lá na piscina. Alguém acabou de passar da luz para a sombra da lanchonete.

Daniel estendeu os braços e segurou os dois ombros de Stephanie, fazendo com que ela se virasse para vê-lo. Ela inicialmente resistiu.

— Ei! Vamos! Estamos aqui para relaxar. Nós tivemos um dia horrível, você em particular.

— Talvez devêssemos voltar e dar uma caminhada pela praia, onde sempre tem gente. Este jardim parece ser muito grande, muito escuro e muito isolado para o meu gosto.

— Nós vamos subir até o mosteiro — disse Daniel, com autoridade, apontando para cima do morro. —Tanto eu como você ficamos intrigados com ele, e, como já disse, nossa visita tem uma motivação metafísica. Precisamos de um escudo para nos defendermos de nossas presentes agitações. E o horário noturno é o melhor hora para se visitar ruínas. Portanto, recomponha-se e vamos em frente!

— E se eu realmente vi alguém se abaixando atrás daquele balaústre? — Stephanie voltou a esticar o pescoço para ver sobre uma buganvília.

— Você quer que eu corra até lá para verificar? Se você quiser, ficarei contente em ir até lá só para acalmá-la. Eu compreendo que você tenha motivos para agir de forma paranoica, o que também não

deixa de ser uma paranóia. Estamos dentro do terreno do hotel, meu Deus! Eles têm seguranças em todos os lugares, você não se lembra?

— Eu imagino — ela concordou, relutante. Uma fugaz imagem de Kurt Hermann olhando-a de soslaio passou pela mente dela. Ela tinha muitos motivos para estar no limite.

— O que você me diz? Quer que eu corra até lá?

— Não, eu quero que você fique aqui.

— Bem, então dá um tempo! Vamos subir até o mosteiro. — Daniel segurou a mão dela e conduziu-a de volta para o caminho principal, que se estendia através de vários terraços e lances de escadas com degraus largos, que levavam para o cume do morro, onde o mosteiro ficava situado. Em contraste com o jardim escuro, o mosteiro era iluminado por refletores, que ficavam escondidos no nível do chão, realçando seus arcos góticos e dando-lhe a aparência de uma jóia quando visto à distância.

À medida que passavam pelos terraços e contornavam uma fonte ou estátua no centro do terreno, eles reparavam em outras estátuas, posicionadas dentro de caramanchões sombreados, de ambos os lados. Algumas dessas estátuas laterais eram de mármore, enquanto outras eram de pedra ou de bronze fundido. Embora ficassem tentados a dar uma olhada nelas, eles evitaram novos desvios.

— Não tinha a menor ideia de que havia tantas obras de arte por aqui — comentou Stephanie.

— Isso era uma residência particular antes de virar hotel — disse Daniel. — Pelo menos é o que diz a brochura.

— O que ela dizia sobre o mosteiro?

— Tudo que me recordo é que ele era francês e foi construído no século XII.

Stephanie assobiou admirada.

— Pouquíssimos mosteiros deixaram a França. De fato, só sei de um outro, e que nem é tão antigo assim.

Eles subiram o último lance de degraus e, quando chegaram no alto do morro, depararam-se com uma via pública pavimentada que cortava o caminho, separando o mosteiro dos jardins projetados. Observando-se o mosteiro de baixo, não havia como ver a estrada, a menos que um veículo a cruzasse, algo que não ocorreu enquanto eles subiam.

— Isso é uma surpresa — disse Daniel, olhando para ambos os lados da estrada. Ela corria de leste para oeste, ao longo da serra da ilha Paradise.

— Suponho que esse seja o preço do progresso — disse Stephanie. — Aposto que leva para o campo de golfe.

Eles atravessaram a estrada, cuja camada de asfalto ainda irradiava o calor do dia, e subiram mais alguns degraus para chegarem ao cume do morro, que era dominado pelo mosteiro. A antiga estrutura era um simples quadrilátero, sem teto, com duas fileiras de colunas góticas sustentando arcos. A fileira interna era decorada com alguns ornatos na forma de uma folheta solitária, dentro de cada arco.

Daniel e Stephanie aproximaram-se do edifício. Tinham de olhar onde estavam pisando, porque, em contraste com o jardim mais abaixo, o terreno perto do mosteiro era irregular e, além disso, havia uma grande quantidade de pedras e conchas marinhas esmagadas espalhadas nele.

— Tenho a sensação de que isso vai ser uma daquelas coisas que parecem melhor de longe do que de perto.

— Esse é um dos motivos pelos quais é melhor visitar ruínas à noite.

Eles alcançaram a construção e seguiram cuidadosamente pelo corredor, entre as duas fileiras de colunas. Tiveram que forçar os olhos, então adaptados ao escuro, para conseguirem enxergar no brilho intenso da luz externa.

— Esta parte tinha um telhado em sua vida passada — disse Stephanie.

Daniel olhou para cima e concordou com a cabeça.

Evitando os detritos no chão, eles passaram para a balaustrada interna. Ambos inclinaram-se no antigo corrimão de calcário e olharam para o pátio central. Este tinha cerca de vinte metros quadrados e era preenchido por montículos de pedras achatadas e fragmentos de conchas, além de uma complicada interação de sombras, criadas pelo efeito da luz dos refletores batendo nos arcos intermediários.

— É triste — comentou Stephanie. Ela balançou a cabeça. — No passado, quando isso era o centro de um mosteiro ativo, este pátio devia ter um poço e talvez até uma fonte, além de um jardim.

Os olhos de Daniel vagaram em torno do cercado.

— O que eu acho triste é que depois de resistir a quase mil anos na França, ele não vai durar muito por aqui, exposto ao sol tropical e à maresia.

Eles se aprumaram e entreolharam-se.

— Este lugar é um pouco anticlimático — disse Daniel. — Vamos dar aquele passeio na praia que você sugeriu.

— Boa ideia — disse Stephanie. — Mas primeiro vamos conceder o benefício da dúvida e um pouco de respeito a esta construção. Pelo menos vamos dar um volta pelo ambulatório.

De mãos dadas, eles se ajudaram mutuamente a evitar os obstáculos no terreno. Devido à claridade das luzes externas, era difícil ver os detalhes.

Tendo o hotel no lado contrário, eles pararam brevemente para admirar a vista sobre o porto de Nassau. Os refletores também tornavam isso difícil: logo, eles estavam no caminho de volta.

Gaetano estava extático. Ele jamais poderia ter planejado algo melhor. O professor e a irmã de Tony agora estavam parados num quadrilátero de luz que mantinha Gaetano quase invisível, à medida

que ele se aproximava do local do ataque. Ele podia ter-se aproximado na escuridão do jardim, mas como previra corretamente para onde eles estavam indo, sabia que lá seria perfeito.

Gaetano tinha decidido que era melhor a irmã de Tony ficar sabendo, sem sombra de dúvida, de onde o tiro estava vindo, para que ela não pensasse que o professor tivesse sido vítima de uma bala perdida. Gaetano considerava isso essencial, visto que ela iria assumir a direção da empresa. Ele achou importante que ela soubesse exatamente como os irmãos Castigliano sentiam-se a respeito do empréstimo deles e de como a empresa estava sendo administrada.

Naquele momento, o casal encontrava-se no lado mais distante das ruínas, dando uma lenta volta pela construção. Gaetano posicionou-se fora da área iluminada, ao longo do lado ocidental. Sua intenção era esperar até que eles estivessem a menos de cinco metros, saltar no meio da passagem e confrontá-los.

O pulso de Gaetano começou a ficar acelerado, enquanto ele observava Daniel e Stephanie contornarem o último lado e começarem a vir na direção dele. Com uma excitação cada vez maior, ele tirou a arma do coldre improvisado e certificou-se de que havia uma bala na câmara. Mantendo o braço esticado na altura de sua cabeça, ele preparou-se para aquilo que mais gostava: ação!

Acho que não deveríamos tocar nesse assunto novamente — disse Stephanie. — Não neste momento, e talvez nunca mais.

— Eu pedi desculpas pelo que disse no restaurante. Tudo que estou dizendo agora é que eu acharia melhor ter sido apalpado do que espancado. Não estou dizendo que ser apalpado seja agradável. Apenas é mais fácil suportar isso do que levar uma surra e acabar fisicamente machucado.

— O que é isso, um concurso? — perguntou Stephanie, sarcástica. — Não precisa nem responder! Não quero mais falar sobre isso.

Daniel estava prestes a responder quando começou a resfolegar, paralisado no mesmo lugar, ao mesmo tempo que passou a apertar a mão de Stephanie com força. Stephanie estava olhando para o chão, tentando desviar-se de um pedaço grande de pedra, quando a reação de Daniel assustou-a a ponto de ela levantar os olhos. Quando fez isso, ela também passou a resfolegar.

Uma figura corpulenta, segurando uma enorme arma na mão, com o braço esticado, tinha saltado na frente deles e apontava para eles. Mais do que Stephanie, Daniel tinha reparado na mira vermelha bem abaixo do cano.

À medida que o homem se aproximava lentamente, nem Daniel, nem Stephanie conseguiam movimentar-se. Ele tinha uma expressão desdenhosa em seu rosto largo, que Daniel reconheceu com um estremecimento. Gaetano chegou a dois metros do casal atordoado e imóvel. Naquela altura, estava mais do que claro que a arma estava apontada diretamente para a testa de Daniel.

— Você me fez voltar, seu babaca — grunhiu Gaetano. — Uma decisão errada! Os irmãos Castigliano estão muito desapontados com o fato de você não ter voltado para Boston para proteger o empréstimo deles. Achei que você tivesse entendido o meu recado, mas pelo visto não entendeu nada. Você me faz parecer cruel. Portanto, adeus.

O som de um tiro ecoou ruidosamente no silêncio úmido da noite. O braço de Gaetano, que segurava a arma, caiu para o lado, enquanto Daniel cambaleava para trás arrastando Stephanie junto. Stephanie gritou à medida que o corpo caía pesadamente de bruços, com os braços para os lados. Houve alguns espasmos musculares, mas depois tudo ficou imóvel. Um grande ferimento no dorso da cabeça, por onde a bala saíra, vertia sangue e massa cinzenta.

22

21h48, segunda-feira, 11 de março de 2002

Durante alguns instantes, Daniel e Stephanie não se mexeram. Quando se moveram, foi somente para entreolharem-se atônitos, depois de verem o cadáver de bruços, que se esparramava aos pés deles. Na vertigem em que se encontravam, não conseguiam nem respirar, ao mesmo tempo que cada um esperava, em vão, que o outro pudesse explicar o que tinham acabado de testemunhar. Boquiabertos, seus rostos refletiam um misto de medo, horror e confusão, mas o medo logo triunfou. Sem dizer uma única palavra e sem saberem quem estava conduzindo quem, eles fugiram escalando desajeitadamente a parede baixa à esquerda deles e, em seguida, correndo precipitadamente em direção ao hotel, pelo caminho que tinham vindo.

No princípio, a fuga deles foi relativamente controlada, graças aos refletores posicionados no chão e direcionados para o mosteiro. Mas assim que passaram para a escuridão, eles tiveram problemas. Com os olhos então acostumados às luzes do mosteiro, eles pareciam cegos correndo num terreno acidentado e cheio de obstáculos. Daniel foi o primeiro a tropeçar num arbusto baixo e cair. Stephanie ajudou-o, mas acabou caindo também. Ambos sofreram pequenas escoriações, que nem mesmo chegaram a sentir.

Dispondo de toda a força de vontade que conseguiram reunir, eles se forçaram a andar na escuridão para evitar novas quedas, ainda que seus cérebros dessem ordens para que corressem. Alguns minutos depois, chegaram aos degraus que levavam para a estrada abaixo. Naquela altura, seus olhos estavam começando a distinguir detalhes sob o luar, e enxergando o terreno eles podiam apertar o passo.

— Por onde? — perguntou Stephanie, num sussurro esbaforido quando puseram os pés no asfalto da estrada.

— Vamos continuar pelo caminho que já conhecemos — sussurrou Daniel apressadamente.

De mãos dadas, eles atravessaram a estrada e desceram os primeiros degraus de pedra, das muitas escadas do jardim, o mais rápido que seus calçados escorregadios permitiam. A irregularidade dos degraus contribuía para as dificuldades, embora pudessem acelerar ao máximo nos trechos intermediários gramados. Quanto mais se afastavam do mosteiro, mais escuro ficava, mas a adaptação ao escuro e a luz do luar eram mais do que suficientes para evitar que batessem em alguma estátua.

Depois do terceiro lance de degraus, a exaustão levou-os a diminuírem o ritmo para uma leve corrida. Daniel estava mais sem fôlego do que Stephanie, e quando finalmente entraram na área iluminada pela piscina, que parecia relativamente mais segura, Daniel teve de parar. Inclinado, ele pousou as mãos sobre os joelhos e começou a ofegar. Por alguns momentos, ele não conseguia nem mesmo falar.

Também arfando, Stephanie relutantemente olhou de volta para o caminho pelo qual tinham vindo. Depois do choque em relação ao que acontecera, ela imaginou-se perseguida por todos os tipos de demônios, mas o jardim banhado pela lua continuava tão idílico quanto estivera mais cedo. Um pouco aliviada, ela voltou sua atenção para Daniel.

— Você está bem? — perguntou, tomando fôlego.

Daniel fez que sim com a cabeça. Ele ainda não conseguia falar.

— Vamos para o hotel — acrescentou ela.

Daniel fez que sim com a cabeça novamente. Ele endireitou-se e, depois de dar uma rápida olhada pelo caminho atrás dele, segurou a mão estendida de Stephanie.

Permitindo-se uma caminhada, embora acelerada, eles contornaram a piscina e começaram a subir a escada, com degraus de calcário, que levava até o balaústre barroco.

— Aquele era o mesmo homem que agrediu você na loja de roupas? — perguntou Stephanie. Ela ainda respirava pesadamente.

— Era! — Daniel foi capaz de responder.

Eles passaram pelos chalés e pela recepção vazia, iluminada com velas, do spa, que também funcionava como uma passagem ligando o complexo da piscina ao hotel. Após a chocante carnificina que haviam testemunhado nas ruínas do mosteiro, e o terror subsequente causado por ela, a aura asiática do spa, com sua simplicidade e serenidade, parecia algo de outro mundo, a ponto de parecer uma coisa esquizofrênica. No momento em que entraram no restaurante Courtyard Terrace, cheio de clientes elegantemente vestidos, com música ao vivo e garçons trajando smokings, eles se sentiram ainda mais confusos. Sem falar com ninguém, ou entre si mesmos, eles entraram no hotel propriamente dito.

Na recepção de arcadas altas, Stephanie segurou Daniel para que ele parasse. À direita deles ficava o saguão, onde hóspedes participavam de conversas silenciosas, interrompidas por gargalhadas moderadas. À esquerda deles ficava a portaria do hotel, que dava para a marquise. Porteiros engalanados permaneciam de pé, de prontidão. Defronte ficavam os boxes individuais do balcão de recepção, sendo que somente um deles encontrava-se ocupado. Acima, ventiladores típicos giravam lentamente.

— Com quem devemos falar? — perguntou Stephanie.

— Eu não sei. Deixe-me pensar!

— Que tal com o gerente da noite?

Antes que Daniel pudesse responder, um dos porteiros aproximou-se.

— Desculpe-me — disse ele para Stephanie. — Vocês estão bem?

— Acho que sim — respondeu Stephanie.

O porteiro apontou.

— Você notou que sua perna esquerda está sangrando?

Stephanie olhou para baixo e pela primeira vez percebeu o quão miserável ela parecia. O tombo que levara na escuridão tinha sujado seu vestido e rasgado a bainha. Sua meia-calça estava em pior estado, especialmente abaixo do joelho esquerdo, onde estava rasgada. Algumas tiras estendiam-se até o tornozelo, junto com um filete de sangue que descia de seu joelho. Ela então notou que a palma de sua mão direita também estava esfolada, com pequenos fragmentos de conchas quebradas ainda colados nela.

Daniel não tinha se saído muito melhor. Sua calça estava rasgada abaixo do joelho direito, onde havia uma mancha de sangue, enquanto seu paletó estava salpicado com fragmentos de conchas quebradas e o bolso direito lateral soltara-se.

— Não é nada — Stephanie tranquilizou o porteiro. — Eu nem tinha reparado que tinha me machucado. Nós tropeçamos perto da piscina.

— Nós temos um carrinho de golfe bem ali fora — disse o porteiro. — Posso dar uma carona até o seu quarto?

— Acho que ficaremos bem — disse Daniel. — Mas obrigado pela sua atenção — ele segurou o braço de Stephanie e impeliu-a para a frente, em direção à porta que os levaria de volta para o quarto deles.

No princípio, Stephanie deixou-se ser levada adiante, mas pouco antes de chegarem à porta ela desvencilhou o braço.

— Espere um instante! Nós não vamos falar com alguém?

— Fale mais baixo! Apresse-se! Vamos para o quarto para nos limparmos. Lá poderemos conversar mais.

Confusa com o comportamento de Daniel, Stephanie deixou-se conduzir até o corredor, mas parou depois de alguns passos. Ela mais uma vez desvencilhou o braço do aperto de Daniel e balançou a cabeça.

— Eu não compreendo. Vimos um homem ser baleado e ele deve estar gravemente ferido. Uma ambulância e a polícia têm de ser chamados.

— Mantenha a voz baixa! — exortou Daniel. Ele olhou ao redor, grato por não haver nenhum ouvido ao alcance. — Aquele animal está morto. Você viu o dorso da cabeça dele. Ninguém sobrevive àquela espécie de ferimento.

— Isso é mais um motivo para chamarmos a polícia. Testemunhamos um assassinato, meu Deus, bem na nossa frente.

— É verdade, mas nós não vimos quem o cometeu e não temos a menor ideia de quem poderia fazê-lo. Houve um tiro e o cara caiu no chão. Não vimos nada além da vítima caindo: nenhuma pessoa e nenhum veículo! A única coisa que testemunhamos foi o fato de o homem ter sido baleado, e isso a polícia vai descobrir sem precisar da nossa ajuda.

— Mas ainda assim nós testemunhamos um assassinato.

— Mas não seríamos capazes de acrescentar nada somente porque o testemunhamos. Esse é o caso. Pense um pouco nisso!

— Espere aí! — disse Stephanie, tentando organizar seus caóticos pensamentos. — O que você está dizendo pode ser verdade, mas, pelo que eu entendo, não informar que se testemunhou um crime também é crime. E nós com certeza vimos um crime sendo cometido.

— Eu não tenho a menor ideia se deixar de informar um crime é ou não é considerado crime aqui nas Bahamas. Mas mesmo que seja, acho que devemos correr o risco de cometê-lo, porque a essa altura do campeonato não quero envolver-me com a polícia. Além do mais,

eu não tenho a menor simpatia pela vítima, e suspeito que você também não tenha. Ele não somente era o sujeito que me espancou, como também ia me matar, meu Deus. E talvez matasse você também. Minha preocupação é que se formos à polícia e acabarmos arrastados para a investigação de um assassinato, sobre o qual nada podemos fazer para ajudar, vamos correr o risco de colocar a operação Butler em perigo, logo agora que estamos quase acabando. Em resumo, arriscaríamos tudo em troca de nada. É simples assim.

Stephanie concordou com a cabeça algumas vezes e passou a mão nervosamente por seus cabelos.

— Acho que entendo o seu ponto de vista — disse ela, relutante. — Mas deixe-me perguntar uma coisa: você achou que meu irmão estava envolvido quando lhe deram aquela surra. Você acha que ele está envolvido dessa vez?

— Seu irmão tinha que estar implicado no primeiro caso. Mas dessa vez tenho as minhas dúvidas, porque o animal não deixou você de fora, como ele obviamente fez na ocasião anterior. Mas quem é que pode ter certeza?

Stephanie olhou para o vazio. Sua mente e suas emoções estavam embaralhadas. Mais uma vez, sentiu-se confusa em relação ao que deveria fazer, por causa de um forte sentimento de culpa. Ultimamente, ela sentia-se responsável por ter envolvido seu irmão, que envolveu os Castigliano, que agora estava mais que provado que eram mafiosos.

— Vamos! — apressou Daniel. — Vamos para o quarto nos limpar. Podemos falar mais sobre isso se você quiser, mas tenho que lhe dizer que já tomei a decisão.

Stephanie deixou-se ser levada pelo corredor, que seguia em direção à suíte deles. Ela sentia-se quase entorpecida. Embora não fosse nenhuma santa, ela, pelo que soubesse, nunca violara uma lei antes. Era uma sensação esquisita pensar nela mesma como uma espécie de vilã porque deixara de comunicar um delito. Igualmente

estranha era a ideia de que seu irmão pudesse estar envolvido com pessoas capazes de matar, especialmente porque uma associação desse tipo dava um significado todo novo ao indiciamento dele por extorsão. Junto com essa agitação, havia os efeitos fisiológicos residuais de ter assistido a uma cena violenta. Ela sentia tremores e seu estômago estava embrulhado. Ela nunca tinha visto uma pessoa morta, muito menos alguma sendo assassinada de maneira vívida diante dela.

Stephanie conteve uma ânsia de vômito ao pensar naquela imagem horrível, que estava agora para sempre gravada em sua memória. Ela queria estar em qualquer outro lugar, menos naquele. Desde o momento em que Daniel sugerira sub-repticiamente tratar de Butler, ela não gostara da ideia, mas mesmo em seus piores pesadelos ela nunca imaginou que as coisas pudessem ficar tão ruins quanto estavam. No entanto, ela foi tragada para o negócio como para dentro de um tanque de areia movediça, dentro do qual ela afundava cada vez mais, incapaz de escapar.

Daniel estava se sentindo cada vez mais seguro em relação à decisão que tomara. A princípio ele não estava tão convicto, mas isso mudou quando a lembrança da profecia feita pelo professor Heinrich Wortheim, de que tudo acabaria em desastre, veio assombrá-lo. Desde o princípio Daniel tinha prometido que não iria falhar, portanto, para evitar o fracasso, Butler tinha de ser tratado, o que significava que complicações com a polícia deviam ser evitadas. Como ele e Stephanie seriam as únicas pessoas associadas ao assassinato, ou mesmo consideradas suspeitas, qualquer investigação, ainda que frouxa, invariavelmente incluiria questões sobre o que eles estavam fazendo em Nassau. A essa altura, Butler teria que ser informado da situação, porque depois que ele chegasse seu envolvimento provavelmente seria descoberto no decorrer das investigações, o que criaria um escândalo na mídia. Com uma ameaça dessas, Daniel duvidava que Butler viesse para Nassau.

Quando chegaram à suíte, Daniel abriu a porta. Stephanie entrou primeiro e acendeu as luzes. As camareiras já tinham ido embora, e o quarto era o retrato da tranquilidade. As cortinas estavam fechadas, música clássica tocava suavemente no rádio e havia bombons sobre os travesseiros das camas arrumadas. Daniel fechou a porta utilizando-se de todas as trancas.

Stephanie levantou a saia para ver seu joelho. Ficou aliviada ao ver que o machucado não era tão feio quanto a quantidade de sangue, que tinha escorrido até o sapato, sugeria. Daniel examinou seu próprio joelho abaixando as calças. Havia uma escoriação do diâmetro de uma bola de golfe, parecida com o ferimento de Stephanie. Ambos os machucados apresentavam fragmentos de conchas encravados, que infeccionariam caso não fossem retirados.

— Estou me sentindo terrivelmente nervoso — admitiu Daniel. Ele tirou a calça antes de segurar a própria mão, que tremia como se estivesse tendo calafrios. — Deve ser a adrenalina. Vamos abrir uma garrafa de vinho, enquanto preparamos um banho. Temos que lavar essas escoriações e, além disso, a combinação de vinho com um banho deve servir para nos acalmar.

— Tudo bem — disse Stephanie. Um banho poderia ajudá-la a pensar com mais clareza. — Vou encher a banheira. Você pega o vinho! — ela abriu a água quente no máximo, depois de adicionar alguns sais de banho na banheira. O espaço logo foi preenchido pelo vapor. Passados alguns minutos, o aroma e o tranquilizante barulho da água fluindo tiveram o efeito de um calmante para ela. Quando saiu do banheiro, vestindo um roupão do hotel, para avisar Daniel que o banho estava pronto, ela já se sentia bastante recuperada. Daniel estava sentado no sofá, com um exemplar das páginas amarelas no colo. Havia duas taças de vinho na mesa de centro. Stephanie pegou uma delas e tomou um gole.

— Tive outra ideia — disse Daniel. — Obviamente as conversas tranquilizadoras que você teve com sua mãe não impressionaram

esses Castigliano, como eu esperava.

— Não podemos ter certeza se meu irmão contou o que queríamos que ele contasse.

— Não importa — disse Daniel, com um gesto. — O negócio é que eles mandaram aquele animal até aqui para me matar e talvez matá-la também. São uns bandidos, para não dizer pior. Não sabemos quanto tempo vai levar até que eles descubram que o capanga deles não vai voltar. Não que nós possamos adivinhar qual será a reação deles quando souberem. Pelo que sabemos, vão achar que nós o matamos.

— Você está sugerindo o quê?

— Que nós utilizemos o dinheiro de Butler para contratar segurança armada vinte e quatro horas por dia. No que me diz respeito, é uma despesa legítima e somente durante uma semana e meia, no máximo duas.

Stephanie suspirou resignada.

— Há algum serviço listado no catálogo?

— Sim, há vários. O que você acha?

— Não sei o que dizer — admitiu Stephanie.

— Acho que precisamos de proteção profissional.

— Tudo bem, se você está dizendo — disse Stephanie. — Mas acho mais importante começarmos a tomar mais cuidado, em geral, do que estamos tomando. Não devemos ficar andando no escuro. Digo, estávamos pensando no quê?

— Olhando em retrospectiva, isso foi uma coisa idiota, ainda mais levando-se em conta que fui espancado e avisado.

— E quanto ao banho? Você quer entrar primeiro? Já está pronto.

— Não, vá você. Vou ligar para algumas agências. Vou me sentir mais seguro assim que tivermos alguém.

Dez minutos mais tarde, Daniel entrou no banheiro e sentou-se na beirada da banheira. Ele ainda estava bebendo sua taça de vinho.

Stephanie estava afundada até o pescoço na espuma de sabão, e sua taça de vinho estava vazia.

— Você está se sentindo melhor? — perguntou Daniel.

— Muito melhor. Como você se saiu no telefone?

— Bem. Uma pessoa virá aqui dentro de meia hora para ser entrevistada. É uma empresa chamada First Security. Foram recomendados pelo hotel.

— Fiquei pensando sobre quem poderia ter atirado naquele cara. Não comentamos nada, mas foi como se ele fosse nosso salvador. Stephanie se levantou, enrolou-se numa toalha e saiu da banheira. — Tem de ser alguém que tenha uma mira extraordinária. E como foi que calhou de estar lá no momento em que precisávamos dele? Foi como o padre Maloney no aeroporto de Turim, mas numa situação dez vezes pior.

— Você tem alguma ideia?

— Somente uma, mas é improvável.

— Sou todo ouvidos. — Daniel sentiu a temperatura e abriu a torneira de água quente.

— Butler. Talvez ele tenha pedido ao FBI para nos proteger. Daniel riu enquanto entrava na banheira.

— Isso seria irônico.

— Você tem alguma ideia melhor?

— Nenhuma — admitiu Daniel. — A menos que tenha algo a ver com o seu irmão. Talvez ele tenha mandado alguém aqui para protegê-la.

Dessa vez, Stephanie não conseguiu segurar o riso.

— Isso é mais improvável ainda.

Como supervisor noturno de segurança, Bruno Debianco estava acostumado com chamadas telefônicas de seu chefe, Kurt Hermann. O sujeito não tinha outra vida além de comandar a segurança da Clínica Wingate. Morando na própria clínica, ele sempre estava importunando Bruno com toda espécie de ordens e de pedidos sem

importância. Algumas delas eram inusitadas e ridículas, mas naquela noite ele batera todos os recordes. Pouco depois das dez, Kurt ligou para o celular dele dando ordens para que ele levasse um dos furgões pretos até a ilha Paradise. O destino era o mosteiro Huntington Hartford. Bruno somente deveria parar se a estrada estivesse vazia. Caso estivesse, os faróis deveriam ser apagados antes que ele reduzisse a velocidade. Uma vez parado, ele deveria andar até o mosteiro, sempre evitando a luz. Então, Kurt o abordaria.

Bruno esperou o sinal ficar verde antes de avançar para a ponte que levava para a ilha Paradise. Nunca lhe haviam pedido para sair da Clínica Wingate numa missão misteriosa, e o que a tornava particularmente estranha era o pedido para levar um saco para cadáver. Bruno tentou imaginar o que poderia ter acontecido, mas nada, além do problema em que Kurt se metera em Okinawa, veio-lhe à mente. Bruno tinha servido com Kurt nas Forças Especiais do exército e sabia que o sujeito tinha uma relação de amor e ódio com prostitutas. Tratava-se de uma obsessão que repentinamente explodiu de forma violenta, numa vingança pessoal na ilha japonesa. Bruno nunca entendeu aquilo inteiramente e agora esperava não estar sendo atraído para uma recrudescência daquele problema. Ele e Kurt tinham um bom relacionamento com Spencer Wingate e Paul Saunders, e Bruno não queria que as coisas fossem estragadas. Se Kurt tivesse recomeçado sua antiga cruzada, seria um problema.

A principal estrada que cruzava a ilha Paradise no sentido leste-oeste tinha tráfego moderado, que diminuiu depois que Bruno passou pelas áreas de shoppings. Diminuiu mais ainda depois dos primeiros hotéis, e ficou deserta depois da entrada para o Ocean Club. Seguindo ordens, Bruno apagou os faróis quando se aproximou do mosteiro. Com o luar e a faixa divisória da pista, ele não teve dificuldades para dirigir no escuro.

Passando por uma última fileira de copas de árvores, o mosteiro iluminado surgiu à direita de Bruno. Ele saiu da estrada em direção

ao acostamento, onde parou o carro. Ele desligou o motor e saltou do carro. À sua esquerda, ele podia ver a piscina iluminada do Ocean Club, na base do morro.

Bruno deu a volta até a parte de trás do furgão e abriu a porta traseira. Tirou o saco dobrado, colocou-o debaixo do braço, e começou a subir os degraus que levavam ao mosteiro. Antes de entrar na área iluminada, ele parou. Adiante, o mosteiro estava deserto. Seus olhos vasculharam os arredores, tentando avistar algo na escuridão das árvores. Ele estava prestes a chamar por Kurt quando surgiu o próprio, vindo das sombras à direita de Bruno. Assim como Bruno, ele estava vestido de preto e quase invisível. Ele acenou para que Bruno o seguisse e disse:

— Mexa-se!

Sob o luar, era bem mais fácil para Bruno andar, mas assim que chegaram nas árvores, a coisa mudou. Depois de alguns passos, ele parou.

— Não consigo enxergar porra nenhuma.

— Você não precisa — disse Kurt, calmamente. — Estamos aqui. Você trouxe o saco para cadáver?

— Trouxe.

— Abra o zíper e ajude-me a colocar a carga.

Bruno fez o que ele foi pediu. Aos poucos, seus olhos foram adaptando-se e ele conseguiu ver a figura de Kurt. Ele também podia ver um vago esboço de corpo no chão. Bruno estendeu a parte de baixo do saco na direção de Kurt, que a ajeitou de forma a posicionar os pés do cadáver dentro dela. Juntos, eles esticaram o saco, colocaram-no chão e dobraram as laterais.

— Quando eu disser três — proferiu Kurt. — Mas tome cuidado com a cabeça. Está um pouco bagunçada.

Bruno botou as mãos por baixo das axilas do cadáver e, no momento apropriado, levantou o torso enquanto Kurt levantava as pernas.

— Meu Deus! — resmungou Bruno. — Quem é este cara, um ex-zagueiro do Chicago Bears?

Kurt não respondeu. Eles puseram o corpo dentro do saco, e Kurt fechou o zíper, começando pelos pés.

— Não me diga que teremos que carregar este cara, pesando duas toneladas, até o furgão — disse Bruno. A ideia era desanimadora.

— Nós não vamos deixá-lo aqui. Vá lá embaixo e abra a porta traseira do furgão. Quando chegarmos lá, não vou querer nenhuma demora, para colocá-lo dentro do carro.

Alguns minutos mais tarde, eles empurraram a parte de cima do corpo de Gaetano, acondicionado no saco, para o interior do furgão. Para botar o restante do corpo para dentro, Bruno teve que subir no veículo e puxá-lo, ao mesmo tempo que Kurt empurrava. Ambos estavam sem ar quando acabaram.

— Até agora, tudo bem — comentou Kurt, enquanto fechava a porta. — Vamos cair fora antes que a nossa sorte acabe e alguém passe por aqui.

Bruno deu a volta até o lado do motorista e entrou no veículo. Kurt botou sua mochila preta no banco de trás, antes de sentar-se no banco do carona. Bruno deu a partida no motor.

— Para onde? — perguntou ele.

— Para o estacionamento do Ocean Club — disse ele. — O cara tinha no bolso as chaves de um Cherokee de aluguel.

Bruno fez uma rápida manobra em "U", antes de acender os faróis. Eles seguiram em silêncio. Bruno estava doido para perguntar quem era o presunto na parte de trás do furgão, mas ele não se iludia. Kurt tinha por hábito falar somente o que achava necessário e ficava furioso quando Bruno começava a fazer perguntas. Desde que Bruno o conhecera, Kurt era um homem de poucas palavras. Estava sempre tenso, no limite de seus nervos, como se estivesse o tempo todo irritado com alguma coisa.

Levou apenas alguns minutos para que chegassem ao estacionamento e, depois que chegaram, somente alguns outros para achar o carro. Era o único Jeep Cherokee no estacionamento e estava parado perto da saída, sem nada para bloqueá-lo. Kurt havia saído para verificar se as chaves abriam as portas do carro. Abriam. Os documentos do carro estavam no porta-luvas e a maleta de Gaetano estava no banco de trás.

— Quero que você me siga até o aeroporto — disse Kurt, quando voltou até a janela de Bruno. — Não é necessário dizer para dirigir com cuidado. Você não quer ser parado por algum guarda, muito menos que o corpo seja descoberto.

— Isso seria embaraçoso — concordou Bruno. — Especialmente porque não sei de absolutamente nada.

Bruno julgou ter notado um olhar feroz de Kurt antes que ele voltasse para o carro alugado. Bruno deu de ombros e ligou o motor do furgão.

Kurt deu a partida no Cherokee. Ele detestava surpresas, e o dia fora recheado delas. Como parte de seu treinamento nas Forças Especiais, ele se orgulhava de ser um planejador minucioso, algo necessário em qualquer missão militar. Em conformidade com isso, ele passara mais de uma semana observando os dois doutores, achando que entendia a forma como eles pensavam e a situação toda. Depois, a doutora invadiu a sala dos óvulos. Aquilo tinha sido totalmente inesperado e pegou-o desprevenido. Ainda pior foi o que aconteceu naquela noite.

Depois que passaram pela cidade e entraram numa estrada vazia, Kurt pegou o celular e apertou o número pré-programado de Paul Saunders. Embora Spencer Wingate fosse o chefe titular da clínica, Kurt preferia lidar com Paul. Fora Paul que o contratara, ainda em Massachusetts. Além disso, Paul, assim com o Kurt, estava sempre na clínica, o que contrastava muito com Spencer, que estava sempre fora, procurando mulheres que estivessem dando sopa.

Como de hábito, Paul atendeu depois de poucos toques.

— Estou falando do meu celular — avisou Kurt, antes de dizer qualquer outra coisa.

— Hein? — emitiu Paul. — Não me diga que surgiu outro problema?

— Receio que sim.

— Está relacionado com nossos convidados?

— Bastante.

— Tem algo a ver com o que aconteceu hoje?

— É pior.

— Não estou gostando nada disso. Você pode me dizer do que se trata?

— Acho melhor nos encontrarmos.

— Quando e onde?

— Daqui a quarenta e cinco minutos no meu escritório. Vamos combinar às vinte e três, zero, zero. — Por força do hábito, Kurt ainda usava o horário militar.

— Devemos avisar Spencer?

— Você é quem decide.

— Vejo você mais tarde, então.

Kurt encerrou a ligação e enfiou o telefone no prendedor de cinto. Olhou pelo espelho retrovisor. Bruno seguia-o a uma distância confortável. As coisas pareciam estar novamente sob controle.

O aeroporto estaria deserto se não fosse pelas equipes de limpeza. Mais especificamente, as concessionárias de aluguel de carro estavam fechadas. Kurt embicou o carro numa das vagas reservadas para a entrega de carros alugados. Ele trancou o carro e botou as chaves e os documentos dentro de uma caixa de depósito 24 horas.

Instantes depois, subiu novamente no furgão de Bruno, que mantivera o motor ligado.

— E agora? — perguntou Bruno.

— Você vai me levar de volta ao Ocean Club para eu pegar o meu furgão. Depois, vamos os dois dirigir até a marina de Lyford Cay. Você fará um pequeno cruzeiro sob o luar, no iate da companhia.

— Ah! Estou começando a entender as coisas. Meu palpite é que logo estaremos comprando uma nova âncora. Estou certo?

— Apenas dirija — disse Kurt.

Fiel à sua palavra, Kurt abriu a porta de seu escritório quase que no segundo exato de seu compromisso, marcado para as onze horas. Acostumados à famosa pontualidade de Kurt, Spencer e Paul já se encontravam lá. Kurt trouxe sua mochila consigo e largou-a sobre a mesa. Ela fez um ruído surdo ao bater na superfície metálica.

Spencer e Paul estavam sentados em duas cadeiras diante da mesa de trabalho de Kurt. Seus olhos seguiram Kurt desde o momento que o chefe da segurança passou pela porta. Eles esperavam ouvir alguma coisa logo, mas Kurt não se apressou. Tirou o casaco de seda preta e dobrou-o sobre o encosto da cadeira. Em seguida, tirou a arma do coldre, que ficava na base de suas costas, e colocou-a cuidadosamente sobre a mesa.

Visivelmente irritado, Spencer bufava e revirava os olhos.

— Sr. Hermann, sou obrigado a lembrar-lhe que você trabalha para nós, e não o contrário. Que diabos está acontecendo? E para ter nos arrastado para cá a esta hora da noite, espero que seja algo importante. Eu estava entretido em algo prazeroso.

Kurt retirou as luvas, feitas sob medida para suas mãos, e colocou-as junto da pistola automática. Foi somente depois disso que se sentou. Ele estendeu os braços para alcançar o monitor do seu computador e empurrá-lo para o lado, para que tivesse uma visão desobstruída de seus visitantes.

— Esta noite fui forçado a matar um homem no cumprimento do dever.

Spencer e Paul ficaram boquiabertos. Olharam consternados para o seu supervisor de segurança, que calmamente retribuía o olhar.

Por um instante, ninguém se moveu ou disse qualquer coisa. Paul foi o primeiro a recuperar a voz. Ele falou de forma hesitante, como se temesse ouvir a resposta.

— Você poderia nos dizer quem você matou?

Kurt usou uma mão para abrir a fivela de sua mochila e a outra para retirar de seu interior uma carteira de notas. Ele empurrou-a sobre a mesa em direção a seus chefes e, em seguida, encostou-se novamente na cadeira.

— O nome dele é Gaetano Baresse.

Paul esticou o braço e pegou a carteira. Antes que pudesse abri-la, Spencer bateu violentamente com a palma da mão sobre a superfície metálica da mesa, fazendo com que esta soasse como um tímpano. Paul sobressaltou-se a ponto de deixar a carteira cair. Kurt aparentemente não se abalou, embora seus músculos aguçados tivessem se contraído.

Depois de bater com força na mesa, Spencer ficou de pé e começou a andar de um lado para o outro, com as mãos na cabeça.

— Eu não consigo acreditar nisso — lamentou ele. — Antes mesmo de nos darmos conta, vai ser como foi em Massachusetts novamente, só que ao invés dos agentes americanos serão as autoridades bahamianas que vão bater no nosso portão!

— Creio que não — disse Kurt, simplesmente.

— Ah, é mesmo? — objetou Spencer, sarcasticamente. Ele parou de caminhar. — Como você pode ter tanta certeza?

— Não há nenhum corpo — disse Kurt.

— Como pode ser? — perguntou Paul, enquanto se abaixava para pegar a carteira.

— Neste exato momento, Bruno está enviando o cadáver e seus pertences para as profundezas. Eu levei o carro que o sujeito alugou de volta para o aeroporto, como se ele tivesse deixado a ilha.

O homem simplesmente vai desaparecer. Ponto final! Fim da história.

— Isso parece animador — comentou Paul, ao mesmo tempo que tirava os documentos e examinava a carteira de motorista de Gaetano.

— Animador o cacete! — gritou Spencer. —Você me prometeu que este... — Spencer apontou para Kurt enquanto procurava a palavra correta para descrevê-lo — boina-verde mentalmente lesado não ia matar ninguém, e aqui estamos nós, mal abrimos as portas e eleja mandou um para o saco. Isso vai causar um desastre. Nós não podemos nos dar ao luxo de transferir a clínica novamente.

— Spencer! — disse Paul, severamente. — Sente-se!

— Vou me sentar quando tiver vontade de me sentar! Sou o chefe desta clínica de merda.

— Faça o que bem entender—disse Paul, olhando para Spencer. — Mas vamos ouvir os detalhes antes de começarmos a delirar e a criar cenários apocalípticos. — Paul olhou para Kurt. — Você nos deve uma explicação. Por que você matou esse Gaetano Baresse, de Somerville, Massachusetts, no cumprimento do dever? — Paul botou a carteira e o documento de motorista sobre a mesa.

— Eu disse que instalei o dispositivo no telefone da Dra. D'Agostino. Para monitorar o aparelho, eu tenho de ficar próximo. Depois do jantar, eles deram uma volta pelo jardim do Ocean Club. Enquanto seguia-os à distância, percebi que esse Gaetano Baresse também os seguia, só que de muito mais perto. Dessa forma, busquei me aproximar mais. Logo ficou claro que Gaetano Baresse era um matador profissional e estava prestes a matar os doutores. Tive que tomar uma decisão rápida. Pensei que vocês quisessem os doutores vivos.

Paul olhou de volta para Spencer com as sobrancelhas arqueadas indicando que estava curioso para saber a opinião dele sobre o que tinham acabado de ouvir. Spencer inclinou-se e pegou a carteira de motorista. Ele olhou a foto por alguns segundos antes de jogar o

documento de volta na mesa. Ele puxou sua cadeira para onde estava e sentou-se, um pouco separado dos outros.

— Como você pode ter certeza de que esse Baresse era um matador profissional? — perguntou Spencer. Sua voz tinha perdido muito do ímpeto inicial.

Usando a mão esquerda, Kurt abriu novamente sua mochila. Enfiando seu braço direito nela, ele tirou a arma de Gaetano. Assim como fizera com a carteira, Kurt empurrou-a sobre a mesa.

— Isto não é nada trivial, ainda mais com uma mira a laser e um silenciador, adaptados.

Paul pegou a arma cautelosamente, olhou-a e estendeu o braço para entregá-la para Spencer, que fez um gesto de quem não queria tocá-la. Paul colocou-a de volta sobre a mesa.

— Com meus contatos continentais, posso descobrir mais sobre esse homem — disse Kurt. — Mas até lá, não tenho a menor dúvida de que ele seja um profissional e, com uma arma como essa, conseguida depois de chegar aqui às oito horas da noite, ele deve estar ligado a alguma gangue.

— Seja mais claro! — ordenou Spencer.

— Estou falando sobre crime organizado — disse Kurt. — Não há a menor dúvida da conexão dele com o crime organizado, provavelmente relacionado com drogas.

— Você está sugerindo que nossos doutores convidados estejam envolvidos com drogas? — perguntou Spencer, incrédulo.

— Não — disse Kurt, simplesmente. Ele olhou de volta para seus chefes desafiando-os a tirarem suas próprias conclusões, como fizera mais cedo com Bruno no mosteiro.

— Espere um momento! — disse Spencer. — Por que um barão das drogas mandaria um matador profissional às Bahamas para matar um casal de pesquisadores se eles não estivessem envolvidos com drogas?

Kurt permaneceu em silêncio. Ele dirigiu o olhar para Paul. Repentinamente, Paul começou a balançar a cabeça repetidas vezes.

— Acho que estou entendendo aonde Kurt quer chegar. Você está querendo sugerir que o paciente misterioso talvez não esteja relacionado com a Igreja Católica?

— Acho que ele pode ser um chefão rival no tráfico de drogas — disse Kurt. — Ou pelo menos algum grande traficante. De qualquer forma, seus inimigos não querem que ele melhore.

— Droga! — exclamou Paul. — Realmente faz sentido. Isto explicaria todo o sigilo envolvido.

— Parece-me improvável — disse Spencer, ceticamente. — Por que um casal de pesquisadores de renome internacional trataria um barão das drogas?

— O crime organizado tem diversas maneiras de pressionar as pessoas — disse Paul. — Quem sabe? Talvez algum cartel de drogas tenha lavado dinheiro investindo na empresa de Lowell. Acho que Kurt tem razão. Poderia ser um barão das drogas sul-americano, ou um chefão da Costa Leste, provavelmente católico, o que explicaria a parte relacionada com o Sudário de Turim.

— Bem, posso lhes dizer uma coisa — disse Spencer. — Tudo isso me deixa mais ansioso para descobrir a identidade do paciente, e não somente por causa desse assassinato. Não há modo de tentarmos explorar uma pessoa ligada ao crime organizado. Seria como dar um tiro no próprio pé.

— O que você acha de nosso envolvimento de uma maneira geral? — perguntou Paul. — Vamos ter que reconsiderar nossa permissão para o tratamento prosseguir?

— Quero receber a segunda parcela do pagamento — disse Spencer. — Precisamos dela. Devemos permanecer indiferentes, de modo a não irritar ninguém.

Paul virou-se para Kurt.

— O Dr. Lowell soube que estava correndo risco?

— Sem dúvida nenhuma. — disse Kurt. — Gaetano confrontou-o e manteve a arma apontada para a testa dele. Neutralizei-o no último segundo.

— Por que você está perguntando isso? — indagou Spencer.

— Espero que Lowell tome cuidado com a segurança dele — respondeu Paul. — Quem quer que tenha mandado Gaetano, logo mandará outra pessoa quando souber que a primeira falhou e não voltará.

— Isso ainda vai levar algum tempo para acontecer — disse Kurt. — Todo o trabalho que tive para fazer o cara desaparecer foi por esse motivo. E no que diz respeito ao Dr. Lowell, posso assegurar-lhes que ele estava encagaçado. Ambos estavam.

23

14h50, sábado, 23 de março de 2002

O grupo desordenado de pessoas desceu do elevador no Clube Imperial, que ficava na ala oeste do trigésimo segundo andar do edifício Royal Towers, no hotel Atlantis, e seguiu pelo corredor atapetado. Na liderança estava o Sr. Grant Halpern, gerente encarregado do hotel, seguido pela Srta. Connie Corey, supervisora da recepção daquele dia, e por Harold Bearsdale, diretor do Clube Imperial. Ashley Butler e Carol Manning estavam alguns passos atrás, retardados pelo andar arrastado do senador, que estava mais pronunciado agora do que há um mês. Formando a retaguarda havia dois mensageiros. Um empurrava um carrinho do hotel com as malas de Ashley e Carol, o outro levava a bagagem de mão deles e algumas sacolas de roupas. Parecia um safári em miniatura.

— Muito bem, minha querida Carol — disse Ashley, arrastando as palavras com seu sotaque sulista, mas num tom monocórdico recentemente adquirido. — Qual é a sua primeira impressão sobre este modesto estabelecimento?

— Modesto seria o último adjetivo a passar pela minha cabeça — respondeu Carol. Ela sabia que Ashley estava apenas representando para a plateia formada pelos funcionários do hotel.

— Então, que adjetivo lhe pareceria mais pertinente?

— Extravagante, mas capaz de impressionar — disse Carol. — Eu não estava preparada para essa grandeza teatral. O saguão lá embaixo é realmente criativo, com aquelas colunas e aquele domo dourado com motivos de conchas. Seria difícil adivinhar qual é a altura dele.

— Eleva-se a trinta metros — disse o Sr. Halpern, por sobre o ombro.

— Obrigado, Sr. Halpern — disse alto Ashley. — Você é muito gentil e admiravelmente bem informado.

— A seu dispor, senador — disse o Sr. Halpern, sem diminuir o passo.

— Fico contente que você tenha ficada impressionada com as acomodações — disse Ashley, abaixando a voz e inclinando-se em direção à sua chefe de gabinete. — Tenho certeza que você está igualmente impressionada com o clima, ainda mais se comparado com o de Washington no fim de março. Espero que você também esteja contente por estar aqui. Verdade seja dita, sinto-me culpado por não ter lhe pedido para me acompanhar na minha viagem de reconhecimento, no ano passado, quando eu estava preparando esse empreendimento.

Carol olhou surpresa para seu chefe. Ele nunca havia expressado culpa sobre coisa nenhuma, muito menos sobre uma viagem aos trópicos. Tratava-se de mais um pequeno exemplo, embora curioso, da imprevisibilidade que ele vinha demonstrando ao longo do ano passado.

— O senhor não precisa se sentir culpado — disse ela. — Estou encantada por estar aqui em Nassau. E quanto ao senhor? Está feliz por estar aqui?

— Sem sombra de dúvida — disse Ashley, sem nenhum traço de sotaque.

— Não está um pouco assustado?

— Eu... assustado? — perguntou Ashley, em voz alta, voltando a comportar-se de maneira histriônica. — Meu pai ensinou-me que a forma correta de se enfrentar a adversidade é fazer o seu dever de casa e tudo o mais que tenha condições de fazer, depois disso você se entrega nas mãos do Senhor. E foi isso que eu pura e simplesmente fiz. Estou aqui para me divertir!

Carol concordou com a cabeça, mas nada disse. Ela estava preocupada por ter feito a pergunta. Se alguém estava se sentindo culpado, este alguém era Carol, visto que ela ainda vivia um conflito interior sobre o resultado que ela desejava para a atual viagem. No que se referia a Ashley, ela tentava convencer-se de que desejava uma cura milagrosa, mas no que dizia respeito a si mesma, ela sabia que não desejava isso com a mesma intensidade.

O Sr. Halpern e os outros funcionários do hotel pararam diante de uma grande porta dupla de mogno, ornada com sereias entalhadas. Enquanto o Sr. Halpern procurava um cartão em seus bolsos, Ashley e Carol chegaram.

— Espere um momento — disse Ashley, com a mão trêmula erguida como se estivesse defendendo um argumento no plenário do Senado. — Este não é o quarto em que fiquei na minha última temporada aqui no Atlantis. Eu requisitei especificamente as mesmas acomodações.

Houve um vacilo na expressão afável do Sr. Halpern.

— Senador, talvez o senhor não tenha me escutado mais cedo. Quando a Srta. Corey levou-o à minha sala, eu mencionei que nós lhe daríamos um upgrade. Esta é uma de nossas poucas suítes temáticas. É a Suíte Poseidon.

Ashley olhou para Carol.

— Ele quis dizer que fomos promovidos — disse Carol.

Por um instante, Ashley pareceu confuso atrás de seus pesados óculos, com lentes grossas. Ele estava vestido como sempre: terno escuro, camisa branca comum e uma gravata conservadora. Um

filete de suor surgiu no contorno de seu couro cabeludo. Comparada com a dos funcionários do hotel, sua compleição pastosa aparentava estar especialmente pálida.

— A suíte é maior, tem uma vista melhor e é muito mais elegante do que a do ano passado — disse o Sr. Halpern. — É uma das nossas melhores. Talvez o senhor queira dar uma olhada?

Ashley deu de ombros.

— Presumo que eu esteja me comportando como um simples interiorano que não está habituado com muito estardalhaço. Tudo bem! Vamos ver a suíte Poseidon.

A Srta. Corey, que passara à frente do Sr. Halpern, fez surgir um cartão e abriu a porta. Ela deu um passo para o lado. O Sr. Halpern fez um gesto para que Ashley entrasse.

— Tenha a bondade, senador! — disse ele.

Ashley atravessou um pequeno saguão que dava para uma espaçosa sala, cujas paredes eram decoradas com um mural surrealista, retratando uma antiga cidade submersa, possivelmente a Atlântida mítica. O mobiliário consistia em uma mesa de refeições para oito pessoas, uma escrivaninha, um console de entretenimento, duas poltronas e dois sofás largos. Toda a madeira aparente era entalhada na forma de espécies marinhas, o que incluía os braços dos sofás, que tinham o formato de botos. As estampas e as cores dos tecidos, além dos desenhos dos tapetes, também seguiam temas marinhos.

— Ora, ora — soltou Ashley, enquanto olhava em volta.

A Srta. Corey foi até o console de entretenimento verificar o minibar. O Sr. Beardslee afofou as almofadas dos sofás.

— O quarto de dormir principal encontra-se à sua direita, senador — disse o Sr. Halpern, apontando para uma porta aberta. — E para a Srta. Manning, como foi pedido, há um ótimo quarto de dormir, à sua esquerda.

Os mensageiros imediatamente começaram a distribuir as bagagens nos quartos adequados.

— E agora, como pièce de résistance — disse o Sr. Halpern. Ele passou pela figura atarracada e curvada de Ashley e chegou a uma série de interruptores de parede, apertando o primeiro. Com um ruído elétrico, as cortinas começaram a se abrir, revelando, além da varanda com piso em mosaico e do balaústre, uma estonteante vista do mar verde-safira.

— Meu Deus! — exclamou Carol com uma das mãos sobre o peito. Vista do trigésimo segundo andar, a paisagem era de tirar o fôlego.

O Sr. Halpern acionou outro interruptor e as portas de vidro recolheram-se, deslizando até desaparecerem em cada um dos lados. Quando o ruído cessou, a varanda e o quarto formavam um único e espaçoso ambiente. Ele orgulhosamente fez um gesto convidando-os para a varanda.

— Se vocês forem até lá fora, poderei orientá-los sobre as nossas muitas atrações ao ar livre.

Ashley e Carol acataram a sugestão do gerente. Ashley foi direto até o balaústre, com acabamento em pedra amarronzada, que se elevava até a altura da cintura. Apoiando as mãos sobre o largo parapeito, ele olhou para baixo. Com uma leve fobia de altura, Carol aproximou-se mais vagarosa. Cautelosamente, ela tocou na superfície do parapeito antes de olhar para baixo. Era como se achasse que o balaústre pudesse desabar. Abaixo, ela tinha uma visão completa da imensa praia e do parque aquático, dominado pela lagoa Paradise, que pertenciam ao Atlantis. O Sr. Halpern aproximou-se de Carol. Ele começou a apontar para os pontos de referência, o que incluía a piscina Royal Baths, uma verdadeira jóia, localizada quase que diretamente em frente de onde eles estavam.

— O que é aquilo à esquerda? — perguntou Carol. Ela apontou. Parecia-lhe um monumento arqueológico fora de lugar.

— Aquele é o nosso templo maia — disse o Sr. Halpern. — Se você for corajosa, vai poder descer por um assustador tobogã aquático que percorre os seis andares do templo, levando você, através de um tubo de plexiglás submerso, até a lagoa Predator, infestada de tubarões.

— Carol, querida — entusiasmou-se Ashley. — Isso soa como a atividade perfeita para alguém como você, que está contemplando seriamente a ideia de seguir uma carreira política em Washington.

Carol olhou para seu chefe temendo que o comentário encerrasse algo mais do que uma simples piada, mas ele estava observando distraidamente o oceano, como seja tivesse esquecido o que dissera.

— Sr. Halpern — a Srta. Corey chamou do interior do quarto.

— Tudo parece estar em ordem. Os cartões do senador já estão sobre a mesa. Tenho que voltar para a recepção.

— Eu também já vou indo — disse o Sr. Beardslee. — Senador, caso o senhor precise de alguma coisa, é só falar com algum funcionário da minha equipe.

— Bem, eu gostaria de agradecer a todos vocês por serem tão gentis conosco — ressaltou Ashley. — Todos vocês são uma dádiva a esta excelente organização.

— Eu também devo deixá-los a sós para que possam se acomodar — disse o Sr. Halpern, enquanto começava a seguir os outros.

Ashley segurou levemente o braço do gerente.

— Ficaria muito grato se você pudesse ficar por mais um momento — disse ele.

— É claro — respondeu o Sr. Halpern.

Ashley acenou para os outros que saíam, em seguida desviou seu olhar novamente para a imensidão do oceano.

— Sr. Halpern, minha estada em Nassau não é nenhum segredo, nem poderia ser, já que vim num voo comercial. Mas ficaria muito agradecido se a minha privacidade fosse respeitada. Prefiro que o quarto seja registrado somente no nome da Srta. Manning.

— Como for melhor para o senhor.

— É muito gentil da sua parte, Sr. Halpern. Devo contar com sua discrição para evitar publicidade. Quero ter a sensação de poder frequentar o cassino de vocês sem ofender meus eleitores mais íntegros.

— O senhor tem a minha palavra de que faremos todos os esforços nesse sentido. Mas, assim como no ano passado, não temos como evitar que alguns dos seus muitos fãs aproximem-se do senhor no cassino.

— Meu temor é ler sobre a minha viagem nos jornais, ou que alguém possa descobrir que estou hospedado aqui simplesmente ligando para o hotel.

— Posso lhe assegurar que faremos tudo que estiver ao nosso alcance para proteger a sua privacidade — disse o Sr. Halpern. — Agora, vou deixá-los a sós para que possam desfazer as malas e relaxar. Um champanhe de boas-vindas já deve estar a caminho, com nossos votos de uma boa e relaxante estada.

— Uma última pergunta — disse Ashley. — Foram feitas reservas, juntas com as nossas, para alguns amigos nossos. Há alguma notícia do Dr. Lowell e da Dra. D'Agostino?

— Certamente! Eleja estão aqui. Registraram-se há menos de uma hora. Estão no 3.208, uma de nossas suítes especiais, logo ali no final do corredor.

— Muito conveniente! Parece-me que você cuidou admiravelmente de todas as nossas necessidades.

— Tentamos fazer o nosso melhor — disse o Sr. Halpern, curvando-se levemente, antes de voltar para o interior do quarto no caminho para deixar a suíte.

Ashley voltou a atenção para sua chefe de gabinete, que havia se adaptado progressivamente à altura e estava hipnotizada pela paisagem.

— Carol, querida! Talvez você possa fazer a gentileza de ir ver se os doutores estão no quarto deles e, caso estejam, perguntar se eles não gostariam de juntar-se a nós.

Carol virou-se e piscou os olhos como se estivesse acordando de um transe.

— Sem dúvida — disse ela rapidamente, recordando-se de seu papel.

Talvez você deva ir sozinho — sugeriu Stephanie. Ela e Daniel estavam parados diante da porta da suíte Poseidon, cujo ornamento era uma sereia entalhada. A mão de Daniel estava pousada sobre a campainha.

Daniel respirou fundo, frustrado, deixando o braço cair para o lado.

— Qual é o problema agora?

— Eu não quero ver o Ashley. Eu já não gostei desse negócio logo no primeiro dia e, depois de tudo que aconteceu, agora gosto menos ainda.

— Mas estamos quase acabando. As células de tratamento estão prontas. Tudo que resta é implantá-las e esta é a parte fácil.

— Isso é o que você acha, e espero que esteja certo. Mas desde o princípio eu não compartilhei do seu otimismo, portanto não consigo imaginar que meu pessimismo agora possa servir para um propósito construtivo.

— Você achava que não conseguiríamos produzir as células de tratamento em um mês, e nós conseguimos.

— É verdade, mas o trabalho celular foi a única parte que correu sem percalços.

Daniel girou a cabeça e piscou os olhos para aliviar a repentina tensão. Ele estava irritado.

— Por que você está fazendo isso agora? — perguntou ele, retoricamente. Ele respirou fundo e olhou para Stephanie. — Você está tentando sabotar o projeto no último minuto?

Stephanie deu uma curta risada artificial, ao mesmo tempo que enrubescia.

— Muito pelo contrário! Depois de todo esse trabalho, não quero arruinar as coisas. É isso que estou tentando dizer! É por isso que estou sugerindo que você vá sozinho.

— Carol Manning disse especificamente que Ashley queria ver nós dois, e eu disse que nós iríamos vê-lo. Meu Deus, se você não for, ele vai pensar que há algo errado. Por favor! Você não precisa dizer ou fazer nada. Use apenas seu charme natural e sorria. Não estou pedindo muito!

Nervosa, Stephanie olhou para baixo, para os pés, e depois para trás, para o guarda-costas deles, que estava encostado na parede ao lado do quarto deles, onde haviam pedido que ele ficasse. Para Stephanie, a presença dele era uma nítida lembrança de tudo que dera errado. O terrível negócio chegara ao seu final, e seus receios intuitivos a estavam deixando louca. Por outro lado, Daniel estava certo a respeito do implante. Nas experiências com ratos, a fase do tratamento propriamente dito, quando eles chegavam a ela sem problemas, era tranquila.

— Tudo bem! — disse Stephanie, resignada. — Vamos acabar logo com isso, mas você é quem vai levar a conversa.

— Boa, gatinha! — disse Daniel enquanto tocava a campainha.

Foi a vez de Stephanie revirar os olhos. Em circunstâncias normais, ela jamais toleraria que ele apelasse para uma condescendência sexista dessa espécie.

Carol Manning abriu a porta. Ela sorriu e foi superficialmente amigável, todavia Stephanie sentiu um nervosismo e uma distração latentes, como se ela fosse uma espécie de alma gêmea naquela situação.

Ashley estava sentado num dos sofás com braços em forma de boto, embora Daniel e Stephanie não o tivessem reconhecido imediatamente. O terno escuro, a camisa branca e a gravata

conservadora haviam desaparecido. Mesmo sua marca registrada, os óculos de armação escura, tinha sido abandonada. Ele estava usando uma camisa verde de mangas curtas, com estampa bahamiana, calças amarelas e mocassins brancos que combinavam com o cinto. Com seus peludos braços pálidos, que davam a impressão de jamais terem visto a luz, menos ainda o sol, ele era a caricatura de um turista. Seus óculos de sol estilosos, com lentes azuis, cobriam os lados do rosto como os de um ciclista profissional. Igualmente excepcional era a rigidez de sua expressão facial, que Daniel e Stephanie nunca tinham visto antes.

— Bem-vindos, meus caros, caríssimos amigos — disse Ashley, pomposamente com seu sotaque característico, mas numa voz menos modulada e pouco familiar. — Vocês são um colírio para os meus olhos, assim como o porto depois da tempestade. Não consigo descrever a alegria que sinto ao ver seus belos e inteligentes rostos. Desculpem-me por não me levantar para saudá-los da forma apropriada, como as minhas emoções exigem. Infelizmente, os benefícios clínicos trazidos pelos meus remédios diminuíram mais rapidamente desde a última vez que nos encontramos.

— Fique onde você está — disse Daniel. — Também estamos felizes em vê-lo novamente. — Ele deu um passo à frente para apertar a mão do senador, antes de sentar-se no sofá diante dele.

Depois de alguma indecisão, Stephanie sentou-se próxima a Daniel e tentou sorrir. Carol Manning preferiu sentar-se à parte, tendo virado a cadeira da escrivaninha em direção ao quarto.

— Depois de uma comunicação tão limitada durante o último mês, minha crença em que vocês finalmente apareceriam aqui foi baseada principalmente na minha fé — admitiu Ashley. — A única pista encorajadora de que algum progresso estava sendo feito foi o considerável e implacável escoamento dos fundos que botei à disposição de vocês.

— Isso tem sido um trabalho de Hércules, que, de muitas formas, é até difícil de explicar — respondeu Daniel.

— Espero que isso implique que vocês estejam prontos para prosseguir.

— Sem sombra de dúvida — disse Daniel. — De fato, fizemos todos os preparativos para que o implante seja feito amanhã, às dez horas da manhã, na Clínica Wingate. Esperamos que vocês estejam prontos para prosseguir tão rapidamente.

— No que diz respeito a este velho interiorano, o quanto antes, melhor — disse Ashley, com um tom mais sério, mantendo somente um vestígio de seu habitual sotaque sulista. — Receio que eu já não esteja conseguindo mais esconder minha enfermidade da mídia.

— Logo, é do interesse de todos nós fazermos o implante.

— Presumo que vocês tenham conseguido terminar o árduo processo de preparo das células de tratamento que você descreveu há um mês.

— Conseguimos — disse Daniel. — Em sua maior parte, graças à habilidade da Dra. D'Agostino. — Daniel deu um aperto no joelho de Stephanie.

Stephanie conseguiu manter um largo sorriso temporariamente.

— Na verdade, no decorrer da semana passada nós criamos quatro linhagens separadas de neurônios dopaminérgicos, que são clones das suas células.

— Quatro? — questionou Ashley, sem nenhuma espécie de sotaque. Ele encarava Daniel fixamente. — Por que tantas?

— A redundância serve apenas como uma segurança. Queríamos ter certeza absoluta de que criaríamos pelo menos uma. Agora podemos escolher, visto que todas são igualmente eficazes para tratá-lo.

— Há alguma coisa que eu precise saber sobre amanhã, além de levar meu desafortunado corpo para a Clínica Wingate?

— Somente as restrições pré-operatórias habituais, tais como não ingerir alimentos sólidos depois da meia-noite. Também gostaríamos que o senhor não tomasse seu medicamento pela manhã, caso isto seja possível. Observamos rápidos efeitos terapêuticos em nossos experimentos com ratos e prevemos que ocorra o mesmo com o senhor. Seus remédios para o Parkinson iriam mascarar o resultado.

— Por mim, tudo bem — disse Ashley, concordando. — A última coisa que eu quero é complicar as coisas Sem dúvida, caberá a Carol o trabalho de me vestir e levar-me até a limusine.

— Tenho certeza que o hotel poderá nos emprestar uma cadeira de rodas — disse Carol.

— A proibição de ingerir alimentos sólidos depois da meia-noite significa que serei anestesiado? — perguntou Ashley, ignorando Carol.

— Disseram-me que será uma anestesia local acompanhada de forte sedação — disse Daniel. — Um anestesista estará presente para o caso de ter-se que aumentar a dosagem. Devo dizer que contratei os serviços de um neurocirurgião local, que tem experiência nesse tipo de implante, mas que seguramente não com células clonadas. O nome dele é Dr. Rashid Nawaz. Ele o conhece como o paciente John Smith, assim como a Clínica Wingate, e ambos foram informados sobre a necessidade de discrição e concordaram com ela.

— Parece que você cuidou admiravelmente de todos os detalhes.

— Foi a nossa intenção — disse Daniel. — Recomendamos que o senhor fique internado na Clínica Wingate, depois do procedimento, para que possamos monitorá-lo de perto.

— Ah, é? — comentou Ashley, como se tivesse ficado surpreso. — Durante quanto tempo?

— Pelo menos por uma noite. Depois disso, seu estado clínico é quem vai dizer.

— Eu contava em poder voltar para o Atlantis — disse Ashley. — Este foi o motivo pelo qual fiz preparativos para que vocês também

ficassem aqui. Vocês podem monitorar-me o quanto quiserem. Vocês estão no corredor ao lado.

— Mas o hotel não tem equipamentos médicos.

— De que tipo?

— Do tipo que uma unidade de internação normalmente tem, como serviços de laboratório e um aparelho de raios X.

— Raios X? Um aparelho de raios X para quê? Vocês estão prevendo complicações?

— De jeito nenhum, mas é prudente sermos cuidadosos. Lembre-se que amanhã estaremos fazendo um procedimento que pode ser definido, na falta de um termo melhor, como experimental.

Daniel deu uma rápida olhada em Stephanie para ver se ela gostaria de acrescentar alguma coisa. Em vez disso, ela revirou os olhos brevemente.

Extremamente sensível sob aquelas circunstâncias, Ashley percebeu a reação de Stephanie.

— Você tem um termo mais adequado, Dra. D'Agostino? — ele perguntou.

Stephanie hesitou por um instante.

— Não. Acho que experimental é bastante acurado — disse ela, pensando que na realidade imprudente seria mais próximo da verdade.

— Espero não estar detectando um certo negativismo dissimulado — disse Ashley, enquanto seus olhos alternavam-se de Daniel para Stephanie e vice-versa. É importante para mim que vocês, pesquisadores, estejam tão otimistas em relação a esse procedimento como estavam na minha sala de audiências.

— Sem dúvida — declarou Daniel. — Nossas experiências com cobaias foram excelentes. Não poderíamos estar mais animados em trazer essa dádiva de Deus para a humanidade. Estamos ansiosos para tratá-lo amanhã de manhã.

— Ótimo — disse Ashley olhando fixamente para Stephanie. — E você, Dra. D'Agostino? Você pensa da mesma forma? Você parece mais quieta.

Houve um breve silêncio no quarto, quebrado somente pelos gritos de alegria das crianças brincando nas piscinas e escorregas, que ficavam trinta e dois andares abaixo.

— Sim — disse Stephanie, finalmente. Em seguida, ela tomou fôlego para escolher as palavras cuidadosamente. — Desculpe-me se pareço quieta. Suponho que eu esteja um pouco cansada, depois de tudo pelo que passamos para criar as células de tratamento. Mas, para responder a sua pergunta, eu penso da mesma forma a ponto de poder dizer que estou ansiosa para terminar o projeto.

— Fico aliviado em ouvi-la dizer isso — assinalou Ashley. — Isso quer dizer que você está contente com essas quatro linhagens de células que você clonou das células de minha pele?

— Estou — disse Stephanie. — Elas sem dúvida são neurônios produtores de dopamina, e são... — ela fez uma pausa como se estivesse procurando a palavra exata — vigorosas.

— Vigorosas? — repetiu Ashley. — Hum! Presumo que isso seja vantajoso, embora soe um tanto vago para um leigo como eu. Mas conte-me: todas elas contêm genes do Sudário de Turim?

— Sem dúvida nenhuma! — respondeu Daniel. — Mas não sem o considerável esforço de nossa parte para pegar a amostra do sudário, extrair o DNA e reconstruir os genes necessários que estavam fragmentados. Mas nós conseguimos.

— Quero me certificar sobre isso — disse Ashley. — Sei que não há nenhuma forma de eu verificar, mas quero ter certeza. É muito importante para mim.

— Os genes que usamos para o HTSR são provenientes do sangue do Sudário de Turim — disse Daniel. — Dou-lhe minha palavra de honra.

— Vou aceitar sua palavra como a de um verdadeiro cavalheiro — disse Ashley, com o sotaque repentinamente voltando. Com grande esforço, ele ergueu do sofá seu pesado corpo enrijecido, ficando de pé. Ele estendeu a mão em direção a Daniel, que também se levantara. Eles apertaram as mãos mais uma vez.

— Pelo resto da minha vida serei grato aos seus esforços e à sua criatividade científica — disse Ashley.

— Da mesma forma serei grato à sua liderança e ao seu gênio político em não proibir o HTSR — respondeu Daniel.

Um sorriso enviesado surgiu no rosto até então sem expressão de Ashley.

— Gosto de homens com senso de humor — ele soltou a mão de Daniel e estendeu-a em direção a Stephanie, que se levantara junto com Daniel.

Stephanie observou a mão estendida por um momento, como se estivesse refletindo se devia, ou não, apertá-la. Finalmente, ela apertou-a e sentiu sua própria mão sendo envolvida pela mão de Ashley, que a segurou de forma surpreendentemente forte. Depois de um duro aperto de mãos e de um prolongado momento encarando o olhar fixo do senador, Stephanie tentou em vão recolher sua mão. Ashley segurou-a firmemente. Embora Stephanie pudesse atribuir o episódio a um efeito do mal de Parkinson do senador, sua reação imediata foi um repentino medo irracional de ficar permanentemente ligada àquele sujeito, como uma espécie de metáfora do seu envolvimento em todo esse negócio insano.

— Da mesma forma, expresso minha profunda gratidão pelos seus esforços, Dra. D'Agostino — disse Ashley. — E, como um cavalheiro, sinto-me obrigado a confessar que fiquei encantado com sua considerável beleza desde o primeiro momento que tive o prazer de vê-la pela primeira vez. — Foi somente depois disso que seus dedos, parecidos com salsichas, liberaram a mão de Stephanie do forte aperto.

Stephanie cruzou os braços sobre o peito, com os punhos fechados, temendo que Ashley tentasse agarrar sua mão novamente. Ela sabia que permanecia agindo de forma irracional, mas não conseguia comportar-se de outra forma. Finalmente, ela concordou com a cabeça e esboçou um sorriso desanimado em agradecimento aos elogios e à gratidão professados pelo senador.

— Neste momento — comentou Ashley. — Peço a vocês, doutores, para tirarem uma boa noite de sono. Quero os dois bem descansados para o procedimento de amanhã, que vocês me fizeram supor que não vai levar muito tempo. Minha suposição está correta?

— Meu palpite é de que levará uma hora, talvez um pouco mais — disse Daniel.

— Glória, glória! Pouco mais de uma hora é tudo que a moderna biotecnologia necessita para tirar este garoto do abismo e salvar sua carreira de um desastre. Estou impressionado. Louvado seja Deus nas alturas!

— A maior parte do tempo vai ser gasta ajeitando o senhor no marco estereotáctico — explicou Daniel. — O implante propriamente dito levará apenas alguns minutos.

— Lá vai você de novo — queixou-se Ashley. — Mais um jargão médico incompreensível. Que diabos é um marco estereotáctico?

— É um molde regulável que se encaixa na cabeça, como uma coroa. Ele permitirá que o Dr. Nawaz injete as células de tratamento no lugar exato em que você perdeu suas células produtoras de dopamina.

— Não sei ao certo se deveria estar perguntando isso — disse Ashley, hesitante. — Devo acreditar que você injetará as células de tratamento diretamente no meu cérebro e não numa veia?

— Correto — Daniel começou a explicar.

— Pode parar por aí — interrompeu Ashley. — Receio que a essa altura quanto menos eu souber, melhor será. Sou reconhecidamente

um paciente enjoado, especialmente quando não me botam para dormir. A dor e eu nunca fomos bons companheiros.

— Não haverá dor — Daniel tranquilizou o senador. — O cérebro não tem sensibilidade própria.

— Mas uma agulha vai ter que ser enfiada no meu cérebro? — perguntou Ashley, incrédulo.

— Uma agulha rombuda para evitar qualquer dano.

— Como é que em nome de Deus você pode enfiar uma agulha no cérebro de alguém?

— Um pequeno furo será aberto através do osso. No seu caso, o procedimento será pré-frontal.

— Pré-frontal? Isso é outro disparate médico.

— Significa que vai ser através da testa — explicou Daniel, apontando para a própria testa, pouco acima da sobrancelha. — Lembre-se que não haverá dor. O senhor sentirá uma vibração quando o furo estiver sendo feito, algo parecido com uma antiquada broca de dentista, caso o senhor não esteja dormindo devido à sedação, o que é bem provável.

— Por que não poderei ficar dormindo durante todo o procedimento?

— O neurocirurgião quer que o senhor esteja acordado no momento do implante.

Ashley suspirou.

— Basta! — comentou ele, erguendo uma mão trêmula como se estivesse protegendo-se. — Sentia-me melhor com a ilusão de que as células de tratamento seguiriam através de uma veia, como num implante de medula.

— Não funcionaria com neurônios.

— É uma pena, mas vou saber lidar com isso. Nesse meio tempo, diga-me novamente qual é o meu pseudônimo!

— John Smith — disse Daniel.

— É claro! Como poderia ter-me esquecido? E você, Dra. D'Agostino, vai ser minha Pocahontas.

Stephanie esboçou outro sorriso desanimado.

— Agora! — disse Ashley, reunindo todo o seu entusiasmo. — É hora deste velho interiorano botar as preocupações com sua enfermidade de lado e ir para o cassino. Tenho um importante encontro marcado com um grupo de flibusteiros.

Alguns minutos depois, Daniel e Stephanie seguiam pelo corredor em direção ao quarto deles. Stephanie cumprimentou o guarda-costas ao passarem por ele, mas Daniel ignorou-o. Ele estava visivelmente irritado, como ficou evidenciado pela forma como bateu a porta depois que entraram no quarto. Este tinha a metade do tamanho da suíte de Ashley, com a mesma vista, mas sem a varanda.

— Vigorosas! Pelo amor de Deus! — ele parou junto à porta com as mãos na cintura. — Você não conseguiu pensar numa forma melhor de descrever as nossas células de tratamento do que "vigorosas"? O que você estava fazendo lá? Tentando fazer com que ele desse para trás a essa altura? E para completar, você parecia não querer nem apertar a mão dele.

— Eu não queria mesmo — disse Stephanie. Ela foi em direção à poltrona e sentou-se.

— Por que diabos não? Meu Deus!

— Eu não o respeito e, como repeti ad nauseam, não me sinto nada bem por estar envolvida nisso tudo.

— Você agiu de forma passiva-agressiva, fazendo pausas antes de responder a perguntas simples.

— Veja bem! Fiz o meu melhor. Eu não queria mentir. Lembre-se que eu nem queria ir até lá. Você insistiu.

Daniel soltou o ar ruidosamente. Ele encarou Stephanie.

— Às vezes você pode ser bem irritante.

— Desculpe-me — disse Stephanie. — É difícil para mim fingir. E quanto a ser irritante, você também não se sai tão mal. Da próxima

vez que tiver vontade de dizer "boa, gatinha", contenha-se.

24

10h22, domingo, 24 de março de 2002

Se, ao longo dos anos, tinha sido emocionalmente difícil para Ashley Butler ir a um médico porque isto lembrava-lhe desnecessariamente sua própria mortalidade, ir a um hospital era pior ainda, e sua chegada à Clínica Wingate não foi exceção. Por mais que brincasse com Carol na limusine sobre seu pseudônimo genérico e usasse todo o seu charme sulista com as enfermeiras e técnicos durante a admissão, ele estava aterrorizado. O fino verniz de sua aparente despreocupação foi particularmente posto à prova quando ele encontrou o neurocirurgião, o Dr. Rashid Nawaz. Ele não era como Ashley tinha imaginado, apesar de ter sido informado de seu nome nitidamente étnico. Preconceitos sempre tinham ocupado um papel importante na forma de Ashley pensar e, neste momento, ele estava pensando dessa forma. Em sua imaginação, neurocirurgiões deveriam ser pessoas altas, circunspectas e imponentes, preferivelmente de ascendência nórdica. Em vez disso, ele deparou-se com um indivíduo baixo, magro e de pele escura, cujos lábios e olhos eram mais escuros ainda. Para contrabalançar havia um sotaque britânico cadenciado que refletia sua educação em Oxford. Também no lado positivo, havia uma aura de confiança e profissionalismo realçados por um sentimento de compaixão. O

homem reconhecia e compreendia a situação de Ashley, como um paciente que enfrentaria um procedimento não-ortodoxo, e tentava tranquilizá-lo dizendo que o procedimento não seria nem um pouco complicado.

O Dr. Carl Newhouse, o anestesista, condizia mais com a expectativa de Ashley. Na condição de um inglês ligeiramente acima do peso e com bochechas avermelhadas, ele se parecia com os médicos caucasianos que Ashley encontrara no passado. Estava vestido com trajes cirúrgicos completos, com uma touca e uma máscara. A máscara de rosto estava amarrada no pescoço, mas pendurada sobre o peito. Um estetoscópio estava preso em tomo de seu pescoço e uma coleção de canetas avolumava-se no bolso do peito. Um torniquete de borracha tubular marrom estava enrolado em torno do cordame de sua calça.

Com uma meticulosidade exaustiva, o Dr. Newhouse repassou com Ashley seu histórico médico, perguntando principalmente sobre alergias, reações a medicamentos e episódios de anestesia. Enquanto auscultava e batia no peito de Ashley como parte de um exame físico superficial, o Dr. Newhouse introduziu uma intravenosa com tal destreza que Ashley praticamente não a sentiu. Quando o líquido começou a fluir de uma forma que satisfez o Dr. Newhouse, ele disse a Ashley que estava administrando-lhe um poderoso coquetel intravenoso que faria com que ele se sentisse calmo, contente — possivelmente eufórico — e, definitivamente, sonolento.

— Quanto antes, melhor — pensou Ashley. Ele estava mais do que preparado para sentir-se calmo. Devido aos seus temores em relação ao procedimento, ele tinha tido dificuldade em dormir na noite anterior. E para piorar o estresse psicológico, a manhã não havia sido fácil. Seguindo o conselho de Daniel, ele evitou tomar seu remédio para o Parkinson, o que teve consequências mais graves do que ele previra. Ele não tinha ideia do quanto os remédios vinham controlando seus sintomas. Ele não fora capaz de interromper o

movimento ritmado que seus dedos faziam, como se quisessem enrolar objetos em suas palmas. Pior ainda foi a rigidez, que ele comparou ao ato de tentar andar totalmente coberto de gelatina. Carol teve que pegar uma cadeira de rodas para fazer com que ele conseguisse chegar à limusine que o aguardava, e dois porteiros tiveram que ajudá-lo a sair da cadeira de rodas e a entrar no carro. A chegada na Clínica Wingate tinha sido igualmente difícil, com indignidades similares. A única parte positiva da provação foi que ninguém pareceu tê-lo reconhecido, graças ao seu disfarce de turista.

O coquetel intravenoso do Dr. Newhouse foi tudo o que ele prometera e mais ainda. Neste momento, Ashley sentia-se mais contente e calmo do que estaria se tivesse tomado sete copos longos do seu bourbon preferido, e isso apesar de estar sentado numa sala de operações, sobre uma mesa cirúrgica colocada numa posição sentada, com ambos os braços estendidos para os lados, presos em pranchas laterais. Até mesmo seu tremor parecia ter melhorado, mas caso não tivesse, ele não teria como saber ao certo. Estava vestindo um diminuto roupão hospitalar, com suas encorpadas pernas brancas estiradas diante dele. Seus pés descalços, ressecados e com joanetes, apresentavam unhas amareladas e enroladas apontadas na direção do teto. O tubo da intravenosa estava num dos braços, o outro estava envolvido pelo manguito de um medidor de pressão sanguínea. Havia sensores de eletrocardiograma fixados em seu peito e os bipes do aparelho de leitura ecoavam pelo sala.

O Dr. Nawaz estava ocupado com uma fita métrica, uma caneta pilot e uma navalha, enquanto preparava a cabeça de Ashley para colocar o marco estereotáctico, que Ashley conseguia ver próximo a uma coleção de instrumentos esterilizados colocados sobre uma mesa coberta ao lado. Apesar de o marco parecer um instrumento de tortura, Ashley, dopado, estava despreocupado. Também não estava incomodado em relação ao Dr. Lowell e à Dra. D'Agostino, que tinham aparecido com o Dr. Spencer Wingate e com o Dr. Paul

Saunders numa janela que dava para a entrada da sala de operações. Trajando roupas cirúrgicas, o quarteto parecia estar assistindo aos preparativos como se estes fossem um entretenimento. Ashley gostaria de poder acenar, mas com as mãos presas era impossível. Além disso, se já era difícil manter os olhos abertos, quanto mais levantar os braços.

— Vou raspar e preparar pequenas áreas nas laterais e na parte de trás da sua cabeça — anunciou o Dr. Nawaz, enquanto entregava o pilot e a fita métrica para Marjorie Hickam, a instrumentadora cirúrgica. — Estes serão os lugares onde o marco será fixado na sua cabeça, como lhe expliquei mais cedo. O senhor me compreende, Sr. Smith?

Levou um tempo para Ashley lembrar que seu nome adotado era Sr. Smith e que estavam lhe dirigindo a palavra.

— Acho que sim — respondeu ele, com uma pronúncia incompreensível. — Talvez você possa aproveitar para me barbear. Sem meu remédio, receio ter feito um trabalho menos que apresentável, esta manhã.

O Dr. Nawaz riu desse inesperado gracejo, assim como as outras pessoas que estavam na sala, o que incluía uma enfermeira ajudante chamada Constance Bartolo. Ela já estava vestida e enluvada, permanecendo próximo à mesa onde estavam o molde e os instrumentos cirúrgicos, como se estivesse mantendo guarda.

Alguns minutos depois, o Dr. Nawaz retornou e observou o resultado de seu trabalho.

— Parece-me ótimo. Vou dar uma saída para me preparar, depois vamos cobri-lo e poderemos começar.

Embora a circunstância de estar aguardando para ter um buraco aberto em seu crânio pudesse parecer aterradora, Ashley caiu num sono tranquilo sem sonhos. Ele foi parcialmente acordado pela sensação de campos cirúrgicos esterilizados sendo colocados por cima dele, mas logo voltou a dormir. O que fez despertá-lo alguns

minutos depois foi uma repentina e cortante dor no lado direito de sua cabeça, na altura do couro cabeludo. Com grande esforço, ele abriu parcialmente suas pesadas pálpebras. Ele chegou até mesmo a tentar levantar o braço direito involuntariamente.

— Calma! — disse o Dr. Nawaz. Ele estava de pé, lateralmente por trás de Ashley. — Está tudo bem! — Ele colocou a mão sobre o braço de Ashley para contê-lo. — Só estou injetando um pouco de anestesia local — explicou o Dr. Nawaz. — Você pode sentir uma sensação de picada. Ela será aplicada em quatro lugares.

— Sensação de picada! — surpreendeu-se Ashley silenciosamente no seu estupor. Era típico de um médico minimizar o sintoma, visto que a dor dava-lhe a impressão de que uma faca, com a lâmina aquecida, estava arrancando seu couro cabeludo do crânio. Ashley, entretanto, estava estranhamente alheio, como se a dor envolvesse outra pessoa e ele fosse um mero observador. O fato de a dor ser efêmera e ter sido substituída, nas quatro vezes, por uma dormência absoluta, foi também um alívio.

Ashley teve apenas uma vaga noção do processo de encaixe do marco estereotáctico nele. Ele flutuou sem esforço entre o estado de consciência e de inconsciência durante a mais de meia hora de manipulações e ajustes que o marco levou para ser ancorado, com pinos firmemente fixados, na tábua externa de seu crânio. Ele não tinha noção do passado, do futuro ou da passagem do tempo.

— Isso deve funcionar — disse o Dr. Nawaz. Ele estendeu o braço e segurou as palhetas calibráveis, semicirculares, que estavam arqueadas sobre a cabeça de Ashley, testando suavemente a estabilidade do marco ao tentar movê-lo em várias direções. Este manteve-se sólido, com seus quatro pinos arraigados no crânio de Ashley. Satisfeito com o resultado, o Dr. Nawaz deu um passo para trás, cruzou as mãos enluvadas sobre o peito e pigarreou.

— Srta. Hickman, você pode ter a bondade de avisar ao técnico de raios X que estamos prontos?

A instrumentadora cirúrgica, que estava indo pegar uma bolsa com mais líquido intravenoso para o Dr. Newhouse, deteve-se imediatamente. Seus olhos azul-acinzentados dirigiram-se primeiramente para sua colega Constance, buscando um pequeno apoio antes de confrontar o olhar do Dr. Nawaz. Por alguns instantes, Marjorie não sabia o que dizer, visto que ela já tivera experiência, durante os estudos, com neurocirurgiões de pavio curto e tinha assistido a acessos de raiva em salas de operações. Ela esperava pelo pior.

— Não vamos perder tempo — anunciou o Dr. Nawaz, com a voz um pouco irritada. — É hora dos raios X.

— Mas não temos nenhum aparelho de raios X — disse Marjorie, hesitante. Ela desviou sua atenção para o Dr. Newhouse buscando apoio, temendo que fosse levar toda a culpa pelo atual problema.

— O que você quer dizer com não temos nenhum aparelho de raios X? — interpelou o Dr. Nawaz. — Porque é melhor que nós tenhamos a droga de um aparelho de raios X, ou então vamos arrumar tudo e voltar para a casa! Não há jeito de eu fazer um implante intracraniano sem um aparelho de raios X.

— O que Marjorie está querendo dizer é que estas duas salas não estão equipadas com raios X — explicou o Dr. Newhouse. — Elas foram projetadas originalmente para procedimentos de infertilidade, é por isso que têm aparelhos de ultra-sonografia de última geração. Eles ajudariam?

— É claro que não! — disse o Dr. Nawaz, irritado. — Um aparelho de ultra-sonografia não ajudaria em nada. Preciso de um aparelho de raios X de grande porte para fazer medições acuradas. A grade de referência do marco tridimensional tem que estar relacionada com o cérebro do paciente. De outra forma, seria como atirar às escuras. Eu preciso da droga de raios X! Você está querendo me dizer que não há nem mesmo um aparelho portátil?

— Infelizmente não — disse o Dr. Newhouse. Ele acenou através da janela para que o Dr. Paul Saunders entrasse na sala.

Paul enfiou sua cabeça através da porta, enquanto mantinha a máscara sobre o rosto.

— Algum problema?

— Acredite se quiser, mas temos um problemão — queixou-se o Dr. Nawaz, irritado. — Fui tardiamente avisado que não há aparelho de raios X.

— Temos raios X — disse Paul. — Temos até um aparelho de ressonância magnética.

— Bem, traga a droga do aparelho de raios X para cá! — ordenou o Dr. Nawaz, impaciente.

— Há um problema que ninguém previu — disse Paul. — Rashid precisa de um aparelho de raios X, mas a sala não está equipada com um, e não temos uma unidade portátil.

— Ai, meu Deus! Depois de todo esse esforço isso vai acontecer logo agora? — perguntou Daniel, retoricamente. Em seguida, olhando diretamente para o neurocirurgião, ele disse: — Por que você não mencionou que precisaria de um aparelho de raios X?

— Por que você me não me disse que não havia um disponível? — retrucou o Dr. Nawaz. — Jamais tive a duvidosa honra de trabalhar numa sala de operações que não tivesse um equipamento de raios X.

— Vamos pensar um pouco e deixar que as cabeças frias prevaleçam! — sugeriu o Dr. Paul Saunders. — Tem que haver uma solução.

— Não há nada para ser pensado — disse o Dr. Nawaz, irritado. — Não posso aplicar uma injeção no cérebro sem radiografias. Ponto final.

Exceto pelos bipes ritmados do monitor cardíaco, a sala imergiu num silêncio nervoso. Ninguém se aventurava a olhar diretamente para os outros. Ninguém se movia.

— Por que não levamos o paciente para a sala de raios X? — sugeriu repentinamente Spencer. — Ela não fica tão longe assim.

Os outros já tinham tido a mesma ideia, mas haviam desistido. Agora, eles reconsideravam a sugestão. Levar um paciente da sala de operações para a sala de raios X, no meio do procedimento, estava longe de ser algo rotineiro, no entanto, dadas as atuais circunstâncias, isso não podia ser descartado. As instalações eram novas em folha e estavam praticamente vazias, logo o risco de uma contaminação não era um problema tão grande, como seria em condições normais, especialmente porque a craniotomia ainda não tinha sido realizada.

— Tenho que admitir que me parece razoável — disse Daniel, otimista. — Temos mãos suficientes. Todos podem ajudar.

— Qual é a sua opinião, Rashid? — perguntou Paul. O Dr. Nawaz deu de ombros.

— Suponho que possa funcionar, contanto que mantenhamos o paciente sobre a mesa cirúrgica. Com ele permanecendo sentado e o marco estereotáctico na posição, não seria aconselhável transferi-lo para uma maca.

— A mesa cirúrgica tem rodas — lembrou o Dr. Newhouse.

— Vamos fazer isso! — disse Paul. — Marjorie, avise à nossa técnica em imagem que estamos indo para a sala de raios X.

Levou alguns minutos para que o Dr. Newhouse soltasse Ashley do monitor cardíaco e os braços das pranchas laterais. Com estas estendidas lateralmente seria impossível passar pela porta. Quando tudo estava preparado e as mãos de Ashley repousavam seguramente sobre o colo, o Dr. Newhouse soltou com o pé o freio da mesa. Depois, com o Dr. Newhouse empurrando e Marjorie e Paul puxando, eles passaram com a mesa cirúrgica pelo corredor. Com exceção da enfermeira ajudante, que permaneceu na sala de operações, todos seguiram atrás. Ashley permanecia adormecido e totalmente alheio ao drama que se desenrolava, apesar de estar

numa posição sentada e de estar sendo empurrado. Com o marco estereotáctico, de aparência futurística, fixado em sua cabeça, ele poderia ser confundido com um ator adormecido num filme de ficção científica.

Assim que chegaram ao corredor, todos, salvo o Dr. Nawaz, passaram a ajudar, embora não fosse necessário. A mesa cirúrgica deslizava suavemente pelo piso, fazendo apenas um ruído suave devido ao peso considerável. Quando o grupo chegou à sala de raios X, seguiu-se uma discussão se deveriam transferir Ashley da mesa cirúrgica para a mesa de raios X. Depois de pesarem os prós e os contras, foi decidido que era melhor deixá-lo na mesa cirúrgica.

O Dr. Nawaz vestiu um pesado avental de chumbo, já que insistiu para alinhar e apoiar pessoalmente a cabeça de Ashley, enquanto as chapas eram tiradas. Todos os demais recuaram para o corredor. Ashley não acordou em momento algum.

— Quero que as chapas sejam reveladas antes de o levarmos de volta — disse o Dr. Nawaz à técnica quando ela veio recolher as chapas que haviam sido expostas. — Quero ter certeza de que vão servir.

— Vou trazê-las de volta num instante — disse a técnica, animada.

O Dr. Newhouse retornou para o interior da sala de raios X para verificar os sinais vitais de Ashley. Paul e Spencer acompanharam a técnica de raios X para esperar pela revelação dos filmes. Daniel e Stephanie encontraram-se momentaneamente a sós.

— Isso parece uma comédia de erros, só que não tem a menor graça — sussurrou Stephanie, balançando a cabeça em sinal de nojo.

— Esse comentário não é justo — Daniel sussurrou de volta. — A confusão em relação aos raios X não foi culpa de ninguém. Você tem que ver os dois lados da questão, além do mais já são águas passadas. As radiografias foram tiradas, dessa forma, poderemos prosseguir com o implante.

— Não importa se existe ou não algum culpado — retrucou Stephanie, com um bufo. — Ainda assim foi um erro crasso e eles têm se sucedido desde aquela malfadada noite chuvosa, em Washington, até este momento. Fico me perguntando o que mais pode dar errado.

— Vamos tentar ser um pouco mais otimistas — disse Daniel irritado. — Já está acabando.

Paul e Spencer voltaram da sala de revelação juntos com a técnica, que estava alguns passos atrás. Paul segurava as radiografias numa das mãos.

— Elas me parecem boas — comentou ele, enquanto passava por Daniel e Stephanie a caminho da sala de raios X. Os outros o seguiram. Paul fixou as chapas no mostrador, acendeu a luz e deu um passo para o lado. As imagens eram do crânio de Ashley encimado pela imagem opaca do marco estereotáctico.

O Dr. Nawaz aproximou-se e, com o nariz próximo às radiografias, examinou uma de cada vez, orientando-se principalmente pelas sombras indistintas dos ventrículos, cheios de fluido, do cérebro de Ashley. Por alguns momentos, todos permaneceram em silêncio. O único som audível era o da respiração pesada de Ashley, brevemente obscurecida pelo barulho que o Dr. Newhouse fazia ao inflar o manguito do medidor de pressão no braço de Ashley.

— Então? — perguntou Paul.

O Dr. Nawaz aprovou relutantemente com a cabeça.

— Parecem boas. Devem servir — ele pegou um pilot, um transferidor e uma régua metálica de precisão. Tomando grande cuidado, estabeleceu pontos específicos em cada uma delas e marcou-as com um pequeno "X". — Este é o nosso alvo: a pars compacta da substância negra no lado direito do mesencéfalo. Agora, tenho de calcular as coordenadas x, y e z — ele começou a traçar retas sobre as radiografias e a medir ângulos.

— Você vai fazer isto aqui mesmo? — perguntou Paul.

— Este é um mostrador bem iluminado — disse o Dr. Nawaz. Ele estava preocupado.

— Deveríamos levar o paciente de volta para a sala de operações — disse o Dr. Newhouse. — Sinto-me mais confortável com ele religado ao monitor cardíaco.

— Boa ideia — disse Paul. Ele imediatamente foi até a base da mesa cirúrgica para dar uma mão. O Dr. Newhouse soltou o freio dos rodízios.

Daniel e Stephanie olhavam por sobre o ombro do Dr. Nawaz, observando atentos enquanto ele calculava as coordenadas da agulha de implante, cujas indicações seriam firmemente fixadas no molde.

Com Paul puxando e o Dr. Newhouse empurrando, eles conseguiram manobrar a mesa cirúrgica para fora da sala de raios X. O Dr. Newhouse mantinha uma mão sobre o ombro de Ashley, para ajudar a estabilizá-lo, enquanto eles se moviam. Isso provavelmente não era necessário, visto que o Dr. Newhouse prendera mais cedo o peito de Ashley na parte elevada da mesa cirúrgica, mas ele queria certificar-se.

Assim que chegaram ao corredor, Paul virou seu corpo para poder olhar para a frente, enquanto segurava a base da mesa cirúrgica por trás de suas costas. Desse jeito, era mais fácil do que andar de costas. Ele continuou puxando, mas sua contribuição era maior na direção, visto que a mesa cirúrgica com seus quatro rodízios tinha uma tendência a desviar-se da rota. Marjorie seguia ao lado, segurando a bolsa com o líquido intravenoso, mas também pronta para auxiliar Ashley caso fosse necessário. Spencer seguia na retaguarda dando ordens ocasionais, que todos ignoravam.

— O aspecto dele não está bom — reclamou o Dr. Newhouse, sob as fortes luzes fluorescentes do corredor. — Vamos!

Todos aumentaram o passo.

— Ele estava pálido desde o momento em que entrou pela porta principal — disse Spencer. — Não acho que seu aspecto tenha mudado.

— Quero ele de volta no monitor — disse o Dr. Newhouse.

— Chegamos! — anunciou Paul, enquanto empurrava a porta da sala de cirurgias sem virar-se para ver a mesa cirúrgica. Na sua pressa, ele deixou de alinhar a mesa com o portal, fazendo com que ela entrasse num ângulo errado. O resultado foi que uma das quinas frontais bateu na dobradiça de metal com tanta força que fez com que o corpo de Ashley saltasse de encontro à correia que prendia seu peito à cama. A inércia fez com que o marco estereotáctico sofresse um pequeno efeito chicote, atirando de forma brusca a cabeça de Ashley para a frente obliquamente. Tanto o Dr. Newhouse como Marjorie reagiram prontamente segurando os braços de Ashley que também tinham se deslocado com o impacto.

— Porra! — soltou o Dr. Newhouse.

— Desculpe-me — disse Paul, culpado. Como ele era o principal responsável pela direção, a culpa era quase toda dele.

— O marco bateu no portal? — perguntou o Dr. Newhouse, enquanto colocava a mão de Ashley de volta sobre o colo.

— Não, não acertou — disse Marjorie, que estava no lado da colisão e poderia tê-la evitado, caso a tivesse previsto. Tudo aconteceu muito rapidamente. Ela soltou o braço de Ashley para poder empurrar a parte da frente da mesa cirúrgica, a fim de afastá-la da dobradiça.

— Agradeço a Deus pelos pequenos favores — disse o Dr. Newhouse. — Pelo menos não o contaminamos. Caso tivéssemos, teríamos que começar tudo de novo.

Constance veio apressada do lugar em que estava, próximo à mesa com os instrumentos. Como havia permanecido vestida com os trajes cirúrgicos e com as luvas, enquanto todos tinham ido para a

sala de raios X, ela podia segurar o marco sem correr o risco de ameaçar sua esterilização, ajeitá-lo na cabeça de Ashley e apoiá-lo.

— Já terminou? — perguntou Ashley, parecendo inebriado. A colisão retirou-o de seu repouso induzido. Ele tentou abrir os olhos sem muito sucesso. Só conseguia abrir as pálpebras pela metade. Sentindo o estranho peso sobre sua cabeça, ele tentou estender o braço para poder apalpar o que o causava. O Dr. Newhouse segurou o braço levantado. Marjorie segurou o outro.

— Ponha a mesa em posição — ordenou o Dr. Newhouse.

Paul puxou a mesa para o centro da sala. Ele ajudou o Dr. Newhouse a colocar as pranchas laterais. Momentos depois, os braços de Ashley estavam adequadamente presos. Ashley ajudou caindo imediatamente no sono. O Dr. Newhouse entregou os sensores cardíacos a Marjorie, que os conectou à unidade eletrônica. Logo, o cadenciado e tranquilizador bipe do monitor cardíaco quebrou o tenso silêncio da sala. O Dr. Newhouse tirou o estetoscópio dos ouvidos, depois de medir a pressão sanguínea.

— Está tudo bem — ele anunciou.

— Eu devia ter sido mais cuidadoso — disse Paul.

— Não houve nenhum dano — respondeu o Dr. Newhouse. — O marco não foi afetado. Vamos avisar ao Dr. Nawaz para que ele possa verificar. Parece-lhe estável, Constance?

— Sólido como uma rocha — disse Constance, que ainda estava apoiando o molde.

— Ótimo — disse o Dr. Newhouse. — Acho que agora você já pode soltá-lo. Obrigado pela ajuda.

Constance soltou o marco aos poucos. A posição não tinha se modificado. Ela voltou para perto da mesa de instrumentos.

— Suponho que você tenha razão a respeito do aspecto do paciente — comentou o Dr. Newhouse com Spencer. — Não houve mudança na condição cardiovascular. Assim mesmo, vou botar um

oxímetro de pulso. Marjorie, você poderia apanhar um para mim na sala de anestesia?

— Sem nenhum problema — disse Marjorie, antes de desaparecer através da porta em direção à sala adjunta.

Uma figura apareceu na janela que dava para a passagem e chamou a atenção de Paul. Embora o homem estivesse vestido com trajes cirúrgicos e usasse uma máscara, Paul reconheceu Kurt Hermann. O pulso de Paul disparou novamente, depois que eleja tinha se recuperado da colisão envolvendo a mesa cirúrgica e a dobradiça da porta. Ele ficou nervoso, pois seja era algo fora do comum ver Kurt em algum edifício que não fosse o da administração, onde seu escritório ficava localizado, vê-lo na sala de cirurgia era extraordinário. Algo devia estar muito errado, especialmente porque o tipicamente contido Kurt acenava para que Paul viesse até o corredor.

Paul foi diretamente para a porta e saiu no corredor.

— O que aconteceu? — disse ele, ansioso.

— Preciso falar com você e o Dr. Wingate em particular.

— Sobre o quê?

— A identidade do paciente. Ele não tem ligações com a máfia.

— Ah, é mesmo? — disse Paul aliviado. A última coisa que ele esperava eram boas notícias. — Quem é ele?

— Por que você não chama o Dr. Wingate?

— Tudo bem! Um momento só!

Paul retornou à sala de operações e sussurrou no ouvido de Spencer. As sobrancelhas de Spencer arquearam-se. Ele olhou deliberadamente para Kurt lá fora, como se não acreditasse no que Paul acabara de lhe contar. Com entusiasmo, ele seguiu Paul de volta ao corredor. Kurt fez um sinal para que eles o acompanhassem pelo corredor em direção ao depósito de material cirúrgico. Uma vez lá, ele certificou-se de que a porta estava fechada antes de virar-se para encarar seus chefes. Ele não tinha muito respeito por nenhum dos

dois, especialmente porque nunca sabia ao certo quem estava no controle.

— Então? — perguntou Spencer. Ele não tinha a mesma paciência que Paul tinha com Kurt. — Você vai ou não vai nos contar? Quem é ele?

— Primeiro, um pouco de informações secundárias — disse Kurt, no seu estilo militar cortante. — Soube pelo motorista da limusine que ele apanhou o paciente e sua acompanhante no hotel Atlantis. Através de contatos com funcionários do hotel, que me foram fornecidos pela polícia local, descobri que eles estão registrados na suíte Poseidon, sob o nome de Carol Manning, de Washington, D.C.

— Carol Manning? — indagou Spencer. — Nunca ouvi falar nele. Quem diabos é ele?

— Carol Manning é uma mulher — disse Kurt. — Pedi a um amigo que verificasse o nome no continente. Ela é chefe de gabinete do senador Ashley Butler. Verifiquei com as autoridades aeroportuárias das Bahamas: o senador Butler chegou na ilha ontem. Creio que o paciente seja o senador.

— Senador Butler! É claro! — disse Spencer, enquanto dava um tapa no topo da própria cabeça. — Veja só, achei que o tivesse reconhecido esta manhã, mas não consegui associar o nome ao rosto da pessoa, pelo menos não com aquela roupa ridícula de turista.

— Merda! — xingou Paul. Ele botou as mãos na cintura e começou a andar de um lado para o outro nas reduzidas dimensões do depósito. — Toda essa trabalheira para descobrir a identidade dele e, no final, ele é um político de merda. Podemos dar adeus à nossa grande recompensa.

— Não vamos nos precipitar quanto a isso — disse Spencer.

— Droga, e por que não? — disse Paul. Ele parou e olhou para Spencer. — Contávamos que o homem misterioso fosse rico e famoso. Ou seja, uma celebridade tipo um astro de cinema, uma

estrela de rock ou um grande desportista, em último caso algum presidente de empresa bem famoso. Certamente, não um político.

— Há políticos e políticos — disse Spencer. — O importante para nós é que houve um falatório considerável sobre uma possível indicação de Butler para concorrer à presidência pelos democratas em 2004.

— Mas políticos não têm dinheiro — disse Paul. — Pelo menos, não que lhes pertença.

— Mas eles têm acesso a pessoas com bastante dinheiro — disse Spencer. — É isso que importa, especialmente quando se trata de candidatos viáveis à presidência. Quando o número de pré-candidatos aspirantes à vaga pelo Partido Democrata for reduzido, o que certamente vai ocorrer, haverá muito dinheiro. Se Butler concorrer e conseguir se sair bem no princípio, ainda poderemos receber aquela compensação caída do céu.

— Trata-se de um número muito grande de variáveis — disse Paul, com expressão de descrença. — Apesar disso, estou contente com o que já conseguimos. Recompensa ou não, aprendi muito sobre o HTSR, algo que vai nos render grandes lucros, além disso, há os quarenta e cinco mil, que não são nada desprezíveis. Portanto, estou contente. Especialmente porque conseguimos fazer o Dr. Lowell assinar aquele documento. Ele não vai ter como negar o que foi feito aqui, e vou pressionar para que aquele artigo envolvendo o Sudário de Turim seja publicado no NEIM. Publicidade será nosso grande pagamento a longo prazo e, para isso, um político é tão bom quanto qualquer outra celebridade.

— Voltarei aos meus deveres normais — disse Kurt. Ele não ficaria parado ali, ouvindo o papo-furado daqueles dois bufões. Ele foi até a porta e abriu-a.

— Obrigado por ter conseguido o nome — disse Paul.

— É mesmo, obrigado — acrescentou Spencer. — Vamos tentar esquecer que você demorou um mês e que teve de matar uma pessoa

para consegui-lo.

Kurt fulminou Spencer com um olhar, e depois, foi embora. A porta fechou-se automaticamente.

— Seu último comentário foi injusto — reclamou Paul.

— Eu sei — disse Spencer, fazendo um gesto de menosprezo. — Estava tentando ser engraçado.

— Você não gosta muito da colaboração dele por aqui.

— Acho que não — concordou Spencer.

— Você gostará quando nos levantarmos e passarmos a funcionar com capacidade máxima. Segurança será uma questão muito importante. Confie em mim!

— Talvez sim, mas agora vamos voltar para o implante e torcer para que as coisas corram melhor do que correram até agora. — Spencer abriu a porta e começou a sair.

— Espere um momento — disse Paul, agarrando o braço de Spencer. — Algo acabou de me ocorrer. Ashley Butler é o senador que liderou a proibição do HTSR que foi desenvolvido por Lowell. Veja só a ironia: ele vai ser o maior beneficiado.

— Se você quer mesmo saber, acho isso mais hipócrita do que irônico — disse Spencer. — Ele e Lowell devem ter chegado a uma espécie de acordo clandestino.

— Deve ser isso mesmo e, caso seja, encaixa-se perfeitamente nos nossos planos de receber uma compensação financeira, visto que ambos devem ter-se comprometido a manter segredo absoluto.

— Acho que estamos sentados na primeira fila da plateia — disse Spencer, balançando a cabeça. — Agora, vamos voltar para a sala de operações para nos certificarmos de que não surgiram novos problemas, desta forma o implante poderá ser feito. Foi ótimo estarmos por perto quando surgiu aquele problema da radiografia.

— Precisamos comprar um equipamento portátil de raios X.

— Vamos aguardar até que nosso fluxo de caixa melhore, caso você não se importe.

Spencer hesitou diante da porta da sala de operações. Ele virou-se para Paul.

— Acho que é importante não demonstrar que conhecemos a verdadeira identidade do senador.

— É claro — disse Paul. — Nem precisava comentar.

25

11h45, domingo, 24 de março de 2002

Para Tony D'Agostino encontrar-se estacionando novamente diante da loja de materiais de construção dos irmãos Castigliano era como ser pego no meio de um pesadelo, sem conseguir acordar. Para tornar as coisas piores, era um fim de manhã de um domingo frio e chuvoso, no mês de março, e havia mil outras coisas que ele preferia estar fazendo, tal como beber um cappuccino e comer cannoli no aconchegante Café Cosenza, na Rua Hanover.

Depois de abrir a porta do carro, Tony primeiramente botou o guarda-chuva para fora e abriu-o. Mas seus esforços foram inúteis. Ainda assim ele ficou molhado. O vento fazia com que a chuva viesse de todas as direções. Até mesmo evitar que o guarda-chuva fosse arrancado de sua mão foi uma luta.

Assim que passou pela porta, Tony pisou duro para tirar a umidade de seus sapatos, esfregou a testa com o dorso da mão e encostou o guarda-chuva na parede. Enquanto passava pelo balcão onde Gaetano habitualmente trabalhava, ele praguejou baixinho. Em sua cabeça não havia dúvidas de que Gaetano tinha estragado as coisas novamente, e ele esperava encontrar o troglodita para dizer umas verdades.

Como de costume, a porta do escritório interno estava destrancada e Tony entrou depois de uma rápida batida, sem nem mesmo esperar pela resposta. Ambos os Castigliano estavam em suas respectivas mesas, cujas superfícies bagunçadas eram iluminadas por luminárias com cúpulas de vidro verde. A intensa nebulosidade do exterior fazia com que muito pouca luz passasse através das janelas envidraçadas, que davam para o pântano de águas salgadas.

Os Castigliano olharam para ele ao mesmo tempo. Sal estava ocupado transferindo o conteúdo de uma pilha de notas fiscais amarrotadas para um velho livro-razão. Louie estava jogando paciência. Lamentavelmente, Gaetano não estava ali.

Seguindo o velho ritual, Tony deu um tapinha na mão de cada um dos gêmeos, à guisa de cumprimento, antes de sentar-se no sofá. Ele não tirou o casaco e nem chegou a encostar no sofá. Tinha planejado fazer uma visita que durasse o mínimo possível. Ele pigarreou. Nenhum deles dissera nada, o que era estranho, pois ele era quem pretendia bancar o irritado.

— Minha mãe falou com a minha irmã ontem à noite — começou Tony. — Gostaria que vocês soubessem que estou confuso.

— Ah, é mesmo? — retrucou Louie num tom de desprezo. — Bem-vindo ao clube!

Tony olhou de um gêmeo para o outro. Repentinamente, ficou óbvio que os Castigliano estavam num péssimo humor, parecido com o dele. Isso ficou mais claro ainda pelo desrespeito demonstrado por Louie, que voltou imediatamente ao jogo de paciência, estalando as cartas na superfície da mesa à medida que jogava. Tony olhou para Sal, que olhou irritado de volta. Sal parecia mais sinistro do que de costume, com seu rosto macilento iluminado pela enjoativa luz esverdeada que vinha de baixo. Ele parecia um cadáver.

— Por que você não nos explica o que o está deixando confuso? — sugeriu Sal, com arrogância.

— Isso mesmo, gostaríamos de ouvir — acrescentou Louie, sem interromper seu jogo de cartas. — Especialmente porque foi você quem nos forçou a entrar com cem paus no golpe de sua irmã.

Levemente alarmado com essa recepção gélida, Tony encostou no sofá. Sentindo-se subitamente aquecido, ele abriu o casaco.

— Não forcei ninguém a nada — disse ele indignado, mas assim que as palavras saíram de seus lábios, ele sentiu uma desagradável sensação de vulnerabilidade inundá-lo. Mais tarde, ele refletiria sobre a insensatez de ir até o escritório isolado dos gêmeos sem nenhuma proteção ou alguma espécie de cobertura. Como de costume, não estava armado. Ele raramente andava armado e os gêmeos sabiam disso. No entanto, ele também tinha seus capangas em sua organização, exatamente como os irmãos Castigliano, e devia tê-los trazido junto.

— Você ainda não nos contou o que o está deixando confuso — disse Sal, ignorando a refutação de Tony.

Tony pigarreou novamente. Com um crescente mal-estar, ele achou melhor suavizar sua raiva.

— Estou um pouco confuso a respeito do que Gaetano fez na segunda viagem a Nassau. Uma semana atrás, minha mãe disse-me que estava tendo dificuldades em falar com a minha irmã. Ela disse que quando conseguia, minha irmã agia de forma estranha, como se algo de ruim tivesse acontecido e ela não quisesse contar até voltar para casa. Obviamente, imaginei que Gaetano tivesse feito o serviço e o professor tivesse virado história. Bem, ontem à noite minha mãe conseguiu falar com minha irmã novamente. Dessa vez ela tinha, para usar as palavras de minha mãe, "voltado ao seu velho eu", contando que ela e o professor ainda estavam em Nassau, mas que voltariam para casa dentro de alguns dias. O que se pode deduzir disso?

Durante alguns minutos tensos, ninguém disse nada. O único barulho na sala era o das cartas de Louie estalando intermitentemente na superfície da mesa, combinado com o som das gaivotas grasnando no pântano de águas salgadas.

Tony deu uma olhada deliberada ao redor da sala, que estava quase que totalmente encoberta pela sombra, apesar da hora.

— Falando em Gaetano, onde ele está? — A última coisa que Tony queria era ser surpreendido pelo capanga dos gêmeos.

— Essa é uma pergunta que andamos nos fazendo — disse Sal.

— Que diabos você está querendo dizer?

— Gaetano ainda não voltou de Nassau — disse Sal. — Ele desertou. Não ouvimos um ai desde que ele partiu depois daquela última vez que você veio aqui, assim como o irmão e a cunhada dele, as pessoas mais próximas dele. Ninguém ouviu porra nenhuma. Nem um gemido.

Se a mente de Tony estava confusa antes, agora estava pasma. Embora andasse reclamando de Gaetano recentemente, ele respeitava o sujeito como sendo um profissional experiente; e, sendo uma pessoa ligada à máfia, Tony presumia que Gaetano fosse inteiramente leal. Sua deserção não fazia o menor sentido.

— É desnecessário dizer que nós também estamos um pouco frustrados — acrescentou Sal.

— Vocês fizeram alguma investigação? — perguntou Tony.

— Investigação? — perguntou Louie, com sarcasmo, finalmente tirando os olhos do jogo de paciência. — Por que faríamos uma loucura dessas? Diabos, não! Ficamos aqui dia após dia somente roendo as unhas, esperando o telefone tocar.

— Ligamos para a família Spriano de Nova York — disse Sal ignorando o sarcasmo de seu irmão. — Caso você não saiba, somos parentes distantes. Eles estão verificando para nós. Enquanto isso, vão nos mandar outro assistente, que deve chegar aqui dentro de um ou dois dias. Foram eles que nos mandaram Gaetano antes.

Um arrepio percorreu a espinha de Tony. Ele sabia que a organização Spriano era uma das mais poderosas e impiedosas famílias da Costa Leste. Ele não tinha a menor ideia de que os gêmeos fossem associados a ela, o que botava tudo numa outra, e mais preocupante, categoria.

— E os colombianos de Miami, que forneceriam a arma? — perguntou ele, para mudar de assunto.

— Nós falamos com eles — disse Sal. — Como você sabe, eles nunca são abertamente cooperativos, mas disseram que iam verificar. Assim, há batedores espalhados por aí. Obviamente, queremos saber onde o idiota está escondido e por quê.

— Há algum dinheiro faltando? — perguntou Tony.

— Nenhum que Gaetano tenha apanhado — disse Sal enigmaticamente.

— Estranho — comentou Tony, na ausência de algo melhor para dizer. Ele não sabia o que Sal estava querendo insinuar, mas também não ia perguntar. — Só posso lamentar esse problema — ele foi para à beira do sofá como se estivesse prestes a levantar-se.

— É mais do que estranho — zombou Louie. — E lamentar não é o suficiente. Estivemos falando sobre tudo isso nos últimos dias e acho que você deve saber como estamos nos sentindo. Ultimamente, passamos a considerá-lo como o responsável por esse problema com Gaetano, independentemente de tudo, e pelos nossos cem paus, que vamos querer de volta com juros. Os juros serão calculados pela nossa taxa habitual, contados a partir do dia em que entregamos o dinheiro, e não são negociáveis. E uma última coisa: consideramos o empréstimo como vencido.

Tony levantou-se abruptamente. Sua ansiedade crescente chegara a um ponto crítico, depois de ouvir os comentários e a ameaça implícita de Louie.

— Avisem se vocês souberem de alguma coisa — disse ele, dirigindo-se para a porta. — Enquanto isso farei as minhas próprias

investigações.

— É melhor você começar a fazer investigações sobre a melhor maneira de levantar as cem pratas — disse Sal. — Porque não seremos muito pacientes.

Tony apressou-se em sair da loja, ignorando a chuva. Ele estava transpirando, apesar do frio. Foi somente quando entrou no carro que se lembrou do guarda-chuva.

— Foda-se! — disse ele, alto. Ele deu a partida no Cadillac. Com o braço enganchado sobre o encosto do banco do carona, ele olhou através do vidro traseiro e pisou no acelerador. Causando uma chuva de pedregulhos, o carro deu uma guinada em direção à rua. Momen¬tos depois, o Cadillac seguia a quase noventa por hora, voltando em direção à cidade.

Tony relaxou um pouco e secou as palmas de suas mãos, uma de cada vez, nas pernas da calça. A ameaça imediata havia desaparecido, mas ele sabia intuitivamente que uma ameaça maior, a longo prazo, estava surgindo no horizonte, especialmente se os Spriano se envolvessem, mesmo que tangencialmente. Era tudo muito desencorajados se não assustador. Logo agora que ele estava mobilizando seus recursos para lutar contra o indiciamento, provavelmente haveria uma guerra de território entre as organizações.

John! Você pode me ouvir? — chamou o Dr. Nawaz. Ele havia se inclinado sobre a mesa ao mesmo tempo que mantinha os campos cirúrgicos esterilizados sobre o rosto de Ashley. A maior parte do marco estereotáctico ancorado sobre o crânio de Ashley, assim como ele mesmo, estava coberta por campos cirúrgicos, que expunham somente uma pequena parte do lado direito da testa do senador. Neste ponto, o Dr. Nawaz havia feito uma pequena incisão na pele, que era mantida aberta com um retrator.

Depois de expor o osso, o Dr. Nawaz usou uma furadeira potente para fazer o pequeno orifício da craniotomia, com 1,6cm de

diâmetro, expondo o tecido fascial branco-acizentado do cérebro. Diretamente alinhada com o buraco, e firmemente presa a uma das palhetas do marco estereotáctico, encontrava-se a agulha de implante. Com auxílio da radiografia, os ângulos corretos haviam sido determinados e a agulha já havia sido inserida através das camadas do cérebro, na parte externa do órgão propriamente dito. Nessa altura, tudo que restava a ser feito era avançar a agulha na profundidade exata, que tinha sido a pré-determinada, para alcançar a almejada substância negra.

— Dr. Newhouse, talvez você possa falar com o paciente para mim — disse o Dr. Nawaz, com seu sotaque britânico-paquistanês melodioso. — Neste momento, prefiro que o paciente esteja acordado.

— É claro — disse o Dr. Newhouse, levantando-se e colocando de lado a revista que estava lendo. Ele esticou o braço por debaixo dos campos cirúrgicos e balançou o ombro de Ashley.

As pesadas pálpebras de Ashley levantaram-se com dificuldade.

— Você pode me ouvir agora, John? — perguntou o Dr. Nawaz novamente. — Precisamos da sua ajuda.

— É claro que consigo ouvi-lo — disse Ashley, com a voz rouca devido ao sono.

— Gostaria que você me avisasse quando sentir alguma espécie de sensação nos próximos minutos. Você pode fazer isso?

— O que você quer dizer com "sensações"?

— Algo como imagens, pensamentos, odores ou alguma sensação de movimento: qualquer coisa que lhe chame a atenção.

— Estou muito sonolento.

— Eu compreendo, mas tente ficar acordado por alguns minutos. Como disse, precisamos da sua ajuda.

— Vou tentar.

— Isso é tudo que estamos pedindo — disse o Dr. Nawaz. Ele abaixou o campo cirúrgico encobrindo o rosto de Ashley. Ele se

virou e fez sinal de positivo com o polegar para o grupo que estava no hall, assistindo através da janela. Em seguida, depois de flexionar os dedos enluvados, ele usou o botão do micromanipulador do suporte que mantinha a agulha de implante. Lentamente, milímetro a milímetro, ele avançou a agulha cega nas profundezas do cérebro de Ashley. Quando a agulha estava na metade do caminho, ele novamente levantou a beirada do campo cirúrgico. Ele ficou contente em ver que os olhos de Ashley estavam abertos, ainda que escassamente. — Você está se sentindo bem? — perguntou ao senador.

— Otimamente — disse Ashley, com um resquício do sotaque sulista. — Feliz como um pinto no lixo.

— Você está indo bem — disse o Dr. Nawaz. — Não vai demorar muito.

— Não se apresse. O importante é que seja bem-feito.

— Ninguém nunca reclamou — comentou Dr. Nawaz. Ele sorriu por debaixo da máscara cirúrgica enquanto abaixava o campo cirúrgico e tornava a acompanhar o avanço da agulha. Ele estava impressionado com a coragem e o bom humor de Ashley. Alguns minutos depois, com uma torção final no micromanipulador, ele parou exatamente na profundidade calculada. Depois de dar uma última verificada nas condições de Ashley, ele disse a Marjorie para pedir que o Dr. Lowell entrasse na sala. Enquanto isso, ele preparou a seringa contendo as células de tratamento.

— Está correndo tudo bem? — perguntou Daniel. Ele ajeitou a máscara assim que entrou na sala. Com as mãos entrelaçadas nas costas, ele inclinou-se para examinar o furo da craniotomia e a agulha nele embutida.

— Muito bem — disse o Dr. Nawaz. — Mas tenho que admitir que há um problema que me escapou durante a confusão mais cedo. Nessa altura, costuma-se tirar outra radiografia para que se tenha certeza absoluta da localização da ponta da agulha. Entretanto, sem

um aparelho de raios X nesta sala, isso é impossível. Com a abertura da craniotomia e a agulha inserida, o paciente não pode ser removido com segurança.

— Você está pedindo minha opinião sobre como devemos proceder?

— Precisamente. Em último caso, ele é seu paciente. Numa situação excepcional como essa, sou apenas o que vocês americanos chamam de um franco-atirador.

— Qual é o seu grau de confiança quanto à posição da agulha?

— Estou bastante confiante. Em toda a minha experiência usando o marco estereotáctico, nunca deixei de atingir o alvo. Há um outro fator tranquilizador nesse caso. Estamos adicionando células, o que é muito diferente de estar fazendo uma cirurgia ablativa, que é o tipo de procedimento no qual o risco de dano cerebral é muito maior, caso a agulha esteja levemente mal posicionada.

— Não há muito o que discutir com alguém que tem 100% de êxito no currículo. Acredito que estejamos em boas mãos. Vamos em frente!

— Você é quem manda! — disse o Dr. Nawaz. Ele apanhou a seringa, agora carregada com as células de tratamento. Depois de remover o êmbolo da agulha de implante embutida, ele fixou a seringa. — Dr. Newhouse, estou pronto para começar o implante.

— Obrigado — disse o Dr. Newhouse. Ele gostava de ser avisado durante os estágios críticos de um procedimento e logo verificou os sinais vitais novamente. Quando terminou, tirando o estetoscópio dos ouvidos, ele fez um gesto para que o Dr. Nawaz prosseguisse.

Depois de levantar o campo cirúrgico e de ter pedido ao Dr. Newhouse que acordasse Ashley novamente, o Dr. Nawaz repetiu as mesmas instruções que dera ao senador antes de inserir a agulha. Foi somente então que ele começou o implante, utilizando-se de outro aparelho mecânico manual para comprimir lentamente o êmbolo da seringa de maneira uniforme.

Daniel sentiu um calafrio de excitação enquanto assistia ao procedimento de implante. Enquanto os neurônios produtores de dopamina clonados, acrescidos com genes do sangue do Sudário de Turim, estavam sendo lentamente depositados no cérebro de Ashley, Daniel acreditava estar testemunhando um momento histórico da medicina. Numa única tacada, a promessa das células-tronco, a clonagem terapêutica e o HTSR estavam sendo utilizados pela primeira vez para curar uma das principais doenças degenerativas da humanidade. Com uma sensação cada vez maior de alegria, ele se virou e fez com os dedos o "V" da vitória para Stephanie. Constrangida, Stephanie retribuiu o gesto, mas sem a mesma animação. Daniel atribuiu isso ao fato de Stephanie estar se sentindo desconfortável ao ver-se obrigada a conversar com Paul Saunders e Spencer Wingate, por estar ao lado deles.

Na metade do processo de implante, o Dr. Nawaz fez uma pausa, exatamente como fizera durante a inserção da agulha. Quando levantou a beirada do campo cirúrgico, ele descobriu que Ashley caíra novamente no sono.

— Você quer que eu o acorde? — perguntou o Dr. Newhouse.

— Por favor — respondeu o Dr. Nawaz. — E talvez você possa tentar mantê-lo acordado durante os próximos minutos.

Ashley lutou para abrir os olhos depois que foi sacudido. A mão do Dr. Newhouse estava sobre o ombro dele.

— Você está se sentindo bem, Sr. Smith? — perguntou o Dr. Nawaz.

— Excelente — murmurou Ashley. — Já terminamos?

— Quase! Só mais um instante! — disse o Dr. Nawaz. Depois de soltar a beirada do campo cirúrgico, ele olhou para o Dr. Newhouse. — Está tudo estável?

— Está sólido como uma rocha.

O Dr. Nawaz voltou a comprimir o êmbolo da seringa. Ele prosseguiu no mesmo ritmo lento e uniforme. No momento em que

estava prestes a dar a última torcida no aparelho mecânico, que liberaria a última leva de células de tratamento, Ashley murmurou algo ininteligível por debaixo dos lençóis. O Dr. Nawaz interrompeu o processo, olhou para o Dr. Newhouse e perguntou se ele havia entendido o que Ashley dissera.

— Eu também não consegui ouvir — admitiu o Dr. Newhouse.

— Ainda está tudo estável?

— Não houve nenhuma mudança — disse o Dr. Newhouse. Ele botou o estetoscópio nos ouvidos para verificar novamente a pressão sanguínea. Enquanto isso, o Dr. Nawaz levantou a beirada do campo cirúrgico e observou Ashley. O aspecto de seu rosto, que só era visível até a altura das sobrancelhas por causa do marco, tinha mudado totalmente. Curiosamente, os cantos de sua boca estavam levantados e seu nariz estava franzido, numa expressão de nojo. Isso era ainda mais surpreendente, porque antes seu rosto estava claramente sem expressão, o que era um dos sintomas de sua doença.

— Há algo incomodando você? — perguntou o Dr. Nawaz.

— Que cheiro nojento é esse? — perguntou Ashley. Ele ainda parecia bêbado, embolando as palavras.

— Você é que tem que nos explicar! — disse o Dr. Nawaz com alguma preocupação. — Lembra cheiro do quê?

— Se eu tivesse que dar um palpite, diria que é merda de porco. Que diabos vocês estão fazendo?

A sensação de um desastre em potencial percorreu o Dr. Nawaz como uma leve e desagradável corrente elétrica, deixando-o com um mal-estar no estômago que somente um cirurgião experimentado conhece. Ele olhou para Daniel em busca de consolo, mas este limitou-se a dar de ombros. Com poucas experiências em cirurgias, Daniel estava apenas confuso.

— Estrume de porco? Do que ele está falando? — perguntou ele.

— Como não há nenhum porco aqui, receio que ele esteja tendo uma alucinação olfativa — disse o Dr. Nawaz, como se estivesse irritado.

— Isso é um problema?

— Vamos colocar as coisas nos seguintes termos — disse o Dr. Nawaz, asperamente. — Isso me preocupa. Podemos torcer para que não seja nada, mas recomendo que suspendamos o implante da última leva de células. Você está de acordo? Já implantamos bem mais de noventa por cento.

— Se for um problema, não me importo — disse Daniel. Ele não se importava com a última leva de células de tratamento. A quantidade administrada partira de uma mera suposição calculada, baseada nas experiências com ratos. O que o incomodava era a reação do Dr. Nawaz. Ele podia entender que o sujeito estivesse preocupado, mas não conseguia ver o porquê de um mau cheiro ser tão inquietante. Mas a última coisa que Daniel precisava agora era de alguma espécie de confusão, especialmente estando tão perto do sucesso.

— Estou retirando a agulha — avisou o Dr. Nawaz ao Dr. Newhouse, embora não houvesse nenhuma anestesia sendo utilizada, que precisasse ser reduzida. Com o mesmo grau de cuidado que tinha usado para inseri-la, o Dr. Nawaz retirou a agulha de implante. Assim que a ponta saiu do cérebro, o Dr. Nawaz verificou se havia algum sinal de sangramento no local. Felizmente, não havia nenhum.

— Agulha retirada! — anunciou o Dr. Nawaz, entregando-a para Constance. Ele respirou fundo e, em seguida, levantou a beirada do campo cirúrgico para dar uma olhada em Ashley. Ele podia sentir que Daniel estava olhando por sobre o seu ombro. A expressão do rosto de Ashley passara de nojo para irritação. Sua boca agora estava aprumada, com os lábios pressionados um contra o outro, formando

uma linha delgada. Seus olhos estavam bem abertos e as narinas dilatadas.

— Você está se sentindo bem, Sr. Smith? — perguntou o Dr. Nawaz.

— Quero ir embora desta droga — disse Ashley, irritado.

— Você ainda está sentindo aquele odor?

— Qual odor?

— Você se queixou de um mau cheiro há pouco.

— Não sei do que você está falando. Tudo que sei é que quero ir embora daqui! — repentinamente desejando se levantar, Ashley forçou a correia que prendia seu torso à parte levantada da mesa e as correias que seguravam seus pulsos. Ao mesmo tempo, levantou as pernas, levando os joelhos até o peito.

— Segurem-no! — gritou o Dr. Nawaz. Ele inclinou-se sobre o colo de Ashley, tentando esticar as pernas de volta com o peso de seu corpo. O Dr. Nawaz ainda estava segurando a beirada do campo cirúrgico e pôde ver o rosto de Ashley ficar vermelho por causa do esforço.

Daniel correu para o pé da mesa de operações e enfiou as mãos por debaixo dos campos cirúrgicos para segurar os tornozelos de Ashley. Ele tentou puxá-los para baixo, ficando surpreso com a força que Ashley empregou na resistência. O Dr. Newhouse tinha soltado o ombro de Ashley para agarrar o pulso dele, que o senador conseguira soltar da correia que o prendia. Marjorie deu a volta na mesa para segurar o outro braço de Ashley, que também estava prestes a se soltar.

— Acalme-se, Sr. Smith!—gritou o Dr. Nawaz. — Está tudo bem!

— Soltem-me, cambada de animais — gritou Ashley de volta. Ele soava como o típico bêbado brigão, que resiste a todos os esforços para ser refreado.

Stephanie, Paul e Spencer vieram voando para a sala de operações, ao mesmo tempo que lutavam para ajeitar as máscaras

cirúrgicas. Eles deram uma mão para segurar Ashley, dando a Marjorie a oportunidade para reforçar as correias de pulso e ajudar Daniel a abaixar as pernas de Ashley novamente. Com as mãos livres, o Dr. Newhouse verificou novamente a pressão sanguínea de Ashley. Os bipes do monitor cardíaco tinham aumentado a frequência consideravelmente. Marjorie saiu brevemente da sala para apanhar um par de correias de couro para prender os tornozelos.

— Está tudo bem — repetiu o Dr. Nawaz para Ashley assim que eles o controlaram. Ele olhou para o rosto desafiador e enraivecido do senador, que estava vermelho como uma beterraba devido ao esforço. — Você tem de se acalmar! Temos que fechar esta pequena incisão para podermos acabar. Depois você poderá se levantar. Você entendeu?

— Vocês são um bando de pervertidos. Tirem a porra das mãos de cima de mim!

O uso desse tipo de linguagem inadequada e reprovável por parte de Ashley, em plena sala de operações, chocou a todos quase da mesma forma que sua súbita luta física fizera. Por um instante, ninguém se moveu ou disse uma palavra.

O Dr. Nawaz foi o primeiro a recuperar-se. Agora que estava seguro que Ashley estava preso, ele se levantou do colo do senador. Assim que fez isso, todos notaram que Ashley tinha uma ereção peniana completa, armando uma barraca nos campos cirúrgicos.

— Por favor, soltem minhas mãos e meus pés! — disse Ashley lacrimejando, assim que começou a chorar. — Eles estão sangrando.

Todos os olhos voltaram-se imediatamente para as mãos e para os pés de Ashley, especialmente Daniel, que ainda segurava os tornozelos dele enquanto Marjorie lutava para pôr as correias.

— Não há sangue nenhum — disse Paul falando para o grupo. — Do que ele está falando?

— John, ouça-me! — disse o Dr. Nawaz. Ele ainda estava segurando a dobra do campo cirúrgico, expondo o rosto de Ashley das sobrancelhas para baixo. — Suas mãos e seus pés não estão sangrando. Você está bem. Você só tem que relaxar por mais alguns minutos, para deixar que eu acabe.

— Meu nome não é John — disse Ashley baixo. As lágrimas tinham desaparecido tão rapidamente quanto haviam surgido. Embora ainda parecesse inebriado, ele repentinamente parecia em paz.

— Se não é John, qual é então? — perguntou o Dr. Nawaz. Daniel trocou um olhar preocupado com Stephanie, que tinha dado um passo para trás da mesa de cirurgia, depois de ter ajudado a segurar uma das mãos de Ashley. Para perplexidade de Daniel, existia o risco de Ashley revelar a sua verdadeira identidade devido às drogas que havia tomado. Ele não tinha ideia de qual seria o impacto disso no resultado final do projeto, mas não poderia ser bom, não com todo o sigilo envolvido até então.

— Meu nome é Jesus — disse Ashley, sussurrando enquanto fechava os olhos de forma beatífica.

Todos os presentes na sala ficaram novamente confusos e trocaram olhares surpresos, mas não o Dr. Nawaz. Sua reação foi perguntar ao Dr. Newhouse que sedativo ele tinha dado ao paciente antes do procedimento.

— Diazepam intravenoso e fentanyl — respondeu o Dr. Newhouse.

— Você se sentiria à vontade para dar-lhe uma nova dose imediatamente?

— Certamente — disse o Dr. Newhouse. — Você quer eu faça isso?

— Por favor — disse o Dr. Nawaz.

O Dr. Newhouse abriu a gaveta do carrinho que acomodava o equipamento de anestesia, retirou uma seringa nova e rasgou a

embalagem. Com mãos treinadas, ele a encheu com o medicamento e injetou-o pela abertura do tubo da intravenosa.

— Perdoai-os, Pai — disse Ashley sem abrir os olhos —, porque eles não sabem o que fazem.

— O que está acontecendo? — perguntou Paul, num sussurro forçado. — Este cara acha que é Jesus Cristo sendo crucificado?

— Isso é algum tipo de reação estranha à droga? — perguntou Spencer.

— Duvido — disse o Dr. Nawaz —, mas qualquer que seja a causa, trata-se seguramente de uma convulsão!

— Convulsão? — perguntou Paul, com incredulidade. — Isso é diferente de todas as convulsões que eu já vi.

— É chamada de convulsão parcial complexa — disse o Dr. Nawaz. — Mais conhecida como convulsão do lobo temporal.

— O que pode ter causado isso, se não foram as drogas? — perguntou Paul. — A agulha no cérebro dele?

— Se tivesse sido a agulha, acho que teria acontecido mais cedo — disse o Dr. Nawaz. — Como ocorreu quase no final do implante, temos que presumir que foi devido ao próprio implante — ele olhou para o Dr. Newhouse. — Verifique se ele está dormindo.

O Dr. Newhouse enfiou o braço por debaixo do campo cirúrgico e deu uma leve sacudida no ombro de Ashley.

— Alguma reação? — perguntou o Dr. Nawaz.

O Dr. Nawaz balançou a cabeça e abaixou o campo cirúrgico por sobre o rosto de Ashley. Ele suspirou por debaixo de sua máscara cirúrgica e virou-se para encarar Daniel. Ele cruzou as mãos enluvadas sobre o peito.

Daniel sentiu as pernas bambearem enquanto encarava os olhos sombrios e fixos do neurocirurgião. Ele podia ver que o neurocirurgião estava perturbado, algo que minava a compostura que vinha tentando arduamente manter. O temor de uma complicação, que vinha espreitando a mente dele desde que Ashley

queixara-se do mau cheiro, veio inundando seus pensamentos com a força de uma represa rompida.

— Acho que vocês podem soltar os tornozelos do paciente — disse o Dr. Nawaz.

Daniel, que involuntariamente segurava os tornozelos mesmo depois que Marjorie os prendera, soltou-os.

— Essa convulsão preocupou-me — disse o Dr. Nawaz. — Eu não somente não acredito que tenha sido causada pelas drogas, como o fato de ter ocorrido com as drogas tendo sido administradas sugere que foi um distúrbio cerebral particularmente forte.

— Por que não pode estar relacionado com as drogas? — perguntou Daniel, apelando mais para a esperança do que para a razão.

— Não poderia ser algo como um sonho induzido por drogas? Estou querendo dizer que diazepam e fentanyl intravenosos são uma mistura potente. A combinação deste preparado com o poder de sugestão emocional do Sudário de Turim é capaz de fazer a imaginação voar.

— O que o Sudário de Turim tem a ver com isso? — perguntou o Dr. Nawaz.

— Tem a ver com as células de tratamento — disse Daniel. — É uma longa história, mas anterior ao processo de clonagem. Alguns dos genes do paciente foram substituídos por genes obtidos do sangue do Sudário de Turim. Foi um pedido específico do paciente, que acredita na autenticidade do sudário. Ele até mesmo dizia que esperava uma intervenção divina.

— Suponho que uma idealização dessas possa desempenhar um papel no delírio do paciente — disse o Dr. Nawaz. — Mas não se pode negar que o que ocorreu durante o implante foi uma convulsão.

— Mas como você pode estar tão certo? — perguntou Daniel.

— Por causa do momento e da alucinação olfativa — disse o Dr. Nawaz. — O cheiro que ele reportou foi uma aura e uma das características de uma convulsão do lobo temporal é que ela começa com uma aura. Outras características são hiper-religiosidade, mudanças profundas de humor, estímulos libidinosos intensos e comportamento agressivo, tudo isso foi demonstrado no pouco tempo em que o paciente ficou acordado. Foi um exemplo clássico.

— O que devemos fazer? — perguntou Daniel, embora temesse ouvir a resposta.

— Reze para que o fenômeno ocorra somente uma vez — disse o Dr. Nawaz. — Infelizmente, com a intensidade que o foco indubitavelmente teve, ficaria surpreso se ele não vier a desenvolver uma forte epilepsia do lobo temporal.

— Há alguma coisa que possa ser feita profilaticamente? — perguntou Stephanie.

— O que eu gostaria de fazer, mas sei que não posso, era ter uma imagem das células de tratamento — disse o Dr. Nawaz. — Gostaria de ver para onde elas foram. Talvez então pudéssemos fazer alguma coisa.

— O que você quer dizer com para onde elas foram? — cobrou Daniel. — Você me disse que em toda a sua experiência usando o marco estereotáctico para aplicar as injeções você nunca teve problemas para acertar o lugar exato.

— É verdade, mas também nunca tive um paciente que tenha tido uma convulsão dessas durante o procedimento — disse o Dr. Nawaz. — Algo está errado.

— Você está sugerindo que as células podem não estar na substância negra? — protestou Daniel. — Caso seja, nem quero ouvir isso.

— Ouça! — reagiu o Dr. Nawaz. — Foi você quem me encorajou a seguir com o procedimento mesmo sem o equipamento de raios X.

— Não vamos discutir — interveio Stephanie. — As células de tratamento podem ser observadas.

Todos os olhos se viraram para ela.

— Nós incorporamos o gene da célula de superfície dum inseto receptor nas células de tratamento — explicou Stephanie. — Fizemos a mesma coisa com ratos de laboratório, especialmente para que pudéssemos observar as células de tratamento. Temos um anticorpo monoclonal, que contém um metal pesado radiopaco, desenvolvido por um radiologista assistente. Está esterilizado e pronto para uso. Só tem que ser injetado no fluido cerebrospinal, no espaço subaracnoideo. Com os ratos funcionou perfeitamente.

— Onde está isso? — perguntou o Dr. Nawaz.

— No laboratório, no edifício número um — disse Stephanie. — Está sobre a mesa do escritório que nos foi cedido.

— Marjorie — disse Paul. — Chame Megan Finnagan no laboratório! Faça com que ela pegue o anticorpo e traga-o para cá voando.

26

14h15, domingo, 24 de março de 2002

Dr. Jeffrey Marcus era um radiologista local que trabalhava no Hospital Doctors, localizado na Rua Shirley, no centro de Nassau. Spencer tinha feito um acordo com o Dr. Marcus para que ele cobrisse as necessidades de diagnósticos por imagem da Clínica Wingate sempre que fosse necessário, até que se justificasse a presença de um radiologista em tempo integral. Assim que foi decidido que uma tomografia computadorizada era necessária para Ashley, Spencer pediu que uma enfermeira chamasse Jeffrey. Como era um domingo à tarde, ele podia ir para lá imediatamente. O Dr. Nawaz ficou satisfeito porque conhecia Jeffrey desde Oxford e sabia que ele tinha bastante experiência em neurorradiologia.

— Estas são seções transversas do cérebro, que começam no limite da espinha dorsal — disse Jeffrey, apontando para o monitor do computador com a cabeça emborrachada de um antiquado lápis amarelo, marca Dixon, número dois. Jeffrey Marcus era um inglês expatriado que tinha fugido para as Bahamas para escapar do clima da Inglaterra, exatamente como o Dr. Carl Newhouse. — Nós vamos percorrer o mesencéfalo centímetro a centímetro e devemos estar no nível da substância negra dentro de um ou, no máximo, dois quadros.

Jeffrey estava sentado diante do computador. Em pé, à sua direita, estava o Dr. Nawaz, que se inclinava para poder ver melhor. Daniel estava logo à esquerda de Jeffrey. Junto à janela, de frente para a sala do tomógrafo, estavam Paul, Spencer e Carl. Este segurava uma injeção carregada com uma outra dose de sedativo, mas não havia sido necessário aplicá-la. Ashley não havia despertado desde a segunda dose, permanecendo desacordado enquanto o buraco de sua craniotomia foi costurado com um botão de metal, depois que o marco estereotáctico foi retirado e ele foi transferido para a mesa da tomografia. Naquele momento, Ashley estava deitado em decúbito dorsal, com a cabeça dentro da gigantesca abertura do aparelho, em forma de rosquinha. Suas mãos estavam cruzadas sobre o peito, ainda com as correias de pulso, embora estas não estivessem presas. O líquido intravenoso ainda estava correndo. Ele parecia a própria imagem de um sono pacífico.

Stephanie estava na retaguarda, mais afastada dos outros, encostada contra o tampo de uma mesa e com os braços cruzados. Sem que os outros percebessem, ela estava lutando para conter as lágrimas. Esperava que ninguém dirigisse a palavra a ela, porque, caso o fizessem, ela temia perder o controle. Ela pensou em sair da sala, mas temia que ao fazer isso chamasse a atenção, por isso ficou onde estava e sofria em silêncio. Sem mesmo olhar para a tomografia prestes a ser feita, sua intuição dizia-lhe que tinha havido uma grande complicação durante o implante. Isso havia destruído o controle emocional dela, que já estava desgastado em função de tudo o que tinha ocorrido durante o último mês. Ela se repreendia por não ter escutado a sua intuição no princípio dessa, então ridícula, e agora potencialmente trágica, operação.

— Tudo bem, agora vamos! — disse Jeffrey, apontando novamente para a imagem no monitor. — Este é o mesencéfalo e esta é a área da substância negra. Receio que não haja a

radioluminescência que se poderia esperar de um anticorpo monoclonal acrescido de um metal pesado.

— Talvez o anticorpo ainda tenha que se difundir do fluido cerebrospinal para o cérebro — sugeriu o Dr. Nawaz. — Ou talvez não haja um único antígeno de superfície nas células de tratamento. Você tem certeza que o gene inserido era expresso?

— Tenho certeza — disse Daniel. — A Dra. D'Agostino verificou.

— Talvez devêssemos repetir isso daqui a algumas horas — disse o Dr. Nawaz.

— Com ratos, pudemos observá-las depois de trinta, quarenta e cinco minutos, no máximo — disse Daniel. Ele olhou para o seu relógio. — O cérebro humano é maior, mas usamos mais anticorpo e foi há uma hora. Deveríamos estar vendo. Tem que estar lá.

— Espere! — disse Jeffrey. — Aqui há alguma radioluminescência lateral — ele moveu a ponta emborrachada um centímetro à direita. As manchas de luminescência eram tênues, como pequenos flocos de neve contra uma superfície de vidro.

— Ai, meu Deus! — o Dr. Nawaz deixou escapar. — Está na parte mesial do lobo temporal. Não é de espantar que ele tenha tido uma convulsão.

— Vamos olhar o próximo pedaço — disse Jeffrey, enquanto a nova imagem começava a apagar a velha pela parte de cima, movendo a tela para baixo como se estivesse sendo desenrolada.

— Agora está ainda mais visível — disse Jeffrey. Ele bateu na tela com sua borracha. — Eu diria que está na área do hipocampo, mas para localizá-lo com precisão teríamos que injetar algum ar no corno temporal do ventrículo lateral. Você quer que eu faça isso?

— Não! — disse o Dr. Nawaz, impulsivamente. Ele endireitou-se e botou as mãos na cabeça. — Como a droga dessa agulha pode ter ido parar tão longe? Não posso acreditar nisso. Eu cheguei até a olhar as radiografias novamente, refiz as medições e depois verifiquei as marcações do controle. Estavam todas absolutamente

corretas — ele levantou as mãos da cabeça e balançou-as no ar, como se estivesse pedindo para alguém explicar o que tinha acontecido.

— Será que o marco se moveu um pouco quando a mesa de operações bateu no portal? — sugeriu o Dr. Newhouse.

— Do que você está falando? — interpelou o Dr. Nawaz.—Você me disse que a mesa tinha roçado no portal. O que exatamente você está querendo dizer com "bateu"?

— Quando foi que a mesa de operações encostou no portal? — perguntou Daniel. Era a primeira vez que ele ouvia algo sobre isso.

— E sobre qual portal vocês estão falando?

— O Dr. Saunders disse que ela roçou — disse Carl, ignorando Daniel. — Não fui eu quem disse.

O Dr. Nawaz olhou de forma interrogativa para Paul. Paul relutantemente concordou com a cabeça.

— Suponho que tenha sido mais uma batida do que uma roçada, mas isso não foi problema. Constance disse que o marco estava solidamente ancorado quando ela o segurou.

— Segurou-o? — gritou o Dr. Nawaz. — O que fez com que ela tivesse que segurar marco?

Houve uma pausa desconfortável enquanto Paul e Carl trocavam olhares.

— Isso é uma espécie de complô? — interpelou o Dr. Nawaz.

— Alguém me responda!

— Houve uma espécie de efeito chicote — disse Carl. — Eu estava com pressa para levar o paciente de volta para o monitor, então estávamos empurrando a mesa de maneira um pouco rápida. Infelizmente, a mesa não estava alinhada com a entrada da sala de operações. Depois que a batida ocorreu, Constance correu para apoiar o marco. Ela ainda estava com as luvas e os trajes cirúrgicos. Naquele momento, estávamos preocupados com a possibilidade de contaminação, pois o paciente tinha acordado e suas mãos não estavam presas. Mas não houve nenhuma contaminação.

— Por que você não me contou tudo isso? — disse o Dr. Nawaz irritado.

— Nós lhe contamos — disse Paul.

— Você me disse que a mesa havia roçado no portal. Isso é muito diferente de bater com força suficiente para gerar um efeito chicote.

— Bem, dizer que houve um efeito chicote pode ser um exagero — disse Carl, corrigindo-se. — A cabeça do paciente caiu para a frente. Ela não foi bruscamente para trás, ou algo do gênero.

— Meu Deus! — sussurrou o Dr. Nawaz, desanimado. Ele deixou-se cair pesadamente numa cadeira. Tirou a touca cirúrgica com uma mão e segurou os cabelos com a outra, enquanto a balançava, frustrado. Ele não podia acreditar que se deixara envolver numa situação tão burlesca como aquela. Ficou claro para ele neste momento que o marco estereotáctico não só havia girado levemente, como inclinara-se para baixo, ou seja, com o impacto ou quando a enfermeira assistente o segurou.

— Temos que fazer alguma coisa — disse Daniel. Havia levado algum tempo para que ele se recuperasse da revelação sobre a colisão da mesa de operações com o portal e suas possíveis consequências trágicas.

— E o que você sugere? — perguntou o Dr. Nawaz, em tom de menosprezo. — Nós implantamos erroneamente uma grande quantidade de células hostis, produtoras de dopamina, no lobo temporal do sujeito. Não podemos simplesmente retornar e aspirá-las de volta.

— Não, mas podemos destruí-las antes que elas se ramifiquem — disse Daniel, com uma centelha de esperança começando a incendiar sua imaginação. — Temos o anticorpo monoclonal para o único antígeno de superfície da célula. Em vez de unirmos o anticorpo a um metal pesado como fizemos para visualizá-lo por meio dos raios X, nós o juntaríamos a uma citotoxina. Uma vez que injetássemos esta combinação no fluido cerebrospinal, bang! Os neurônios que

foram colocados no lugar errado seriam aniquilados. Em seguida, faríamos simplesmente um outro implante, pelo lado esquerdo do paciente, e ficaria tudo bem.

O Dr. Nawaz alisou seus reluzentes cabelos negros para baixo e pensou um pouco sobre a ideia de Daniel. Por um lado, a ideia de consertar um desastre no qual ele tivera grande parcela de responsabilidade era tentadora, mesmo se o método não fosse ortodoxo, mas, por outro lado, sua intuição dizia-lhe que ele não devia se deixar levar mais e participar de outro procedimento altamente experimental.

— Você tem essa citotoxina incorporada a um anticorpo à mão? — perguntou o Dr. Nawaz. Não havia mal em perguntar.

— Não — admitiu Daniel. — Mas tenho certeza que conseguiríamos obtê-la rapidamente com a mesma empresa que nos forneceu a mistura do anticorpo com o metal pesado. Poderíamos tê-la aqui amanhã de manhã.

— Bem, avise-me se você consegui-la — resmungou o Dr. Nawaz, enquanto se levantava. — Disse há um minuto que não poderíamos retornar e aspirar de volta as células que estão no lugar errado. A triste ironia é que se nada for feito e o paciente vier a acabar com um tipo de epilepsia do lobo temporal, o que provavelmente vai ocorrer, ele possivelmente vai ter de ser submetido a algo nessa linha no futuro. Mas seria uma neurocirurgia ablativa séria, que exigiria a remoção de bastante tecido cerebral, num procedimento de alto risco.

— Isso reforça o meu raciocínio para que façamos o que eu propus — disse Daniel, cada vez mais animado com a ideia.

Stephanie deixou abruptamente a superfície da mesa na qual estava encostada e dirigiu-se para a porta. Apesar de sua frágil condição emocional e do receio de chamar a atenção, ela não aguentaria ouvir nem mais uma palavra. Parecia que a conversa era sobre um objeto inanimado mais do que sobre um ser humano

atingido por um erro médico. Ela estava particularmente horrorizada com Daniel, pois podia perceber que, apesar da terrível complicação, ele ainda agia como um moderno Maquiavel da medicina, numa busca cega de seus interesses empresariais, sem levar em conta as consequências morais.

— Stephanie! — chamou Daniel, quando viu que ela dirigia-se para a porta. — Stephanie, por que você não fala com Peter, em Cambridge, e pede para ele...

A porta se fechou atrás de Stephanie, cortando a voz de Daniel. Ela começou a correr pelo corredor. Ela fugiu em direção ao banheiro feminino, onde esperava poder chorar em paz. Ela estava transtornada a respeito de muitas coisas, mas principalmente porque sabia que ela era tão responsável quanto os outros pelo que tinha ocorrido.

27

19h42, domingo, 24 de março de 2002

Bem, não tenho a intenção de ser um incômodo para vocês, sábios — disse Ashley, arrastando as palavras com seu típico sotaque sulista. — E não quero dar a impressão que não esteja reconhecendo todos os seus esforços. Peço desculpas do fundo do meu coração caso tenha lhes causado angústia, mas não há a menor possibilidade de eu ficar aqui esta noite.

Ashley estava sentado na cama hospitalar, com a parte das costas levantada na altura máxima. Seu roupão hospitalar havia desaparecido, tendo sido substituído por seus berrantes trajes de turista. O único sinal da recente cirurgia era uma larga bandagem em sua testa.

O quarto era uma das unidades de internação da Clínica Wingate e parecia-se mais com um hotel do que com um hospital. Todas as cores tinham tons tropicais brilhantes, especialmente as paredes, que eram pêssego, e as cortinas, que eram uma mistura de espuma marinha esverdeada e rosa-shocking. Daniel estava de pé, à direita de Ashley e esforçava-se em dissuadir o senador de sair da clínica. Stephanie estava aos pés da cama. Carol Manning estava aboletada numa cadeira roxa, com os sapatos no chão e os pés debaixo do corpo.

Depois da tomografia computadorizada, Ashley tinha sido levado para o quarto e posto na cama para dormir até que o efeito dos sedativos passasse. O Dr. Nawaz e o Dr. Newhouse haviam ido embora, depois de certificaram-se que o quadro de Ashley era estável.

Ambos tinham dado a Daniel seus números de telefone celular para serem contatados caso houvesse algum problema, especialmente uma nova convulsão. O Dr. Newhouse também havia deixado um frasco contendo a mistura de diazepam e fentanyl, que havia sido tão eficaz. As recomendações eram que 8mg deviam ser administrados de forma intramuscular, ou intravenosa, caso surgisse a necessidade.

Tecnicamente, Ashley estava sob os cuidados de uma enfermeira impecavelmente arrumada, chamada Myron Hanna, que trabalhava na sala de recuperação da Clínica Wingate quando esta ainda ficava em Massachusetts. Mas Daniel e Stephanie tinham ficado ao lado da cama, juntos com Carol Manning, durante as quatro horas que Ashley levou para despertar. Paul Saunders e Spencer Wingate também tinham permanecido durante algum tempo, mas saíram uma hora depois, dizendo que podiam ser facilmente encontrados, caso fosse necessário.

— Senador, o senhor está se esquecendo do que eu lhe disse — disse Daniel, reunindo o máximo de paciência que conseguiu. Às vezes, lidar com o senador parecia o mesmo que tratar com uma criança de três anos.

— Não, compreendo que tenha havido um pequeno problema durante o procedimento — disse Ashley, silenciando Daniel, ao colocar a mão sobre os braços cruzados deste. — Mas sinto-me bem agora. Na verdade, sinto-me como um frango de leite, algo que sei que não sou mais, e só posso atribuir isso a seus poderes de esculápio. Você me disse antes do implante que eu poderia não sentir muitas mudanças nos primeiros dias, e que mesmo depois

seria algo gradual, mas esse claramente não é o caso. Comparado a como eu estava me sentindo esta manhã, já estou curado. Meu tremor quase desapareceu e estou movendo-me com muito mais facilidade.

— Fico satisfeito que o senhor se sinta dessa maneira — disse Daniel, balançando a cabeça. — Mas isso provavelmente decorre mais do seu otimismo ou dos fortes sedativos que lhe foram administrados do que de qualquer outra coisa. Senador, nós achamos que o senhor precisa de mais tratamento, como eu lhe disse, e é mais seguro permanecer aqui na clínica, com todos os recursos da medicina disponíveis. Lembre-se que o senhor teve uma convulsão durante o procedimento, e durante o tempo em que a sofreu, comportou-se como se fosse uma outra pessoa.

— Como posso ter agido como uma outra pessoa? Já tenho problemas suficientes, sendo eu mesmo. — Ashley riu, embora ninguém mais o tenha acompanhado. Ele olhou para as outras pessoas. — O que há de errado com vocês, pessoal? Estão se comportando como se isso fosse mais um funeral do que uma celebração. É mesmo tão difícil para vocês acreditarem que estou me sentido bem?

Daniel tinha contado para Carol que as células de tratamento tinham sido inadvertidamente colocadas numa área um pouco mais ampla do que eles desejavam. Embora tivesse atenuado a gravidade da complicação, ele contou-lhe sobre o episódio da convulsão e sobre seu receio que esta pudesse se repetir, informando-lhe também sobre a necessidade de continuarem o tratamento. Por causa das correias, que prendiam os pulsos e os tornozelos de Ashley, ele tinha até mesmo reconhecido a preocupação de todos os envolvidos sobre o que aconteceria quando Ashley despertasse. Por sorte, essas preocupações demonstraram ser infundadas, visto que Ashley tinha acordado com sua personalidade histriônica de sempre, como se nada tivesse acontecido. A primeira coisa que fez foi insistir que as

correias fossem retiradas para que ele pudesse sair da cama. Uma vez que isso foi feito, e depois que uma leve tontura passou, ele exigiu ser vestido com as roupas com as quais viera. Nessa altura, ele estava pronto para voltar para o hotel.

Percebendo que seus argumentos estavam sendo derrotados, Daniel olhou para Stephanie e, em seguida, para Carol, mas nenhuma delas veio em seu socorro. Daniel olhou de volta para Ashley.

— Que tal negociarmos? — disse ele. — O senhor fica aqui na clínica por vinte e quatro horas e, depois, nós conversamos novamente.

— Você obviamente não tem a menor experiência em negociações — disse Ashley, com outra risada. — Mas não vou acusá-lo por causa disso. O que importa nesse caso é que você não pode me manter aqui contra a minha vontade. É meu desejo voltar para o hotel, como comuniquei-lhe ontem. Leve todo tipo de medicação que você ache que possa precisar. Nós sempre podemos voltar para cá, se for necessário. Lembre-se que você e a estonteante Dra. D'Agostino estarão do outro lado do corredor. Daniel olhou para o teto.

— Eu tentei — disse ele, com um suspiro e dando de ombros.

— Você realmente tentou, doutor — admitiu Ashley. — Carol, minha querida, espero que o motorista da nossa limusine ainda esteja aí fora nos esperando?

— Que eu saiba — disse Carol —, ele estava quando eu verifiquei há uma hora e disse-lhe para permanecer a postos até segunda ordem.

— Excelente — disse Ashley. Ele balançou as pernas para um dos lados da cama de uma forma que surpreendeu a todos, inclusive ele próprio. — Louvado seja! Acredito que hoje de manhã eu não conseguiria fazer isso. — Ele se levantou. — Bem, então, este

interiorano está pronto para voltar para os prazeres do Atlantis e para o esplendor da suíte Poseidon.

Quinze minutos mais tarde, no estacionamento em frente à Clínica Wingate, iniciou-se uma discussão sobre os arranjos para a viagem. Finalmente, foi decidido que Daniel viajaria com Ashley e Carol na limusine, enquanto Stephanie dirigiria o carro alugado. Carol tinha se oferecido para ir com Stephanie, mas esta assegurou-lhe que ficaria bem. Na verdade, ela preferia ficar sozinha. Daniel estava com um frasco contendo a mistura sedativa, várias seringas, um punhado de pequenos vidros de álcool e um torniquete. Tudo isso estava acondicionado numa pequena bolsa preta, cedida por Myron. Carregando os medicamentos, Daniel sentia que permanecer junto a Ashley era imperativo, pelo menos até que o senador estivesse na segurança de sua suíte.

Daniel sentou-se num dos bancos traseiros, diretamente atrás do vidro que separava o compartimento do motorista da área reservada aos passageiros. Ashley e Carol estavam sentados no fundo, com seus rostos sendo iluminados intermitentemente pelas luzes dos carros que passavam. Encerrado o procedimento, Ashley estava visivelmente eufórico, aproveitando para conversar animadamente com Carol sobre sua agenda política para depois do recesso do Congresso. Na realidade, a conversa parecia mais um monólogo, visto que Carol simplesmente balançava a cabeça ou dizia sim em intervalos não muito frequentes.

Enquanto Ashley continuava a falar com Carol, Daniel começou a relaxar um pouco dos seus receios. Ele temia que Ashley estivesse prestes a ter uma nova convulsão e de ver-se obrigado a aplicar uma dose do sedativo. Se a convulsão fosse parecida com a que tinha ocorrido na sala de operações, Daniel sabia que a via intravenosa não poderia ser utilizada, restando-lhe somente a opção intramuscular. O problema com a via intramuscular era que ela demorava mais a fazer efeito e qualquer demora poderia ser

problemática, caso o paciente ficasse agressivo como o Dr. Nawaz insistentemente alertara. Considerando o tamanho de Ashley e seu surpreendente vigor, Daniel sabia que debater-se com ele no interior da limusine seria um pesadelo.

Quanto mais relaxado Daniel ficava, mais sua imaginação deixava de lado a preocupação relacionada à convulsão. Ele estava cada vez mais surpreso com o grau de mobilidade que Ashley demonstrava em seus gestos e o quão normalizadas estavam suas expressões faciais e a modulação de sua voz. Estava longe de lembrar o indivíduo semicongelado que Daniel vira naquela manhã. Daniel estava confuso, visto que as células de tratamento não estavam posicionadas no local correto, como ficou claramente demonstrado pela tomografia computadorizada. Mas o efeito que ele estava observando não podia ser resultado de sedativos ou de placebo, como ele sugerira mais cedo. Tinha que haver outra explicação.

Como todos os cientistas, Daniel sabia que a ciência ocasionalmente dá saltos para a frente por puro acaso e não somente como fruto de esforço árduo. Ele tentava imaginar se o fato de as células de tratamento encontrarem-se no local onde estavam agora não podia se provar particularmente adequado para células produtoras de dopamina. Isso não fazia sentido, porque Daniel sabia que a área do sistema límbico, onde as células agora residiam, não era um modulador de movimento, estando muito mais relacionado ao olfato, a comportamentos autônomos — como o sexo — e com as emoções. No entanto, havia muitas coisas sobre o cérebro humano e seu funcionamento que ainda eram um mistério e, naquele momento, Daniel estava satisfeito em observar uma espécie de resultado positivo para seus esforços.

Quando chegaram ao Atlantis, Ashley fez questão de deixar claro que não precisava da ajuda dos porteiros para sair do carro. Em¬bora tivesse sofrido um novo ataque de tonteira quando ficou de

pé, o que exigiu que ele se apoiasse em Carol por um momento, o mal-estar passou rapidamente e ele conseguiu andar com certa normalidade pelo saguão do hotel, em direção aos elevadores.

— Onde está a deslumbrante Dra. D'Agostino? — perguntou Ashley, enquanto esperavam.

Daniel deu de ombros.

— Ou ela chegou antes da gente, ou logo estará aqui. Eu não estou preocupado. Ela já está bem crescidinha.

— É verdade! — concordou Ashley. — E esperta pra burro!

No corredor do trigésimo segundo andar, Ashley caminhou à frente como se estivesse querendo mostrar suas novas habilidades. Embora ainda estivesse um pouco curvado, ele andava de forma bem mais normal, inclusive pelo balanço dos braços, que praticamente não existia naquela mesma manhã.

Carol usou o cartão quando eles chegaram diante da porta em forma de sereia. Ela abriu-a e deu um passo de lado para que Ashley pudesse entrar. Assim que fez isso, ele acendeu as luzes.

— Todas as vezes que arrumam o quarto, eles fecham tudo para fazer o lugar parecer uma casamata — queixou-se ele. Ele andou até a parede onde ficavam os interruptores e ativou simultaneamente as cortinas e as portas de vidro de correr.

À noite, a vista do interior da suíte não podia ser comparada ao esplendor diurno, visto que a imensidão do oceano era tão escura quanto petróleo. Mas o mesmo não valia para a varanda, para onde Ashley imediatamente se dirigiu. Ele botou as mãos sobre o frio, balaústre de pedra, inclinou-se para a frente e observou o parque aquático semicircular do Atlantis, derramado diante dele. Com sua profusão de piscinas, cascatas, calçadas e aquários, todos criativamente iluminados; a paisagem era uma festa para seus olhos, depois do estresse daquele dia.

Carol desapareceu no quarto dela, enquanto Daniel avançou até a soleira da varanda. Por um momento, ele observou Ashley fechar os

olhos e levantar a cabeça para sentir a fresca brisa tropical, que vinha do oceano. O vento farfalhava seus cabelos e as mangas de sua camisa estampada bahamiana, fora isso ele permanecia imóvel. Daniel perguntou-se se Ashley estava rezando ou comunicando-se com seu Deus de uma maneira pessoal, agora que achava que tinha genes de Jesus Cristo embutidos em seu cérebro.

Um leve sorriso surgiu no rosto de Daniel. Subitamente ele estava mais otimista em relação ao resultado do tratamento de Ashley do que tinha estado desde a convulsão na sala de operações e mais otimista ainda do que imaginara ser possível depois de ver a tomografia computadorizada. Ele começou a imaginar que havia alguma espé¬cie de milagre envolvido.

— Senador! — chamou Daniel, depois que cinco minutos tinham-se passado e Ashley não mexera um músculo. — Não tenho a intenção de incomodá-lo, mas acho que vou para o meu quarto.

Ashley virou-se e reagiu como se estivesse surpreso em ver Daniel parado ali.

— Ora, Dr. Lowell! — disse ele. — Que prazer em vê-lo! — Ele afastou-se do balaústre e veio na direção de Daniel. Antes que Daniel se desse conta do que estava acontecendo, ele foi envolvido num abraço de urso que manteve seus braços colados ao corpo.

Constrangido, Daniel deixou-se ser abraçado, embora imaginasse que não houvesse outra alternativa. Isso era uma prova de como Ashley era bem maior e mais pesado que ele, cuja compleição era magra. O abraço durou mais do que Daniel achava razoável e no momento exato que ele ia verbalizar sua impaciência, Ashley soltou-o e deu um passo para trás, embora mantivesse uma mão sobre o ombro dele.

— Meu caríssimo amigo — soltou Ashley. — Quero agradecer do fundo do meu coração por tudo que você fez. Você é um tributo à sua profissão.

— Bem, obrigado por dizer-me isso — murmurou Daniel. Ao sentir que estava ficando ruborizado, ele sentiu-se embaraçado.

Carol reapareceu vinda de seu quarto e sua presença resgatou Daniel das garras de Ashley.

— Estou voltando para o meu quarto — disse Daniel.

— Tenha um bom descanso! — ordenou Ashley, como se ele fosse o médico. Ele deu um tapinha nas costas de Daniel com força suficiente para empurrá-lo para a frente, desequilibrando-o. Ashley então virou-se para retomar para o seu lugar junto ao balaústre, onde assumiu a mesma pose meditativa de antes.

Carol acompanhou Daniel até a porta.

— Há algo que eu deva saber ou fazer? — perguntou ela.

— Nada que eu já não tenha dito — disse Daniel. — Ele parece estar se recuperando bem, seguramente melhor do que eu esperava.

— Você deve estar muito orgulhoso.

— Bem, acho que sim — gaguejou Daniel. Ele não tinha certeza se ela estava referindo-se ao modo como Ashley estava naquele momento ou à complicação.

— O que eu devo observar especificamente?—perguntou Carol.

— Qualquer mudança no estado dele ou em seu comportamento. Eu sei que você não tem formação em medicina, então vai ter que se esforçar ao máximo. Eu preferia que ele tivesse permanecido na clínica esta noite para que seus sinais vitais pudessem ser monitorados durante a madrugada, mas isto acabou não acontecendo. Ele é um sujeito muito obstinado.

— Isso é uma maneira suave de dizer — disse Carol. — Vou vigiá-lo da forma como eu habitualmente faço. Devo acordá-lo durante a noite? Algo assim?

— Não, pelo jeito que ele está se recuperando, acho que não é necessário. Mas caso haja qualquer espécie de problema ou você tenha alguma dúvida, ligue para mim sem importar-se com a hora.

Carol abriu a porta para Daniel e, em seguida, fechou-a sem dizer mais nada. Por um instante, Daniel ficou olhando para as sereias entalhadas. Treinado em ciências exatas, ele sabia que a psicologia estava longe de ser um de seus fortes, e pessoas como Carol Manning confirmavam isso. Ela deixou-o confuso. Num determinado momento, ela parecia a perfeita assistente dedicada, noutro parecia bastante irritada com seu papel subserviente. Daniel suspirou. Pelo menos esse não era um problema dele, desde que ela vigiasse o senador durante a noite.

Na curta caminhada até a suíte que dividia com Stephanie, a atenção de Daniel desviara-se para a assombrosa melhoria do Parkinson de Ashley. Muitos aspectos eram um verdadeiro mistério para Daniel, mas ele estava muito contente e não podia esperar para dividir as novidades com Stephanie. Ele abriu a porta e ficou surpreso ao não vê-la na sala de estar e ainda mais depois de não encontrá-la no quarto de dormir. Então, ele ouviu o chuveiro.

Quando entrou no banheiro, Daniel se viu envolto numa nuvem de vapor de grande intensidade como se Stephanie estivesse ali há meia hora. Ele sentou-se na tampa do vaso. Com sua linha de visão num nível mais baixo, ele agora podia ver a forma do corpo de Stephanie por trás da porta embaçada. Ela parecia não estar se mexendo debaixo do forte jato da água.

— Está tudo bem com você aí embaixo? — gritou Daniel.

— Estou melhor — respondeu Stephanie.

— Melhor? — Daniel perguntou-se silenciosamente. Ele não tinha ideia do que ela estava querendo dizer, embora isso tenha servido para lembrá-lo que ela passara boa parte da tarde em silêncio. Isso também lembrou-lhe da resposta aparentemente insensível dela à oferta de Carol para acompanhá-la no carro, embora admitisse que se fosse com ele, sua reação seria parecida. A diferença é que Stephanie normalmente preocupava-se com os sentimentos das outras pessoas, o que já não era o caso dele. Daniel

não se considerava egoísta ou rude, achava apenas que não queria ser incomodado. As pessoas tinham que entender que havia mil coisas mais importantes para ele pensar do que em amenidades sociais.

Daniel debatia-se consigo mesmo se devia ou não ir até o minibar e pegar alguma coisa para beber. De muitas formas, este tinha sido um dos dias mais estressantes de sua vida. Ao final, ele resolveu permanecer onde estava. Estava ansioso para contar a Stephanie sobre Ashley. O drinque podia esperar. Mas Stephanie não se movia.

— Ei, e aí! — gritou Daniel, finalmente. — Você vai sair daí ou não vai?

Stephanie abriu um pouco a porta, liberando o vapor.

— Desculpe-me. Você está esperando para entrar?

Daniel agitou os braços para tirar o vapor de seu rosto. O banheiro havia se tornado um banho turco.

— Não, estou esperando para falar com você.

— Bem, talvez você não devesse esperar. Não sei se estou muito a fim de conversar.

Daniel sentiu uma onda de irritação. A resposta de Stephanie não era a que ele queria ouvir. Depois dos eventos daquele dia, ele necessitava, e merecia, um pouco de apoio. Para ele, isso não era pedir muito. Ele levantou-se abruptamente e saiu do banheiro batendo a porta. Enquanto pegava uma cerveja gelada, ele refletia. Não precisava de mais nada para irritá-lo. Ele se jogou no sofá e concentrou-se em beber a cerveja. No momento em que Stephanie apareceu, enrolada numa toalha, Daniel tinha se recuperado.

— Pude ver pelo jeito que bateu a porta que você está bem irritado — disse Stephanie, com a voz calma. Ela estava parada na passagem para o quarto de dormir. — Só quero que você saiba que estou física e emocionalmente exausta. Preciso dormir um pouco. Levantamos às cinco da manhã para nos certificar que tudo estava pronto.

— Também estou cansado — disse Daniel. — Só queria lhe contar que Ashley está se recuperando de forma inacreditável. A maioria dos sintomas do Parkinson já melhorou misteriosamente.

— Isso é ótimo — disse Stephanie. — Infelizmente, isso não altera o fato de o implante ter sido malfeito.

— Talvez não tenha sido malfeito! — reagiu Daniel. — Estou lhe dizendo que você vai ficar surpresa. Ele é um outro homem.

— Ele certamente é um outro homem. Nós negligentemente entupimos alguma parte de seu lobo temporal com uma horda de aberrantes células produtoras de dopamina. Um experiente neurocirurgião acredita que ele está fadado a sofrer no inferno com epilepsia do lobo temporal. Para Ashley, isto vai ser ainda pior do que o Parkinson.

— Mas ele não teve nenhuma outra convulsão, além daquela na sala de cirurgia. Posso dizer que ele está se recuperando maravilhosamente.

— Ele ainda não teve outra convulsão. — Caso ele tenha algum problema, podemos tratá-lo da forma que eu sugeri ao Dr. Nawaz.

— Você está falando numa citotoxina incorporada a um anticorpo monoclonal?

— Exatamente.

— Você pode fazer isso se estiver inclinado a fazê-lo e conseguir convencer Ashley a submeter-se a esse experimento temerário, mas não seremos "nós". Não tomarei parte nisso. Nós nem mesmo testamos algo parecido numa cultura de células, muito menos em animais. Sendo assim, isso seria um salto quântico ainda mais antiético do que o que nós já demos.

Daniel olhou para Stephanie. Ele podia sentir sua irritação dominá-lo novamente.

— De que lado você está, afinal? — cobrou ele. — Nós decidimos que nosso objetivo era curar Ashley para salvar o HTSR e a CURE, e, por Deus, vamos conseguir.

— Gostaria de imaginar que estou passando para o lado menos interessado no próprio benefício — disse Stephanie. — Hoje, quando percebemos que a sala de cirurgia não estava equipada com um aparelho de raios X, deveríamos ter interrompido o procedimento. Estávamos apostando a vida de outra pessoa em nosso próprio benefício. — Depois, ela ergueu as mãos para cima no momento em que o rosto de Daniel ficava vermelho e sua boca abria-se para respondê-la. — Se você não se importar, vamos parar por aqui — acrescentou ela. — Desculpe-me, mas esse tornou-se exatamente o tipo de discussão que eu não me sinto capaz de travar esta noite. Eu lhe disse que estou esgotada. Talvez eu me sinta diferente depois de uma noite de sono. Quem sabe?

— Ótimo! — disse Daniel, sarcasticamente com um aceno de mão. — Vá para a cama!

— Você também vai?

— É, talvez — disse Daniel, irritado. Ele se levantou e foi até o minibar. Ele precisava de outra cerveja.

Daniel não estava certo quanto ao número de vezes que o telefone tocara, pois sua mente exausta havia incorporado a campainha ao pesadelo que ele estava tendo. No seu sonho, ele era novamente um estudante de medicina, e o telefone era algo a ser temido. Naquela época, ele frequentemente era chamado para cuidar de emergências para as quais não estava treinado.

No momento em que os olhos de Daniel abriram-se, a campainha parou de tocar. Ele sentou-se e ficou olhando para o agora silencioso aparelho, que estava sobre a mesa ao lado. Ele perguntava-se se o telefone tinha realmente tocado, ou se aquilo tinha sido somente um sonho. Em seguida, seus olhos percorreram o quarto para que ele se orientasse. Ele estava na sala de estar, ainda vestido com suas roupas e com todas as luzes acesas. Depois de duas cervejas, ele tinha caído num sono profundo.

A porta do dormitório foi aberta. Stephanie apareceu vestindo um curto pijama de seda, piscando e apertando os olhos sob as fortes luzes.

— Carol Manning está ao telefone — disse ela, com a voz rouca devido ao sono. —Ela está transtornada e precisa falar com você.

— Ah, não! — disse Daniel, preocupado. Ele tirou as pernas de cima da mesa de centro. Ainda estava calçando os sapatos. Sem se levantar, ele inclinou-se sobre o sofá e apanhou o telefone. Stephanie permaneceu na porta para escutar.

— Ashley está se comportando de forma esquisita — soltou Carol no telefone, assim que Daniel se identificou.

— O que ele está fazendo? — perguntou Daniel. O velho temor dos tempos da escola de medicina, de mostrar-se incompetente diante de uma emergência, dominou-o novamente. Tendo ficado muitos anos afastado da medicina, ele tinha esquecido a maior parte de suas habilidades médicas.

— O problema não é o que ele está fazendo, mas sobre o que ele está se queixando. Perdoe o meu linguajar, mas ele fica dizendo que está fedendo a merda de porco. Você me disse que se ele sentisse algum cheiro estranho, isso poderia ser importante.

Daniel podia sentir seu coração batendo, e o otimismo de antes desapareceu. Instantaneamente, não havia a menor dúvida em sua mente que Ashley estava sofrendo uma aura, o que anunciava o início de uma nova convulsão no lobo temporal. Ao mesmo tempo, os últimos vestígios que Daniel mantinha sobre suas capacidades como clínico desmoronaram ao reconhecer que estava prestes a ter de enfrentar um episódio que, segundo o Dr. Nawaz, seria pior do que o primeiro.

— Ele está sendo agressivo ou sofrendo alguma espécie de alteração? — perguntou Daniel, nervoso. Freneticamente, ele olhava ao redor da sala em busca da bolsa preta, que continha os sedativos e as seringas. Felizmente, ele a viu sobre a mesa da entrada.

— Sofrendo alguma alteração é um pouco forte, mas ele está irritado. Mas como lhe disse, ele passou o último ano irritado.

— Tudo bem, mantenha a calma! — disse Daniel, mais para o seu próprio benefício do que para o de Carol. — Estou indo para o quarto de vocês. — Ele olhou para o seu relógio. Eram duas e meia da manhã.

— Nós não estamos no quarto — disse Carol.

— Onde diabos vocês estão?

— Estamos no cassino — admitiu Carol. — Ashley insistiu. Tentei evitar de todas as formas. Não lhe chamei porque sabia que não havia nada que você pudesse fazer. Quando ele resolve uma coisa, não tem jeito. Quero dizer, ele é um senador.

— Meu Deus! — lamentou Daniel. Ele deu um tapa na própria testa. — Você tentou convencê-lo a voltar para o quarto depois que ele sentiu o tal cheiro?

— Foi o que sugeri, mas ele me disse para cair fora e ir mergulhar no tanque dos tubarões.

— Tudo bem! Em que lugar do cassino vocês estão?

— Estamos numa área com caça-níqueis, que fica no lado próximo ao oceano, depois das mesas de roleta.

— Estou indo para aí. Temos que levá-lo de volta para o quarto!

Daniel levantou-se e olhou para Stephanie, mas ela tinha desaparecido de volta no quarto de dormir. Ele correu até lá. Ela estava arrancando o pijama e pegando suas roupas.

— Espere! — gritou ela. — Vou com você. Se Ashley está para sofrer uma convulsão parecida com a que teve na sala de operações, você vai precisar de toda a ajuda que puder conseguir.

— Tudo bem — disse Daniel. — Onde está o telefone celular? Stephanie fez um sinal em direção à cômoda, enquanto lutava para abotoar a blusa.

— Traga-o com você! Onde estão os telefones de Newhouse e de Nawaz?

— Eu já peguei os números — disse Stephanie, enfiando a calça. — Eles estão no meu bolso.

Daniel correu até a bolsa preta. Somente para certificar-se, ele abriu o zíper. Ele sentiu-se mais tranquilo depois de ver o frasco e as seringas. O segredo era medicar Ashley antes que o pior acontecesse.

Stephanie apareceu na porta do dormitório, ainda esforçando-se para colocar os sapatos e botar a blusa para dentro. No momento em que ela alcançou Daniel, ele estava segurando a porta do quarto, aberta. Juntos, eles voaram em direção aos elevadores.

Depois de apertarem o botão "Desce", Daniel pegou o telefone celular das mãos de Stephanie, entregou-lhe a bolsa preta e ligou para o Dr. Nawaz.

— Vamos! — exortou Daniel, enquanto o telefone tocava e tocava. Assim que o elevador chegou, o Dr. Nawaz atendeu sonolento.

— Aqui fala o Dr. Lowell — disse Daniel —, a ligação pode cair porque estou entrando num elevador. — Stephanie apertou o botão do saguão e as portas fecharam-se. — Você ainda pode me ouvir?

— Mal — disse o Dr. Nawaz. — Qual é o problema?

— Ashley está sofrendo uma aura olfativa — disse Daniel. Ele estava olhando para o indicador de andares. Este supostamente era um elevador de alta velocidade, mas os números pareciam decrescer lentamente.

— Quem é Ashley? — perguntou o Dr. Nawaz.

— Estou querendo dizer o Sr. Smith — disse Daniel. Ele olhou para Stephanie, que revirou os olhos. Para ela, esse era mais um pequeno episódio da comédia sem graça que se desenrolava.

— Levarei cerca de vinte minutos para chegar à clínica. Aconselho-o a chamar o Dr. Newhouse. Como lhe disse antes, suspeito que essa convulsão vai ser pior do que a primeira, especialmente se considerarmos o local onde aquelas células encontram-se. Nós podemos reunir a mesma equipe.

— Vou chamar o Dr. Newhouse, mas nós não estamos na clínica.

— Onde vocês estão?

— Estamos no hotel Atlantis, na ilha Paradise. Neste exato momento, o paciente está no cassino, mas tentaremos levá-lo de volta para o quarto, que está registrado no nome de Carol Manning. É chamada de suíte Poseidon.

Houve um silêncio que perdurou por vários andares.

— Você ainda está na linha? — disse Daniel, ao telefone.

— Não tenho certeza se posso acreditar no que estou ouvindo. Esse homem foi submetido a uma craniotomia há cerca de doze horas. Que diabos ele está fazendo num cassino?

— Levaria muito tempo para explicar.

— Que horas são?

— São duas e trinta e cinco. Sei que pode parecer uma desculpa esfarrapada, mas não sabíamos que o Sr. John Smith poderia ir para o cassino quando o trouxemos de volta para cá, mas ele é um sujeito obstinado, com ideias próprias.

— Houve alguma progressão além da aura?

— Eu ainda não o vi, mas acho que não.

— É melhor você retirá-lo do cassino. Caso contrário, pode haver uma cena terrível.

— Estamos indo para lá enquanto falo com você.

— Estarei lá tão logo seja possível. Vou verificar o cassino primeiro. Caso vocês não estejam lá, vou presumir que foram para o quarto.

Daniel encerrou a ligação e, em seguida, ligou para o Dr. Newhouse. Assim como ocorrera com o Dr. Nawaz, o telefone teve que tocar muitas vezes antes de ser atendido. Mas em contraste com o Dr. Nawaz, o Dr. Newhouse parecia jovial, como se estivesse acordado.

— Desculpe-me incomodá-lo — disse Daniel, enquanto as portas do elevador abriam-se no nível do saguão.

— Não tem problema. Como um anestesista frequentemente de plantão, estou acostumado a receber ligações no meio da noite. Qual é o problema?

Daniel explicou a situação, enquanto corria pelo corredor principal em direção ao cassino, que ficava localizado no centro do imenso complexo. A reação do Dr. Newhouse foi parecida com a do Dr. Nawaz em todos os aspectos, e ele também disse que estava indo para lá rapidamente. Depois de desligar o aparelho, Daniel trocou o telefone pela bolsa médica preta.

Quando chegaram ao cassino, Daniel e Stephanie diminuíram o ritmo para um passo acelerado. As instalações estavam funcionando com força máxima, bem mais cheias do que qualquer um dos dois tinha imaginado. Era um lugar bastante colorido, com um tapete vermelho e preto, imensos lustres de cristal e seus crupiês paramentados. Daniel e Stephanie foram diretamente para o meio da frenética atividade e passaram pelas mesas de roleta agrupadas no meio do espaçoso salão. Não demorou muito para que encontrassem o amontoado de caça-níqueis que Carol havia descrito e, uma vez lá, levaram menos tempo ainda para encontrar Ashley. Carol estava de pé, bem atrás dele, e ficou visivelmente alegre em ver que a ajuda tinha chegado.

Ashley estava sentado diante de uma das máquinas caça-níqueis, com uma considerável pilha de moedas no balcão. Ele ainda estava vestido com seus risíveis trajes de turista. A bandagem em sua testa ainda estava no lugar. Sua palidez não era mais tão visível, devido ao brilho avermelhado, que era refletido pelo tapete. Não havia ninguém nas máquinas que ficavam na vizinhança imediata.

Ashley estava alimentando incansavelmente a máquina de uma forma que ele claramente não poderia estar fazendo na véspera. No instante em que as figuras paravam de girar, ele enfiava uma nova moeda e girava a alavanca. Ashley parecia hipnotizado pelas imagens borradas de frutas.

Sem hesitar por um instante, Daniel foi diretamente até Ashley e segurou-o energicamente, colocando uma das mãos sobre o ombro esquerdo dele.

— Senador! Que ótimo vê-lo por aqui.

Ashley olhou de esguelha para o rosto de Daniel. Seus olhos estavam fixos e as pupilas dilatadas. Seu cabelo, normalmente penteado, estava desgrenhado como se alguém o tivesse desarrumado de propósito, o que lhe conferia uma aparência de desequilibrado.

— Tire suas mãos de cima de mim, seu magricela de merda — resmungou Ashley, sem o menor traço de sotaque.

Daniel obedeceu instantaneamente. Ele estava chocado e assustado com o linguajar de Ashley, que lembrava o ataque do senador na sala de operações. A última coisa que ele queria era provocar o sujeito e, dessa forma, contribuir para uma progressão mais rápida dos sintomas da convulsão. Ele olhou Ashley nos olhos, que refletiam uma espécie de alheamento, pois não davam o menor sinal de reconhecê-lo. Por um instante, ninguém se moveu, enquanto Daniel debatia-se velozmente consigo mesmo se deveria tentar medicá-lo naquele local. Ele decidiu que era melhor não, pois temia não conseguir e tomar as coisas ainda piores durante o processo.

— Carol me disse que você sentiu um cheiro desagradável — comentou Daniel, sem saber ao certo o que dizer ou como proceder.

Ashley fez um gesto de descaso antes de balançar a cabeça.

— Acho que foi aquela prostituta ali, a que está usando um vestido vermelho sexy. Foi por causa disso que me mudei para esta máquina.

Daniel olhou o corredor repleto de caça-níqueis. Havia uma garota jovem usando um vestido vermelho bem decotado, que ficava ainda mais devassado quando ela girava a alavanca da máquina. Daniel voltou a atenção para Ashley, que voltara a alimentar o caça-níqueis diante dele.

— Então você não está mais sentindo o cheiro?

— Só um pouco, agora que me afastei daquela puta.

— Bem, isso é ótimo — disse Daniel, mantendo a esperança de que a aura pudesse dissolver-se sem progressão.
Independentemente disso, ele queria Ashley de volta na suíte Poseidon. Se houvesse um escândalo no cassino, todo o negócio acabaria na mídia.

— Senador, há uma coisa que desejo mostrar-lhe no seu quarto.

— Cai fora, estou ocupado.

Daniel engoliu em seco, nervoso. Sua esperança começou a desaparecer quando teve de reconhecer que o humor e o comportamento de Ashley já eram significantemente anormais, ainda que não fossem afrontosos. Freneticamente, ele tentava pensar em algo capaz de fazer com que Ashley voltasse para a suíte, mas nada lhe ocorreu.

Repentinamente, Carol deu um puxão na manga da camisa de Daniel e sussurrou em seu ouvido. Daniel deu de ombros. Ele tentaria qualquer coisa, sem importar-se com o quão ridícula fosse.

— Senador! Há uma caixa cheia de garrafas de bourbon no seu quarto.

Com uma rapidez encorajadora, Ashley soltou a alavanca do caça-níqueis, virou-se e olhou para Daniel.

— Veja só, doutor, não imaginava encontrá-lo por aqui — disse ele, voltando a falar com sotaque.

— Também fico feliz em ver o senhor. Vim aqui para falar-lhe da caixa de bourbon que chegou no seu quarto. Você tem que ir até lá para assinar a nota.

Para alívio de Daniel, Ashley imediatamente deslizou para fora do banco, que ficava preso ao chão diante do caça-níqueis, ficando de pé. Ele deve ter sentido um ataque de tontura porque cambaleou um pouco, antes de agarrar a beirada do balcão. Daniel segurou seu

braço pouco acima do cotovelo para dar-lhe apoio. Ashley piscou os olhos, olhou para Daniel e, pela primeira vez, sorriu.

— Vamos prosseguir, meu jovem — disse Ashley. — Assinar uma nota para receber uma caixa de bourbon é algo que realmente vale a pena para este velho interiorano. Carol, minha querida, tome conta do meu butim, por favor!

Com sua mão ainda segurando a parte de cima do braço de Ashley, Daniel conduziu o senador para longe dos caça-níqueis. Agradecendo a sugestão de Carol, que jamais teria imaginado sozinho, Daniel piscou para ela quando seus olhos encontraram-se brevemente. Enquanto Carol recolhia rapidamente as moedas de Ashley, Daniel e Stephanie acompanhavam o senador através da multidão de jogadores.

A jornada prosseguiu calmamente até eles chegaram aos elevadores, onde tiveram que esperar um pouco. Como uma nuvem passando na frente do sol, o sorriso de Ashley subitamente desapareceu, sendo substituído por um aspecto severo. Por estar observando o rosto dele e ter visto a transformação, Daniel ficou tentado a perguntar ao senador sobre o que ele estava pensando. Mas não o fez, pois receava deteriorar o status quo. A intuição de Daniel dizia-lhe que somente um fiapo de realidade mantinha Ashley no controle da mente dele.

Lamentavelmente, dois casais, que Ashley avistou por sobre o ombro de Daniel, entraram no mesmo elevador atrás deles. Um deles apertou o botão do décimo terceiro andar. Daniel xingou mentalmente. Ele esperava ter o elevador somente para eles. A tensão causada pela preocupação com um possível comportamento explosivo de Ashley na frente de estranhos fez com que o pulso de Daniel disparasse e ele começasse a transpirar. Por um instante, ele olhou para Stephanie, que parecia tão aterrorizada quanto ele. Voltando a atenção para Ashley, ele pôde perceber que o senador estava olhando de modo furioso para os casais, que estavam um

pouco altos e conversavam de uma maneira impetuosa e provocadora.

Daniel abriu o zíper da bolsa com os medicamentos. Ele olhou para o pequeno frasco e para as seringas, considerando se devia encher uma delas. O problema é que os estranhos poderiam ver o que ele estava fazendo e ficar alarmados.

— Qual é o problema, vovô? — perguntou uma das mulheres, de forma desafiadora, depois de perceber o olhar fixo e reprovador de Ashley. — Você está com ciúmes, velho? Você está precisando de um pouco de ação?

— Vai se foder, sua puta! — disse Ashley, irritado.

— Ei, isso não é modo de falar com uma dama — disse o acompanhante da mulher abruptamente. Ele empurrou a mulher para o lado e avançou para confrontar Ashley.

Sem pensar nas consequências, Daniel colocou-se entre os dois. Ele podia sentir o bafo do sujeito, uma mistura de alho com álcool, e pressentir Ashley olhando-o por trás de sua cabeça.

— Peço desculpas em nome do meu paciente — disse Daniel. — Sou médico e este cavalheiro está doente.

— Ele vai ficar bem mais doente se não pedir desculpas à minha esposa — ameaçou o sujeito. — E ele está sofrendo do quê, tá com um parafuso solto? — O sujeito riu da zombaria, enquanto tentava olhar pelo lado de Daniel para ver melhor Ashley.

— Algo do gênero — concordou Daniel.

— Sua puta! — gritou Ashley, enquanto fazia um gesto obsceno em direção à mulher.

— Ah, então é assim! — disse o sujeito, irritado.

Ele estendeu o braço e tentou empurrar Daniel para o lado, enquanto ameaçava Ashley com o outro punho.

Stephanie segurou o braço do sujeito.

— O doutor está dizendo a verdade — asseverou ela. — O cavalheiro está fora de si. Nós o estamos levando para o quarto, para

dar-lhe um remédio.

O elevador parou no décimo terceiro andar e as portas se abriram.

— Talvez seja melhor dar-lhe um cérebro novo — disse o sujeito, enquanto seus risonhos acompanhantes saíam do elevador. Ele soltou seu braço e ficou olhando feio para Ashley, até que as portas se fecharam diante dele.

Daniel e Stephanie trocaram um olhar nervoso. Um desastre em potencial tinha sido evitado. Daniel olhou para Ashley, que estava estalando os lábios como se estivesse provando algo desagradável. As portas do elevador se abriram no trigésimo segundo andar.

Com Carol segurando um braço e Daniel o outro, eles conseguira tirar Ashley do elevador e levá-lo através do hall. Ele não resistiu, mas estava andando como se fosse um autômato. Na porta, em forma de sereia, Carol soltou Ashley durante o tempo necessário para pegar seu cartão e entregá-la para Stephanie, que abriu a porta. Quando Daniel e Carol começaram a impeli-lo para a frente, Ashley sacudiu as mãos para livrar-se deles e saiu andando livremente.

— Graças aos céus — disse Stephanie, enquanto fechava a porta atrás do grupo.

O lustre do vestíbulo estava aceso, assim como a luminária da escrivaninha. Fora isso, a suíte estava perdida na penumbra. As cortinas estavam abertas, assim como as portas de vidro. Além da varanda, o céu estrelado fazia um arco sobre o mar escuro. Flores frescas farfalhavam sobre a mesa de centro, devido à brisa noturna.

Ashley continuou andando até chegar num dos lados da mesa de centro. Ele parou ali, e permaneceu parado, enquanto olhava para a varanda. Carol acendeu mais luzes para tomar o ambiente mais claro, em seguida foi até Ashley para ver se conseguia fazê-lo sentar-se.

Daniel derramou o conteúdo da bolsa preta em uma das mesinhas do vestíbulo. Ele atrapalhou-se tentando abrir a

embalagem de uma seringa, enquanto Stephanie retirava o lacre que selava a tampa de borracha do frasco, que continha a medicação parenteral.

— Como você vai fazer caso ele reaja? — sussurrou Stephanie.

— Não tenho a mínima ideia — admitiu Daniel. — Felizmente, o Dr. Nawaz e o Dr. Newhouse virão para cá para dar uma mão. — Ele teve que usar os dentes para rasgar a embalagem de celofane.

— O senador está fazendo a mesma careta que fez quando sentiu o cheiro de excremento de porco — disse alto Carol, do outro ambiente.

— Tente fazer com que ele se sente — gritou Daniel, de volta. Ele finalmente tirou a seringa da embalagem e jogou esta para o lado.

— Eu já tentei — disse Carol. — Ele se recusa.

O ruído alto de mobília sendo quebrada sobressaltou Daniel e Stephanie. Carol estava se levantado do chão, depois de ter sido empurrada contra uma das mesinhas laterais e ter derrubado um abajur. O abajur de cerâmica tinha se espatifado em milhares de pedaços. Ashley estava arrancando as roupas e jogando-as por todo o quarto.

— Meu Deus! — gritou Daniel. — O senador está chegando ao fundo do poço. — Daniel pegou um dos pequenos vidros contendo álcool e o abriu, mas acabou deixando que ele caísse de sua mão. Ele apanhou outro.

— Posso ajudar? — perguntou Stephanie.

— Sou muito desajeitado — admitiu Daniel.

Ele rompeu a tampa de borracha do frasco que continha o sedativo. Mas antes de inserir a agulha no líquido, Ashley soltou um grito lancinante. Em pânico, Daniel empurrou o frasco e a seringa para as mãos de Stephanie antes de correr para o outro ambiente para ver o que estava acontecendo. Carol estava atrás de um sofá com as mãos sobre o rosto. Ashley ainda estava no mesmo lugar, só que agora ele tinha tirado toda a roupa, salvo um par de meias

pretas, que iam até as canelas. Ele estava levemente curvado e olhando para as mãos, que aproximara do rosto.

— Qual é o problema? — gritou Daniel, quando chegou para examinar Ashley.

— Minhas palmas estão sangrando — disse Ashley, com horror. Ele estava tremendo. Lentamente, levantou suas mãos trêmulas, com as palmas para cima, separando os dedos ao máximo.

Daniel olhou primeiro para as mãos de Ashley e depois para o rosto dele.

— Está tudo bem com suas mãos, senador. O senhor tem que se acalmar. Tudo vai ficar bem. Por que o senhor não se senta? Temos um remédio que fará com que se sinta relaxado.

— Lamento que você não consiga ver as feridas em minhas mãos — disse Ashley, irritado. —Talvez você consiga enxergar as dos meus pés.

Daniel olhou para baixo e depois para o rosto de Ashley novamente.

— O senhor está de meias, mas seus pés parecem bem. Vamos sentá-lo no sofá. — Daniel tentou alcançar o braço de Ashley, mas antes que conseguisse, o senador meteu as mãos no peito de Daniel empurrou-o maliciosamente para trás. Apanhado com a guarda baixa, Daniel tropeçou na mesa de centro e caiu de costas sobre ela, quebrando o vaso de flores durante o processo. Água e flores espalharam-se sobre o carpete. Daniel rolou de cara pela mesa, caindo entre ela e o sofá. Carol gritou.

Alheio ao estrago que causara, Ashley deu a volta pelo outro lado da mesa de centro e correu em direção à varanda. Ele parou repentinamente assim que passou a soleira, e levantou as mãos horizontalmente, com as palmas viradas para a frente. A brisa noturna vindo do oceano agitou seus cabelos desgrenhados.

— Meu Deus! Ele está na varanda! — gritou Stephanie. Ela estava segurando a seringa, o frasco de álcool e o remédio, próximos de seu

peito.

Abalado pela dor nas costas causada pelo choque com o vaso de flores, Daniel lutou para se levantar. Ele correu até a varanda passando lateralmente por Ashley, para posicionar-se entre ele e o balaústre.

— Senador! — gritou Daniel, levantando as mãos. — Volte para o quarto!

Ashley não se mexeu. Seus olhos estavam fechados, e um aspecto de tranquilidade tinha substituído a expressão de horror de pouco antes.

Daniel estalou os dedos para chamar a atenção de Stephanie. Ela estava parada dentro do quarto, com um olhar consternado em seu rosto.

— A seringa está cheia? — perguntou ele, sem tirar os olhos de Ashley.

— Não!

— Encha-a logo!

— Com quanto?

— Com 8mg. Rápido!

Stephanie recolheu o fluido, guardou o frasco no bolso e deu uns petelecos na seringa, com a unha de seu dedo indicador, para eliminar alguma bolha. Ela correu até a varanda e entregou a seringa para Daniel. Ela viu o rosto plácido de Ashley. O homem parecia uma estátua. Ele não se movia. Nem parecia estar respirando.

— Ele parece congelado — disse Stephanie.

— Eu não sei se tento aplicar uma injeção intravenosa ou se parto direto para uma intramuscular — perguntou-se Daniel. Ele deu um passo para a frente, ainda sem ter decidido o que iria fazer, quando os olhos de Ashley abriram-se repentinamente. Sem o menor aviso, Ashley atirou-se para a frente. Daniel reagiu jogando os braços ao redor do peito de Ashley, enquanto tentava mantê-lo parado sobre os azulejos do chão. Mas isso era como tentar deter um touro

atacando. Os sapatos de Daniel deslizavam com facilidade no piso de cerâmica, e quando os dois homens colidiram contra o balaústre, o ímpeto de Ashley fez com que eles rolassem sobre o parapeito e sumissem na escuridão da noite.

— Não! — gritou Stephanie, enquanto corria até a beirada e olhava para baixo. Para seu absoluto horror, Ashley e Daniel estavam ligados por uma espécie de abraço numa queda em câmera lenta, como se fossem dois amantes caindo num abismo. No instante seguinte, Stephanie desviou o olhar e, sentindo-se mal, desabou no chão, apoiando as costas contra o frio balaústre de pedra.

Epílogo

6h15, segunda-feira, 25 de março de 2002

A claridade indistinta do céu, que era quase imperceptível meia hora mais cedo, agora era precisa. As estrelas tinham desaparecido e no lugar delas havia surgido um leve brilho rosado, anunciando o iminente nascer do sol. A brisa da noite havia acalmado. O incessante ruído dos pássaros cantantes já podia ser ouvido, mesmo trinta e dois andares acima do chão.

Stephanie e Carol estavam sentadas em sofás opostos, no quarto principal de uma suíte de um tamanho similar, mas sem o mesmo luxo, da Poseidon. Estavam sentadas ali há horas, sem se moverem ou falarem, num estado próximo à catatonia, que se seguiu ao trauma emocional de assistirem ao chocante salto mortal de Ashley e Daniel por cima do balaústre.

Carol fora a primeira a reagir depois do evento. Ela correu para o telefone e disse abruptamente para a telefonista que duas pessoas tinham caído da varanda da suíte Poseidon.

A voz em pânico de Carol mobilizou Stephanie a ponto de fazer com que ela se levantasse. Ela evitou olhar por cima do parapeito novamente, mas correu até a porta e seguiu direto pelo corredor em direção ao elevador. Enquanto esperava sem fôlego, Carol juntou-se a ela. No elevador, nenhuma delas disse nada, mas ambas olharam-

se sem acreditar no que tinham testemunhado. As duas acalentavam um fiozinho de esperança de que um milagre pudesse ter ocorrido.

Tudo tinha acontecido muito rapidamente, o que criava uma sensação de irrealidade.

As duas mulheres desceram num andar conhecido como Dig, o que as obrigou a passar por imensos aquários habitados por diversas espécies marinhas e por extravagantes ruínas da mítica cidade de Atlântida, para alcançarem o andar térreo, que dava na portaria do complexo hoteleiro. Ambas presumiam que devia haver alguma rota mais curta, mas este era o único caminho que Carol conhecia para chegar até lá, e o tempo era tudo que contava.

Saindo ao ar livre, elas viraram à esquerda, contornando a piscina Royal Baths, iluminada com suas luzes submersas. Chegando numa calçada estreita que não era bem iluminada, elas tiveram que diminuir o passo. Passaram por uma ponte sobre a lagoa Stingray, para chegar à área escurecida dos jardins cuidadosamente projetados, que ficavam na base da ala oeste da Royal Towers. Ambas estavam sem fôlego.

Um contingente da segurança do hotel, que reagira imediatamente ao alarme iniciado com a ligação de Carol, já se encontrava no local. Alguns seguranças estavam ocupados isolando a área com fita amarela, usando as palmeiras como suporte.

Um imenso afro-bahamiano, vestindo um temo preto, surgiu das sombras e interceptou as mulheres.

— Lamento muito — disse ele, bloqueando o caminho e a visão delas. — Houve um acidente.

— Nós estávamos com as vítimas — disse Stephanie, sem pensar. Ela tentou ver ao redor do sujeito, apesar do seu tamanho considerável.

— Desculpe-me, mas ainda assim é melhor para vocês permanecerem aqui — disse o homem. — As ambulâncias estão a caminho.

— Ambulâncias? — replicou Stephanie, mantendo desesperadamente o fio de esperança.

— E a polícia — acrescentou o homem.

— Eles estão bem? — perguntou Stephanie, hesitante. — Eles ainda estão vivos? Temos que vê-los!

— Minha senhora — disse o homem, educadamente —, eles caíram do trigésimo segundo andar. Não é uma visão agradável.

As ambulâncias chegaram para recolher os corpos. A polícia também chegou e conduziu uma investigação preliminar. Eles acharam a seringa e isso causou uma certa excitação até Stephanie explicar que se tratava de um medicamento prescrito por um médico local. Isso foi confirmado pelo Dr. Nawaz e pelo Dr. Newhouse, que chegaram logo após a tragédia. A polícia acompanhou as mulheres e os médicos de volta para a suíte Poseidon, para verificar a varanda e o balaústre. O inspetor-chefe em seguida confiscou os passaportes das mulheres e disse-lhes que tinham que permanecer nas Bahamas até que uma investigação criminal fosse realizada. Ele também mandou lacrar a suíte Poseidon e o quarto de Stephanie para maiores investigações.

O gerente noturno do hotel foi um exemplo de compostura, eficiência e simpatia. Imediatamente, e sem ser solicitado, ele transferiu as mulheres para uma suíte na ala leste da Royal Towers, onde elas agora estavam sentadas. Ele também providenciou para que elas recebessem toda espécie de produtos de higiene pessoal, para facilitar as coisas durante o curto período de tempo que ficariam sem poder utilizar os próprios pertences. O Dr. Nawaz e o Dr. Newhouse permaneceram com elas durante algum tempo. O Dr. Newhouse forneceu-lhes um sedativo, que elas poderiam tomar se quisessem. Nenhuma delas tomou. A pequena embalagem de plástico permaneceu intocada na mesa de centro que ficava localizada entre as duas.

Stephanie ficou remoendo em sua mente toda a história, desde a chuvosa noite em Washington até a tragédia daquela madrugada. Olhando em retrospectiva, parecia-lhe inacreditável que ela e Daniel tivessem se deixado atrair para aquele negócio imprudente. Mais estranha ainda tinha sido a inabilidade de reconhecerem a própria loucura, apesar dos inúmeros contratempos pelos quais passaram e que deveriam ter servido como sinais do quão errada tinha sido a decisão tomada por eles. Eles realmente haviam feito uma confusão entre os meios e os fins. O fato de ela ter questionado o que estavam fazendo, em algumas ocasiões, pouco servia de consolo, porque ela nunca seguiu suas intuições.

Finalmente, Stephanie tirou os pés de cima da mesa de centro e sentou-se direito. Ela tinha esgotado sua capacidade de introspecção. Com os dedos entrelaçados, esticou os braços. Ela estava retesada devido à inação. Depois de passar os dedos pelos cabelos e respirar fundo, soltando o ar com força, ela olhou para Carol.

— Você deve estar exausta — disse Stephanie. — Pelo menos eu dormi durante algumas horas.

— Por mais estranho que possa parecer, eu não estou — disse Carol. Seguindo o exemplo de Stephanie, ela também espreguiçou-se. — Sinto-me como se tivesse tomado dez xícaras de café. Não consigo parar de pensar no quão ridículo foi todo esse episódio, desde aquela fatídica noite no meu carro até a presente catástrofe.

— Você era contra isso tudo? — perguntou Stephanie.

— É claro! Tentei convencer Ashley a desistir desde o princípio.

— Estou surpresa.

— Porquê?

Stephanie deu de ombros.

— Não sei exatamente, mas suponho que deve ser pelo fato disso significar que você e eu tínhamos o mesmo sentimento. Também tentei convencer Daniel, mas, infelizmente, não consegui.

— Aparentemente, nós duas estávamos condenadas a ser uma espécie de Cassandra — disse Carol. — Presumo que, de um ponto de vista metafísico, isso seja oportuno, haja vista que o caso todo acabou virando uma tragédia grega.

— Como?

Carol deu uma pequena risada desanimada.

— Não se importe comigo. Formei-me em literatura no básico da faculdade e às vezes sou levada pelas minhas metáforas.

— Fiquei interessada nisso — disse Stephanie. — Por que uma tragédia grega?

Carol ficou em silêncio por um momento, organizando seus pensamentos.

— Por causa dos personagens e dos protagonistas — disse ela. — É a história de dois Titãs, diferentes em suas respectivas arenas, mas estranhamente parecidos em seus hubris, que alcançaram a grandeza, mas sofriam de graves defeitos. O do senador Butler era o amor pelo poder, que se transformou de um meio para um fim, num fim em si mesmo. O do Dr. Lowell presumo que fosse o desejo por uma compensação financeira e pela condição de celebridade, que ele acreditava ser mais adequada ao intelecto e à contribuição dele para a ciência. Quando esses dois homens encontraram-se para conspirar, um usando o outro para alcançar seu objetivo, eles foram literalmente derrubados pelos seus trágicos defeitos.

Stephanie olhou para Carol. Ela sempre tinha pensado nessa mulher contida como sendo a típica subordinada estúpida e desinteressante. Repentinamente, passou a pensar de outra forma e, comparada a ela, sentiu-se claramente menos inteligente e menos educada do que se achava antes.

— O que significa ser uma Cassandra?

— Na mitologia grega, Cassandra tinha o dom da profecia, mas era fadada a não ser acreditada.

— Interessante — disse Stephanie, de forma pouco convincente. — Provoquei Daniel uma vez dizendo que ele era parecido com Ashley num aspecto.

— Em alguns aspectos, eles eram. Pelo menos no que se referia ao ego de ambos. Mas diga-me, qual foi a reação do Dr. Lowell à sua provocação?

— Raiva.

— Não me deixa surpresa. A reação do senador Butler seria a mesma se eu tivesse coragem de dizer algo equivalente. Na verdade, acredito que eles se admirassem, se desprezassem e sentissem ciúmes um do outro, tudo ao mesmo tempo. Numa forma distorcida de masculinidade, eles eram competidores.

— Talvez sim — disse Stephanie, enquanto refletia sobre aquilo. Ela não se convenceu imediatamente que Daniel tivesse alguma admiração por Ashley, mas reconhecia que as capacidades contemplativas deles não estavam muito afiadas. — Você está com fome?

Carol balançou a cabeça.

— Nenhuma.

— Nem eu — disse Stephanie. Ela estava exausta, mas sabia que não conseguiria dormir. O que ela queria era contato humano, uma conversa para evitar que sua mente ficasse passando e repassando pelos mesmos pontos. — O que você vai fazer quando finalmente pudermos deixar as Bahamas depois do inquérito?

— Não tenho certeza se haverá um inquérito, caso haja, ele será rápido, protocolar e sigiloso.

— Ah, é? Por que você está dizendo isso?

— Ashley Butler era um senador antigo, num Congresso com uma pequena maioria. O governo dos Estados Unidos logo vai envolver-se, e de forma agressiva, nas altas esferas. Acho que isso vai ser resolvido muito rapidamente, porque vai ser do interesse de

todos. Acredito mesmo que haverá um poderoso empenho para manter isso longe da mídia, caso seja possível.

— Meu Deus! — murmurou Stephanie, enquanto pensava naquela hipótese. Essa ideia não tinha passado pela cabeça dela. Na verdade, ela já havia imaginado as manchetes do The Boston Globe como sendo o tiro de misericórdia na CURE. Entretanto, ela ainda não havia pensado nas ramificações políticas devido à notoriedade de Ashley.

— Quanto a mim — disse Carol. — Vou para casa e tentar encontrar-me com o governador. Ele estará se lançando para ocupar a cadeira do senador Butler, mas vou mostrar-lhe que sou mais qualificada e que devo ser eu a indicada. Caso isso não ocorra, ou mesmo que ocorra, vou começar a fazer os preparativos para disputar o mandato nas próximas eleições.

— O que você acha que vai acontecer com o Projeto de Lei n° 1.103, do Senado?

— Sem o senador Butler, ele provavelmente perderá a força — disse Carol. — Sua preocupação deve ser dirigida para outra bancada, pois a extrema direita dos republicanos pode pegar a bandeira.

— Essa era a nossa preocupação desde o princípio — admitiu Stephanie. —Ficamos surpresos quando fomos convocados pelo seu chefe.

— Vocês não deviam ter ficado. Esse era o tipo de tema populista no qual ele sempre se envolveu. Era a forma como ele mantinha a força da sua base. Suponho que a hipocrisia dele em relação ao Dr. Lowell não tenha lhe passado despercebida.

— Dificilmente passaria.

— E quanto a você? — perguntou Carol. — O que você vai fazer quando deixar Nassau?

Stephanie pensou por um momento.

— Primeiro, tenho um problema a resolver com meu irmão. Trata-se de uma longa história, mas nossa relação é uma outra vítima desse lamentável episódio. Depois, presumo que eu vá juntar os pedaços da CURE. Não pensava que isso fosse possível até você sugerir que a mídia pode ficar de fora dessa deplorável história e que o PL-S n° 1.103 pode perder a força dentro da comissão. Não sou muito ligada em negócios, mas presumo que possa tentar. Acho que seria isso o que o Daniel gostaria, especialmente se eu conseguir levar o HTSR para as pessoas.

— Bem, tenho que lhe dizer que passei a acreditar no procedimento do Dr. Lowell e na clonagem terapêutica. Sei que houve complicações técnicas com o implante do senador Butler, mas não há dúvida de que o Parkinson dele melhorou milagrosamente.

— Ficamos surpresos com um efeito positivo tão imediato — admitiu Stephanie. — Nunca observamos o desaparecimento dos sintomas tão rapidamente em nossos ratos. O motivo disso ter acontecido com Ashley eu não sei explicar, mas não tenho a menor dúvida que se o implante tivesse sido feito num centro médico adequado, reconhecido pelas autoridades, o senador teria sido curado, ou ficaria pelo menos próximo disso.

— Fiquei impressionada — disse Carol.

— Mesmo diante dessa tragédia, provou-se o quão promissora é essa tecnologia. Estou convencida que esse é o futuro da medicina para um grande número de doenças, desde que um punhado de políticos não consiga mantê-la longe do povo por razões políticas.

— Bem, espero que eu tenha a oportunidade de evitar que isso aconteça — disse Carol. — Se eu conseguir ocupar a cadeira que era de Ashley Butler, farei disso a minha cruzada.

FIM

Nota do autor

Penso nos meus romances como sendo "ficfactuais", uma palavra inventada significando que a ficção e o fato estão de tal forma misturados que frequentemente fica difícil discernir a linha divisória entre os dois. O que isso quer dizer no caso de Degeneração! Certamente, os personagens são todos ficcionais, assim como a trama. Da mesma forma, infelizmente, o procedimento HTSR ainda não é parte do arcabouço biomédico. Mas todo o resto é factual, incluindo as partes sobre o Sudário de Turim, do qual foram isolados genes específicos provenientes de suas manchas de sangue. Devo admitir que, assim como Daniel e Stephanie, fiquei fascinado com o sudário. As referências citadas por Stephanie são também verdadeiras e, para aqueles interessados em aprofundar-se no assunto, eu as recomendo como obras introdutórias.

Também é fato que um número de políticos americanos envolveu-se no debate sobre biociência, um campo cuja progressão de descobertas tornou-se geométrica. Realmente, está parecendo que o século XXI vai pertencer à biologia, da mesma forma que o século XX pertenceu à física e o século XIX pertenceu à química. Lamentavelmente, na minha opinião, alguns políticos foram atraídos para o debate, assim como o meu senador Ashley Butler ficcional, mais por razões demagógicas do que como verdadeiros líderes que

têm a marca do interesse público no coração. E mesmo quanto àqueles políticos que buscam proibir a pesquisa dessas tecnologias nos Estados Unidos, por causa do que acreditam ser razões morais legítimas, suspeito que eles não hesitariam em viajar para um outro país, onde foi permitido o desenvolvimento desses tipos de tratamento, caso eles, ou membros de suas famílias, fossem vítimas de uma doença possível de ser curada.

Na cena da audiência no Congresso de Degeneração (Capítulo Dois), o senador Ashley Butler mostra quem ele é de verdade, ao jogar com os temores populares sobre viveiros de embriões e mitologias atávicas relacionadas a Frankenstein. O senador também recusa-se a diferenciar a clonagem reprodutiva (a clonagem de uma pessoa, algo sobre o qual há repugnância quase universal) da clonagem terapêutica (a clonagem das células de um indivíduo com o objetivo de tratar aquele indivíduo). O senador Butler, assim como outros oponentes das pesquisas com células-tronco e com clonagem terapêutica, sugere que o procedimento requer o desmembramento de embriões. Como Daniel assinala sem muito proveito, isso é falso. As células-tronco clonadas num processo de clonagem terapêutica são colhidas no estágio de blastócitos, muito antes de algum embrião ser formado. O fato é que na clonagem terapêutica não se permite nunca a formação de um embrião; além disso, nada jamais é implantado em um útero.

A maioria dos meus leitores sabe que as histórias de meus suspenses médicos trazem significativas questões sociológicas em seu âmago. Degeneração não é uma exceção e, obviamente, a questão aqui retratada é a lamentável colisão entre a política e os avanços da biologia. Mas uma coisa é usar uma história de advertência para delinear um problema e outra coisa, completamente diferente, é sugerir uma solução. Entretanto, Daniel faz alusão a uma solução, que é a que eu pessoalmente gostaria que nosso país adotasse. Como Daniel objeta no Capítulo Seis: "Nós

(significando os Estados Unidos) pegamos muitas de nossas ideias sobre direitos individuais, governo e, sem dúvida, nosso direito consuetudinário da Inglaterra. Por que não podíamos ter seguido o exemplo inglês sobre a melhor forma de lidar com a ética da biologia reprodutiva?"

Em resposta às questões éticas, frequentemente difíceis e perturbadoras, levantadas pela genética molecular e pelas pesquisas em reprodução humana, salientadas pelo nascimento do primeiro bebê da história fertilizado in vitro, em 1978, o Parlamento britânico, em sua sabedoria, criou a Human Fertilisation and Embryology Authorithy (HFEA - Autoridade em Fertilização Humana e Embriologia), que tem funcionado desde 1991. Esta organização, entre outras atribuições, licencia e monitora clínicas para o tratamento da infertilidade (algo que falta nos Estados Unidos), assim como organiza debates e recomenda ao Parlamento políticas relacionadas a tecnologias e pesquisas sobre reprodução. De forma bastante interessante, seu presidente, seu secretário-executivo e pelo menos metade de seus membros ordinários, por força do estatuto, não podem ser nem médicos, nem cientistas envolvidos em tecnologia de reprodução. O que se deve levar em conta é que os ingleses conseguiram formar um corpo verdadeiramente representativo, cujos membros refletem uma vasta gama de interesses do público em geral e podem discutir as questões num ambiente apolítico. Deve ser assinalado que a HFEA emitiu um relatório, em 1998, no qual estabelecia-se claramente a diferença entre a clonagem reprodutiva, que recomendava fosse proibida, e a clonagem terapêutica, recomendada como uma promessa para o tratamento de doenças graves.

O fato de a biologia em geral, e a biologia reprodutiva em particular, estarem avançando tão rapidamente deixa claro que o campo precisa de alguma forma de supervisão. Não há dúvida que uma biologia totalmente livre pode ser uma ameaça à dignidade

humana, se não à nossa identidade, como sugeriu o Dr. Leon Kass, atual presidente do Conselho de Bioética da Presidência. Mas a política partidária não é a arena adequada para lidar com esse problema. Nesse tipo de cenário, qualquer comitê formado seria invariavelmente preenchido por membros de uma determinada inclinação política.

Creio que se o Congresso dos EUA criasse uma comissão não-partidária permanente para recomendar políticas, nos moldes da HFEA britânica, o público americano estaria bem servido. O atual debate sobre clonagem terapêutica não só poderia ser resolvido de forma inteligente, apolítica e democrática (já há um consenso contrário à clonagem reprodutiva), como também permitiria que clínicas para o tratamento da infertilidade pudessem ser monitoradas adequadamente. Seria até mesmo imaginável que a questão correlata do aborto pudesse ser retirada da política, para o benefício da coletividade.

Dr. Robin Cook
12 de março de 2003
Naples, Flórida